

S. J. PARRIS

# HERESIA

*Um suspense histórico*



ARQUEIRO

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

HERESIA

S. J. Parris

Arqueiro  
2010



**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**

# Índice

[Prólogo](#)  
[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Agradecimientos](#)

# Prólogo

**Mosteiro de San Domênico  
Maggiore, Nápoles  
1576**

A PORTA EXTERNA FOI ESCANCARADA com um estrondo que ecoou pelo corredor, e as tábuas do piso vibraram com a marcha decidida de vários pés. Dentro do cubículo, eu me empoleirava na beira de um banco de madeira, com o cuidado de não me sentar muito perto do buraco que se abria sobre a fossa abaixo. Com a súbita corrente de ar gerada pela entrada dos homens, minha vela bruxuleou e criou sombras oscilantes, que aumentavam e encolhiam nas paredes de pedra. *Allora*, pensei, erguendo os olhos. Finalmente vieram me pegar.

Os passos se detiveram do lado de fora e foram substituídos pelo martelar furioso de um punho e pela voz rouca do abade, forçada além de seu costumeiro tom tranquilo e diplomático.

– *Fra* Giordano! Ordeno que saia neste instante, segurando bem à mostra o que quer que tenha nas mãos!

Ouvi um risinho de zombaria de um dos monges que o acompanhavam, imediatamente seguido por um severo estalar de língua do abade, *Fra* Domênico Vita. Apesar do momento, não pude deixar de sorrir. Frei Vita era um homem que, no curso normal dos acontecimentos, dava a impressão de que considerava todas as funções fisiológicas bastante ofensivas. Ter que ir atrás de um de seus monges num local tão deplorável, portanto, devia estar lhe causando uma aflição nunca sentida antes.

– Um momento, padre, por favor - respondi, desamarrando o hábito para dar a impressão de que estivera usando a latrina para fazer minhas necessidades. Olhei para o livro em minha mão. Por um

instante, pensei em escondê-lo em algum lugar sob a batina, mas isso seria inútil: eles me revistariam assim que eu abrisse a porta.

– Nem mais um momento, irmão - disse frei Vita, deixando uma serena ameaça se insinuar em sua voz. - O senhor passou mais de duas horas na latrina esta noite. Creio que isso é tempo suficiente.

– Foi alguma coisa que eu comi, padre - retruquei. Com profunda tristeza, joguei o livro no buraco, simulando um ruidoso acesso de tosse para encobrir o som provocado quando ele caiu no depósito de dejetos mais abaixo. E era uma edição tão boa!

Destranquei e abri a porta e vi o abade postado diante dela. Suas feições pesadas quase vibravam por causa da raiva reprimida, mais vívida ainda à luz das tochas carregadas pelos quatro monges parados atrás dele, de olhos cravados em mim, ao mesmo tempo estarecidos e fascinados.

– Não se mexa, frei Giordano - disse Vita entre dentes, sacudindo o dedo na frente do meu rosto, em advertência. - É tarde demais para ocultações.

Entrou no cubículo, torcendo o nariz por causa do mau cheiro, e levantou sua lamparina para verificar todos os cantos, um após outro. Não encontrando nada, ele se virou para os homens às suas costas:

– Revistem-no! - vociferou.

Meus confrades se entreolharam, consternados, e então *Fra* Agostino de Montalcino, o malicioso frade toscano, deu um passo à frente, com um sorriso desagradável no rosto. Ele jamais gostou de mim, porém sua antipatia se transformou em franca animosidade depois que eu o superei publicamente numa discussão sobre a heresia ariana, alguns meses antes. À partir de então, ele passou a murmurar que eu negava a divindade de Cristo. Não restava dúvida de que tinha sido ele quem pusera frei Vita no meu enalço.

– Com licença, *Fra Giordano* - resmungou ele com um risinho, antes de começar a me apalpar de cima a baixo, primeiro passando as mãos em volta da minha cintura e depois deslizando-as pelas minhas coxas.

– Procure não se divertir demais - murmurei.

– Só estou obedecendo ao meu superior - retrucou ele. Quando terminou, se levantou e fitou frei Vita com visível desapontamento:

- Não há nada escondido no hábito dele, padre.

Frei Vita chegou mais perto e me fuzilou com os olhos por um instante, sem dizer nada. Seu rosto estava tão perto do meu que eu podia contar os pelos espetados do seu nariz e sentir o cheiro acre de cebola em seu hálito.

– O pecado do primeiro homem foi o desejo do conhecimento proibido - disse ele, pronunciando cuidadosamente cada palavra e passando a língua úmida pelos lábios. - Ele achou que podia se igualar a Deus. E esse também é o seu pecado, frei Giordano Bruno. Você é um dos jovens mais talentosos que já encontrei em todos esses anos em San Domênico Maggiore, mas sua curiosidade e o orgulho que tem da sua inteligência o impedem de usar seus dons para a glória da Igreja. Está na hora de ser interrogado pelo padre inquisidor.

– Não, padre, por favor... Eu não fiz nada! - protestei, enquanto ele se virava para ir embora, mas nesse exato momento Montalcino o chamou, atrás de mim.

– Frei Vita! Há uma coisa aqui que o senhor precisa ver!

Ele estava iluminando a fossa da latrina com a tocha, e uma expressão maléfica de prazer tomou conta de seu rosto magro.

Vita empalideceu, mas se inclinou para ver o que o toscano havia descoberto. Visivelmente satisfeito, se virou para mim:

– Frei Giordano, volte para sua cela e não saia de lá até receber novas instruções. Isto exige a atenção imediata do padre inquisidor. Frei



Montalcino, apanhe aquele livro. Agora saberemos quais são as heresias e a magia negra que nosso irmão estuda aqui com uma dedicação que nunca o vi manifestar pelas Escrituras Sagradas.

Montalcino olhou do abade para mim, horrorizado. Eu tinha passado tanto tempo na latrina que me acostumara com o mau cheiro, mas a ideia de enfiar a mão na cloaca embaixo da tábua me revirou o estômago. Abri um sorriso largo para o frei.

– Eu, senhor abade? - perguntou ele, levantando a voz.

– Você, irmão, e trate de ser rápido - confirmou frei Vita, fechando mais o manto ao redor do corpo para se proteger da friagem noturna.

– Posso lhe poupar esse trabalho - retruquei. - São apenas os *Comentários* de Erasmo, que nada têm de magia negra.

– Os livros de Erasmo estão no índice de Livros Proibidos da Inquisição, como você bem sabe, irmão Giordano - disse Vita em tom severo, tornando a me fitar com aqueles olhos sem emoção. - Mas veremos por nós mesmos. Você nos tem feito de tolos há muito tempo. Está na hora de testar a pureza de sua fé. *Fra* Battista! - chamou, dirigindo-se a outro dos monges que seguravam as tochas, que se curvou, atento. - Mande um recado ao padre inquisidor.

Nesse momento, eu poderia ter ficado de joelhos e implorado clemência, mas não haveria dignidade nessa súplica, e frei Vita era um homem que gostava do caráter ordeiro que existia no processo legal. Se ele decidira que eu deveria enfrentar o padre inquisidor, talvez como exemplo para meus confrades, não desistiria até o fim - e eu temia saber o que isso significava. Cobri a cabeça com o capuz e saí atrás do abade e de seus acompanhantes, parando apenas para dar uma última espiada em Montalcino, que arregaçava a manga do hábito e se preparava para pescar meu Erasmo perdido.

– Olhando pelo lado positivo, irmão, você tem sorte - comentei, com uma piscadela de despedida. - As minhas fezes têm mesmo um cheiro mais doce que as dos outros.

Ele ergueu os olhos, a boca retorcida de amargura ou nojo:

- Vamos ver se você ainda terá senso de humor quando lhe enfiarem um atizador em brasa no rabo, Bruno - disse ele, sem o menor vestígio de caridade cristã.

Do lado de fora, no claustro, o ar noturno de Nápoles estava frio, e vi minha respiração formar nuvens à minha volta, dando graças por estar longe dos confins da latrina. Por todos os lados, as enormes paredes de pedra dos prédios do mosteiro se erguiam ao meu redor, tragando o pátio em suas sombras. A grande fachada da basílica se destacou à minha esquerda, quando me dirigi com passos pesados para o dormitório dos monges e ergui a cabeça para ver as estrelas espalhadas no céu. Seguindo a teoria de Aristóteles, a Igreja ensinava que as estrelas eram fixas, presas na oitava esfera além da Terra, e que eram todas equidistantes e se deslocavam juntas em órbita em torno de nosso planeta, assim como o Sol e os sete planetas em suas respectivas esferas. Por outro lado, havia aqueles que, como o polonês Copérnico, ousavam imaginar o Universo diferente: o Sol no centro e a Terra se movendo em sua própria órbita. Além desse ponto ninguém tinha se aventurado, nem mesmo na imaginação - exceto eu, Giordano Bruno. E essa teoria secreta, mais ousada do que qualquer outra que alguém já houvesse se atrevido a formular, era conhecida apenas por mim: a de que o Universo não tinha um centro fixo, mas era infinito, e que cada uma das estrelas que eu via brilhar nesse momento no negro veludo do céu era seu próprio sol, cercado por inúmeros mundos - nos quais, naquele exato instante, seres iguais a mim talvez também estivessem observando o firmamento e se perguntando se existiria algo além dos limites de seu saber.

Um dia eu escreveria tudo isso num livro que seria a obra da minha vida, um livro que causaria tantos calafrios na cristandade quanto o *De revolutionibus orbium coelestium*, de Copérnico, só que ainda mais intensos - uma obra que poria fim a todas as certezas, não apenas as da Igreja Católica Romana, mas as de toda a religião cristã. Só que ainda havia muito mais coisas que eu precisava compreender, inúmeros livros que ainda teria de ler, obras de astrologia e de magia antiga, todos

proibidos pela Ordem Dominicana e os quais eu jamais conseguiria obter na biblioteca de San Domênico Maggiore. Se fosse levado a julgamento pela Santa Inquisição romana, eu sabia que todas essas informações me seriam arrancadas com um ferro em brasa, no suplício do potro - um instrumento de tortura em forma de cavalo - ou na roda, até eu confessar minha hipótese ainda mal formulada, e então seria condenado à fogueira por heresia. Eu tinha 28 anos e não queria morrer. Não me restava alternativa senão fugir.

Passava pouco das completas, a última das sete horas canônicas, e os frades de San Domênico se preparavam para se recolher ao repouso noturno. Irrompendo na cela que dividia com *Fra* Paolo de Rimini, arrastando a friagem da noite em meu cabelo e no hábito, corri freneticamente pelo cômodo minúsculo, juntando meus poucos pertences num saco impermeável. Quando escancarei a porta, Paolo estava deitado em contemplação em seu catre. Nesse momento, ergueu o corpo, apoiado num dos cotovelos, e ficou observando minha agitação, apreensivo. Tínhamos ingressado juntos no mosteiro aos 15 anos, como noviços. Agora, 13 anos depois, ele era o único em quem eu pensava como um irmão no sentido verdadeiro.

- Eles mandaram chamar o padre inquisidor - expliquei, fazendo uma pausa para respirar. - Não há tempo a perder.

- Você faltou às completas mais uma vez. Eu o avisei, Bruno - disse Paolo, balançando a cabeça. - Se alguém passa tantas horas na latrina, todas as noites, as pessoas desconfiam. Frei Tomasso anda dizendo a todo mundo que você tem uma doença terrível nos intestinos... Eu falei que Montalcino não demoraria muito a descobrir o que você estava fazendo e alertar o abade.

- Era só Erasmo, pelo amor de Deus! - retruquei, irritado. - Tenho que ir embora hoje, Paolo, antes de ser interrogado. Você viu minha capa?

O rosto de Paolo subitamente assumiu uma expressão grave.

- Bruno, você sabe que um dominicano não pode abandonar a ordem, sob pena de excomunhão. Se você fugir, eles entenderão isso como uma confissão e vão expedir um mandado de prisão. Você será condenado como herege.
- E se eu ficar, serei condenado como herege. Doerá menos se eu não estiver aqui.
- Mas para onde você vai? Como irá viver?

Meu amigo parecia angustiado. Interrompi minha busca e pus uma das mãos em seu ombro.

- Viajarei à noite. Vou cantar e dançar ou mendigar pelo pão, se for preciso, e quando estiver longe o bastante de Nápoles darei aulas para ganhar a vida. Eu me tornei doutor em teologia no ano passado, e há muitas universidades na Itália...

Procurei parecer animado, mas na verdade meu coração palpitava e meus intestinos se remexiam. Era meio irônico que justo nessa hora eu não pudesse chegar nem perto da latrina.

- Você jamais estará seguro na Itália se a Inquisição o considerar herege - disse Paolo, tristonho. - Eles não descansarão enquanto não o levarem à fogueira.
- Nesse caso, preciso partir antes que tenham essa oportunidade. Talvez eu vá para a França.

Eu me virei para procurar a capa. Então surgiu na minha memória, clara como no dia em que fora originalmente vista, a imagem de um homem sendo consumido pelo fogo, a cabeça virada para trás em agonia, na vã tentativa de desviar o rosto do calor das chamas que destruíam sua roupa com voracidade. Nos anos seguintes, me lembrei muitas vezes desse gesto humano e inútil - aquele movimento para proteger o rosto do fogo, embora a cabeça estivesse amarrada numa estaca - e, desde então, eu evitara o espetáculo de outra morte na fogueira. Na época, eu tinha 12 anos e meu pai, soldado por profissão e homem de fé ortodoxa e sincera, me levava a Roma para assistir a uma execução pública, a fim de me

instruir e oferecer orientação moral. Conseguíramos um lugar de onde se tinha boa visão no Campo dei Fiori, mais para o fundo da multidão, que se acotovelava. Eu me admirara ao ver quantas pessoas tinham se reunido para tirar proveito do acontecimento, como se fosse um ataque de cães contra ursos amarrados ou uma feira popular: vendedores de panfletos, frades pedindo esmolas, homens e mulheres vendendo pães, bolos ou peixe frito em bandejas penduradas no pescoço. Eu também não havia esperado a crueldade do povo, que insultou o prisioneiro, cuspiu e jogou pedras nele enquanto era levado em silêncio até a estaca, de cabeça baixa. Fiquei imaginando se o silêncio dele seria de derrota ou dignidade, mas meu pai explicou que tinham cravado um prego em sua língua, para que ele não pudesse tentar converter os espectadores, repetindo na pira suas heresias imundas.

O homem foi amarrado à estaca e feixes de gravetos foram empilhados à sua volta, tantos que quase o ocultaram. Quando uma tocha foi encostada na madeira, houve uma crepitação intensa e os gravetos se acenderam de imediato, inflamando-se com um brilho feroz. Meu pai balançou a cabeça em sinal de aprovação. Às vezes, explicou, quando as autoridades demonstravam clemência, usavam madeira ainda verde na pira, de modo que o prisioneiro sufocava com a fumaça antes de chegar a sofrer o aguilhão das chamas. No entanto, para os piores tipos de hereges - bruxas, feiticeiros, blasfemos, luteranos, *benandanti* -, faziam questão de que os gravetos estivessem secos como as encostas do monte Cicala no verão, para que o calor das chamas dilacerasse o criminoso até ele gritar o nome de Deus em seu último suspiro, com verdadeiro arrependimento.

Tive vontade de desviar os olhos quando as labaredas se precipitaram para devorar o rosto do homem, mas meu pai estava solidamente plantado junto a mim, com o olhar fixo, como se observar a agonia do infeliz fosse uma parte essencial do seu próprio dever para com Deus, e eu não queria parecer menos másculo nem menos devoto que ele. Ouvi os gritos horríveis que escaparam da boca retorcida do condenado quando seus globos oculares saltaram. Ouvi o chiado e os estalidos de sua pele ao encolher e se soltar, e os da polpa sangrenta por baixo dela, ao se

derreter nas chamas, e senti o cheiro da carne carbonizada, que me trouxe uma terrível lembrança do javali que era sempre assado sobre um poço nas festas de rua em Nola. Aliás, os vivos e a alegria da multidão, quando o herege enfim expirou, não poderiam ser mais parecidos com os de um dia santo ou um feriado público. No caminho de volta para casa, perguntei a meu pai por que o homem precisara ter uma morte tão horrenda. Será que ele tinha matado alguém? Meu pai respondeu que ele era herege. Quando insisti para que me explicasse o que isso significava, ele disse que o criminoso tinha desafiado a autoridade do papa ao negar a existência do purgatório. E foi assim que aprendi que, na Itália, as palavras e as ideias são consideradas tão perigosas quanto as espadas e as flechas, e que o filósofo ou o cientista precisa de tanta coragem quanto o soldado para dizer o que pensa.

Em algum lugar do prédio do dormitório, ouvi uma porta bater com violência.

– Eles estão vindo - cochichei freneticamente para Paolo. - Onde diabo está o meu manto?

– Tome - disse ele, entregando-me o seu, e parou por um instante para ajustá-lo sobre meus ombros. - E leve isto - acrescentou, pondo em minha mão um pequeno punhal de cabo de osso numa bainha de couro. Eu o fitei, surpreso. - Foi presente de meu pai - murmurou ele. - Você precisará mais disso do que eu, para onde quer que vá. E agora, *sbrigati*. Ande logo.

A janela estreita de nossa cela só permitia que eu me espremesse até chegar ao parapeito externo, passando uma perna de cada vez. Estávamos no primeiro andar do prédio, e era possível aterrissar no telhado da latrina coletiva dos irmãos leigos, uns oito palmos abaixo, desde que eu calculasse cuidadosamente a queda. Dali eu poderia deslizar até o chão e, se conseguisse atravessar o jardim sem ser visto, pular o muro externo do mosteiro e desaparecer nas ruas de Nápoles, protegido pela escuridão.

Enfiei o punhal dentro do hábito, joguei o saco impermeável por cima de um dos ombros e subi no parapeito, parando a fim de olhar para fora.

Pálida e inchada, uma lua quase cheia pairava sobre a cidade, com nuvens esfumaçadas deslizando à sua frente. No exterior havia apenas silêncio. Por um instante, me senti suspenso entre duas vidas. Fazia 13 anos que eu era monge. No entanto, quando levantasse a perna esquerda e a passasse pela janela para enfim cair no telhado abaixo, eu estaria renunciando a essa vida para sempre. Paolo tinha razão: eu seria excomungado por abandonar minha ordem, quaisquer que fossem as outras acusações contra mim. Ele ergueu o rosto para me fitar, com uma expressão cheia de tristeza, e me estendeu a mão. Eu me inclinei para beijar os nós de seus dedos e nesse momento tornei a ouvir o som de muitas passadas enfáticas trovejando pelo corredor.

- *Dio sia con te* - sussurrou Paolo, enquanto eu me esgueirava pela janelinha e contorcia o corpo até ficar pendurado pelas pontas dos dedos, rasgando o hábito ao fazer isso. Em seguida, confiando em Deus e na sorte, me soltei. Ao cair desajeitado sobre o telhado, ouvi o ruído da janela se fechando e torci para que Paolo tivesse conseguido fazer isso a tempo.

O luar foi uma bênção e uma maldição. Eu me mantive junto às sombras da parede ao atravessar o jardim por trás dos aposentos dos monges e, com a ajuda de trepadeiras silvestres, consegui escalar e saltar o muro do lado oposto, a fronteira do mosteiro, e lá me deixei cair no chão e rolar por um pequeno declive até a rua. No mesmo instante, tive que me atirar na sombra de uma porta e acreditar que a escuridão poderia me esconder, porque um homem num cavalo negro vinha galopando com urgência pela rua estreita, em direção ao mosteiro, a capa ondulando às suas costas. Só então, ao levantar a cabeça, com o sangue pulsando na garganta, e reconhecer a aba redonda do seu chapéu, enquanto ele desaparecia morro acima rumo ao portão principal, foi que entendi que a figura que tinha acabado de passar era o padre inquisidor local, convocado para me interrogar.

Naquela noite, quando não pude mais andar, dormi numa vala nos arredores de Nápoles, já que a capa de Paolo era uma proteção precária contra a noite gelada. No segundo dia, consegui uma cama para pernoitar

e meia broa, trabalhando na estrebaria de uma estalagem de beira de estrada. Nessa mesma noite, fui agredido por um homem durante o sono e acordei enquanto ele me quebrava algumas costelas, arrebatava meu nariz e roubava meu pão. Mas pelo menos ele tinha usado os punhos e não uma faca, como logo percebi ser comum entre os vagabundos e os viajantes que frequentavam as estalagens e tabernas da estrada que leva a Roma. No terceiro dia eu estava aprendendo a ser vigilante e percorrera mais da metade do caminho até a cidade. Já sentia saudade da rotina familiar da vida monástica, que por tanto tempo havia regido meus dias, mas também me emocionava com a ideia de liberdade. Eu não tinha mais senhor algum, a não ser minha própria imaginação. Em Roma, estaria entrando na cova do leão, mas gostava da ousadia dessa aposta com a divina Providência: ou eu recomeçaria minha vida como um homem livre, ou a Inquisição me encontraria e me atiraria às chamas. Só que eu faria tudo o que estivesse a meu alcance para garantir que a segunda hipótese não se consumasse. Eu não temia morrer por minhas convicções, contanto que já houvesse determinado por quais delas valia a pena morrer.



**Londres**  
**Inglaterra**  
**Mai de 1583**

## **Capítulo 1**

MONTANDO UM CAVALO que me fora emprestado pelo embaixador francês na corte da rainha Elizabeth da Inglaterra, atravessei a Ponte de Londres na manhã de 20 de maio de 1583. O sol já estava forte, embora ainda não fosse nem meio-dia. Diamantes de luz se dispersavam pela superfície ondulada do Tâmis e uma brisa cálida afastou meu cabelo do rosto, trazendo o fedor de esgoto do rio. Meu coração se encheu de expectativa quando cheguei à margem sul e virei à direita, acompanhando o curso fluvial em direção a Winchester House, onde eu me encontraria com a comitiva real para embarcar em nossa viagem à renomada Universidade de Oxford.

O palácio dos bispos de Winchester era feito de tijolos vermelhos e se erguia em torno de um pátio no estilo inglês. O telhado da construção, decorado por rebuscadas chaminés, ficava acima do grande salão, com suas fileiras de janelas altas que se abriam para o rio. Na frente delas, um gramado descia até um grande cais e desembarcadouro, onde vi um espetáculo pitoresco de pessoas apinhadas na relva. Sob o sol da primavera, metade da sociedade londrina parecia ter ido assistir ao desfile. Trechos de melodias eram levados pelo ar enquanto os músicos ensaiavam. Junto aos degraus, criados preparavam um grande barco, enfeitado com ricos cortinados de seda e almofadas de tapeçaria vermelha e dourada. Na proa havia assentos para oito remadores e na popa um toldo perfeitamente bordado protegia os bancos.

Desci do cavalo e um criado veio segurá-lo para que eu me dirigisse à casa. Fui observado com desconfiança ao passar por diversos cavalheiros

bem-vestidos. De repente, senti um punho me acertar entre as espáduas, quase me derrubando no chão.

– Giordano Bruno, *seu safado!* Ainda não o mandaram para a fogueira?

Recuperando o equilíbrio, me virei e vi Philip Sidney - o aristocrático militar-poeta que eu havia conhecido em Pádua durante minha fuga pela Itália. Ele sorria de orelha a orelha, com os braços abertos, as pernas afastadas e bem plantadas no chão e o cabelo ainda exibindo aquele topete singular, espetado na frente, como o de um garoto arrancado às pressas da cama.

– Primeiro eles teriam que me pegar, Philip - respondi, abrindo um largo sorriso.

– Para você é *Sir Philip, seu ignorante*. Fui sagrado cavaleiro este ano.

– Mas que coisa excelente! Isso significa que vai adquirir boas maneiras?

Ele jogou os braços em volta de mim e tornou a me dar vigorosos tapas nas costas. Era curiosa a nossa amizade, pensei, recobrando o fôlego e retribuindo o abraço. Nossas origens não poderiam ser mais diferentes - Sidney tinha nascido numa das famílias mais proeminentes da corte inglesa, como nunca se cansava de me lembrar -, mas em Pádua descobrimos de imediato nosso talento para fazer um ao outro rir, o que era uma raridade bem-vinda naquele lugar sério e sombrio. Mesmo agora, depois de seis anos, não senti o menor constrangimento perto dele e implicamos afetuosamente um com o outro, como já era nosso velho costume.

– Venha, Bruno - disse ele, passando o braço sobre meus ombros e me conduzindo pelo gramado em direção ao rio. - Nossa, é muito bom revê-lo! Esta visita real a Oxford seria insuportável sem a sua companhia. Já ouviu falar do príncipe polonês?

Fiz que não com a cabeça e Sidney revirou os olhos.

– Bem, você não tardará a conhecê-lo, o palatino Albert Laski, um dignitário polonês com dinheiro de mais e responsabilidade de menos. É por essa razão que ele passa seu tempo sendo uma tremenda amolação nas cortes da Europa. Deveria seguir daqui para Paris, mas o rei Henrique se recusou a deixá-lo entrar na França, por isso Sua Majestade está encarregada de entretê-lo por mais algum tempo. Daí este desfile pomposo, para afastá-lo da corte. - Sidney acenou em direção à balsa, depois deu uma rápida olhada em volta, para ter certeza de que ninguém nos ouvia. - Não censuro o rei francês por lhe recusar a visita. Esse polonês é intragável! Mesmo assim, é uma proeza e tanto! Consigo pensar em uma ou duas tabernas em que sou proibido de entrar, mas ser barrado num país inteiro requer do sujeito um talento especial para se tornar indesejado. Talento que o Laski tem de sobra, como você verá. Mesmo assim, nós dois vamos nos divertir em Oxford: você vai deslumbrar os palermas de lá com as suas ideias e eu esperarei ansiosamente para me deleitar na sua glória e lhe mostrar meus velhos lugares favoritos - disse ele, tornando a me esmurrar calorosamente no braço. - Mas esse, você sabe, não é nosso único objetivo - acrescentou, baixando a voz.

Paramos lado a lado para contemplar o rio, agitado por pequenas embarcações, chalanas e barquinhos a vela que se entrecruzavam nas águas reluzentes sob o sol primaveril, que iluminava também as fachadas das belas construções de tijolos e madeira ao longo da margem oposta - um panorama glorioso, com a grande torre da Catedral de São Paulo aparecendo acima dos telhados, bem ao norte. Enquanto esperava Sidney se estender sobre o assunto, pensei em como Londres era magnífica nessa época e em como eu era afortunado por estar ali, em tal companhia.

– Tenho uma coisa para você, mandada pelo meu futuro sogro, Sir Francis Walsingham - murmurou ele, ainda fitando o rio. - Veja só o que me rendeu ser sagrado cavaleiro, Bruno: um emprego como seu moleque de recados - acrescentou, bem-humorado. Ele enrijeceu o corpo e olhou em volta, protegendo os olhos com a mão ao detê-los no ancoradouro em que estava nossa barca, antes de pegar a sacola

impermeável que carregava e tirar dela uma bolsa de couro recheada.  
- Walsingham lhe mandou isto, um adiantamento da sua remuneração. É possível que você tenha algumas despesas no decorrer das suas investigações.

Sir Francis Walsingham. O principal ministro da rainha Elizabeth, o homem por trás da minha improvável presença nessa visita real a Oxford. Só ouvir seu nome já me dava calafrios.

Nós nos afastamos um pouco mais da multidão, reunida ali para se maravilhar com a decoração da barcaça, que ia sendo enfeitada com flores para a nossa partida. Ao lado dela, um grupo de músicos começara a tocar uma melodia dançante, e ficamos observando o público circular lentamente ao seu redor.

- Agora me diga, Bruno, você não está de olho em Oxford apenas para debater Copérnico com uma porção de acadêmicos tacanhos - comentou Sidney, em voz baixa. - Assim que eu soube que você viera para a Inglaterra, tive certeza de que devia estar à procura de algo importante.

Dei uma rápida olhada em volta para me certificar de que ninguém nos ouvia.

- Vim procurar um livro, um exemplar que eu buscava havia algum tempo e que agora creio ter sido trazido para a Inglaterra.

- Eu sabia! - exclamou ele, segurando meu braço e me puxando mais para perto. - E o que há nesse livro? Alguma arte obscura para libertar a força do Universo? Você andava mexendo com essas coisas em Pádua, se bem me lembro.

Não saberia dizer se ele continuava a zombar de mim, mas resolvi confiar no tipo de amizade que tínhamos na Itália.

- O que você diria, Philip, se eu lhe contasse que o Universo é infinito?

Ele fez uma cara de dúvida.

– Diria que isso ultrapassa até mesmo a heresia copernicana e que você deve falar baixo.

– Bem, é nisso que eu acredito - afirmei, baixinho. - Copérnico só contou metade da verdade. A imagem que Aristóteles criou do cosmos, com as estrelas fixas e os seis planetas orbitando a Terra, é pura mentira. Copérnico substituiu a Terra pelo Sol como centro do Universo, porém eu vou mais longe: digo que existem muitos sóis, muitos centros, tantas quantas são as estrelas no céu. O Universo é infinito e, sendo assim, por que não seria povoado por outras Terras, outros mundos e seres como nós? Decidi que o trabalho da minha vida será provar essa teoria.

– E como é possível provar isso?

– Eu verei o fenômeno com meus próprios olhos - respondi, fitando o rio, sem me atrever a observar a reação dele. - Penetrarei nos confins do Universo, para além das esferas.

– E como exatamente pretende fazer isso? Vai aprender a voar? - perguntou Sidney, o ceticismo já presente em sua voz. Eu não podia censurá-lo.

– Por meio do conhecimento secreto contido no livro perdido do sábio egípcio Hermes Trimegisto, o primeiro a compreender esses mistérios. Se eu conseguir encontrá-lo, aprenderei os segredos necessários para me elevar até atravessar as esferas e penetrar na mente divina.

– Penetrar na mente de *Deus*, Bruno?

– Não. Escute: desde a última vez que nos vimos, estudei a fundo a antiga magia dos escritos herméticos e a cabala dos hebreus e comecei a compreender coisas que você não acreditaria serem possíveis - disse e hesitei por um instante. - Se eu puder aprender a fazer a ascensão descrita por Hermes, terei um vislumbre do que está além do cosmos conhecido: o Universo sem fim e a alma universal, da qual todos fazemos parte.

Pensei que Sidney fosse rir nessa hora, mas, ao contrário, ele ficou pensativo.

– Isso me parece uma feitiçaria perigosa, Bruno. E o que você provaria? Que Deus não existe?

– Que todos somos Deus - respondi, baixinho. - A divindade está em todos nós e na substância do Universo. Com os conhecimentos certos, podemos atrair aqui para baixo todos os poderes do cosmos. Quando entendermos isso, poderemos nos igualar a Deus.

Sidney me encarou, incrédulo.

– Pelo sangue de Cristo, Bruno! Você não pode sair por aí se proclamando igual a Deus. Podemos não ter a Inquisição aqui, mas nenhuma Igreja cristã aceitará isso com serenidade. Você irá direto para a fogueira!

– Porque a Igreja cristã é corrupta em todas as suas facções, e é isso que eu quero divulgar. Ela não passa de uma sombra precária, o enfraquecimento de uma antiga verdade, que existia muito antes de Cristo andar pela Terra. Se todos compreendessem isso, seria possível uma verdadeira reforma da religião. Os homens poderiam se elevar acima das divisões pelas quais tanto sangue já foi, e continua a ser, derramado e entender sua união essencial.

O rosto de Sidney assumiu uma expressão grave.

– Ouvi meu antigo preceptor, o Dr. Dee, falar dessa maneira. Mas você deve tomar cuidado, meu amigo. Ele recolheu muitos desses manuscritos de magia antiga durante a destruição das bibliotecas monásticas e por isso é chamado de feiticeiro e coisas piores, não apenas pelo povo. Ele nasceu na Inglaterra e, ainda por cima, é astrólogo pessoal da rainha. Não vá arranjar fama de bruxo. Você já é suspeito por ser estrangeiro e católico. - Sidney deu um passo atrás e me olhou com curiosidade. - E então, esse livro... você acredita que irá encontrá-lo em Oxford?

– Quando eu estava morando em Paris, soube que ele foi tirado de Florença no fim do século passado. Se meu orientador me disse a verdade, foi trazido por um colecionador inglês para uma das grandes bibliotecas daqui, onde permanece ignorado, porque ninguém que o tenha manuseado compreendeu sua importância. Muitos ingleses que viajavam pela Itália eram acadêmicos universitários que deixavam seus livros como herança, então Oxford é um lugar tão bom quanto qualquer outro para eu iniciar minha busca.

– Você deveria começar perguntando a John Dee - disse Sidney. - Ele tem a maior biblioteca do país.

Fiz que não com a cabeça.

– Se o seu Dr. Dee possuísse esse livro, saberia o que tinha nas mãos e encontraria algum meio de anunciar essa revelação. A obra ainda está por ser descoberta, tenho certeza.

– Então, está bem. Mas não se esqueça dos assuntos de Walsingham em Oxford - disse Sidney, dando mais um tapa em minhas costas. - E, pelo amor de Deus, não vá se esquecer de mim, Bruno, para sair fuçando as bibliotecas. Espero que possamos nos divertir enquanto estivermos aqui. Já é bem ruim eu ter que bancar a babá daquele polonês flatulento, o tal de Laski, e não está nos meus planos passar todas as noites com um bando de velhos teólogos bolorentos. Você e

eu vamos farrear pela cidade e deixar as mulheres de Oxford com as pernas bambas!

– Pensei que você estivesse para se casar com a filha de Walsingham - comentei, erguendo uma das sobrancelhas e fingindo estar horrorizado.

Sidney revirou os olhos.

– Quando a rainha se dignar de nos dar o seu consentimento. Até lá, não me considero comprometido com os votos matrimoniais. E você, Bruno? Tem compensado os seus anos de claustro nas andanças pela Europa? - indagou, me dando uma cotovelada nas costelas.

Sorri, esfregando o local em que ele me atingira.

– Houve uma mulher há três anos, em Toulouse. Morgana, que era filha de um nobre huguenote. Eu dava aulas particulares de metafísica ao irmão dela, mas quando o pai não estava em casa ela me pedia que lêssemos juntos. Tinha sede de saber, uma qualidade rara nas mulheres nascidas na riqueza, pelo que constatei.

– E era bonita? - perguntou Sidney, com os olhos brilhando.

– Lindíssima - respondi, mordendo o lábio ao recordar os olhos azuis de Morgana e seu jeito de tentar me fazer rir quando me achava melancólico demais. - Eu a cortejei em segredo, mas acho que sempre soube que seria apenas algo temporário. O pai queria que ela se casasse com um aristocrata huguenote, não com um católico italiano em fuga. Mesmo quando me tornei professor de filosofia da Universidade de Toulouse e finalmente tive recursos para me sustentar, ele não permitiu que eu lhe fizesse a corte e ameaçou usar toda a sua influência na cidade para destruir meu nome.

– E o que aconteceu? - indagou Sidney, intrigado.

– Morgana me implorou que fugisse com ela - suspirei, - Quase me convenceu, mas no fundo eu sabia que aquele não seria o futuro que nenhum de nós desejava. Então, uma noite fui embora para Paris, onde investi toda a minha energia em escrever e em progredir na corte. Mas penso muitas vezes na vida da qual abri mão e me



pergunto onde eu estaria agora... - Minha voz foi desaparecendo e tornei a baixar os olhos, lembrando tudo o que tinha acontecido.

- Nesse caso, nós não o teríamos aqui, meu amigo. E depois, a esta altura, ela provavelmente está casada com algum duque velhote - disse ele, em tom efusivo.

- Estaria - concordei -, se não houvesse morrido. O pai dela lhe arranhou um casamento com um de seus amigos, mas Morgana sofreu um acidente pouco antes da cerimônia. O irmão dela me escreveu contando que ela se afogou.

- Acha que ela cometeu suicídio? - perguntou Sidney, com os olhos dramaticamente arregalados.

- Nunca saberei.

Então me calei e fiquei contemplando a água.

- Bem, sinto muito por isso - disse ele depois de alguns segundos, dando-me um tapinha nas costas com aquele jeito pragmático dos ingleses. - Mas ainda assim... as mulheres da corte do rei Henrique devem ter lhe proporcionado muitas distrações, não é?

Eu o fitei por um instante, perguntando a mim mesmo se os nobres ingleses realmente eram tão insensíveis quanto aparentavam ou se haviam desenvolvido esse estilo como uma forma de evitar as emoções dolorosas.

- Ah, sim, as mulheres de lá eram belas, com certeza, e no começo ficavam contentes em oferecer suas atenções, mas a conversa delas, infelizmente, não me despertava nenhum interesse - respondi, forçando um sorriso. - E elas me acharam lamentavelmente carente de fortuna e títulos para qualquer relacionamento sério.

- Bem, aí é que está, Bruno: você estará fadado a se decepcionar se a única coisa que lhe interessar nas mulheres for a conversa delas - disse Sidney, balançando a cabeça por um instante, como se a ideia fosse absurda. - Siga meu conselho: aguace sua inteligência na companhia dos homens e só recorra às mulheres em busca das

conveniências mais amenas da vida - acrescentou, dando uma piscadela e um sorriso.

- Agora - prosseguiu - tenho que verificar o andamento das coisas, ou nunca partiremos daqui. Além disso, hoje vamos jantar no palácio de Windsor, de modo que precisamos viajar numa boa velocidade. Dizem que vem uma tempestade por aí. A rainha não estará presente, é claro - acrescentou, ao notar minhas sobrancelhas erguidas. - Receio que a responsabilidade de entreter o príncipe seja somente nossa, Bruno, até chegarmos a Oxford. Prepare-se e reze para essa sua alma universal, pedindo-lhe forças.

- Não gosto de me gabar, mas meus amigos de fato me consideram uma espécie de poeta, Sir Philip - disse o palatino Laski em sua voz aguda, que dava sempre a impressão de que ele estava se queixando de algo, quando nosso barco se aproximou de Hampton Court. - Estive pensando que, se nos cansarmos dos debates na universidade - nesse ponto, ele me lançou um olhar incisivo -, o senhor e eu poderíamos dedicar parte de nossa estada em Oxford à leitura da poesia um do outro e à troca de conselhos, de um autor de sonetos para outro. O que lhe parece?

- Nesse caso, devemos incluir Bruno em nossa conversa - disse Sidney, dirigindo-me um rápido sorriso conspiratório -, porque, além de seus livros eruditos, ele escreveu um drama cômico em versos para o palco, não foi, Bruno? Como é mesmo o nome?

- *Il Candelaio* - resmunguei e tornei a me virar para contemplar a paisagem. Eu havia dedicado a peça a Morgana e sempre a associava a lembranças dela.

- Nunca ouvi falar - disse o palatino, em tom desdenhoso.

Antes mesmo que nosso grupo chegasse a Richmond, constatei que concordava plenamente com meu protetor, o rei Henrique III da França: o palatino Laski era insuportável. Gordo e de cara vermelha, achava-se

muito mais importante do que de fato era e tinha um grande amor pela própria voz. Apesar da roupa refinada e dos modos afetados, ficou claro que ele não tinha grande familiaridade com a sala de banho e, sob o sol quente, exalava um horrível mau cheiro, que, de perto e misturado aos vapores das águas marrons do Tâmis, estava me desviando do que deveria ser uma viagem divertida.

Partimos do cais da Winchester House com uma grande fanfarra de clarins.

Um barco repleto de músicos fora encarregado de seguir junto do nosso, de modo que o interminável monólogo do príncipe era acompanhado pelos trinados e chilreios dos tocadores de flauta à nossa direita. Para piorar meu desconforto, as flores com que a barcaça fora tão generosamente enfeitada me faziam espirrar. Ao deslizarmos em um ritmo majestoso pela cidade, afundei nas almofadas de seda, tentando me concentrar no movimento compassado dos remos, enquanto barcos menores abriam caminho de ambos os lados e seus ocupantes, reconhecendo a barcaça real, tiravam respeitosamente o chapéu e observavam nossa passagem. Concentrando-me somente na paisagem, eu quase havia conseguido reduzir a tagarelice do palatino a um zumbido de fundo e me contentaria em desfrutar o cenário verde e arborizado das margens, à medida que a cidade ficava para trás, mas Sidney, decidido a se divertir, atormentava o polonês e queria minha colaboração.

– Veja, lá está o grandioso palácio de Hampton Court, que um dia pertenceu ao cardeal Wolsey, o favorito do pai de nossa rainha - disse ele, com um gesto majestoso para a margem, ao nos aproximarmos das imponentes paredes de tijolos vermelhos. - Não que ele tenha desfrutado do local por muito tempo... Assim é o capricho dos príncipes. Mas a rainha parece ter você em grande estima, Laski, a julgar pelos cuidados que tomou com sua visita.

O palatino deu um sorriso afetado.

– Bem, não cabe a mim dizer isso, é claro - disse mas penso ser de conhecimento da corte inglesa, a esta altura, que ao palatino Laski é

concedido o melhor da hospitalidade de Sua Majestade.

– E, agora que ela não pretende aceitar o duque de Anjou, me pergunto se nós, seus súditos, poderíamos começar a especular sobre uma aliança com a Polônia - continuou Sidney, maliciosamente.

O polonês uniu as pontas dos dedos gorduchos, como se numa prece, e contraiu os lábios úmidos, os olhinhos de leitão brilhando de presunçosa satisfação.

– Não compete a mim dizer essas coisas, mas ao longo de minha estada na corte notei que a rainha de fato me concedeu, digamos, certas atenções *especiais*. Naturalmente, ela é recatada, mas creio que homens experientes como o senhor e eu, Sir Philip, que não estivemos trancados num claustro, sempre sabemos quando uma mulher nos olha com desejo, não é?

Soltei um arquejo de incredulidade nessa hora e tive que disfarçá-lo com um ataque de espirros. Os menestréis concluíram outra canção popular, insuportavelmente alegre, e passaram a uma melodia mais melancólica, o que me permitiu resvalar para um silêncio introspectivo, enquanto passávamos pelos campos e bosques e o rio se tornava mais estreito e menos fétido. As nuvens se acumulavam no céu, espelhadas na água à nossa frente, e o calor começou a se adensar em minhas narinas. Sidney parecia estar certo a respeito da tempestade que se aproximava.

– De qualquer modo, Sir Philip, tomei a liberdade de compor um soneto para louvar a beleza da rainha - anunciou o palatino, após algum tempo - e pergunto se poderia recitá-lo para o senhor antes de oferecê-lo aos delicados ouvidos da soberana. Eu acolheria de bom grado os conselhos de um colega poeta.

– Seria muito melhor se você o submetesse a Bruno - disse Sidney, com ar displicente, deslizando a mão pela água. - Os compatriotas dele inventaram esse gênero. Não é mesmo, Bruno?

Lancei a ele um olhar impiedoso e deixei meus pensamentos vagarem para o horizonte, enquanto o palatino iniciava seu monótono recital.

Se, durante aqueles dias em que eu mendigara de cidade em cidade por toda a península italiana - trabalhando como professor aqui e ali, quando conseguia, e me hospedando em albergues e pensões baratas de beira de estrada, quando não conseguia -, alguém tivesse dito que eu acabaria sendo confidente de reis e cortesãos, essa pessoa seria considerada louca. Mas não por mim: sempre acreditei em minha capacidade não apenas de sobreviver, mas também de progredir por meu próprio esforço. Eu valorizava mais a inteligência do que os privilégios de berço, mais a mente investigadora e a sede de saber do que a posição social ou o cargo, e alimentava a implacável convicção de que os outros acabariam vendo que eu estava certo. Essa atitude me dava a disposição de superar obstáculos que desanimariam homens mais resignados. E foi assim que, aos 35 anos, me elevei da condição de professor itinerante e herege fugitivo à posição mais importante com a qual um filósofo poderia sonhar: eu era um dos favoritos na corte do rei Henrique III, em Paris, seu mentor particular na arte de desenvolver a memória e professor adjunto de filosofia no grandioso Collège de Sorbonne. Mas a França também estava dividida por guerras religiosas, assim como todos os lugares por onde eu havia passado em meus sete anos de exílio de Nápoles, e a facção católica em Paris, dominada pela família Guise, vinha ganhando cada vez mais força contra os huguenotes, tanto que corriam boatos de que a Inquisição estava a caminho daquele país. Ao mesmo tempo, minha amizade com o rei e a popularidade de minhas aulas haviam me atraído inimigos entre os sábios doutores da Sorbonne, e começaram a circular pelas vielas e a chegar aos ouvidos dos cortesãos certos rumores maldosos de que meu singular sistema mnemónico era uma forma de magia negra e de que eu o usava para me comunicar com demônios. Entendi isso como a deixa para continuar minha fuga, a exemplo do que já fizera em Veneza, Pádua, Gênova, Lyon, Toulouse e Genebra, em todas as ocasiões em que meu passado ameaçara me alcançar. Como muitos fugitivos religiosos antes de mim, fui buscar refúgio sob os céus mais tolerantes da Londres elisabetana, em que o

Santo Ofício não tinha jurisdição e onde eu também esperava encontrar o livro perdido do sumo sacerdote egípcio Hermes Trimegisto.

A barcaça régia atracou no fim da tarde em Windsor, onde fomos recebidos por criados uniformizados e conduzidos à nossas acomodações no castelo real, para jantar e fazer nosso repouso noturno, antes de seguirmos para Oxford logo cedo na manhã seguinte. Serviram-nos uma refeição discreta, em parte, talvez, porque o céu havia escurecido muito quando chegamos aos apartamentos de Estado, o que exigiu que as velas fossem acesas desde cedo, e porque uma chuva forte começou a cair. Ao terminarmos a refeição, a água deslizava pelas janelas altas do salão de jantar como uma cascata ininterrupta.

– Se o temporal continuar, amanhã não haverá barca - observou Sidney, enquanto os criados retiravam os pratos. - Teremos de fazer o restante do percurso pela estrada, se for possível arranjar cavalos.

O palatino pareceu contrariado. Ficou claro que ele havia gostado da indolência da barcaça.

– Não sou cavaleiro - queixou-se. - Precisaremos pelo menos de uma carruagem. Ou talvez possamos esperar aqui até o tempo melhorar - sugeriu, em tom mais animado, recostando-se na cadeira e olhando com expressão cobiçosa para o rico mobiliário do salão de jantar do palácio.

– Não temos tempo - retrucou Sidney. - O debate será depois de amanhã e nosso orador precisa de tempo suficiente para preparar seus argumentos incontestáveis, não é mesmo, Bruno?

Desviei a atenção das janelas para lhe esboçar um sorriso.

– Na verdade, eu estava prestes a pedir licença, justamente para essa finalidade.

Sidney fez uma expressão desolada:

– Ah... você não vai ficar um pouco mais e jogar cartas conosco? - perguntou, com um toque alarmado na voz diante da perspectiva de

ser deixado sozinho com o palatino pelo resto da noite.

– Receio ter que mergulhar nos livros esta noite - confirmei, afastando a cadeira caso contrário, não será um debate digno de ser ouvido.

– Assisti a poucos que foram - comentou o palatino. - Não importa, Sir Philip, o senhor e eu teremos uma noite esplêndida. Talvez possamos até ler um para o outro, não? Pedirei mais vinho.

Quando passei por ele, Sidney me lançou o olhar suplicante dos afogados, mas lhe dei apenas uma piscadela e fechei a porta ao sair. Ali o diplomata profissional era ele, que fora criado para lidar com pessoas daquele tipo. Um enorme trovão ecoou enquanto eu subia uma escadaria com pinturas suntuosas, a caminho de meu quarto.

Durante um bom tempo, não consultei meus papéis nem tentei pôr as ideias em ordem. Apenas permaneci deitado na cama, com a mente tão agitada quanto o céu turbulento, que ganhara um sinistro matiz de verde, à medida que os raios e trovões iam ficando mais próximos e mais frequentes. A chuva martelava as vidraças e as telhas da cobertura, e me intriguei com a sensação de inquietude que havia afastado aos poucos minha agitação matinal de expectativa. Meu futuro na Inglaterra, para não falar no futuro do meu trabalho, dependeria imensamente do desfecho dessa viagem a Oxford, mas eu estava tomado por um estranho mau presságio. Em todos aqueles anos instáveis, sem fazer parte de lugar algum, sem depender de nada além do meu instinto de sobrevivência, eu aprendera a prestar atenção a minhas alterações de ânimo. Nas ocasiões em que minha intuição alertara para o perigo, em geral os acontecimentos haviam provado que eu estava certo. Mas talvez fosse apenas o fato de que, mais uma vez, eu me preparava para assumir uma outra forma, para me transformar em mais alguém que eu não era.

Fazia menos de uma semana que eu estava em Londres, como hóspede do embaixador francês a pedido do meu protetor, o rei Henrique - que, com relutância, concordara com meu pedido de sair de Paris por prazo

indefinido -, quando recebi uma convocação de Sir Francis Walsingham, o principal ministro de Estado da rainha Elizabeth. Não era o tipo de convite que se pudesse declinar, porém a forma como foi entregue não me deu qualquer pista de como um estadista de tamanha importância soubera da minha chegada nem do que ele iria querer de mim. No dia seguinte, me dirigi à sua residência majestosa, na próspera Seething Lane, perto da Torre de Londres e a leste do centro financeiro da cidade. Ao chegar lá, fui conduzido por um mordomo de ar irritado até um belo jardim, onde buxos plantados em desenhos geométricos deram lugar a relvados mais silvestres. Adiante deles havia um aglomerado de árvores frutíferas baixas, em plena floração, formando uma abóbada magnífica de branco e cor-de-rosa. Em meio a elas, contemplando seus galhos retorcidos, notei uma figura alta, toda vestida de preto.

A um aceno da cabeça do mordomo, caminhei em direção ao homem sob as árvores, que se virara de frente para mim, ou assim supus, já que o sol do fim da tarde se punha bem atrás dele, recortando sua silhueta, uma forma esguia e negra contra a luz dourada. Eu não tinha como avaliar sua expressão, então parei a alguns passos de distância e fiz uma grande reverência, de um modo que torci para que fosse adequado.



- Giordano Bruno de Nola, a serviço de Vossa Excelência.
- *Buona sera, Signor Bruno, e benvenuto, benvenuto* - disse ele num tom caloroso, avançando com a mão direita estendida para apertar a minha, à maneira dos ingleses. Seu italiano tinha apenas um leve toque dos tons entrecortados de sua língua natal e, quando ele se aproximou, pude ver seu rosto com clareza pela primeira vez. Era um rosto tristonho, que se tornava ainda mais severo por causa do barrete preto justo que ele usava sobre o cabelo já ralo. Calculei que teria uns 50 anos. Seus olhos eram iluminados por uma inteligência aguda, que parecia deixar claro, sem qualquer palavra, que ele não suportava pessoas estúpidas. No entanto, seu rosto também exibia os traços de um enorme cansaço - ele parecia ser um homem que carregava um imenso fardo e dormia pouco.
- Há duas semanas, Dr. Bruno, recebi uma carta de nosso embaixador em Paris, me informando da sua chegada iminente a Londres - começou ele, sem nenhum preâmbulo. - O senhor é uma figura renomada na corte francesa. No entanto, nosso embaixador diz que não pode recomendar sua religião. O que lhe parece que ele quer dizer com isso?
- Talvez ele se refira ao fato de que um dia fiz parte de uma ordem sacra, ou ao fato de que não faço mais - respondi, sem me alterar.
- Ou talvez ele queira dizer algo totalmente diferente - retrucou Walsingham, me fitando, cauteloso. - Mas logo falaremos disso. Primeiro, me diga: o que sabe a meu respeito, Filippo Bruno?

Nesse momento, virei a cabeça para encará-lo, apanhado no contrapé, como ele devia ter pretendido que ocorresse. Eu abandonara meu nome de batismo - Filippo - ao ingressar no mosteiro de San Domênico Maggiore, assumindo meu nome monástico de Giordano, embora eu o houvesse retomado por um breve período enquanto estivera em fuga. Que Walsingham se dirigisse a mim por ele, nesse momento, era claramente um pequeno truque para me mostrar o alcance de seus

conhecimentos, e ficou evidente que ele gostara do efeito obtido. Mas eu me recuperei e disse:

- Sei o bastante para perceber que só um tolo tentaria esconder alguma coisa de um homem que nunca me viu, mas me chama pelo nome que meus pais me deram, um nome que não usei nos últimos 20 anos.

Walsingham sorriu:

- Nesse caso, sabe tudo o que importa neste momento. E sei que o senhor não é tolo. Imprudente, talvez, mas não tolo. Agora, devo lhe dizer tudo o que sei a seu respeito, Dr. Giordano Bruno de Nola?
- Por favor... desde que eu tenha permissão de separar para Vossa Excelência a verdade desonrosa do boato meramente vulgar.
- Pois muito bem - disse ele, com um sorriso indulgente. - O senhor nasceu em Nola, perto de Nápoles, filho de um soldado, e ingressou no mosteiro de San Domênico Maggiore com pouco mais de 12 anos. Abandonou a ordem cerca de 13 anos depois e passou outros três fugindo pela Itália, perseguido pela Inquisição por suspeita de heresia. Mais tarde, lecionou em Genebra e na França, antes de atrair a proteção do rei Henrique III, em Paris. O senhor ensina a arte da memória, que muitos consideram uma espécie de magia, e é um defensor apaixonado da teoria copernicana de que a Terra gira em torno do Sol, apesar de essa ideia ter sido declarada herética tanto por Roma quanto pelos luteranos.

Ele me olhou, em busca de confirmação, e assenti com a cabeça, intrigado.

- Vossa Excelência tem um grande conhecimento.

Walsingham sorriu.

– Não há mistério nisso, Bruno. Quando se deteve por um breve período em Pádua, você fez amizade com um cortesão inglês chamado Philip Sidney, não foi? Bem, em breve ele se casará com minha filha, Frances.

– Vossa Excelência não poderia ter encontrado genro mais digno, tenho certeza. Anseio muito por revê-lo - afirmei e falava sério.

Walsingham balançou a cabeça.

– A título de curiosidade... *por que* abandonou o mosteiro?

– Fui apanhado lendo Erasmo na latrina.

Ele me encarou por um instante, depois jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, um som grave e sonoro, como o que produziria um urso, se soubesse rir.

– E eu tinha outros livros relacionados no Index de obras proibidas do Santo Ofício. Eles pretendiam que eu fosse interrogado pelo padre inquisidor, mas fugi. É por isso que fui excomungado.

Cruzei as mãos às costas, enquanto caminhávamos, pensando em como parecia estranho eu estar revivendo aqueles dias nesse verdejante jardim inglês.

Walsingham me olhou com uma expressão impenetrável e, em seguida, sacudiu a cabeça, como se estivesse perplexo.

– Você me intriga bastante, Bruno. Fugiu da Itália perseguido pela Inquisição romana, por ser suspeito de heresia, mas também foi detido e julgado pelos calvinistas de Genebra por suas crenças, não é verdade?

Inclinei a cabeça, assentindo parcialmente:

– O que aconteceu em Genebra foi um mal-entendido. A mim pareceu que os calvinistas haviam apenas trocado um conjunto de dogmas cegos por outro.

Ele tornou a me olhar com uma espécie de admiração e riu, balançando a cabeça:

– Jamais conheci outro homem que houvesse conseguido se fazer acusar de heresia pelo papa e pelos calvinistas. É um feito singular, Dr. Bruno! E faz com que eu me pergunte... qual é a sua religião?

Houve uma pausa cheia de expectativa durante a qual ele me fitou com ar encorajador.

– Vossa Excelência sabe que não sou amigo de Roma. Posso assegurar que sou fiel em tudo a Sua Majestade, e muito me alegraria lhe oferecer qualquer serviço que me seja possível, enquanto eu estiver sob a soberania dela.

– Sim, sim, Bruno, eu lhe agradeço, mas isso não responde a minha pergunta. Eu perguntei qual é a sua religião. No fundo do coração, você é papista ou protestante?

Hesitei.

– Vossa Excelência já assinalou que os dois lados me julgaram falho.

– Está me dizendo que não é uma coisa nem outra? É ateu, então?

– Antes de responder a isso, posso saber quais seriam as consequências de minha resposta?

Nesse momento, ele sorriu:

– Isto não é um interrogatório, Bruno. Quero apenas compreender a sua filosofia. Fale comigo com franqueza e eu também serei franco com você. É por isso que estamos caminhando aqui, entre as árvores, onde não poderão nos ouvir.

– Nesse caso, asseguro a Vossa Excelência que não sou o que comumente se pretende dizer com a palavra "ateu" - declarei, na esperança de não estar condenando a mim mesmo. - Na França e aqui, na embaixada daquele país, chamo a mim mesmo de católico, porque é mais simples não criar problemas. Na verdade, porém, não penso em mim como católico nem protestante, termos que me parecem restritos demais. Eu creio numa verdade maior.

Ele ergueu uma das sobrancelhas:

- Uma verdade maior do que a fé cristã?
- Uma verdade antiga, da qual a fé cristã é uma interpretação posterior. Uma verdade que, se fosse adequadamente compreendida em nossa era nebulosa, poderia esclarecer os homens, em vez de perpetuar essas divisões sangrentas.

Um profundo silêncio caiu sobre nós. O sol já estava baixo e, à sombra das árvores, o ar esfriava. Com a aproximação do crepúsculo, o canto dos pássaros se tornou mais insistente e Walsingham continuou a caminhar na grama, os ombros de sua sobreveste preta salpicados de pétalas dos botões brancos que caíam dos galhos, flutuando no ar.

- Hoje a fé e a política são uma coisa só - disse ele. - Talvez sempre tenha sido assim, mas é algo que parece haver atingido novos extremos em nosso século conturbado, não acha? A religião de um homem me diz onde está sua lealdade política, muito mais do que sua terra natal ou sua língua. Neste reino há muitos ingleses destemidos que têm mais amor a Roma do que você, Bruno, ou do que eles nutrem por sua própria rainha. No fim, porém, a fé não é meramente política. Acima de tudo, existe a questão da consciência particular do homem e de como ele se colocará diante de Deus. Fiz coisas em nome de Deus que terei de justificar perante Ele no Juízo Final.

Walsingham se virou e me fitou com uma expressão de tristeza. Quando voltou a falar, foi em voz baixa e sem expressão:

- Observei, imóvel, enquanto o coração pulsante de um homem era retirado de seu corpo vivo, por ordem minha. Interroguei homens friamente, enquanto seus membros eram arrancados de suas articulações durante uma sessão de tortura, e só o barulho daquilo já basta para fazer o estômago vir à boca. Eu mesmo cheguei até a girar as rodas quando os segredos passíveis de brotar da boca de um homem, ao ter os membros estirados, eram penosos demais para os ouvidos dos torturadores profissionais. Vi o corpo humano, feito à imagem e semelhança de Deus, ser forçado até os limites derradeiros

da dor. E impus todos esses horrores e outros mais a meus semelhantes por acreditar que, assim, prevenia um derramamento de sangue ainda maior.

Ele passou a mão pela testa e recomeçou a andar.

– Nossa nação é jovem na nova religião e, na França e na Espanha, há muitos que, com o apoio de Roma, desejam matar Sua Majestade e substituí-la por aquela cadela do diabo, Maria da Escócia - disse e balançou a cabeça. - Não sou um homem cruel, Bruno. Infligir sofrimento não me dá prazer algum, ao contrário do que acontece com alguns de meus carrascos - afirmou, estremeecendo, e acreditei no que dizia. - Tampouco sou a Inquisição. Não me imagino responsável pela alma imortal do ser humano. Deixo isso a cargo dos que foram ordenados para essa tarefa. Faço o que faço simplesmente para garantir a segurança deste reino e da rainha. E melhor estripar um padre diante da multidão, em Tyburn, do que deixá-lo livre para converter 20 pessoas, que, com o tempo, poderiam se juntar a outras e se rebelar contra ela.

Curvei a cabeça, registrando sua fala. Ele não parecia esperar um debate. Sob a árvore maior e mais antiga do pomar fora construído um banco circular, encaixado ao redor do tronco. Walsingham fez sinal para que eu me sentasse a seu lado.

– Você é um homem que conhece, em primeira mão, as perseguições que Roma impõe a seus inimigos. Se Maria da Escócia conseguisse chegar ao trono, as ruas da Inglaterra se inundariam de sangue. Você me entende, Bruno? No entanto, essas conspirações para alçá-la ao trono são como as cabeças da Hidra: corta-se uma e surgem outras 10 em seu lugar. Executamos aquele jesuíta insurgente, Edmund Campion, em 1581, e agora há padres missionários zarpando para a Inglaterra às dezenas, inspirados no seu exemplo de martírio - disse ele, balançando a cabeça.

– Não invejo a tarefa de Vossa Excelência.

– Foi a tarefa que Deus me deu, e devo zelar pelos que me ajudam nela - retrucou Walsingham, com simplicidade. - Me diga, Bruno, o rei francês provê suas necessidades, afora suas acomodações na embaixada?

– Ele me apóia mais com sua boa opinião do que com dinheiro. Eu tinha esperança de complementar meu pequeno ordenado lecionando um pouco. Por essa razão, planejei visitar a famosa Universidade de Oxford, para ver se lá eles teriam alguma forma de me aproveitar.

– Oxford? E mesmo? - disse ele, com um lampejo de interesse nos olhos. - Ora, esse é um lugar atolado no lamaçal do papismo. As autoridades universitárias fingem que estão extirpando os que ainda praticam a antiga fé, mas, na verdade, metade dos acadêmicos mais antigos é composta de papistas secretos. O conde de Leicester, que é o presidente da universidade, faz intermináveis visitas de inspeção e ordena a instauração de inquéritos, mas todos fogem como aranhas para baixo das pedras, tão logo o conde acende uma luz sobre eles. E então, quando viramos as costas, eles continuam a encher a cabeça dos rapazes da Inglaterra com sua idolatria, justamente os rapazes que vão escolher o direito e a Igreja, assim como a vida pública. Nada menos que nossos futuros governo e clero sendo secretamente orientados para Roma, bem embaixo de nosso nariz. Sua Majestade

está furiosa, e eu disse a Leicester que essa questão precisa ser tratada com mais vigor.

Walsingham comprimiu os lábios, como se sugerisse que as coisas não seriam tão frouxas se ele estivesse no comando.

– Aquele lugar se tornou um santuário para os que negociam livros subversivos, e quase todos esses padres missionários que saem dos seminários franceses são homens de Oxford, você sabe - afirmou e, depois de um instante, moderou o tom. - Sim, você deve ir a Oxford. Na verdade, terei prazer em recomendá-lo, se quiser fazer uma visita. Há muitas coisas interessantes que poderia ver.

Ele fez uma pausa, como se contemplasse uma ideia, e então seus pensamentos pareceram se voltar rapidamente para outra questão:

– Quando você me disse que gostaria de servir a Sua Majestade do modo que ela julgasse conveniente utilizá-lo, foi um oferecimento sincero?

– Eu não faria tal oferecimento de brincadeira, Excelência.

– Sua Majestade tem recursos no Tesouro para os que quiserem se empregar sob minha autoridade, para ajudar a protegê-la, e o reino dela, dos inimigos. E a rainha também lhe mostraria sua gratidão por outros meios... Sei como o patrocínio e as nomeações podem ser importantes para vocês, escritores. Eis o que seria o maior serviço que você poderia lhe prestar, Bruno. Morando na embaixada francesa, você há de se inteirar de inúmeras conversas sigilosas, e qualquer coisa que ouça a respeito de conspirações contra Sua Majestade ou seu governo, qualquer coisa que diga respeito à rainha escocesa e a seus conspiradores franceses - nesse momento, Walsingham abriu inteiramente os braços -, cartas que você possa vislumbrar, qualquer coisa que lhe pareça ser de nosso interesse, por menor que seja, tudo isso seria de grande valor para nós.

O ministro me olhou, levantando as sobrancelhas numa indagação. Hesitei.



– Fico lisonjeado por Vossa Excelência demonstrar tamanha confiança...

– Você tem escrúpulos, é claro - interrompeu ele, impaciente. - E eu pensaria mal de qualquer homem que não os tivesse. Estou lhe pedindo que exiba uma imagem falsa a seus anfitriões, e o homem honesto *deve* refletir antes de assumir um papel desses. Mas lembre-se, Bruno, toda vez que sentir o terrível conflito entre a consciência moral e o dever, seu zelo deve sempre se voltar para o bem da maioria. Os inocentes entre eles não terão nada a temer.

– Não é exatamente isso, Excelência.

– Então, o que é? - indagou ele, com ar intrigado. - Philip Sidney me disse que você era tão inimigo de Roma que ficaria feliz em se unir à luta contra os que gostariam de trazer a Inquisição para estas paragens.

– Sou inimigo de Roma, Excelência, assim como me oponho a todos os que pretendem dizer aos homens em que acreditar, e que, mais tarde, os executam quando eles se atrevem a questionar a mais ínfima parte disso.

Fiquei calado por um instante, enquanto ele me fitava, os olhos estreitos.

– Aqui nós não castigamos os homens por suas convicções, Bruno. Certa vez, Sua Majestade declarou com eloquência que não desejava abrir janelas para a alma dos homens, e eu também não desejo isso. Neste país, não é aquilo em que um homem acredita que pode levá-lo à forca, e sim o que ele possa fazer em nome de suas convicções.

– O que ele *possa* fazer ou o que se possa provar que ele fez? - perguntei, em tom incisivo.

– Intenção é traição, Bruno - retrucou ele, impaciente. - Propaganda é traição. Nos tempos atuais, até a distribuição de livros proibidos é traição, porque quem age assim faz isso com a intenção de converter aqueles em cujas mãos os livros são colocados. E converter os súditos da rainha significa exercer influência sobre a lealdade deles,

deslocando-a da soberana para o papa, de tal modo que, se uma força católica viesse a nos invadir, eles ficariam do lado dos agressores.

Permanecemos em silêncio por um momento, e então ele pôs uma das mãos em meu braço:

- Aqui na Inglaterra, Bruno, um homem de idéias progressistas como você pode viver e escrever livremente, sem medo de punições. Foi por isso, presumo, que você veio para cá. Gostaria de ver a Inquisição voltar e ameaçar essa liberdade?
- Não, Excelência, não gostaria.
- Nesse caso, concorda em servir a Sua Majestade dessa maneira?

Fiz uma pausa e perguntei a mim mesmo de que modo minha resposta alteraria o meu destino.

- Eu a servirei com o melhor da minha capacidade - respondi.

Walsingham abriu um largo sorriso - captei o brilho de seus dentes à luz do crepúsculo - e apertou minha mão entre as suas, a pele seca e fina como papel.

- Fico extremamente feliz, Bruno. Sua Majestade recompensará sua lealdade, quando ela for comprovada - disse, seus olhos brilhando. Ao nosso redor, o jardim estava quase na escuridão, embora algumas réstias de luz dourada ainda roçassem as bordas das massas de nuvens violáceas por trás das árvores, e o ar havia esfriado, enquanto as plantas desprendiam doces fragrâncias na brisa noturna. - Venha, vamos entrar. Que anfitrião terrível eu sou! Você nem sequer tomou uma bebida!

Ele se levantou, com evidente rigidez na coluna e nos quadris, e começou a caminhar pela grama.

Um criado acendera uma série de lanterninhas de ambos os lados da trilha que cortava o jardim de desenhos formais, e assim, ao nos aproximarmos da casa, nosso caminho foi iluminado por duas fileiras de velas bruxuleantes. O efeito era encantador e, ao respirar fundo a brisa noturna, tornei a sentir uma sugestão de novas possibilidades, de um

futuro que eu poderia conquistar. Me pareceram muito distantes os longos dias de viagem pelas montanhas do norte da Itália, hospedado em albergues imundos de beira de estrada, infestados de ratos, nos quais eu me obrigava a permanecer acordado a noite inteira, com uma das mãos no punhal, por medo de ser assassinado por causa das poucas moedas que carregava. Eu estava ingressando no serviço secreto da rainha da Inglaterra. Era mais uma das guinadas inesperadas da minha vida, mas parte do grande mapa de minha estranha jornada pelo mundo, pensei.

Walsingham parou por um momento, pouco antes das lanternas, e se inclinou para mim:

– Vou providenciar para que você conheça meu assistente, Thomas Phelippes - disse. - Ele organiza a logística: inventa códigos, pontos de entrega de correspondência, essa parte dos trabalhos. É o homem mais qualificado da Inglaterra para decifrar códigos. Nem preciso dizer que você não deve revelar uma palavra do nosso encontro a ninguém, exceto Sidney - acrescentou, em voz baixa.

– Excelência, já fui padre um dia. Sei mentir tão bem quanto qualquer um.

Ele sorriu.

– Confio nisso. Você não teria conseguido despistar a Inquisição por tanto tempo sem ter algum talento para a simulação.

E foi assim que me tornei parte do que depois vim a saber ser uma vasta e complexa rede de informantes, que se estendia das colônias do Novo Mundo, a oeste, até as terras dos turcos, a leste, e todos regressávamos para Walsingham, estendendo a ele nossas pequenas oferendas de conhecimentos secretos, como a pomba que voltou para Noé com o raminho de oliveira.

Uma trovoadá repentina me arrancou das recordações e me levou de volta ao quarto em que eu estava, sentado junto a uma janela banhada de chuva, num palácio real, observando um pátio iluminado pelos relâmpagos que iluminaram as nuvens. Na Inglaterra, eu esperava levar

uma vida sossegada e escrever os livros que achava que abalariam os próprios alicerces da Europa, mas eu era ambicioso e essa era a minha maldição. Quando não se dispõe de recursos nem de posição social, a ambição torna o indivíduo dependente da proteção de homens mais poderosos - ou, nesse caso, mulheres. No dia seguinte eu veria a majestosa cidade universitária de Oxford, onde pretendia buscar duas pepitas de ouro: os segredos que Walsingham queria dos católicos oxfordianos e o livro que eu agora acreditava estar enterrado numa das bibliotecas daquela instituição.

## Oxford Maio de 1583

### Capítulo 2

PARTIMOS PARA OXFORD AO RAIAR da manhã seguinte, em cavalos que Sidney conseguira arranjar com o mordomo de Windsor - belas montarias, com requintadas selas de veludo carmesim e dourado, ornamentadas com acabamentos de bronze que tilintavam alegremente ao cavalgarmos -, porém sem dúvida éramos um grupo de feição mais grave do que aquele que partira pelo rio na véspera, em meio à música e a bandeirolas coloridas. A tempestade havia diminuído, mas a chuva ainda caía, o calor evaporara do ar e o céu parecia sucumbir sobre nós, cinzento e taciturno. Teria sido impossível viajar pelo rio sem quase nos afogarmos. O palatino estivera mais calado que o habitual durante o desjejum e sentara-se pressionando as têmporas com os dedos, emitindo um leve gemido de vez em quando - Sidney me contou em segredo que isso era a punição por uma noitada longa, regada a uma quantidade imensa de vinho do Porto -, e o meu humor, assim, melhorou muito. Sidney amanhecera alegre, pois seus lucros no carteado da véspera tinham aumentado continuamente, em proporção direta à embriaguez do palatino. No entanto, o mau tempo foi minando nosso bom humor e passamos a primeira parte da viagem em silêncio, rompido aqui e ali pelas observações dele sobre as condições da estrada, ou pelos arrotos insistentes do palatino.

De um lado e de outro, a densa paisagem verde permanecia inalterada, enlameada sob a chuva, e o único som audível era o baque surdo dos cascos no chão molhado. Sidney conduzia seu cavalo ao lado do meu, à frente do grupo, e deixou o palatino para trás, com a cabeça pendendo sobre o peito, ladeado pelos dois criados pessoais que o serviam e cujas

montarias carregavam os enormes cestos com as roupas e os ornamentos de Laski e Sidney. Eu levava apenas uma mala de couro, com uns livros e um par de mudas de roupa, presa a minha própria sela. Pelo meio da tarde, havíamos chegado à floresta de Shotover, nos arredores de Oxford. A manutenção da estrada era precária nos trechos em que ela atravessava a floresta, e tivemos que diminuir o passo para que os cavalos não tropeçassem nas poças e nos buracos.

– E então, Bruno - disse Sidney, mantendo a voz baixa, quando estávamos fora do alcance dos ouvidos do palatino e de seus criados me fale mais do seu livro, o que o trouxe de Paris até aqui.

– Nos últimos 100 anos, muitos acreditaram que ele estava perdido - respondi, baixinho -, porém nunca confiei nisso e encontrei por toda a Europa livreiros e colecionadores que narravam boatos e histórias parcialmente lembradas sobre seu possível paradeiro. No entanto, só quando fui morar em Paris é que descobri provas reais de que seria possível encontrá-lo.

Contei a Sidney que em Paris, no círculo de expatriados italianos que se reuniam na corte do rei Henrique, conheci um cavalheiro florentino idoso, chamado Pietro, que se gabava de ser sobrinho-bisneto do famoso livreiro e biógrafo Vespasiano da Bisticci, que fazia livros para Cosimo de Médici e era catalogador da biblioteca do Vaticano. Ao saber do meu interesse por obras raras e esotéricas, Pietro me contou uma história relatada por seu avô, sobrinho de Vespasiano, que tinha sido aprendiz do tio no negócio de manuscritos durante a década de 1460, nos últimos anos da vida de Cosimo. Vespasiano auxiliara Cosimo na compilação de sua magnífica biblioteca, fazendo mais de 200 livros encomendados por ele e fornecendo textos clássicos aos copistas. Dessa forma, o livreiro se tornara íntimo no círculo dos Médici e, em particular, amigo de Marsilio Ficino, o grande filósofo humanista e astrólogo que Cosimo nomeara diretor de sua academia florentina, além de tradutor oficial de Platão para os Médici. O avô de Pietro contou que, na época em que era um jovem aprendiz, em certa manhã de 1493 - um ano antes de Cosimo morrer

Ficino foi visitar Vespasiano em sua loja, claramente agitado e agarrado a um embrulho. Ficino já tinha começado a trabalhar nos manuscritos platônicos quando recebeu do patrono a ordem de abandoná-los e de voltar a atenção, com urgência, para os escritos herméticos trazidos da Macedônia, três anos antes, por um dos monges empregados por Cosimo para se aventurarem além-mar à procura de livros da biblioteca de Bizâncio. O que me resta especular é que talvez Cosimo soubesse que estava morrendo e quisesse ler Hermes mais do que Platão em seus últimos dias de vida. Seja como for, o que soube é que Ficino, pálido e trêmulo, informou a Vespasiano que tinha lido os 15 livros dos manuscritos herméticos e sabia que não podia executar aquela tarefa. Traduziria os 14 primeiros para Cosimo, porém o último manuscrito, em suas palavras, era por demais extraordinário, monumental, para ser vertido para a língua de homens sedentos de poder, pois revelava o maior segredo de Hermes Trimegisto - a sabedoria perdida dos egípcios, um segredo que poderia destruir a autoridade da Igreja cristã. Esse livro desvendaria o mistério da mente divina: ensinaria os homens a se igualarem a Deus.

Ficino levava consigo para a loja esse manuscrito grego devastador, cuidadosamente envolto num encerado. Lá, entregara-o a Vespasiano, pedindo que o guardasse em segurança até que os dois pudessem decidir o que fazer com o livro. Enquanto isso, Ficino diria a Cosimo que o 15º livro nunca fora trazido de Bizâncio com os manuscritos originais. Os demais livros foram devidamente traduzidos. Após a morte de Cosimo, no ano seguinte, Ficino e Vespasiano se encontraram para discutir o destino do 15º livro. Vespasiano viu nisso uma oportunidade de lucro e foi a favor de vendê-lo a uma das ricas bibliotecas monásticas, onde estudiosos experientes saberiam mantê-lo longe dos olhos de quem pudesse interpretá-lo equivocadamente ou abusar dos conhecimentos que ele continha. Ficino, por outro lado, que começara a lamentar seus escrúpulos anteriores, perguntou se afinal não seria melhor traduzir o livro, revelando todos os seus segredos, em primeiro lugar, aos ilustres

pensadores da Academia de Florença, para melhor debater o impacto do que era, de fato, a mais blasfema filosofia herética já enunciada na Itália.

– E quem venceu? - perguntou Sidney, se esquecendo de manter a voz baixa, com os olhos brilhando atrás do véu de água da chuva que escorria de seu chapéu.

– Nenhum dos dois - respondi, curto e grosso. - Quando foram buscar o manuscrito no arquivo, descobriram que o livro fora vendido por engano, alguns meses antes, num lote de outros manuscritos gregos encomendados por um colecionador inglês.

– Quem? - indagou Sidney.

– Não sei. Nem Vespasiano soube - disse e baixei os olhos, enquanto seguíamos num silêncio contemplativo.

Pietro contou que seu avô não soubera de outros detalhes, apenas que um colecionador inglês, de passagem por Florença, tinha levado o manuscrito, e que Vespasiano jamais conseguiu encontrá-lo, apesar de o haver procurado por meio de todos os seus contatos na Europa, até o fim de sua longa vida. Eu dispunha de pouquíssimas informações. Vários colecionadores ingleses viajaram pela Itália no século passado, e não havia como saber se o homem que acidentalmente adquirira aquele livro o vendeu ou simplesmente o deixou largado num canto de biblioteca, apanhando poeira, sem se dar conta da sorte que lhe caíra nas mãos.



– Então, por que você acredita que ele está em Oxford? - perguntou Sidney, depois de algum tempo.

– Por eliminação. Os colecionadores ingleses que viajavam pela Europa no século passado deviam ser homens instruídos, provavelmente ricos, e sei também que é costume dos fidalgos ingleses deixarem livros de herança para suas universidades, pois poucos podem arcar com o custo de manter coleções privadas. Se o livro de Hermes veio parar na Inglaterra, é bem possível que tenha sido levado para Oxford ou Cambridge. Tudo o que posso fazer é averiguar.

– E se você o encontrar...? - começou Sidney, mas foi interrompido por seu cavalo, que de repente saiu de banda, assustado, soltando um relincho agudo. Duas figuras tinham surgido sem aviso prévio no meio da estrada. Paramos bruscamente e por pouco o palatino e seus criados não se chocaram conosco por trás. Então baixamos os olhos para duas crianças esfarrapadas, uma menina de uns 10 anos e um garoto menor, ambos descalços na lama. A face direita da menina tinha uma mancha roxa. Ela estendeu a mãozinha, com a palma para cima, e se dirigiu a Sidney com voz suplicante, embora seu olhar fosse de pura insolência.

– Uma esmola, senhor, para dois pobres órfãos?

Sidney balançou a cabeça em silêncio, como que entristecido com a situação do mundo, mas ao mesmo tempo estendeu a mão para a bolsa presa ao cinto e já ia tirando uma moeda para a menina quando um grito agudo ecoou às nossas costas. Virei para trás bem a tempo de ver um dos criados do palatino ser arrastado de seu cavalo por um homem corpulento, que, com outros três, emergira em silêncio das sombras das árvores de ambos os lados. O palatino soltou um gritinho, mas recuperou o controle com rapidez admirável, esporeou o cavalo para fazê-lo partir num galope, passou entre Sidney e eu, nos acertando, e quase atropelou as crianças, que se jogaram entre os arbustos rasteiros bem a tempo de vê-lo desaparecer na curva da estrada. Tirando do cinto o punhal que

Paolo me dera, saltei do cavalo e me atirei nas costas de um dos salteadores, que balançava um grosso bordão de madeira diante do segundo criado, para derrubá-lo da sela. Sidney demorou um instante para reagir, depois apeou e desembainhou a espada, indo na direção dos homens que tentavam cortar as correias que prendiam os fardos aos cavalos.

O homem que eu havia atacado soltou um rugido e investiu contra mim. Então agarrei seu braço e desviei o golpe, e com isso o criado pôde instigar o cavalo a avançar e fugir do perigo. Outro deles correu para mim com uma faca rudimentar, que raspou em minha perna quando tentei afastá-lo com um pontapé. Enfurecido, me agachei no chão e o ataquei com o punhal. Um movimento captado pelo canto do olho desviou minha atenção, e consegui girar o corpo bem a tempo de ver o grandalhão levantar o porrete para me acertar. Cravei a lâmina na parte carnuda inferior do seu braço levantado e ele soltou um uivo de dor, deixando o braço despencar, enquanto apertava o ferimento com a outra mão. Aproveitei sua distração para cravar o punhal outra vez, agora na mão que segurava o porrete, o qual caiu no chão com um baque surdo. Eu me virei para enfrentar seu amigo, que ainda apontava a faca enferrujada na minha direção, porém não tão confiante. Gritando palavras em italiano, simulei uma investida contra ele, que, confuso, escorregou num sulco da estrada e caiu, ainda erguendo a faca para mim. Dei um forte pontapé na barriga do homem, que gemia recurvando o corpo, depois montei em cima dele e encostei o punhal em seu rosto.

– Largue a faca e trate de voltar para o lugar de onde veio, antes que eu mude de ideia - ordenei num sibilo.

Sem dizer nada, ele se levantou aos tropeços, tornou a escorregar, na pressa, e sumiu por entre as árvores, enquanto um grito horripilante cortava o ar. Vi um dos homens com quem Sidney lutava cair lentamente de joelhos, enquanto meu amigo retirava a lâmina da lateral de seu tronco. Horrorizado, o salteador que sobrara olhou por um momento para o corpo do amigo, desabado na lama, e partiu aos trancos e

barrancos para os arbustos, tão depressa quanto possível. Sidney limpou a espada no capim molhado à beira da estrada e a embainhou, ofegante.

– Ele está morto?

Sidney deu uma olhada indiferente para trás.

– Ele vai sobreviver - respondeu, comprimindo os lábios. - Mas vai pensar duas vezes antes de aplicar esse golpe novamente. Esta estrada é conhecida pelos ataques de bandidos, deveríamos ter vindo mais preparados. Você se saiu bem, Bruno - acrescentou, me olhando com admiração. - Nada mal para um homem de Deus.

– Não tenho certeza de que Deus ainda me considere assim. Mas não passei três anos fugindo pela Itália sem aprender a me defender - retruquei, limpando a lâmina de Paolo no capim molhado, agradecendo em silêncio a meu velho amigo por sua providência. Não era a primeira vez que seu punhal me salvava do perigo.

Sidney balançou a cabeça, pensativo.

– Agora me lembro... quando estávamos em Pádua, você mencionou ter tido problemas por causa de uma briga em Roma - comentou e me olhou com ar de expectativa, um meio sorriso pairando nos lábios.

Não respondi de imediato, girando o punhal na mão enquanto a chuva continuava a escorrer pelo meu pescoço, penetrando pelo colarinho. Aquele tinha sido um dos momentos mais sombrios do meu passado de fugitivo, que eu preferia enterrar. Na Inglaterra, queria ser conhecido como o eminente filósofo vindo da corte parisiense, não como o homem que vivera na clandestinidade, perseguido por toda a Itália por suspeita de heresia e assassinato.

– Em Roma, uma pessoa me delatou à Inquisição por dinheiro. Mas eu já tinha fugido da cidade quando seu corpo foi encontrado flutuando no Tibre - expliquei, baixinho.

Sidney deu um sorriso matreiro.

– E você o matou?

– Pelo que eu soube, o homem era um brigão notório. Eu sou filósofo, Philip, não um assassino - respondi, embainhando o punhal na cinta.

– Você não é um filósofo típico, Bruno, isso é certo. Bem, descobrirei mais coisas sobre essa história depois. Agora, acho que é melhor encontrarmos o polonês - disse, abafando um suspiro.

O criado que eu salvara ainda estava montado, um pouco adiante de nós, segurando com dificuldade as rédeas de nossos dois cavalos, que batiam os cascos e bufavam, revirando os olhos de susto. O outro criado levava uma pancada feia na cabeça, na primeira investida dos salteadores, e precisou de ajuda para subir de novo na sela, onde desabou para a frente e se agarrou ao pescoço do animal, com o olhar perdido. Por sorte, nós os havíamos afugentado antes que eles cortassem as correias que amarravam os cestos aos cavalos, mas um pendia precariamente da sela e teve de ser reamarrado para que pudéssemos prosseguir. Achamos o palatino encolhido embaixo de uma árvore, depois da primeira curva. Sidney resmungou um pedido de desculpas pela interrupção brutal, embora eu não conseguisse deixar de pensar que era o polonês quem devia se desculpar pela covardia.

Seguimos adiante, machucados e desgrenhados. Apesar de o corte em minha coxa ser superficial, ardia quando o tecido molhado de meus calções roçava nele. Fiquei mais profundamente abalado pelo ataque do que deixei Sidney perceber. Embora fosse verdade que minha agitada trajetória de fugitivo havia me ensinado a manter o sangue-frio numa luta, eu passara o ano anterior levando uma vida folgada na corte do rei Henrique, e minhas reações me pareceram lentas e destreinadas. A água continuou a rolar implacavelmente pelos meus olhos e pescoço e, mesmo ao chegarmos ao topo do monte Shotover - que, segundo Sidney, deveria nos proporcionar uma vista magnífica de Oxford a cortina de chuva praticamente impedia a visão da cidade.

Descemos até a ponte que cruzava o rio junto ao Colégio Santa Maria Madalena e vimos ali uma pequena aglomeração. Ao nos aproximarmos, Sidney informou tratar-se de uma delegação de dignitários da universidade e conselheiros municipais, aguardando para nos recepcionar. Naquela manhã um cavaleiro tinha partido de Windsor para avisar aos que se preparavam para a visita do palatino que não chegaríamos pelo rio. Porém eram tantos os trechos da estrada que tinham ficado inundados que nosso avanço fora lento, e o pobre grupo que iria nos receber parecia estar esperando havia algum tempo, sob a chuva, que agora pingava de seus chapéus de veludo e das mangas de suas togas pretas e escarlate.

O reitor da universidade deu um passo à frente e se apresentou, fazendo uma longa reverência e beijando primeiro a mão repleta de anéis do palatino, depois a de Sidney. Notei que seus olhos se arregalaram diante de nossa aparência machucada e desgrenhada, mas ele teve a gentileza de não mencionar o assunto. Explicou que os dois ficariam hospedados no Christ Church College, o mais grandioso de todos os colégios de Oxford, do qual a própria rainha se encarregava especialmente. Sidney se formara lá, portanto era natural que retornasse ao local. Eu seria alojado separadamente. Nesse momento, um homem meio calvo, de rosto redondo, deu um passo à frente e me estendeu a mão, à maneira inglesa, enquanto tentava estoicamente ignorar a água que escorria do alto de seu chapéu.

- Dr. Bruno, sou John Underhill, diretor do Colégio Lincoln. O senhor é muito bem-vindo em Oxford. Espero que nos conceda a honra de aceitar a hospitalidade de nossa escola.
- Será um prazer, fico muito agradecido.
- O senhor e eu seremos rivais no debate de amanhã à noite no salão da Escola de Teologia, mas, até lá, espero que possamos nos considerar amigos - disse ele, risonho, embora o sorriso logo tenha morrido em seus lábios.

Então esse seria o meu adversário aristotélico. Tinha um ar agitado e havia algo de frágil na sua manifestação de hospitalidade, mas eu estava decidido a causar boa impressão em Oxford, por isso abri um largo sorriso e apertei a mão que ele me estendia.

– Também espero que sim, senhor diretor.

Entramos na cidade pelo portão leste, uma pequena abertura nos muros altos que cercavam o corpo principal da cidade. Ao passarmos sob suas ameias, um conjunto de músicos começou a tocar, o som de seus instrumentos se erguendo bravamente em meio ao barulho da chuva e do vento. O palatino desfez a expressão carregada apenas o suficiente para acenar sem entusiasmo, enquanto nosso grupo avançou pela High Street, passando por fileiras de casinhas com estrutura de madeira aparente, que foram dando lugar, ao nos aproximarmos do centro, às fachadas de pedra amarelada de uma ou outra das escolas superiores. Grupos de alunos de todas as séries, vestidos com seus trajes formais e tiritando de frio, se amontoavam sob os beirais das portas dos colégios para nos cumprimentar, ladeados por doutores e membros do Conselho Municipal. Por fim, paramos junto a uma rua estreita que dobrava para o norte, onde fui informado de que dali seguiria com o diretor. Depois de descer do cavalo e deixá-lo aos cuidados de um jovem cavaliço, a fim de que o animal fosse levado à estrebaria particular do diretor, fui até Sidney, que estendeu a mão para apertar a minha.

– Vejo você amanhã, no seu momento de glória, Bruno - disse ele, risonho. - Não deixe nada desviá-lo do rumo, mas reserve um pensamento caridoso para mim no jantar - disse ele e acenou com a cabeça na direção do palatino, que reclamava em voz alta com um dos funcionários da universidade sobre o estado avançado dos ferimentos que a sela lhe causara.

Eu não lamentava que o palatino não fosse mais me fazer companhia, embora estivesse desapontado por me separar de Sidney. Nessa noite, porém, eu só queria me recolher cedo e me preparar para o debate público, e sabia que não estaria com grande disposição para o convívio social. Encerrado o debate e tendo tido o melhor desempenho possível,

eu conseguiria relaxar e desfrutar a atmosfera agradável do refeitório do colégio, bem como voltar a atenção para minhas outras missões.

O diretor parou à entrada de uma ruela estreita, com a toga encharcada, mas sorrindo de maneira determinada. Levantei o capuz enquanto avançávamos por entre os prédios, até a parede à nossa esquerda se elevar numa torre retangular baixa, da mesma pedra cor de manteiga. O diretor abriu uma porta estreita, da altura de um homem, recortada na madeira maciça do portão arqueado e alto, e a segurou para que eu a atravessasse, seguido pelo criado que levava minha mala.

– Receio que aqui eu deva pedir que me entregue seu punhal, Dr. Bruno - disse ele, como se estivesse se desculpando, baixando os olhos para a bainha na lateral da minha cinta. - Uma das primeiras leis de Oxford é que nenhum homem tem permissão para portar armas na área da universidade. Devemos cuidar de nossos rapazes, assim como de sua mente e sua alma. Não se preocupe, iremos guardá-lo em segurança para o senhor - acrescentou, com uma risada sem jeito, enquanto eu desatava o punhal com relutância e o entregava.

Passei pelo diretor e cruzei um arco que levava, por baixo da torre, a um pátio quadrangular bem cuidado. Presumi que o prédio sobre contrafortes, imediatamente em frente à torre do portão fortificado, era o refeitório do colégio, a julgar por suas altas janelas maineladas e pela chaminé em forma de lanternim no centro do telhado. Ali a hera crescia sobre a construção em pedra, embora não nos prédios à minha direita e à esquerda. Nos cantos de cada prédio do quadrilátero um arco levava a uma passagem estreita. O diretor apareceu a meu lado e tirou o chapéu empapado, deslizando a mão pela calva brilhosa.

– Perdoe a minha aparência, Dr. Bruno. Esta súbita volta ao inverno pegou todos de surpresa, justamente quando pensávamos que o verão estava a caminho. Mas isso é o que se deve esperar na Inglaterra, receio. O senhor certamente sente saudade dos céus azuis da sua terra natal.

– Às vezes, mas devo dizer que o clima do norte da Europa parece adequado ao meu temperamento - respondi.

– Ah. Então o senhor é de temperamento melancólico?

– Como todos nós, caro diretor, sou uma mescla de elementos contraditórios. Partes iguais de terra e fogo, melancolia e cólera. Penso que o calor e os céus azuis agitam o sangue, não lhe parece? Acho mais fácil escrever quando não sou tentado por outros interesses.

Underhill balançou a cabeça, com ar de dúvida. Tinha a expressão de um homem cujo sangue não se agitava fazia muitos anos.



– Tem razão, é difícil fazer os alunos estudarem nos meses de verão. Bem, providenciei um quarto na ala sul, onde o senhor ficará junto a minha residência - disse ele acenando com a mão para as janelas salientes ao lado do refeitório. - E bem em frente, do outro lado do pátio, o senhor encontrará nossa belíssima biblioteca, a qual deve sentir-se à vontade para utilizar quando quiser.

– Os senhores têm muitos livros? - indaguei, sacudindo a água da capa.

– Alguns dos melhores de qualquer colégio - respondeu ele, inflando-se de um orgulho que julguei perdoável, já que era em nome de seus manuscritos. - São principalmente obras de teologia escolástica, mas o decano Flemmyng, sobrinho do nosso fundador, deixou de herança uma coleção notável de textos literários e clássicos, muitos dos quais havia copiado de próprio punho. Ele estudou na Itália, como o senhor deve saber, e trouxe muitos manuscritos dos quatro cantos da Europa, no fim do século passado.

– E mesmo? Eu gostaria muito de ver sua coleção - comentei, sentindo a pulsação acelerar. - O senhor sabe se o decano Flemmyng visitou Florença durante suas viagens? Por volta da década de 1460?

O diretor fez um pequeno gesto pretensioso com os ombros e respondeu:

– Decerto que sim: vários livros da nossa coleção trazem a inscrição do grande livreiro florentino Vespasiano da Basticci, que era fornecedor de Cosimo de Médici, como o senhor certamente sabe. Esse período lhe interessa particularmente?

Respirei fundo, procurando manter uma expressão neutra, e cruzei as mãos para que o tremor delas não deixasse minha empolgação transparecer.

– Sabe, todo estudioso italiano tem que ser fascinado pela biblioteca de Cosimo... Naquela época, ele mandava emissários viajarem por toda a Europa e pelo Império Bizantino em busca de textos desconhecidos, a fim de aumentar sua coleção. Certa vez conheci um descendente de Vespasiano em Paris - acrescentei, em tom

descontraído. - Estou bastante interessado em saber quais desses raros tesouros o decano Flemmyng trouxe consigo para Oxford, se possível. Seria minha imaginação ou o diretor pareceria levemente constrangido?

- Bem, o senhor deve pedir ao professor Godwyn, nosso bibliotecário, que lhe mostre a coleção. Tenho certeza de que ele ficará encantado em compartilhar seus conhecimentos. Mas, por ora, o senhor deve estar ansioso por trocar de roupa e jantar. E, se quiser se barbear primeiro - nesse instante, Underhill lançou um olhar crítico ao meu cabelo e à minha barba há um barbeiro no colégio. O porteiro lhe informará onde encontrá-lo. Em geral, os docentes mais antigos e eu comemos no refeitório com os estudantes, mas é um local barulhento e, na sua primeira noite em Oxford, me pareceu que o senhor iria preferir algo mais tranquilo. Assim, gostaria de convidá-lo a se reunir com minha família e alguns membros seletos para jantar em meus aposentos, que o senhor pode ver ali, ao lado do refeitório adjacente à ala sul.

- Sua família? - indaguei, surpreso. - Então, o senhor não é solteiro?  
- Já não somos uma comunidade de clérigos aqui em Oxford, Dr. Bruno - disse ele, com uma risada discreta. - Os padres da Igreja Anglicana podem se casar... aliás, Sua Majestade decididamente os incentiva a se unir por matrimônio, para melhor se distinguirem dos adeptos da fé romana. E o mesmo vale para os diretores de nossos colégios, embora eu admita que ainda somos uma minoria muito pequena. Desconfio de que esta não seja uma vida que atraia muitas esposas, pois a sociedade universitária é um tanto limitada para as senhoras, mas minha querida Margaret é uma mulher rara e afirma ter sido bastante feliz aqui nos últimos seis anos, exceto... - Underhill se interrompeu, e foi como se uma nuvem cobrisse seu rosto, antes de recomeçar em tom mais leve. - De acordo com as normas, ela não faz as refeições conosco no refeitório, por isso sempre fica encantada quando pode receber convidados em nossos aposentos. Agora vou avisá-la de que o senhor chegou e chamarei

um criado para levá-lo a seu quarto. Dentro de uma hora, faça a gentileza de ir até lá... é só passar por aquela arcada à direita, ao lado do refeitório, e o senhor verá uma porta de madeira que dá para a passagem.

Tínhamos saído da proteção oferecida pelo arco do portão fortificado para nos aventurarmos a atravessar o pátio quadrangular na chuva, quando fomos interrompidos por um chamado urgente:

– Diretor! Diretor Underhill... espere, eu lhe peço!

Do lado norte do pátio uma figura vinha correndo na nossa direção, a beca preta esfarrapada balançando ao vento às suas costas. Segurava um papel que agitava como se houvesse uma emergência iminente. Notei que o rosto do diretor ficou tenso de aborrecimento por um instante. O rapaz parou diante de nós com um escorregão nas pedras molhadas, e percebi que devia ter uns 20 anos e estava muito malvestido, com a camisa e os calções remendados e os sapatos gastos, furados no dedão. Ele nos olhou com uma expressão de grande angústia e disse, ofegante:

– Diretor Underhill, é esse o seu prezado visitante que chegou da corte? Eu lhe imploro, me dê permissão para falar com ele.

– Thomas - retrucou o diretor, com ar extremamente irritado -, esta não é a hora nem o lugar. Tenha a bondade de demonstrar algum decoro perante nosso convidado.

Para minha surpresa, o rapaz se voltou para mim, prostrou-se de joelhos ali mesmo, no chão molhado, e segurou a barra da minha capa com uma das mãos, enquanto usava a outra para enfiar o pedaço de papel na minha mão.

– Milorde, eu suplico ao senhor, tenha piedade de alguém a quem Deus esqueceu. Dê esta carta a seu tio, eu lhe imploro, e peça que perdoe meu pobre pai e permita que ele retorne, por favor, milorde. Se o senhor tem alguma compaixão cristã, me conceda essa graça e leve esta solicitação ao conde. Diga a ele que Edmund Allen se arrepende de seus pecados.

Havia um desvario em seus olhos, e sua visível aflição me comoveu. Adivinhando seu equívoco, pus a mão delicadamente em sua cabeça:

– Filho, muito me alegraria ajudá-lo, mas meu tio era pedreiro em Nápoles. Não imagino que ele lhe fosse de grande serventia. Venha - disse eu, segurando-o pela mão e o ajudando a se pôr de pé.

– Mas... - o rapaz se assustou com meu sotaque, seu rosto enrubesceu violentamente e ele me olhou numa confusão angustiante, ao se dar conta de seu erro. - Oh, queira me desculpar, milorde. O senhor não é Sir Philip Sidney?

– Infelizmente, não, embora fique lisonjeado de que você tenha nos confundido: ele é um palmo mais alto e uns seis anos mais moço que eu. Mas é bem provável que eu esteja com ele amanhã... Há algum recado que eu deva lhe transmitir?

– Obrigado, Dr. Bruno, é muito gentil da sua parte, mas não será necessário, isso não passa de uma intromissão impertinente - interrompeu o diretor, de forma brusca. Depois, se dirigiu ao rapaz, mal reprimindo a raiva. - Thomas Allen, cuidado com seus modos. Não vou permitir que você agrida os hóspedes do colégio. Será preciso discipliná-lo de novo? Não se esqueça de como é frágil a sua situação aqui. Volte aos estudos, Sr. Allen, ou então com certeza deve haver alguma das suas tarefas de criado para executar. Não torne a importunar o Dr. Bruno durante a estada dele. Compreende o que eu digo?

O rapaz assentiu, com um ar infeliz, erguendo rapidamente os olhos para ver se eu concordava com as duras palavras do diretor. Procurei transmitir minha solidariedade pela expressão de meu rosto.

– E cuide da sua roupa, rapaz - gritou o diretor quando ele se afastava lentamente, derrotado. - Você envergonha o colégio com essa sua aparência de mendigo.

O jovem se virou para trás, juntando as raspas de dignidade que lhe restavam, e disse, com a cabeça erguida:

– Não posso comprar roupas novas, diretor Underhill, e o senhor bem sabe por quê. Por isso não peça que eu me desculpe pelo que não é culpa minha. - E desapareceu numa das escadarias da ala oeste.

Underhill o fitou por um momento, talvez envergonhado de sua própria severidade.

– Pobre rapaz - acabou comentando, enquanto balançava a cabeça.

– Por que pobre? Quem é ele? - indaguei, curioso.

– Vamos até aquela escadaria. Não vai lhe fazer bem se o senhor se encharcar outra vez - disse ele, fazendo sinal para a arcada mais distante, na ala sul. Nós nos protegemos sob sua sombra, fora da chuva. - É uma história triste. Aquele menino sofreu muito para alguém tão jovem. Lamento que o senhor tenha sido importunado por ele.

Balancei a cabeça. Estava intrigado com as palavras do rapaz.

– O nome dele é Thomas Allen. O pai, Dr. Edmund Allen, era doutor em teologia aqui em Oxford e foi subdiretor do colégio, no ano passado.

– Todos os professores têm permissão para morar com a família? - perguntei, surpreso.

– Nem todos, apenas os diretores dos colégios. Ao se casar, Edmund se mudou daqui e foi morar numa das igrejas de Londres. Só regressou a Oxford após a morte da esposa, e Thomas, ainda pequeno demais naquela época para se matricular, foi morar com uma família na cidade. - Underhill tornou a menear a cabeça, numa demonstração de tristeza reverente. - Edmund Allen era um bom homem, nomeado pelo próprio conde de Leicester, como eu mesmo fui, sabe?

– Os cargos diretivos não são concedidos mediante uma eleição pelo corpo docente? - perguntei, fingindo inocência.

– Em circunstâncias normais, sim - respondeu ele, parecendo meio envergonhado. - Mas havia muitos papistas ferrenhos ocupando

cargos elevados aqui, alguns nomeados pela própria rainha Maria e ainda impenitentes. Assim, no intuito de eliminá-los, o conde começou a nomear seus próprios homens, a fim de assegurar fidelidade à Igreja Anglicana, até que o cancro do papismo pudesse ser inteiramente expurgado. Eu tinha sido capelão pessoal dele antes de ocupar meu cargo aqui - acrescentou, com um sorriso, sem conseguir resistir a uns passinhos envaidecidos de orgulho.

– E essa era uma escolha popular entre os membros mais antigos da universidade?

– Não, já que o senhor pergunta. Mas todos temos que depender de proteção, de um modo ou de outro - respondeu ele, meio exasperado. - Edmund Allen também foi nomeado pelo conde, por recomendação minha. Havíamos estudado juntos aqui. Portanto, o senhor pode imaginar nossa aflição quando se descobriu, no ano passado, que também ele vinha praticando em segredo a antiga religião. Nem tão secretamente, aliás, pois se descobriu que ele estava de posse de livros proibidos e que, já fazia algum tempo, se correspondia com os seminários católicos na França.

– E isso é crime?

– Se tivesse sido possível provar que ele estava ciente da chegada sigilosa de padres missionários provenientes da França, ou que havia ajudado nisso, o destino dele teria sido o cadafalso. Mas não houve provas contra Allen a esse respeito, apenas boatos, e não se conseguiu obter uma confissão dele no interrogatório.

– Ele foi punido?

– O interrogatório foi rigoroso, mas a punição que ele recebeu foi leve, dadas as circunstâncias - disse o diretor, contraindo os lábios. - O conde ficou indignado, como o senhor pode imaginar... Allen perdeu imediatamente o direito de lecionar, mas o conde é clemente e lhe ofereceu um salvo-conduto para deixar o país, sem possibilidade de regresso, sob pena de prisão. Ele foi para a França e fixou residência no Colégio Inglês, em Reims.

– Em Reims? Já ouvi falar. Foi fundado por um certo William Allen,

não foi?

– Sim, um primo dele. Eles são de uma das mais antigas famílias católicas da região. Mas o filho de Edmund Allen, Thomas, que o senhor teve a infelicidade de conhecer há pouco, na época estava cursando o primeiro ano da graduação aqui. Ele não acompanhou o pai no exílio, pois quis concluir os estudos, embora muitos no colégio achassem que devia ser expulso, pela desonra do pai.

– Seria muito severo castigar um filho pelas convicções do pai. O rapaz as compartilha?

– Nunca se sabe. Todo aluno tem que prestar o juramento de Supremacia, mediante o qual reconhece Sua Majestade como a dirigente de todas as autoridades religiosas do reino, mas o senhor sabe tão bem quanto eu que um homem é capaz de assinar um papel e trazer algo diferente no coração. Thomas foi duramente questionado a respeito de suas doutrinas. - O diretor fez um aceno significativo com a cabeça.

– Ele foi torturado? - indaguei, estarecido.

Underhill me encarou com horror.

– Santo Deus, não! O senhor acha que somos bárbaros, Dr. Bruno? Foi um simples interrogatório, embora não tenha sido nada agradável, admito. Ele foi severamente indagado sobre questões teológicas que até um doutor em teologia teria dificuldade de contestar, e suas respostas foram minuciosamente examinadas sob todos os aspectos. Mas a expulsão do seu pai fora tão notória que as autoridades do colégio precisavam ser absolutamente escrupulosas com o filho. Não podíamos ser acusados de fechar os olhos para um papista conhecido em nosso meio.

– Presumo que ele tenha sido aprovado no teste, a julgar por sua permanência aqui.

– Acabou se decidindo que ele poderia ficar, mas por conta própria. Sua bolsa de estudos foi cancelada.

– A família tinha recursos?

Underhill fez que não com a cabeça.

– Não sobrou quase nada, depois que Edmund pagou as multas por sua desobediência religiosa. O jovem Thomas tem feito o que muitos estudantes pobres da universidade são obrigados a fazer: custeia a moradia e a alimentação servindo de criado para um dos plebeus ricos, os filhos da alta burguesia e da pequena aristocracia que pagam para estudar aqui. - A contração desdenhosa de seus lábios deu a entender sua opinião sobre essas pessoas.

– Quer dizer que, num momento, esse Thomas era um aluno bolsista, filho do subdiretor, e no seguinte passou a viver de migalhas, como criado de seus colegas. É um duro revés para qualquer homem, em especial alguém tão moço - comentei em tom sincero.

– Assim é a vida - retrucou Underhill, com ar pomposo. - Mas dizem que ele é um jovem inteligente e sempre bem-humorado. Poderia se sair bem. Agora está como o senhor o viu. Escreve petições infundáveis para que Leicester perdoe seu pai e as empurra por baixo da porta da minha casa e do meu gabinete particular. Eu já lhe disse que fiz tudo o que podia no que se refere ao conde, mas ele se mostra cada vez mais decidido. A coisa se tornou uma obsessão, e chego quase a temer que ele perca a cabeça por isso. Realmente sinto pena dele, Dr. Bruno. O senhor não deve me tomar por um homem desalmado. Houve até uma época em que o considerei um bom pretendente para minha própria filha. O pai queria que ele fizesse carreira em direito e suas perspectivas pareciam boas. Nossas famílias eram amigas e Thomas certamente se mostrava muito enamorado de Sophia.

Pensei com meus botões se ter uma filha em idade de casar, naquele claustro de homens jovens, seria o motivo da expressão meio atormentada que perturbava permanentemente o rosto do diretor.

– Sua filha estava interessada?

Underhill torceu o nariz.



– Ah, ela sempre foi problemática nessa questão de casamento. As moças têm ideias tolas sobre o amor... Eu não devia tê-la deixado ler poesia com tanta liberdade.

– Então, ela é instruída?

Ele fez que sim, com um ar distraído, como se estivesse com a cabeça em outro lugar.

– A diferença de idade entre meus filhos era muito pequena, mal passava de um ano, e me pareceu injusto que o garoto tivesse aulas e ela ficasse restrita às lições de costura. Além disso, o pequeno John sempre teve dificuldade de manter a cabeça nos livros. Achei que faria bem a ele ter que competir com a irmã, porque Sophia sempre foi a mais arguta dos dois, e meu filho detestava ser superado por ela. Nesse ponto eu acertei. No entanto, parece que a estraguei para o casamento... Não há nada que lhe agrade mais do que ficar circulando pela biblioteca, debatendo com os estudantes, sempre que tem oportunidade. Ela tem opiniões arrojadas demais, o que está longe de ser de bom-tom numa jovem e é um traço que nenhum cavalheiro quer numa esposa. De modo que tudo aquilo não serviu para nada.

Nesse momento, Underhill virou o rosto e, com um grande suspiro, fitou um ponto do outro lado do pátio.

– Por que para nada? Seu filho não continuou os estudos?

O rosto dele se crispou, como que tomado por uma súbita dor física, e ele respondeu, com certo esforço:

- Meu pobre John morreu há uns quatro anos, que Deus o tenha... numa queda de cavalo. Ele completaria 21 anos neste verão. Tinha a mesma idade que Thomas Allen.
- Lamento muito por sua perda.
- Quanto a Sophia - apressou-se a continuar o diretor -, ela gostava de Thomas e o considerava um amigo, mas, ultimamente, não me pareceu apropriado eles se relacionarem, dada a reputação da família do rapaz. As perspectivas dele diminuíram muito, é claro.
- Mais uma perda para o rapaz, depois de tantas outras.
- Sim, é uma pena - concordou o diretor, sem grande simpatia. - Mas vamos, não devemos ficar aqui trocando mexericos como duas comadres. O criado irá conduzi-lo a seu quarto, onde acredito que haverá um bom fogo aceso para secar suas roupas. Santo Deus, esse vento esfriou. Mais parece novembro do que maio. Espero vê-lo no jantar.

Ele apertou minha mão e me virei para seguir o criado pela sombria escada de madeira que levava ao meu quarto.

- Dr. Bruno - chamou o diretor, quando eu estava quase fora do seu campo visual. Eu me inclinei para trás e vi seu rosto me olhando com ansiedade. - Por favor, por caridade, peço que não faça nenhuma referência a Thomas Allen nem ao que lhe contei do meu pobre John no jantar. Minha senhora e minha filha ficam muito aflitas com esses dois assuntos.
- Não se preocupe com isso - respondi, intrigado com a ideia de que dali a pouco iria conhecer essa filha cheia de opiniões.

A perspectiva da companhia de uma jovem inteligente tornou a ideia do jantar com o diretor consideravelmente mais atraente do que me parecera até então.

## Capítulo 3

PARA O JANTAR, COLOQUEI uma camisa limpa e um conjunto preto simples de sobreveste e calções e parei por um instante para me examinar no espelho cheio de manchas que haviam deixado sobre o console da lareira. Era verdade que meu cabelo e a barba estavam compridos demais, e o mau tempo os deixara mais rebeldes que de hábito, embora eu tivesse decidido muito tempo antes, na corte parisiense, que não tinha tempo nem vaidade para competir com os cavalheiros da moda em matéria de vestuário. Mas, aos 35 anos, pensei, eu ainda sabia me tornar apresentável. Meu reflexo me fitou através de um par de olhos grandes e escuros, unidos pela sombra. A luta que travamos na estrada me deixara um arranhão numa das faces, mas talvez uma jovem confinada num claustro universitário achasse aquilo intrigante. Eu sabia que as mulheres julgavam minha aparência suficientemente agradável, apesar de eu não ser um bom partido para um relacionamento sério, por não possuir bens nem títulos, apenas um nome de reputação um tanto duvidosa. Eu tinha aproveitado ao máximo as oportunidades que surgiram para mim em Paris, mas, desde a morte de Morgana, não conhecera nenhuma mulher de igual inteligência e espirituosidade, que me cativasse tanto o coração quanto o olhar. A filha do diretor, porém, parecia intrigante, e devo confessar que a perspectiva de conhecê-la instigara meu interesse, mesmo sabendo que dificilmente eu poderia me dar ao luxo de ter distrações em Oxford, diante de tantas coisas em jogo e tão poucos dias. Sorri para meu reflexo no espelho, passei as mãos no cabelo e balancei a cabeça por um momento, pensando na minha tolice, antes de descer a escada e seguir para a arcada da ala leste, onde eu encontraria os aposentos do diretor. Ao entrar em suas sombras, tive o olhar atraído por um vislumbre de verde no extremo oposto da passagem, que corria por toda a extensão do prédio. Seguindo-a até o fim, emergi, através de um

portão aberto de grades de ferro, num jardim todo murado nos fundos do colégio, não muito cultivado, porém mantido como um pomar de grama alta e espessa, com flores silvestres sob as macieiras e bancos de madeira dispostos ao longo da trilha circundada pelos muros. Com um tempo melhor, aquele seria um local aprazível para os estudiosos se sentarem e lerem, pensei, embora estivesse vazio naquele momento, com a chuva batendo nas folhas. Retornei à passagem, encontrei a porta que anunciava o nome do diretor numa placa, endireitei a roupa e me preparei para saborear pela primeira vez a hospitalidade oxfordiana.

A primeira coisa que notei, enquanto aguardava para ser recebido, foi que a conversa animada que eu ouvia atrás da porta tinha um tom ligeiramente alto demais, como quando os homens de um grupo competem para superar uns aos outros, querendo impressionar uma mulher. Um velho criado de rosto esquelético abriu a porta e me levou diretamente a uma bela sala de pé-direito alto, com grandes janelas em arco em duas paredes opostas e as restantes revestidas de madeira escura, repletas de quadros e tapeçarias. Compreendi de imediato a origem da fanfarrice barulhenta. No lado mais distante de uma mesa comprida, iluminada por diversos candelabros, sentava-se uma jovem de aproximadamente 19 anos, de vestido cinza-claro e corpete bordado de corte reto, cujo cabelo longo e preto estava solto. Assim como os demais convivas já sentados, ela interrompeu a conversa e voltou sua atenção para mim quando me aproximei, seus olhos me examinando de cima a baixo com uma mescla de curiosidade e diversão. Então, aquela era Sophia Underhill, e compreendi o desejo urgente de seu pai de querer lhe arranjar um casamento. A moça tinha um rosto felino marcante, de olhos castanho-claros penetrantes, e sua presença no colégio devia ser uma dolorosa fonte de distração para os rapazes que tentavam concentrar a mente nos livros. O diretor se levantou de sua cadeira à cabeceira da mesa, com agitada imponência, e estendeu a mão para apertar a minha.

– Bem-vindo, Dr. Bruno, seja bem-vindo à minha mesa! Queira sentar-se, por favor, para que eu o apresente a alguns dos membros do corpo docente e à minha família.

Fez um gesto para a cadeira à sua esquerda, que percebi com agrado ficar quase em frente à da sua filha. Fiz um aceno polido com a cabeça na direção dela, cumprimentando-a, antes de correr os olhos pelos demais convidados reunidos à mesa. Éramos 10, todos homens em trajes acadêmicos, com exceção da jovem e de uma mulher de meia-idade e expressão cansada sentada na outra extremidade da mesa, de frente para o diretor.

– Permita que eu lhe apresente minha esposa, Sra. Margaret Underhill - começou ele, apontando para a mulher.

– *Piacere di conoscerla* - pronunciei, curvando a cabeça. A mulher deu um sorriso débil. Apesar das palavras de seu marido, ela não me pareceu particularmente encantada com a perspectiva de entreter convidados.

– E minha filha, Sophia - prosseguiu o diretor, sem conseguir evitar um toque de orgulho na voz. - Como pode perceber, dei a ela o nome grego da sabedoria.

– Nesse caso, seus pretendentes poderão se chamar verdadeiramente de "filósofos" - respondi, sorrindo para a moça. - Os que amam Sophia.

Ouvi um suspiro fundo da mãe dela, à cabeceira da mesa, e um risinho abafado dos homens presentes, mas a moça retribuiu meu sorriso e enrubescou com prazer, antes de baixar os olhos. O diretor forçou um sorriso.

- Ah, sim, fui avisado de que os homens do seu país são peritos na arte de lisonjear as damas - disse, tenso.
- Especialmente os monges - resmungou o senhor idoso sentado à direita de Sophia, e todos os convidados riram.
- *Ex-monge* - retruquei, enfático, sustentando o olhar da jovem. Dessa vez ela não desviou o rosto, e algo na franqueza do seu olhar me lembrou Morgana tão vivamente que tive de prender a respiração, apanhado desprevenido pela semelhança.
- Devo protestar, em defesa dos meus compatriotas - declarou o rapaz de cabelos pretos sentado logo à minha esquerda, que de fato tinha nítida aparência italiana, embora falasse sem o menor vestígio de sotaque. - Compatriotas do meu pai, melhor dizendo. Não sei como adquirimos entre os ingleses essa reputação de grandes sedutores. De minha parte, com certeza, infelizmente não herdei nenhum talento dessa natureza.

Ele mostrou as palmas das mãos, num gesto de derrota, e o grupo tornou a rir. Desconfiei da falsa modéstia do rapaz quanto a essa questão - ele fora abençoado com belos traços e era óbvio que se vestia com esmero, com a barba e o bigode meticulosamente aparados. Ele se virou para mim e me estendeu a mão.

– John Florio, filho de Michelangelo Florio, da Toscana. É um prazer conhecê-lo, Dr. Bruno de Nola. Sua reputação é bastante conhecida.

– Qual delas? - indaguei, provocando mais risadas.

– Mestre Florio é um estudioso e professor de línguas muito respeitado, tal como o pai - disse o diretor e está trabalhando na compilação de um livro de provérbios de diversos países. Tenho certeza de que, mais tarde, não hesitará em nos brindar com alguns.

– Na mulher, é e sempre foi chavão / Amar a cruz e crucificar a paixão - disse Florio, gentilmente.

– Ele está dizendo a verdade - concordou Sophia, com falso ar de desamparo, e Florio lhe abriu um largo sorriso.

– Obrigado - disse o diretor, o sorriso ficando cada vez mais forçado.

- Devo confessar, Dr. Bruno, que não sabia com que facilidade o senhor conversaria em inglês e achei que se sentiria mais à vontade tendo por perto um outro falante de italiano.

– É muita gentileza sua - respondi. - Aprendi inglês com viajantes e estudiosos ao longo dos anos, mas receio que não seja refinado.

– Meu pai também fugiu da Itália por medo da Inquisição, depois de se converter à Reforma - apressou-se a dizer Florio, chegando mais perto. - Ele veio para Londres, acabou indo parar na casa de lorde Burghley e, mais tarde, foi professor particular de italiano de lady Jane e da princesa Elizabeth.

– Não foi um exílio tão maldito, então - comentei.

– O exílio é sempre uma maldição - interrompeu o senhor ao lado de Sophia, com veemência surpreendente. - É um destino cruel para se infligir a qualquer homem, não concorda, Roger? - Ele inclinou bem o corpo para fuzilar com os olhos o homem sentado ao lado de Sophia, bem na minha frente: um homem grande, de feições largas e 40 e tantos anos de idade, tez corada e uma barba farta exibindo os primeiros fios grisalhos. O indivíduo em questão desviou os olhos, constrangido. - Particularmente aos amigos - acrescentou o velho, e então um silêncio tenso caiu sobre o grupo.

– Meu pai realmente teve muita sorte com seus protetores - continuou Florio, às pressas, tentando disfarçar a interrupção -, embora tenhamos sido novamente exilados, dessa vez da Inglaterra, quando eu era apenas um bebê e Maria, a Sanguinária subiu ao trono.

– Que Deus a tenha - interpôs o idoso, com reverência. Dessa vez, o diretor resolveu intervir.

– *Por favor*, Dr. Bernard.

– Por favor o quê, diretor? - indagou o Dr. Bernard, apontando para mim, a cabeleira branca e revolta aberta ao redor da cabeça, como uma crista de ave. - Devo medir minhas palavras diante desse monge renegado? Por quê? Ele vai me denunciar ao conde de Leicester?

Nesse momento, o homem se virou para me olhar e compreendi que, embora lhe restassem poucos dentes e ele devesse ter pelo menos 70 anos, seus olhos remelentos ainda enxergavam com perspicácia. Seu rosto parecia mais encovado sob as sombras bruxuleantes da luz das velas. Era um rosto de assustar criancinhas.

– Fui pessoalmente nomeado pela rainha Maria, já se vão 30 anos, quando os seguidores da nova religião foram quase totalmente expurgados da universidade, e ainda estou aqui, atravessando as tempestades, apesar de todos os meus amigos haverem morrido ou terem sido privados de seus cargos, e faz muito tempo que renunciei aos antigos costumes - disse e riu, como que zombando de si mesmo. Em seguida apontou para mim, com expressão subitamente grave. - Mas creio que o senhor é de religião católica, não é, Dr. Bruno?

– Sou italiano - respondi sem me alterar -, criado na Igreja Romana.

– Bem, receio que o senhor não encontre ninguém aqui para rezar a missa romana em sua companhia. Não restaram católicos em Oxford, oh, não. Aqui, nenhum homem se apegava à antiga religião - e balançou a cabeça com ar solene, mas com a voz carregada de sarcasmo. - Aqui, nós assinamos a Declaração de Fé para salvar a pele e prestamos juramento à Igreja Anglicana, conforme nos



ordenam, porque todos somos súditos obedientes, não é mesmo, senhores?

Houve um murmúrio constrangido de assentimento e vi que o diretor ia ficando agitado.

– William, estou lhe pedindo.

– Assim parecemos, todos nós. Mas em Oxford nenhum homem é o que parece, Dr. Bruno, não se esqueça disso. Nem mesmo o senhor, desconfio.

Ergui a cabeça e enfrentei o olhar do Dr. William Bernard. Esse ancião irritadiço e lacônico dava a nítida e alarmante impressão de ser capaz de adivinhar os pensamentos secretos dos outros e estava mais perto da verdade do que me agradava, de modo que apenas inclinei a cabeça e procurei algo com que me distrair, enquanto seus olhos cinza-claro continuavam a penetrar em meu rosto. Por sorte, nesse momento chegaram os criados com o primeiro prato da refeição - frango capão cozido com ameixas-de-damasco e geleia de mocotó, tudo acompanhado por um bom vinho tinto leve.

Enquanto os criados se atarefavam ao redor da mesa, enchendo nossos pratos com as diferentes iguarias, me inclinei para a frente, com a intenção de puxar conversa com Sophia Underhill, porém, na mesma hora, o homem barbudo na cadeira oposta à minha me dirigiu a palavra, e vi Florio aproveitar a oportunidade para reivindicar a atenção da jovem.

– Roger Mercer, doutor em teologia e subdiretor do colégio - disse o barbudo, numa voz sonora de barítono, com um sotaque que julguei provir das regiões ocidentais da Inglaterra. Ele estendeu a mão por cima da mesa. — Ficamos realmente contentes por conhecê-lo, Dr. Bruno, e é grande a expectativa aqui por seu debate de amanhã à noite com o diretor.

– Ora, ora, Roger - apressou-se a dizer Underhill -, não devemos falar à mesa de nenhum assunto que diga respeito ao debate. Meu estimado convidado e eu devemos guardar nossos argumentos para o salão, não é, Dr. Bruno? Devemos manter a pólvora seca, como se costuma dizer.

Assenti movendo a cabeça. Roger Mercer ergueu a mão em sinal de protesto:

– Não tenha medo, diretor. Falei apenas como um prelúdio ao anúncio da minha curiosidade de conhecer o Dr. Bruno, desde que li seu livro *As sombras das idéias*, publicado em Paris no ano passado.

– Aquele feiticeiro, o Cecco d'Ascoli, que foi levado à fogueira por bruxaria, não mencionou um livro com esse mesmo título, um livro de magia proibida, que ele atribuiu a Salomão? - indagou o Dr. Bernard, que mais uma vez se inclinou sobre Sophia para fazer essa intervenção e cujo dedo esticado e trêmulo quase encostou no rosto dela, embora apontasse para mim. A jovem recuou a cadeira, para ser gentil com ele, jogou o cabelo para trás, por cima de um dos ombros, e continuou sua conversa com Florio, que exibia um entusiasmo incontido. Por uma ou outra frase que pude captar, ele parecia estar oferecendo à moça novos aforismos rimados. Relutante, tornei a voltar minha atenção para Bernard.

– O livro mencionado por Cecco nunca foi encontrado - falei, elevando a voz para que o velho pudesse me ouvir com clareza. - Me pareceu uma pena desperdiçar um bom título, por isso o tomei emprestado. O meu tratado, porém, é sobre a arte da memória, e é

baseado nos sistemas mnemónicos dos gregos, nada de necromancia, senhores - e ri, talvez com certo exagero.

Roger Mercer me olhou, pensativo:

– No entanto, Dr. Bruno, seu sistema mnemónico serve-se de imagens que parecem corresponder com exatidão às imagens talismânicas descritas por Agrippa em *De occulta philosophia*, que ele diz poderem ser invocadas nos rituais de magia celeste, para atrair os poderes de anjos e demónios.

– Mas trata-se de imagens que correspondem aos signos do zodíaco e às casas da lua, familiares a muitos sistemas mnemónicos - retruquei, torcendo para não deixar transparecer meu mal-estar. - Elas são populares porque se baseiam em divisões numéricas regulares, o que ajuda na rememoração. Mas, no fim das contas, são meras imagens.

– Para Agrippa, nada é uma *mera* imagem - retrucou Bernard. - Todas são sinais que apontam para realidades ocultas, como o título de seu livro deixa implícito, em especial as imagens derivadas da antiga astrologia dos egípcios, como ele bem sabia, pois estava citando o seu mestre, Hermes Trimegisto, que foi condenado por Santo Agostinho por invocar demónios!

A voz dele se elevou ao proferir a última palavra, e foi como se uma mão gelada agarrasse a base da minha coluna vertebral. Eu me preparei para responder, mas, antes que eu pudesse falar, Sophia Underhill puxou a cadeira para mais perto da mesa, me olhou diretamente e perguntou, interrompendo Florio no meio de uma frase:

– Quem é Hermes Trimegisto?

Os convivas silenciaram e todos os olhos se voltaram para mim.

- Li de passagem umas referências a esse nome em textos de filosofia - continuou ela, com uma inocência na qual não acreditei muito -, mas não encontrei nenhum dos livros dele em nossa biblioteca e não tenho permissão para entrar nas bibliotecas da universidade.
- Nem deveria, já que você não é estudante - repreendeu-a o pai, correndo os olhos pela mesa, como que constrangido pelo atrevimento da filha. - Permito que você se aprimore lendo na nossa biblioteca particular, desde que se atenha, em seus estudos, ao que é adequado à compreensão de uma dama.

Intuí que ele dissera isso em prol do bem-estar do grupo. Sophia pareceu prestes a protestar, mas engoliu as palavras com uma expressão petulante. Sua mãe tornou a suspirar bem alto.

- A senhorita não encontrará em Oxford nenhuma obra de Hermes, o Três Vezes Grande, não agora - disse Bernard em tom sonoro, balançando a cabeça. - Antigamente, nós as tínhamos... antes do grande expurgo das bibliotecas, em 1569. Foram traduzidas do grego pelo florentino Ficino um século atrás, a pedido de Cosimo de Médici, então agonizante. O senhor leu a versão de Ficino, Dr. Bruno?
- Li a tradução de Ficino. Mas também li os manuscritos gregos originais, embora a coleção estivesse incompleta. O 15º livro se perdeu. O senhor lê grego, Dr. Bernard?

Ele cravou em mim aqueles olhos brilhantes e acusadores.

- Sim, eu leio grego, meu rapaz, nem todos somos bárbaros ao norte do Ti- bre. Mas o livro desaparecido é um mito, nunca existiu - acrescentou depressa e prosseguiu, num tom mais brando: - Também li Ficino quando era jovem, e Agrippa. Naquela época não havia todo esse medo dos autores antigos. Agora, porém, inúmeros livros ficaram perdidos para nós, arrastados pelas marés da Reforma. Séculos de saber transformados em cinzas...

Sua voz sumiu, como se ele tivesse viajado para as profundezas da memória.

– Dr. Bernard - disse o diretor, de novo com um toque de advertência na voz -, o senhor sabe muito bem que a Real Comissão de 1569 foi enviada para procurar livros heréticos, adquiridos nos velhos tempos monásticos, para que eles não contaminassem a mente dos nossos jovens com suas ideias espúrias, um perigo do qual nós, os membros mais antigos do corpo docente, ainda devemos nos resguardar. Tenho certeza de que o senhor não discordaria dessa proibição.

Bernard deu um risinho rouco:

– Livros proibidos a estudiosos? Mas, então, de que modo os homens doutos apurariam o intelecto ou aprenderiam a discernir entre verdade e heresia? E porventura aqueles que proíbem não têm sagacidade para perceber que os livros proibidos atraem os homens com maior intensidade do que a mais lasciva das sedutoras? - Nesse momento, olhou de soslaio para Sophia. - Ah, sim... e o livro proibido sempre dá um jeito de atravessar as frestas e os buracos dos ratos, não sabe disso, senhor diretor? Basta saber onde procurar - concluiu. O velho deu uma risada, como se isso fosse uma grande pilhéria, e notei que os seus colegas docentes se remexeram nas cadeiras, incomodados.

– O que aconteceu com os livros que foram expurgados das bibliotecas nessa ocasião? - indaguei, talvez com demasiada premência, pois minha pergunta pareceu provocar em Bernard uma hostilidade repentina. Seus olhos se estreitaram e ele se empertigou na cadeira, rígido.

– Isso foi há muito tempo - respondeu em tom brusco. - Foram queimados ou levados pelas autoridades, quem sabe? Agora estou velho e já me esqueci daquela época.

Ele não chegou propriamente a enfrentar meu olhar e tive certeza de que estava mentindo. Um homem que falara dos livros com tamanha paixão certamente se lembraria de uma fogueira pública feita com eles, mesmo

que isso houvesse ocorrido muitos anos antes. Mas, se os livros proibidos não tinham sido queimados, deviam ter passado para as mãos de alguém, e me perguntei se o velho saberia de quem.

– Dr. Bruno, o senhor ainda não respondeu à minha pergunta - interrompeu Sophia, debruçando-se para dar um tapinha na minha mão enquanto me encarava com seus olhos castanho-dourados bem separados. A sugestão de um sorriso bailou em seus lábios carnudos, como se ela também conhecesse uma piada excelente e estivesse considerando nos deixar ouvi-la. - Quem *era* ele?

Respirei fundo e retribuí seu olhar de expectativa com a firmeza que me foi possível, ciente de que toda a mesa havia se calado, à espera da minha resposta, e de que havia uma grande probabilidade de que minhas palavras fossem interpretadas como blasfêmia.

– Hermes Trimegisto, dito o Três Vezes Grande, foi um sumo sacerdote egípcio da Antiguidade - comecei, revirando um naco de pão entre os dedos. - Ele viveu depois da época de Moisés, muito antes de Platão ou de Cristo. Alguns dizem que ele era o deus egípcio Toth, divindade que representava a sabedoria. Em todo caso, era um homem de discernimento inusitado, que, através de uma profunda contemplação do cosmos e da experimentação das propriedades do mundo natural, reuniu os conhecimentos necessários para desvendar os segredos escritos no livro da natureza e nos céus. Ele afirmou ter penetrado na mente divina e a ter compreendido. - Fiz uma pausa e concluí: - Dizia ser capaz de se igualar a Deus.

Houve um arquejo coletivo ao redor da mesa. Aqueles homens sabiam que esse era um terreno realmente perigoso, por isso me apressei a acrescentar:

– Ele é chamado de primeiro filósofo e primeiro teólogo, além de ter sido profeta. Lactâncio atribuiu a Trimegisto a previsão do advento da religião cristã, nas próprias palavras do Evangelho.

– E Santo Agostinho disse que ele havia recebido essa previsão do Diabo - disse Roger Mercer, ansioso, ficando com o rosto ainda mais

vermelho quando um pedaço quase inteiro de carne caiu de sua boca e se alojou em sua barba, embora parecesse não ter notado. - Pois então, Hermes não escreveu que os egípcios davam alma aos ídolos de seus deuses, em ritos mágicos, invocando os poderes dos demônios?

- Nunca acreditei na história dos demônios e das estátuas - comentei, em tom leve. - Os homens sempre criaram brinquedos mecânicos e autômatos e afirmaram tê-los dotado do dom da vida, como a cabeça de bronze que pertenceu a Roger Bacon e que diziam fazer profecias. Mas isso é mera invenção, combinada com uma grande habilidade artesanal.

- Então Hermes Trimegisto não era mago? - perguntou Sophia baixinho, ainda olhando para mim. Parecia desapontada.

- Ele escreveu longamente a respeito das propriedades ocultas das plantas e das pedras e sobre a disposição do cosmos - respondi. - Há quem chame isso de alquimia ou magia natural, ao passo que outros se referem a isso como investigação científica.

- Quando é feito com a finalidade de buscar forças proibidas, é chamado de feitiçaria - interveio o diretor, num tom severo.

- Mas ele descobriu algum truque mágico que funcionasse? - insistiu a moça, ignorando o pai.

- Como assim, *funcionasse?* - perguntei.

- Digo, ele conseguiu usar essa magia natural para influenciar o mundo, para modificar as ideias ou os atos das pessoas, por exemplo, e escreveu sobre como fazê-lo?

Os olhos de Sophia brilharam de impaciência nesse momento e ela se inclinou para mais perto.

- Receitas de feitiços, a senhorita quer dizer? - retruquei, rindo. - Receio que não. A magia hermética, se quiser dar esse nome, ensina os adeptos a penetrar nos mistérios do Universo por meio da luz do intelecto. Trimegisto não pode ensiná-la a fazer o seu amado se

apaixonar por você nem a mantê-lo fiel. Para isso, melhor seria consultar uma benzedeira da aldeia.

Os que estavam em nossa ponta da mesa pareceram se divertir, mas a jovem enrubesceu bastante e desconfiei de que, sem querer, minha pilhéria havia se aproximado da verdade. Assim, para disfarçar o embaraço dela, continuei, depressa:

– Mas o alquimista alemão Heinrich Cornélius Agrippa fala dessas coisas em seu tratado sobre as ciências ocultas, que o Dr. Mercer mencionou há pouco. Ele escreve que, além das imagens celestes usadas na magia, podemos criar nossas próprias imagens, adequadas a nosso objetivo. Por exemplo, ele diz que, para conseguir amor, podemos criar uma imagem de pessoas se abraçando.

– Mas como...? - começou Sophia, no exato momento em que o diretor tossiu alto e os criados entraram para retirar o primeiro prato.

– Bem, foi uma discussão sumamente esclarecedora, Dr. Bruno. Eu sabia que sua conversa e suas ideias incomuns animariam nosso pequeno círculo do colégio - disse o diretor, dando um tapinha em meu ombro, num gesto que denotava sua falsidade. - Mas eu havia imaginado que todos deveríamos trocar de lugar a cada prato, para que o senhor pudesse se familiarizar com algumas das outras autoridades importantes. Por mais que me agradasse dar continuidade ao seu tema, é claro - acrescentou.

Com isso, ele se levantou da cadeira e se agitou ao redor da mesa, reorganizando com zelo exagerado a disposição dos convivas, de modo que me vi no extremo oposto, cercado pelos três homens com quem ainda não havia conversado. Os criados trouxeram travessas de prata em que fumegava uma carne de aroma inebriante com guisado de legumes e, no decorrer de toda essa atividade, a esposa do diretor, que mal dissera uma palavra, aproveitou a oportunidade para pedir licença, alegando uma dor de cabeça e se desculpando profusamente por ser uma anfitriã tão ineficiente. Parecia uma mulher melancólica e doentia, mas lembrei o



que Underhill me dissera sobre o filho do casal. Eu já tinha visto sintomas semelhantes em mulheres que haviam perdido um filho, não raro anos depois da morte, como se a própria mente tivesse sido tomada por uma moléstia degenerativa da qual não conseguisse se recuperar, e senti muita pena dessa senhora. Era difícil acreditar que uma criatura tão tristonha tivesse sido a genitora da mocinha animada na outra ponta da mesa.

A segunda metade da refeição foi consideravelmente menos interessante que a primeira, agora que eu fora afastado da companhia de Sophia. Meus novos companheiros de jantar se apresentaram. Em frente a mim estava Mestre Walter Slythurst, o tesoureiro do colégio, um homem ossudo, de lábios finos e da minha idade, com olhos estreitos e desconfiados e um cabelo escorrido que lhe caía sobre o rosto. A seu lado sentava-se o Dr. James Coverdale, um gorducho de uns 40 anos, com uma farta cabeleira negra, barba curta e bem aparada e ar presunçoso, que explicou ser o inspetor, a autoridade responsável pela disciplina dos alunos. À minha direita estava Mestre Richard Godwyn, o bibliotecário, que parecia mais velho, talvez na faixa dos 50, e cujas feições largas e caídas me fizeram lembrar um sabujo, como se a pele fosse grande demais para o rosto, embora sua expressão sombria houvesse se transformado quando ele deixou um breve sorriso iluminá-la, ao apertar minha mão. Todos foram bastante gentis, mas não pude evitar o desejo de que houvessem permitido que eu continuasse minha discussão com Sophia. Ficou claro que o teor da nossa conversa havia irritado o pai da jovem, pois agora ela se sentava junto ao diretor, no mesmo lado da mesa que eu, de modo que eu não podia vê-la sem me debruçar grosseiramente sobre meu vizinho, Godwyn, e chamar atenção para mim mesmo.

– Vejo que o senhor precisou suportar a língua afiada de William Bernard, Dr. Bruno - disse James Coverdale, inclinando-se sobre a mesa.

– Ele parece decepcionado com o mundo que vê - observei, me certificando de que Bernard se mudara para longe o bastante para

ficar fora do alcance de nossas vozes.

– É comum isso acontecer com os velhos - disse Godwyn, com um aceno sombrio da cabeça. - Ele enfrentou inúmeras mudanças em seus 70 anos, não deve ser fácil.

– Se ele continuar a dizer o que pensa entre os alunos com a mesma franqueza com que conversa entre os colegas, não vai demorar a seguir o caminho do amigo - comentou Slythurst, num tom seco e abrupto, sugestivo de que tal desfecho não lhe seria desagradável.

Não gosto de julgar os homens pela aparência e com tão pouco contato, mas havia algo no tesoureiro que não suscitava respeito. Ele cravara os olhos em mim desde o instante em que eu me sentara, e senti que não era um olhar amistoso.

– Amigo dele? - perguntei.

Coverdale deu um suspiro:

– E uma história triste, Dr. Bruno, e fonte de vergonha para o colégio: o ex- -subdiretor, o Dr. Allen, foi privado do cargo no ano passado, depois de se descobrir que havia... - Coverdale hesitou, buscando uma expressão diplomática - ...cometido perjúrio ao prestar o Juramento de Supremacia. Ao que parece, ele ainda era um devoto comungante da Igreja Romana.

– É mesmo? E como foi descoberto?

– Foi denunciado por uma fonte anônima - respondeu o inspetor, como se estivesse satisfeito com a intriga. - Mas, quando revistaram seu quarto, constataram que ele possuía uma grande quantidade de literatura papista proibida. E, é claro, o subdiretor ocupa o segundo cargo mais alto do colégio e assume a direção sempre que o diretor se ausenta, então o senhor pode imaginar o escândalo. Vários de nós aqui tivemos que depor contra ele no Tribunal da Reitoria.

– A universidade realiza suas próprias sessões judiciais para fazer cumprir a disciplina - explicou Godwyn, em tom lúgubre. - Porém, num assunto de tamanha importância, o Conselho Real de Sua Majestade também se interessou. O conde de Leicester, nosso

presidente universitário, como o senhor sabe, tem encarregado incansavelmente os dirigentes dos colégios de se livrarem, eles mesmos, de qualquer suspeita de papismo, e por isso foi preciso que o diretor tomasse providências rápidas e rigorosas contra Allen.

– Anteriormente, o diretor Underhill tinha sido o próprio capelão do conde de Leicester, como sem dúvida já deve ter se gabado com o senhor - acrescentou Slythurst. - Ele não poderia perdoar Allen e conservar o cargo.

– Mas Allen esperava receber perdão - interpôs Coverdale. - E maior lealdade dos amigos. Nesse aspecto, ele se decepcionou profundamente.

– Creio que o diretor cumpriu seu dever com um peso no coração, James

– disse Godwyn, com um olhar significativo para Coverdale. - Todos ficamos realmente tristes por ter que dar um depoimento público sobre seus erros.

– Roger Mercer prestou seu depoimento com bastante rapidez - disse Coverdale, com uma olhadela de raiva mal disfarçada para o lugar da mesa em que Roger ria alegremente com Florio. Vi Slythurst revirar os olhos, como se já tivesse ouvido essa queixa muitas vezes. - E diziam que ele era o amigo mais íntimo de Allen. Mesmo assim, recebeu suas 30 moedas de prata, não foi?

– De prata? - indaguei.

– O depoimento dele foi crucial para a condenação de Allen, e foi por isso que ele recebeu o cargo do amigo quando este foi demitido - respondeu Coverdale em tom amargo.

– Talvez eu deva esclarecer ao Dr. Bruno que, tradicionalmente, é o bedel que sucede o subdiretor, assim como o subdiretor se torna diretor - explicou Godwyn. - Sempre foi assim: há uma assembleia do corpo docente, é claro, mas a votação, na verdade, é um selo formal de aprovação à sucessão já estabelecida.

– Mas, como o diretor atual foi posto aqui pelo conde de Leicester a fim de cumprir suas ordens - sibilou Coverdale, encolhendo-se na

cadeira para não ser ouvido -, ele manifesta pouco apreço pela tradição e nomeia os que lhe parecem mais maleáveis. E todos sabemos por que Leicester forçou a eleição de Underhill - acrescentou.

- James - disse Slythurst, com um toque de advertência na voz.

- Eu tinha entendido que fora para impor a conduta religiosa apropriada - disse eu. - Para extirpar o cancro do papismo.

- Ah, essa é a razão oficial - disse Coverdale, com um aceno desdenhoso da mão. - Mas o colégio possui grandes propriedades senhoriais e lotes de lucrativas terras cultiváveis no condado de Oxford, e muitos deles estão agora arrendados a um custo muito vantajoso para amigos de Leicester, não é mesmo, mestre tesoureiro?

- Você está sendo inconveniente, James - disse Slythurst, em tom melífluo. - O Dr. Bruno é amigo do conde de Leicester.

- Na verdade, nunca o conheci - apressei-me a dizer. - Apenas estou viajando com o sobrinho dele.

- Seja como for - prosseguiu Coverdale, animando-se com o assunto -, o colégio perde lucros consideráveis e tem de batalhar para equilibrar o orçamento, aceitando legiões desses chamados plebeus aristocráticos, alunos pagantes que não têm inclinação nem talento para ser eruditos e que vagueiam pela cidade saindo com prostitutas, jogando e desonrando a universidade.

- Esse não é um tema apropriado para a hora do jantar - disse Slythurst, com a voz carregada de uma raiva fria, batendo com a palma da mão no tampo da mesa, apenas com firmeza suficiente para assinalar seu desagrado. - Não há nada de impróprio em tais arrendamentos, mas o desembolso das verbas do colégio não deve ser de interesse algum para o nosso convidado, tenho certeza. Um pouco de discrição, senhores, por favor.

Os professores baixaram os olhos, sem graça, e pairou um silêncio incômodo.

– Dr. Coverdale - comecei, me virando para o bedel com um sorriso diplomático o senhor estava falando do julgamento de Edmund Allen. Por favor, continue.

Coverdale trocou com Slythurst um olhar que não pude decifrar e, em seguida, cruzou as mãos.

– Eu estava apenas dizendo que o depoimento de Mercer contra Allen teve grande peso no julgamento, até por ele ser o confidente mais íntimo do réu. O diretor precisava da cooperação de Mercer e, em troca, este recebeu o cargo de Allen.

– Que deveria ter sido seu - sugeri.

Coverdale levou a mão gorducha ao peito e assumiu uma expressão de modéstia pouco convincente, dizendo:

– Não é por meus méritos que digo que se cometeu uma injustiça, Dr. Bruno, mas pela quebra da tradição. Esta universidade se alicerça na tradição e, se os indivíduos acharem que não são obrigados a respeitá-la porque seu patrocínio pessoal tem mais peso, o tecido de nossa comunidade irá se esgarçar.

– Edmund era amigo de muitos de nós - comentou Godwyn, com ar pesaroso. Um clima sombrio tinha caído sobre nosso grupo quando, mais uma vez, ouvi Sophia, Florio e Roger irromperem numa gargalhada. - Ele também era querido pelos alunos... foi uma grande pena não ter conseguido, no fundo do coração, renunciar aos erros de suas antigas crenças.

– O exílio parece ser uma punição severa para quem apenas possui alguns livros - arrisquei, enquanto me servia de mais carne e cebola.

– Ele teve sorte de sair da Inglaterra ainda levando as entranhas dentro da barriga - disse Slythurst, em tom desapaixonado. - Homens menos afortunados receberam castigos mais rigorosos por menos. O senhor, em especial, Dr. Bruno, deveria saber que a heterodoxia na religião é um pecado gravíssimo, contra Deus e contra a ordem estabelecida - e me lançou um olhar penetrante.

– Não foram só os livros - interrompeu Godwyn, num tom confidencial. - Houve uma suspeita de que ele agia como mensageiro do primo, William Allen, o do seminário inglês de Reims. Ele foi levado para Londres e interrogado sob torturas cruéis, mas não disse nada em momento algum e, no fim, o mandaram para o exterior. Pobre Edmund - disse ele pesaroso, balançando a cabeça e enxugando a taça.

– Hoje conheci o filho dele - comentei, cortando outro pedaço de pão.

Coverdale revirou os olhos.

– Nesse caso, sinto pena do senhor. Decerto ele implorou que levasse apelos à corte para que o pai fosse perdoado, não foi? - perguntou. Sem esperar resposta, estalou a língua com raiva. - Nunca deveriam

ter deixado aquele menino continuar aqui, depois da desonra do pai. Thomas Allen tem convicções perigosas, escreva o que estou lhe dizendo. Mesmo assim, não consegui convencer o diretor a agir segundo a minha orientação... ele é brando demais com aquele menino.

Não pude deixar de pensar que, se o tratamento dispensado a Thomas Allen pelo diretor era uma prova de brandura, a vida do rapaz devia ser mesmo muito difícil.

– Mais uma vez, cabe a mim dizer que não creio que nosso ilustre convidado tenha vindo de tão longe até aqui para ouvir nossas reclamações sobre assuntos do colégio - interrompeu Slythurst, numa voz uniforme como o gelo. Prendeu uma mecha solta de cabelo atrás da orelha e, num sorriso que apenas exibia os dentes, se virou para mim: - Conte um pouco sobre suas viagens pela Europa, Dr. Bruno. Pelo que soube, o senhor lecionou em muitas das famosas academias do continente. Que lhe parece Oxford em comparação a elas?

Retribuindo o falso sorriso, passei o restante dessa etapa do jantar e da seguinte falando dos meus anos de perambulação, deixando de fora o que me pareceu político deixar e lisonjeando sutilmente meus companheiros com o que eles queriam ouvir - a saber, que nenhuma das universidades europeias chegava aos pés da grande erudição e sabedoria dos homens de Oxford.

- Por quanto tempo permanecerá em Oxford, Dr. Bruno? - indagou Coverdale, recostando-se na cadeira e limpando a boca com o guardanapo, enquanto os criados retiravam os últimos pratos e taças.
- Creio que o palatino, em cujo grupo estou viajando, pretende ficar uma semana.
- Nesse caso, espero que compareça ao ofício religioso conosco, aqui no colégio. O diretor tem apresentado uma série erudita de sermões sobre os *Atos e monumentos*, de John Foxe. O senhor está familiarizado com esse texto?
- Com O *livro dos mártires*? Naturalmente - respondi, suspeitando de que aquilo fosse algum tipo de teste. - Muitos o consideram uma obra bastante inspiradora.
- Receio que o Dr. Bruno não esteja sendo sincero em sua admiração - disse Slythurst, olhando de mim para os colegas. - Até hoje não conheci um único católico que admirasse as terríveis descrições de Foxe sobre o que foi feito com os mártires protestantes.
- Ele também não dá diversos exemplos de mártires cristãos dos primeiros séculos da religião, quando os cristãos sofreram nas mãos de pagãos e infiéis, antes que começássemos a perseguir uns aos outros? - rebati. - E porventura esses não são mártires que todos os cristãos podem honrar e cujos sofrimentos nos fazem lembrar um tempo em que vivíamos unidos?
- Não foi essa a intenção de Foxe... - começou Slythurst, mas Coverdale o interrompeu.
- Bem explicado, Bruno. Os fiéis de ambos os lados sofreram por Cristo, e só Ele sabe quem estará à Seu lado no Juízo Final.
- É a primeira vez que ouço *você* defender a tolerância, James - disse Slythurst, estreitando ainda mais os olhos. Coverdale ignorou a provocação.
- Ei, sirva mais vinho para nós aqui! - disse ele, chamando um jovem criado.



Eu recusei outra taça, pois queria refletir sobre minhas anotações para o debate antes de me deitar e precisava manter a lucidez.

Quando o jantar terminou, estava completamente escuro lá fora e todos os convivas se levantaram, despedindo-se com muitos apertos de mãos e elogios ao diretor pela comida, a qual, pelo que entendi, fora imensamente superior ao cardápio usual servido no refeitório do colégio. Todos os professores apertaram minha mão de forma calorosa, repetindo as boas-vindas a Oxford e me desejando uma boa noite de repouso, na expectativa do grande debate do dia seguinte, aguardado com ansiedade. Richard Godwyn me convidou a usar a biblioteca sempre que eu desejasse, pelo que agradei. Num italiano perfeito, John Florio expressou sua grande esperança de que pudéssemos passar algum tempo juntos antes que eu partisse, e até o Dr. Bernard se levantou, meio sem equilíbrio, e apertou meus dedos entre suas mãos ossudas.

– Amanhã à noite, feiticeiro - sibilou com um sorriso desdentado -, você irá contradizer as devotas certezas deles, e estarei lá na primeira fila para aplaudir. Não porque eu apoie suas idéias heréticas, mas porque admiro os homens destemidos. Restam muito poucos neste lugar.

Nesse instante, lançou um olhar penetrante para o diretor, que fingiu não notar. Apenas Slythurst não se deu ao trabalho de dar as boas-vindas. Só registrou minha presença com um breve aceno, enquanto desaparecia pela porta, e, mesmo assim, somente porque eu o flagrei me fitando com aqueles olhos frios. Tornei a sentir sua antipatia por mim, embora procurasse não vê-la como uma desconsideração pessoal. Notei que ele também saiu sem desejar boa-noite aos colegas e presumi que era um daqueles homens, bastante numerosos entre os acadêmicos, que simplesmente não são abençoados com a desenvoltura social.

Quando dei boa-noite a Sophia, ela estendeu a mão com ar reservado e lhe dei um beijo respeitoso, sob o olhar atento do pai, mas ele logo se distraiu com o Dr. Bernard, que fazia um estardalhaço sobre onde teria deixado o casaco. Enquanto o diretor lhe assegurava que ele não tinha

chegado com casaco algum, Sophia se inclinou para mim e pôs uma das mãos no meu braço:

– Dr. Bruno, eu gostaria muito de continuar nossa conversa anterior. Está lembrado? Sobre o livro de Agrippa? Quem sabe, depois de encerrado o debate, o senhor tenha mais tempo para conversar. É fácil me encontrar na biblioteca do colégio - acrescentou. - Meu pai me deixa ir lá para ler de manhã e no fim da tarde, quando a maioria dos alunos está assistindo a aulas e debates.

– Para que a senhorita não lhes desvie a atenção dos livros? - murmurei de volta. Ela corou e deu um sorriso de cumplicidade.

– Mas o senhor irá? Há muitas coisas que eu gostaria de lhe perguntar.

Ela me olhou com uma urgência surpreendente, mantendo a mão no meu braço. Fiz um breve aceno com a cabeça enquanto seu pai aparecia junto ao ombro dela e me lançava um olhar inquisitivo. Apertei a mão dele, agradei pelo jantar e desejei boa-noite a todos.

Fiquei contente por emergir no frio da passagem. A chuva tinha parado e o ar noturno exalava um aroma fresco e convidativo, depois do calor abafado da residência do diretor. Pensei em dar uma volta pelo pomar, para desanuviar a cabeça e fazer a digestão antes de me recolher, mas, quando cheguei ao fim da passagem, constatei que o portão de ferro tinha sido fechado. Quando tentei a argola instalada como maçaneta, descobri que estava firmemente trancada.

– Dr. Bruno! - chamou uma voz atrás de mim. Ao me virar, deparei com Roger Mercer, parado no outro extremo da passagem, junto à porta do diretor. Ele deu alguns passos na minha direção. - O senhor queria dar uma volta no bosque? - perguntou, apontando para o portão fechado.

– Não é permitido?

– O bosque é para uso exclusivo dos docentes, e só nós e o diretor temos as chaves. É mantido trancado à noite para evitar que os estudantes venham a utilizá-lo para todo tipo de encontros impróprios. Não há dúvida de que eles acham locais alternativos, quando conseguem escapular pelo portão principal - acrescentou, com um sorriso indulgente.

– Eles não têm autorização para sair à noite? - perguntei. - Isso me parece um confinamento rigoroso de homens no auge da juventude.

– A ideia é lhes ensinar a autodisciplina. Mas a maioria encontra modos de contornar as regras... eu mesmo fazia isso, na idade deles - disse Mercer, com um risinho. - Cobbett, o porteiro, é um velhote bondoso, que está aqui há anos e se dispõe a olhar para o outro lado em troca de algumas moedas, quando os rapazes voltam da cidade depois que os portões foram trancados. Ele também gosta de beber, então às vezes acho que se esquece, convenientemente, de trancar o portão.

– O diretor não o repreende?

– O diretor é severo em algumas questões, mas em outras demonstra uma compreensão sagaz da melhor maneira de lidar com essa grande comunidade de rapazes. A vareta de ferro nem sempre é a escolha mais sensata. Às vezes, a boa liderança é uma questão de saber quando fechar os olhos. Queiramos ou não, os rapazes irão a tabernas e bordéis e, quanto maior a força empregada na proibição, maior o atrativo.

– Como disse o Dr. Bernard sobre os livros proibidos - refleti.

Mercer me olhou de lado no momento em que chegamos, pela outra extremidade da passagem, ao pátio aberto, onde o relógio da ala norte anunciou que eram 21 horas.

– O senhor deve perdoar parte da severidade do Dr. Bernard - disse ele, em tom de desculpa. - Ele teve de mudar de religião três vezes, sob quatro soberanos diferentes. Ordenou-se padre na juventude, antes que o pai da rainha rompesse com Roma. Ultimamente, porém, tem tido cada vez menos papas na língua, e começo a desconfiar de que esteja sofrendo daquele mal dos idosos, em que, vez por outra, o indivíduo se perde na memória e não sabe ao certo com quem está falando.

– Ele me pareceu bastante lúcido, embora rancoroso.

– Sim - suspirou Mercer. - Ele tem raiva... do mundo, da universidade, do que foi exigido dele, e também de si mesmo pelo que fez. E o senhor deve estar intrigado com a raiva que ele manifestou de mim - e tornou a me olhar de relance, quase tímido.

– Ele falou com amargura sobre o exílio.

– Estava se referindo ao problema no ano passado com nosso subdiretor, Edmund Allen, como presumo que o senhor tenha ouvido. Bernard era muito chegado a ele, assim como eu, mas fui obrigado a depor contra ele no Tribunal da Reitoria, a respeito de determinados assuntos ligados a suas práticas religiosas. Bernard considerou isso uma traição imperdoável.

– E o senhor? - perguntei, em voz baixa.

Mercer deu um risinho amargurado.

– Ah, eu agi de acordo com meu dever e para salvar minha pele, e agora tenho a beca de subdiretor e o quarto bem mobiliado que ele ocupava na torre. Bernard tinha razão. Traí um amigo. Mas não tive escolha, nem ele. Está vendo a vida que levamos aqui, Bruno? - e apontou para as janelas do alojamento do diretor, que ainda brilhavam com a luz âmbar das velas. - E uma vida boa e confortável

para um acadêmico. De muitas maneiras, estamos protegidos do mundo. E eu não sirvo para nenhum trabalho senão o convívio com os livros e o saber. Falta a mim a ambição mundana para me impelir adiante. Se eu não houvesse condenado publicamente o meu amigo por sua perfídia na religião, teria tido o mesmo destino que ele e perdido tudo. E, naquele momento, não se sabia qual seria o destino dele. O Conselho Real deixou a universidade conduzir o julgamento, mas havia uma grande probabilidade de que a questão fosse entregue a ele, e Edmund poderia se ver diante de um castigo pior do que o exílio. - Mercer estremeceu e prosseguiu. - Por isso, não me orgulho de meus atos, mas William Bernard não tem o direito de me criticar. Quando Sua Majestade subiu ao trono e pôs fim à breve reconciliação entre Maria, a irmã dela, e Roma, houve um grande expurgo na universidade: todos os docentes e diretores de colégios nomeados por Maria foram destituídos de seus cargos, exceto no caso dos que renunciaram à autoridade papal e prestaram o Juramento de Supremacia. Bernard o prestou bem depressa, e aquele juramento lhe rendeu 25 anos sossegados neste lugar, enquanto seus amigos mais leais foram dispersados aos quatro ventos.

- No entanto, no fim da vida, parece bastante claro a qualquer um que o escute que o coração dele está voltando à antiga religião - observei.

- Acho que, à medida que se aproxima da morte, ele está ficando menos preocupado com o destino do corpo e mais temeroso pela alma - disse Mercer.

- Talvez, se víssemos nossa morte tão de perto, todos nós escolhêssemos um rumo diferente. Infelizmente, porém, enquanto estamos respirando, nossos temores só dizem respeito à nossa pobre carne fraca e à nossa posição mundana.

- Talvez sim. Mas é o filho quem parece estar sofrendo mais - comentei.

- Você conheceu Thomas? Pobre rapaz! É um estudante muito aplicado, sabe? Pelo menos, era. - Mercer passou as mãos pelo rosto,

como se o lavasse, num gesto de desamparo. - Eu o conheço desde que chegou a Oxford, aos 15 anos. Antes de partir para Reims, Edmund me encarregou de cuidar de Thomas como um pai. Edmund compreendeu por que tive de agir como agi... e me perdoou. Mas Thomas se recusa a me perdoar por ter participado do julgamento de seu pai. Tentei ajudá-lo... quer dizer, oferecer a ele de presente as somas que estão a meu alcance, mas ele prefere se humilhar, servindo de escravo para aquele exibido do Norris, a aceitar um centavo. Quando nos cruzamos no pátio, ele nem sequer dá sinal de registrar minha presença, mas sinto o ódio arder dentro dele como uma fornalha.

- E duro. Mas ele é jovem, e as paixões dos jovens não raro são tão breves quanto ferozes. Com o tempo, talvez ele o perdoe.

Nesse momento, fiz uma reverência e fui andando em direção a minha escada, ansioso por me dedicar ao trabalho antes que ficasse muito tarde. Mercer deu um passo à frente e segurou minha mão.

- Espero que tenhamos oportunidade de conversar mais, Dr. Bruno - disse.

- Fico realmente feliz em conhecê-lo e espero não ter soado carola demais em minha censura, hoje à noite, ao falarmos de Agrippa e dos tratados herméticos.

- Ah, estou bastante acostumado com a reprovação - declarei, descartando seu pedido de desculpas com um sorriso.

- Você não me entendeu. O diretor é um homem devoto e, como eu disse, sabe ser severo quando quer. Para aqueles cuja posição depende da opinião favorável dele, é prudente expressar à sua mesa ideias conciliáveis às dele. Mas faz muito tempo que tenho enorme interesse por essas obras... como estudioso, entenda bem, pois creio que é possível estudar objetivamente as filosofias ocultas e, ainda assim, continuar a ser um bom cristão. Não é mesmo, Bruno?

- Era o que Ficino pensava - respondi -, e espero que com toda a razão, Dr. Mercer, caso contrário, estarei condenado.

- Por favor, me chame de Roger - disse ele, em tom caloroso. - Bem, vou aguardar com interesse nossa próxima conversa sobre essas questões. Então, fez uma reverência e se afastou, atravessando o pátio. Quando me virei para voltar a meu quarto, grossas gotas de chuva recomeçavam a cair do céu carregado.

## Capítulo 4

LI E REVISEI MINHAS NOTAS para o debate até meu candeeiro se apagar e, depois disso, tive um sono irrequieto. O quarto era frio e a chuva açoitava com força as vidraças enquanto a madeira rangia. Foi por isso que, durante um breve cochilo, ao ser perturbado por um enorme barulho, de início eu não soube ao certo se havia amanhecido ou se era uma mera alucinação de meus sonhos confusos. Aos poucos, porém, o barulho se tornou mais insistente e, ao acordar e ver que ainda não estava claro, percebi que a barulheira infernal do outro lado das minhas janelas era o som enfurecido de um cão latindo. Eu me enrolei melhor nas cobertas, maldizendo o diretor ou quem quer que houvesse tido a ideia de manter um animal tão feroz no terreno do colégio, e me encolhi na cama, na esperança de recuperar o sono perturbado. E foi então que um segundo som se juntou àquele coro bestial do amanhecer - um som que jamais vou esquecer e que, vez por outra, ainda escuto em meus sonhos. Era o grito aterrorizante de um ser humano penando, num pavor mortal, e ele se foi tornando mais alto e angustiado à medida que os latidos do animal ficavam mais ferozes e cruéis.

Com o horror desse conjunto de sons dissipando aos poucos os últimos fiapos do meu sono, percebi que alguém, não muito longe das minhas janelas, temia pela própria vida. Imaginei que se tratasse de um intruso, talvez surpreendido por um cão de guarda, mas não consegui ignorá-lo, por isso enfiei às pressas os calções e uma camisa e parti para descobrir a fonte daquela consternação e ver se eu poderia ajudar.

Emergi da escada dos meus aposentos no pátio ensombrecido. As nuvens pesadas eram rompidas por veios de luz pálida e, por ora, a chuva tinha diminuído, deixando atrás de si uma neblina prateada que pairava espessa no ar matutino, a tal ponto que mal consegui discernir o relógio na ala norte, em frente, e precisei dar alguns passos para ver seus ponteiros:



quase cinco horas. O barulho pavoroso do cão de caça continuou, e das outras escadas em volta do pátio principal começaram a surgir figuras na névoa, à medida que rapazes de ceroulas por baixo dos camisões de dormir e com o cabelo despenteado foram se juntando em grupos timidamente, murmurando entre si, sem saber se deviam ou não se aproximar. A barulheira vinha, inequivocamente, da passagem da ala leste que levava à residência do diretor e ao bosque, o tal jardim dos professores que eu tentara explorar na noite anterior. Reunindo coragem, corri por toda a extensão da passagem até o portão de ferro, onde encontrei dois rapazes puxando em vão a maçaneta e espreitando as profundezas enevoadas do jardim. Ao ouvirem meus passos, eles se viraram, os rostos pálidos.

– Há alguém lá dentro, senhor, com uma fera selvagem! - exclamou o aluno mais alto. - Eu tinha acabado de me levantar para lavar o rosto quando ouvi os gritos, mas daqui não se consegue enxergar nada.

– Não temos a chave! - disse o outro, em tom aflito. - Apenas os docentes têm, e o portão está trancado.

– Então, precisamos acordar um deles - retruquei, me perguntando como o diretor, cujos aposentos deviam ter janelas que davam para o jardim, podia estar dormindo em meio àquele tumulto. - Vocês devem saber onde ficam os quartos deles... Depressa, vão acordar alguém que possa abrir o portão. Há alguma outra entrada?

– Duas, senhor - disse o estudante alto, enquanto seu amigo saía correndo pela passagem em busca de ajuda. - Há outro portão igual a este, que leva da arcada à outra extremidade do refeitório, ao lado das cozinhas, e há uma porta no muro do jardim que dá para a travessa Brasenose, mas todos ficam trancados à noite.

– Bem, o homem que está lá dentro deve ter entrado de algum modo - retruquei, nervoso, enquanto uma voz sufocada soltava um grito inconfundível: "Me salve, Jesus! Minha Mãe Santíssima, me salve!" Outro grito cortou o ar, seguido por pedidos entrecortados de

socorro, e depois se ouviu um rosnado feroz e um som verdadeiramente desumano, um gorgolejo asfíxiado que pareceu durar vários minutos. Uma pequena aglomeração de estudantes curiosos e agitados já se formava atrás de nós quando ouvi a voz do diretor, aos gritos:

– Me deixem passar, estou mandando!

Ele estava com o rosto inchado e sonolento, um casaco jogado por cima do camisolão, e segurava um molho de chaves. Ao me ver, se assustou:

– Oh, Dr. Bruno. O que é essa perturbação medonha? Quem está lá dentro? O senhor consegue enxergar alguma coisa? Tentei olhar das janelas, mas a neblina e as árvores impedem a visão.

– Não estou vendo nada, mas parece que um animal selvagem está destroçando alguém no jardim. Ele precisa de ajuda, e rápido!

O diretor me olhou como se eu tivesse acabado de dizer que um rebanho de bois tinha voado por cima do colégio, mas em seguida se recompôs e deu um passo em direção ao portão, as chaves na mão. No entanto, logo parou e se virou de novo para mim, o rosto tenso de medo. Os rosnados e latidos terríveis continuavam lá dentro, mas os sons humanos haviam parado. Temi pelo pior.

– Mas... mas, nesse caso, seria loucura entrar sem uma arma, se houver um cão selvagem à solta! - gaguejou o diretor. - É preciso matá-lo... alguém tem que buscar o chefe da guarda ou um bedel que possa trazer uma balestra. Um de vocês, depressa! - gritou com rispidez para a multidão de rapazes semi-vestidos que estavam no fim da passagem, olhando, boquiabertos. - Vão buscar o chefe da guarda, imediatamente! - e os alunos se entreolharam, antes que dois saíssem correndo em direção ao pátio.

– Será que não podemos encontrar um pedaço de pau ou um atizador, alguma coisa? Temos de entrar, diretor. Receio que já estejamos chegando tarde demais para o pobre infeliz que está preso

aí dentro - disse eu, estendendo a mão com urgência para pegar as chaves.

O diretor olhou ao redor, em pânico:

– Mas... como pode haver um *cachorro* no jardim? - perguntou, como se falasse sozinho, as sobrancelhas unidas numa expressão perplexa.

– Não é um cão de guarda, para impedir a entrada de intrusos? - indaguei, agora eu mesmo intrigado. - Não terá sido um ladrão que escalou o muro, talvez?

– Mas não há nenhum cão de guarda - respondeu o diretor, a voz tensa de pânico. - O porteiro tem uma cadela, mas é um bicho velho e cego, que só tem três pernas e dorme na guarita dele, junto ao portão principal. Ninguém mais no colégio tem autorização para ter animais - explicou. Balançou a cabeça, incapaz de compreender a prova dada por seus próprios ouvidos. A fera no jardim continuava a fazer seu ruído infernal.

– Abram caminho - disse uma voz calma atrás de nós, e o bando de estudantes amontoados na passagem se afastou, revelando um jovem alto, de cabelo louro até os ombros, vestindo inadequadamente um belo conjunto de sobre-veste e calções, tudo em seda preta, com uma fenda que deixava aparecer o belo forro carmesim, ostentando um rufo primoroso no lugar da gola, o que lhe dava a aparência exata de estar a caminho de um baile ou teatro em Londres, e não de ter levantado às pressas e em meio à confusão, como o restante de nós. Numa das mãos ele carregava um arco longo, do tipo usado pela nobreza nas caçadas, mais alto do que ele e finamente entalhado com incrustações douradas e arabescos em verde e escarlate. Na outra ele segurava uma aljava de couro, decorada com o mesmo desenho de vinhas encaracoladas e folhas de ouro.

– Gabriel Norris! - exclamou o diretor, olhando fixo para o arco. - O que é isso...?

– O senhor precisa abrir o portão, diretor Underhill - ordenou o rapaz -, não há tempo a perder: a vida de um homem está em perigo!

Falou em tom comedido, apesar da urgência da situação, como se ele, e não o diretor, fosse a autoridade. Meio abestalhado, o diretor destrancou

o portão e o rapaz o atravessou, enquanto colocava uma flecha no arco. Eu o segui, hesitante, e o diretor entrou atrás de mim, mantendo-se junto ao muro.

A bruma densa pairava entre os galhos retorcidos das macieiras e pregava peças em meus olhos com suas formas mutantes. Pisando cauteloso pelas sombras azuladas, de repente vislumbrei, no canto nordeste do lado oposto, o movimento de um cão grande, de pernas compridas - pela forma, algum tipo caçador de lobos, pensei, embora não conseguisse enxergar com clareza. Permaneci perto do muro, enquanto o tal de Gabriel, em sua roupa espalhafatosa, avançou com passos firmes em direção ao animal, que continuava a rosnar e sacudia entre os dentes um objeto preto e mole a seus pés. Quando cheguei mais perto, a neblina afinou e pude ver o animal claramente. Sua mandíbula estava cheia de sangue e salpicada de retalhos de carne dilacerada. Perdi toda a esperança e senti o estômago revirar, pois compreendi que chegáramos tarde demais. O rapaz se deteve alguns passos adiante. O cão, captando um odor ou um som, parou de mutilar sua presa e levantou a cabeça. Por um instante muito breve, seus rosnados cessaram e ele fez um movimento em direção ao rapaz, que nesse momento disparou a flecha. Apesar do ar denso, ele tinha boa pontaria, e o animal se contorceu e arriou no chão quando a ponta da flecha se cravou em seu pescoço.

Mal ele caiu, Gabriel largou o arco e ambos corremos para o monte escuro imprensado na parede, ao lado do cadáver do animal. Era o corpo de um homem, caído de bruços, com a beca preta espalhada à sua volta, e a grama toda arrancada e encharcada pelo sangue que escorrera ao redor do corpo. Ajudei Gabriel a desvirar o homem e, com o susto, soltei um grito repentino. Era Roger Mercer, com a cabeça curvada num ângulo medonho, os olhos cravados no céu, a garganta dilacerada - uma tira de pele pendendo solta, a carne viva se projetando do ferimento. Instintivamente, estendi a mão para estancar o sangue que ainda jorrava de seu pescoço e seu peito, mas era tarde demais: os olhos estavam vitrificadas, fixados para sempre numa expressão de pavor. Gabriel Norris pulou para trás, afastando-se do cadáver ensanguentado, e examinou as

próprias roupas, ansioso, para ver se teria respingado algum sangue nelas, como se essa fosse sua única preocupação. "Pavãozinho presunçoso", pensei, enojado, e então me lembrei de onde ouvira seu nome antes. Mercer tinha se referido a ele, na noite anterior, exatamente nos mesmos termos. Incrédulo, me agachei junto ao corpo, observando as mãos destroçadas - dois dedos quase tinham sido mutilados a dentadas, na tentativa de luta para afastar o cachorro -, os pedaços de carne arrancados das pernas e dos tornozelos, nos pontos pelos quais o animal o havia puxado para o chão, e a garganta terrivelmente retalhada.

O diretor se aproximou de nós, cauteloso, tampando a boca com um lenço.

- Ele está...?

- Chegamos tarde demais, que Deus o tenha - respondi, mais pelo hábito que por devoção. Underhill se aproximou o bastante para identificar o corpo mutilado do homem que, na véspera, sentara-se à sua direita no jantar, e teve uma ânsia de vômito imediata. O jovem chamado Gabriel parecia ter se recuperado e cutucava o cadáver do cão com a ponta do pé.

- Uma fera gigantesca - disse, quase com um toque de orgulho, como se exibisse o animal como um troféu de caça. Examinando mais de perto, me ocorreu a ideia de que caça era realmente a imagem apropriada.

- Esse é um cão de caça - afirmei, me ajoelhando ao lado dele. - E olhe aqui - continuei, apontando para onde as costelas se projetavam dolorosamente sob o pelo cinzento e duro feito arame. - Veja como ele está magro... parece que andou passando fome. E olhe para essa perna... - Um anel de carne viva circundava a parte superior da perna traseira esquerda do cão, onde a pele fora brutalmente ralada por algum tipo de corda ou corrente. O pelo em volta da ferida havia sido arrancado e estava cheio de falhas, como se o bicho tivesse tentado repetidamente arrancar seu grilhão com os dentes. - Acho

que ele foi acorrentado, está vendo? Não é de admirar que tenha ficado tão enlouquecido.

– Mas o que ele estava fazendo no jardim? - perguntou o rapaz, me olhando com ar de expectativa. - E por que o Dr. Mercer estava aqui com um cachorro?

– Talvez estivesse levando seu cão para passear e, de repente, o animal se voltou contra ele... Às vezes os cães são imprevisíveis - sugeri, sem me convencer da hipótese que eu mesmo levantara.

– Mas Roger não tinha cachorro - disse o diretor em tom débil, enxugando a boca com o lenço. - Eu lhe disse: ninguém do colégio, exceto o porteiro, está autorizado a ter animais. Não... não, senhores, não há nada para ver aqui! - exclamou ele de repente, quando viu os alunos entrando em bando no jardim pelo portão estreito, ansiosos por ver o espetáculo. - Voltem para seus quartos, todos vocês! Ofício religioso às seis, como de praxe... Voltem para os quartos e tratem de se aprontar, vamos!

Relutantes, os alunos deram meia-volta e seguiram arrastando os pés para o portão, olhando para trás e murmurando entre si, num tom animado. O diretor se virou para o jovem que contemplava os cadáveres, ainda com a aljava pendurada no ombro. Uma expressão de incredulidade tomou seu rosto, como se só nessa hora ele estivesse vendo o rapaz com clareza, pela primeira vez.

– Gabriel Norris! - exclamou, abanando freneticamente a mão. - Que roupa é essa que você está usando, em nome de Deus?

Norris baixou os olhos para seu vistoso conjunto de sobreveste e calções, depois remexeu os pés, como que sem graça.

– Acho que esta não é a hora, diretor Underhill - começou a dizer, mas o outro o interrompeu.

– Você conhece perfeitamente o édito do conde de Leicester sobre as normas de vestuário para os alunos! E eu tenho a incumbência de fazer com que elas sejam cumpridas. Você quer que sejamos ambos punidos pelo Tribunal da Reitoria, depois de tudo o que aconteceu?

- gritou. Seu rosto ficara da cor de beterraba, a voz sufocada. Não pude deixar de considerar aquela reação um exagero, dadas as circunstâncias. - Nada de franzidos, nem sedas, nem veludos, nem fendas na sobreveste nem nos calções! - prosseguiu ele, elevando o tom a cada item. - E nada de *armas!* Você desdenha de propósito de todas as normas estabelecidas a respeito do vestuário! Isto aqui é uma comunidade de estudiosos, Sr. Norris, não um baile da corte em que o senhor possa pavonear a sua riqueza!

O rapaz torceu a boca e fez ar de mau humor. Mesmo nessa atitude de petulância, vi que era bastante bonito e estava claramente acostumado a fazer as coisas a seu modo.

- Esta comunidade de *estudiosos* não poderia renunciar à minha fortuna, como bem sabe, diretor. E o senhor nos cobra um preço exagerado. Sou obrigado a comer feito um mendigo aqui, será que também devo me vestir como um miserável?

O diretor, submisso, baixou a voz:

- Você deve se vestir como o conde de Leicester considera apropriado para um homem de Oxford - disse. - Agora, por favor, vá depressa trocar de roupa. Se você for denunciado, ambos estaremos enrascados. Como vou explicar? - interrompeu-se nesse instante, olhando com ar de desamparo para os dois cadáveres. Percebi que suas mãos tremiam muito e suspeitei de que o homem estava em choque.

Gabriel Norris me olhou por um instante, como se relutasse em deixar a cena de seu heroísmo, depois pensou melhor, talvez, e, com certa pressa, apanhou o arco e fez meia-volta para se retirar.

- Sr. Norris! - chamou-o Underhill.

O rapaz se virou com ar desafiador.

- Sim, senhor diretor?

- Um *arco longo*? Por que, em nome de Deus, você tem um arco e flecha no colégio?



Norris deu de ombros.

- Meu pai o deixou para mim. É uma lembrança. Além disso, caçar por esporte é permitido aos alunos pagantes que tenham licença.
- *Não é* permitido ter arco e flecha nas dependências do colégio - rebateu Underhill, em tom débil.
- Se eu não o tivesse no colégio, o senhor teria sido obrigado a lutar com aquele cão com suas próprias mãos, senhor diretor - retrucou Norris, em tom seco. - Mas não espero que me agradeça.
- Ainda assim, Sr. Norris, insisto em que o leve para o cofre-forte, na torre, onde poderá ser guardado. Peça ao professor Slythurst ou ao Dr. Coverdale que o tranquem lá dentro para você. Hoje, por favor! - acrescentou, enquanto Norris desaparecia pelo portão aberto.

O diretor respirou fundo e, em seguida, suas pernas pareceram ficar bambas. Eu lhe ofereci o braço e ele se apoiou em mim, agradecido.

- Diretor Underhill - ponderei, apontando o corpo de Roger -, um homem morreu num acidente pavoroso. Precisamos tentar entender como é possível que isso tenha ocorrido. Se é que de fato foi um acidente - acrescentei, porque, quanto mais eu buscava uma explicação, mais inquieto as circunstâncias me deixavam.

Nesse momento, Underhill tropeçou e quase caiu por cima de mim, o rosto lívido.

– Santo Deus, você tem razão, Bruno! Os comentários vão se espalhar como um incêndio incontrolável entre os estudantes. Mas como é possível explicar isso? A não ser... - Havia pavor em seu rosto e senti pena dele. Seu reino sereno e ordeiro fora virado de pernas para o ar em poucos minutos.

– Bem, busquemos primeiro as causas mais prováveis - sugeri. - Se não há cães no colégio, exceto a velha cadela do porteiro, este aqui deve ter vindo do lado de fora, muito provavelmente cruzando aquele portão.

– Sim, sim, é isso: uma fera perdida achou o caminho do portão para entrar - disse ele, agarrando-se a minha sugestão, agradecido.

Mercer fora derrubado e brutalmente atacado a poucos passos do portão de madeira que dava para a travessa atrás do colégio. No entanto, quando tentei a maçaneta, vi que a fechadura estava firmemente trancada. O diretor permaneceu imóvel, como que paralisado pelos corpos do caçador e de sua presa. No muro dos fundos, ali perto, notei um retalho de tecido preto espetado na borda de um tijolo. Abaixo desse ponto, pegadas de botas e patas indicavam que a grama fora pisoteada até virar lama, além de estar generosamente encharcada do sangue de Mercer.

– Parece que ele tentou escalar o muro, pobre homem - comentei, como se falasse sozinho. - Isso explicaria as pernas destroçadas. Mas o muro tem o dobro da altura de um homem... Por que ele simplesmente não correu para o portão,

para fugir? A não ser que o cão estivesse entre o portão e ele, o que significaria que teria vindo de fora. Mas, nesse caso, como é que o portão está trancado?

Olhei de relance para Underhill, que continuava imóvel, depois me apressei a experimentar o outro portão que dava para o colégio, na passagem que corria entre o refeitório e as cozinhas. Também estava trancado. Então, fiquei intrigado: como o cão teria entrado no jardim? E, a propósito, como Roger Mercer teria entrado?

Voltei para onde estavam os cadáveres.

– Será possível - arrisquei, à medida que a realidade do que eu tinha visto foi começando a se consolidar na minha mente - que alguém tenha deixado o cão entrar aqui de propósito?

Underhill se virou para me olhar, incrédulo.

– Para pregar uma peça, você quer dizer?

– Dificilmente seria para pregar uma peça. Quem soltou um cão de caça semimorto de fome devia saber que ele seria capaz de matar - respondi. Eu me ajoelhei ao lado do corpo trucidado de Roger e apalpei os bolsos dele.

– Dr. Bruno! - exclamou o diretor. - O que está fazendo? O pobre homem ainda está quente, por favor!

Roger Mercer estava totalmente vestido, apesar de ser tão cedo. Num dos bolsos costurados em seus calções encontrei o que estava procurando.

– Olhe - disse, levantando duas chaves de ferro presas numa mesma argola, uma muito maior do que a outra. - Uma destas é a chave do jardim?

Underhill tirou a argola da minha mão e examinou as chaves contra a luz.

– Sim, a maior delas abriria qualquer dos três portões.

– Nesse caso, ele entrou sozinho e trancou o portão, ou alguém trancou o portão pelo qual ele entrou, depois que o viu dentro - ponderei. - De um modo ou de outro, ele foi preso aqui com um cão selvagem.

– Mas ainda não sabemos como o cão entrou - disse Underhill, sem compreender.

– Bem, sabemos que ele não pulou o muro nem entrou sozinho e se trancou aqui - retruquei, encarando-o enquanto falava, à espera de que ele compreendesse.

O diretor apertou meu braço, o rosto contorcido de pânico. Senti cheiro de bile em seu hálito.

- O que está dizendo, Bruno? Que alguém deixou aquele cachorro entrar e depois bloqueou todas as possibilidades de fuga?
- Não vejo outra explicação - respondi, tornando a olhar para os dentes pavorosos do animal, entre os quais a língua flácida agora pendia, com filetes de saliva escorrendo pela mandíbula. A flecha de Norris continuava em riste, cravada em sua garganta. - Alguém que sabia que o Dr. Mercer viria aqui nesse horário. Mas, com certeza, em momento algum ele suspeitou de que poderia correr perigo, caso contrário, teria vindo armado.

Então me lembrei do estranho comentário de Mercer na noite anterior, a propósito de como todos viveríamos de maneira diferente, se víssemos a morte se aproximar. Eu havia descartado essa observação, mas estaria ele revelando que temia pela própria vida? Foi só uma coincidência infeliz, pensei. Além disso, ele tinha falado em tom confiante sobre comparecer ao debate e conversar comigo depois. De repente, senti uma tristeza terrível. Embora eu mal conhecesse o homem, ele me parecera cordial e sincero e fazia poucos minutos que eu o ouvira morrer. E pensar que ele poderia ter sido salvo, se eu tivesse agido com mais rapidez, se alguém tivesse uma chave, se Norris tivesse chegado antes com seu arco e flecha. Um momento de indecisão define o destino de um homem, pensei, e me dei conta de que eu também estava tremendo.

- Será, talvez, que ele tinha o hábito regular de passear tão cedo pelo jardim? - perguntei. - Digo, alguém poderia saber que devia esperá-lo aqui?
- É comum os professores gostarem de ler no silêncio do bosque - respondeu o diretor. - Mas, em geral, não nesse horário, posso lhe garantir. É muito escuro. Os estudantes se levantam às 5h30 para se aprontarem para o culto, às seis. O ofício matinal é obrigatório. Raramente se encontra viva alma do lado de fora no colégio antes disso, nem mesmo os empregados da cozinha. Confesso que nunca andei no jardim nesse horário, por isso não saberia dizer se algum de meus colegas tem esse costume.

Tornei a me curvar sobre o corpo de Mercer, afastando as roupas ensanguentadas e rasgadas, para ver se alguma coisa na pessoa dele seria capaz de explicar sua presença no bosque tão cedo, e então me lembrei da brincadeira que ele fizera sobre a popularidade do jardim como local de encontros amorosos. Será que ele fora esperar alguém que nunca havia chegado, ou que chegara e trouxera a morte consigo? Mercer não carregava nenhum livro, mas um volume na parte interna de sua sobreveste sugeriu um bolso oculto. Enfiei a mão e retirei dele uma bolsa gorda de couro, com moedas tilintando.

– Se o propósito dele fosse uma caminhada calma e contemplativa antes do alvorecer, com certeza ele não teria precisado trazer isto - comentei, desatando a bolsa e mostrando seu conteúdo ao diretor. As moedas inglesas não significavam nada para mim, embora claramente houvesse muitas delas, porém os olhos do diretor saltaram diante daquela visão.

– Santo Deus, aí há pelo menos 10 libras! - exclamou. - Por que ele carregaria uma soma dessas?

– Talvez esperasse encontrar alguém a quem devesse dinheiro.

– E, sabendo que estaria aqui, soltaram um cachorro em cima dele! - tornou a exclamar Underhill, de olhos arregalados. - Vingança por uma dívida não quitada, deve ter sido isso.

Balancei a cabeça.

– Nesse caso, por que o dinheiro continuou no bolso dele? Se alguém quisesse feri-lo, talvez por ele não ter pago uma dívida, certamente teria feito questão de primeiro pegar o dinheiro.

– Mas quem poderia querer ferir Roger? - perguntou Underhill, em desespero.

– Eu não saberia dizer. Mas um cão selvagem não entra por acaso num jardim fechado, passando por portões trancados. - Sacudi a roupa, notando que fora manchada pelo sangue de Mercer. - Agora

que aconteceu essa coisa terrível, suponho que o senhor queira cancelar o debate de logo mais, não é?

O rosto do diretor novamente se encheu de medo.

– Não! - protestou ele com veemência, me segurando pelos ombros.  
- O debate precisa ser realizado. Não podemos deixar que este *incidente* perturbe uma visita régia de inspeção. O senhor é capaz de imaginar as consequências, Dr. Bruno? Sobretudo se houvesse rumores de que isso foi - olhou em volta, antes de sussurrar a palavra - *proposital*? O colégio ficaria maculado e, junto com ele, a minha reputação, e já tivemos tantos problemas por aqui ultimamente que tenho mais receio da insatisfação de Leicester do que saberia lhe dizer.

– Mas um homem foi brutalmente morto... talvez assassinado - protestei. - Não podemos cuidar das nossas tarefas como se nada houvesse acontecido.

– Shhhh! Pelo amor de Jesus Cristo, não repita essa palavra terrível, *assassinato*, Bruno. - O diretor correu um olhar desvairado pelo jardim e baixou a voz, embora ainda estivéssemos sozinhos. - Faremos um anúncio de que isso foi um trágico infortúnio. Diremos... - fez uma pausa breve, para compor sua história - ...sim, diremos que alguém deixou o portão do jardim aberto e que um cão vadio entrou e atacou Roger, que se levantara cedo para rezar e meditar no bosque.

– E vão acreditar nisso?

– Acreditarão, se eu disser que foi o que aconteceu... eu sou o diretor nomeado pelo conde - respondeu Underhill, deixando ressurgir uma pitada da sua pompa anterior. - E depois, estava escuro e havia neblina, e ninguém enxergava com clareza.

Então surgiu em seu rosto uma expressão dura, além do desespero. Vi sua determinação de preservar o bom nome do colégio a qualquer preço, e

imaginei que essa mesma inclemência devia tê-lo dominado durante o julgamento do pobre Edmund Allen.

– Mas os portões trancados... - protestei.

– Só você e eu sabemos dos portões trancados, Bruno. Não vejo nenhum propósito na menção deles neste momento, se você não se importa.

– E o porteiro? Será que não vai se lembrar de ter verificado os portões à noite?

O diretor deu uma risadinha seca.

– Vejo que você não conhece nosso porteiro. A lucidez e a memória afiada não são os pontos fortes dele. Se eu disser que um portão ficou aberto, ele certamente não poderá dizer outra coisa. Sim, creio que esse é nosso curso de ação mais seguro.

Ao ver meu olhar apreensivo, ele apertou meu ombro e acrescentou, em tom mais brando:

– Se todas as suspeitas forem silenciadas, será mais fácil investigar o que realmente aconteceu aqui nesta madrugada. Mas, se houver uma grande comoção e Oxford inteira se alvoroçar com boatos de que o Colégio Lincoln é um local de assassinatos selvagens, o criminoso, se é que de fato existe um, com certeza desaparecerá na confusão. Se quisermos que a justiça seja feita, será melhor não alardearmos essa tragédia. Eu ficaria extremamente grato por sua ajuda nesta questão, Dr. Bruno.

Não soube ao certo se ele se referia à questão de encobrir a verdade ou de desvendá-la, mas fiquei dolorosamente perturbado com a idéia de que eu bem podia ter sido a última pessoa a ver Mercer com vida, e de que quem quer que houvesse planejado seu fim brutal estaria em liberdade naquele momento, em algum lugar de Oxford, talvez exultando por ter sido bem-sucedido. A fria rapidez do diretor ao lidar com a questão também havia me chocado. Sua reação humana à morte terrível do colega parecia ter sido tragada pelo medo de perder o cargo.

O céu estava clareando e a névoa se dissipava, restando apenas retalhos esfiapados entre as árvores. Os dois cadáveres na grama orvalhada haviam adquirido uma nítida solidez com a luz cinzenta. Underhill olhou para o céu, ansioso.

– Santo Deus, deve estar quase na hora do ofício! Preciso ir lá falar, para tranquilizar a comunidade. A história já deve estar ganhando vulto - acrescentou, torcendo as mãos até os nós dos dedos ficarem brancos, como se falasse sozinho. - Primeiro tenho que mandar os criados da cozinha trazerem um saco para aquela carcaça, que não pode ficar aqui.

Olhei para ele, estarecido, até que o diretor notou minha expressão.

– O cachorro, Bruno! Mas você está certo, é preciso mandar buscar o oficial de inquirição, para que o corpo possa ser removido. Ah, são tantas coisas por fazer! Tenho que pedir a Roger... - Nesse momento, Underhill pôs as mãos na boca e se virou para olhar o cadáver, como se só então compreendesse a perda de seu substituto.

– Ah, meu Deus - murmurou Roger está morto!

– Isso mesmo - confirmei, observando-o assimilar a realidade do fato.

– Mas, então, isso significa que terá de haver outra assembleia, outra eleição para subdiretor, e não há tempo para convocá-la. Só que, enquanto isso, preciso ter alguém para ser meu substituto, e isso acarretará todas as habituais ciúmeiras e os ressentimentos mesquinhos, justamente quando menos precisamos deles. Oh, como pode ter acontecido uma coisa dessas?

Tentando conter seus temores crescentes, Underhill se virou para mim com uma expressão compenetrada, as mãos se agitando em desamparo junto ao corpo:

– Dr. Bruno, eu sei que isto é uma coisa terrível para se pedir a um hóspede, mas será que o senhor ficaria com o corpo do pobre Roger até que possam trazer o oficial de inquirição? Preciso fazer o triste



anúncio dos acontecimentos desta manhã no serviço religioso, para acalmar as notícias sobre o assunto, se isso for possível. Mantenha os alunos do lado de fora. Não queremos que eles se aglomerem aqui dentro para satisfazer uma curiosidade macabra, como se estivéssemos instigando cães contra ursos.

– É claro que fico - respondi, torcendo para que minha vigília não fosse demorada. Embora eu não seja supersticioso a respeito dos mortos, a fixidez vazia dos olhos sem visão de Roger Mercer parecia me acusar por eu não tê-lo ajudado. "Nossos temores estão relacionados à nossa pobre carne fraca", dissera ele na noite anterior. Agora, tinha encarado esse temor em cheio. Eu ainda me lembrava da sua voz entrecortada, implorando que Jesus e Maria o salvassem.

O diretor se afastou depressa pelo gramado, em direção ao pátio, e fiquei sozinho com os corpos e o turbilhão de meus pensamentos. Enquanto esperava que eles se acomodassem em algum tipo de ordem, tornei a me debruçar sobre o cadáver e levantei o que restava de sua beca dilacerada, para cobrir seu rosto destruído. Os supersticiosos dizem que os olhos da vítima de assassinato conservam a imagem do assassino, mas, quando contemplei pela última vez o olhar aterrorizado de Mercer, pensei: se essas tolices fossem verdade, será que eu veria a imagem daquele cão enorme? No entanto, a realidade dos portões trancados persistia, insistente: o cão não era o verdadeiro assassino, apenas o agente. Tornei a me afastar do corpo do professor e me agachei para examinar o do cão. Era um bicho enorme, cuja altura batia na cintura de um homem, com a cabeça estreita e comprida. Notei mais uma vez como estava magro, embora não parecesse ter sofrido outros maus-tratos exceto a fome. Quem quer que tivesse soltado aquele cachorro ali devia ter planejado tudo com cuidado, tornando o ataque ainda mais letal ao deixar o animal desesperadamente faminto nos dias anteriores, a julgar pelas aparências. E a bolsa pesada de Roger - que o diretor tinha levado - sugeria que ele estivera esperando se encontrar com alguém com quem realizaria algum tipo de transação. Mas, se o dinheiro tinha estado no centro de uma

disputa na qual Roger se desentendera tanto com alguém a ponto de quererem matá-lo, eu não conseguia imaginar por que teriam deixado a bolsa. O dinheiro parecia ter sido uma prioridade menor do que a morte de Mercer, embora devesse ter sido fundamental para o encontro que ele havia antecipado.

Tornei a examinar a disposição do jardim. No lado norte, fazia fronteira parcialmente com a cozinha, embora eu não visse nenhuma porta de ligação entre eles. Em três lados era cercado por um muro de pelo menos 3,5 metros de altura e, no quarto lado, seu limite era a ala leste do colégio, que abrigava o refeitório e a residência do diretor. Presumi que Mercer teria entrado no jardim por uma das passagens de ambos os lados do refeitório, usando a própria chave. Será que em seguida havia trancado o portão, para não ser incomodado, ou alguém teria esperado que ele entrasse para trancar o portão pelo lado do colégio, deixando-o fechado lá dentro, sem saber? Teria sido essa a mesma pessoa que em seguida abria o portão da travessa, aquele pelo qual o cachorro - presumivelmente de focinheira até o último minuto - tinha sido solto, e depois o trancara com o animal lá dentro? Mas teria levado uns bons minutos para alguém correr do portão principal e contornar a lateral do prédio, e qualquer pessoa que fizesse isso seria vista pelo porteiro, supondo-se que ele estivesse acordado.

No pátio, um sino tocou um dobre desolado, convocando a comunidade acadêmica para a capela, onde o diretor divulgaria sua mensagem tranquilizadora e benevolente e dissiparia as fantasias mais sinistras dos rapazes. Ao me levantar, me perguntei com displicência se James Coverdale finalmente realizaria sua ambição de se tornar subdiretor, e uma idéia me atingiu como se fosse uma lâmina fria. O diretor havia perguntado, de maneira retórica, quem iria querer prejudicar Roger Mercer, e eu tinha dito que não sabia. Mas, examinando a questão nesse momento, percebi que até eu, um estranho que ainda não havia passado nem um dia inteiro no colégio, já tinha encontrado duas pessoas que pareciam odiá-lo. Será que não haveria mais? Talvez uma delas tivesse tentado extorquir dinheiro de Roger e, em vez disso, tenha resolvido

matá-lo. Eu o achara um homem bastante simpático, mas sua participação no julgamento do infeliz Edmund Allen parecia ter despertado ressentimentos. Quem saberia dizer quantos outros inimigos ele teria feito? Mas esses ressentimentos deviam ter cozinhado em fogo brando por muito tempo. Por que esperar pela semana de uma visita régia de inspeção para cometer atos vingativos? A não ser...

Enquanto pensava nessa nova pista, fui interrompido pela visão de uma úgura que corria em minha direção por entre as árvores, vinda dos lados do colégio. Dei um passo à frente, na esperança de que fosse o oficial de inquirição chegando para me liberar dos meus deveres, e me surpreendi ao reconhecer Sophia Underhill, que usava um vestido azul de tecido fino e um xale em volta dos ombros, o cabelo balançando ao vento às suas costas. Ela se deteve a uma curta distância, parecendo igualmente surpresa por me ver.

- Dr. Bruno! O que... o que está fazendo aqui?
- Eu estava esperando seu pai - respondi, dando mais um passo para ela, na esperança de afastá-la dos cadáveres.
- Disseram que Gabriel Norris matou um intruso - comentou a moça, o rosto afogueado pelo drama do momento. - Ele ainda está aqui? - perguntou. Seus olhos brilharam de ansiosa expectativa quando ela os correu pelo ambiente, num ímpeto frenético, mas notei que torcia as mãos de agitação, do mesmo modo que o pai.
- Não exatamente - respondi, quase sorrindo. A despeito dos grandes esforços do diretor, a história parecia vir aumentando ao ser contada. - A senhorita não falou com seu pai?
- Ele está no ofício matinal na capela. Eu soube da notícia por dois alunos que estavam correndo para lá, atrasados - explicou Sophia, espiando, mais além de mim, as formas caídas na grama espessa. - É claro que ouvimos o barulho das nossas janelas, mas nunca imaginei... aquele ali é o corpo do ladrão? - indagou. Parecia ansiosa para dar uma olhada, mas me plantei com firmeza em seu caminho.
- Por favor, Srta. Underhill, a senhorita precisa se manter a distância. Não é algo que você deva ver.

Ela inclinou a cabeça e me encarou, desafiadora.

- Já vi a morte antes, Dr. Bruno. Vi meu próprio irmão com o pescoço quebrado. Não me trate como uma dessas damas mimadas que nunca saíram da sala de visitas.
- Eu nem pensaria em fazer isso, mas a situação aqui é pior - respondi, abrindo totalmente os braços, como se isso pudesse encobrir a cena. - Bem, não é pior do que a morte de um irmão, não foi isso que eu quis dizer... só quero dizer que há muito sangue, não é algo que uma mulher deva ver. Por favor, confie em mim, Srta. Underhill.

Ao ouvir isso, ela bufou e pôs as mãos nas cadeiras.

– Como é que os homens podem achar que as mulheres são frágeis demais para ver sangue? Vocês se esquecem de que sangramos todo mês? Parimos filhos em grandes poças de sangue, e será que imaginam que tapamos os olhos ao fazer isso, para que não ofenda nossos sentidos delicados? Eu lhe asseguro, Dr. Bruno, que qualquer mulher é capaz de ver sangue com mais coragem do que um soldado, embora os homens pensem que devamos ser tratadas como cristais de Murano. Não seja mais um dos que querem me tratar feito um bibelô. Fiquei surpreso com a ferocidade de sua argumentação e admiti que ela estava certa. Ainda assim, eu fora encarregado de proteger Mercer dos olhares curiosos, por isso tornei a dar mais um passo, até parar bem na frente dela, a pouco mais de um palmo de distância. Foi desconcertante constatar que Sophia era quase da minha altura.

– Eu nem sonharia fazer isso. Mas, Srta. Underhill, peço que não se aproxime mais... Esse corpo está terrivelmente mutilado. Receio que seria angustiante, por mais forte que você seja.

Sophia se manteve firme por mais um minuto, depois seu senso instintivo de decoro a fez dar um passo atrás. A expressão de desafio foi substituída por outra, de ansiosa curiosidade.

– Mas o que aconteceu?

– Um homem foi brutalmente atacado por um cão selvagem. Norris matou o cão, não o homem.

A jovem franziu o cenho.

– Um cão? No *jardim*? Espere... - balançou a cabeça, alvoroçada, como se estivesse fazendo todas as perguntas na ordem errada. - Que homem?

– Roger Mercer.

– Oh, não! Não! - repetiu, com uma das mãos cobrindo a boca, a outra no peito. - Não!

Seus olhos correram de um lado para outro, desvairados, sem pousar em lugar nenhum, e ela arriou devagar no chão, a saia inflando-se à sua volta, a mão ainda pressionando a boca. Não soube ao certo se ela estava prestes a chorar ou a desmaiar, mas a cor desapareceu do seu rosto.

– Ah, meu Deus, não pode ser!

Eu me agachei a seu lado e pus uma das mãos em seu ombro.

– Sinto muito. A senhorita gostava dele?

Sophia me olhou com uma expressão fugaz de perplexidade, depois assentiu enfaticamente com a cabeça.

– Sim, sim, é claro... isto aqui é a minha casa, e nos últimos seis anos os professores mais antigos foram como membros da minha família - disse ela, com a voz trêmula. - Não consigo acreditar que uma coisa tão pavorosa possa ter acontecido aqui, no colégio, e bem embaixo das nossas janelas. Pobre Roger! - exclamou. Então olhou para a forma amontoada na grama atrás de mim e estremeceu. - Se ao menos... - interrompeu-se, tornando a comprimir a ponta do polegar na boca.

– Se ao menos...? - instiguei-a.

Mas Sophia apenas balançou a cabeça e tornou a correr os olhos em volta, agitada.

– E onde está o Sr. Norris?

– Seu pai mandou que ele trocasse de roupa. Ao que parece, o traje dele era inadequado.

Nesse momento, ela deu um risinho meigo e indulgente, e senti uma pontada inesperada e repentina de ciúme. Será que ela gostava daquele jovem arqueiro todo embonecado?

– Mas um *cachorro*? - perguntou Sophia, intrigada, passando as mãos pelo cabelo como se pensasse em voz alta, novamente com a expressão conturbada.

– De onde ele veio?

– Devem ter deixado o portão da travessa aberto durante a noite... parece que um cão vadio achou a entrada e estava tão faminto que seria capaz de atacar qualquer coisa - respondi, no tom mais sereno que pude.

Sophia estreitou os olhos.

– Não. Aquele portão nunca fica destrancado. Papai é paranoico com a ideia de entrarem vagabundos e intrusos durante a noite, ou de os alunos usarem o jardim para se encontrarem com as criadas da cozinha. Ele o verifica todas as noites, às 22 horas, antes de se recolher. Seria tão impossível que esquecesse o portão quanto não se lembrar de suas orações ou de seu trabalho. Não pode ser.

– Talvez ontem ele tenha deixado essa tarefa a cargo do porteiro, já que teve de nos receber para jantar - sugeri, pensando em como era absurdo o fato de eu defender aquela mentira improvável, quando queria comparar as suspeitas dela com as minhas. - Ouvi dizer que o porteiro é um velhote beberrão indigno de confiança.

Sophia me olhou como se estivesse decepcionada comigo.

– Cobbett é velho, sim, e gosta de um trago de vez em quando, mas está no colégio desde garoto e, se meu pai lhe confiou essa tarefa, ele preferiria morrer a desapontar o diretor. Ele pode ser apenas um criado para o senhor, Dr. Bruno, mas é um velho bondoso e não merece que falem dele com desprezo.

– Eu realmente sinto muito, Srta. Underhill - retruquei, envergonhado. - Não era minha intenção...

– É melhor o senhor me chamar de Sophia. Toda vez que ouço dizerem "Srta. Underhill", eu me sinto muito mais velha.

– Sua mãe não ouviu a comoção esta madrugada?

– Não sei, ela está deitada - suspirou Sophia. - Ela passa a maior parte do tempo na cama, é a sua principal ocupação.

– Imagino que ela carregue um grande fardo de tristeza desde a morte do seu irmão - disse eu, com brandura.

– Todos carregamos um grande fardo de tristeza, Dr. Bruno - rebateu Sophia, com os olhos faiscando. - Mas, se nos escondêssemos sob as cobertas, fingindo que o sol já não se levanta nem se põe, a família desmoronaria. O que o senhor sabe sobre a morte do meu irmão, afinal?

– Seu pai me fez um relato resumido, ontem à noite. Deve ter sido insuportável para você.

– Já seria insuportável perder um irmão de qualquer jeito - disse ela, em tom mais brando. - Mas eu tive liberdades incomuns enquanto John era vivo, porque ele falava em meu nome, insistia em que eu fosse sua companheira em todas as atividades que realizava e que fosse tratada como ele. Sem meu irmão, sou obrigada a me portar como uma dama e devo confessar que isso não me agrada nem um pouco.

Sophia riu inesperadamente, o que foi um grande alívio para mim, mas seu riso sumiu no silêncio e ela começou a arrancar talos de grama, distraída.



- Imagino que seu debate de hoje seja adiado por causa disso, não é?
- perguntou ela, com um gesto vago para o relevo formado pelo corpo de Mercer, como se haver ou não a discussão não lhe interessasse muito.
- Não, de modo algum. Seu pai está decidido a não decepcionar o convidado da realeza. Ele disse que prosseguiremos conforme o planejado.

O rosto de Sophia tornou a demonstrar raiva - ao que parecia, seu temperamento era tão mutável quanto o clima do monte Vesúvio - e ela se pôs de pé, sacudindo o vestido com batidas rápidas e furiosas.

- É claro que ele está. Não faz mal que alguém tenha morrido, e de uma forma terrível: nada deve perturbar a vida do colégio. Todos devemos fingir que não há nada fora de ordem. - Os olhos de Sophia flamejavam de fúria. - Sabe, não vi meu pai derramar uma única lágrima quando meu irmão morreu, nem uma só. Quando lhe deram a notícia, ele apenas balançou a cabeça, depois disse que estaria em seu gabinete e não queria ser perturbado. Não saiu de lá durante o resto daquele dia... que ele passou *trabalhando* - completou, cuspiendo a última palavra.
- Ouvi dizer - comentei, hesitante - que os ingleses acham necessário portar essa máscara para esconder o que sentem, talvez porque isso os assuste.

Ela fez um pequeno gesto de desdém com a cabeça:

– Minha mãe se esconde entre as cobertas; meu pai, no seu gabinete. Juntos, tenho certeza de que os dois quase conseguiram esquecer que um dia tiveram um filho. Que bom seria se não tivessem o inconveniente da minha presença para lhes recordar disso.

– Tenho certeza de que não é isso... - comecei, mas Sophia desviou o rosto e travou a boca numa linha tensa. - Qual é esse trabalho em que seu pai se encerra? - indaguei, para quebrar o silêncio.

– Ele está escrevendo uma edição comentada de *Os atos e monumentos destes tempos recentes e perigosos*, do professor Foxe - disse a jovem, com um toque de desdém.

– Ah, sim, *O livro dos mártires* - disse eu, me lembrando de que alguém no antar havia mencionado os sermões do diretor a esse respeito. - Uma edição comentada é necessária? Foxe, por si só, já é bastante prolixo, se bem me lembro.

– Meu pai certamente acha que sim. Aliás, ele acha que isso é mais urgente do que qualquer outra tarefa no mundo... exceto, talvez, as intermináveis reuniões dele com a diretoria do colégio, que nada mais são do que uma desculpa para intrigas e fofocas. - Ao dizer isso, Sophia arrancou, impetuosa, um punhado de rolhas de um galho alto e virou a cabeça para me olhar. - Presume-se que esses homens sejam os mais brilhantes da Inglaterra, Dr. Bruno, mas vou lhe contar, eles são piores do que lavadeiras, quando se trata do prazer que extraem das conversas maldosas.

– Hum, já andei por um número suficiente de universidades para saber disso tudo - comentei, sorrindo.

Ela pareceu prestes a dizer mais alguma coisa, porém nos chegou um ruído da direção do pátio, de onde dois homens corpulentos, de avental de cozinha, vieram se aproximando.

– É melhor eu ir embora - disse Sophia, dando mais uma olhada de relance, com expressão temerosa, para o canto em que jaziam os corpos. - Me desculpe por não poder comparecer ao debate, Dr.

Bruno. Não tenho permissão para ir, mas gostaria de vê-lo superar meu pai na discussão.

Ergui uma das sobrancelhas, fingindo surpresa, e ela me deu um sorriso tristonho.

– Sem dúvida o senhor vê isso como uma deslealdade minha. Talvez seja... mas meu pai tem ideias muito fixas sobre o mundo e a ordem que lhe foi predestinada, e sobre o lugar de todos nessa ordem. Às vezes penso que ele só acredita nessas coisas por ter sempre acreditado nelas, e porque é menos complicado continuar pensando do mesmo jeito.

Sophia mordeu o nó do polegar, ansiosa, e prosseguiu:

– Eu gostaria muito de ver alguém abalar as certezas dele, levá-lo a se questionar. Talvez, se conseguisse ao menos admitir a possibilidade de haver um modo diferente de se ordenar o Universo, ele viesse a descobrir que nem tudo aqui tem que permanecer como sempre foi. É por isso que eu quero que o senhor vença, Dr. Bruno - e, com estas últimas palavras, ela chegou até a segurar minha camisa e a sacudir de leve. Assenti com a cabeça, sorrindo.

– Quer dizer que, se fosse possível convencê-lo de que a Terra gira em torno do Sol, talvez ele também pudesse ser convencido de que uma filha é tão capaz de estudar quanto um filho, e de que ela deveria ter permissão para escolher o próprio marido, não é?

Sophia enrubesceu e retribuiu o sorriso.

– É mais ou menos isso. Parece que o senhor é tão brilhante quanto dizem, Dr. Bruno.

– Por favor, me chame de Giordano - acrescentei.

Ela moveu os lábios em silêncio, depois balançou a cabeça.

– Não consigo pronunciar esse nome direito, minha língua fica toda enrolada. Simplesmente terei que chamá-lo de Bruno. Vença o debate por mim, Bruno. Você será o meu herói nessa competição de cérebros

- disse e olhou por cima do meu ombro para a grama ensanguentada, então seu sorriso se extinguiu depressa. - Pobre Dr. Mercer. Mal consigo acreditar.

Lançou um olhar demorado para as elevações formadas pelos cadáveres sob as árvores, com uma expressão indecifrável, depois se virou e saiu correndo com passos leves pelo gramado, em direção ao colégio, me lançando um último olhar por cima do ombro, no instante em que o homem corpulento que já chegara perto de mim levantou um saco grande e disse:

- Bom, moço, cadê o tal cachorro que é pra enterrar?

## Capítulo 5

LIBERADO DO MEU ÚLTIMO DEVER de assistência ao pobre Roger Mercer pela chegada do oficial de inquirição, que veio acompanhado pela figura igitada do Dr. James Coverdale - este mal se dando o trabalho de disfarçar sua empáfia por ter sido solicitado a exercer as funções do cargo de subdiretor, n"ações à eliminação do antigo rival me senti grato por deixar o bosque e atravessei depressa a passagem para o pátio central. O ofício matutino havia terminado e grupos de estudantes, com as becas infladas pela brisa, se reuniam aqui e ali em discussões animadas, muitos visivelmente empolgados por estarem tão certo de tamanha calamidade, embora levassem as mãos à boca e arregalassem os olhos, horrorizados.

Eram apenas sete horas, mas eu tinha a sensação de haver passado quase toda a noite em claro. Não havia nada que desejasse mais do que voltar para meu quarto, trocar de roupa e tentar recuperar um pouco do sono que me faltava, antes de ordenar a cabeça em tempo hábil para o debate vespertino - um evento que, a essa altura, perdera a graça para mim. A camisa e os calções que eu vestia estavam manchados do sangue de Mercer, fato que Coverdale se mostrou satisfeito em assinalar quando me despedi dele e do oficial de inquirição: é melhor achar uma roupa limpa, Dr. Bruno", disse o subdiretor interino, com uma leviandade que me parecera inoportuna, "ou vão pensar que o assassino é o senhor!"

Presumi que ele havia ficado aborrecido por já me encontrar no local e que tinha feito uma piada fútil para destruir qualquer ilusão de utilidade que eu pudesse alimentar, mas, quando relanceei os olhos pelo pátio e vi aquela cena de consternação agitada, perguntei a mim mesmo por que ele teria usado a palavra "assassino", ainda que de brincadeira, se a informação oficial tinha sido a de que a morte de Mercer fora um trágico acidente. Talvez eu estivesse atribuindo um peso indevido a palavras irrefletidas. De qualquer modo, ele tinha razão quanto a minha roupa,

pensei, baixando os olhos para os calções e segurando o tecido, para avaliar a extensão das manchas. Ao fazer isso, senti um volume no bolso e me dei conta de que ainda estava com as chaves que havia tirado do corpo de Mercer. Certamente as tinha enfiado no bolso sem pensar.

Girei a argola com as chaves na palma da mão. A menorzinha, imaginei, devia abrir a porta do quarto de Mercer, já que era do tamanho da chave de meu quarto de hóspedes. Tornei a correr os olhos pelo pátio. Com livros nas mãos, os estudantes começavam a se dispersar, uns em direção à escada que conduzia à biblioteca da ala norte, outros rumo ao portão principal. Ninguém prestava atenção em mim. Olhei para a chave de Roger. Será que seu quarto daria alguma indicação da pessoa que ele havia esperado encontrar no jardim, pensei comigo mesmo, e da razão pela qual ele tinha levado tanto dinheiro? Eu poderia dar uma rápida espiada agora, enquanto os alunos estavam ocupados, e devolver as chaves ao diretor mais tarde, dizendo (sem mentir) que as colocara no bolso por distração.

Roger Mercer havia mencionado que morava no quarto da torre, acima da entrada principal. Levantei os olhos para os arcos altos e perpendiculares das janelas do primeiro andar, supondo que aquele deveria ser o lugar certo, e então, com passadas confiantes, entrei na sombra da primeira escadaria da ala oeste, que me pareceu levar à torre.

Ao chegar ao patamar do primeiro piso, me vi diante de uma porta baixa de madeira na qual havia uma placa pintada com os dizeres DR. R. MERCER, SUBDIRETOR. Dei uma olhada fugaz para os dois lados e experimentei a chave na fechadura. Ela girou com facilidade e entrei sem fazer barulho no quarto de onde Mercer saíra apenas duas horas antes, sem jamais imaginar que não regressaria. Por um instante, julguei ouvir passadas leves se afastando depressa, acima. Então me detive, imóvel, me esforçando para escutar, mas não ouvi nenhuma porta se abrir nem fechar e, em seguida, não houve outros sons.

Eu não tinha previsto a cena que testemunhei quando fechei delicadamente a porta ao entrar. O quarto era um tumulto só: livros, papéis e mapas haviam sido arrancados das prateleiras e atirados em todas

as direções, sem a menor preocupação com o conteúdo, e roupas foram retiradas da cómoda e espalhadas pelo chão. Um tapete grosso, que devia ter coberto o assoalho, fora embolado e afastado para um canto, e as marcas na poeira sugeriam que alguém havia tentado levantar uma tábua do piso. Ou Roger havia saído com uma pressa enorme, depois de revirar o quarto à procura de algum objeto perdido, ou outra pessoa também estava em busca de algo ligado à morte dele e chegara ali antes de mim.

O quarto era comprido, com pé-direito alto, e ocupava toda a extensão longitudinal da ala. Suas janelas estreitas de vitrais davam, de um lado, para o pátio quadrangular, e, do outro, para a rua fora do colégio. No lado que dava para a rua havia uma lareira larga de tijolos e, em frente a ela, uma grande escrivaninha de carvalho, com as pernas delicadamente entalhadas. No extremo oposto, de frente para a entrada, havia três degraus que levavam a uma outra porta, que estava aberta. O suor fez as palmas de minhas mãos formigarem por um instante, enquanto eu prendia a respiração e tentava escutar qualquer som que não fosse o pulsar frenético do meu sangue, me lembrando dos passos que tinha ouvido. Talvez eles não tivessem vindo do andar de cima e ainda houvesse alguém no quarto. Pisando macio como um gato, agarrei com as duas mãos a primeira coisa que o cômodo me ofereceu como arma - um atiçador da lareira -, cheio de coragem, me retesando para me aproximar da porta aberta. Eu a cruzei, levantando o objeto, mas o quartinho, bem no interior da torre, não continha nada além de um catre simples, um lavatório e um armário pesado de carvalho, com painéis entalhados nas portas.

Esse pequeno quarto de dormir não fora poupado das atenções de quem vasculhara o recinto: os lençóis tinham sido arrancados da cama de qualquer jeito e uma moringa fora derrubada do lavatório, partindo-se em pedaços e deixando uma mancha úmida na forração de junco do piso. Ao me aproximar, vi que até o colchão de palha fora rasgado com uma faca, esparramando o estofó pela cama. Num canto desse quarto quadrado havia uma portinha de madeira encaixada na parede. Tentei girar a maçaneta, mas ela estava firmemente trancada, apesar do som oco que

ouvi ao bater na madeira. Pelo eco e pela corrente de ar que assobiava por entre as frestas, presumi que ali ficava a escada que levava ao andar superior da torre. Segurando o atizador, olhei atrás das cortinas pesadas da janela e embaixo da cama, porém não encontrei ninguém. Convencido de que estava sozinho, voltei ao cômodo principal e tranquei a porta sem fazer barulho, para poder examinar o cenário em paz.

Em meio àquele caos, por onde começar? O cômodo era atulhado de móveis de tamanhos e formas variados, todos de madeira de lei. Havia cadeiras derrubadas e um baú que fora arrastado pelo chão e arrombado, revelando um esconderijo repleto de livros. O evidente desespero do vasculhador revelava, sem sombra de dúvida, que ele acreditava haver algo de valor entre os bens de Mercer. A questão era se isso já teria sido encontrado e, caso contrário, se eu o reconheceria, caso o visse.

Então me virei para a bela escrivaninha, coberta de papéis e penas espalhados. No frenesi, um pequeno astrolábio de bronze tinha sido derrubado no chão. Eu me curvei para apanhá-lo e o recoloquei em seu suporte, mas a régua havia quebrado. Ao me abaixar, notei um objeto escuro e espiralado sob a escrivaninha. Tinha uma forma incomum, mas, quando estiquei o braço para pegá-lo e o trouxe para a luz, vi que não passava de uma tira de casca de laranja, há muito seca, e tornei a jogá-la no chão. Levantando algumas folhas de cima, fiz um exame rápido dos papéis da escrivaninha. Seria um trabalho cansativo fazer a triagem das folhas empilhadas ali, à procura de alguma carta ou anotação rabiscada que pudesse elucidar a morte do ex-ocupante do quarto. Todas as gavetas da escrivaninha tinham sido abertas. Enfiei a mão para examinar uma de cada vez, apalpando a parte inferior em busca de travas que abrissem compartimentos secretos, mas não achei nada. Levantei o conteúdo das gavetas, largado ao deus-dará, mas já me sentia intimidado pela tarefa - não fazia ideia do que esperava encontrar.

Da gaveta superior esquerda retirei um belo estojo de couro para correspondência e, por um instante, fiquei tenso de esperança, ao pensar que talvez as cartas mais recentes de Mercer ainda estivessem ali dentro e pudessem revelar com quem ele se desentendera ultimamente, ou



mostrar alguma transação capaz de explicar sua presença no jardim. Liberei um espaço na escrivaninha para o estojo e, quando o abri, dele caiu um livro fino, encadernado em tecido. Eu o apanhei, abri-o ao acaso e vi que se tratava de um almanaque impresso em 1583, cujas páginas tinham divisões para os dias da semana, com o mês marcado no alto de cada uma e anotações sobre as previsões astrológicas relevantes. Com a pulsação acelerada, folheei o livro às pressas até chegar à página do dia em curso, me perguntando se haveria a mais remota possibilidade de Mercer ter anotado com quem planejava se encontrar nessa madrugada. Enquanto examinava a página referente a 22 de maio, notei uma curiosidade nesse calendário: todas as divisões eram marcadas por duas datas, uma impressa em tinta preta, outra anotada à mão em tinta vermelha. A data em vermelho ficava 10 dias à frente da preta. No mesmo instante eu soube o que significava aquilo, porque meu anfitrião, o embaixador francês, trabalhava com tais calendários na embaixada: os números em vermelho mostravam a data de acordo com o novo calendário, introduzido em fevereiro do ano anterior pelo papa Gregório, e que agora era obrigatório nas nações católicas, por ordem da bula papal *Inter gravíssimas*. Ele não fora adotado pela Inglaterra e por outros países protestantes da Europa, num gesto contundente de desafio à autoridade papal, mas muitas vezes eu ouvira o embaixador se queixar de que isso tornava extremamente confusa a correspondência entre os representantes dos diferentes países, porque ninguém tinha muita certeza da data a que se fazia referência. Em geral, ambas eram usadas, só por garantia. Mas por que, pensei com meus botões, um protestante inglês como Roger Mercer precisaria de um calendário marcado com as datas gregorianas?

Encontrei a página que queria e me emocionei ao ver que, em 22 de maio (1<sup>o</sup> de junho), ele havia anotado a hora e o local do meu debate, com sua letra inclinada e elegante: "G. Bruno vs. Underhill, Esc. Teo., 5h." Em seguida, segurando o livro mais de perto, notei outra marca na mesma data: no canto superior esquerdo da divisão do dia havia uma letra solitária, "J". Pisquei os olhos, incrédulo. Seria J a inicial da pessoa com

quem ele combinara se encontrar? Isso certamente reduziria o número de suspeitos. Folheei as datas recentes em busca de outras pistas. O dia anterior, 21 de maio (31), tinha apenas a marca de um rjnbolo curioso, um círculo com vários raios, como uma roda de carroça. Folheando as páginas iniciais do livro, notei que esse símbolo aparecia em outras, à intervalos regulares, mais ou menos uma vez a cada 10 dias, embora nunca no mesmo dia da semana. Talvez fosse um código, mas eu não tinha como decifrá-lo. O J, pelo menos, parecia uma pista concreta.

No entanto, ao segurar o livro perto do nariz, notei outra coisa: um vago cheiro de laranja. A princípio, achei que vinha dos meus dedos, por eu ter pecado a casca no chão, mas, ao aspirar o aroma, percebi que ele vinha do próprio almanaque. Talvez isso não fosse incomum: se Roger Mercer gostava de chupar laranjas, era provável que o sumo respingasse nas páginas de seus livros. Ele não se mostrara uma pessoa das mais cuidadosas ao comer, como pude notar no jantar da véspera. Mas alguma coisa me perturbava o juízo e, quando tornei a aspirar o livro, de repente me xinguei por ser tão estúpido.

Nesse momento, a porta do armário rangeu, por conta da dobradiça gasta, e por pouco não morri de susto. Instintivamente, escondi o livro dentro da camisa, prendi-o no cóis dos calções e me virei, mas a porta parecia ter se mexido sozinha. Eu a abri toda e, no começo, vi apenas roupas amontoadas, parcialmente puxadas para fora pelo vasculhador apressado. Depois discerri uma forma escura e achatada, encostada no fundo do guarda-roupa e coberta por uma manta velha. Ao jogá-la longe, meu gesto revelou um bauzinho de madeira envolvido em tiras de ferro e trancado por um cadeado robusto. Arrastei o objeto para a luz, mas ele se inclinou e aterrissou com um baque sonoro, ao cair entre a borda projetada do armário e o piso. Parei, com a respiração bem presa na garganta, para ver se o barulho havia alertado alguém da minha presença no quarto, mas tudo permanecia em silêncio. Quando o baú caiu, eu tinha ouvido o inconfundível tilintar metálico de moedas. Então aquele era o cofre de Roger Mercer, seu tesouro, obviamente repleto de ouro.

Ele não se esforçara muito para escondê-lo, mas, apesar disso, o objeto fora deixado intacto pela pessoa que tinha devastado o aposento.

Isso combinava com a bolsa cheia de moedas que o professor levava. Parecia claro que quem o matara não tinha interesse em levar dinheiro. Mas por qual outro motivo um homem mata, se não por dinheiro? Ou é por vingança, pensei, ou por temer que a vítima lhe faça algum mal. Resolvi que teria de visitar o porteiro, Cobbett, e ver o que ele saberia me dizer sobre o sistema de portões e trancas do colégio. Obviamente, a pessoa que virara aquele cômodo de pernas para o ar tinha entrado com uma chave e tornado a trancar o quarto ao sair.

Enquanto estava agachado ao lado do baú, refletindo sobre a questão das chaves, ouvi às minhas costas o clique inconfundível da fechadura sendo suavemente aberta e meu coração quase congelou no peito. Não houve tempo para que eu me escondesse. Só pude olhar, indefeso, enquanto a porta se abria, apenas o suficiente para que entrasse a figura magricela de Walter Slythurst, o tesoureiro. Vi seus olhos percorrerem lentamente o tumulto do quarto, incrédulos, até acabarem pousando em mim. Houve até uma pequena pausa, enquanto seu cérebro lutava para elaborar os dados fornecidos por seus olhos de doninha, antes de ele soltar um grito breve e me olhar espantado, como se eu fosse uma aparição.

– Deus Todo-Poderoso! - exclamou. - O senhor! Mas que diabo...?

Seria necessário um ato realmente excepcional de imaginação para explicar por que eu me trancara no quarto recém-revirado de um homem que acabara de morrer, e por que agora segurava seu cofre no meu colo empapado de sangue. Respirei fundo e fingi despreocupação:

– *Buongiorno*, professor Slythurst.

O rosto dele, em todos os ângulos, parecia mais acostumado ao ceticismo zombeteiro do que a ficar roxo de raiva, mas, nesse momento, pareceu se estufar a tal ponto que o homem mal conseguia se expressar em sua língua nativa.

– O quê...? - começou ele, antes que o ar que havia inspirado escapasse num guincho sibilante, e tornou a inspirar para a tentativa

seguinte: - O que *vem a ser* isto?

- Estou ajudando o diretor - expliquei, exagerando meu sotaque, o que, em ocasiões anteriores, eu havia descoberto ser um disfarce útil para o comportamento aparentemente excêntrico: as pessoas o atribuíam às esquisitices dos estrangeiros. - Eu estava com ele hoje de manhã, fomos os primeiros a chegar à cena daquela desgraça terrível. E as roupas, o senhor sabe, ficaram inteiramente destruídas, por isso vim procurar peças substitutas com que vestir o pobre corpo do Dr. Mercer para seu descanso final.

Assumi uma expressão devota. Nunca havia contado uma mentira tão pouco convincente. No lugar dele, não acreditaria em mim nem por um segundo.

Slythurst estreitou os olhos até eles se tornarem meras fendas sob suas sobrelanceiras finas.

- Entendo. E o senhor teve dificuldade para encontrá-las? - perguntou, abarcando ironicamente com um gesto largo a destruição praticada no aposento.

Seu tom seria capaz de fazer murchar as folhas primaveris nas árvores. Retribuí seu olhar de desdém da maneira mais serena que pude.

- O quarto está como o encontrei.

- Então, por que trancou a porta?

- Força do hábito - respondi, com um sorriso encabulado. - É tolice, eu sei, mas vivi muitos anos na Itália temendo constantemente pela minha vida. Nos lugares pelos quais passei, nunca se deixava uma porta aberta. Até hoje, isso é uma coisa que faço por puro instinto, sem me dar conta.

Ele pareceu considerar a probabilidade dessa afirmação por um momento, depois cruzou os braços, como que para frisar que desconfiava de mim.

- Onde conseguiu a chave?
- Peguei a cópia que estava com o Dr. Mercer. Quando o oficial de inquirição chegou, vim até aqui para ver como poderia ajudar.
- Hum - fez Slythurst. Deu um passo à frente e fez uma avaliação superficial dos papéis espalhados pela escrivaninha. - A propósito, estou aqui para fazer um inventário dos pertences pessoais a serem entregues à família - acrescentou, sem olhar para mim.

Ficou claro que estava mentindo, sobretudo se levássemos em conta que, como um dos dirigentes do colégio, ele não era obrigado a me explicar seus atos. Eu me levantei e me postei de frente para ele, tomando o cuidado de não deixar o livro escorregar por baixo da camisa. Slythurst se virou, ainda de braços cruzados, e nos confrontamos, cada um sabendo que o outro tinha uma intenção não verbalizada, mas não se atrevendo a fazer um questionamento direto. Por um instante me perguntei se estaríamos procurando a mesma coisa, até me lembrar de que eu não sabia o que buscava - apenas desejava encontrar algo que ajudasse a explicar a presença de Mercer no jardim. Mas será que Slythurst e a pessoa que tinha revirado o cômodo antes da minha chegada estavam à procura do mesmo objeto? Examinei com desagrado o rosto pálido e quase imberbe do homem, enquanto ele me fuzilava com os olhos, com igual desdém. Seria possível que fosse o vasculhador original do quarto, atrapalhado em sua primeira tentativa e voltando nesse momento para recomeçar de onde havia parado? Duvidei disso. Eu reparara em sua expressão ao abrir a porta e tinha certeza de que o caos o chocara tanto quanto a mim. Portanto, mais de uma pessoa acreditava que havia algo cobijado escondido no quarto do morto.

- O que é isso? - Slythurst enfim quebrou o silêncio, apontando para o baú a meus pés.
- Creio que é o cofre do Dr. Mercer.
- E o que o senhor estava fazendo com ele? - A pergunta veio em palavras tão cortantes que Slythurst parecia tê-las entalhado em vidro.
- Ele estava dentro do guarda-roupa. Achei que poderia conter peças de vestuário e por isso o levantei, para dar uma olhada.

Mais uma vez, ele me lançou um olhar feroz, como o que se daria a um moleque de rua que tentasse roubar um pão na feira livre.

- O senhor está coberto de sangue, Dr. Bruno - comentou ele, de novo passando os olhos rapidamente pela escrivaninha.
- Sim, tentei ajudar um homem que sangrou até a morte - respondi calmamente.
- O senhor simplesmente não se cansa de ajudar, não é mesmo? - perguntou Slythurst, encaminhando-se para a porta do quatinho de dormir e me lançando um olhar ao passar. - O senhor subiu a escada? - perguntou, com um gesto brusco para a pequena porta interna.
- Essa porta está trancada.
- Trancada? - repetiu ele, com ar intrigado. - Curioso.

Foi até lá e testou a porta, como que para provar que não queria aceitar minha palavra sobre coisa alguma. Houve outro silêncio incômodo. Eu sabia que ele estava esperando que eu me retirasse, mas relutei em abandonar o quarto, pela eventualidade de que ainda fosse possível encontrar ali o que ele e a outra pessoa que o vasculhara queriam. Mas não era plausível que eu prolongasse minha presença, por isso fiz uma reverência curta.

- Bem, vou deixá-lo com sua triste tarefa, professor Slythurst.
- Ele apenas meneou a cabeça, mas, quando cheguei à porta, chamou:
- Dr. Bruno, não está esquecendo uma coisa?

Por um momento, pensei que ele se referisse às chaves e tivesse a expectativa de que eu as entregasse. Quando o olhei, sem compreender, um sorriso de satisfação se abriu em seu rosto.

– As roupas? Para vestir o corpo?

– E claro - retruquei. Voltei às pressas ao guarda-roupa e peguei várias peças, sem me deter para examiná-las, consciente de que minha mentira mal contada havia desmoronado por completo.

– Tenho certeza de que o diretor vai ficar sumamente grato pelo seu auxílio - disse Slythurst, satisfeito, segurando a porta enquanto eu saía todo atrapalhado com as roupas indesejadas. Quando passei, ele sibilou: - Vou ficar de olho em você, Bruno.

Em troca, ofereci a ele meu sorriso mais cativante e passei. No instante seguinte, ouvi o som da chave girando, macia, na fechadura.

Ao regressar ao pátio, avistei Gabriel Norris, então vestido com mais sobriedade - um traje preto e uma beca simples que faziam sua beleza se destacar ainda mais. Estava na entrada da escadaria da ala oeste, do outro lado da torre, e parecia divertir um grupo de colegas estudantes com relatos do seu heroísmo: uma das mãos se estendia, aberta, na altura do peito, numa descrição bastante exagerada do tamanho do cão, e não pude deixar de sorrir comigo mesmo diante da fanfarronice do rapaz. Ele me avistou e se interrompeu no meio de uma frase, olhando com certa desconfiança para o monte de roupas de Mercer que eu carregava nos braços e para a entrada de onde eu acabara de emergir.

– Ora, já começou a pilhagem, Dr. Bruno? - perguntou de lá, um tanto jovial demais.

– Estou ajudando o diretor - respondi, repetindo minha defesa, já que parecia impossível contradizê-la.

– Ah - disse ele. Norris balançou a cabeça e, deixando os amigos, veio andando calmamente na minha direção. De perto, notei que parecia mais velho do que os rapazes que tinham ficado à sua espera.

Eu diria que tinha uns 25 anos, talvez mais. - Foi uma agitação e tanto a dessa madrugada, não foi?

- Não sei se eu usaria essa palavra.

- Não... não, é claro - disse ele, assumindo uma expressão solene. - Eu só quis dizer... A vida em Oxford costuma ser muito monótona, e agora temos uma visita real de inspeção e uma tragédia, tudo ao mesmo tempo. Mal sabemos de qual delas falar primeiro.

- Você foi muito equilibrado hoje cedo. Creio que eu não teria tido a mão tão firme, no calor do momento. Foi sorte você ser um bom atirador.

Norris inclinou a cabeça, agradecendo o elogio.

- Meu pai me ensinou a caçar quando pequeno. Eu só gostaria de ter sido rápido o bastante para salvar o Dr. Mercer - disse, passando o dorso da mão na testa. Desconfiei de que, por baixo de toda a sua ousadia, a experiência o havia abalado profundamente.

- Você o conhecia bem? - perguntei.

- Ele era meu orientador, desde que o Dr. Allen foi demitido no ano passado - respondeu Norris. Seu rosto assumiu uma expressão estranha, como se ele lutasse para dominar uma emoção. - Éramos próximos, acho. Eu o respeitava, pelo menos.

- Aquele cachorro que o matou era um cão de caça, não?

- Era um lobeiro irlandês. São caçadores muito eficientes... sempre atacam direto o pescoço para quebrá-lo, sabe? - respondeu o rapaz, em tom mais animado, satisfeito por exhibir seus conhecimentos. Depois, franziu o cenho. - Mas, em geral, também é um cachorro dócil, as pessoas o criam como animal de estimação. Eles não têm um temperamento tão imprevisível quanto, digamos, o de um mastim... Raramente atacam, a não ser que tenham sido treinados para isso.

- Mas ele parecia estar passando fome. Você não viu como estava esquelético?



Norris balançou a cabeça devagar e disse:

- Devia estar perdido... Imagino que, se estivesse desesperado por carne, ele atacaria a primeira criatura viva que achasse.
- Não é incomum haver um cão lobeiro perdido, vagando pelas ruas de Oxford de madrugada?

Ele me olhou com ar curioso, como se achasse minhas perguntas estranhas, mas deu de ombros:

- Há quem cace na floresta real de Shotover, a leste da cidade. É possível alugar cães por intermédio do guarda florestal para um dia de caçada. Alguns de nós, os alunos pagantes, caçamos lá vez por outra, quando temos permissão. Talvez um dos cães dessas pessoas tenha se perdido e vagado até a cidade. - O tom de Norris sugeria que ele havia perdido o interesse no assunto e o rapaz olhou em volta para verificar se seu grupo de admiradores ainda o esperava. - Bem, Dr. Bruno, tenho que buscar meus livros e ir para a aula. Espero que a aventura de hoje cedo não estrague sua estada em Oxford - disse, com uma breve reverência, e começou a se dirigir à escada.
- Seu quarto é aí? - indaguei, gesticulando com o polegar.
- Isso mesmo - respondeu ele, displicente. - E um dos melhores do colégio. Eu o divido com meu criado, Thomas.
- Nesse caso - comentei, dando uma olhada nas passagens do outro lado do pátio que levavam de ambos os lados do refeitório até o jardim, calculando a distância -, você deve ter uma audição excepcional, para ter acordado com a comoção que vinha do bosque, já que esses quartos são os mais distantes de lá.

Norris me olhou por um momento com a expressão carregada, depois se aproximou de mim, segurou um de meus cotovelos e se inclinou, num sussurro confidencial:

– O senhor me pegou, Dr. Bruno. Confesso que eu não estava deitado quando ouvi o barulho, mas, por favor, que essa confiança fique entre nós.

Levantei uma das sobrancelhas. O rapaz me deu uma cutucada cúmplice nas costelas, da qual eu deveria deduzir, supostamente, alguma atividade masculina noturna. Nessa posição muito próxima, ficou claro que não havia cheiro de bebida em seu hálito, e um homem que houvesse passado a noite inteira na farra não poderia ter a mão tão firme quanto eu havia testemunhado no arco e flecha. Assim, imaginei que ele devia ter dormido com uma mulher e sentia um prazer secreto em compartilhar sua vitória. Pelo menos, isso explicaria seu traje ridículo àquela hora da manhã, pensei.

– Eu passei a noite fora do colégio... o senhor entende o que quero dizer, com certeza - acrescentou, piscando o olho e, na volta, estava passando pela travessa St. Mildred, ao lado do Colégio de Jesus, quando ouvi os latidos frenéticos do cachorro e aqueles gritos pavorosos. Percebi que o som vinha do bosque e corri para buscar meu arco. Depois corri para o portão, onde encontrei todos vocês reunidos, olhando.

A censura me incomodou, de modo que retruquei com outra:

– Você não experimentou o portão da travessa Brasenose? Poderia ter chegado mais depressa.

– Mas eu não tenho a chave daquele portão - disse ele, intrigado. - Só quem a recebe são os docentes mais graduados. Eu não tinha como saber que ele ficara aberto. Os professores tratam aquele bosquezinho como se fosse sagrado. Agi o mais depressa que pude, Dr. Bruno.

– Ao se aproximar, você viu alguém perto dos muros do colégio? - indaguei, no tom mais leve que pude.

Norris inclinou a cabeça, pensativo.

– Agora que o senhor mencionou isso, houve um momento em que pensei ter ouvido passos adiante, correndo, mas o som se perdeu na barulheira que vinha do jardim. Com tudo o que aconteceu depois, me esqueci totalmente disso. Por que pergunta?

– Só queria saber se havia muitas pessoas circulando naquele horário - respondi, me virando para ir embora. - Eu realmente preciso levar essas coisas para o diretor.

Norris me olhou com ar curioso por um momento, antes de me dar um tapinha no ombro.

– Estamos todos ansiosos pelo seu debate logo mais. Não dou muita importância à teologia, de um modo ou de outro, mas vou aplaudilo, se o senhor fizer o diretor parecer idiota. Se bem que ele pode fazer isso por si só, com bastante eficiência. - Sorriu e se virou, como se fosse embora, mas olhou para trás e me fitou com uma expressão séria: - Suponho que seremos chamados para depor, se houver um inquérito. Sei que vou ter problemas por causa do arco e flecha. Ninguém tem permissão para guardar armas nas dependências da universidade. Talvez o senhor possa mencionar que seria impossível dominar o cão sem a minha intervenção, não é, Dr. Bruno?

– Decerto farei um relato verdadeiro dos acontecimentos, da melhor maneira possível, se me pedirem - respondi, retribuindo a medida.

– Obrigado. *Arrivederci, il mio dottore!* - exclamou, virando-se e andando depressa para o portão principal. Intrigado, observei enquanto ele se afastava. Gabriel Norris podia ser um pavão insuportável, mas seria um erro subestimar sua perspicácia.

Fiquei parado no pátio, carregando as roupas de Roger Mercer e pensando no que deveria fazer a seguir. O sol estava encoberto por fileiras de nuvens azul-acinzentadas, que se estendiam em ondas sobre os telhados como um oceano invertido. Estremeci dentro da camisa fina. Slythurst certamente contaria ao diretor que eu fora apanhado revistando

o quarto do morto e que chegara até a arrastar seu baú de dinheiro do esconderijo em que se achava. Minha única esperança de alegar inocência seria repetir aquela mentira ridícula sobre tentar ajudar com a roupa. Baixei os olhos para a trouxa em meus braços - peças de roupa que ainda conservavam o cheiro almiscarado do corpo de seu dono - e resolvi que devia levá-la ao diretor o mais depressa possível, antes que Slythurst pudesse insinuar a ele algo desagradável. Eu lhe diria que era um antigo costume de Nola, minha terra natal, manifestar respeito pelos mortos. Talvez achasse a explicação absurda, mas eu esperava que ele não me considerasse ladrão. Também se perguntaria por que eu tinha ficado com as chaves do morto. Eu deveria devolvê-las quanto antes, embora preferisse ficar com elas, para o caso de ter uma chance de examinar melhor o quarto da torre. Mas, àquela altura, Slythurst com certeza teria encontrado o que fora procurar, se a primeira pessoa a vasculhar o quarto já não o tivesse achado.

Minha cabeça girava. Não havia nada que eu quisesse mais do que voltar para a cama e me deitar, porém me virei novamente para a entrada fortificada e encontrei uma porta na parede da passagem, à direita do imenso portão de madeira, com uma tabuleta informando que era ali a guarita do porteiro.

Espiei pela porta. Um senhor gordo, de cabelo crespo e grisalho, estava sentado ao lado de uma mesa de madeira, a cabeça arriada no peito e a respiração pesada. Havia sinais de cerveja em seu colete e, deitada a seus pés, uma cadela preta de ar cansado, com o focinho todo salpicado de manchas cinzentas. O animal levantou um pouco a cabeça ao ouvir meus passos, me fitando com olhos baços, e voltou para sua posição adormecida, como se aquele pequeno esforço fosse tudo o que podia oferecer. Pigarreei e bati na porta ao mesmo tempo. Confuso, o velho levantou a cabeça com agitação e a saliva brilhou em sua barba grisalha.

- O senhor me perdoe, eu devo ter me desorientado por um momento - resmungou ele.
- Sr. Cobbett? Meu nome é Giordano Bruno...
- Sim, senhor, eu o conheço. É nosso convidado de honra, que veio duelar com o diretor hoje à noite. Eu me refiro ao duelo de palavras, naturalmente, porque a espada propriamente dita não é permitida no colégio. E que dia terrível rara o senhor estar aqui, com essa desgraça que tivemos hoje de manhã. Não se pode nem pensar nisso - e balançou a cabeça com ar teatral, as bochechas s acudindo de um lado para o outro.
- Sim, lamento profundamente - respondi, tirando as chaves do bolso. - Estive lá no bosque ajudando o diretor. Ele pediu que providenciasse a devolução nas chaves do Dr. Mercer em segurança, e presumo que estivesse se referindo ao senhor, não é?

O rosto do velho porteiro se iluminou de alívio à visão do chaveiro.

- Ah, graças a Deus! Pelo menos temos um jogo de volta. Eu estava começando a achar que as chaves têm pernas nestas paragens.
- Vocês não têm cópias extras? - indaguei, fechando devagar a porta atrás de mim.
- Temos, sim, senhor, mas o jogo extra desapareceu do meu armário de chaves há uns dois dias, o que me pareceu esquisito na ocasião, porque o Dr. Mercer nunca me pediu a cópia, e eu raramente saio da guarita. Achei que talvez o tesoureiro tivesse precisado dela para entrar no cofre-forte num momento de pressa. É preciso passar pelo quarto do subdiretor para ter acesso à torre, mas ele disse que também não sabia de nada sobre as chaves - e Cobbett tornou a balançar a cabeça. - Se o senhor quer saber, os professores são piores do que os alunos, vivem largando as chaves no lugar errado. Parecem não saber que chaves novas custam dinheiro.
- O senhor tem cópias extras das chaves de todos os aposentos do colégio?
- Com certeza, senhor, vou lhe mostrar - disse o velho.

Ele se levantou com esforço, a respiração ofegante, e se arrastou até um armário de madeira pouco profundo, montado na parede atrás da sua escrivaninha. Abriu orgulhosamente as duas portas e revelou fileiras de chaves de ferro de formatos e tamanhos variados, penduradas em ganchos etiquetados com uma combinação de letras e números.

– Como o senhor consegue saber qual é qual? - perguntei, com ar inocente.

– Ah! - exclamou Cobbett, dando uma pancadinha na lateral do nariz bulboso e vermelho. - Tenho um sistema para impedir que elas caiam nas mãos erradas, o senhor entende? Se eu pusesse etiquetas informando "Sala da Torre", "Biblioteca" e assim por diante, seria muito fácil os garotos entrarem aqui de fininho e as pegarem, quando eu estivesse dormindo, ou fazendo minhas necessidades, ou sei lá o quê. Por isso inventei um código. Ah, isso já tem anos. Se alguém perde uma chave, é só me procurar que eu encontro a cópia, mas eles não podem roubá-las para entrar onde não devem, para pregar peças ou sabe-se lá o que mais.

– Quer dizer que o senhor tem um conjunto completo de chaves de todas as portas e portões do colégio?

– Ora se tenho, sim, senhor... menos quando alguém as perde - completou, em tom sombrio. - As únicas que não tenho são as do cofre-forte. Lá só se pode chegar pelo quarto do subdiretor, como eu disse, subindo a escada da torre, e só o diretor e o tesoureiro têm a chave. Isso foi planejado desse jeito para ninguém poder entrar no cofre-forte sem haver pelo menos uma outra pessoa presente - acrescentou.

– E só o senhor tem as chaves dos outros aposentos?

– Não, senhor. O diretor também tem um conjunto completo das chaves de todos os cômodos na casa dele, mas essas ele não entrega a ninguém. Alunos e professores têm que vir me procurar - disse o porteiro, então se arrastou de volta para a cadeira e me olhou com curiosidade.

– O tesoureiro tem a chave do alojamento do subdiretor?

– O tesoureiro? - repetiu Cobbett, com ar surpreso. - Não, senhor. Ele tem a chave dele do cofre, mas o subdiretor precisa estar presente para deixá-lo subir na torre. Isso é para prevenir furtos, o senhor entende.

– Mas e se o subdiretor estiver viajando e o tesoureiro precisar ir ao

cofre-forte?

– Bem, nesse caso, ele teria de me procurar, ou pedir ao diretor que o deixasse entrar. Por que o senhor está tão interessado nas chaves, afinal?

– Ah, eu só estava pensando em como seria possível um cão vadio ter entrado no bosque - respondi, embora, a essa altura, também me perguntasse como Slythurst havia obtido uma chave dos aposentos de Roger Mercer. Teria ele, de algum modo, dado um jeito de tirar o jogo extra do armário de Cobbett? E, se isso tivesse acontecido, como a primeira pessoa a revirar o quarto de Mercer teria entrado? Quem tinha uma terceira chave, a não ser o diretor?

– Ah - disse o velho porteiro, esfregando a barba curta e grossa do queixo. - Bem, quanto a isso... Acho que deve ter sido culpa minha, meu senhor... Deve ter sido porque eu não verifiquei direito o portão da travessa Brasenose ontem à noite.

Seguiu-se um silêncio. Ficou claro que o velho sentia-se constrangido por contar uma mentira que dava uma impressão negativa da sua competência, e que ao fazer isso obedecia a alguém, mas com relutância.

– Acho difícil acreditar nisso - retruquei, com um tom de incentivo na voz, pois todos dizem que o senhor tem servido ao colégio desde menino e nunca negligenciou seus deveres.

Uma expressão de gratidão tomou o rosto do homem, e ele fez sinal para que eu me aproximasse. Então me inclinei na direção dele. Seu hálito tinha um ranço carregado de cerveja.



– Obrigado, senhor. Eu disse ao diretor: o senhor sabe que eu vou dizer o que o senhor quiser, mas tomara que ninguém nunca acredite que o velho Cobbett deixou uma frestinha deste colégio por verificar nas suas rondas. As pessoas daqui sabem que eu faço meu trabalho direito, senhor - afirmou. Em seguida, estufou o grande peito redondo e foi tomado por um acesso de tosse.

– Bem, espero que o senhor não seja punido pelo que não foi culpa sua - disse a ele.

– Obrigado, senhor, é muita bondade sua.

– Me diga, Sr. Cobbett - acrescentei com ar displicente, já me virando para sair -, se algum dia um homem quisesse ir à cidade e voltar depois de o portão principal já estar trancado, isso seria possível?

O rosto do porteiro se franziu num sorriso largo, com as gengivas à mostra.

– Tudo é possível, Dr. Bruno - respondeu, com uma piscadela. - Talvez o senhor tenha ouvido falar que às vezes faço uns acordos com os estudantes para o trancamento dos portões. Mas o senhor não precisaria de nenhum arranjo desse tipo... Os professores e os hóspedes podem ter a chave do portão principal.

– É mesmo? - indaguei, surpreso. - Então os professores podem sair do colégio pelo portão principal e entrar na hora que bem entenderem?

– Bom, não é algo que seja divulgado - disse Cobbett, com ar cauteloso -, mas sim, eles podem. Só que não muitos, entenda bem. Eles são sérios demais para ficar passeando pela cidade. Os alunos é que querem sair, mas não têm essa iberdade. Só que eu já fui moço e acho que faz mais mal do que bem privar os rapazes de seus prazeres. Não, senhor, nem só de pão e trabalho vive o homem.

Eu me curvei um pouco e espiei pela janelinha que dava para a arcada da torre. Passaram dois alunos de beca preta, com as sacolas de couro

penduradas junto ao peito.

- Quer dizer que daqui o senhor vê todo mundo que entra e sai à noite? - perguntei.
- Desde que eu esteja acordado - respondeu Cobbett, com uma risada rouca que logo se transformou em mais um acesso de tosse.

Havia mais coisas que eu gostaria de perguntar, mas percebi que minhas perguntas o estavam deixando desconfiado, por isso me virei para a porta.

- Obrigado pela ajuda, Cobbett. Tenho que ir andando.
- Dr. Bruno - chamou ele, quando abri a porta. Eu me virei para trás. - Por favor, não repita o que eu disse sobre o bosque, sim? Por mais que me doa, tenho que fazer o que o diretor mandou e dizer que a culpa foi minha.

Garanti a ele que não mencionaria nossa conversa a ninguém. Pude ver o alívio em seu rosto.

- Será um prazer conversar mais com o senhor sobre chaves e fechaduras numa outra ocasião, se o senhor estiver interessado - acrescentou ele, girando as chaves de Mercer com displicência entre os dedos gorduchos. Depois, enfiou a mão embaixo da mesa e pegou uma jarra de barro, que balançou de forma significativa para mim. - Mas essa história de ficar conversando dá sede. A conversa flui muito melhor com uma coisinha para refrescar, se o senhor me entende.

Sorri.

- Verei que refresco posso arranjar para a próxima vez que conversarmos, Cobbett. Estou ansioso por isso.
- Eu também, Dr. Bruno, eu também. Deixe a porta aberta, por gentileza.

Ele abaixou a mão e afagou o pelo da cadela entre as orelhas. Eu o ouvi dando um risinho consigo mesmo enquanto eu saía da guarita e parava em frente ao majestoso portão principal, pensativo.

Voltei para meu quarto, feliz por me livrar da camisa e dos calções, já duros com o sangue de Roger Mercer, e por tirar o livro preso no cós, onde seus cantos espetavam incomodamente a minha barriga. Vestindo apenas ceroulas, indiferente à friagem do quarto, peguei um estojo de isca e pederneira que estava no console da lareira e acendi uma das velas baratas de sebo que haviam sido deixadas no quarto. O cômodo logo se encheu com uma fumaça acre, enquanto eu pegava o almanaque de Mercer e o abria, dessa vez pela parte de trás. Havia diversas páginas em branco encadernadas junto à capa, e uma delas era estranhamente dura, com o papel meio enrugado, como se tivesse sido molhado e depois seco. Eu o cheirei bem de perto e percebi que o aroma de laranja era muito forte. Com cuidado para não queimá-la, aproximei a página da chama da vela e vi uma série de marcas, em tom marrom-escuro, começarem lentamente a se tornar visíveis. Subindo e descendo o papel perto da chama, aos poucos ele revelou seu texto secreto: uma sequência de letras e símbolos sem nenhum padrão lógico que eu pudesse discernir. Abaixo havia uma série mais curta dos mesmos símbolos, só que numa outra ordem: agrupados em dois lotes de três símbolos diferentes, depois num grupo de cinco. Era evidente que se tratava de um tipo de código, embora eu pouco entendesse de criptografia e não fizesse ideia de como começar a decifrá-lo. Imaginei se Sidney teria uma ideia melhor, por já ter tido mais contato que eu com esse tipo de trabalho, e assim, peguei um pedaço de papel e uma pena e fiz uma cópia dos símbolos, exatamente como figuravam na página, pensando em lhe entregar. No entanto, quando copiei as três primeiras linhas, ficou claro que se tratava de uma sequência de 24 símbolos e que ela se repetia três vezes.

Parei. Havia 24 letras no alfabeto inglês, mas, com certeza, nenhum código poderia ser tão óbvio assim, não é? Contudo, achei que valia a pena tentar e escrevi o alfabeto na minha cópia, abaixo da primeira sequência de 24 símbolos. Se fosse um código básico de substituição, os grupos de letras mais abaixo, de acordo com esse sistema, poderiam significar alguma coisa. Copiei o primeiro grupo de três símbolos de

acordo com a substituição alfabética e, ao ver o resultado, o-r-a, senti minha pulsação acelerar. Traduzi depressa as letras restantes da frase curta e inspirei fundo. Eu tinha escrito as palavras *Ora pro nobis*.

Dobrando a cópia com cuidado e escondendo-a embaixo do travesseiro, deitei a cabeça, agradecido, tentando imaginar por que Roger Mercer teria escrito aquelas palavras - o refrão da Ladainha de Todos os Santos -, com tinta invisível, no verso de seu almanaque. Mas eu precisava afastar esse quebra-cabeça do pensamento. Havia assuntos mais urgentes que exigiam minha atenção. Minha idéia era fechar os olhos por apenas alguns minutos, antes de ordenar os pensamentos e fazer com que eles se concentrassem no debate vespertino, que supostamente iria coroar minha primeira visita a Oxford. No entanto, fui subitamente despertado por batidas furiosas na porta e me sentei na cama, ereto, confuso e sonolento.

– Abra, pelo amor de Deus! - gritou uma voz masculina e, por um momento, senti um frio na barriga. Teria havido outra morte violenta? A maçaneta da porta era chacoalhada enquanto eu lutava para me livrar das cobertas e enfiar uma camisa limpa. Quando finalmente a abri, com esforço, lá estava Sidney, impaciente e com seu topete alto, vestido de veludo verde da cabeça aos pés, com uma gola franzida que fazia sua cabeça parecer pousada numa bandeja.

– Pelo amor de Cristo, Bruno, eu vim assim que soube! - disse ele, passando por mim e entrando no quarto, já tirando as luvas com ar profissional. - Eu mal havia tomado o desjejum esta manhã e aí me vêm os criados dizer que todo o claustro do Colégio Christ Church estava pegando fogo com a notícia de que havia uma fera selvagem rondando o Colégio Lincoln, arrastando homens inocentes para a morte! - Ele me olhou de alto a baixo, arregalando os olhos de falso pavor. - Bem, pelo menos você ainda está com todos os seus membros, louvado seja Deus.

– Philip, um homem morreu na minha frente esta manhã - retuquei, cansado.

– Eu sei, quero saber de tudo. Vamos, vista-se, homem. Vim buscá-lo para almoçar.

– Que horas são? - perguntei, num pânico repentino. Era claro que eu havia dormido muito mais do que pretendia e meu estômago gritava de fome, mas eu ainda nem tinha começado a me preparar para o debate das cinco horas.

– Mal passa de uma - disse Sidney, passeando pelo quarto, pegando livros e os examinando com displicência, enquanto eu revirava a roupa à procura de calções limpos e uma sobreveste simples. - Um garoto do Christ Church disse que um lobo tinha entrado no colégio, ideia que me pareceu improvável. Você viu o que aconteceu?

– Amanhã vão dizer que foi um leão. Esses estudantes parecem ávidos de incidentes por aqui e são capazes de transformar qualquer assunto em lenda. Mas será um prazer lhe contar tudo, porque há

muitas coisas me perturbando e tenho algo para lhe mostrar. Primeiro, vamos arranjar o que comer - pedi. Peguei o almanaque embaixo do travesseiro e o enfeiei dentro da sobreveste, antes de fechar os botões, sob o olhar curioso de Sidney.

O ar continuava úmido, embora o céu estivesse menos carregado, ao cruzarmos o portão da torre e entrarmos na travessa St. Mildred, virando depois para o sul e passando pela torre alta da Igreja de Todos os Santos. Na High Street, fizemos uma parada a fim de dar passagem a dois cavaleiros montados, depois atravessamos por entre os montes de esterco e palha que cobriam a rua lamacenta, muito remexidos após toda aquela chuva. Fiquei contente por ter calçado minhas botas de montaria. Jovens de becas pretas curtas passaram em grupos apressados, conversando entre si. Na esquina de uma ruela estreita, ladeada por casas baixas com estrutura de madeira aparente, Sidney fez a curva e me conduziu a um prédio de dois andares e telhados de cumeeira alta, onde uma tabuleta pintada rangia acima da porta, com os dizeres: HOSPEDARIA PECKWATER.

Ao passarmos sob o arco do portão, percebi que havia muito movimento no pátio pavimentado com paralelepípedos. Alguns homens conduziam cavalos a uma estrebaria nos fundos, enquanto outros descarregavam barris aparentemente pesados de uma carroça alta. O prédio ocupava três lados de um quadrilátero, com dois níveis de sacadas de cada lado e vista para o pátio.

No interior, a taberna estava na penumbra e um fogo ardia numa lareira de pedra, num dos cantos. Mesas e bancos compridos e toscos estavam dispostos ao longo das paredes do cômodo, muitos já ocupados por fregueses atarefados, que falavam e comiam ao mesmo tempo. Uma janela de serviço fora aberta na parede em frente à lareira, e uma mulher de rosto vermelho e avental se deslocava, apressada, entre ela e as mesas, carregando bandejas e canecos. De vez em quando, ela fazia uma pausa para afastar do rosto uma mecha de cabelo úmido com as costas da mão.

Quando nos viu, sua expressão aborrecida se transformou em deleite e ela se aproximou correndo, enxugando as mãos no avental.

– Sir Philip! Que prazer! Soubemos que o senhor estava na cidade - comentou, piscando para ele. - Dizem que houve um grande cortejo em sua homenagem.

– Foi um cortejo muito encharcado, e não foi em homenagem a mim, Lizzy - retrucou Sidney, tirando o chapéu e fazendo uma reverência solene. - Permita que eu lhe apresente meu querido amigo da Itália, Dr. Giordano Bruno.

– *Buongiorno, signorina* - disse eu, imitando os modos exageradamente corteses de Sidney.

– É um prazer, sem dúvida - disse a taberneira, com um risinho que fez estremecer seu busto considerável.

– Pois então, Lizzy, nós gostaríamos de uma mesa sossegada, um jarro de cerveja, quando você tiver um momento, seu melhor empadão de carne de caça e um punhado de pão fresco, por favor.

Ela deu um sorriso radiante.

– É melhor os senhores ficarem na mesa do canto, lá não serão incomodados - disse e partiu, agitada, para a cozinha.

– Eu vinha aqui o tempo todo - Sidney explicou. - A taberna fica perto do Christ Church e aqui sempre havia companhia mais variada que no colégio, quando eu era estudante, se você me entende. De qualquer modo, seremos bem tratados, eles sabem que dou gorjetas generosas. Pois então, Bruno, me conte sua história.

Ele se recostou e cruzou as mãos, com ar de quem espera se distrair. Não pude deixar de sentir que estava tratando a morte de um homem com muita leviandade, considerando-a material para uma narrativa empolgante. Nesse aspecto, ele me lembrou Gabriel Norris. Talvez seja uma característica dos meninos ricos, pensei: ansiar por aventura numa vida que se torna maçante pela ausência de preocupações cotidianas. Eu

estava para começar meu relato quando Lizzy chegou, trazendo um jarro de cerveja, dois canecos e um pão que Sidney cortou imediatamente, me entregando o primeiro pedaço.

Com a boca meio cheia, contei a ele tudo o que havia acontecido desde que eu fora acordado pelo ruído apavorante do cão ao alvorecer. Quando cheguei à parte sobre os portões trancados, a expressão condescendente de Sidney desapareceu e ele inclinou o corpo para a frente, ansioso, o olhar atento.

– Você suspeita de assassinato? - perguntou, quando a taberneira voltou trazendo uma travessa de empadão recheado de carne de caça.

Depois que ela se foi, falei da minha visita ao quarto de Roger Mercer, de ser interrompido por Slythurst e de minha conversa posterior com o velho porteiro. Quando terminei, Sidney soltou um assobio por entre os dentes.

– Que experiência extraordinária! - comentou, balançando a cabeça, incrédulo. - Quer dizer que você acha que alguém soltou aquele cachorro em cima dele de propósito e depois vasculhou o quarto do homem à procura de alguma coisa valiosa?

– Esse é o mistério. Não pode ser algo valioso no sentido usual, porque quem fez aquilo não se interessou pelas 10 libras que ele carregava nem pelo baú de ouro em seu quarto. Mas é isso que não consigo entender: a pretexto de um encontro, alguém o atraiu para o jardim, uma pessoa a quem ele devia dinheiro. Então, por que o mataram e não levaram o dinheiro?

– Talvez não fosse necessariamente uma dívida - disse Sidney, de boca cheia. - Não poderia ter sido alguém querendo vender algo?

Franzi o cenho.

– Mas o que ele estaria comprando naquele horário, no bosque? Você acha que era algo relacionado a contrabando?

Sidney me olhou com ar divertido e um sorriso malicioso pairando nos lábios:



– Pense bem, Bruno: o que um homem poderia querer comprar, protegido pela escuridão?

Eu o fitei com uma expressão vazia, depois compreendi aonde ele queria chegar.

– Você se refere a prostitutas? Mas, nesse caso, seria muito mais simples, e mais agradável, ir a um prostíbulo na cidade - retruquei, balançando a cabeça. - Mesmo que ele *estivesse* mantendo relações com uma prostituta, alguém mais sabia que o encontraria lá naquele horário, alguém que tinha uma chave do bosque. E isso ainda não explica quem revistou o quarto dele, ou por quê. O que quer que estivessem procurando, devia ser algo valioso para quem buscava: o lugar estava um caos, como se houvessem feito uma busca com extrema urgência.

– Mas você disse que pelo menos duas pessoas queriam isso, fosse o que fosse: o tesoureiro e o outro sujeito que entrou lá antes de você - retrucou Sidney. Sua testa se enrugou por um minuto, enquanto ele tomava um grande gole de cerveja. - No entanto, há uma coisa estranha. Essa é uma forma muito covarde de matar um homem, além de não se ter certeza se o objetivo vai ser cumprido. Quando se quer um homem morto, por que simplesmente não atravessá-lo com uma espada, sobretudo quando se sabe onde encontrá-lo sozinho e desarmado? Um cão é muito imprevisível.

– Você entende de caça - disse eu, servindo-me de outro pedaço grande de empadão. - Um cão de caça como aquele poderia ser treinado para atacar determinada pessoa, para segui-la pelo faro?

Sidney considerou a idéia.

– Acho que sim... se ele pode ser treinado para farejar um javali ou um lobo, por que não um homem? Se lhe dessem uma peça de roupa dele, talvez. Os irlandeses costumavam usar esses cães nas batalhas. Parece que eles eram capazes de derrubar da montaria um cavaleiro de armadura. E você disse que tinham deixado o animal com fome, de modo que seu instinto estaria ainda mais aguçado - explicou e pôs os

cotovelos na mesa, apoiando o queixo nas mãos em concha. - É como se o cão fizesse parte de algum tipo de encenação, como se aquilo tivesse sido feito para criar um espetáculo. E que jeito de morrer, trancafiado com um animal sedento de sangue! Isso me faz pensar - prosseguiu, pondo mais um naco de pão na boca - em como os romanos executaram os primeiros santos, atirando-os numa arena com animais selvagens. Tal como John Foxe o descreve naquele livro macabro, *O livro dos mártires*.

Eu parei, com um pedaço de carne a meio caminho da boca, e o olhei, pasmo.

- O que foi? - perguntou Sidney, parando de mastigar.

- *O livro dos mártires*, de Foxe. O diretor do Lincoln tem grande interesse nele e vem fazendo sermões durante o culto sobre o texto desse historiador.

Sidney carregou o sobrolho.

- Você acha que alguém queria se livrar desse Mercer e se inspirou em Foxe para arranjar um método? - perguntou, com uma expressão que traía seu ceticismo.

- Parece exagerado mesmo. Talvez eu esteja vendo coisas de mais - comentei, passando as mãos no rosto. - Você tem razão: provavelmente, foi só uma dívida não quitada, ou problemas por causa de uma prostituta. Não admira que o diretor queira encobrir o assunto, quando há uma visita real de inspeção na cidade.

Sidney se calou por um momento. Depois bateu com a palma da mão na mesa.

- Bruno, acho que você tem razão para estar desconfiado. O cão foi solto no jardim por alguém que tinha uma chave, o que sugere que foi um dos professores ou outra pessoa com acesso às chaves do colégio. E pelo menos duas pessoas queriam alguma coisa no quarto dele, mas não dinheiro. Talvez algo que seria perigoso para elas. E

se, recentemente, todo mundo no colégio ouviu o diretor contar histórias das mortes horripilantes dos santos, tiradas do livro de Foxe, é possível que, de algum modo, a morte tenha sido encenada como uma réplica proposital. A pergunta é: por quê? Você não achou nada no quarto dele?

– Só isto. Dê uma olhada - respondi, pegando o almanaque fininho. - O que você nota primeiro?

Sidney virou algumas páginas, depois levantou os olhos para mim, com o rosto sério.

– O calendário gregoriano. Será que nosso homem era um papista clandestino, afinal, como o seu amigo Allen?

– Foi o que me perguntei. Eu o ouvi clamar pela ajuda de Maria antes de morrer.

– Até eu clamaria pela ajuda de Maria, se um cachorro daquele tamanho estivesse cravando os dentes no meu rabo - disse Sidney, sem rodeios, revirando o livro nas mãos. - Isso não quer dizer nada. Mas este calendário... o sujeito só precisaria dele se mantivesse correspondência com alguém nos países católicos. Em especial se precisasse coordenar movimentos. Edmund Allen foi para Reims, não foi? Ele não era parente de William Allen, que fundou o Colégio Inglês por lá?

– Dizem que era primo. Mercer ainda poderia estar em contato com ele. E isso que você quer dizer?

Sidney olhou para os dois lados e baixou a voz.

– Lembre-se da razão de estarmos aqui, Bruno. Aqueles seminários em Reims e Roma são a maior dor de cabeça de Walsingham no momento. Eles recebem verbas enormes do Vaticano e estão empenhados em formar dezenas de padres para a missão inglesa, muitos deles ex-alunos de Oxford - disse. Ele puxou a barba, formando uma ponta enquanto pensava, e tornou a segurar o livro. -

O que é esse circulozinho aqui? - perguntou, apontando para o símbolo da roda que marcava a anotação da véspera no calendário de Mercer.

- Não sei. Ele aparece com frequência. Andei pensando se poderia ser um código.

Ele o examinou mais de perto, depois balançou a cabeça:

- Eu o reconheço, mas não consigo saber de onde. Parece um daqueles seus símbolos mágicos, Bruno.

Não me agradava dizer isso, mas essa ideia tinha me passado pela cabeça: Roger Mercer me confessara, em sigilo, que se interessava por magia. Mesmo assim, eu não reconhecia aquele símbolo e isso me intrigava.

- Não é um símbolo astrológico, decerto - declarei. - Mas isso não é o mais importante. Cheire o livro.

Sidney franziu o cenho, com ar indulgente, mas aproximou o livro do rosto.

- Laranja?

- Sim. Olhe no final.

Ele folheou as páginas, depois levantou os olhos para mim, balançando a cabeça com algo parecido com admiração.

- Bom trabalho, Bruno. É um truque antigo, a escrita invisível com sumo de laranja. Você encontrou uma mensagem secreta?

- Um código. Fiz uma cópia, tome - e empurrei meu pedaço de papel para ele por cima da mesa. - Viu o que ele escreveu na parte de baixo?

- *Ora pro nobis*. Ora, ora - disse ele, dobrando cuidadosamente o papel e o devolvendo. - "Rogai por nós." Poderia ser uma espécie de senha, ou um sinal secreto.

- Foi o que pensei. Devemos informar a Walsingham?

Sidney pensou por um instante e balançou a cabeça:

– Ainda não temos nada para dizer a ele, exceto que suspeitamos de que um homem já morto tivesse filiações católicas. Ele não nos agradecerá por desperdiçarmos seu tempo, e não posso bancar a despesa de enviar um mensageiro a Londres enquanto não tivermos informações mais consistentes. Não, acho que você deve investigar isso com a máxima discrição possível - continuou, fechando e devolvendo o livro. - Sobretudo se você diz que o diretor Underhill parece ansioso por abafar o assunto. Pode ser que ele saiba mais do que está deixando transparecer. O simples fato de ele ter sido nomeado por meu tio não significa que se possa confiar nele. O conde já cometeu erros de julgamento antes. - Sidney comprimiu os lábios numa linha fina e concluiu: - E quem é esse J, você tem alguma idéia?

– Só conheci três homens cujos nomes começam por J: John Florio, o anglo-italiano, James Coverdale, o bedel, e John Underhill, o diretor. Mas talvez a letra não signifique um nome. Talvez seja outro símbolo em código.

Ele concordou, desanimado.

– Talvez. Há muitas coisas em que pensar. Mas, por ora, meu caro Bruno - contrapôs, com um sorriso repentino -, você só deve pensar no debate de logo mais. Você tem que deslumbrar toda a Oxford com a nova cosmologia e tirar esse assunto da cabeça. Lizzy, me traga a conta! - chamou, quando a taberneira olhou de relance na nossa direção. - E quero levar uma garrafa grande da sua cerveja mais forte para viagem - acrescentou, simpático, enquanto contava moedas tiradas da bolsa. Quando a mulher foi buscar a encomenda, ele se inclinou para mim e piscou: - Um presentinho para você entregar ao seu novo amigo, o porteiro. Uma coisa eu lhe digo sobre Oxford: os porteiros guardam mais segredos do que qualquer pessoa na universidade. Faça amizade com Cobbett e ele lhe abrirá as portas, literalmente. E agora, Bruno - disse ainda, me dando um tapinha nas

costas -, você precisa ir debater essa pequena questão de se a Terra gira ou não em torno do Sol.

Eu já ia me levantando para sair quando várias risadas e conversas em voz alta irromperam atrás de nós, no momento em que a porta da taberna se abriu e entrou um grupo de quatro rapazes altos, todos com roupas caras - coletes de camurça, sobrevestes de seda justas e calções curtos, com uma fenda para exibir as pernas envoltas em finas meias de seda - e golas alvas e engomadas sobre o colarinho e uma pelerine curta de veludo pendurada num dos ombros. Tinham o mesmo andar arrogante, e chegaram falando alto e fazendo piadas grosseiras com a moça que servia as mesas. Quando se viraram para nós, percebi que o mais alto era Gabriel Norris. Ele me reconheceu e levantou uma das mãos num cumprimento.

– Ah, *Il gentil dottore!* - exclamou, fazendo sinal aos amigos para que todos se aproximassem da nossa mesa. - Venham, rapazes, conhecer meu novo amigo, o renomado filósofo italiano Dr. Giordano Bruno, e... - parou de repente, ao olhar para Sidney pela primeira vez. Então fez uma longa e elegante reverência, se virou para mim com ar de expectativa e percebi que eu deveria fazer as apresentações.

– Este é o Sr. Gabriel Norris - anunciei, enquanto o rapaz tornava a se curvar -, que com muita perícia despachou o cão furioso no jardim, hoje de manhã. Este é meu amigo, Sir Philip Sidney.

– Então é você o bravo caçador - comentou Sidney, arqueando uma das sobrancelhas com ar divertido.

– Não posso pleitear grandes elogios por essa proeza, milorde: o cão estava a poucos passos de mim. Prefiro desafios maiores quando disparo o arco - retrucou Norris, com um risinho auto-depreciativo.

- Mas pode-se fazer uma boa caçada na floresta de Shotover, Sir Philip, caso esteja interessado em um pouco de esporte durante sua estada aqui.

– Aceitarei de bom grado a oportunidade, se o tempo melhorar. Norris, você disse? Quem é seu pai?

– O cavalheiro George Norris, de Buckinghamshire - respondeu o rapaz, com outra mesura. - Mas ele passou a maior parte dos últimos anos de sua vida na França e em Flandres.

Sidney pareceu consultar algum tipo de registro mental, para ver se o nome significava alguma coisa, mas acabou balançando educadamente a cabeça.

- Não o conheço. França, é mesmo? Ele era exilado?
- Oh, não, Sir Philip! - Norris voltou a rir. - Ele era mercador de tecidos e artigos de luxo. Era um homem bastante eficiente nos negócios - e deu uma piscada exagerada para Sidney, esfregando os dedos e fazendo o sinal internacional do dinheiro. Seus modos começaram a me irritar.
- Gostariam de ficar para tomar uma bebida conosco? - prosseguiu o rapaz, ansioso, já enfiando a mão na bolsa em busca de moedas. - Ei, garota, aqui! - chamou, com um gesto imperioso na direção de Lizzy.
- Meus amigos estão planejando arrancar de mim uma parte deste dinheiro, em algumas rodadas de trinta e um, mas ainda não fui derrotado neste período letivo. O senhor aprecia jogos, Sir Philip? E o senhor, Dr. Bruno?

Ergui as mãos, pedindo desculpas, mas vi a luz da aventura faiscar nos olhos de Sidney, que esfregou as duas mãos e deslizou pelo banco a fim de abrir espaço para Norris.

- Os filósofos são sabidamente um fiasco nos jogos de cartas - disse Sidney, gesticulando para que eu mudasse de lugar e desse espaço aos amigos do rapaz.
- É mais uma razão para o Dr. Bruno ficar e participar do nosso jogo - disse Norris, abrindo um largo sorriso.

Ele enfiou a mão na sobreveste e dela retirou um baralho, cujas cartas passou a embaralhar habilmente, com a desenvoltura de quem praticava havia muito tempo. Com uma pontada de incômodo, percebi por que ele estava me irritando: não era tanto que eu me ressentisse da cordialidade dos calorosos tapinhas nas costas dos cavalheiros ingleses da classe alta, pois eu conseguia tolerá-la bastante bem em Sidney, quando ele estava sozinho. Foi a facilidade com que meu amigo se entendeu com aquele grupo vaidoso de rapazes, no qual eu não podia me encaixar, e o medo de que, em certos aspectos, Sidney preferisse a companhia deles à minha. Mais uma vez, senti aquela fisgada peculiar de solidão que só os exilados



conhecem de verdade: a sensação de que eu não fazia e nunca mais faria parte de grupo algum.

Norris bateu com o baralho na palma da mão e começou a distribuir rapidamente três cartas a cada jogador, duas viradas para baixo, uma para cima.

– Que tal cada um apostar um xelim, para começar? Se você tem esperança de conservar alguma parte do seu dinheiro, Tobie - comentou com o rapaz de cabelo preto, sentado na frente dele -, é melhor começar a rezar para São Bernardino de Siena, o padroeiro dos jogadores, porque hoje estou me sentindo com sorte.

– Rezar para os santos, Gabe? - perguntou o rapaz chamado Tobie, com um sorriso matreiro, apanhando e examinando suas cartas. - Não deixe ninguém ouvi-lo incentivando isso, senão vão pensar que você se converteu ao catolicismo.

Norris bufou.

- Estou falando de brincadeira, seu mentecapto. Os cavalheiros nunca devem discutir teologia à mesa de carteados. Mas não tenho razão, Dr. Bruno, ao afirmar que dizem que o seu conterrâneo intercede a favor dos jogadores que acreditam nesse tipo de tolice? - acrescentou, jogando um punhado de moedas no centro da mesa.
- Na verdade, na Itália ele é mais famoso por seus discursos contra os sodomitas - respondi, me levantando da mesa. Norris desviou bruscamente os olhos da mão recebida e me fitou com interesse.
- É mesmo?
- Ele lamentou que, no século passado, os italianos tivessem ganhado fama em toda a Europa como a maior nação de sodomitas.
- E vocês são? - perguntou ele, com um sorriso preso no canto da boca.
- Somos a maior nação em tudo, meu caro - respondi, retribuindo o meio sorriso.
- Bruno passou a maior parte da vida enclausurado em um mosteiro - disse Sidney, inclinando-se para dar uma cutucada nas costelas de Norris. - Ele deve saber.

O grupo caiu numa sonora gargalhada, enquanto Lizzy deixava dois jarros grandes de cerveja em cima da mesa. Resolvi que era hora de partir.

- Bem, vou deixá-los roubando uns aos outros com as bênçãos de São Bernardino - declarei, tentando soar descontraído. - Tenho assuntos mais urgentes a tratar.
- Bruno precisa reordenar o cosmos antes das cinco horas - disse Sidney, embora olhasse atentamente para as cartas que tinha na mão.
- Estamos todos muito ansiosos para ouvi-lo - acrescentou Norris, ainda de cabeça baixa, examinando suas cartas, e em seguida arriou um ás de ouros com uma grande exclamação de triunfo e recolheu todas as moedas da mesa, enquanto os outros explodiam numa salva

de xingamentos. Nenhum deles levantou a cabeça quando me retirei.

## Capítulo 6

A ESCOLA DE TEOLOGIA ERA O PRÉDIO mais deslumbrante que eu já vira em Oxford. Atrás de suas altas portas de madeira, uma abóbada em leque magnífica, entalhada em pedra amarelada, se arqueava sobre um salão de mobiliário simples, talvez com pouco menos de 30 metros de comprimento. Era banhado pela luz natural de 10 enormes janelas em arco, que iam do piso ao teto por toda a extensão do aposento, de tal modo que as paredes norte e sul pareciam quase inteiramente de vidro. Essas janelas eram encimadas por um rendilhado elegante e tinham vitrais decorados com imagens de escudos coloridos e emblemas heráldicos de benfeitores e dignitários da universidade, como era o costume. Dos arcos de sustentação acima das janelas, as nervuras da abóbada se abriam em leque em padrões simétricos por todo o teto, antes de se juntarem novamente em pontas decoradas com enfeites e pingentes delicadamente esculpidos com estátuas embutidas, o que atraía constantemente o olhar para cima e para o centro do teto. Havia um odor penetrante de cera quente, que vinha das inúmeras velas, dos candeeiros e das tochas que ardiam ao longo das paredes, e sua luz era bem-vinda, a despeito das janelas majestosas, porque o céu estava nublado e a luz diurna já desaparecia. Na extremidade esquerda do salão fora erguido um palco, no qual foram colocadas cadeiras de espaldar alto com almofadas de veludo macias, destinadas às pessoas mais ilustres. O palatino sentava-se no centro, com Sidney à esquerda e o reitor à direita. Essas cadeiras eram cercadas pelas dos outros dignitários da universidade, com suas togas em carmesim e preto e os barretes de veludo dos catedráticos, distribuídos de acordo com seu grau universitário. Abaixo do palco havia uma arquibancada que ficava de frente para a porta direita do salão, que era ocupada pelas figuras dos docentes mais antigos. Em um dos enormes vãos do lado direito, notei dois púlpitos de madeira entalhada dispostos

frente a frente, nos quais o diretor Underhill e eu assumiríamos nossas posições para o debate.

Na outra extremidade, fileiras de bancos baixos tinham sido dispostas para os alunos, que ainda entravam no salão, empurrando e esbarrando uns nos outros para ocupar seus lugares, em meio a um grande burburinho de conversas animadas. Por um momento, quando subi os degraus para o púlpito que seria minha plataforma durante a hora seguinte, meu estômago se contraiu, mas, ao olhar as fileiras de rostos cheios de expectativa, tornei a me animar com a velha agitação da apresentação em público - minha primeira na Inglaterra - e descobri que eu aguardava o debate como um esportista deveria ansiar por uma boa competição.

Olhei de relance para o palco à minha esquerda e captei a atenção de Sidney, que me deu uma piscadela de incentivo. O palatino estava arriado na cadeira ao lado da dele, com as pernas afastadas, palitando os dentes com a unha do polegar e examinando o que quer que extraísse deles com mais interesse do que parecia disposto a dedicar ao debate prestes a começar. Notei Coverdale, Slythurst e Bernard sentados no centro da segunda fila. Coverdale me deu apenas uma olhada rápida, com perfeita compostura, enquanto Slythurst deixou seu olhar frio deslizar sobre mim antes de desviá-lo acintosamente. Bernard juntou as mãos ossudas, estalou os dedos e me fez um breve aceno com a cabeça, que optei por interpretar como um incentivo. O diretor Underhill subiu ao pódio oposto e se debruçou sobre o atril, me fitando com olhar combativo. O silêncio tomou conta da multidão reunida. Pigarreei.

Pouco antes, às 16h45, um aluno fora enviado para me escoltar do meu quarto à Escola de Teologia. Era um estudante rechonchudo, de ar ponderado e cabelo preto, que se apresentou como Lawrence Weston e explicou que o diretor, que seguira na frente, o havia enviado para me mostrar o caminho até o local do debate. Esse me pareceu um gesto delicado, então acompanhei o jovem Weston em direção ao portão fortificado. Ao nos aproximarmos, notei dois criados que saíam da sala da

torre carregando um baú pesado. Atrás deles vinha um terceiro, com os braços repletos de livros.

– Já estão retirando os pertences do Dr. Mercer? - perguntei a Weston, tentando não revelar inquietação na voz. O rapaz deu de ombros, como se não lhe coubesse questionar o assunto.

Do lado de fora, na travessa St. Mildred, deparamos com Cobbett, que estava parado vendo sua velha cadela urinar junto ao muro do colégio.

– Boa tarde, Dr. Bruno! - exclamou ele em tom animado, levantando um dos braços numa saudação. - Já vai debater com o diretor?

– *Buona sera*, Cobbett - respondi com um gesto displicente para o portão fortificado atrás de nós. - Vejo que estão esvaziando a sala da torre.

Cobbett deu um risinho:

– Eles não perdem tempo nessas coisas, os quartos dos veteranos são um grande prêmio por aqui. O Dr. Coverdale quer se mudar para lá assim que possível.

– Então ele vai assumir o cargo de subdiretor?

– Ainda não é oficial, mas ele não vai parar por causa disso. Ande logo, Bessie, já para casa.

A velha cadela tinha terminado suas necessidades e ia mancando penosamente para o portão, enquanto Cobbett a guiava com delicadeza.

– Ah, a propósito, Dr. Bruno, tenho mais um mistério para o senhor - sorriu ele, mostrando as gengivas podres.

– O que é? - perguntei, me virando para voltar, ansioso por informações.

– Aquela chave extra do quarto do Dr. Mercer, que eu disse que tinha sido tirada da minha guarita. Bom, Mestre Slythurst a trouxe hoje de manhã. Achou-a na escada noroeste, bem do lado de fora da sala da torre, disse ele. Quem a levou deve tê-la deixado cair por lá na véspera, sem notar... É escuro naquela escada, mesmo quando

está iluminada. Bom, pelo menos estou de novo com o olho completo, pronto para o nosso novo subdiretor.

– Na escada? Mas como é que o tesoureiro a encontrou lá? - indaguei, pensando no motivo para Slythurst ter contado essa mentira.

– Imagino que ele estivesse indo para o cofre-forte - disse Cobbett. Ele arrastou os pés até o portão, o abriu e tornou a se virar para mim. - Boa sorte no seu debate, senhor. E que vença o melhor.

– Obrigado - retruquei, perturbado com essa nova informação. Agora parecia quase certo que Slythurst havia pegado a chave desaparecida e a usara para entrar no quarto de Mercer. Se tivesse ido lá numa missão oficial, ele não teria precisado inventar essa história para o porteiro.

– Senhor, nós... hã... precisamos mesmo apertar o passo, o senhor é esperado às cinco horas - disse Weston, meio sem jeito. Assenti com a cabeça e passei as mãos pelo cabelo, como que para clarear as idéias. Não convinha ocupar o cérebro com chaves e fechaduras na hora em que deveria estar debatendo as leis do cosmos diante de toda a Oxford.

– Sim, desculpe, vamos mais depressa. Você mostra o caminho - disse eu.

– Disseram que o senhor estava bem ali hoje de manhã, quando Gabe Norris matou o cachorro. O senhor viu tudo?

Weston falou com uma empolgação infantil, olhando ansioso para mim enquanto apontava a entrada da travessa Brasenose, uma ruela estreita que corria paralelamente ao lado norte do colégio. Ali o chão estava enlameado e, pelo cheiro, parecia ser um lugar em que as pessoas costumavam urinar. Respirei fundo e segui atrás dele.

– Estive lá, sim. Mas todos chegamos tarde demais, por isso não consigo me perdoar. O jovem Norris tem uma pontaria excelente. Se tivéssemos chegado uns minutinhos antes, o pobre Dr. Mercer poderia ter tido uma chance.

Weston franziu os lábios.

– É, bem... gente como Gabe Norris não tem o que fazer para matar o tempo, a não ser praticar esportes. Para ele, não tem a menor importância nem mesmo se vai se diplomar... Oxford é só mais uma diversão para esses tipos que andam se pavoneando com suas roupas finas de Londres. Não é o que acontece conosco, os alunos pobres que somos obrigados a seguir carreira na Igreja, infelizmente - completou, com um riso amargo.

– Imagino que você não goste dele, não é? - disse eu, sorrindo.

Weston pareceu querer diminuir o impacto do que dissera.

– Ah, ele não é mau. Eu me ressinto dos alunos pagantes por princípio: numa comunidade de estudiosos, o indivíduo deveria sentir-se entre iguais, mas a presença desses indivíduos reforça a ideia de posição social. E é irritante o modo como a maioria deles não dá a menor importância aos estudos. Mas Gabe Norris não é o pior. É até muito generoso com sua fortuna e não é estúpido como outros são. O senhor sabia que ele tem seu próprio cavalo? - perguntou depois de uma pausa, balançando a cabeça com inveja. - Um cavalo ruão, castrado, o animal mais lindo que já se viu. Ele o deixa numa estrebaria fora dos muros da cidade, porque os estudantes não podem ter montaria própria. Mas ele faz o que quer, pois quem vai puni-lo?

– Ele parece mesmo muito seguro de si - concordei. - Imagino que, com aquela aparência, também consiga mais do que seria uma cota justa de mulheres.

Weston apenas virou a cabeça e me olhou de relance, com um sorriso dissimulado no canto da boca.



- É, o senhor pode *imaginar* - disse ele, e sua ênfase peculiar, somada ao sorriso matreiro, chamou minha atenção.
- Ah - retruquei, adivinhando sua intenção. - Você quer dizer que as mulheres não são a principal área de interesse do Sr. Norris?
- Não quero dizer nenhuma calúnia contra ele, senhor. Não tenho idéia do que ele faz na vida privada, só estou repetindo o que dizem.
- Pode-se dizer muita coisa por inveja - observei enquanto caminhávamos. - Por que falam isso dele, você sabe?

Weston baixou os olhos, constrangido.

- Bem, para começar, ele não gosta de visitar as casas de tolerância, senhor.
- Nem por isso se deve deduzir que ele seja sodomita - retruquei. Porém não seria surpresa saber que isso era verdade em relação a Norris, com seu estilo embonecado. Eu me lembrei do olhar curioso que ele me dera ao me ouvir mencionar os discursos de São Bernardino contra os sodomitas. - E você deve tomar cuidado com esses boatos: neste país, a sodomia é um crime punível com a força, não é?
- Sim, o senhor tem razão, é claro - disse Weston, num tom de quem repreendia a si mesmo. - Mas é que todos já notamos isso. Se uma moça bonita lança olhares feito um bezerrinho para um sujeito, mas ele se mostra completamente indiferente, ele não pode ter sangue de homem, não acha?

As bochechas de Weston enrubesceram e, a julgar por seu comentário, adivinhei que ele estava falando de coisas que ocorriam em seu círculo mais próximo. Como só havia uma moça que vivia perto dos jovens estudantes, não foi difícil imaginar a quem ele se referia.

- Você está falando da filha do diretor? - indaguei. Aquilo não devia ter me surpreendido. Por ser a única jovem no colégio, por que ela não haveria de se tomar de amores pelo mais bonito entre os

estudantes ricos? Ainda assim, me senti um tanto decepcionado com essa revelação, como se houvesse imaginado que uma moça com a mente ágil de Sophia não se deixaria cegar por qualidades tão superficiais. - Ela lhe confidenciou isso?

- Oh, não, senhor... e eu já falei demais.

Weston tentou mudar de assunto, mas, nesse momento, parei de repente, ao perceber que havíamos chegado ao fim da travessa Brasenose e que o muro à nossa direita era o do bosque do Colégio Lincoln. A grossa porta de madeira na parede estava firmemente fechada. Devia ter sido por ali que alguém soltara o cachorro no jardim.

- Espere um instante - pedi, me agachando para examinar a lama em torno da soleira da porta. Não havia dúvida de que ela fora revolvida, mas a passagem de pés pelo chão molhado desde as horas da manhã havia eliminado qualquer vestígio claro de pegadas, e xinguei a mim mesmo por não ter pensado em procurar essas provas de imediato. Eu me levantei e experimentei a maçaneta da porta. Estava trancada. Já ia me afastando quando alguma coisa me chamou a atenção entre os tufo de grama que cresciam junto à soleira. Tornei a me agachar e puxei uma tira fina de couro, rasgada numa das pontas - o tipo de tira que se usaria como focinheira num cão. Eu não sabia que uso ela poderia ter, mas, pelo sim, pelo não, guardei-a no bolso.

- Senhor, vamos nos atrasar - avisou Weston, com ar agitado, mas eu notei que ele me observara com curiosidade no momento em que pus a tira no bolso. - É logo no fim da travessa, e estamos quase chegando.

Entramos numa praça larga, margeada pela Igreja de Santa Maria, à direita, e, mal discerníveis à esquerda, acima do muro do jardim do Colégio Exeter, as torres pontiagudas da Escola de Teologia. Logo à frente, vi a massa da muralha da cidade, cujas ameias denteadas se recortavam contra o céu. Ao dobrarmos a esquina, deparamos com a

fachada espetacular da Escola de Teologia, que parei para admirar, entortando o pescoço até ver as torres acima da grandiosa janela em arco. Em geral, somente as construções eclesiásticas eram projetadas com tamanho esplendor, mas ali estava um edifício laico erguido como uma catedral e consagrado à busca do conhecimento, muito semelhante à grandiosa Igreja de San Domênico Maggiore, em Nápoles, onde eu havia aprendido a arte do debate. Pensar que minhas ideias se somariam aos ecos presentes sob aquelas abóbadas magníficas chegava a ser quase opressivo, e eu estava à beira de fazer um comentário a respeito disso ao meu guia, quando senti um arrepio, provocado pela sensação desconcertante de estar sendo observado. Eu me virei e vi, encostado na pedra escurecida do muro da cidade, um homem alto, de braços cruzados, que me encarava abertamente. Vestia um velho gibão de couro e calções surrados de tecido marrom, tinha enormes entradas no alto da cabeça, que lhe deixavam nua a testa larga, embora o cabelo fosse comprido atrás, e exibia no rosto as marcas esburacadas da varíola. Teria talvez a minha idade, ou, quem sabe, 50 anos, porém o traço mais marcante de sua aparência era que ele não tinha orelhas. Marcas repulsivas de tecido cicatricial envolviam os locais onde um dia elas teriam estado, dando a entender que em algum momento ele fora levado à justiça por um crime banal. O homem continuou a me fitar com um olhar frio e impassível, no qual não pude discernir maldade, e sim uma espécie de curiosidade zombeteira. Imaginei se ele estaria olhando para mim em particular, ou se era um batedor de carteiras, ou coisa parecida, à espera de uma oportunidade nas aglomerações que se formavam para o debate. Em minhas viagens pela Europa, eu percebera que os ladrões baratos sempre pareciam presumir que os homens cultos eram também necessariamente ricos. Na minha experiência, essas duas coisas raramente vinham juntas. Se era esse o caso, o homem era atrevido - mais uma detenção por furto e ele correria o risco de ir para a forca.

Numa outra ocasião, talvez eu questionasse seu olhar insolente, mas não havia tempo a perder, por isso me virei para o grandioso pórtico da Escola de Teologia e estava prestes a subir os degraus quando vi o Dr.

James Coverdale descendo às pressas, abrindo caminho aos empurrões contra a maré de rapazes de becas pretas que se aglomeravam para entrar. Ele me avistou e se deteve, com uma expressão de alívio no rosto. Pelo canto do olho, vi a figura de marrom encostada à parede se mexer e dar um passo à frente. Coverdale também o notou, então parou por um momento e fitou o homem sem orelhas, que o encarou e pareceu acenar com a cabeça. Ficou claro que os dois se reconheceram. Coverdale o examinou por um instante, com a expressão dividida entre a irritação e a apreensão, depois abriu um sorriso para mim e me guiou gentilmente para a direita da entrada, me afastando do olhar inquisitivo do homem.

– Obrigado, Weston, por ter trazido nosso convidado em segurança. Pode ir se juntar a seus amigos lá dentro - disse em tom afável a meu jovem guia, embora estivesse ligeiramente empalidecido. O rapaz fez uma reverência para mim antes de disparar escada acima e se unir à multidão.

– Dr. Bruno, eu gostaria de saber se poderíamos trocar uma palavrinha rápida antes de entrarmos - murmurou Coverdale. - Não se preocupe, temos tempo: nosso visitante real ainda não chegou e os trabalhos não podem começar sem ele.

Assenti com a cabeça. Seria típico do palatino não se dar o trabalho de chegar pontualmente por minha causa. Adotei um ar de atenção educada. Coverdale parecia constrangido com o que precisava dizer.

– Haverá um inquérito sobre a morte do pobre Dr. Mercer, o senhor entende, e os primeiros que chegaram ao local serão solicitados a prestar depoimento - informou ele, segurando meu cotovelo. Eu não saberia dizer se isso era para me tranquilizar ou me ameaçar. - Pelo que sei, o senhor esteve lá cedo, junto com o diretor e com o Sr. Norris.

– Sim, e terei prazer em relatar o que vi, embora espere que isso seja antes de meu grupo ter que regressar a Londres - retruquei, cheio de expectativa, pois estava certo de que havia mais coisas por vir.

– É só que... ah... - nesse ponto, ele vacilou e deu um risinho nervoso. - O diretor mencionou que o senhor acredita que o portão do jardim que dá para a travessa Brasenose estivesse trancado quando encontraram o pobre Roger.

– Sim, eu tentei abri-lo e ele estava trancado, assim como os outros dois portões.

– Bem, quando eu soube disso, me ocorreu que, naturalmente, o senhor não está familiarizado com nosso colégio e por isso não saberia que o portão da travessa tem uma maçaneta muito dura por dentro.

Levantei uma das sobrelhas para indicar meu ceticismo.

– Sim - prosseguiu ele, sem me olhar nos olhos -, ela é realmente muito difícil de girar e exige um jeito especial para ser virada para a direita, assim. Só estou mencionando isso porque, se o senhor viesse a sugerir no inquérito que o portão tinha sido trancado... bem, o senhor pode perceber que isso acrescentaria todo tipo de complicações a algo que, na verdade, tem uma explicação muito simples e trágica. O porteiro se esqueceu de trancar o portão, um cão vadio e feroz entrou e o pobre Roger pagou pelo descuido de outra pessoa. É realmente terrível... - Coverdale levou a mão ao peito, o rosto bolachudo convertido numa máscara de tristeza. - Mas toda essa conversa sobre portões trancados, eu receio, poderia criar a suspeita de uma conspiração onde não existe nenhuma.

Mal pude acreditar no que ouvia. Soltei meu braço da mão dele e me aproximei para encará-lo. Ainda havia estudantes se amontoando para subir a escada à nossa volta, por isso baixei a voz:

- Dr. Coverdale, o portão estava trancado, não tenho a menor dúvida disso. Eu mesmo tentei abri-lo. E ainda que estivesse apenas fechado, não foi o cachorro que o fechou depois de invadir o jardim.
- O vento poderia tê-lo batido - disse Coverdale, com ar indiferente.

Por um momento, fiquei incrédulo. Será que ele realmente imaginava que seria tão fácil me convencer a duvidar do que vira com meus próprios olhos?

- Um portão de madeira pesada como aquele? Eu *estava lá*, Dr. Coverdale, e examinei todas as possibilidades com o diretor - protestei em voz baixa.
- O diretor teve tempo para refletir com juízo equilibrado sobre os acontecimentos desta manhã - replicou Coverdale, em tom tranquilo - e chegou à conclusão de que, em meio à neblina e ao pânico, era difícil discernir alguma coisa com clareza. Foi ele quem se lembrou de como a maçaneta pode ficar dura por dentro e de como isso poderia confundir quem não é daqui. Qualquer oficial de inquirição que conduza um inquérito certamente levará em conta que não se poderia esperar que o senhor soubesse se movimentar pelo colégio. Menciono isso porque sua insistência no fato de que existe um mistério só fará prolongar e complicar um processo que, por si só, já será muito aflitivo para os amigos e colegas do Dr. Mercer. Não se ganha nada acrescentando fantasias e suspeitas espúrias a um trágico acidente.

Eu o olhei por um momento. Então eles tinham decidido reescrever as circunstâncias da morte de Mercer, de um modo que evitasse qualquer escândalo para o colégio - e assim um assassino ficaria à solta. Estariam protegendo alguém em particular, ou será que, para eles, era uma simples

questão coletiva de manter as aparências? Eu me perguntei se o diretor cumpriria sua promessa de investigar o assunto em caráter particular, mas duvidei muito - ele era o mais ansioso de todos no que se referia à imagem pública da instituição.

- Penso que devo relatar no inquérito o que acredito ter visto esta manhã - afirmi. - Se eu houver cometido um erro, o senhor tem razão, vou parecer um tolo, mas terei de correr esse risco. Eu não dormiria tranquilo se soubesse que não forneci todos os dados.

Coverdale estreitou os olhos, depois pareceu aceitar minha declaração.

- Muito bem, Dr. Bruno, o senhor deve agir de acordo com a sua consciência. Vamos entrar? - e fez sinal para os degraus do pórtico da Escola de Teologia, onde a aglomeração começara a se reduzir a quase nada. A maior parte da plateia estava lá dentro. - Ah, mas há uma coisa muito curiosa - acrescentou ele com ar despreocupado, olhando para trás, ao subir o primeiro degrau. - O professor Slythurst me disse que estava a caminho do cofre-forte, hoje pela manhã, quando ouviu ruídos dentro do quarto do Dr. Mercer. E que, ao dar uma espiada, deparou com o lugar todo revirado, e quem haveria de estar lá, mexendo nos pertences de Mercer, senão o nosso estimado convidado italiano? E tentando abrir o cofre dele. O porteiro informou que o senhor devolveu um molho de chaves que havia retirado do cadáver.

Eu maldisse minha estupidez de ter pegado no sono de manhã. Tinha me esquecido de levar as roupas ao diretor, a desculpa precária que eu inventara, e agora receava que Slythurst houvesse encoberto seus próprios passos ao sugerir que eu não passava de um ladrão qualquer. Notei que sua versão havia omitido o detalhe de que ele tinha uma chave do quarto de Mercer.

- Há uma explicação - comecei, mas Coverdale ergueu a mão para me deter.

- Ah, eu não duvido, Dr. Bruno, não duvido. Mas é possível que, para um oficial da Corte de Justiça, tal comportamento parecesse extremamente estranho, para não dizer suspeito, e aqui existe uma

antipatia tão grande pelos *estrangeiros* entre os moradores da cidade, o senhor entende, sobretudo os do tipo *papista* - disse ele, fingindo um tom pesaroso -, que é comum o discernimento ser encoberto pelo preconceito cego. E, se o inquérito viesse a se tornar mais complicado do que o necessário, são justamente esses os detalhes difíceis que poderiam vir à tona.

Estávamos na soleira da Escola de Teologia. Ao olhar para dentro rapidamente, vi que o auditório ficara lotado e que os alunos procuravam lugares nos parapeitos das janelas e de pé ao fundo. Coverdale me ofereceu um sorriso de expectativa, depois de ter formulado sua ameaça direta. Observei seu rosto por um momento e balancei a cabeça.

- Compreendo o que o senhor quer dizer, Dr. Coverdale, e certamente vou pensar no assunto.
- Sábia decisão, meu caro - disse ele, em tom afável. - Estou certo de que o senhor perceberá a sensatez disso. Vamos entrando?

Parado no vão da porta, dei uma olhada para trás em direção ao muro da cidade. O homem sem orelhas continuava lá, nos observando com ar relaxado. Toquei o cotovelo de Coverdale.

- Quem é aquele homem? - perguntei, apontando.
- Coverdale olhou, piscou os olhos e balançou a cabeça.

- Ninguém importante - disse em tom brusco e segurou a porta para que eu passasse.

Tentei tirar essa conversa da mente enquanto me preparava para falar. Um grande silêncio tomou conta do salão, rompido apenas pelo arrastar de pés, a tosse e o farfalhar de becas na plateia. Pigarreei para limpar a voz e me inclinei sobre o púlpito, dando início ao meu discurso:

- Eu, Giordano Bruno de Nola, doutor de uma teologia mais sofisticada, professor de um saber mais puro e inocente, conhecido nas melhores academias da Europa, filósofo comprovado e honrado, desconhecido apenas entre bárbaros e trapaceiros, despertador de espíritos adormecidos, domador da ignorância presunçosa e



obstinada, que em todos os meus atos professo um amor geral à humanidade, que não prefiro a companhia de bretão nem de italiano, homem ou mulher, bispo ou rei, toga ou armadura, frade ou leigo, mas apenas a daqueles cuja conversa é mais pacífica, mais civilizada, mais fiel e mais valiosa, que não respeito a cabeça ungida, a testa coroada, as mãos lavadas nem o pênis circuncidado, mas sim o espírito e a cultura da mente que podem ser lidos no rosto da pessoa verdadeira. Eu, que os propagadores da ignorância e os hipócritas insignificantes detestam, que os sóbrios e estudiosos amam, e que sou aclamado pelas mais nobres mentes, apresento ao excelentíssimo e ilustre reitor da Universidade de Oxford os meus melhores cumprimentos.

Fiz uma reverência para o palco em que o reitor estava, na expectativa do volume de aplausos que tal abertura provocaria nas academias do continente europeu, e fiquei perplexo quando enfim me dei conta de que o murmúrio que chegava a meus ouvidos era o de um riso de zombaria. Vi Sidney pelo canto do olho. Ele fez uma careta e um gesto de corte na garganta, sinalizando que meu discurso tinha sido exagerado. Não consegui entender por quê. Em Paris, um debate dificilmente seria considerado digno desse nome se a retórica não alcançasse níveis absurdos de grandiosidade, mas parecia que nisso, como em tantas outras coisas, os ingleses preferiam se esconder atrás de um estilo simples e modesto. Pude então ouvi-los soltando risinhos abafados - e me refiro aos professores, não aos alunos, se bem que estes tinham começado a seguir o exemplo dos mais velhos. Ouvi vários deles imitando meu sotaque, feito garotos de escola. Do outro lado do salão, o diretor Underhill se apoiava em seu pódio com um sorriso sugestivo de que estava gostando do espetáculo e era evidente que pensava já ter vencido. O palatino deu um bocejo alto e ostensivo.

- Rejeito em caráter absoluto - gritei, dando um murro no púlpito e erguendo a mão para enfatizar o que dizia, enquanto o riso minguava num silêncio assustado - a idéia de que as estrelas sejam fixas na tapeçaria dos céus! Elas não são mais fixas no Universo do que essa

estrela, o Sol, nem o são diferentemente, e a região da cauda da Ursa Maior merece tão pouco ser chamada de Oitava Esfera quanto a região da Terra, na qual vivemos. Quem tem saber suficiente irá reconhecer que o movimento aparente do Universo deriva da rotação da Terra, pois há muito menos razão para que o Sol e todo o Universo de inúmeras estrelas girem em torno deste globo do que, ao contrário, para que ele gire em relação ao Universo. Que nossa razão não mais seja agrilhoadada pela oitava ou nona esferas imaginárias, pois existe apenas um céu, imenso e infinito, com uma infinita capacidade de abrigar inúmeros mundos semelhantes a este, arredondando-lhes as órbitas tal como a Terra arredonda a dela.

Parei para respirar, mais satisfeito com essa salva de abertura, e Underhill aproveitou a oportunidade para entrar na disputa.

- É o que diz o senhor? - contrapôs, com o sorriso pretensioso ainda nos lábios. - Pois me parece que, em vez de o Sol ficar imóvel e a Terra girar em torno dele, é a sua cabeça que gira e é o seu cérebro que não fica parado!

O diretor se virou para a plateia de docentes, em busca de cumprimentos, e não se decepcionou. Irrompeu um coro de gargalhadas e foram necessários alguns momentos para que eu pudesse me fazer ouvir numa réplica.

O debate, lamento dizer, não foi um sucesso, e não vou aborrecer o leitor com sua transcrição. Ele prosseguiu basicamente da mesma forma: Underhill não enunciou nada além dos velhos e batidos argumentos a favor de Aristóteles - sem pedir maior prova científica do que o peso da autoridade escolástica para situar a Terra no centro fixo do Universo, como se as autoridades nunca houvessem errado, e sugerindo, a certa altura, que Copérnico nunca pretendia que sua teoria fosse interpretada literalmente, tendo-a elaborado apenas como uma metáfora para auxiliar o cálculo matemático. Todos esses argumentos eu já ouvira e refutara muitas vezes, em melhor companhia do que aquela, porém mal tive chance de fazê-lo nessa noite, visto que o interesse principal de Underhill não parecia estar em convencer a plateia por meio de sua

habilidade no debate (a maioria dos presentes já tinha a mesma opinião firme dele e nem sequer teve a cortesia de ouvir meus argumentos), mas em me ridicularizar e me expor com a máxima frequência possível à zombaria de seus pares. Essa, ao que parece, é a ideia que eles têm de diversão, e o público se portou com tão maus modos que, na maior parte do tempo, conversou e teceu comentários durante a fala de ambos os oradores. Eu havia concluído parcialmente um argumento apaixonado, que envolvia proposições matemáticas complexas, quando fui interrompido por um ruído alarmante, que soou como o rosnar grave de um cão. Muito sensibilizado para sons dessa natureza desde os acontecimentos matinais, me assustei visivelmente e me virei, apenas para descobrir que, na verdade, era o palatino roncando alto. A essa altura, porém, o fio da minha argumentação já estava muito esgarçado.

Momentos depois, fomos perturbados por uma grande e confusa movimentação, quando um aluno foi pedindo passagem pelas fileiras de professores sentados em busca da atenção de um deles. Estava à procura do Dr. Coverdale, que, aparentemente respondendo a um chamado, deixou imediatamente o seu lugar no meio de uma fila, desculpando-se em murmúrios teatrais com todos os que estavam entre ele e a porta e foram obrigados a se levantar para deixá-lo passar. Eu não esperaria que Coverdale demonstrasse nenhum comedimento por minha causa, mas fiquei surpreso ao vê-lo se portar com tão pouca gentileza para com seu próprio diretor, a ponto de se retirar no meio da disputa.

Avançamos arduamente para um fim que em nada se assemelhou a uma conclusão. Expus meus cálculos complexos para explicar o diâmetro relativo da Lua, da Terra e do Sol, em termos que até um idiota seria capaz de compreender, e, em resposta, Underhill só fez repetir os velhos equívocos escolásticos comuns a todos os que misturam ciência com teologia e creem que as Escrituras Sagradas são a última palavra em matéria de investigação científica. Ele também fez referências frequentes e incisivas a minha condição de estrangeiro, deixando implícito que isso necessariamente me conferia uma inteligência inferior, e em mais de uma ocasião assinalou que Copérnico também era estrangeiro, portanto

não se poderia esperar que exibisse o raciocínio robusto de um inglês - esquecendo-se, aparentemente, de que tudo o que havia causado esse lamentável arremedo de debate tinha sido o propósito de homenagear o nobre compatriota de Copérnico ali presente. Fiquei satisfeito de pôr fim àquilo. Fiz uma mesura tensa diante de um punhado de aplausos insinceros e desci do púlpito, me sentindo magoado e humilhado.

Mais tarde, quando o salão se esvaziou, nenhum dos professores que se retiravam me olhou de frente. Permaneci sentado, taciturno, junto a uma janela, pensando em esperar que todos se fossem, para evitar novas chacotas - ou, pior ainda, sua comiseração -, e então vi Sidney tentando descer do tablado. Ele abriu caminho até onde eu estava, balançando a cabeça:

– Esta noite senti vergonha da minha universidade, Bruno - disse ele num ímpeto, com duas bolas vermelhas flamejando de indignação nas bochechas.

– Underhill é um fujão: não discutiu uma única vez o tema central dos seus argumentos! Acho isso vergonhoso! Foi uma exibição de pura arrogância cega - reiterou, balançando a cabeça e comprimindo os lábios, como se repreendesse a si mesmo: - Nosso traço menos atraente como nação é essa convicção da nossa superioridade.

– Tive muita sorte por incluir você e Walsingham entre meus amigos - afirmei, balançando a cabeça. - Imaginei que todos os ingleses fossem igualmente dotados de uma mentalidade liberal e curiosidade a respeito do mundo. Vejo que me enganei redondamente.

– Veja só - disse ele, com ar filosófico você não facilitou as coisas, Bruno. O que foi aquele discurso de abertura?

– Ele me serviu em Paris.

– Não duvido. Mas não é exatamente esse o nosso modo de fazer as coisas por aqui. Tendemos a não acolher bem os que cantam louvores muito exagerados a si mesmos. Creio que foi naquele

momento que você perdeu sua plateia. E, da próxima vez, talvez seja melhor deixar de fora os pênis circuncidados, sim?

– Vou me lembrar disso - respondi, rígido -, mas duvido de que haja uma próxima vez.

– Não tem sido uma grande visita para você até aqui, não é mesmo, meu velho? - disse ele, com um tapa afetuoso em meu ombro. - Primeiro, a companhia daquele polonês idiota; depois, um homem é brutalmente assassinado diante da sua janela; e agora, você sofre essa indignidade nas mãos de imbecis que não conseguiriam nem mesmo começar a compreender a sua visão. Sinto muito por isso, de verdade. Mas agora talvez possamos nos concentrar em nossa verdadeira tarefa - acrescentou, baixando a voz. - Seja como for, fomos convidados para jantar no Colégio Christ Church, portanto, esvaziemos as adegas deles, esqueçamos toda essa história deprimente e vamos nos divertir! O que me diz?

Ergui os olhos para ele, grato por seu esforço, mas pensando que sua companhia efusiva era a última coisa que eu queria naquela noite.

– Obrigado, Philip, mas creio que eu não seria uma companhia muito agradável à mesa hoje. Deixe que eu me recolha com meu sofrimento hoje e prometo que amanhã estarei pronto para qualquer aventura que você propuser.

Ele pareceu decepcionado, mas balançou a cabeça em sinal de compreensão.

– Vou fazer você cumprir o que acabou de dizer. Aliás, o palatino gostaria de caçar na floresta de Shotover, se essa chuva der uma trégua, e eu, é claro, tenho de me curvar a seus caprichos. Mas, se você não estiver no grupo, creio que não vou aguentar.

– Vamos ver como me sinto. Por que você não leva seu novo amigo, Gabriel Norris?

– Ah, eu o convidei, mas ele tem outro compromisso amanhã - respondeu Sidney, descontraído, sem perceber a farpa em meu tom.

- Não que isso me entristeça: aquele mocinho fanfarrão vai levar

para casa metade do meu dinheiro. Por favor, me lembre de nunca mais jogar cartas com ele.

– Bem, eu irei com você, se me sentir descansado - prometi.

Norris havia sugerido que o cão lobeiro poderia ter se perdido na floresta de Shotover e ido parar no colégio. Eu não era nenhum caçador, mas se fosse com eles teria a oportunidade de verificar se havia alguma ligação entre a floresta e o colégio. Sidney apertou minha mão, me deu outro sonoro sopapo nas costas, entre as omoplatas - a maneira inglesa de demonstrar amizade viril -, e me deixou ir vagando sozinho pelo curto trajeto de volta ao colégio.

– *Diofulmini questi inglesi!* - exclamei ao dobrar a esquina da travessa Brasenose, chutando enfurecido uma pedra que achei no caminho. - *Si comportano come cani di Strada...* não, são piores do que cães! Será que algum dia existiu uma raça tão arrogante, tacanha e presunçosa quanto os homens desta ilha infeliz? É tão impossível eles contemplarem novas filosofias ou uma nova ciência quanto imaginarem comer algo que tenha sabor! Deve ter sido a chuva interminável que transformou o cérebro deles numa pasta. Zombar de um homem não pela essência do que ele diz, mas por ele ter tido a sorte de nascer fora destas terras deprimentes! E como se atrevem a ter a pretensão de rir da minha pronúncia? De onde, em nome de Deus, eles imaginam ter vindo a língua latina? *Asini pedanti!*

Fui xingando livremente, em italiano, por todo o trajeto até o portão fortificado do Colégio Lincoln, desabafando parte da minha raiva. Felizmente não havia nenhum transeunte a quem eu viesse a assustar.

Com o coração pesado, abri o portão principal e parei junto à guarita do porteiro, para perguntar a Cobbett se ele poderia me emprestar um lampião para meu quarto. O velho funcionário estava cochilando suavemente na cadeira, com um caneco de cerveja na mesa e a cadela descansando a cabeça em seu joelho. Tossi e ele acordou, balbuciando e limpando a roupa com as mãos.

– Oh, desculpe, Dr. Bruno, não o ouvi entrar. Eu estava muito absorto nos meus pensamentos - disse ele. Deu uma piscadela e eu exibi um sorriso.

– Boa noite, Cobbett. Eu poderia lhe pedir um lampião emprestado?

– Sim, senhor, é claro - respondeu. Ele levantou o corpanzil com esforço e arrastou os pés até um dos armários de madeira que cobriam as paredes. - O senhor voltou cedo, se me permite o comentário. Pensei que esta noite haveria uma grande diversão para o visitante da nobreza no Christ Church.

– Estou cansado - comentei, na esperança de evitar qualquer pergunta sobre o debate.

Ele meneou a cabeça, com ar solidário.

– Não é de admirar, com toda aquela agitação da manhã. Tomara que todos possamos dormir bem em nossas camas esta noite, não é? Engraçado - observou, abrindo o lampião e acendendo a vela interna com a sua -, o Dr. Coverdale também voltou cedo esta noite. E estava com uma pressa terrível. Eu o vi passar correndo ali pelo portão e disse a mim mesmo: hoje eles devem ter encerrado os serviços com uma rapidez incomum. Em geral, não se consegue fazê-los parar nesses debates, depois que experimentam o gostinho do som da própria voz, com todo o respeito, senhor. Mas aí, como não apareceu mais ninguém, concluí que ele devia ter tido algum problema pessoal - disse Cobbett, com um risinho rouco.

– Creio que o Dr. Coverdale tinha assuntos mais importantes para tratar do que ouvir meu pobre discurso - retruquei, sem conseguir disfarçar o ressentimento na voz.

– Bem, espero que Deus dê ao senhor uma boa noite de sono - disse Cobbett, me entregando o lampião, cuja chama estremeceu com o movimento. - Imagino que o senhor deva ficar conosco até o inquérito, não é? Logo, logo se sentirá em casa aqui.

– Tenho certeza disso - respondi sem emoção, e então lhe desejei boa-noite, percebendo o significado de suas palavras. Perguntei a

mim mesmo por quanto tempo eu seria detido ali e se seria obrigado por lei a ficar para depor, mesmo que Sidney e o palatino partissem na data marcada.

Em toda a volta do pequeno quadrilátero brilhava a luz âmbar das velas, em janelas diversas, proporcionando um fulgor amistoso, mas eu não conseguia me livrar do sentimento de inquietação que me seguira desde Londres. Alguma coisa cruel estava ocorrendo ali, e tive a terrível intuição de que ainda não havia terminado. Ao olhar em volta para as janelas vazias, me arrepiei com a sensação de que alguém me observava.

Minha escada era silenciosa e tão escura que, sem o lampião de Cobbett, eu teria precisado tatear às cegas. Eu não teria visto nem mesmo o papel enfiado por baixo da minha porta, se não houvesse pisado nele e ouvido um farfalhar inesperado ao entrar no quarto. Eu me curvei para apanhá-lo - uma única folha, cuidadosamente dobrada ao meio - e, quando o abri, um outro pedaço de papel menor, não mais largo que uma fita, esvoaçou no ar e caiu no chão. À luz tênue do candeeiro, discerni uma série de círculos concêntricos na folha maior. Intrigado e impaciente, tratei de acender as velas dos castiçais nas paredes, para receber deles mais luz a fim de examinar o estranho bilhete. Quando consegui enxergá-lo com clareza, minha perplexidade só aumentou: a essência do diagrama era bastante clara, mas não seu significado. Aquele, inconfundivelmente, era um desenho do Universo copernicano, feito por mãos habilidosas, com os sete planetas descrevendo suas órbitas em volta do Sol. Pelo menos foi o que me pareceu ser, de início, mas depois vi que no centro, onde deveria estar a imagem do Sol, havia uma representação de um pequeno círculo com raios, exatamente o símbolo que eu encontrara em vários pontos do almanaque de Roger Mercer.

Totalmente perplexo, fui buscar o segundo pedaço de papel, que quase se perdera entre as tábuas do assoalho, e vi que havia algo escrito nele. Quando examinei mais de perto, ficou claro que tinha sido muito cuidadosamente recortado de um livro, e a frase retirada com tanto critério me fez soltar um arquejo alto:



*Eu sou o trigo ou o grão de Cristo; serei moído por dentes de animais ferozes, para que me descubram puro pão.*

## Capítulo 7

MINHAS BATIDAS NA PORTA da residência do diretor foram tão frenéticas que o criado veio correndo abri-la, com uma expressão de pavor e expectativa, como se temesse a notícia de outra tragédia.

- Preciso falar imediatamente com o diretor - declarei, ofegante, brandindo meus papéis em seu rosto.
- Ele está jantando no Christ Church, senhor, com os professores mais antigos - disse o homem, que me olhou com ar aflito, a mão tremendo de leve ao erguer a vela para ver meu rosto, o que fez sombras correrem pelas paredes. - Aconteceu alguma coisa?

É claro, eu havia esquecido que ainda era cedo. Underhill estaria celebrando sua vitória dessa noite e talvez levasse algumas horas para voltar.

- É um assunto de extrema urgência - expliquei, procurando recobrar o fôlego. - Posso esperar, mas preciso falar com ele esta noite.

O criado, um homem severo, talvez perto dos 60 anos, me olhou com certa desconfiança.

- O senhor pode voltar mais tarde, pois não seria correto da minha parte deixá-lo esperar na residência do diretor, estando apenas as senhoras em casa.
- Não pretendo lhes fazer nenhum mal, quero apenas ter certeza de que irei vê-lo.
- Quem é, Adam? - chamou lá de dentro a voz de Sophia, que em seguida apareceu atrás do criado, sua forma esguia iluminada pelas velas, com um livro na mão.
- É o cavalheiro *estrangeiro*, Srta. Sophia, que veio ver seu pai. Eu disse a ele para voltar mais tarde.
- Bobagem, deixe que ele espere na sala aquecida, tenho certeza de que meu pai não vai demorar. A sociabilidade não é o forte dele - disse ela, sorrindo para mim por cima do ombro do criado. - Boa noite, Dr. Bruno. Entre, por favor.

O criado nos olhou, consternado.

- Creio que seu pai não aprovaria, senhorita... - começou, mas Sophia fez um aceno com a mão para interrompê-lo.
- O Dr. Bruno é hóspede do meu pai, Adam, e um filósofo com a mais prestigiosa reputação. Tenho certeza de que meu pai ficaria horrorizado se eu não lhe oferecesse a hospitalidade adequada. Você teria a bondade de levar a capa do Dr. Bruno e trazer um pouco de vinho?

Adam pareceu extremamente ofendido, mas acatou as ordens, fazendo uma breve reverência para mim e ficando de lado para me deixar entrar, com mais um olhar de desagrado. A moça tornou a sorrir e fez sinal para que eu a acompanhasse, passando pela sala de jantar de pé-direito alto na qual havíamos nos reunido na noite anterior e cruzando uma porta do outro lado. Ela usava um vestido verde simples e seu cabelo preto lhe caía em ondas que balançavam na cadência do andar, revelando a autoconfiança que vem da beleza natural. Com uma grande melhora do meu estado de ânimo ante a perspectiva de ter a companhia dela, eu a

segui para o interior de um cômodo com as paredes revestidas de painéis escuros, aquecido por um fogo baixo na lareira e dominado por uma enorme escrivaninha de carvalho embaixo da janela, com pilhas altas de livros e papéis.

– Este é o gabinete de trabalho do meu pai. Você pode esperá-lo aqui - disse Sophia, delicadamente, enquanto me conduzia a uma das poltronas estofadas de tapeçaria que ladeavam a lareira. Ela me observou por um momento e perguntou: - Então, você não quis comemorar com os professores no Christ Church esta noite, Bruno?

– Não estou em clima de festa. Receio ter que dizer que hoje seu pai conquistou a plateia - respondi e em seguida me acomodei na poltrona, me inclinando para mais perto das chamas que se retorciam. - Nisso, pelo menos, ele pode se considerar vencedor.

– Ele tratou com arrogância todas as suas colocações, sem se dar ao trabalho de realmente ouvir? - perguntou Sophia, sorrindo com amarga solidariedade. - Meu pai não tem nenhuma habilidade nos debates, Bruno - continuou, sem esperar minha resposta. - Tem apenas a convicção inabalável de que está correto, mas é surpreendente a eficácia que isso pode ter para refutar argumentos. Antigamente eu achava que era um sinal de arrogância, mas, à medida que amadureço, começo a desconfiar de que talvez seja medo.

Levantei uma das sobrancelhas, numa expressão inquisitiva, pensando em como ela era perspicaz para uma mulher tão jovem.

– A vida inteira ele foi muito dependente das graças de homens poderosos, como o conde de Leicester, do mesmo modo que os acadêmicos e os religiosos - prosseguiu a jovem, com um toque de piedade na voz e sabe muito bem como essas preferências podem ser caprichosas. Por isso, vive num medo constante de perder o cargo... e houve muita confusão na universidade nesses últimos anos, diversas pessoas denunciadas por serem vistas em má companhia,

por lerem os livros errados, por tecerem um comentário casual passível de ser maldosamente interpretado - suspirou. - A queda do pobre Edmund Allen o abalou muito.

– Por quê? Ele também tem uma preferência secreta por Roma?

– Oh, não! Santo Deus, não, ele é a última pessoa... - Sophia balançou a cabeça de modo impetuoso, enfatizando o absurdo dessa ideia. - Mas foi a visão de como os professores se apressaram a cerrar fileiras contra Allen, contrariando todos os laços de amizade, por medo de se tornarem suspeitos por associação. Uma acusação não precisa ser verdadeira para convencer, em tempos como estes, você sabe. Meu pai anseia mais pela estabilidade do que por qualquer outra coisa e acredita que a mudança é sempre para pior. Ele não é mau, mas vive constantemente olhando para trás, e isso o leva a defender suas certezas como uma mãe urso defende os filhotes. E por isso, eu acho, que ele parece tão pomposo.

Sophia sorriu e se inclinou para atizar o fogo. Houve uma batida leve na porta e Adam, o criado, entrou com uma jarra de vinho e duas taças, que depositou num pequeno banco de madeira próximo ao fogo.

– Obrigada, Adam. Quer mandar buscar na cozinha um pouco de pão e queijo e, se tiverem também, alguma torta fria? Desconfio de que o nosso hóspede talvez esteja com fome.

Com um meneio da cabeça, indiquei minha concordância agradecida, só então me dando conta de que ao me recusar, ofendido, a comparecer ao jantar no Christ Church, eu ficara sem a ceia, e meu estômago estava começando a reclamar.

Adam se curvou, me lançou outro olhar de desaprovação e, de maneira contundente, deixou a porta aberta ao sair. Sophia se levantou para fechá-la, alisando o vestido. Servi uma taça de vinho para cada um.

– Você esmurrou a porta de um modo que seria capaz de despertar os mortos, Bruno - disse ela, tornando a se acomodar na poltrona em frente, com os pés bem aninhados embaixo do corpo, feito um gato e

estava pálido como um túmulo. Temi que estivesse trazendo a notícia de mais algum horror.

– Não é nada tão terrível, eu lhe asseguro - retruquei, bebendo um gole grande.

– Então, o que o traz aqui com tamanha urgência? Você pensou em alguma réplica brilhante que se esqueceu de fazer durante o debate e a trouxe aqui para que meu pai possa ouvi-la, antes tarde do que nunca? - indagou ela, com um sorriso travesso, apontando para o papel que eu ainda segurava.

– Não... Isso só me ocorrerá durante a madrugada - respondi, meio que brincando, e lhe entreguei o papel. - O que você acha disso?

Sophia correu brevemente os olhos por ele e me olhou, intrigada.

– Ora, isso é um mapa celestial, baseado na teoria de Copérnico, não é?

Confirmei com a cabeça.

– Mas, por que trazer isso agora para meu pai ver, com tanta pressa, depois de encerrado o debate?

– Não lhe parece haver nada estranho nele?

Sophia tornou a franzir o cenho para o papel, e então seus olhos se arregalaram, apenas por um instante, antes de ela erguer novamente a cabeça.

– É um modo estranho de representar o Sol - comentou, em tom leve.

– Sim.

– Como uma roda. Mas é um desenho muito delicado - acrescentou, me devolvendo o papel.

– É, sim, mas não posso reivindicar o mérito por isso. Não é obra minha.

– Então... de quem é? - e a voz de Sophia vacilou momentaneamente. - Onde você o arranjou?

– Deixaram para mim. Quem o deixou, não sei, mas é possível que tenha um significado oculto. Pensei em pedir a orientação do seu pai.

Um riso estranho brotou dela, como que de alívio:

– Você disparou para cá, esmurrando a porta como se o mundo fosse acabar, só para mostrar isso a ele? Se quer a *minha* opinião, Bruno, eu diria que alguém está fazendo uma brincadeira com você, zombando de Copérnico. Meu pai talvez não goste de desperdiçar o tempo dele com essas bobagens suas.

– Talvez você tenha razão - comentei em tom neutro, dobrando e alisando o papel entre as mãos. - De qualquer modo, gostaria de esperar por ele, se puder.

Ela fez um leve meneio com a cabeça. Perguntei a mim mesmo o que representaria a expressão que atravessara seu rosto por um instante, um pouco antes, ao olhar para o diagrama pela segunda vez. Reconhecimento? Medo? Parecia improvável que ela soubesse alguma coisa sobre o significado oculto do pequeno símbolo, mas, por outro lado, refleti, a vida no colégio era tão próxima e compartilhada que talvez não houvesse segredos ali. Se o símbolo havia significado algo para Roger Mercer e para meu correspondente anônimo, por que não seria conhecido por outros, entre eles Sophia?

– Por favor, me diga - pedi, me recostando na poltrona e apontando para as grandes arcas encostadas na parede -, seu pai tem uma edição de Foxe?

Sophia revirou os olhos.

– Isso, meu caro Bruno, é como perguntar se o papa possui um crucifixo. Meu pai tem exemplares de todas as três edições publicadas pela Master Day, as duas últimas com 12 livros cada uma. Creio que há uma nova edição a ser impressa este ano, e tenho certeza de que ele logo acrescentará mais essa a sua coleção. Foxe é o que não nos falta nesta casa. Que edição você estaria procurando, em particular?

– Não sei - retruquei, fazendo uma pausa, e corri os olhos pelos livros da escrivaninha, antes de tornar a fitá-la. - Eu sou o trigo ou o grão de Cristo; serei moído por dentes de animais ferozes, para que me descubram puro pão.

Ela me olhou com uma expressão educada de confusão.

– Como disse?

– Isso é de Foxe, a senhorita sabia?

– Ah. Uma citação. Na verdade, eu não teria como saber... o estudioso dos mártires é meu pai, não eu. Para falar a verdade, Bruno, só dei uma olhada rápida no livro de Mestre Foxe e detestei o que encontrei lá. Que espécie de homem dedica a vida a registrar listas intermináveis de torturas e brutalidades infligidas a outros seres humanos? E com tamanha profusão de detalhes? Tive a sensação de que ele extraía um deleite absoluto de suas próprias descrições. Algumas daquelas gravuras me causaram pesadelos - disse ela, estremeando e fazendo uma careta.

– Imagino que ele queria encorajar os fiéis e procurou as imagens mais fortes para atingir esse propósito.

– Aquilo não passa de propaganda, sem outra finalidade senão inspirar o ódio pelos católicos! - esbravejou Sophia, e fiquei



admirado com a veemência em sua voz. Captando meu olhar de surpresa, ela enrubesceu e acrescentou, em tom mais moderado: - Como se já não houvesse discórdia e divisão suficientes entre os cristãos sem livros desse tipo para atizar as chamas do ódio.

Olhei a jovem com renovada curiosidade, enquanto, talvez constrangida por sua explosão, ela voltava outra vez a atenção para o fogo. Era tão inusitadamente franca e imprevisível em suas opiniões que não me admirava seu pai estar perdendo a esperança de lhe arranjar um bom casamento. Tamanha independência de raciocínio ia de encontro a tudo o que se esperava de uma esposa recatada. No entanto, essa recusa impetuosa a permanecer no lugar que lhe era apropriado era o que eu mais admirava nela. O que Sophia quis dizer com esse último protesto, por exemplo? Enquanto eu contemplava a ideia de pressioná-la mais a respeito de Foxe, a porta voltou a se abrir e Adam, com proposital lentidão, dispôs uma bandeja de pão e frios ao lado da jarra de vinho.

- Creio que seu pai não gostaria que se comesse em seu gabinete de trabalho - começou ele, com ar afetado, mas Sophia já estava cortando o pão.

- Ele vive ceando aqui - disse. - Obrigada, Adam, é só isso por hora.

Ele hesitou.

- Srta. Sophia, eu me pergunto se a senhora sua mãe...

- Minha mãe se deitou ontem à noite e não saiu da cama desde então. Quando seus nervos vão mal, ela quer que a deixemos em paz. Obrigada, Adam - repetiu. Seu sorriso foi afável, mas havia dureza em sua voz.

O criado, claramente tomando a si mesmo por defensor da honra de Sophia, pareceu prestes a encontrar alguma outra objeção à continuidade da nossa presença conjunta no estúdio do diretor, mas, após um momento de pausa, baixou a cabeça e recuou, dessa vez fechando a porta ao sair, com um clique suave.

– Sirva-se - ofereceu Sophia, indicando a bandeja. - Podemos vasculhar os textos de Foxe depois, se você quiser.

Ocupei meu lugar na poltrona junto ao fogo e, sentindo-me grato, cortei um bom naco do pão.

– Então, Bruno - começou a jovem, baixando a voz e se inclinando para a frente de propósito, como se ela é que houvesse me chamado -, você prometeu me ensinar mais coisas do livro de magia de Cornélius Agrippa, e esta é uma oportunidade inesperada para uma aula.

– Prometi, sim - respondi, com a boca cheia -, mas primeiro você precisa me dizer por que tem esse desejo tão fervoroso de conhecer feitiços e talismãs do amor. Esses livros são proibidos aqui, e a simples posse desses conhecimentos é considerada perigosa.

– Eu nunca disse que queria aprender feitiços de amor - retrucou ela, fingindo altivez -, isso foi uma suposição *sua*. - Mas o súbito rubor de suas faces desmentiu o protesto.

– Eu só estava querendo saber por que uma jovem bem-nascida haveria de se ocupar da ideia de magia prática.

– Sou fascinada pela ideia de que uma pessoa possa dominar forças que estão além da nossa compreensão e usá-las de acordo com seus próprios objetivos. Não é o que todos sentem? Sempre achei que a magia devia ser imensamente poderosa. Quer dizer, ela deve funcionar, caso contrário, a Igreja não ficaria tão aflita por mantê-la longe das mãos das pessoas comuns.

Hesitei.

– Não há dúvida de que existem forças de grande poder no Universo, mas fazê-las se manifestar exige um estudo longo e profundo. A magia hermética sobre a qual Agrippa escreveu não é uma questão de misturar um punhado de ervas e murmurar encantamentos, como uma curandeira de aldeia. Ela requer conhecimentos de astronomia, matemática, música, metafísica, filosofia, óptica,

geometria, e daí por diante. Tornar-se perito nisso é trabalho para uma vida inteira.

– Entendo - disse Sophia. Em seguida contraiu a boca e cruzou as mãos nos

joelhos. - E você está querendo dizer que eu não tenho inteligência para isso, já que sou apenas uma mulher?

– Não quero dizer nada parecido - protestei, erguendo uma das mãos. Com que rapidez ela se ofendia nesse campo! Então me lembrei da raiva impotente que eu sentira na Escola de Teologia, ante as insinuações reiteradas do seu pai de que a minha nacionalidade era sinônimo de estupidez. Eu, pelo menos, podia encontrar partes da Europa em que esse preconceito não era corrente, mas, que eu soubesse, não havia um só lugar na cristandade em que se tolerasse que uma mulher como Sophia estudasse ou conversasse com homens de igual para igual, por mais arguta que fosse a sua mente ou por mais vastas as suas leituras. Somente numa rainha essa inteligência era tolerada.

– Eu quis apenas dizer que dedicar a vida ao estudo da magia hermética exige um sacrifício enorme, e eu não recomendaria isso com leviandade. Para começar, seria provável que isso a levasse a ser queimada na fogueira como bruxa - expliquei.

Sophia pareceu considerar essa ponderação por um momento, e então levantou a cabeça de repente para me fitar, os olhos iluminados por uma angústia vívida.

– Então, não há como aprender magia alguma que possa funcionar? - perguntou ela num ímpeto.

– Funcionar para quê? - indaguei, assustado com a força de sua expressão. - Você parece ter algo muito específico em mente, mas, se não disser o que é, não poderei orientá-la.

Ela virou outra vez o rosto para o fogo e passou algum tempo sem falar. Cortei um pedaço de queijo e esperei para ver se resolvia confiar em mim.

- Você nunca amou alguém que não pudesse retribuir o seu amor?
- Não - respondi com franqueza. - Mas amei alguém que eu não podia ter, então talvez entenda um pouco disso.

Ela balançou a cabeça, ainda olhando fixo para as chamas que se entrelaçavam, depois a levantou e me fitou com aqueles olhos castanho-dourados.

- Quem era ela?
- Uma nobre francesa, da época em que eu morava em Toulouse. Ela também desdenhava os interesses das damas e tinha sede de livros. Na verdade, era muito parecida com você em espírito e beleza - acrescentei, gentilmente.

Sophia arriscou um sorriso tímido.

- Você queria se casar com ela?

Hesitei.

- Com certeza, queria continuar a amá-la. Queria poder conversar com ela e abraçá-la. Mas nos casarmos, isso estava muito longe de ser uma possibilidade. O pai pretendia arranjar um casamento que conviesse às suas ambições, não às dela. Eu não era essa pessoa.
- Como o meu pai - disse Sophia, novamente balançando a cabeça, o cabelo caído em volta do rosto enquanto ela apoiava o queixo na mão e continuava a me olhar atentamente. - E vocês foram obrigados a se separar?
- O pai dela queria nos separar. Além disso, naquela época Toulouse estava às voltas com um conflito religioso entre católicos e protestantes huguenotes, e seria mais seguro eu ir embora. Minha vida tem sido assim nos últimos anos. Tive que me arranjar sozinho e me mudar tantas vezes que talvez isso tenha me tornado impróprio para uma vida estável com esposa e filhos.
- Isso é triste. Mas tenho certeza de que não lhe faltariam admiradoras aqui, Bruno. Nenhum inglês tem olhos iguais aos seus.

Fiquei tão surpreso com o elogio que não consegui pensar numa resposta imediata. Sophia pareceu sem jeito e se apressou a voltar novamente a atenção para o fogo.

– Você já viajou tanto! Não pode imaginar a inveja que sinto... Deve ter tido inúmeras aventuras. Eu não saio de Oxford há seis anos. Às vezes, fico muito inquieta - e atçou o fogo vigorosamente com medo de nunca ver nada do mundo, a menos que eu faça alguma mudança drástica. Ah, há momentos em que eu gostaria de picar em pedacinhos esta vida que levo! Algum dia você já se sentiu assim? - Ela me olhou com ar compenetrado, os olhos cheios de emoção.

– Certamente. Passei 13 anos da minha juventude num mosteiro. Eu entendia mais de inquietação e desse desejo de novos horizontes do que qualquer um. Mas tome cuidado com o que deseje, Sophia. Também aprendi que a aventura nem sempre é uma coisa que deva ser buscada por ela mesma. Você só sabe o valor de um lar quando o perde - acrescentei, calmamente.

– Meu pai disse que você viveu na corte do rei Henrique, em Paris... Deve ter conhecido muitas damas lindas e elegantes por lá, eu presumo.

– Havia rostos bonitos, com certeza, e muitos trajes lindos, mas nunca encontrei muita beleza intelectual na corte.

– Mesmo assim, imagino que suas ideias tenham deslumbrado todas elas - disse Sophia, os olhos refletindo as chamas que estalavam.

– Não sei se minhas ideias despertavam grande interesse nas damas da corte - comentei, com um sorriso pesaroso. - Poucas mulheres de lá davam importância à leitura ou se ocupavam com ideias. A maioria tinha uma compreensão escassa até mesmo da política da sua cidade, e receio nunca ter sabido fingir interesse por uma mulher cuja conversa se limitasse a mexericos e modismos da corte. Sou extremamente intolerante com a estupidez.

Nesse momento ela se enrijeceu, me fitando com curiosidade:

- Então, é a capacidade de formar e expressar opiniões próprias que você valoriza numa mulher?
- É claro, se elas forem bem fundamentadas. Caso contrário, a mulher não passa de um ornamento, por mais encantador que seja. Mais vale comprar um quadro, se o sujeito quer apenas uma coisa bonita num canto da sala de estar. Além disso, o valor dos quadros aumenta com a idade.

Sophia sorriu e balançou a cabeça.

- Você não é como a maioria dos ingleses, Bruno. Mas, afinal, isso eu percebi na primeira vez que o vi. Meu pai me garante que nenhum homem valoriza a mente poderosa numa mulher e diz que, se eu quiser um marido, será melhor que eu dê sorrisos bonitos e guarde minhas ideias para mim.
- Nesse caso, a compreensão que ele tem de seus semelhantes masculinos é tão obstinadamente equivocada quanto a sua cosmologia.

Sophia riu nesse momento, mas o riso não se refletiu em seus olhos.

- E quanto ao seu namorado? - instiguei-a. - O que ele valoriza?

Ela não respondeu e eu prossegui:

- Porque não consigo acreditar que uma jovem tão favorecida pela natureza tenha necessidade de considerar as artes da magia para conquistar a afeição de qualquer homem. Com todo o respeito, só posso imaginar que o seu amado seja cego ou idiota.
- Não há amado algum - disse ela em tom abrupto, cruzando os braços e desviando enfaticamente o rosto de mim. - Não zombe de mim, Bruno. Pensei que você fosse diferente.
- Por favor, me perdoe.

Servi outra taça de vinho e me recostei na poltrona, abafando um sorriso. Se ela quiser confiar em mim, pensei, fará isso quando lhe convier.

Passamos algum tempo calados, tendo por companhia apenas as faíscas das toras de lenha e o ritmo embalador das chamas.

– Para responder à sua pergunta, Agrippa obteve seus conhecimentos de magia prática num antigo manuscrito, conhecido na Europa pelo nome de *Picatrix* - comecei, para romper o silêncio, quando me pareceu que ela nãoalaria mais nada. - O nome verdadeiro é *Ghayat al-Hakim*, *A meta dos sábios*, e foi transcrito pelos árabes de Harran há cerca de 400 anos. Na verdade, trata-se da tradução de uma obra muito mais antiga, anterior à destruição do Egito, e que se acredita ter sido inspirada pelo próprio Hermes Trimegisto - esclareci. Fiz uma pausa para tomar um gole de vinho, confiante em que agora havia reconquistado sua atenção. Ela me fitava, extasiada, o queixo apoiado nas mãos. - Esse livro é proibido pela Igreja Romana e nunca foi impresso, porque seria perigoso demais fazer isso, mas foi traduzido para o espanhol por ordem do rei Afonso, o Sábio e depois para o latim, de modo que, durante alguns anos, houve um pequeno número de cópias manuscritas em circulação. Uma delas foi importada em segredo para Paris pelo rei Henrique, há 10 anos. Ele gosta de colecionar livros obscuros de temas esotéricos, mas não sabe como usá-los depois que os possui.

– E você o leu? - perguntou ela num sussurro, inclinando-se para mais perto, animada.

– Sua Majestade acabou permitindo que eu visse o manuscrito, depois de eu jurar solenemente que não copiaria nenhuma parte dele. Ao que parece, se esqueceu de que sou um dos principais praticantes da arte da memória em toda a Europa - comentei e me permiti um sorriso modesto, que Sophia ignorou.

– E o que há nesse *Picatrix*? - indagou.

– É um manual de magia astral, um tratado sobre a arte de atrair as forças que animam as estrelas e os planetas, por meio de talismãs e imagens - respondi. Baixei a voz e dei uma olhada em volta, para me certificar de que a porta estava fechada. - Isso funciona com base no

princípio de que toda a infinita diversidade da matéria do Universo é interligada, faz parte da Unidade animada pelo Divino, de tal modo que a pessoa habilitada pelos conhecimentos necessários é capaz de criar vínculos entre os elementos do mundo natural e as forças celestes às quais eles correspondem.

Sophia franziu o cenho.

– Mas como funciona? - insistiu.

– Você está decidida a saber - respondi, sorrindo. - Bem, por exemplo, suponhamos que você quisesse conquistar o amor de outra pessoa. - Observei sua reação: suas faces enrubesceram e os lábios estavam ligeiramente entreabertos de expectativa, mas ela sustentou meu olhar com ar quase desafiador. - Nesse caso, você precisaria captar a força do planeta Vênus e, portanto, deveria saber quais plantas, pedras e metais fazem parte da influência desse astro. Também precisaria aprender quais são as imagens mais poderosas de Vênus e gravá-las num talismã feito dos materiais apropriados, no dia e na hora mais favoráveis à influência astrológica de Vênus, com as invocações, os nomes e os números corretos... Como vê, é imensamente complexo.

– Você pode me ensinar? - murmurou ela.

– Sabe o que está me pedindo? - retruquei, baixando ainda mais a voz. - Que eu lhe ensine o que muitos consideram uma feitiçaria diabólica. Pode avaliar o risco? Além disso, devo confessar que nunca tentei usar essa magia prática. Meu interesse sempre foi o elemento sagrado, intelectual. Mas, Sophia - e abri as mãos, como um defensor do bom senso se o objeto da sua afeição não lhe corresponde, não seria mais simples apenas voltar seu interesse para outro lugar?

Ela estendeu a mão e a pôs sobre a minha por um instante, com um sorriso triste bailando nos lábios.



– Sim, seria mais simples - concordou, em voz baixa. - Mas nem sempre o coração dá ouvidos à razão, não é? Você deve saber disso, Bruno.

Eu a fitei por um bom tempo, enquanto meu coração balançava de forma inesperada, e me dei conta de que eu corria o sério risco de me apegar a essa jovem reflexiva e arrojada, de olhos ferosos. Eu não saberia dizer se ela sentia atração por mim ou me via apenas como alguém que lhe daria ouvidos e a levava a sério. No mesmo instante, senti um ciúme repentino e insensato de que todo esse afeto profundo dela pudesse ser desperdiçado num pavão como Gabriel Norris.

Pensava comigo mesmo se devia questioná-la sobre esse boato e de que maneira traria o assunto à baila, quando um baque inconfundível se fez ouvir do outro lado da porta do gabinete, como se alguém tivesse perdido o equilíbrio e tropeçado no batente. Sophia retirou depressa a mão, empurrou a poltrona para trás e se pôs de pé num salto, lançando um olhar raivoso para a porta. Ao dar um passo em direção a ela, porém, suas pernas fraquejaram subitamente e ela soltou um gritinho, agarrando a poltrona para manter o equilíbrio. Assustado, me levantei de um salto e estendi um dos braços para ampará-la. A moça segurou meu ombro, agradecida, e se apoiou em mim por um instante, com a respiração pesada.

- Não está se sentindo bem? - perguntei, desnecessariamente, já que o rosto dela ficara branco como um lençol.
- Eu... eu não sei o que aconteceu, me desculpe - disse Sophia, hesitante. - Devo ter me levantado depressa demais e de repente me senti muito zozna. Talvez esse vinho seja mais forte do que eu pensava. Maldito velho bisbilhoteiro, esse Adam... Eu devia ter adivinhado que ele ficaria escutando pelo buraco da fechadura.
- Estávamos falando muito baixo, talvez ele não tenha ouvido o tema da conversa - sussurrei, mesmo sem conseguir aplacar o medo que me subiu pela espinha.
- Tenho certeza de que ele ouviu o bastante para contar ao meu pai - resmungou ela entre os dentes cerrados.

Durante o que me pareceu um longo tempo, nenhum de nós se mexeu. Sophia continuou a segurar o tecido da minha sobreveste enquanto eu sustentava delicadamente seu braço direito. Seu cabelo estava quase encostado em meu rosto e tinha um aroma cálido de lenha queimada e camomila. Pude ouvir o sangue latejando em meus ouvidos, mal me atrevendo a respirar, até que ela finalmente levantou a cabeça, com um grande suspiro.

- Queira me desculpar, Bruno, preciso me sentar - disse, em tom humilde. Ainda estava muito pálida.

Eu a ajudei a voltar para a poltrona e, do corredor mais ao longe, veio o som de uma porta batendo com firmeza e de duas vozes masculinas conversando.

Sophia levantou a cabeça.

- Meu pai voltou. É melhor eu ir até lá e explicar sua presença, antes que o Adam encha a cabeça dele de suspeitas - disse. Então respirou fundo e tornou a se erguer, fazendo uma pausa para se equilibrar.
- Você ainda está tonta? - perguntei, estendendo uma das mãos. Ela passou por mim sem segurá-la e só virou para trás ao chegar à porta.
- Ficarei bem. Boa noite, Bruno, e obrigada por ter ouvido minhas tolices. Logo voltaremos a conversar.

Deu um sorriso e saiu de mansinho para o corredor, fechando a porta atrás de si.

Peguei o mapa copernicano e voltei a examiná-lo. Sophia vira algo naquele símbolo misterioso, eu tinha certeza, e instintivamente dobrei o papel, guardando-o. Talvez fosse mais sensato não alertar o pai dela, até conseguir conquistar a confiança da jovem o bastante para arrancar dela o que soubesse. Ouvi vozes se elevarem numa discussão acalorada no corredor lá fora - as de Sophia e do diretor -, embora só conseguisse discernir uma ou outra palavra: "impróprio" e "papista", por parte dele, "absurdo" e "hospitalidade", por parte dela. Em seguida, Sophia explodiu num tom de exasperação furiosa:

– E como é que não devo me portar como a dona desta casa, se o senhor nunca está presente e a verdadeira dona se recusa a sair do quarto? Quem mais há de cuidar da família?

– Vá para o seu quarto, filha, e reflita sobre o seu lugar e o seu dever. Ou prefere que eu a mande para a casa da sua tia, em Kent? Ou talvez eu deva contratar outra governanta para preencher suas horas de ócio e lhe ensinar a obediência feminina adequada? - gaguejou o diretor, enquanto escancarava a porta do gabinete e entrava, virando o rosto roxo de fúria (e, suspeitei, do bom vinho do refeitório do Christ Church) na minha direção. Imediatamente, sua postura mudou. Ele cruzou as mãos e fez uma meia reverência, sem chegar propriamente a me olhar nos olhos.

– Ah, Dr. Bruno, o senhor realmente me apanhou de surpresa a esta hora - disse.

Todos os vestígios de sua superioridade anterior pareciam ter desaparecido e ele não queria muito me encarar, o que me deu certa satisfação. Uma coisa é ridicularizar um homem diante de 500 pessoas que o indivíduo tem certeza de que tomarão seu partido, e outra, bem diferente, é ficar a apenas três passos dele. Underhill me pareceu na defensiva, talvez temeroso de que eu estivesse ali para reabrir o debate.

- Eu lhe asseguro que esta noite... - começou.
- Diretor Underhill - interrompi, mal sabendo por onde começar. - Preciso pedir sua orientação num assunto totalmente diferente: a morte de Roger Mercer.

No mesmo instante, a cor desapareceu de seu rosto e seus olhos ficaram atentos. Ele enxugou a testa com a manga.

- Sim. A conversa no Christ Church girou em torno de poucas outras coisas, mas estou confiante de que eliminamos todos os rumores maldosos - disse ele, assumindo um ar pensativo. - Amanhã, talvez o culto matutino na capela deva ser um ofício in memoriam, sobretudo se levarmos em conta que o funeral terá de esperar até depois do inquérito, o qual, pelo que fiquei sabendo no jantar, só poderá ser conduzido dentro de alguns dias, já que o oficial de inquirição está viajando. Suponho que o senhor poderá permanecer em Oxford para depor, não é, Dr. Bruno?

Não respondi. Em vez disso, mostrei a ele o papel com a citação recortada de um livro.

- O senhor reconhece isto?

Ele examinou de perto a letra miúda, depois levantou a cabeça devagar, me fitando com uma expressão de medo e incompreensão.

- O trigo de Cristo - disse, baixinho. - Inácio. O que é isto?
- Então é de Foxe?

Ele fez que sim com a cabeça lentamente.

– O martírio de Santo Inácio, ou melhor, do bispo Inácio de Antioquia, como devemos chamá-lo, martirizado no reinado do imperador Trajano. Foxe cita essas palavras como as últimas que ele proferiu, ao ser lançado às feras - disse e me devolveu o papel com uma expressão que quase poderia ser de raiva, embora sua mão estivesse trêmula.

– Esse papel foi posto por baixo da minha porta enquanto eu estava no debate. Parece que alguém quis chamar minha atenção para a forma como o Dr. Mercer morreu.

– Recortando um livro? Quem faria uma coisa dessas? Receio não acompanhar seu raciocínio, Dr. Bruno, de modo algum.

– Não é a primeira vez no dia de hoje - resmunguei, mas me obriguei a ser cortês. - O senhor e eu vimos, hoje de manhã, que Roger Mercer foi trancado naquele jardim com um cão selvagem. Estive pensando, diretor Underhill, se a morte dele teria sido premeditada por alguém que o atraiu para lá, a pretexto de um encontro, e depois soltou a fera em cima dele, numa espécie de paródia perversa do martírio. E me parece que essa mensagem foi enviada a mim como um indício claro de que alguém aqui sabe por que ele foi morto, e talvez por quem.

Underhill fez gestos frenéticos para que eu baixasse a voz, lançando olhares temerosos para a porta de seu gabinete. Sem dúvida ficou chocado, mas se recompôs no momento seguinte e deu um risinho engasgado, nervoso.

– Santo Deus, que imaginação febril vocês italianos têm, Bruno! - Ele balançou a cabeça com ar de desdém. - Temo que, na confusão e no horror da tragédia desta manhã, nos tenhamos precipitado em tomar conclusões um tanto histéricas. Não devemos permitir que nosso choque e nossa tristeza naturais deem origem a fantasias implausíveis a partir de um acidente terrível. Quanto a esse papel, me parece que alguém está brincando com você, alimentando essas suas fantasias

desvairadas com a intenção de fazê-lo de tolo. E melhor não lhe dar a satisfação de fisgar a isca.

Eu me virei para sair, tentando furiosamente aplacar meu sangue em ebulição. Quando falei, foi com todo o autocontrole que pude reunir, cravando as unhas nas palmas das mãos com o esforço.

– Fui testemunha ocular, diretor Underhill. Examinei o cadáver de Roger Mercer e o cenário de sua morte violenta enquanto o senhor vomitava nos sapatos, como uma mulher. Meu depoimento terá mais valor para qualquer inquérito do que o seu.

Ao ouvir isso, ele se enfureceu e seu tom foi de franca hostilidade:

– Ah, é o que você imagina? A palavra de um estrangeiro? Um católico? Um homem tido como praticante de magia, que acredita abertamente que a Terra gira em torno do Sol?

Respirei fundo e esperei que a ânsia de espancá-lo cessasse antes de abrir a porta do gabinete para a sala de jantar.

– Obrigado pelo seu tempo, senhor diretor. Não vou mais incomodá-lo com a minha presença.

– Mais uma coisa, Bruno. Não sei quais são os seus costumes na Itália, mas na Inglaterra não se considera apropriado que uma mulher solteira, de boa reputação, converse sozinha com um homem, mesmo que se trate de um cavalheiro. Portanto, eu o proíbo de ter qualquer outra conversa particular com minha filha - e cruzou os braços, cheio de pompa.

Parei junto à porta.

- Com todo o respeito, diretor, não tenha a pretensão de me dar ordens, como se eu fosse um de seus estudantes. Mas, se quiser, o senhor pode chamar uma governanta para me ensinar a ser obediente. Talvez eu me beneficie disso - acrescentei, com uma piscadela, e fechei a porta atrás de mim, com o coração aos pulos de indignação.

Adam me entregou minha capa e me desejou boa-noite com um risinho condescendente. Arranquei a roupa de sua mão rapidamente, sem agradecer, e segui às pressas para a porta, pensando que, se passasse mais

um minuto entre aquelas pessoas insuportáveis, seria bem possível que outro assassinato fosse cometido naquele dia.

## Capítulo 8

ACORDEI NA MANHÃ DE DOMINGO antes do alvorecer e fiquei deitado na cama estreita de madeira, vendo os desenhos da luz pálida se espalharem aos poucos pelo teto, ao entrarem pela fresta das cortinas. Tivera um sono agitado, tenso de raiva pela maneira como fora tratado por Underhill e seus colegas. Durante as muitas horas de vigília, eu havia decidido que era inútil permanecer em Oxford, independentemente do inquérito ou da visita real. Pretendia buscar meu cavalo na estrebaria do diretor à primeira luz da manhã e regressar a Londres por qualquer meio possível. Tinha consciência de haver descoberto pouca coisa de utilidade para Walsingham até então, e ele decerto não apreciaria a explicação de que eu partira num acesso de raiva por ter sido publicamente humilhado. Mas estava tão claro que eu não era bem-vindo ali que parecia improvável eu poder, em algum momento, levar adiante o plano dele de conquistar a confiança dos professores e com isso descobrir algo de útil. Dei um suspiro e virei de lado, me enrolando bem no lençol para me proteger da corrente de ar, e deixei meus pensamentos vagarem até Sophia. Eu permanecera acordado na noite anterior pensando só nela. A moça era uma razão convincente para eu permanecer em Oxford - e igualmente convincente para eu partir. Percebi que fazia algum tempo desde a última vez que eu estivera tão próximo de uma mulher como na noite anterior, quando ela quase desmaiou em meus braços, e o desejo que me sacudiu naquele momento me deixou profundamente desconcertado. Perguntei a mim mesmo se ela também teria sentido isso. Durante nossa conversa, houvera momentos em que seu olhar franco sustentara o meu e em que Sophia parecera querer que eu lesse alguma coisa nele, mas eu sabia que, como hóspede de seu pai, devia tomar enorme cuidado com minha maneira de me aproximar dela. Além disso, lembrei a mim mesmo, ela não tinha falado com uma espécie de pesar condoído de como



seu pai passara a vida inteira dependendo da proteção de homens poderosos, e porventura eu não me achava na mesma situação? Eu não tinha recursos para me casar, não possuía dinheiro nem bens, nada a oferecer a uma mulher de posição elevada senão minha afeição, e sabia por experiência própria que um pai atribui pouco valor a isso nos pretendentes de sua filha. Portanto, eu não poderia cortejá-la de maneira respeitável e, embora o contato fugaz da noite anterior houvesse despertado intensamente meu desejo, eu já sabia que gostava demais dela para pensar numa sedução superficial. Eu queria revê-la urgentemente, mas não fazia idéia do que esperava que pudesse acontecer entre nós. Minha cabeça continuava relembrando a expressão do seu rosto quando eu lhe mostrei o diagrama copernicano, aquele brilho fugaz de reconhecimento em seus olhos diante do símbolo da roda. O que Sophia sabia e como eu poderia convencê-la a confiar em mim?

O coro do canto dos pássaros se tornou mais insistente. Afastei o lençol e atravessei o quarto para abrir a cortina e olhar o pátio do colégio enquanto a luz rosada do início da manhã riscava o céu nas lacunas abertas entre as nuvens irregulares. A chuva dera uma trégua temporária a Oxford, embora não houvesse garantia de que a estrada para Londres estaria transitável depois do mau tempo dos dois dias anteriores. As pedras do calçamento do pátio reluziam sob a chuva noturna e as poças refletiam retalhos do céu rosa pálido. Da minha janela, não consegui discernir os ponteiros do relógio, mas achei que podia me vestir, de qualquer modo. Assim que o colégio despertasse e desse início a suas atividades, eu poderia perguntar a Cobbett como proceder para pegar meu cavalo. Imaginei se deveria me despedir formalmente do diretor, alegando ter assuntos urgentes a tratar, mas, nesse caso, talvez eu fosse informado de que tinha a obrigação legal de permanecer para depor no inquérito. O melhor seria partir primeiro e alegar ignorância depois, pensei, e eu não queria dar a Underhill a satisfação de ver que ele havia me enxotado. Talvez eu pudesse deixar um recado para Sidney ao sair da cidade. Já ia me afastando da janela quando um movimento súbito no pátio chamou minha atenção: uma figura de capa preta, com o capuz

levantado, correu do canto sudoeste do quadrilátero e desapareceu sob o arco da torre. No mesmo instante senti meus músculos ficarem tensos. Não tinha conseguido discernir quem era, mas, se me apressasse a seguir esse indivíduo, poderia descobrir quem se movimentava tão furtivamente àquela hora. Peguei a camisa mas me detive, repreendendo a mim mesmo. Eu já não tinha decidido que as idas e vindas clandestinas daquele lugar, fossem quais fossem, não eram da minha conta? Pretendia ir embora naquele dia e, se houvesse um assassino no colégio, eles simplesmente teriam que lidar com esse fato sozinhos. Minhas tentativas de descobrir a verdade tinham sido recebidas com desprezo e ameaças, e eu não queria ter mais nada a ver com aquilo.

Enquanto eu vestia a camisa e os calções, um único sino começou o dobre tristonho das matinas e, com o coração desolado, lembrei que era domingo. Provavelmente, os empregados teriam o dia de folga e seria improvável que eu encontrasse alguém capaz de me ajudar a localizar o cavalo. De qualquer modo, eu teria de devolvê-lo à estrebaria de Windsor e não fazia idéia de como percorreria o trajeto de lá até Londres sozinho, num domingo. À luz impiedosa da manhã, meus planos de fuga começaram a parecer despropositados e covardes. Lavei o rosto devagar com um pouco da água do jarro que fora deixado na mesinha. Se eu tinha de permanecer mais um dia ali, ao menos poderia tentar aproveitá-lo e iria primeiro à capela. Eu não tinha o menor desejo de assistir ao ofício religioso inglês. Embora não encontrasse nenhum alimento espiritual na missa católica, ao menos ela investia certo esforço em sua teatralidade, e eu achava o livro de orações inglês tão insosso quanto massa crua - mas seria uma oportunidade proveitosa de observar toda a comunidade do colégio reunida num só lugar. Se um deles me enviara aquela mensagem estranha na noite anterior, como parecia provável, era possível que ele se traísse por olhares ou gestos. Enquanto lavava o rosto, pensei nele com irritação. Se o sujeito tinha uma informação útil a transmitir, por que não era mais claro?

James Coverdale havia mencionado, no jantar da primeira noite, que o diretor vinha pregando uma série de sermões baseados no livro de Foxe.

Se o assassinato de Roger Mercer tinha sido uma paródia distorcida do martírio, como alguém claramente queria que eu acreditasse, era possível que o assassino houvesse buscado inspiração nos sermões do diretor. Era até possível que estivesse na congregação nesta manhã. Senti um calafrio, calcei as botas e, enquanto o sino continuava seu dobre solene, corri a me juntar às figuras de becas pretas que se dirigiam ao arco central da ala norte, embaixo do relógio, que informava serem quase seis horas.

A capela ocupava a maior parte do primeiro andar da ala norte, à direita do arco, e segui obedientemente, entre alunos e professores, a fila que subia a escada obscura na qual a única luz era oferecida por um lampião a vela que pendia do patamar superior. Junto à porta, reparei numa pia de água benta, seca desde longa data, e entramos num aposento modesto, de paredes caiadas, traves de madeira no teto e esteiras de junco espalhadas pelo piso. Um pequeno altar se erguia no extremo oposto, de frente para a porta, com um púlpito à sua direita. Velas ardiam de ambos os lados da capela e no altar, e os homens se dispunham em fileiras de bancos duros de carvalho, aparentemente projetados para alcançar o máximo de desconforto, a fim de impedir qualquer um de cochilar durante os sermões. As janelas em arco, estreitas e de vidraças simples, inundavam a capelinha com a luz da manhã, que cintilava nas paredes brancas e na longa cabeleira preta de Sophia Underhill, sentada no banco da frente, onde estaria sob o olhar vigilante do pai. O fato de ele permitir que ela comparecesse aos ofícios religiosos com o pessoal acadêmico me intrigou. Sua presença parecia garantir que os rapazes teriam a atenção desviada de suas orações fervorosas. Notei também que a mãe estava sentada ao lado dela, os ombros finos recurvados sob a touca branca que prendia seu cabelo. Em volta das duas, os docentes se distribuía nos bancos da frente, com os estudantes de mestrado ou doutorado sentados nas fileiras imediatamente seguintes e os alunos da graduação mais atrás. Parado à porta, considerando onde me seria apropriado ocupar um lugar, tive a oportunidade de ver como era pequena a comunidade do colégio. Não devia haver mais de 30 homens, incluindo-se os catedráticos. Convivendo em tamanha proximidade, com certeza um deles teria

conhecimento do que realmente acontecera no bosque na manhã da véspera. Com um rápido correr de olhos pelo salão inteiro, avistei Thomas Allen e Lawrence Weston entre os alunos, embora não houvesse sinal de Norris nem dos espalhafatosos amigos que ele levara à taberna - e presumi que as matinas seriam mais uma das normas do colégio cujo descumprimento eles podiam comprar. William Bernard e Richard Godwyn sentavam-se no primeiro banco, e notei John Florio no meio, murmurando animadamente algo para seu vizinho. Esses eram os únicos homens que eu conhecera pessoalmente, mas era bem possível que meu correspondente misterioso fosse alguém que ainda teria de se apresentar. Mas ele devia pertencer ao colégio, para saber qual era o meu quarto. Eu me virei para olhar novamente para os rapazes sentados nas últimas filas, e os que estavam na minha linha de visão retribuíram meu olhar com leve curiosidade. Aqueles rapazes ingleses pareciam todos iguais: pálidos, subnutridos e angustiados. Um deles sabia algo que queria me transmitir e temia dizer isso com franqueza, mas qual seria?

Eu tivera a intenção de encontrar um lugar que me desse uma perspectiva de todos os presentes, mas Godwyn, ao me ver hesitar à porta, sorriu e indicou um lugar a seu lado, no quarto banco. Dificilmente eu poderia recusar. Consciente de todos os olhares voltados para mim, inclusive o de Sophia, descí o curto corredor central e me sentei ao lado de Godwyn, que me sussurrou as boas-vindas enquanto curvávamos a cabeça para rezar. Não pude deixar de notar que Walter Slythurst e James Coverdale estavam ausentes. Uma vez sentados todos os homens, eles tornaram a se levantar em uníssono quando o diretor percorreu a curta distância da porta ao altar, seguido por quatro jovencinhos com a sobrepeliz branca dos meninos cantores.

Levantando a cabeça, meu olhar cruzou com o do diretor. Se ele se surpreendeu ao me ver entre seus congregados, ou se sentiu-se arrependido por suas palavras ríspidas da noite anterior, seu rosto não deu o menor sinal. Em vez disso, ele apenas curvou a cabeça e entoou o Pai-Nosso.

- Abre, Senhor, os meus lábios - começou.

E a congregação respondeu, obediente:

– E minha boca entoará teus louvores.

Eu não tinha familiaridade suficiente com a ordem das respostas para segui-las com fluência e mantive a voz num sussurro, para não chamar indevida atenção para os meus erros. Godwyn se levantou para ler a primeira lição do Evangelho de Mateus e, depois que tornou a se sentar, o pequeno coro entoou uma versão a quatro vozes do *Te Deum laudamus* em inglês, a qual foi admiravelmente doce, a despeito de toda a sua simplicidade.

– Ontem, senhores - prosseguiu o diretor, com o olhar resolutamente fixo acima das cabeças da congregação e aparentemente excluindo sua mulher e filha dos destinatários de seu discurso -, a morte súbita e violenta se intrometeu da maneira mais terrível em nossa pequena comunidade. Sei que o trágico ataque desferido contra nosso querido amigo Roger Mercer, quando ele caminhava em oração pelo bosque, abalou a todos em nosso âmagô, e sei também que, quando ocorre um acidente pavoroso como esse, é muito fácil deixarmos nosso cérebro se aquecer com o choque e nos entregarmos a toda sorte de especulações desvairadas.

Nesse ponto, ele me lançou um olhar significativo, mas tão rápido que passou quase despercebido. O Dr. Bernard estalou os dedos ossudos e o ruído foi surpreendente na capela silenciosa.

– Seria mais proveitoso - continuou o diretor, em voz alta demais, como se discursasse para uma plateia muito maior - que, em vez de boatos inúteis, permitíssemos que alguma coisa boa brotasse dessa tragédia, concentrando o pensamento na brevidade de nossa vida, em contraste com a vastidão da eternidade, e que examinássemos nossa postura diante de Deus. Fiquemos de luto pela morte de Roger, como é correto e adequado, mas que ela sirva também de aprendizado. E perguntemos a nós mesmos: será que enfrentaríamos a morte com a certeza da nossa salvação, se ela nos chegasse de maneira igualmente súbita?

– Ele quase parece estar esperando uma outra tragédia - murmurei para Godwyn.

Underhill levantou os olhos e franziu o cenho com raiva, atrás de sua estante, embora não pudesse ter ouvido minhas palavras.

– Então, como temos feito nas últimas semanas, voltemos para o relato de Mestre Foxe sobre as perseguições aos primeiros fiéis, nossos antepassados na fé, nos tempos em que a Igreja era pura. Não façamos isso para reverenciá-los como santos, de maneira idólatra, como faz a Igreja Romana, pois eles eram apenas homens e mulheres como nós, mas para que possamos imitar a sua fé e compreender melhor a longa e venerável história do sofrimento por Cristo e de se manter a atitude firme, como fizeram os mártires da Reforma neste nosso século conturbado. Ao examinarmos hoje a história de Alban, o primeiro mártir inglês, perguntemos a nós mesmos se confiamos verdadeiramente em que a preservação da fé é o bem supremo. Pois vivemos dias turbulentos, meus amigos - prosseguiu, erguendo levemente a voz ao se debruçar sobre o púlpito para fitar seus ouvintes com um olhar severo. - A nossa Igreja Anglicana está sitiada por aqueles que gostariam de nos arrastar de volta para Roma. Vocês, rapazes hoje sentados diante de mim, são os futuros líderes da Igreja e do Estado e não sabem como poderão ser convocados a lutar por essas duas instituições nos anos que estão por vir. Será que se mostrarão

resolutos, mesmo diante da morte? Defenderão nossa liberdade dos idólatras e tiranos que desejarem arrancá-la de nós? Rezo para que assim seja.

Nos bancos atrás de mim ouviu-se um movimento coletivo, o som de várias fileiras de rapazes se empertigando com orgulho, em resposta a esse grito de convocação. Senti algo inquietante no tom de Underhill: havia nele um fanatismo mal contido, mas suas palavras me fizeram lembrar as de Walsingham.

A homilia do diretor foi mais uma aula do que um sermão, embora tenha sido um alívio constatar que seu talento para a exposição detalhada de um texto era maior do que para o debate de idéias. Entretanto, à medida que continuou a falar, fiquei tão absorto em minhas próprias especulações que mal notei quando ele proferiu a oração final e só fui retirado do meu devaneio por uma cutucada de Godwyn, quando todos os homens ao meu redor se levantaram. O diretor e seu coro se retiraram, enfileirados, e a congregação arrastou os pés e se espreguiçou, preparando-se para sair. Um rapazinho de cabelo muito ruivo e rosto salpicado de sardas, que mal parecia ter idade para ficar longe da mãe, começou a retirar e arrumar os apetrechos do ofício religioso, fechando a grande Bíblia da estante e apagando as velas à nossa volta. Ao caminhar na minha direção, Sophia sorriu e pareceu prestes a falar, mas sua mãe, notando o olhar trocado por nós, segurou a filha com firmeza pelo cotovelo e a conduziu para a porta. A moça olhou para trás uma vez e me pareceu haver algo suplicante em sua expressão, mas talvez fosse imaginação minha.

– Lamento tê-lo cutucado daquele jeito, Dr. Bruno - murmurou Godwyn, quando o jovenzinho ruivo que arrumava a capela se aproximou de nós e entregou ao bibliotecário a última vela bruxuleante que restava -, mas receei que o senhor estivesse enfrentando alguma dificuldade para acompanhar nosso Livro de Orações Habituais... A forma como nosso ofício é realizado deve lhe parecer muito estranha.

– Nem tanto - retruquei, observando Sophia sumir de vista, antes de me virar de novo para ele, com um sorriso. - Afinal, vocês tomaram emprestada de nós uma grande parte dele.

Godwyn deu uma risada breve e polida.

– Mas, me diga, o senhor não achou que nosso coralzinho canta bem? - me perguntou, animado, enquanto se encaminhava para a porta, com a mão em concha para proteger a vela quando a corrente de ar da escada a atingisse.

– Já ouvi coros com o dobro do tamanho se saírem pior nos Salmos - respondi, com sinceridade.

– O arranjo é de Mestre Byrd, o compositor de Sua Majestade - disse ele, parecendo satisfeito com o elogio.

– Ele próprio é católico, não?

Godwyn pareceu horrorizado.

– Bem... sim, é, mas não é por isso que o admiro - apressou-se a dizer. - Se a rainha pode tolerar a religião dele em nome de sua música, não vejo por que não devamos fazer o mesmo.

– Sem dúvida. E, é claro, a sua leitura do Evangelho foi feita com verdadeira expressão poética - acrescentei, em tom devoto.

– Obrigado. Essa tarefa deveria caber ao subdiretor, mas o Dr. Coverdale não apareceu hoje nas matinas e por isso o diretor me pediu que o substituísse na última hora.



Em vez de acompanhar a aglomeração de estudantes que descia a escada, Godwyn atravessou o patamar em direção a uma porta baixa de madeira, em frente à entrada da capela, ainda protegendo a vela com a mão em concha, e fez sinal para que eu o seguisse.

– Lembro que o senhor manifestou interesse em nossa biblioteca, Dr. Bruno. Gostaria de dar uma olhada nela, já que está aqui? A menos que esteja impaciente para fazer o desjejum, é claro - acrescentou. - Será que se incomoda de segurar isto por um momento?

Ele me entregou a vela e tirou do cinto um molho de chaves, escolhendo a maior.

– Eu ficaria encantado - respondi, acompanhando-o, embora estivesse mais interessado em me informar sobre Coverdale. - Quer dizer que o Dr. Coverdale viajou?

– Bem, se viajou, não avisou ninguém - disse Godwyn, parecendo irritado ao girar a chave meio emperrada na fechadura. Finalmente abriu a pesada porta, que gemeu como se reclamasse por ser perturbada.

Eu me lembrei do menino que fora chamar Coverdale no meio do debate, na noite anterior, e da informação de Cobbett de que o professor tinha voltado ao colégio como que numa pressa incomum. Por isso era curioso que o porteiro não houvesse mencionado que ele saíra novamente - a não ser que, de algum modo, Coverdale tivesse escapulado durante a noite ou de manhãzinha. Fiquei pensando se seu desaparecimento teria algo a ver com o inquérito sobre a morte de Roger Mercer e com as ameaças que ele próprio me fizera, a respeito do meu depoimento.

– Estranho. Notei que o tesoureiro, o professor Slythurst, também estava ausente - acrescentei em tom descontraído.

Godwyn fez um gesto de descaso, fechando a porta atrás de mim.

– É comum Slythurst se ausentar, isso faz parte dos seus deveres. Ele tem que inspecionar regularmente as propriedades do colégio, que estão espalhadas pelo interior, algumas a vários dias de viagem. Creio que partiu para Buckinghamshire hoje de manhã, porque tem uns

negócios a resolver por lá, mas esperamos que ele volte amanhã. Pois muito bem, aqui estamos - anunciou, abrindo os braços para abarcar seus domínios, num gesto expansivo, e me deu um sorriso de incentivo, como se me convidasse a admirá-los tanto quanto ele próprio.

A biblioteca ocupava o primeiro andar da ala norte, à esquerda da escadaria central, bem em frente à capela, mas tinha proporções ligeiramente menores. Tal como a capela, tinha o assoalho coberto por esteiras de junco e traves de madeira no teto, e sua disposição seguia o estilo do século passado, com longas estantes de madeira diante das quais os leitores ficavam de pé para estudar os grandes livros manuscritos, presos por argolas de bronze a uma barra desse mesmo metal que passava por baixo das mesas. Havia quatro dessas estantes de cada lado da biblioteca, presas à parede entre as janelas em arco. Nos dois extremos do cômodo havia bancos de madeira encostados na parede e, ao fundo, uma escrivaninha instalada sob a última janela que dava para o pátio. Godwyn seguiu em direção a ela e, com cuidado, pôs suas chaves ao lado de um tinteiro, antes de se virar para mim para pegar de volta sua vela.

– Quais são os livros de interesse especial para o senhor, Dr. Bruno? Ou será que devo apenas começar por lhe mostrar nossos manuscritos mais valiosos? - perguntou, olhando para trás, enquanto caminhava metodicamente por toda a extensão do cômodo, acendendo velas nos suportes da ponta de cada estante e nos nichos da parede entre as janelas.

– Essa certamente não é toda a sua coleção, é? - perguntei, apontando para os livros acorrentados às mesas de leitura.

– Deus do céu, não! Esses são apenas os exemplares mais antigos, que têm de ficar acorrentados, lamento dizer, por medo de furtos, e são os que os estudantes usam com mais frequência. São quase todos livros de teologia escolástica extremamente valiosos, muitos deles parte da doação feita por nosso benfeitor original.

– O decano Flemmyng, que os trouxe de suas viagens pela Itália - disse eu, pensativo, meneando a cabeça. - E onde o senhor guarda os livros proibidos?

Godwyn empalideceu e me olhou fixo, uma ruga de apreensão sulcando sua testa larga. O homem pareceu quase amedrontado.

– Ora, não guardamos livros proibidos aqui, Dr. Bruno. O que o senhor quer dizer?

– Ora, vamos, Mestre Godwyn - retruquei, abrindo as palmas das mãos para mostrar que não pretendia ofendê-lo. - Todas as bibliotecas universitárias que conheci guardam alguns livros longe dos olhos inquisitivos dos alunos. Obras que apenas os membros mais tarimbados são considerados capazes de compreender.

O alívio de Godwyn foi visível.

– Ah, sim! É claro... temos alguns livros que só ficam disponíveis para os professores assistentes e os catedráticos, os quais eles podem pegar emprestados para ler em seus quartos. Nós os guardamos nos baús deste cômodo aqui - disse, indo até uma porta na parede atrás

da escrivadinha e abrindo-a, o que revelou uma pequena câmara anexa à biblioteca. Embora o interior estivesse na penumbra, à luz tênue da vela de Godwyn pude discernir diversos baús grandes encostados nas paredes. - Por um momento, pensei que o senhor estivesse fazendo referência aos livros heréticos - acrescentou ele, com um sorriso constrangido.

- Não, não. Entendi que esses foram eliminados pelos comissários da rainha há algum tempo.

Ele balançou a cabeça, meio tristonho.

- Houve um grande expurgo nas bibliotecas da universidade em 1569. Tudo o que tinha sobrevivido aos expurgos anteriores, no reinado do pai dela, e depois, nos do irmão e da irmã, foi levado embora. Livros que, cá entre nós, Dr. Bruno, não eram mais heréticos do que qualquer outro. Mas a desconfiança em relação à universidade cresceu depois do ressurgimento católico da época de Maria, a Sanguinária e era preciso ver todos os colégios expulsarem tudo o que fugisse à ortodoxia. A coleção daqui foi bastante esvaziada, lamento dizer.

- A idéia de heresia certamente muda com frequência, conforme quem esteja no poder - concordei. - Mas o que houve com os livros que foram considerados perigosos?

Godwyn me lançou um olhar inexpressivo, como se nunca houvesse considerado essa pergunta.

- Suponho que tenham sido queimados, mas, se foram, isso não ocorreu em público. Duvido de que possam ter sido vendidos abertamente, depois de entrarem na lista dos livros proibidos. Eu era aluno da graduação nessa época, por isso tive apenas uma vaga consciência da inspeção. Estava muito ocupado queimando as pestanas por causa do grego e tentando não pensar nas moças, mas eu me lembraria se tivesse havido uma queima de livros. - Sorriu

com ar carinhoso para essa imagem mais jovem de si mesmo. - O senhor teria de perguntar a William Bernard. Ele era bibliotecário nessa época.

- É mesmo?

Essa era, de fato, uma informação valiosa, e achei curioso que Bernard não a tivesse mencionado em nossa discussão sobre livros à mesa do diretor, na minha primeira noite. Meu coração se acelerou. Teria aquele velhote irascível entocado em algum lugar uma reserva de livros julgados perigosos demais para as mentes dos rapazes destinados a moldar o futuro da Inglaterra? E haveria a mínima possibilidade de que, entre os livros que adquirira de um certo livreiro florentino, mais de 100 anos antes, o decano Flemyng houvesse apanhado um manuscrito cujo valor não reconheceu, mas cuja existência William Bernard parecera estranhamente ansioso por negar?

Respirei fundo, procurando não deixar transparecer minha agitação. Era quase improvável que o manuscrito que eu buscava estivesse ali, mas não estava fora dos limites da possibilidade. Se alguém saberia dizer se um livro grego não catalogado tinha feito parte do legado original do decano, esse homem era William Bernard. Ele trabalhava no colégio havia mais tempo do que qualquer outra pessoa, lia grego e saberia exatamente o que tinha nas mãos, caso deparasse com esse livro. O desafio seria convencê-lo a confiar num estranho. O velho era astuto como um rato e já desconfiava de mim por minha visível desobediência a todas as religiões. Godwyn tinha acabado de acender suas velas e se virou para mim, entrelaçando as mãos como um anfitrião ansioso.

– Talvez o senhor queira ver nosso exemplar do *De officiis* de Cícero, que o decano Flemyng copiou de próprio punho, não? - arriscou, gesticulando para uma das estantes no outro extremo. - Eu acendo as velas porque, apesar de ser domingo, muitos gostam de passar o dia aqui, estudando num ambiente tranquilo. Os alunos da graduação não podem levar livros para seus quartos, entende?

– Por acaso o senhor tem um exemplar do livro de Mestre Foxe na sua coleção de livros para emprestar? - indaguei, da maneira mais displicente que pude.

– *Atos e monumentos*? - perguntou Godwyn, parecendo surpreso. - Sim, eu tenho a edição de 1570, a segunda impressão, embora o livro possa estar emprestado a alguém no momento. U senhor queria vê-lo?

– Posso? Fiquei interessado em ler mais, depois do sermão do diretor hoje de manhã.

– Fique à vontade para lê-lo - disse ele, com ar de dúvida -, mas temo que não considere Foxe muito generoso com as pessoas do seu credo. No entanto, tenho que pedir ao senhor que o examine aqui na biblioteca. Só os professores têm permissão para retirar livros, compreende? Desse modo, temos alguma garantia, se eles voltarem em pior estado por causa do desgaste.

– Os livros ou os professores? - perguntei.

Godwyn deu uma risada cortês e me conduziu a um dos grandes baús de madeira na salinha dos fundos. Quando se agachou para tirar uma pilha de livros, notei um baú menor, enfurnado num canto e fechado com cadeado. Ele empilhou cuidadosamente os livros no chão, depois tornou a enfiar a mão no baú e me entregou um volume grosso, com uma encadernação simples de tecido.

– Vi um exemplar na biblioteca, em Paris - comentei, virando o livro nas mãos -, mas não o li detidamente. O sermão do diretor abriu meu apetite. E a história de Inácio também está entre as dos primeiros mártires?

– Sim, sem dúvida: entre as 10 primeiras perseguições dos romanos - disse ele, inclinando de leve a cabeça, como se estranhasse minha pergunta. - Todas no Livro I.

Nesse momento, a porta se abriu e todas as velas oscilaram nas estantes, enquanto o rapazinho ruivo que havia arrumado a capela inclinou a cabeça para dentro e tossiu, nervoso.

– Mestre Godwyn? O diretor Underhill quer falar com o senhor sobre um assunto particular, se tiver um instante.

Godwyn me lançou um olhar ansioso, depois tornou a virar para o menino.

– O senhor não se importa se eu der uma saidinha por um minuto, não é, Dr. Bruno? Tenho certeza de que posso confiar que não furtará nenhum livro - disse, com um riso acanhado.

Fiz um aceno com a mão, ansioso por examinar o Foxe.

– Seus livros estarão a salvo comigo, Mestre Godwyn.

– Posso pedir que espere até eu voltar, então? A biblioteca não deve ficar aberta sem ninguém que tome conta dela, o senhor entende - disse, com ar apreensivo. Garanti a ele que guardaria o lugar com a minha vida e, com um olhar aflito para trás, ele saiu, acompanhando o garoto ruivo.

Eu me acomodei diante da grande escrivaninha de Godwyn e abri o volume de Foxe no Livro 1, mas, ao fazer isso, notei que o bibliotecário havia deixado seu molho de chaves ali. Então uma ideia me ocorreu. Com uma rápida olhada para a porta fechada, peguei as chaves e encontrei entre elas uma pequena, de ferro, do tamanho certo para abrir um cadeado. Na sala dos fundos, me ajoelhei ao lado do baú trancado e a enfiei na fechadura. Para minha surpresa, ela se abriu sem dificuldade,

revelando um amontoado de tecido preto. Ao levantá-lo, vi que se tratava de uma beca acadêmica, colocada ali para esconder os livros debaixo dela. Peguei o primeiro da pilha. Tinha uma encadernação envelhecida de couro de bezerro e parecia frágil ao toque, com os cantos esfiapados, mas foi a página de rosto que me fez respirar fundo e, instintivamente, olhar em volta a fim de me certificar de que estava sozinho.

Era um exemplar das *Dez razões*, do jesuíta executado Edmund Campion, e o carimbo da tipografia mostrava que viera de Reims. Não havia dúvida de que esse tratado, a inflexível defesa que Campion fizera da religião católica, era proibido na Inglaterra e certamente em Oxford. Sob ele encontrei outros textos e panfletos igualmente desagradáveis para as autoridades inglesas, escritos por Robert Persons, William Allen e outros autores católicos da Europa. Eu os folheei por um momento, com a pulsação acelerada, até me assustar com um ranger de madeira na biblioteca atrás de mim e me lembrar de que Godwyn voltaria logo. Fiz uma busca rápida no fundo do baú, mas não havia livros em grego. Esses livros proibidos eram de uma outra natureza. Em seguida, os recoloquei prontamente no lugar, cobri-os com a beca, tranquei às pressas o baú e deixei as chaves onde as encontrara, me sentando depressa à escrivaninha de Godwyn, para o caso de ele voltar.

Concentrei a atenção no Foxe, folheando as páginas rapidamente, à procura da história de Inácio. Não foi difícil: logo ali, na página 46, encontrei o que tinha previsto - um buraco no papel, do tamanho de duas linhas impressas, tão meticulosamente cortado que deixara intacto o texto ao redor. Faltava apenas o trecho que havia sido empurrado por baixo da minha porta, retirado com uma precisão de corte que só uma faca de encadernador ou outro instrumento similar seria capaz de fornecer. Ou um corta-penas, pensei de repente, ao avistar a pena e o tinteiro de Godwyn diante de mim. Mas isso dificilmente reduziria a busca: qualquer integrante do colégio devia possuir um deles.

O trinco clicou baixinho e Godwyn reapareceu, fechando a porta ao entrar e balançando a cabeça consigo mesmo.



– Desculpe tê-lo abandonado, Dr. Bruno. O diretor Underhill queria discutir qual dos livros do pobre Roger Mercer deveria ser doado à coleção da biblioteca. O senhor encontrou o que queria? - indagou, em tom afável.

– Receio que tenha havido ratos nos seus livros, Mestre Godwyn - sussurrei, chamando-o para mais perto e abrindo o livro saqueado na página 46, que mantive aberta diante do seu rosto. Por um momento, ele olhou para mim e para o exemplar sem compreender, até que um rubor de indignação se espalhou por suas feições abatidas.

– Mas quem faria uma coisa dessas? - exclamou e depois olhou para trás, como se alguém o tivesse entreouvido. - Como o senhor sabia...?

– Achei as linhas que estão faltando ontem à noite, empurradas por baixo da minha porta.

– Mas... *por quê?* - perguntou Godwyn, continuando a me fitar como se temesse que eu houvesse perdido a razão.

– Olhe para a passagem - sussurrei.

Ele aproximou mais o livro do rosto e fez uma rápida leitura da página. Quando tornou a olhar para mim, sua expressão era de profundo choque.

– Inácio - murmurou. - "Sou o trigo de Cristo..." Não me lembro das palavras exatas, mas é essa a parte que está faltando, não é? Alguma coisa sobre os dentes das feras.

Fiz que sim. Ele tornou a olhar para o livro e soltou a respiração devagar, como se tentasse controlar sua reação.

– Ah. O senhor acha que isso é uma referência à morte de Roger?

– Sim, acho que é isso que a pessoa que me mandou essas linhas, seja ela quem for, deseja que eu conclua.

Godwyn fechou o livro e franziu o cenho, de tal modo que os vincos em sua testa formaram sulcos fundos.

– Por que o senhor, Dr. Bruno, sem querer ser grosseiro?

Hesitei mais uma vez, novamente inseguro de quanto deveria revelar.

– Fui um dos primeiros a chegar ao bosque ontem de manhã, depois que o Dr. Mercer foi atacado pelo cão - respondi. Baixei ainda mais a voz, até ela mal ser audível. - Pelos indícios do que vi, sugeri que a morte dele talvez não tivesse sido um acidente.

Os olhos de Godwyn se arregalaram até as sobrancelhas ameaçarem desaparecer.

– Mas... disseram que o portão estava destrancado... o cão feroz entrou...

– Minha hipótese não foi muito bem aceita por seus colegas. Mas parece que outra pessoa quer reforçar minha convicção de que a morte dele foi premeditada - e aponte para o livro em suas mãos. Godwyn examinou a capa, com a mesma incredulidade que sentiria se ela tivesse falado em voz alta, e tornou a fixar em mim seus olhos argutos.

– O senhor acha que alguém está tentando insinuar que Roger foi *martirizado*?

– Não sei. Alguém certamente quer que eu note uma semelhança entre a morte dele e a de Inácio, mas por que o Dr. Mercer seria considerado um mártir?

Godwyn me olhou em silêncio por muito tempo, enquanto a pergunta que eu tinha murmurado pairava no ar.

Balançou a cabeça com vigor:

– Não faço idéia.

– Quem teria acesso aos livros naquela sala dos fundos? - indaguei.

– Bem, todos os professores têm a chave da biblioteca, mas se espera que não peguem nenhum exemplar emprestado sem antes falar comigo e assinar o livro de registro. Os estudantes só podem usar a biblioteca quando estou presente para ficar de olho neles, mas... bem, nem sempre sou tão escrupuloso quanto poderia ser nesse aspecto - disse, com um ar momentâneo de culpa. - Quando eu

preciso dar um pulo lá fora e há alguns alunos aqui, absortos em seu trabalho, parece indelicado trancá-los do lado de fora, mesmo que seja por pouco tempo. Não presumo que eles pudessem roubar livros com facilidade, e eu confio que cuidariam da biblioteca.

– Bem, parece que a sua confiança foi erroneamente depositada em alguém.

O rosto de Godwyn se tornou obscuro, como se só nesse momento ele compreendesse a gravidade do assalto a uma propriedade da biblioteca.

– Mas eu fiquei aqui na biblioteca até umas 16h45, ontem à tarde, quando tranquei tudo e saí para o debate, junto com os alunos que estavam aqui.

– E o senhor não deixou a biblioteca sem ninguém a vigiando antes desse horário?

– O senhor até parece um funcionário da Justiça, Dr. Bruno, com todas essas perguntas - disse ele, forçando um sorriso, mas com o olhar reservado. - Talvez eu tenha precisado usar o toalete nesse período, realmente não me recordo, mas tenho certeza de que não me ausentaria por tempo suficiente para que alguém conseguisse fazer *isto* - e bateu na capa do livro de Foxe com a palma da mão. - Foi feito com muito cuidado, não creio que tenha sido o trabalho apressado de alguém que passasse o tempo todo olhando para trás.

– Não - concordei. - E ninguém poderia ter entrado enquanto o senhor estava no debate?

– Bem, como eu disse, todos os professores têm uma chave, mas também estavam no debate - afirmou, porém seus olhos se desviaram dos meus quando ele enunciou essa frase.

Todos, menos James Coverdale, pensei. Só que eu mesmo já o havia descartado, por ser a pessoa mais aflita para me convencer a abandonar a teoria do assassinato.

- Ninguém mais tem a chave?
- Só o diretor. Oh... e, é claro... - nesse ponto ele hesitou e assumiu uma expressão de constrangimento.
- Quem? - insisti.
- Às vezes a Srta. Sophia usa a chave do pai - respondeu Godwyn, encostando o punho fechado na boca, como quem fosse tossir. - Ela tem a fantasia de que pode ser uma estudante tão boa quanto qualquer outro, e o pai faz as vontades dela. Desconfio de que isso acontece por ele ter perdido o filho... se bem, é claro, que isso é problema dele - acrescentou e balançou a cabeça. - Entenda bem, se eu tivesse uma filha, não daria a ela essa liberdade, porque a mente das mulheres não foi feita para a aprendizagem. Confesso que temo pela saúde dela. Mas tenho que dar graças por ele só permitir que ela nos visite nos horários em que é improvável que haja professores presentes. Se não fosse assim, a moça deixaria todos babando atrás dela, feito cães no cio, Dr. Bruno, e não quero a minha biblioteca sendo usada para esse tipo de coisa. Pelo menos, tendo a própria chave, ela pode vir quando os rapazes estão fora, nas palestras para o público.
- Ela usa a biblioteca quando o senhor não está aqui para fazer a supervisão?
- Ah, imagino que sim - disse Godwyn, como se o assunto estivesse fora das suas mãos. - Se ela tem a permissão do pai, dificilmente eu poderia contestar. E, depois, ela não vai roubar os livros, não é?

Não, pensei, mas teria ela usado sua chave para obter acesso na noite anterior, sabendo que o colégio inteiro estaria na Escola de Teologia por mais de uma hora? Sophia não deixara transparecer nenhum lampejo de reconhecimento quando mencionei a citação na véspera, mas isso não era, por si só, uma prova de desconhecimento. No entanto, por que diabo ela me escreveria anonimamente e depois fingiria ignorância, ao ter a possibilidade de discutir o assunto a sós comigo? Estava claro que a pessoa que me escrevera fazia questão de não ser identificada como a

fonte da informação, por mais escassa que esta fosse. Seria possível que Sophia soubesse de algo sobre alguém do colégio, mas não pudesse ser vista denunciando-o abertamente? Poderia esse alguém ser seu pai?

– Obrigado, professor Godwyn - disse eu, levantando da sua cadeira para me despedir.

– Ah, mas eu ainda não lhe mostrei nosso manuscrito ilustrado das cartas de São Cipriano, que o decano Flemyng também trouxe de Florença - começou ele, os olhos brilhando de decepção.

Examinei seu rosto enquanto pedia desculpas por me retirar e refleti que aqueles olhos grandes e melancólicos lhe davam um ar de franqueza desconcertante. Mas eu não sabia se Godwyn também era um homem que escondia segredos pessoais e lembrei a mim mesmo que eu não devia confiar no rosto que nenhum deles apresentasse a mim ou ao mundo. Como me dissera William Bernard de maneira tão enfática naquela primeira noite, nenhum homem de Oxford era o que parecia.

## Capítulo 9

TENTANDO ORDENAR MINHAS IDÉIAS, emergi no pátio quadrangular, já então iluminado pelos primeiros lampejos hesitantes de sol que eu tinha visto desde a saída de Londres. Faixas de nuvens ainda pairavam lá em cima, porém a chuva resoluta dos três dias anteriores parecia haver diminuído temporariamente. O relógio acima do arco que dava para a escadaria da capela e da biblioteca informou que mal passava das 8h30. O colégio parecia ameaçadoramente quieto.

Parei e levantei os olhos para as janelas da residência do diretor, me perguntando qual seria o quarto de Sophia e como eu poderia encontrar um modo de revê-la hoje, a despeito da proibição explícita do seu pai, e foi então que me lembrei, praguejando de repente, que eu havia prometido caçar com Sidney e o palatino Laski na floresta de Shotover. Resolvi andar até o Colégio Christ Church e me desculpar pessoalmente com Sidney. Sabia que ele ficaria zangado, mas tinha toda a minha solidariedade por ficar preso ao polonês de manhã à noite. No entanto, dificilmente eu seria considerado um trunfo em qualquer grupo de caçadores, mesmo que minha atenção não estivesse tão distraída pela tentativa de capturar um assassino. Eu não tinha o menor talento para os esportes da fidalguia e não tivera oportunidade de aprendê-los quando era jovem, como Sidney. Ele poderia fazer as indagações necessárias sobre cães de caça quando estivesse lá. Ponderei que eu poderia ter um progresso mais proveitoso permanecendo na cidade. As duas pessoas cuja confiança eu mais queria ganhar eram Thomas Allen e o Dr. William Bernard. Eu suspeitava de que ambos teriam pelo menos algum conhecimento da rede clandestina de católicos, a qual, por sua vez, talvez tivesse uma ligação com a morte de Mercer, embora eu soubesse muito bem que, se mantivessem contatos desse tipo, não admitiriam isso com facilidade.

Relutantemente, voltei ao meu quarto, onde me lavei dos pés à cabeça com água fria, já que os estudiosos de Oxford não pareciam possuir nada tão civilizado quanto uma casa de banho. Pensei que deveria consultar Cobbett sobre onde encontrar o barbeiro do colégio a fim de aparar minha barba, e também a lavadeira para lavar minhas camisas, pois parecia que eu estava fadado a passar pelo menos mais três dias por lá. Meu estômago roncou alto enquanto eu me vestia. A fome começou a aparecer durante minhas abluções, então tirei a bolsa de Walsingham da sacola de viagem, pendurando-a no cinto e resolvendo me arriscar pelo centro da cidade, para ver se conseguiria encontrar algum lugar que me vendesse algo para comer naquele horário, num domingo.

O pátio ainda estava deserto quando saí da minha escada, e me pareceu imerso num silêncio nada natural.

Aparentemente, os estudantes levavam uma vida reservada aos domingos. Eu já ia me dirigindo ao portão fortificado quando Gabriel Norris emergiu de sua escada, na ala oeste, carregando uma bolsa de couro jogada sobre um dos ombros. Instintivamente, recuei um passo em direção às sombras, querendo evitar novas especulações sobre o que poderia ou não ser dito no inquérito. Norris estava todo de preto, porém, mesmo a distância, ficava claro que sua sobreveste e seus calções eram de cetim e de corte dispendiosos, e ele usava nos ombros uma capa curta que reluzia com o brilho do veludo. Deu uma rápida olhada no pátio, mas não pareceu notar minha presença, ainda parcialmente escondida, e seguiu num passo ligeiro para o portão. Havia algo em sua pressa que me pareceu curioso. Recordei que ele havia recusado um convite para caçar com Sidney nesse dia e me perguntei que compromisso poderia ser mais atraente para um rapaz do que esse. Assim, resolvi que talvez fosse divertido segui-lo, já que eu tinha planejado ir à cidade, de qualquer modo. Após as confissões que ele mesmo fizera sobre suas expedições noturnas e o relato de Lawrence Weston sobre os boatos a respeito de suas preferências, tive certa esperança de flagrá-lo num encontro ilícito e provar a veracidade da teoria de Weston. Depois, se surgisse o momento adequado, eu poderia me valer de qualquer dessas provas para dissuadir

Sophia de se aproximar dele, de uma vez por todas - se é que, na verdade, era ele o objeto indiferente dos sentimentos da moça.

Deixei que Norris ganhasse certa distância, para que não percebesse que eu o seguia. Depois de acenar para Cobbett por sua janelinha, experimentei inclinar o corpo sobre o portão principal e dar uma espiada na travessa St. Mildred, onde vi o rapaz já mais adiante, andando a passos rápidos para o norte, em direção ao Colégio de Jesus. Quase tive de correr para acompanhar suas passadas largas, me mantendo junto ao muro do Colégio Exeter ao passar por lá, mas não tão perto que parecesse estar fazendo outra coisa além de uma caminhada descontraída, se por acaso ele virasse para trás e me visse.

A rua estava entupida de lama, depois da chuva dos últimos dias, e Norris se desviava meticulosamente das piores valas e poças, chegando a parar, a certa altura, para tirar um salpico de terra de suas belas botas de couro, com um gesto de irritação. No ponto em que a travessa St. Mildred cruzava a travessa Sommer, ele virou à direita sem hesitação e, após parar por um instante, eu o segui, permanecendo à sombra da antiga muralha da cidade, que se erguia à minha esquerda, sólida como uma fortaleza. Havia poucas pessoas na rua, apenas um ou dois casais com suas melhores roupas, sem dúvida a caminho de uma das muitas igrejas paroquiais da cidade. Os sinos tocaram em algum lugar mais à frente, anunciando um ofício religioso.

Meu alvo ia andando com determinação, como se tivesse um compromisso, mas não havia nada suspeito em sua conduta, nada a sugerir que seu destino fosse algo fora do comum ou que ele preferisse não ser visto, e, pelo modo como andava, não parecia que a bolsa que carregava fosse pesada, embora fosse grande. Reprimi um calafrio ao passarmos pelo muro da Escola de Teologia, à direita, e logo adiante, em frente à entrada de uma rua cuja placa informava rua Catte, Norris virou em direção a uma pequena porta falsa no muro da cidade, ao lado de uma capelinha. Rondando as sombras das casas do outro lado, comecei a me sentir meio tolo por minha perseguição furtiva.



Fora dos muros da cidade se estendia uma avenida larga, com poucas casas. As mais próximas da rua eram baixas e decrépitas, cada qual cercada por grandes terrenos cobertos de mato e pomares que se prolongavam até os fundos, mais longe do que a vista alcançava. O solo era sulcado por rodas de carroças e cascos de cavalos, e vi Norris atravessar a rua, seguir para a direita e passar por uma fileira de moradias miseráveis, em direção aos campos cultivados a céu aberto. Ali era mais difícil encontrar onde me esconder, por isso deixei que houvesse uma distância maior entre nós, me mantendo o mais perto possível da sombra do muro da cidade. Mesmo assim, se ele olhasse para trás, eu não conseguiria ocultar minha presença. Depois de talvez uns 10 minutos, Norris tornou a dobrar à esquerda, desceu por uma estrada larga, flanqueada por pomares e campinas, e nesse ponto quase fiz meia-volta, por ser obrigado a sair da proteção do muro, mas minha curiosidade fora despertada. A estrada praticamente não tinha construções. Mais adiante, a única edificação visível era a torre atarracada de uma igrejinha, que percebi ser muito antiga ao me aproximar. Norris passou pela lateral da igreja e, depois dela, pelo muro de pedra clara de uma imponente sede de fazenda, um solar de três andares com janelas de empina no telhado e terreno cercado por um muro alto, da mesma pedra amarelada. Da esquina da igrejinha vi Norris se aproximar de um portão instalado nesse muro, na lateral da casa. Depois de um pequeno intervalo, ele foi admitido, embora eu não visse por quem.

Assim, não tive alternativa senão fazer meia-volta e retornar para a cidade, me censurando por uma caminhada perdida. Confesso que eu teria ficado encantado se visse Norris se encontrar com um jovem amante, mas não houve nenhuma peripécia no trajeto feito por ele. Era presumível que um rapaz rico tivesse conhecidos entre as famílias mais importantes de Oxford, e a sede da fazenda parecia pertencer a gente de grandes posses. Eu não havia descoberto nada que tivesse a menor utilidade, e foi somente ao caminhar de volta pelos campos, agora sem pressa e saboreando o aroma de terra úmida e folhas novas que me chegava dos pomares, que me lembrei do que Lawrence Weston dissera

sobre o fato de Norris guardar seu cavalo fora dos muros da cidade. Sem dúvida, ele devia ter saído para uma cavalgada, e me senti particularmente grato por não ter sido apanhado espionando-o nem obrigado a dar explicações da minha tolice.

Mas eu estava gostando do ar depois da chuva e da sensação de liberdade proporcionada pela zona rural fora da cidade, depois da intimidade opressiva do Colégio Lincoln, com todas as suas intrigas e correntes subjacentes de maldade, que de algum modo tinham levado à morte o pobre Roger Mercer. Nem fazia questão de voltar tão cedo àquele quadrilátero cercado por paredes, com todas aquelas janelas que pareciam um sem-número de olhos hostis a observar cada movimento meu, e por isso decidi retornar pelo caminho mais longo, contornando o exterior dos grandes muros da cidade, e ver o que mais eu poderia descobrir nos arredores enquanto procurava uma estalagem que me servisse algum prato quente.

Estava quase na altura da antiga Igreja de Santa Maria Madalena - ao lado de uma construção meio torta que um dia poderia ter sido uma taberna, mas agora se achava em péssimas condições - quando uma súbita rajada de vento varreu a rua, espalhando as últimas sobras de botões de flores das árvores próximas. Eu me assustei com um rangido violento vindo de cima e, ao erguer os olhos, vi uma velha tabuleta pintada que balançava violentamente em suas dobradiças enferrujadas, gemendo como se fosse se soltar a qualquer momento. Foi nessa hora que dei um pulo para trás, com uma exclamação de espanto, porque a tabuleta acima da minha cabeça, mesmo com a tinta desbotada e tão descascada que a imagem mal chegava a ser visível, retratava uma roda raiada, idêntica ao símbolo no calendário de Roger Mercer e no diagrama astronômico enfiado por baixo da minha porta.

Eu não esperava nem mesmo que a porta funcionasse, de tão abandonado que parecia o lugar, visto pela frente, mas, quando girei a maçaneta, ela se abriu com um rangido e me ofereceu um vislumbre de um cômodo de pé-direito baixo, que cheirava a bolor e umidade e era mobiliado com um punhado de mesas e bancos bambos. Uma friagem penetrante pairava no

ar. Na lareira em uma das paredes havia um monte de cinzas frias, e os poucos fregueses presentes conversavam em voz baixa, debruçados sobre os canecos de cerveja, como se sentissem certa vergonha de ser encontrados num lugar daqueles. Não era uma estalagem que acolhesse de bom grado os transeuntes. Com o coração disparado, fechei a porta com delicadeza ao entrar e ocupei um assento a uma mesa num canto encardido, junto à janela de serviço da cozinha, ciente de que minha chegada havia despertado a atenção dos outros fregueses. Com uma pontada de surpresa, reconheci, entre quatro homens que me olhavam e cochichavam do outro lado da sala, o homem de rosto bexiguento e sem orelhas que eu vira do lado de fora da Escola de Teologia antes do debate - o homem que eu tinha certeza de que James Coverdale havia reconhecido. "Ninguém que tenha importância", dissera o professor. O homem sem orelhas não resmungou junto aos companheiros, apenas me fitou sem piscar, por cima da cabeça deles, com aquele mesmo olhar frio e insolente, como se me conhecesse. Encarei-o por um momento e virei rapidamente para outro lado, ao notar que os olhos dele eram tão impressionantes quanto seu rosto: de um azul tão claro e translúcido que pareciam iluminados por dentro, como a luz do sol brilhando através da água na baía de Nápoles.

O olhar dele era tão desconcertante que baixei o meu, preocupado em não provocar nenhum confronto, mas estava claro que aquele não era um local em que um estranho pudesse tomar uma bebida sossegado, sem que sua presença despertasse uma reação muda, mas palpável. Quando tornei a levantar a cabeça, vi que uma mulher robusta de uns 40 anos, com um avental cheio de manchas, se postara à minha frente, de braços cruzados. O cabelo de mechas ralas e escorridas, meio grisalho, estava puxado para trás, descobrindo o rosto de queixo quadrado, e seus olhos castanhos eram céticos.

- O que vai querer, senhor?
- Um caneco de cerveja?

Ela fez um meneio com a cabeça, mas continuou parada ali, me avaliando.

- O senhor não é conhecido. O que o traz à Roda da Catherine?
- Eu estava com fome. Vi a sua tabuleta e pensei em entrar para almoçar.

Os olhos dela se estreitaram mais:

- O senhor não é daqui destas paragens, eu acho.
- Nasci na Itália - respondi, encarando-a com toda a franqueza possível.

Ela fez um beicinho e balançou a cabeça.

- Amigo do papa?
- Não pessoalmente - respondi, e por fim o rosto da mulher se abrandou um pouco e ela quase sorriu.
- O senhor entendeu o que eu quis dizer.
- Minha resposta vai determinar se a senhora me trará ou não a cerveja?
- Só gosto de garantir que entre o tipo certo de gente aqui, meu senhor.

Corri os olhos pela taberna. Seria difícil imaginar uma clientela menos recomendável. Aquilo me lembrou as hospedarias de beira de estrada em que eu fora obrigado a ficar durante minha fuga do San Domênico.

- Fui criado na Igreja Romana - declarei, sem me alterar. - Não sei se isso faz de mim o tipo certo de pessoa, mas garanto que não afeta as moedas na minha bolsa.

Ela pareceu ceder e se virou parcialmente, como se fosse embora.

- Qual é o seu nome? - perguntou, pensando melhor.
- Filippo - respondi, surpreso com a facilidade com que o nome me escapou. Ele me viera quase como um reflexo. Talvez fosse a lembrança daqueles anos de fugitivo, quando eu viajava usando meu

nome de batismo, sabendo que admitir minha identidade poderia ser fatal. Ali, naquela taberna sombria, em meio a olhares de esguelha e murmúrios, o instinto havia despertado a mesma necessidade de cautela. - Filippo il Nolano.

A taberneira pareceu satisfeita. Meneou a cabeça, descruzou os braços e fez um ligeiro movimento para baixo, que quase poderia ser uma reverência.

- Joan Kenney, viúva, às suas ordens. O senhor vai querer comer?
- O que vocês têm?
- Sopa - disse ela, em tom firme.

Àquela altura, já fazia tempo suficiente que eu estava na Inglaterra para saber que sopa era um prato resultante da mistura de aveia com o sumo que sobrava do cozimento da carne, uma coisa que por direito deveria ser servida ao gado, mas que os ingleses pareciam considerar um acréscimo indispensável a qualquer mesa.

- Nenhuma carne? - perguntei, esperançoso. - É domingo.
- Temos sopa, senhor. É pegar ou largar.

Com relutância, eu disse que a tomaria.

- Humphrey! - chamou ela, e uma porta se abriu ao lado da janela de serviço, deixando entrar um jovem de cabelo louro e ondulado que segurava um pano de prato sujo. Embora tivesse pelo menos 1,80m e, provavelmente, uns 20 e poucos anos, primeiro ele olhou para a taberneira e depois para mim, com a expressão assombrada e franca da criança ansiosa por agradar, e imaginei que devia ser retardado.

- Vá buscar uma sopa e um caneco de cerveja para o seu Nolano, o mais rápido que puder, e nem pense em incomodá-lo com a sua conversa fiada - ordenou ela em tom brusco, e Humphrey balançou furiosamente a cabeça, com movimentos exagerados para cima e

para baixo, como faria uma criança, torcendo o pano nas mãos enquanto a olhava. - Ele é galês - acrescentou a taberneira enigmaticamente, como se isso explicasse muita coisa.

Enquanto o rapaz desaparecia na cozinha, a mulher atravessou o salão e se curvou sobre uma mesa, cochichando algo para o homem sem orelhas, que inclinou a cabeça e a balançou com ar solene, sem tirar os olhos de mim.

Humphrey voltou prontamente com uma tigela contendo uma pasta aguada, cinzenta e morna, que respingou por metade da mesa, e um caneco de madeira com cerveja, encimado por uma película de gordura, e ficou parado junto à mesa, me oferecendo um sorriso nervoso.

- Obrigado - acabei dizendo, e, como ele não se foi, me perguntei se deveria lhe dar uma gorjeta.

- O senhor é da Itália? - perguntou com voz cantante, agachando-se para ficar no nível dos meus olhos e me examinando com a cabeça inclinada.

- Isso mesmo - respondi, remexendo o conteúdo da tigela com um pedaço de pão. Tanto a sopa quanto o pão já pareciam ter congelado.

- Então fale alguma coisa em italiano - disse Humphrey, como se me desafiasse a impressioná-lo, como faria uma criança com um mágico de rua. Pensei por um momento.

- *Non darei questo cibo nemmeno al mio cane* - enunciei com um sorriso afável, porém mantendo a voz baixa, por via das dúvidas. Os olhos dele se iluminaram com tanta admiração que pareceu que eu havia tirado uma moeda do ar, e seu rosto largo se enrugou num sorriso.

- O que isso quer dizer?

- Ah... é difícil fazer uma tradução direta. Foi um elogio à sua comida deliciosa.

Ele se inclinou, aproximando-se muito de mim, a tal ponto que seu hálito fez cócegas no meu ouvido.

- Eu não sei italiano - murmurou -, mas sei falar latim.
- Meus parabéns - retruquei com indulgência, à espera de uma série de absurdos, pois era impossível que um garoto simplório que servia mesas pudesse realmente ter sido educado em latim. Ele balançou a cabeça com força, o rosto sério.
- *Orapro nobis* - sibilou no meu ouvido e em seguida recuou para me olhar, na expectativa e cheio de si, aguardando minha aprovação.

Senti meus olhos se arregalarem nesse momento e fiz força para manter o rosto impassível. Um vago vislumbre de compreensão começou a se espalhar pelas perguntas que surgiam na minha mente.

- Muito bem, Humphrey! Você sabe mais alguma coisa? - retruquei num sussurro. Ele abriu um sorriso e tornou a se aproximar, mas, nesse momento, a voz estridente da taberneira nos interrompeu.
- Humphrey Pritchard! Eu não lhe disse para deixar o pobre senhor sossegado? Você não tem o que fazer? Ele não quer escutar as suas bobagens. Deixe-o saborear sua refeição em paz!

Com esse otimismo descabido, ela apareceu de repente junto ao ombro de Humphrey, deu-lhe um tapa de leve na parte de trás da cabeça e o empurrou para a cozinha. Embora o rapaz tivesse o dobro do tamanho dela, seu rosto se contraiu de culpa e ele saiu correndo, com o corpanzil encurvado de fazer dó.

A taberneira enxugou as mãos no avental e forçou um sorriso.

- Ele não estava dizendo nada, hã... ofensivo, eu espero - disse, mas julguei captar um toque de apreensão em sua voz.
- De modo algum. Só perguntou se a comida estava boa.

Os olhos dela se estreitaram.

- E está?
- Hum. Obrigado.

A mulher me olhou por um instante, como se quisesse acrescentar alguma coisa, depois acenou brevemente com a cabeça e desapareceu na cozinha, onde ouvi o som de vozes abafadas, a dela repreendendo o pobre Humphrey, a dele elevada num protesto.

O almoço foi uma experiência incômoda. Empurrei o mínimo que pude daquela pasta repulsiva por entre os dentes semicerrados, consciente, o tempo todo, do olhar impassível do homem sem orelhas e de seus parceiros. Quase torci para que ao menos ele se aproximasse e me confrontasse, quem sabe explicando por que me olhava com tanto interesse e tanta familiaridade, mas ele permaneceu em seu banco, só se mexendo ocasionalmente para se inclinar e murmurar algo para os companheiros.

Mantive os olhos no prato, enquanto meu cérebro relembrava fragmentos de conversa. *Ora pro nobis*. Rogai por nós. Eram as palavras escritas em código no verso do almanaque de Roger Mercer. Uma oração em favor de alguém, um fragmento da Ave-Maria ou da Ladainha de Todos os Santos, pois onde mais um homem sem instrução como Humphrey aprenderia latim, a não ser durante a missa? Portanto, o jovem Humphrey Pritchard teria entreouvido ou participado de liturgias católicas. Será que ouvira essas palavras por se associar a pessoas que conhecia da taberna? Isso explicaria por que sua patroa fazia tanta questão de impedir que ele falasse com estranhos. E por que Roger teria escrito essa mesma frase em código? Era uma senha, talvez, ou um sinal a ser reconhecido entre conspiradores. Seria a Roda da Catherine uma espécie de ponto de encontro ou refúgio de católicos clandestinos? Será que era essa a orientação que meu enigmático correspondente do Colégio Lincoln estava tentando me passar?

Percebi que estivera encarando o homem sem orelhas enquanto pensava nisso. Quase como se tivesse sido despertado para a vida por meus pensamentos, nesse momento ele se levantou, sacudiu a poeira da sobreveste e chamou a taberneira para fechar a conta.

- Infelizmente, viúva Kenney, preciso deixá-la por ora. Apesar de ser o dia sagrado do repouso, os negócios urgem, como sempre - anunciou ele,



e fiquei surpreso ao ouvir sua fala instruída. Aquilo criou um contraste desconcertante com sua aparência, que lhe dava o ar de um criminoso comum. Mais uma vez, tive de me repreender por fazer juízos precipitados acerca dos modos ou da aparência de um homem. Esperei a porta se fechar atrás dele para sair também. Se a viúva Kenney viu algo suspeito em minha pressa de me retirar, não pude distinguir em sua expressão habitual, e ela me deu um agradecimento desanimado quando joguei algumas moedas na mesa e saí às pressas porta afora, inclinando o pescoço nos dois sentidos da rua, na esperança de ainda avistar o homem sem orelhas.

Tive sorte, pois ele quase havia chegado ao fim da rua, junto à igreja. Novamente me mantendo à sombra das construções à minha esquerda, eu disse a mim mesmo que essa perseguição era muito mais digna de um agente de Walsingham e percebi que a dramaticidade do momento e o fluxo de adrenalina nas veias me davam satisfação.

O homem sem orelhas atravessou a rua larga e passou por baixo do portão norte, junto à Igreja de São Miguel e à prisão Bocado. Segui-o a uma distância segura pela travessa Sommer, passando pela frente do Colégio Exeter e pela parede dos fundos da Escola de Teologia. Num dado momento, tive a sensação de que alguém me seguia e me virei abruptamente, mas havia apenas um punhado de pessoas na rua, todas cuidando da própria vida, aparentemente sem repararem em mim, por isso atribuí a sensação aos nervos tensos e mantive o olhar fixo no homem sem orelhas.

Na esquina das escolas da universidade, ele dobrou à direita na rua Catte, uma ruela estreita, onde as casas eram muito próximas e os andares superiores com estrutura de madeira se projetavam sobre a via, de modo que ela permanecia na sombra, com o chão ainda molhado. Pelo grande número de tabuletas pintadas penduradas nos prédios e rangendo suavemente ao vento, ficou claro que essa era uma rua comercial. Uma inspeção mais atenta revelou casas de negócios voltadas para as necessidades de uma comunidade acadêmica - tipografias, papelarias,

fabricantes de becas e trajes de gala e diversos livreiros e encadernadores -, todas fechadas e com as venezianas cerradas.

O homem sem orelhas diminuiu o passo e fez o mesmo, no exato momento em que notei uma figura que caminhava na nossa direção, vindo do lado oposto, de toga acadêmica preta e barrete de veludo. Seu porte era rígido como o de um ancião, e os passos eram hesitantes, como se fizesse esforço em andar. O homem sem orelhas parou diante da fachada de uma loja estreita, com janelas encardidas, e levantou a mão num cumprimento. A figura de barrete respondeu com um pequeno gesto de reconhecimento. Eu me escondi num vão de porta justo quando ele chegou em frente à loja e tirou o barrete, verificando a rua como quem ansiasse por não ser visto. Então me dei conta de que se tratava do Dr. William Bernard. Sem dizer palavra, o homem sem orelhas tirou do cinto um molho de chaves e abriu a lojinha suja. Nesse instante, me encolhi ainda mais para não ser visto, enquanto, com uma última olhada nos dois sentidos da rua, ele segurou a porta aberta para o Dr. Bernard e entrou atrás dele pelo portal baixo. A porta se fechou e ouvi a fechadura ser trancada. Não havia nenhuma tabuleta no alto da loja, mas, quando saí do vão e cheguei o mais perto que me permiti ousar, mesmo sendo improvável que da rua se pudesse enxergar grande coisa através da camada espessa de sujeira incrustada nas vidraças das janelas, vi pintadas acima da porta, em letra miúda mas cuidadosamente grafada, as palavras R. JENKES, ENCADERNADOR E PAPELEIRO.

Ao dar as costas para a loja, esbarrei em cheio num homem alto, com o chapéu arriado sobre o rosto, e por pouco não o fiz levar um tombo.

- *Scusi* - disse eu, instintivamente, e ele também resmungou uma desculpa e se afastou às pressas rua acima. Vê-lo em retirada me deixou curiosamente inquieto, e estranhei não tê-lo notado antes na rua. Seria possível que ele tivesse saído de uma das lojas? Parecia improvável, pois estavam todas fechadas. Então me lembrei do instante antes de entrar na rua Catte, quando eu tivera a sensação de estar sendo seguido. O homem dobrou numa ruela lateral, sem olhar para trás. Eu não vira praticamente nada do seu rosto, exceto que tinha barba preta. Não consegui recordar se

algum dos companheiros do homem sem orelhas na Roda da Catherine tinha barba preta, mas eu não os havia observado com atenção e eles estavam sentados de costas para mim. Por que teriam me seguido desde a taberna, a não ser pelo fato de minha presença solitária no local ter despertado sua desconfiança, ou por eu ter deixado tão óbvio que, por minha vez, estava ansioso por seguir o homem sem orelhas?

Com a mente dando voltas, retornei pela rua Catte em direção ao muro da cidade. Quem era aquele homem sem orelhas, que tinha amizades entre os desclassificados da taberna e os doutores do Colégio Lincoln? Se ele era o próprio encadernador Jenkes, isso explicaria sua ligação com os acadêmicos, mas era curioso que Bernard escolhesse um domingo para fazer negócios com um papeleiro. Na verdade, o velho doutor dera a forte impressão de estar torcendo para não ser visto. E, se eu buscase a explicação mais óbvia, poderia deduzir que, se a Roda da Catherine era um conhecido ponto de encontro de não conformistas, se Bernard, como eu tinha visto, era simpatizante da antiga religião, e se o homem que ligava as duas coisas era negociante de livros, não seria bastante provável que eu tivesse topado com uma ligação com o comércio clandestino de livros proibidos na cidade, do qual Walsingham falara com tanta fúria? Só que eu não tinha deparado com ele, refleti. Alguém, de forma deliberada e enigmática, me orientara para essa descoberta, alguém que também se certificara de que eu a ligaria à morte de Roger Mercer, e eu precisava descobrir a fonte dessas informações e saber o que ela temia, caso se desse a conhecer.

Passei de novo pela Escola de Teologia e virei à esquerda na travessa St. Mildred. A torre do portão fortificado do Colégio Lincoln surgiu à minha esquerda, atarracada e pálida contra o céu. Quando cruzei o portão principal e passei sob o arco da torre, ouvi uma batida na janela da guarita do porteiro, olhei em volta e vi Cobbett acenando para que eu entrasse.

– Um sujeito acabou de procurar pelo senhor, Dr. Bruno - disse ele, ofegante, como se fosse o próprio portador da mensagem urgente. -

Um empregado do Christ Church, querendo saber se o senhor vai caçar em Shotover hoje à tarde.

Praguejei baixinho. Com toda a empolgação de ter descoberto a Roda da Catherine, me esquecera por completo da promessa que fiz a Sidney e de minha intenção de ir pedir desculpas a ele pessoalmente. Por sorte, agora seria tarde demais para eu ir ao encontro deles.

– Não posso - afirmei, em parte falando comigo mesmo. - Creio que seria melhor eu ir deixar um recado para meu amigo.

– Não - disse Cobbett, em tom solidário -, achei que o senhor não parecia ser do tipo caçador. Meio baixinho para o arco galês, se não se importa que eu diga isso.

Apenas assenti com a cabeça e me virei para ir embora. Então, de repente me lembrei do conselho de Sidney sobre os porteiros dos colégios e de todas as informações de que dispunham, e da garrafa de cerveja que tínhamos comprado para incentivar Cobbett a falar livremente e que continuava no meu quarto.

– Você gostaria de uma bebida, Cobbett? - indaguei.

– Ora, é quase como se o senhor adivinhasse meus pensamentos, Dr. Bruno - e ele exibiu seu sorriso inteligente e desdentado. - Agora mesmo eu estava pensando que estou quase morto de tão seco. Parece até feitiçaria o que você falou.

– Não é feitiçaria, eu lhe garanto. Reconheço um homem sedento quando o vejo. Espere aqui um minuto - disse eu, sorrindo, e ele se recostou pesadamente na cadeira.

– Ah, não vou a lugar nenhum, não se preocupe. Posso até ver se tenho um copo limpo. Não estamos acostumados com visitas, não é, Bess? - comentou, coçando ternamente a velha cadela atrás das orelhas. Ela fez um barulhinho gorgolejante no fundo da garganta.

Quando voltei com a garrafa, Cobbett tirou a rolha, ansioso, e serviu uma porção generosa em duas canecas de madeira dispostas em sua mesa para

a ocasião. Procurei não examinar muito de perto o estado da caneca que ele me entregou, com o rosto redondo enrugado num sorriso de satisfação, enquanto fazia sinal para que eu puxasse um banquinho baixo, enfurnado num canto do seu cubículo.

– Boa cerveja e boa companhia - comentou, depois de tomar uma golada de sua caneca e girá-la na boca, antes de engolir ruidosamente.

- Pois então. Estou sentindo que o senhor tem uma pergunta. Eu também adivinho pensamentos, o senhor sabe - e deu uma piscadela.

Eu havia concluído que, com Cobbett, a melhor abordagem seria ser franco como ele. O homem perceberia num instante qualquer fingimento.

– Você já topou alguma vez com um encadernador da rua Catte chamado Jenkes? - perguntei.

Cobbett jogou a cabeça para trás e soltou uma daquelas gargalhadas que me faziam temer por sua saúde. Quando se recuperou da chiadeira ofegante, fez uma expressão incrédula e limpou a boca com o dorso da mão.

– Por Deus e todos os santos, Dr. Bruno, o que foi que fizemos com o senhor? - disse ele, balançando a cabeça e ainda rindo. - O senhor chega a Oxford na companhia dos homens mais poderosos do país e, em questão de dias, está se dando com o patife mais infame da cidade! Fique bem longe de Rowland Jenkes, é só o que eu tenho a lhe dizer.

– Como assim, infame? Um mero encadernador?

– Ele não é mero coisa nenhuma, o Rowland Jenkes. É papista e feiticeiro.

– É mesmo? - perguntei, me mostrando bastante interessado, e Cobbett sabia reconhecer uma plateia voraz quando a via.

– O senhor nunca ouviu falar da Sessão Negra do Tribunal? - perguntou ele, num tom solene.

Fiz que não com a cabeça.

Cobbett se inclinou para a frente, com todo o deleite de um avô que prepara uma história para assustar crianças pequenas.

– Pois bem, vejamos - começou, e então se seguiu uma pausa longa e frustrante enquanto ele entornava o conteúdo de sua caneca e servia-se generosamente de outra. - Seis anos atrás, isso foi no verão de 1577, quando fez um calor maldito, o Rowland Jenkes foi detido por sedição e trancafiado no castelo de Oxford, onde eles mantêm os prisioneiros até se realizarem as sessões do tribunal local.

– Que tipo de sedição?

– Já vamos chegar a isso, calma lá - resmungou Cobbett. - Bem, nessa ocasião, tinham descoberto que ele andava distribuindo livros sediciosos... O senhor sabe, livros papistas, os que não têm autorização para serem impressos aqui. Ele os importava ilegalmente da França e dos Países Baixos. Dizem que ele tem sangue flamengo, mas pode ser que seja apenas boato, e eu nunca presto atenção a boatos.

– Não - confirmei, meneando a cabeça com sinceridade.

– Não. Bem, ele foi preso por causa dos livros e apareceram umas testemunhas para dizer que o tinham ouvido falar palavras traiçoeiras contra a rainha. Mas foi durante o julgamento que aconteceu essa história terrível. Ele foi levado para a Casa das Sessões do Tribunal, do lado de fora do muro do presídio, para ser julgado com todos os outros prisioneiros perante o juiz do tribunal do condado e o presidente do tribunal criminal. Naturalmente, ele foi considerado culpado e, no momento exato em que sua sentença era proferida, o tribunal se encheu do cheiro mais podre que o senhor possa imaginar, a tal ponto que todos no salão acharam que iam sufocar ou desmaiar.

Cobbett fez outra pausa para se refrescar e eu me peguei balançando as pernas com impaciência na beirada do banquinho.

– E depois?

– Bom, agora vai ser difícil o senhor acreditar, mas eu conheço gente que viu isso com os próprios olhos, Dr. Bruno - sussurrou o porteiro, arregalando os olhos. - Todos os homens daquele júri morreram em poucos dias. Não só eles, mas todos que estavam naquele tribunal, todos eles, caíram duros antes que se passasse uma semana. O juiz do condado, o presidente do tribunal, os advogados, todos eles. No decorrer de um mês, 300 homens morreram em Oxford. E então acabou tudo, tão depressa quanto havia começado. Mas o importante é o seguinte: - Cobbett se inclinou ainda mais, tanto que seu queixo quase mergulhou na cerveja. - Nenhum dos prisioneiros que estavam na sessão desse dia no tribunal morreu, nem nenhuma mulher ou criança. Ora, não venha ninguém me dizer que isso foi uma peste natural.

– Então, foi uma praga?

– A praga de Rowland Jenkes - disse ele, em tom reverente. - Enquanto estava detido, esperando a sessão do tribunal, foi autorizado a sair com um carcereiro. Bem, contam que ele visitou um boticário com uma lista de ingredientes. O homem notou que eram todos muito venenosos e perguntou por que Jenkes precisava daquilo. Ele respondeu que era por causa dos ratos que andavam roendo seus livros na loja enquanto estava encarcerado, entendeu? Enfim, ele conseguiu esses ingredientes e há quem acredite que fez um pavio coberto com essa poção nojenta e o acendeu no instante em que foi condenado.

– Onde é que um prisioneiro condenado esconderia um estojo de isca e pederneira no corpo, num tribunal? - perguntei. - Não é mais provável que tenha sido uma febre da cadeia, disseminada pelos presidiários?

Cobbett pareceu desapontado por eu não haver entrado no espírito da lenda.

– Bom, disso eu não sei, não, senhor. Só o que sei é que a boa gente cristã atravessa a rua quando vê Rowland Jenkes nesta cidade, e se o senhor souber o que lhe convém, vai fazer a mesma coisa.

– E os livros sediciosos? Ele continua nesse negócio?

– Quem vai saber o que ele faz, meu senhor?... Eu lhe disse, agora todo mundo o deixa em paz. Acho que ele se mete em vários tipos de falcatruas, mas que júri se atreveria a levá-lo a julgamento agora?

Cobbett tornou a encher sua caneca e fingiu se oferecer para me servir mais um pouco, mas ficou claramente satisfeito com a minha recusa.

– Qual foi a sentença dele?

– Pendurado pelas orelhas no pelourinho - disse o porteiro, com prazer. - E o senhor sabe o que ele fez?

Eu já tinha adivinhado, mas não quis privá-lo dessa parte da história, por isso fiz que não com a cabeça e fingi um ar de expectativa.

– Ficou lá uma hora, isso mesmo. Aí um conhecido lhe levou uma faca e, com a maior calma do mundo, Jenkens cortou as próprias orelhas, na frente de toda a população reunida, e saiu andando, livre. Disseram que ele nem gritou. Ainda deixou as orelhas penduradas no poste, se o senhor pode imaginar.

Fiz uma careta de horror. Cobbett balançou a cabeça com ar sábio.

– É esse o tipo de homem que Rowland Jenkes é. Não se meta com gente dessa laia, Dr. Bruno.

– Que laia? Você se refere à estalagem Roda da Catherine?

Cobbett me olhou como se eu houvesse xingado sua família inteira, bem na sua cara.



– Por Cristo ressuscitado! O *que foi* que o senhor andou fazendo, Dr. Bruno? Falando sério, até a menção desse nome vai causar encrencas para o senhor.

– O que você quer dizer? - perguntei, achando que bancar o estrangeiro ignorante seria o mais conveniente para mim nessa hora.

– Escute - começou Cobbett, baixando a voz para um sussurro e fazendo sinal para eu chegar mais perto -, o pessoal que vai à Roda da Catherine não vai lá pela comida nem pela bebida, se o senhor me entende.

– Isso eu descobri por mim mesmo - comentei, enfático. - Mas você sabe se algum dos professores ou alunos do Lincoln iria lá, algum dia?

Cobbett apertou os olhos, sugou as bochechas flácidas e me examinou por um momento, como se ponderasse quanto deveria revelar a esse forasteiro engraçado e bisbilhoteiro. Parecia prestes a responder quando a porta da guarita se abriu de modo brusco e o diretor Underhill entrou, a toga esvoaçando a seu redor. Houve um leve lampejo de surpresa em seu rosto, à visão de seu hóspede tomando cerveja com o porteiro, mas ele se recompôs depressa e sorriu.

– Boa tarde, Dr. Bruno - disse, com cautelosa polidez. - Cobbett, eu gostaria de saber se por acaso você viu o Dr. Coverdale hoje. Parece que ele não está em parte alguma, porém não me deu nenhum aviso de que pretendia sair.

– Não, senhor, não vi nem sombra dele, desde ontem à noite - respondeu Cobbett, passando a garrafa e as canecas para o chão, embaixo da sua cadeira, tarde demais para escondê-las da atenção do diretor.

Underhill inflou as narinas, irritado.

– Bem, no instante em que o vir passar por aquele portão, tenha a bondade de dizer para ele ir direto à minha sala, quero falar

urgentemente com ele.

– Sim, senhor, farei isso - disse Cobbett, obediente.

– Será que posso dar uma palavrinha rápida com o senhor lá fora, Dr. Bruno? - convidou Underhill, virando-se para mim com olhar incisivo.

– Certamente - respondi. Levantei com certo esforço do banquinho bambo, balancei a cabeça para Cobbett, que retribuiu com uma grande piscadela, e acompanhei o diretor até o arco da torre.

– Eu lhe agradeceria muito se não incentivasse os criados a beberem durante o serviço. Aquele ali, em especial, não precisa de ajuda - disse, contraindo os lábios. Abri a boca para protestar, mas ele ergueu uma das mãos e me deteve. - Espero que o senhor nos faça companhia hoje no jantar, no refeitório, pois não? Estamos todos muito abatidos desde a morte do pobre Roger, e sua presença certamente animaria a mesa dos professores.

– Obrigado, será um prazer - respondi, no mesmo tom falso e cortês.

– Ótimo. Jantamos às seis e meia, mas o senhor ouvirá o sino, com certeza.

Antes que ele desaparecesse na passagem arqueada junto ao refeitório que levava à sua residência, eu o chamei:

– Diretor Underhill, estive pensando... Saí para um passeio hoje de manhã, depois da capela, para tomar um pouco de ar e admirar melhor a sua bela cidade.

Ele cruzou as mãos e me olhou, desconfiado.

– Espero que tenha sido uma experiência agradável.

– Ah, sim. Mas saí dos muros da cidade e creio que fiquei meio perdido. Atravessei o portão junto à capela da Virgem e virei à direita, e, depois de uma curta distância, passando por campos e pomares, a estrada me conduziu para a esquerda e vi um belo solar, ao lado de uma igrejinha que me pareceu muito antiga. Eu só estava imaginando que lugar seria aquele.

O diretor pensou por um instante, depois pareceu julgar a pergunta inocente o bastante para merecer uma resposta direta.

– Junto à entrada do Smythgate? Creio que o senhor deve estar se referindo à Igreja da Santa Cruz, que é realmente bastante antiga. A casa deve ser o Solar Holywell, que é a única residência de porte naquela direção. O poço sagrado, em si, parece ser saxão. Foi um lugar de peregrinação no passado, mas é óbvio que esse costume papista foi suspenso.

– Ah. Bem, obrigado por satisfazer uma curiosidade de turista. Deve ser a sede da aristocracia rural local, imagino.

Underhill fez um muxoxo:

– Bem. Eles são uma espécie de aristocracia, suponho, mas estão longe de ser bem-vistos na sociedade de Oxford. O solar pertence à família Napper... O pai foi professor do Colégio de Todos os Santos, em certa época, mas faleceu há muito tempo, e o filho caçula, George, está na prisão da rua Wood, em Cheapside.

– É mesmo? Por qual crime?

O diretor me lançou um olhar carrancudo, talvez desconfiado do meu interesse.

– Por se recusar a ir à igreja, creio. Mas realmente não posso ficar aqui mexericando como uma lavadeira, preciso me preparar para as Vésperas na Igreja de Todos os Santos.

Já na passagem que levava a seus aposentos, ele se virou novamente para mim:

– Ah, e... Dr. Bruno, estarei com o juiz Barnes na igreja, hoje à tarde, de modo que amanhã talvez saibamos quando esperar o inquérito sobre o acidente do pobre Dr. Mercer. Rezemos para que seja logo - acrescentou, com um sorriso quase imperceptível. - Eu não gostaria de retê-lo em Oxford mais do que o necessário.

– Nem eu iria querer abusar de sua hospitalidade - retruquei, com igual frieza. - E, por favor, queira transmitir meus respeitos à Sra. Underhill e a sua filha.

– Decerto - disse ele, juntando momentaneamente as pontas dos dedos, como se considerasse dizer mais alguma coisa a esse respeito, mas se virou e desapareceu nas sombras da passagem arqueada.

## Capítulo 10

O SINO CHAMOU PARA O JANTAR com um dobre não menos tristonho que o das matinas e me arrancou dos meus pensamentos confusos, rabiscados nas anotações que agora se espalhavam pela mesa do quarto. Depois do meu diálogo com o diretor, eu fora até o Colégio Christ Church e descobrira, com certo alívio, que de fato havia me desencontrado do grupo de caça de Sidney. Depois de lhe deixar um bilhete, pedindo desculpas e explicando que eu tinha sido detido por outros assuntos urgentes, me recolhera ao meu quarto, onde havia passado cerca de uma hora deitado na cama, tentando fazer as novas peças se encaixarem no quebra-cabeça. Se as palavras desprevenidas de Humphrey Pritchard e a advertência enigmática de Cobbett implicavam que a taberna Roda da Catherine era o ponto central da confraria católica secreta de Oxford, a conclusão óbvia devia ser que Roger Mercer sabia algo sobre esse grupo - as datas assinaladas com a roda no almanaque poderiam significar reuniões na taberna. Teria Mercer planejado denunciá-los, tal como havia testemunhado contra seu ex-amigo e colega Edmund Allen, o que significava que tinha de ser silenciado? Se assim fosse, quem revistara o quarto dele poderia estar à procura de provas que essas pessoas sabiam que ele pretendia usar contra elas. Havia também Richard Godwyn, o bibliotecário de modos gentis que parecia estar envolvido no recebimento de livros católicos contrabandeados. Mas será que isso o ligava a Rowland Jenkes e, portanto, à taberna Roda da Catherine? Mercer poderia tê-lo descoberto?

Decidido a observar alunos e professores mais atentamente que um gavião durante o jantar, pus a sobreveste e já ia sair quando batidas furiosas na porta quase me fizeram saltar da minha própria pele. Com cautela, eu abri uma fresta e vi o rosto aflito de Sophia Underhill, que lançava olhares temerosos para trás.

- Me deixe entrar, Bruno, depressa, antes que alguém me veja. Preciso falar com você! - sibilou ela, tornando a olhar para a escada.
- É claro - respondi, abrindo a porta. Sophia a fechou depressa, com as faces ruborizadas. Apreensivo, vi que sua compostura habitual a abandonara. Sua boca tremia, embora a moça lutasse muito para controlá-la, e seus olhos brilhavam como se ela pudesse irromper em pranto a qualquer momento.
- Bruno, me perdoe - começou Sophia, num tom que mal passava de um sussurro. - Meu pai me proibiu de falar com você, mas tenho que desobedecer. Não há mais ninguém a quem eu possa contar.

Parou de falar, com a respiração em arquejos entrecortados, como se estivesse correndo ou chorando.

- Me perdoe - repetiu e então pareceu tropeçar, como que à beira de um desmaio, tal como na noite anterior. Dessa vez, me aproximei a tempo de segurá-la e Sophia se apoiou em meu ombro, agradecida, enquanto um soluço repentino fazia estremecer toda a sua delicada caixa torácica. Eu a envolvi nos braços e afaguei seu cabelo, enquanto ela tentava controlar essa explosão emocional. Não fazia a mais remota ideia do que Sophia fora me dizer, mas ela não me parecia ser o tipo de mulher que se deixasse tomar por uma aflição como aquela por razões frívolas. Só me restou supor que ela queria relatar uma questão de certa gravidade.

Quando ela se recuperou o bastante para levantar a cabeça do meu ombro, inclinou o tronco para trás e me encarou com uma expressão de intensidade tão assustadora que tive a sensação de que queria vasculhar as profundezas da minha alma através dos meus olhos. E então, antes mesmo de ter consciência de haver decidido me mexer, quase por instinto, me inclinei e a beijei. Por um momento fugaz, senti que ela correspondia, relaxando o corpo morno e amoldando-o ao meu, em meus braços, com as palmas das mãos apoiadas no meu peito. Mas, da mesma forma súbita, ela deu um pulo para trás, me empurrou e me fitou, agora com um olhar de horror confuso.

– Não... ah, não, eu não posso... você não entende - foi dizendo num impulso enquanto agitava as mãos desamparadas dos lados do corpo, como se sua aflição houvesse aumentado centenas de vezes.

– Por favor, me desculpe... - comecei, mas ela balançou a cabeça freneticamente.

– Não, sou eu que peço desculpas, Bruno... Eu nunca devia ter... mas eu não sabia a quem mais recorrer - disse ela. Torceu as mãos e me olhou com expressão suplicante. - Acho que posso estar correndo perigo.

Meu sangue congelou. Estendi uma das mãos, hesitante, e aponte para a cadeira da escrivaninha, empurrando rapidamente o calendário de Roger Mercer e minhas anotações sobre sua morte para baixo de um livro.

– Você precisa me contar tudo. Que tipo de perigo? Tem algo a ver com o Dr. Mercer?

Sophia relutou, respirou fundo e pareceu prestes a falar, mas eis que soaram outra vez batidas urgentes na porta. Ela girou o corpo e olhou para trás, amedrontada, tapando a boca com uma das mãos. Esperei, temendo que talvez o pai a tivesse visto dirigindo-se para minha escada e a houvesse seguido. Passado um instante, as batidas recomeçaram.

– Dr. Bruno? O senhor está aí?

Era a voz de um rapaz, não a do diretor. Mesmo assim, não seria prudente que qualquer pessoa visse a moça no meu quarto, e eu não podia propriamente fingir que não estava, já que deveria sair nos minutos seguintes para jantar no refeitório.

– Um momento, por favor, estou me vestindo - respondi, conduzindo Sophia para trás de uma das cortinas da janela, que iam até o chão. A situação era tão absurda que trouxe um pálido sorriso a seus lábios. Apertei seu braço e, quando ela estava suficientemente escondida, fui até a porta, a abri e deparei com John Florio na soleira, o rosto atento de curiosidade.

– Professor Florio! - exclamei, forçando uma expressão animada na voz. - O que o traz aqui?

– Será que o atrapalhei, Dr. Bruno? - perguntou ele, espiando à minha volta para inspecionar o que conseguia ver do quarto. - Posso voltar outra hora, se o senhor tiver companhia... Pensei ter ouvido vozes.

– É um hábito lamentável que eu tenho de falar sozinho, em voz alta - retruquei. - É minha única maneira de ter certeza de vencer um debate.

Ele deu uma risada calorosa e balançou a cabeça.

– Quanto a isso, nem de longe lhe proporcionaram uma luta justa, Bruno, e aqueles dentre nós que não nos deixamos cegar pelo preconceito sabemos disso. Vim ver se você vai jantar na mesa dos professores hoje. Quase não tivemos mais tempo para uma conversa, e eu gostaria de reivindicar a sua companhia no jantar.

– Ah, sim, com certeza - respondi. Meus olhos correram para a cortina e fiz um esforço para atraí-los de volta para Florio. - Mas, se você não se importa... primeiro eu preciso usar o... ah... o urinol, antes de sair.

– Oh... é claro. Posso esperá-lo lá embaixo.

Ao fechar a porta, ouvi os pés dele se arrastarem no patamar por alguns segundos, antes de descerem. Quando tive certeza de que ele havia chegado à base da escada, abri a cortina e Sophia saiu de trás, com um sorriso no rosto.



- Tive medo de ficar presa aqui a noite inteira - sorriu.
- Eu poderia pensar em destinos piores - retruquei e lamentei ter dito isso no instante em que ela reagiu com um sorriso triste e envergonhado. - Sinto muito - me desculpei, aturdido. - Achei que não faria bem algum à sua reputação nem à minha você ser encontrada aqui. Mas, primeiro, você precisa me falar desse perigo. Alguém a ameaçou? E por você saber alguma coisa?

Os olhos dela se arregalaram, assustados.

- Sobre o quê? O que eu saberia?
- Eu só estava pensando... é que houve uma morte violenta no colégio...
- Não tenho nada a ver com isso - rebateu ela, com uma rispidez surpreendente. Em seguida, suspirou e afastou do rosto uma mecha solta do cabelo. - É tudo muito complicado, Bruno... Não posso lhe contar agora, se você tem que sair correndo. Vou esperar para explicar numa outra hora.
- Mas... - eu a segurei delicadamente pelos ombros e fixei meus olhos nos dela - você tem medo de que alguém a machuque?

Ela mordeu o lábio e revirou o corpo, desvencilhando-se.

– Lembra que eu disse que sonhava com uma grande aventura que modificasse tudo? Você me falou para tomar cuidado com os meus desejos. - Passou um instante calada. - Como é que a gente sabe se pode confiar em alguém, Bruno? Isto é, quando é preciso confiar a própria vida a essa pessoa...?

– A resposta é que você não tem como saber, até a pessoa provar quem é. Mas o que houve com você, Sophia? Em quem você tem medo de confiar?

– Tudo isso é pura tolice - disse ela, entrelaçando os dedos e me olhando de relance, como se estivesse sem graça. - Desculpe, Bruno, eu não devia tê-lo incomodado.

– Não é incômodo algum... - retruquei e me interrompi, virando bruscamente para trás, ao som de um estalido no corredor, do lado de fora, mesmo não tendo ouvido passos na escada.

– Vá indo - disse ela, me empurrando para a porta. - Vou sair quando tiver certeza de que é seguro. Já estou acostumada a andar furtivamente pela escola - acrescentou, forçando um sorriso. - E, Bruno... sinto muito por... você sabe.

– Eu é que devo me desculpar. Não tive a intenção de forçá-la... - comentei, então parei e esfreguei o polegar no lábio inferior, todo sem jeito, sem saber ao certo o que seria melhor dizer.

– Você não me forçou - murmurou ela, timidamente. - A culpa é minha. Eu me senti atraída por você desde o começo, mas agora não há nada que eu possa fazer a respeito disso. Você não tem como entender, Bruno. Talvez eu tenha uma chance de explicar tudo, mas agora é melhor você ir, senão meu pai mandará outra pessoa vir buscá-lo.

Tornei a apertar delicadamente seus ombros, sem saber o que mais fazer, e ela esticou o corpo e deu um beijo suave em meu rosto.

– Tem certeza de que ficará bem? - perguntei, parando junto à porta. Ela fez que sim.

- Vou esperar uns minutos e sair de mansinho. A essa altura, todos estarão no refeitório.
- Eu quis dizer... quanto ao perigo de que você falou.

Ela encostou um dos dedos na boca e balançou a cabeça, fazendo sinal para que eu fosse embora. Lancei um último olhar para ela e fechei a porta atrás de mim, silenciosamente furioso com Florio por sua interrupção inoportuna.

Lá fora, o sino havia parado e o pátio quadrangular estava deserto. Um murmúrio de conversa escapava pelas altas janelas maineladas do grande refeitório, todas iluminadas pelo brilho de muitas velas, enquanto eu acompanhava Florio com relutância em direção à porta, pensando em Sophia.

Depois da refeição, voltei ao quarto para pensar em como encontraria uma oportunidade de tornar a falar com a moça. O desabafo anterior dela me deixara imensamente perturbado. Se, como eu suspeitava, ela sabia mais do que se dispunha a compartilhar sobre as circunstâncias da morte de Roger Mercer, era muito provável que corresse grave perigo, sobretudo se o houvessem matado para silenciá-lo. Mas quem seria essa pessoa misteriosa que pedia que ela lhe confiasse a própria vida? E, depois, houvera aquele beijo. Parei diante da lareira e fuzilei com os olhos o homem no espelho, com seu queixo por barbear e o cabelo rebelde, e franzi o cenho para ele em sinal de reprovação. Eu me comportara como um bronco, disse a mim mesmo. A moça me procurara num momento de aflição, por acreditar que eu era capaz de ouvir, mas, em vez disso, eu me atirara em cima dela feito um garanhão. Meu reflexo no espelho respondeu com seus olhos grandes e negros, que pareciam arriscar um argumento contrário: ela havia desejado o meu abraço, fora receptiva ao meu beijo, no começo, antes que uma dor na consciência ou uma preocupação com a honra a forçasse a recuar abruptamente. Sophia sentira-se atraída por mim, como tinha dito, mas se recusara a explicar sua súbita mudança de ideia. Será que o obstáculo que eu não podia

compreender era sua afeição preexistente por outra pessoa? Estaria isso ligado à seu medo? Maldito Florio, pensei com amargura, apesar de ter apreciado o jeito amistoso do jovem anglo-italiano e sua conversa descontraída, enquanto os outros professores pareciam mergulhados na introspecção e tinham passado todo o jantar lançando olhares apreensivos para a cadeira vazia de Mercer.

Eu ainda estava contemplando o espelho, mal-humorado, quando a porta do quarto foi bruscamente aberta, sem a menor cerimônia, e eu me virei num sobressalto e vi Sidney, ocupando o vão da porta com sua grande estatura, com uma pelerine verde curta pendurada num dos ombros e uma garrafa de vinho na mão direita.

- Fugi do polonês, apenas por uma noite! - anunciou, triunfante, batendo a porta ao entrar e arrancando a rolha da garrafa com os dentes, enquanto vasculhava o quarto à procura de recipientes em que beber. Não encontrando nenhum, acabou por se sentar na cadeira ao lado da escrivaninha, embaixo da janela, e bebeu um grande gole direto do gargalo.

- É como se fôssemos estudantes de novo, Bruno - sorriu, levantando a garrafa para mim numa imitação de brinde. - Pois bem - disse e me apontou o dedo com severidade: - Você me abandonou com Laski o dia inteiro, então é melhor ter alguma novidade que valha a pena para mim, Bruno, senão vou achar que foi falta de espírito esportivo de sua parte. Que diabo você andou fazendo?

Ele me estendeu a garrafa e bebi, agradecido, antes de lhe fazer um relato sucinto de tudo o que havia acontecido desde a noite anterior. Mostrei a ele os papéis que tinha encontrado embaixo da porta, depois falei da minha descoberta na biblioteca, de como eu fora parar inesperadamente na taberna Roda da Catherine, da praga de Rowland Jenkes narrada por Cobbett, das ameaças que Coverdale me fizera e de seu desaparecimento posterior e, por fim, do medo de Sophia de estar em perigo. Procurei transmitir essa última informação num tom neutro, sem dizer nada sobre meu interesse por ela nem sobre minha tentativa despropositada de beijá-

la, mas, ainda assim, um sorriso se espalhou pelo rosto de Sidney e seus olhos ganharam aquele seu velho brilho lascivo.

– É, Bruno, não admira que você tenha evitado minha companhia, sua raposa sonsa - comentou ele, me dando um tapa no ombro e se levantando para recuperar a garrafa. - Então o diretor tem uma filha, hein? Eu não tive essa sorte no Christ Church: tudo o que tenho para olhar são velhos pelancudos e garotos cheios de espinhas. Você anda praticando sua velha magia italiana com ela?

Sorri, mas desviei os olhos.

– O fato de ela achar que pode estar em perigo é minha única preocupação - respondi, ignorando seu riso debochado. - Ela não quis falar, mas desconfio de que pode ser algo ligado ao assassinato de Roger Mercer. E se ele estiver ligado a esse ninho de conspiradores católicos na Roda da Catherine...

– Nesse caso, você deve investigar a taberna na primeira oportunidade - concluiu Sidney, me devolvendo a garrafa, consideravelmente mais leve. - Esse é um trabalho que eu não posso fazer, meu rosto é conhecido demais. Foi por isso que Walsingham quis você, Bruno: você pode fingir que é um deles. Conquiste sua confiança, infiltre-se entre eles. Devo dizer que você tem pistas excelentes. Os livros, o garoto repetindo feito papagaio a Ladainha de Todos os Santos. Pode ser que eles se reúnam simplesmente para rezar a missa, ou talvez estejam conspirando contra o governo, com o apoio da França ou da Espanha. Descubra o que puder.

Balancei a cabeça, embora a ideia de tentar tapear Jenkes e seus parceiros mal-encarados na Roda da Catherine não fosse uma coisa para se tratar com descaso.

– E agora - continuou Sidney, pondo-se de pé e esticando os braços compridos acima da cabeça -, tenho uma notícia para você. O guarda florestal de Shotover está mesmo dando por falta de um cão de caça, um dos cinco lobeiros irlandeses contratados para uma caçada há

uma semana. O cavalheiro em questão informou que o cachorro se assustara com um barulho e fugira. Ao que parece, vasculharam a floresta à procura dele, mas de nada adiantou.

– Ele lhe disse o nome do cavalheiro? - perguntei, ansioso.

– Certamente que sim - retrucou Sidney, encostando-se com ar descontraído no console da lareira, orgulhoso de sua informação. - Foi um certo Sr. William Napper, do Solar Holywell, em Oxford. Mas qualquer caçador lhe dirá que um lobeiro treinado não sairia em disparada desse jeito: eles são mais disciplinados que a maioria dos soldados da rainha.

– Napper? - repeti, levantando a cabeça num sobressalto, admirado. - Isso é estranho.

– Por quê?

– Aquele seu novo amigo, o Sr. Norris, acho que ele guarda o cavalo na estrebaria do Solar Holywell. Eu o vi indo para lá hoje de manhã.

Sidney inclinou a cabeça de lado para considerar essa informação e, nesse momento, notei uma coisa que fez meu coração ficar pesado feito uma pedra.

– E coincidência. A família é conhecida, é claro - afirmou ele, voltando à janela para espiar o pátio -, mas William Napper sempre foi o que chamamos de "papista de igreja": ele anda na linha e frequenta os ofícios religiosos como um bom cidadão, ainda que todos saibam que, no fundo, tem um credo diferente. Foi o irmão caçula dele, George, que se meteu em encrencas. Estudou em Reims e, no momento, está detido na prisão da rua Wood, em Cheapside. E curioso que o jovem Norris se relacione com eles. Acho que devemos ficar de olho nele também - concluiu Sidney. Então virou de frente para mim e perguntou: - Bruno, você pelo menos está me ouvindo?

– Espere um minuto, Philip - pedi. Eu não era o mais organizado dos homens, mas tinha certeza de não haver deixado os livros e papéis da escrivaninha no estado de desordem que observei naquele

momento. Saindo depressa da cama, levantei algumas folhas de papel para confirmar minha suspeita e então comecei a examinar freneticamente os papéis que restavam. Alguém tinha vasculhado minha escrivaninha: o almanaque de Roger Mercer e todas as teorias que eu rabiscara sobre sua morte tinham sumido.

– Sophia - murmurei, incrédulo.

# Capítulo 11

O RITMO REGULAR DA CHUVA nas vidraças das janelas me acordou cedo na manhã de segunda-feira, antes mesmo que o sino da capela chamasse os homens do Colégio Lincoln para as matinas. Uma espessa camada de nuvens voltara durante a noite, o céu assumira a cor da ardósia e o pátio quadrangular reluzia com as poças. Mais uma vez, eu tinha preocupações de mais para dormir bem. Sidney e eu ficáramos acordados até tarde, trocando teorias, mas só tínhamos um emaranhado confuso de especulações e nada conclusivo com que desembaraçar um fio do outro. Eu precisava encontrar um modo de falar com Sophia Underhill antes que fosse muito tarde. Ou ela teria tirado da minha mesa o almanaque de Roger e minhas anotações ou alguém a teria visto sair do meu quarto e arriscado entrar lá, supondo que a porta estaria destrancada.

Ao jogar as pernas pela lateral da cama, captei um vislumbre de algo branco embaixo dela, me agachei e apanhei um pedaço de papel. Quando o virei, vi que a letra do outro lado era minha: era a cópia que eu tinha feito do estranho código no verso do almanaque de Roger e de meus esforços de escrever algumas frases elementares com ele, tarefa a que me dedicara na noite da antevéspera, antes de pegar no sono. O papel devia ter corrido para baixo da cama e escapado à atenção da pessoa - eu ainda relutava em crer que pudesse ter sido Sophia - que levava todas as outras anotações da minha escrivadinha enquanto eu estivera fora com Florio, na noite anterior. Pelo menos eu ainda possuía uma cópia do código, mas não chegara perto de rastrear nenhuma carta que Roger Mercer pudesse ter escrito ou recebido usando esse recurso. Agora eu tinha certeza de que a pessoa que vasculhara o quarto dele antes de mim - e talvez Slythurst, depois de mim - estava à procura justamente de tais cartas ou documentos. O que eu ainda não sabia era se qualquer desses vasculhadores os encontrara.



Sidney continuava com o fardo de entreter o palatino, mas me prometera investigar a ligação de Gabriel Norris com a família Napper e ver o que poderia descobrir sobre a caçada de William Napper no dia em que o cachorro havia desaparecido. Minha tarefa seria visitar a loja de Jenkes na rua Catte, a pretexto de comprar uns livros, para ver o que conseguiria descobrir sobre seus negócios ilícitos, e, em seguida, me preparar para outra refeição na taberna Roda da Catherine, na esperança de ter mais uma conversa com Humphrey Pritchard. Confesso ter sentido uma pontada de dor na consciência ao pensar em manipular a confiança de um ajudante de taberneiro retardado, mas eu tinha um trabalho a fazer e procurei me concentrar no futuro a longo prazo, como me instruíra Walsingham. Ao contrário do meu empregador, porém, eu não era um político nato, e a ideia de sacrificar indivíduos em prol do nebuloso conceito do bem maior não combinava muito comigo. Antes que pudesse voltar minha atenção para qualquer dessas coisas, porém, eu precisava encontrar um modo de falar com Sophia.

Eu havia decidido não comparecer às matinas - me pareceu que uma demonstração de devoção durante minha visita era suficiente - e, em vez disso, passar a primeira parte da manhã tentando ler junto à janela, na esperança de ver a moça, se ela atravessasse o quadrilátero numa de suas visitas regulares à biblioteca do colégio. Eu sabia que o diretor nunca me receberia, se eu pedisse para falar diretamente com sua filha, por isso minha melhor chance era esperar para ver se ela se arriscaria a sair quando todos os alunos estivessem nas palestras abertas ao público - presumindo que seu pai ainda lhe concedesse esse privilégio. Meu estômago gemia com a falta do desjejum, mas não me atrevi a sair em busca de comida, para não perder a chance de encontrar Sophia.

Faltava pouco para as nove quando a vi emergir da residência do diretor. Meu coração deu um pulso involuntário e peguei rapidamente minha capa para alcançá-la, mas ela não atravessou o pátio em direção à biblioteca. Usava um traje mais formal do que de costume - um vestido marfim de mangas bordadas

prende o capuz da capa curta em volta do rosto, para se proteger da chuva, e se encaminhou com passos resolutos para o portão fortificado. Às pressas, tranquei a porta do quarto, mesmo sem ter deixado ali nada de valor, e guardei o papel dobrado com o código dentro da sobreveste. A bolsa de Walsingham pesava, pendurada em meu cinto. Se eu fosse assaltado na rua, perderia tudo, pensei, desanimado, porém ao menos não importaria se o quarto fosse revistado na minha ausência. Desci a escada num atropelo e disparei para o outro lado, em direção ao arco da torre, escorregando nas pedras molhadas, mas, ao chegar ao portão principal e entrar na travessa St. Mildred, não havia sinal de Sophia num lado nem no outro. Ela não poderia ter caminhado tão depressa a ponto de sumir da rua, ponderei. Concluindo que devia ter me enganado quanto a seu destino, retornei para o colégio, fechando o portão atrás de mim, e então ouvi o murmúrio de uma voz feminina que vinha da guarita do porteiro. Bati de leve, abri a porta e vi Sophia, com sua roupa fina, agachada no chão úmido, com a cabeça da cadela idosa aninhada no colo. Quando entrei, a moça ergueu os olhos e me deu um sorriso polido, como se nos conhecêssemos apenas de passagem, e tornou a voltar toda a sua atenção para o revirar amoroso das orelhas da cadela. Um rosnado baixo de satisfação emanou da garganta de Bess, que aninhou a cabeça mais fundo nas saias da moça. Ah, que bom se eu fosse um cachorro, pensei, e me repreendi no mesmo instante.

- Bom dia, Dr. Bruno - disse Cobbett, afável, do seu posto de autoridade atrás da mesa. - Hoje o senhor está com um ar apressado.
- Ah... não, eu... bom dia, Srta. Underhill - cumprimentei, com uma discreta reverência.

Sophia olhou rapidamente para cima, porém, dessa vez, tinha a expressão preocupada e não sorriu.

– Olá, Dr. Bruno. Acho que a coitadinha da Bess está ficando cega, Cobbett - comentou, mal olhando para mim. Imaginei que devia estar envergonhada do que acontecera na noite anterior.

– É, parece que ela não vai durar muito - concordou o porteiro, como se já tivesse se conformado com essa idéia. - Sophia adora essa cadela - acrescentou. Pisquei os olhos, surpreso diante da familiaridade com que ele, um criado, se referia à filha do diretor na presença dela. A moça notou minha expressão e riu.

– Está chocado porque Cobbett não me trata por "senhora", Dr. Bruno? Quando cheguei ao Colégio Lincoln, eu tinha 13 anos e meu irmão, 14. Não havia ninguém da nossa idade. Os professores do colégio não estavam habituados a ver crianças por perto e deixaram muito claro que não aprovavam nossa presença. Cobbett e a mulher dele foram as únicas pessoas gentis conosco. Passávamos metade do tempo aqui, conversando e brincando com a Bess, não é, Cobbett?

– É, e me distraíndo do meu trabalho - disse o velho porteiro em tom de reprimenda, com evidente afeição.

– Eu não sabia que você tinha uma esposa, Cobbett - comentei.

– Não, senhor, não tenho mais. Faz uns cinco anos, o bom Deus achou que era hora de levá-la. Ela foi a lavadeira do colégio durante anos, e uma das melhores. Mas é assim que o mundo gira. E, logo, logo, minha velha Bess também terá partido.

Deu uma fungada vigorosa e virou o rosto para a janela.

– Não diga isso, Cobbett, ela vai ouvir - repreendeu Sophia, fingindo tapar os ouvidos da cadela.

– A senhorita está muito bem-vestida hoje, Srta. Underhill - arrisquei.

Ela fez uma careta.

– Minha mãe melhorou o bastante para desejar *fazer uma visita* - disse, num tom que transmitia com exatidão o que achava da ideia. - Vamos à casa de uma conhecida dela no centro da cidade, uma

mulher cuja filha, apesar de ser dois anos mais nova que eu, ficou noiva recentemente e vai se casar. Assim, eu e ela, sem dúvida, vamos nos entreter tocando alaúde e virginal enquanto nossas mães irão enaltecer as muitas bênçãos e virtudes do casamento, e todas nos deleitaremos com o sucesso da moça. Como o senhor deve imaginar, mal posso conter minha empolgação.

Ela disse tudo isso com o rosto perfeitamente impassível, mas Cobbett interpretou mal o seu sarcasmo.

– Ora, Sophia, você não precisa sentir-se passada para trás. Você sabe que pode arranjar o marido que quiser, se puser isso na cabeça - disse ele. Sua intenção foi animá-la, mas não me passou despercebida a sombra que cruzou o rosto da jovem nesse momento, como se as palavras de Cobbett lhe causassem um sofrimento secreto.

Só que não tive oportunidade para maiores especulações, porque, nesse momento, ouviu-se um barulho estrondoso de passos nas pedras do lado de fora, e a porta da guarita se escancarou com tanta força que bateu na parede ao fundo e chacoalhou tanto que temi que fosse se partir. Na soleira apareceu Walter Slythurst, tremendo como vara verde, o rosto mortalmente branco e os olhos esbugalhados, num pavor tão grande que parecia haver alguém a ameaçá-lo com uma faca nas costas. O homem estava completamente encharcado e descabelado e usava uma capa grossa e botas de montaria, tudo respingado de lama. Lembrei que ele havia passado a noite fora e me perguntei se o teriam assaltado na estrada.

– Vá chamar... - engasgou-se, e o esforço de falar fez as veias de seu pescoço saltarem feito cordas nodosas sob a pele macilenta. - Vá chamar o diretor. A sala do cofre... ele tem que ver isso... aquele horror...

De repente, Slythurst se curvou e vomitou no piso de pedra, agarrando-se à parede com uma das mãos para se manter de pé.

Cobbett e eu trocamos um olhar rápido e, em seguida, o velho porteiro começou a se erguer pesadamente da cadeira. Dei um passo à frente, pois estava claro que a situação exigia mais urgência do que ele podia oferecer.

– Vou chamar o diretor, mas o que devo dizer que aconteceu? - indaguei.

Slythurst sacudiu freneticamente a cabeça, os lábios formando uma linha branca de tão contraídos, como se temesse outra ânsia de vômito. Fez um movimento com a cabeça na direção de Sophia.

– Um crime monstruoso... do qual não posso falar diante de uma dama. O diretor Underhill precisa ver...

O homem se interrompeu outra vez, com a respiração entrecortada, enquanto os joelhos se curvavam sob o peso do corpo, e começou a tremer loucamente, como se estivéssemos no rigor do inverno. Eu já tinha visto esses efeitos de choque agudo e sabia que era preciso acalmá-lo.

– Cobbett, coloque-o sentado e lhe dê uma bebida forte - instruí o porteiro. - Vou procurar o diretor.

– Eu posso chamá-lo, se o senhor quiser, hoje ele está trabalhando no gabinete particular - ofereceu-se Sophia, levantando-se depressa. Ao ficar de pé, levou uma das mãos à testa e tropeçou, exatamente como na véspera. Segurei seu braço e ela se apoiou no meu ombro, agradecida, depois retirou a mão depressa, ao trocarmos um breve olhar que registrou o momento de intimidade que tivemos na noite anterior. Ela se encostou na parede, mas seu rosto empalidecera quase tanto quanto o de Slythurst. O cheiro fétido de vômito foi aumentando no cômodo acanhado e, talvez impelida por esse odor, Sophia tentou chegar à porta, porém mal a tinha aberto parcialmente quando também se curvou e vomitou no vão da entrada.

Cobbett revirou os olhos de leve, como se tudo aquilo fizesse parte da sua função.

– O senhor também quer aproveitar, Dr. Bruno, antes que eu vá buscar um balde d'água? - perguntou, cansado.

Na verdade, eu estava sentindo meu estômago revirar com o mau cheiro e fiquei feliz por sair.

- Não se mexam, volto num instante com o diretor - falei, já na porta.
- Ninguém deve se aproximar da torre - disse a voz rouca de Slythurst, cujo tremor violento começava a diminuir. Cobbett trouxera uma de suas garrafas de cerveja e servira uma boa dose para o tesoureiro num de seus copos de madeira.

Minhas batidas frenéticas na porta do diretor fizeram Adam, o velho criado, correr para abri-la. Ao ver que era eu, seu rosto se crispou numa expressão desdenhosa de franca antipatia.

- Aqui *outra vez*, Dr. Bruno?
- Preciso ver o diretor com urgência - disse eu com esforço, ignorando seu tom.
- O diretor Underhill não pode vê-lo esta manhã, está extremamente ocupado. E as senhoras saíram - acrescentou, insinuando com sua ênfase saber exatamente o que eu queria.
- Pelo sangue de Cristo, homem, não está me ouvindo? O assunto é urgente. Eu mesmo irei buscá-lo, se for preciso.

Passei por ele, empurrando-o com o ombro, cruzei a sala de jantar e esmurrei a porta do gabinete.

- O que significa isso? - esbravejou o diretor, abrindo-a. - Dr. Bruno?
- Ele entrou à força, senhor - choramingou Adam, abanando as mãos inutilmente atrás de mim.
- O senhor precisa vir imediatamente. Mestre Slythurst descobriu alguma coisa no cofre-forte. Disse que era um crime monstruoso. Estava abalado demais com o que viu... e me pediu que viesse buscá-lo com urgência.

Os olhos do diretor se arregalaram de medo e sua papada tremeu.

- Um furto, o senhor quer dizer?
- Acho que não - respondi em tom sereno. - Um furto não costuma fazer um adulto botar todo o desjejum para fora. Creio que Slythurst viu alguma coisa mais... perturbadora, para revirar seu estômago daquele jeito.

O diretor me olhou fixo.

- Não é mais um...?
- Não saberemos enquanto o senhor não for investigar.

Underhill meneou a cabeça, em silêncio, e fez um gesto para que eu saísse na frente.

Ao chegarmos à ala oeste, Slythurst já aguardava junto à porta da escada do subdiretor. Um pouco de cor parecia ter voltado a suas faces, mas ele ainda não havia recuperado a compostura.

- O senhor precisa se preparar, senhor diretor - recomendou, com a voz ainda rouca. - Voltei esta manhã dos meus negócios em Buckinghamshire. Parti à primeira luz do alvorecer e mal tinha regressado ao colégio. Pensei em ir direto ao cofre-forte guardar os rendimentos que trouxe de nossas propriedades, antes de trocar de roupa. Bati para chamar James, porém não houve resposta, e assim fui até Cobbett buscar a chave extra do quarto. A porta interna que dá para o cofre-forte estava trancada, como de hábito, mas, quando a abri, deparei...

Seus olhos tornaram a se arregalar e ele balançou a cabeça, trincando os dentes com força.

- Deparou com quê? - perguntou o diretor, como se não quisesse ouvir a resposta.

Slythurst apenas sacudiu a cabeça e apontou para a escada. O diretor se virou para mim, sem jeito.

- Dr. Bruno, quem sabe o senhor poderia...? O senhor já nos mostrou que mantém a cabeça fria nessas situações.

Fiz que sim. No fundo, o diretor era um covarde que ficava à vontade dando ordens em seu pequeno domínio livresco, no qual os homens desferiam ataques contra os inimigos com a retórica, mas era um peixe fora d'água quando a violência se tornava real. Era evidente o seu temor do que estava prestes a ver e, de repente, o italianinho engraçado já não era tão risível e ele me queria ao seu lado. Slythurst me lançou um olhar de esguelha pelos olhos estreitos. Apesar do choque, parecia não ter esquecido sua antipatia por mim e preferiria que eu não fosse incluído, mas não estava em condições de discutir com o diretor.

A escada rangeu inesperadamente sob meus pés, fazendo o diretor se sobressaltar. Embora fosse mal iluminada, pude discernir marcas na soleira do quarto do Dr. Coverdale, ao entrar pela porta que Slythurst deixara aberta. Com uma das mãos estendidas para trás, verguei o corpo para olhar mais de perto e vi que as manchas eram pegadas que saíam do quarto da torre. Pus o dedo numa das marcas e, quando o tirei, ele estava coberto por uma camada pegajosa, cor de ferrugem. Ao cheirá-la, percebi que só podia ser sangue, embora não fosse recente. Eu me virei para meus companheiros com uma expressão sombria. Mais abaixo, o rosto redondo e branco do diretor, pálido como a lua na escada escura, se contraiu, mas fez sinal para que eu avançasse.

A portinha ao fundo da sala da torre também estava parcialmente aberta. Ao cruzá-la, encontrei uma escada em espiral que subia até o alto da torre, com largura suficiente para um homem passar. Na metade da subida havia um pequeno portal em arco, cuja porta de carvalho tacheada fora deixada entreaberta por Slythurst, em sua fuga da visão que o surpreendera. A essa altura, o cheiro de morte era inconfundível e agrediu minhas narinas quando me aproximei do limiar. O diretor soltou um breve grito de susto, encolhendo-se atrás de mim. Respirei fundo, abri a porta e entrei no cofre-forte do colégio. No mesmo instante, me senti nauseado e soltei um grito diante do que vi, enquanto a mão do diretor agarrava as costas da minha sobreveste, em sua ânsia de enxergar pela passagem. Ali estava, portanto, a resposta ao mistério do que havia acontecido com o Dr. James Coverdale.



O cofre-forte parecia mais sufocante e claustrofóbico do que o quarto do sub-diretor abaixo dele, embora muito disso tivesse a ver com o cheiro. As dimensões das paredes eram quase as mesmas, porém o teto de vigas de madeira era mais baixo, e as duas janelas, uma de frente para o pátio quadrangular, a outra para a travessa St. Mildred, eram menores e mais estreitas, com um único arco perpendicular que deixava a luz escassa desse dia nublado entrar. Ao longo de cada parede havia diversos baús pesados de madeira, de tamanhos variados, todos com emblemas heráldicos pintados, envolvidos em tiras de ferro e trancados por imensos cadeados. Eram os cofres que continham a receita do colégio. À esquerda da janela que dava para o pátio estava James Coverdale. Seus pulsos tinham sido atados um ao outro e amarrados acima da cabeça a um suporte de ferro, do tipo fixado na parede para sustentar velas. O homem estava apenas com a veste interna, e sua cabeça pendia a ponto de apoiar o queixo no peito, que estava empapado de sangue, já então fosco e seco. Ele não parecia ter morrido nas últimas horas. Porém, o mais extraordinário, a visão que me fizera gritar de susto, era que ele tinha sido flechado numerosas vezes à queima-roupa. Nove ou 10 flechas se projetavam de vários pontos do seu tronco, dando-lhe a aparência de uma almofada de alfinetes - ou de um ícone. Reconheci imediatamente o que estava vendo. Aparentemente, o diretor também, pois apertou minha manga com mais força, a ponto de eu sentir o tremor da sua mão. Eu o olhei de soslaio enquanto, horrorizado, ele fitava sem piscar o cadáver de um segundo colega, em apenas dois dias. Seus lábios se moviam depressa e, de início, supus que ele estivesse proferindo uma oração silenciosa, até me dar conta de que o homem estava tentando falar, mas não conseguia fazer com que a voz obedecesse. Quando ele enfim pôde pronunciar a palavra, foi a mesma que me viera instantaneamente à cabeça: "*Sebastião.*"

– Quem é Sebastião? - indagou Slythurst, impaciente. Ele ainda se demorava atrás de nós na escada, com os olhos desviados, como se relutasse em entrar no cômodo pela segunda vez.

– São Sebastião - respondi em voz baixa.

O diretor meneou a cabeça, distraído, como que em transe.

– *"Ordenaram que ele fosse apreendido e que fosse levado a campo aberto, onde seus próprios soldados o alvejaram, atravessando seu corpo com inúmeras flechas"* - recitou Underhill em voz rouca. Não tive dúvida de que as palavras eram de Foxe. - E olhe - apontou, erguendo a mão trêmula. Na parede ao lado da janela, irregularmente traçado com um dedo embebido no sangue do morto, via-se o símbolo da roda raiada.

– E ali está a arma - disse Slythurst com ar decidido, entrando na sala e apontando para a parede abaixo da janela, onde um belo arco longo inglês, entalhado e ornamentado com arabescos em verde e escarlata, fora displicentemente apoiado numa aljava vazia, de decoração similar, como se o assassino o tivesse posto ali com calma e serenidade, uma vez concluído seu trabalho.

– Mas esse é o arco de Gabriel Norris! - exclamou o diretor, rouco e incrédulo. - Eu mandei que ele o deixasse trancado aqui outro dia, depois que atirou no cachorro.

– Nesse caso, é ele o assassino - asseverou Slythurst, com um aceno que pôs um ponto final em seu pronunciamento.

Dei uns dois passos em direção ao corpo e me agachei para espiar o rosto.

- Essas flechas não o mataram - informei.
- Ah, não? O senhor acha que ele morreu de febre? - ironizou Slythurst, que parecia haver recuperado seus velhos modos com notável rapidez. Notei sua impaciência com a minha presença no que ele considerava seus domínios.
- Cale-se, Walter - disse Underhill com rispidez, e pela primeira vez me senti grato a ele. - Continue, Dr. Bruno.
- A garganta dele foi cortada - declarei, e, trincando os dentes, segurei a cabeleira abundante de Coverdale e levantei sua cabeça, para que o rosto aterrador ficasse visível. O diretor soltou um pequeno guincho no lenço. Slythurst estremeceu e virou de costas. Os olhos do morto estavam semicerrados, havia um pano enfiado em sua boca, como se fosse uma mordança, e seu pescoço fora cortado de um lado a outro. O ferimento se abriu quando levantei sua cabeça e, pelas bordas pegajosas, vi que a incisão tinha sido um trabalho malfeito, ainda que houvesse atingido seu objetivo. O pescoço exibia marcas de talhos e arranhões dos cortes interrompidos, como se o assassino tivesse feito várias tentativas de segurar a faca com firmeza e no lugar certo, o que sugeria não se tratar de um criminoso experiente.
- Quem teria uma arma dessas? - indagou o diretor, trêmulo. - Todos os homens da universidade são proibidos de portar punhais no perímetro urbano...
- Pode ter sido uma navalha - interrompi, em tom grave. - Ou um canivete, se fosse bem aliado.
- Mas, então, por que crivá-lo de flechas depois, feito um javali? - perguntou Slythurst, atrevendo-se a dar um passinho mais para perto - E o desenho: aquilo é uma mensagem?
- O diretor já lhe disse - respondi. - É para impressionar. É uma paródia do martírio de São Sebastião, assim como a morte de Roger Mercer pretendeu imitar o martírio de Santo Inácio. Creio que essa o senhor não poderá descartar como acidente, senhor diretor -

acrescentei, me virando para Underhill, que se sentara pesadamente num dos sólidos baús, com o rosto entre as mãos.

– Que disparate! - exclamou Slythurst, já inteiramente recomposto do susto inicial, ao que parecia. - Roger é atacado por um cão e o senhor interpreta isso como a imitação de um martírio? Que assassino chegaria a tais extremos? Me parece, ao contrário, que o senhor está com o cérebro febril, Dr. Bruno. *Isto*, eu lhe asseguro - disse, apontando para o cadáver perfurado de James Coverdale, pendurado no suporte de velas -, é claramente uma violência medonha contra o pobre James, perpetrada por um louco, mas esses métodos fantasiosos não irão nos ajudar a capturar um intruso perigoso! Só posso imaginar que alguém tenha tentado invadir o cofre-forte, James procurou detê-lo e esse foi o resultado.

Slythurst fez uma pausa, arfante, com as mãos nos quadris, como se me desafiasse a contestar sua hipótese.

– Um ladrão que parou para fazer desenhos com o sangue de um homem agonizante? - retruquei, devolvendo seu olhar insolente. - Nenhuma das portas foi forçada, e ninguém mexeu nesses baús. O senhor mesmo disse que o cofre-forte e a porta para a sala externa estavam trancados quando o senhor voltou, hoje de manhã - lembrei a ele. - Quem teria uma chave do cofre-forte?

– Nós três - respondeu Slythurst, apontando para o diretor e o cadáver ensanguentado no canto do aposento. - Cada um de nós tem uma chave para abrir a porta do cofre-forte, mas todos os cofres principais daqui têm três cadeados, de modo que o diretor, o tesoureiro e o subdiretor precisam estar presentes ao mesmo tempo para abri-los. Nós os chamamos de baús das três chaves. A maior parte das verbas do colégio é guardada neles. Os baús que contêm livros contábeis e documentos, esses eu posso abrir sozinho.

– É uma salvaguarda contra desfalques - acrescentou o diretor.

– Então, o próprio Dr. Coverdale deve ter destrancado a porta e deixado o assassino entrar - ponderei -, e o assassino pode tê-la

trancado depois, usando a chave do próprio Coverdale.

– O ladrão deve tê-lo obrigado a abri-la, ameaçando esfaqueá-lo - especulou Slythurst.

– Mas isso seria inútil, se depois ele não pudesse abrir os cofres sozinho - aleguei.

– O criminoso não teria como saber. Talvez tenha sido por isso que James foi morto - disse Slythurst. - O ladrão se enfureceu, por não acreditar que ele não pudesse abrir os baús. Deve ter sido isso!

Slythurst parecia incrivelmente determinado a invalidar minha teoria de que a morte de Coverdale estava ligada à de Roger Mercer, pensei, e me perguntei se seria apenas por ele não suportar admitir que eu tivesse razão em alguma coisa ou porque lhe convinha criar pistas falsas. Afinal, ele era uma das duas pessoas que tinham a chave do cofre-forte.

– Quando foi a última vez que um dos senhores esteve aqui? - indaguei.

Slythurst lançou um olhar ansioso para o diretor, que parecia perdido em seus pensamentos e fazia todos os esforços possíveis para não olhar para o corpo.

– Com todo o respeito, Dr. Bruno, o senhor foi designado para investigar esse crime a ponto de começar a nos questionar, como se fosse o oficial do tribunal de justiça?

– Ora, lhe responda logo, Walter, ele está tentando nos ajudar - disse o diretor, com ar cansado, para minha surpresa. - Eu não venho aqui desde a terça-feira passada, quando tiramos os valores e os papéis para o advogado do colégio. É isso mesmo, Walter, foi na terça-feira?

– Aquela foi a última vez que estivemos todos juntos aqui - confirmou Slythurst, me lançando um olhar de desagrado. - A última vez que estive aqui foi na tarde de sábado, pouco antes do debate, quando James me deixou entrar para buscar os papéis de que eu precisava, relacionados com a administração de nossas propriedades em Aylesbury, junto com algum dinheiro para a

viagem e para despesas diversas quando eu chegasse. Fui para Buckinghamshire logo cedo, na manhã de domingo, e não cheguei perto do cofre-forte até voltar, agora há pouco, como o senhor testemunhou. Pronto, estou livre de suspeitas?

– acrescentou, os olhos faiscando de sarcasmo.

– Não cabe a mim dizer - retruquei, encolhendo os ombros. - A que horas o senhor apanhou os papéis na tarde de sábado?

– Pouco antes do debate, como eu lhe disse, portanto suponho que tenha sido por volta das quatro e meia. Eu queria deixar tudo em ordem para minha viagem no dia seguinte, pois sabia que o jantar no Christ Church terminaria tarde e não queria ter que incomodar James quando eu voltasse - respondeu ele. Nesse momento, espiou de relance o cadáver bizarro de Coverdale e baixou a cabeça.

Atravessei o cômodo, de volta ao corpo com suas flechas protuberantes, e tornei a examiná-lo de vários ângulos, pondo o dedo nas manchas de sangue na camisa, que haviam deixado um resíduo espesso.

– É bem possível que esse cadáver tenha estado aqui desde a noite de sábado - observei. - O sangue está seco e a rigidez cadavérica que se instala depois da morte já passou. Ele está começando a apodrecer. Se o tempo estivesse mais quente, a putrefação estaria mais adiantada e não conseguiríamos respirar nesta sala. Mas eu me lembrei de uma coisa: o Dr. Coverdale foi chamado no início do debate. Um dos alunos lhe transmitiu um recado urgente. Eu me pergunto se, naquele momento, ele teria sido atraído para a morte.

– E, eu lembro que ele não compareceu ao jantar oferecido ao palatino naquela noite - murmurou o diretor -, e aquilo me pareceu estranho, porque ele estivera aguardando a ocasião com muita expectativa. Ele gosta de impressionar os homens de Estado. *Gostava* - corrigiu-se depressa, balançando a cabeça. - Ai, meu Deus do céu!

Foi uma exclamação de sincera angústia, ainda que não, pelo que intuí, de tristeza pelo colega. Em seguida, a voz de Underhill se elevou num

tom frenético:

– O senhor tem razão, Dr. Bruno, não poderemos guardar segredo da forma como ele foi morto. Haverá uma investigação completa, o oficial de inquirição e o oficial da corte de justiça serão chamados... o colégio será arruinado! Já estou pensando em vários benfeitores nossos que não vão querer ter seus nomes associados a um lugar tão perverso. Vão cancelar as verbas e doá-las a outras fundações menos maculadas por atos violentos. Isso é realmente uma obra do Diabo! Zombar dos mártires cristãos de maneira tão monstruosa! - exclamou. Underhill enterrou o rosto nas mãos e, por um momento, achei que estava soluçando, mas apenas tentava controlar a respiração.

– Bem, isso é obra de alguém capaz de manejar um arco - disse eu, num tom pragmático. - Mas creio que, a essa distância, até eu seria capaz de atingir um alvo amarrado à parede e já morto, de modo que não necessariamente estamos à procura de alguém com grande habilidade no arco e flecha. Quem quer que tenha sido, a pessoa planejou esse assassinato com muito cuidado, para que o ligássemos ao outro.

– Para que *o senhor* o ligasse - disse o diretor. - Foxe, os falsos martírios, tudo isso é teoria sua, Dr. Bruno.

– Que me foi sugerida por um desconhecido - disse eu, lembrando a ele.

– Sim, não percebe? Aquele papel que o senhor me mostrou, recortado do Foxe. *Isto aqui* - disse, gesticulando desordenadamente para o cadáver caído no canto - foi feito para o senhor, sabendo que o senhor compreenderia a referência. - Ao dizer isso, Underhill me olhou com ar incrédulo, como se tivesse sido a minha teoria que levara Coverdale a seu destino.

– Mas o assassino não tinha como saber que eu estaria aqui neste exato momento, para testemunhar a descoberta - protestei. - No entanto, parece realmente que ele quis se certificar de que o senhor

não deixaria a referência ao martírio escapar, desta vez, nem se esqueceria de estabelecer a ligação com a morte de Mercer.

– Então, é provável que seja a mesma pessoa? - indagou o diretor, me fitando com um olhar cheio de angústia.

– Norris tem uma navalha, o senhor sabe - disse Slythurst, de repente. - Ele se barbeia todos os dias, imaginem só!

Refleti, coçando a barba.

– Uma navalha e um arco galês. Alguém está empenhado em fazer com que as provas apontem para Norris, isso me parece claro.

– O senhor acha que não pode ter sido ele? - indagou Underhill, ainda me olhando como uma criança ansiosa por ser tranquilizada.

– Pelo pouco que conheço de Norris, não consigo acreditar que ele cometesse um assassinato tão espalhafatoso e depois esquecesse uma arma que aponta diretamente para ele. Além disso, por que faria isso?

– James detestava os alunos plebeus pagantes, vivia esbravejando contra eles. O senhor mesmo o ouviu, no jantar do diretor - disse Slythurst.

– O que dificilmente seria motivo para que um deles o matasse - retruquei.

- Por outro lado, alguém com um profundo ressentimento da presença dos plebeus poderia pensar em matar dois coelhos de uma cajadada só, como dizem vocês, ingleses: despachar o Dr. Coverdale, por uma razão ainda desconhecida, e, ao mesmo tempo, deixar indícios para incriminar Norris. Havia marcas na escada, pegadas. Se tivéssemos mais luz, eu poderia examiná-las, mas receio que agora a chuva já tenha apagado o rastro lá fora.

– Walter, você poderia descer e pedir um lampião a Cobbett? O Dr. Bruno tem razão: devemos examinar a sala cuidadosamente, para não tirarmos conclusões precipitadas, e está escuro demais. E uma bacia



dagua - acrescentou. - Precisamos lavar aquela marca da parede antes de chamar o oficial de inquirição.

Os olhos de Slythurst se arregalaram:

– Aquela marca, senhor diretor, com certeza faz parte das provas, não? Pode ter alguma importância... Não devemos mexer...

– São essas as minhas instruções, Walter. Agora, por favor, faça o que estou pedindo.

Slythurst olhou para mim e em seguida para Underhill, com uma indignação momentânea por receber ordens como um criado, mas, incapaz de pensar numa razão para desobedecer, se virou e, no instante seguinte, ouvimos seus passos ruidosos na escada.

– Dr. Bruno - disse o diretor Underhill, pondo-se de pé com grande esforço e segurando meus pulsos. Toda a sua pompa havia murchado e ele parecia amedrontado e velho. Descobri que sentia pena do homem, pelo escândalo que explodiria em consequência dessa segunda morte. - O senhor percebeu isso, e eu não. Descartei a sua teoria sobre Foxe, que me pareceu absurda, e foi conveniente para mim evitar prejuízos para o colégio e me deixar guiar por outras pessoas, principalmente por James, ao apresentar a morte de Roger como um acidente. Mas agora devo pedir humildes desculpas e reconhecer que o senhor estava certo: parece que há um louco fazendo os docentes de alvo nessas terríveis caricaturas de martírio cristão. Talvez, se James e eu não houvéssomos ridicularizado a sua ideia, ele não estivesse morto.

– Se isto lhe serve de consolo, senhor diretor - retruquei, com um tapinha gentil em sua mão -, acho que o Dr. Coverdale já havia morrido quando o senhor ridicularizou a minha teoria na noite de sábado. Mas repito: alguém no Colégio Lincoln sabe quem fez isso. É muito provável que ele seja um dos seus.

– O senhor tem a firme convicção de que é o mesmo assassino? - indagou ele, ainda agarrado à minha manga.

– Parece que sim.

– Então, pode ser que haja mais vítimas, se ele não for detido?

– Não sei, senhor diretor. Até sabermos por que esses dois foram transformados em mártires, não podemos fazer previsões sobre esse assassino nem saber o que ele espera ganhar com toda essa ostentação.

– Dr. Bruno... - a voz de Underhill falhou e ele hesitou, procurando respirar com regularidade. - Sei que o colégio não pode ter esperança de esconder isso do mundo. Mas esses assassinatos serão o fim do meu trabalho como diretor, e talvez do colégio. Não somos tão ricos quanto algumas instituições e, se não houver mais doações, os estudantes abastados procurarão outro lugar. E não é só por mim que receio, Dr. Bruno. Quais serão as perspectivas da minha filha, se

eu deixar de contar com a mercê de Leicester? Hein? - e sacudiu meu braço com certa força, como se isso pudesse arrancar uma resposta mais rápida.

– Sua filha tem qualidades próprias a favor dela, com ou sem a proteção do conde.

Underhill balançou a cabeça.

– Não é assim que funciona a sociedade, como o senhor deve saber. Entre as boas famílias de Oxford, Sophia é tida como indomável. Só a minha reputação junto ao conde é que dá a ela algum tipo de esperança. Sem isso, nenhum homem de respeito a tomará por esposa. Ela não deveria estar num lugar como este, já que a mãe se recusa a acompanhá-la, mas sou um pai tolo e indulgente demais e não suporto a idéia de mandá-la para longe. No entanto, cada dia que ela passa neste colégio prejudica mais a sua reputação.

Ele respirou fundo e percebi que o choque trouxera à tona todas as suas emoções. Cheguei quase a esperar que o homem irrompesse em pranto, mas ele se recompôs e prosseguiu:

– O conde de Leicester terá que saber desta notícia terrível, é claro, mas as coisas correriam muito melhor para nós se ele só a ouvisse quando também pudéssemos apresentar a ele um assassino detido. Percebe?

– Nesse caso, o senhor deve torcer para que seu oficial de inquirição e seu oficial da corte de justiça trabalhem depressa - respondi, fingindo não adivinhar o que ele queria dizer.

– Aí é que está, eles não trabalham. E lhes falta sutileza para compreender um crime dessa natureza. Tenho medo de que se metam em questões da vida acadêmica que pareceriam curiosas para todos, exceto os doutos como nós. Já *o senhor...* - Underhill deixou sua implicação no ar, me olhando com uma expressão de cautelosa esperança.

– *Eu*, senhor? - retruquei, levantando as sobrancelhas com surpresa exagerada. - Um estrangeiro? Um católico? Um homem tido como

praticante de feitiçaria, que acredita abertamente que a Terra gira em torno do Sol?

Underhill baixou os olhos e soltou meus braços.

– Peço perdão por minhas palavras precipitadas, Dr. Bruno. O medo gera esses preconceitos, e somos uma nação temerosa, nos últimos tempos. E agora, esse medo vem nos assediar até neste santuário do saber...

Sua voz se extinguiu e ele lançou um olhar desamparado para a janela do lado oposto, longe do cadáver de Coverdale.

– O senhor está pedindo minha ajuda para encontrar esse assassino? - indaguei, em tom enérgico.

O diretor se virou para mim com uma vaga esperança nos olhos miúdos e lacrimosos:

– Em circunstâncias normais, eu não me atreveria a abusar da boa vontade de um hóspede, mas esse assassino parece querer que o senhor se envolva. Aqueles papéis que o senhor me mostrou... achei que alguém estava se divertindo à sua custa, mas com *isso* - ele levantou a mão apontando para trás, em direção ao corpo -, talvez o senhor possa desmascará-lo antes que mais sangue seja derramado.

– Então, o senhor acredita que ele encontrará mais vítimas? - perguntei, talvez com excesso de rispidez.

Underhill se virou para mim e piscou os olhos depressa, balançando a cabeça:

– Eu só quis dizer... é que parece claro que estamos lidando com um monstro endemoniado ou louco...

Nesse exato momento, houve um rangido e um baque surdo atrás de nós. Pelo canto do olho, vislumbrei um movimento repentino, girei o corpo feito um chicote e vi Coverdale estrebuchar e mudar de posição. O diretor soltou um grito e tornou a agarrar meu braço. Eu me peguei prendendo a respiração e, por um momento medonho, senti um gélido pavor perpassar meu corpo, ao perguntar a mim mesmo se ele ainda não

estaria morto e teria ficado pendurado ali, numa agonia mortal, durante todo aquele tempo. Mas, quando minha respiração voltou ao normal e dei um passo à frente, hesitante, percebi que o nó da corda que o segurava no suporte havia começado a se desfazer.

– Está tudo bem, diretor Underhill - acalmei-o gentilmente. Pelo tremor violento de suas mãos, grudadas em meu braço, percebi que ele estava passando por seu próprio choque e que a cerveja forte de Cobbett também não lhe faria mal. - Foi só a corda. Mas precisamos descer o corpo.

– Por que ele veio para cá só com a roupa de baixo? - perguntou o diretor, baixinho, ainda sacudindo a cabeça, enquanto eu o ajudava a se sentar novamente no baú maior.

– Bem, parece claro que ele foi forçado a subir. Talvez o assassino o tenha surpreendido quando ele trocava de roupa - sugeri, enquanto algo perto da janela chamou minha atenção. Ao lado do arco, uma pilha de tecido preto fora cuidadosamente dobrada e posta no chão. Fui até lá e a levantei. Era uma toga acadêmica longa, de corte e debrum indicativos do grau de doutor em teologia, e estava endurecida pelo sangue seco, em especial na frente e nas mangas.

– É a toga de James - disse Underhill, desviando o rosto.

– Acho que nosso assassino deve tê-la vestido por cima da própria roupa ao cometer o crime - refleti. - Eu tinha me perguntado como alguém poderia sair andando pela faculdade com a roupa toda respingada de sangue, na quantidade que esse assassinato deve ter produzido.

Passos na escada ecoaram e, um minuto depois, Slythurst apareceu carregando um lampião. Ele me fuzilou com os olhos por um instante e o entregou ao diretor, que ainda tremia e torcia as mãos. Peguei o lampião antes que o diretor pudesse deixá-lo cair e um breve sorriso bailou nos lábios secos de Slythurst. O tesoureiro pareceu interpretar a inércia de Underhill como um convite para assumir o controle da situação.

– Em primeiro lugar, devemos mandar chamar o oficial de inquirição para que o corpo seja retirado, a fim de que o cofre-forte possa ser limpo e devolvido à sua função adequada e o inquérito possa ser realizado, para que o pobre James tenha um sepultamento cristão. E preciso notificar a família. Creio que ele tem um irmão nas terras baixas de Norfolk, não é, diretor?

Mesmo sem receber resposta, ele continuou, como se não tivesse esperado ouvi-la:

– E creio que seria o mais adequado, ao anunciarmos a morte, divulgar que ele foi agredido por um ladrão desconhecido, que tentou invadir o cofre-forte. Não vamos querer que os estudantes façam mais especulações inúteis - disse e me lançou um olhar de advertência.

– Muito sensato, Walter - disse o diretor, voltando a atenção para Slythurst com uma expressão distante e intrigada, como se mal o reconhecesse. - Isso lhe dará mais algum tempo, não é, Bruno? - indagou, virando-se para mim, com a mesma expressão de vaga angústia.

Slythurst virou a cabeça rapidamente:

– Tempo para quê?

– O diretor Underhill pediu que eu examinasse as circunstâncias das duas mortes a fim de descobrir alguma ligação - respondi, retribuindo seu olhar raivoso com uma expressão impassível.

O rosto de Slythurst empalideceu de fúria e seus lábios quase desapareceram.

– Com todo o respeito, senhor diretor - gaguejou ele, engasgado de indignação -, isso é prudente? O Dr. Bruno pode ter a imaginação viva, mas dificilmente seria sensato envolver um *forasteiro* - pronunciou a palavra com gélido desdém - num assunto que afeta tão intimamente a vida do colégio. O que poderá vir à tona... - parou

e me encarou, com um músculo pulsando no rosto, e mudou de tática. - Além disso, ele irá embora em poucos dias.

- Ele já está envolvido, Walter - disse o diretor, pesaroso. - O Dr. Bruno recebeu uma comunicação ligada à morte de Roger Mercer, de alguém que parece saber alguma coisa... talvez até conheça o próprio assassino.

- Com certeza, são estudantes pregando uma peça - rebateu Slythurst, correndo os olhos do diretor para mim sem disfarçar a raiva. - Eu gostaria de falar mais com o senhor sobre isso, diretor, mas em particular.

Underhill meneou a cabeça, cansado:

- Nós conversaremos, Walter, mas, primeiro, há muito que fazer e precisamos trabalhar juntos. Vá buscar a água, eu mesmo limparei a parede. Não quero que fique nenhum vestígio daquilo, e confio em que nenhum de vocês o mencionará, certo? Talvez você possa encontrar um mensageiro adequado para levar uma carta ao oficial de inquirição - disse a Slythurst. - Irei agora para minha biblioteca escrevê-la. Dr. Bruno, como o senhor gostaria de proceder?

Desejei que o diretor não houvesse mencionado minha carta misteriosa. Eu ainda não confiava em Slythurst. Tínhamos apenas sua palavra de que ele havia buscado seus papéis no cofre-forte na tarde de sábado, *antes* do debate. No entanto, eu não sabia ao certo qual era o valor de sua palavra, depois de suas mentiras propositais sobre a revista que ele fizera no quarto de Roger Mercer. Se alguém tinha facilidade de acesso ao quarto do subdiretor e ao cofre-forte da torre, era o tesoureiro. O que quer que meu correspondente soubesse, quanto menos pessoas tomassem conhecimento de que ele - ou ela - tentara compartilhá-lo comigo, melhor. E agora, o próprio assassino queria essa morte explicitamente ligada à Roda da Catherine - e o diretor queria apagar esse elo com água. Eu começava a ficar boquiaberto. O único dado aparentemente claro era que a saída prematura de Coverdale do debate constituía a chave do seu assassinato.

– Eu gostaria de encontrar o estudante que levou o recado ao Dr. Coverdale durante o debate, para descobrir o que o fez voltar com tanta urgência ao colégio.

Underhill balançou a cabeça:

– Vou interrogar algumas pessoas. Mas imploro a vocês dois que não digam nada disso aos estudantes, até eu ter a oportunidade de fazer um anúncio no jantar. Até lá, tentarei descobrir um modo de explicar isso com o mínimo de alarme possível.

– Antes disso, diretor Underhill - acrescentei -, creio que eu deveria procurar Gabriel Norris. Se ele deixou o arco e as flechas no cofre-forte, como o senhor havia ordenado, precisamos saber quando, e se o Dr. Coverdale o deixou entrar. E creio que o senhor deva ir para o seu gabinete, tomar um copo grande da sua bebida mais forte e pôr as ideias em ordem por um momento, antes de decidir o seu próximo passo.

– Belo dia este em que o diretor de um colégio de Oxford é orientado sobre como deve proceder por um papista italiano - resmungou Slythurst, mas o diretor tossiu e fez um ar constrangido e grato ao mesmo tempo.

Descemos a escada com muita cautela, eu à frente com o lampião, parando para examinar os vestígios das pegadas ensanguentadas ainda visíveis nos degraus de pedra. Elas continuavam sutilmente visíveis no assoalho dos aposentos de Coverdale, embaixo, mas, afora isso, a sala principal e o quarto contíguo na torre estavam limpos e arrumados. Fui até o outro lado e examinei a porta que dava para a escada do pátio.

– A sala estava trancada hoje de manhã, quando o senhor chegou? - tornei a perguntar a Slythurst.

Ele bufou de impaciência.

– Eu já lhe disse isso três vezes. Supus que James tivesse saído e queria guardar as somas em dinheiro e os documentos que trouxe de



Aylesbury, por isso peguei emprestada a chave extra de Cobbett e entrei. O que o senhor está tentando insinuar, Dr. Bruno?

– Apenas que não há sinal de que a porta da escada para a torre ou esta porta principal dos aposentos do Dr. Coverdale tenham sido forçadas. Portanto, ele deve ter permitido voluntariamente a entrada de seu assassino, ou então foi morto por alguém que já possuía uma chave.

Slythurst me dirigiu um olhar tão venenoso nesse momento que seria fácil acreditar que ele fosse capaz de um homicídio. Eu me virei para Underhill, cujo rosto estava pintado pelas sombras fantasmagóricas da luz bruxuleante do lampião.

– Será preciso lacrar a torre até que o cadáver seja retirado, de qualquer modo - recomendei. - Se o senhor mandar que um dos criados do colégio fique ao pé da escada, logo saberemos se alguém tentou se aproximar. Pode ser que o assassino tente voltar, talvez para procurar alguma coisa no quarto. Mas eu mesmo gostaria de dar uma olhada, para ver se ele deixou algum rastro.

– Sim, sim, parece sensato - concordou o diretor, com o rosto tenso e ruborizado. - Preciso mandar chamar o oficial de inquirição. Walter, agora você é o funcionário mais graduado daqui, abaixo de mim, e precisarei da sua ajuda para decidir o que dizer à comunidade acadêmica. Por gentileza, quer vir comigo até minha residência? E diga a Cobbett que mande um dos empregados da cozinha ficar junto à escada da torre.

Slythurst assentiu com a cabeça e disparou escada abaixo em direção à guarita do porteiro. Underhill tornou a se virar para mim e intuí alguma coisa não dita no olhar demorado que me lançou:

– As flechas foram disparadas depois de ele morrer, o senhor disse?  
– É difícil saber, mas creio que o sangue jorrou principalmente do ferimento na garganta. Se ele ainda não estava morto, não demorou

para morrer. Não creio que tenha sentido o que aconteceu, se é isso que o senhor pretende perguntar.

– Então, será que foi rápido? - indagou o diretor, quase esperançoso.

Hesitei, mas resolvi que seria mais generoso não me deter nos diversos cortes que vira no pescoço de Coverdale. O oficial de inquirição não tardaria a descobri-los.

– Foi uma morte terrível, não vou fingir que não. Mas já vi outros homens com a garganta cortada... eles não costumam se demorar neste mundo.

Underhill me olhou, com a cabeça inclinada de lado. A vela do lampião estava apagando e o cômodo tornou a ficar envolto em sombras, embora ainda fosse cedo. Me pareceu que o cheiro de putrefação se intensificava, vindo da escada da torre atrás de nós.

– O senhor tem levado uma vida estranha para um filósofo, Dr. Bruno - disse ele, baixinho. - A que levamos aqui deve lhe parecer serena e protegida. Eu achava que era, até esta semana. Eu me escondi do mundo aqui, pensando que um colégio de Oxford era uma espécie de santuário. Andei fechando os olhos por muito tempo, e isso levará à minha destruição e à da minha família.

– Diretor Underhill - disse eu, me inclinando para ele -, se existe algo que o senhor sabe ou de que suspeita, qualquer coisa que possa ter alguma relação com essas mortes, não esconda. Para o que o senhor fechou os olhos?

Ele deu uma olhadela nervosa para a porta às suas costas, com um movimento rápido de roedor, depois chegou mais perto, o rosto redondo iluminado por baixo pelo lampião, e disse:

– O seu amigo, Sir Philip...

– O que tem ele?

– Ele não deve ficar sabendo disso. O senhor me promete, Dr. Bruno, que não falará com ele sobre o que está acontecendo dentro

destas paredes? Sir Philip é sobrinho de Leicester e se sentiria obrigado a contar tudo a ele.

Nesse momento, ouvimos passos embaixo e Slythurst reapareceu. Underhill balançou de leve a cabeça para mim, me alertando a não dizer mais nada, em seguida olhou para o tesoureiro, com ar apreensivo, e então se encaminhou para a porta, chamando:

– Walter?

– Senhor diretor, me ocorreu - começou Slythurst, cruzando as mãos com ar adulator - que, se o Dr. Bruno vai examinar este cômodo, talvez seja melhor eu ajudá-lo. Dois pares de olhos são melhores do que um, afinal.

– Muito bem. Mas eu necessito de você, Walter. Vá ao meu alojamento depois, o mais depressa que puder.

Ele me lançou um último olhar suplicante, antes de fechar a porta ao sair. Seus passos ecoaram na escada enquanto ele descia para o pátio, pisando duro.

Slythurst inclinou a cabeça para trás e deu uma olhada superficial na sala.

– E então, o que acha que vai encontrar aqui?

– Eu havia pensado, Mestre Slythurst, que o senhor teria uma ideia melhor do que eu sobre o que um homem poderia esperar encontrar neste aposento - respondi, polidamente.

Ele se virou para mim nesse momento, torcendo a boca num desdém indisfarçável:

– E eu poderia muito bem perguntar o que *você* tirou deste cômodo, Bruno, na última vez que nos encontramos aqui, em meio aos pertences de um morto. Que lembrança você levou naquele momento?

– Não levei nada - respondi em tom brando, mas assim mesmo desviei o rosto e me encaminhei para a janela. A chuva batia forte

na vidraça, descendo em regatos pelo vidro e embotando a paisagem.

– É mesmo? - perguntou ele, agora falando entre dentes, e ouvi sua voz junto ao meu ombro. - Você pode ter enganado o diretor, para que ele confiasse em você, Bruno, mas eu o vejo tal como você é.

– E como sou? - indaguei, cruzando os braços como se não me importasse de modo algum.

– Você é um daqueles homens que se julgam suficientemente talentosos para viver apenas da sedução e da inteligência, e não do trabalho árduo. Procura cair nas graças de homens de posição elevada, no intuito de viver à sombra dourada dos seus favores. Chega ostentando a sua fama e a sua proteção por parte de homens da corte e de reis, mas isto aqui é a Universidade de Oxford, meu senhor, e não nos impressionamos com essas bagatelas. E você não obterá cargo nenhum aqui, por mais que procure se envolver em assuntos que não são da sua conta.

Ao terminar esse discurso, havia espuma nos cantos de sua boca, e ele fez uma pausa para se recompor, os olhos ainda inflamados por um ódio que me surpreendeu, tal a sua intensidade.

– Você acha que estou fazendo manobras para fisgar um cargo aqui? - repeti, incrédulo.

– Não vejo por que mais estaria tentando se tornar indispensável para o diretor, intrometendo-se nessas mortes - retrucou ele.

– Não, você não veria mesmo, porque não conseguiria se imaginar fazendo esforço por nenhuma razão que não fosse o seu benefício imediato - respondi. Descruzando os braços, caminhei direto para ele, até ficar a meras polegadas do seu rosto, desafiando-o a me olhar nos olhos. - Vou lhe dizer uma coisa, Mestre Tesoureiro. Fui fugitivo em meu próprio país durante três anos. Vi homens serem assassinados com a displicência de garotos atirando pedras em passarinhos, esfaqueados pelos sapatos que calçavam ou pelas poucas moedas que tinham, e vi a lei desviar os olhos, porque era trabalhoso demais levar alguém à justiça. Porque, para a lei, os mortos valiam

tão pouco quanto aqueles que os haviam matado, e que provavelmente seriam mortos no dia seguinte, por sua vez. E tenho a convicção de que nenhuma vida humana vale tão pouco que, ao ser encerrada pela violência, devamos dar de ombros para o crime e deixar um assassino impune. É por isso que eu me envolvo, Mestre Slythurst: isso se chama justiça.

A veemência da minha resposta foi pelo menos igual à dele, mas, apesar de Slythurst ter dado um passo atrás, o olhar que cravou em mim foi de um sarcasmo sutil, e fui eu o primeiro a desviar os olhos, consciente de que todas as minhas palavras altivas tinham sido em vão. Meu interesse em descobrir esse assassino estava, acima de tudo, em provar meu valor a Walsingham e ao conde de Leicester, porque essa era minha primeira missão e haveria recompensas e promoções se eu me saísse bem.

– Vamos voltar ao assunto em pauta - disse eu, bruscamente. - Afinal, espera-se que prestemos contas um do outro.

Embora a sala estivesse mais arrumada do que na última vez que eu estivera ali, fora deixada num estado de transição, e senti uma pontada repentina de dor pela perda de James Coverdale, que mal havia usufruído de um dia como subdiretor, antes de ter um destino tão macabro quanto o daquele que o precedera. Eu pouco havia encontrado do que gostar nesse homem, mas fora pavorosa a morte que tinha batido à porta dos cômodos que ele cobiçara durante tanto tempo, quando mal desempacotara seus pertences. Slythurst se ocupou prontamente dos maços de papel na escrivaninha de Coverdale. Isso não me agradou, pois eu imaginava que qualquer pista sobre o que acontecera com o morto na noite de sábado provavelmente se encontraria entre seus documentos, e já estava prestes a sugerir que dividíssemos o trabalho de examinar a escrivaninha quando notei um borrão de sangue no piso à frente da lareira.

Ao me agachar para olhar mais de perto, vi que um tijolo da câmara de fogo, à direita da parte frontal da lareira, estava ligeiramente desalinhado, projetando-se da parede como se não estivesse preso no

reboco. Consegui segurar suas laterais apenas com as pontas dos dedos, mas não tive apoio suficiente para retirá-lo do lugar e, quando meus dedos escorregaram e ralei as articulações, soltei um gemido.

– O que você achou aí? - perguntou Slythurst. Ele levantou depressa a cabeça, largou o livro que estava examinando e correu para se agachar ao meu lado. Chupei o sangue dos dedos ralados e tentei de novo. Com alguma paciência, balancei delicadamente o tijolo de um lado para outro, sentindo-o se soltar um pouco mais a cada vez que atritava com os tijolos de ambos os lados.

– Vamos, homem! - resmungou Slythurst. - Quer que eu tente?

– Está sob controle - disse eu, e em poucos minutos o tijolo estava solto, revelando uma cavidade escura na lateral da câmara de fogo. Enfiei a mão na abertura e vasculhei até onde pude, mas senti apenas os tijolos no fundo do buraco. - Nada - comentei, decepcionado, me apoiando nos calcanhares.

– Saia da frente - grunhiu Slythurst, me empurrando bruscamente de lado com o cotovelo. Seu braço magrela pareceu desaparecer mais fundo no buraco, mas, embora ele se mostrasse decidido a provar que eu estava errado, também saiu de mãos vazias. - Que o diabo o carregue, aquele filho de uma cadela! - xingou, massageando os nós dos dedos.

– Bem, quem veio aqui dessa vez sabia onde procurar - comentei, amargo, com os joelhos estalando ao me levantar. - E parece ter achado o que estava procurando.

– Ao diabo com isso! - vociferou Slythurst.

Parecia que ele tinha tomado a descoberta do esconderijo vazio como uma ofensa pessoal. Perguntei a mim mesmo se a cavidade na lareira teria contido o que ele andara procurando depois da morte de Roger Mercer - não era um espaço grande, mas poderia facilmente ocultar um maço de cartas ou documentos - e se, conseqüentemente, sua raiva se voltava contra ele próprio, por não o haver encontrado na busca anterior. Dessa vez, porém, não havia sinal de uma revista frenética dos pertences

de Coverdale. Era evidente que quem o matara tinha conhecimento do tijolo solto e fora direto buscar o que estava escondido ali, depois de lavar das mãos o sangue do subdiretor. Mas isso só podia significar que a pessoa que tinha revistado a sala da torre antes da minha chegada, na manhã de sábado, enquanto Roger ainda estava sendo destroçado pelo cachorro no jardim, *não sabia* do esconderijo e, portanto, não era a mesma pessoa que tinha matado Coverdale. E, por essa avaliação, também não poderia ter sido Slythurst, a menos que ele fosse um ator de extraordinário talento. Afinal, ele era a única outra pessoa que poderia legitimamente pedir uma chave do alojamento do subdiretor, e ninguém saberia confirmar ou desmentir a hora exata de sua partida para Buckinghamshire ou de seu regresso.

Slythurst parecia impaciente para ir embora. Sem dúvida ele chegara à conclusão de que não havia mais nada de útil para se achar.

– Não vejo que outro objetivo possamos alcançar aqui - resmungou, encaminhando-se para a porta e sacudindo as chaves, como que num sinal de que o meu tempo se esgotara. - O diretor precisa de mim e eu preciso trancar esta sala, portanto, se você já terminou...

– Diga, Mestre Slythurst: o senhor acredita que o assassino tenha achado o que o senhor mesmo tivera a esperança de encontrar aqui, depois da morte de Roger Mercer?

O olhar que ele me lançou exprimia desprezo.

– Não sei do que você está falando. Não tirei uma chave do bolso de um homem nos estertores da morte, como certas pessoas - disse, com o rosto tão próximo do meu que pude sentir o cheiro acre de seu hálito.

– Só estou perguntando porque, aparentemente, dois homens morreram pelo que estava escondido naquele buraco, e presumo que o senhor saiba o que era.

– Supõe-se que isso deveria ser um aviso suficiente para os que são curiosos demais - retrucou ele, com um sorriso que varou seu rosto

magro feito um arame. - Tenho que ir ao encontro do diretor. É melhor você tratar de descobrir o dono da arma do crime. Parece um lugar útil para iniciar as suas investigações, Dr. Bruno, já que você teve a gentileza de oferecer os seus serviços ao colégio.

Ao passar por ele no vão da porta, com um último olhar de desdém, me peguei desejando fervorosamente que ele se revelasse o assassino, para que eu pudesse ter o enorme prazer de ver aquele riso sarcástico arrancado de seu rosto pálido, e no mesmo instante procurei me livrar desse perigoso preconceito.

Ao pé da escada, um homem grande, corpulento e quase sem pescoço bloqueava a arcada que levava ao pátio quadrangular. Ele se assustou ao ouvir barulho às suas costas e levou rapidamente a mão à cinta. Não pude deixar de sorrir ao ver que ele carregava ali uma espécie de garfo de cozinha, como arma improvisada. Então, era esse o guarda designado para manter a torre lacrada.

- Calma, Dick - disse Slythurst, erguendo uma das mãos. O homem baixou a cabeça com respeito e se pôs de lado, nos deixando passar para a chuva que continuava a jorrar a cântaros, espirrando nas poças que se espalhavam entre as pedras do pátio. Cobri as orelhas com a sobreveste e já ia entrando no dilúvio quando três estudantes saíram correndo e rindo da escada ao lado, segurando as pastas de couro sobre a cabeça para se protegerem do mau tempo. Reconheci um deles como sendo Lawrence Weston, o garoto que me acompanhara até o local do debate na tarde de sábado, e me aproximei para falar com ele.

- Jovem Weston, será que posso solicitar sua ajuda? - perguntei, em tom urgente. Ele pareceu meio assustado e percebi que, na pressa, eu havia segurado com força a manga de sua beca.

- Eu ajudarei, se puder, Dr. Bruno - respondeu ele, sem jeito, pois ficou claro que meus modos lhe pareceram impróprios. - Mas vamos sair da chuva - acrescentou, com um sinal para voltarmos ao abrigo da escada da qual acabara de sair. Notei que Slythurst observava



nosso diálogo com desconfiança. Quando o flagrei olhando, ele se enrolou prontamente em sua capa e saiu a passos rápidos em direção aos aposentos do diretor, do lado oposto.

– Um rapaz, um aluno - disse eu a Weston, quando estávamos novamente abrigados -, entregou uma mensagem ao Dr. Coverdale durante o debate de sábado à noite, fazendo com que ele se retirasse assim que a leu. Você sabe quem era ele?

– Como poderia saber, senhor? - respondeu ele, talvez soando mais descortês do que pretendia, pois logo em seguida disse: - Quer dizer, posso perguntar por aí, se for importante.

– Obrigado - retruquei, me virando para ir embora. - Haverá um xelim à sua espera se você o encontrar.

Weston pareceu momentaneamente impressionado e balançou a cabeça antes de se juntar de novo a seus amigos. E eu me preparei para cruzar o pátio correndo.

## Capítulo 12

O QUARTO DE GABRIEL NORRIS ficava no andar térreo da ala oeste, escondido atrás da escada, e uma placa pintada com seu nome marcava a porta. Bati com força e tive a certeza de ouvir movimento do lado de dentro, mas alguns segundos se passaram e ninguém atendeu. Tornei a bater e chamei Norris pelo nome. Houve um apressado arrastar de pés e a porta se abriu, revelando Thomas Allen. Era óbvio que ele estava se dedicando a alguma de suas tarefas de criado, pois as mangas da camisa estavam arregaçadas até os cotovelos e ele segurava um pedaço de pano sujo.

- Ah, Dr. Bruno! - exclamou, enrubescendo depressa, enquanto embolava o pano nas mãos, com ar alvoroçado.
- Desculpe o incômodo, Thomas, vejo que você está trabalhando. Eu vim à procura do Sr. Norris.
- Ele não está - disse o rapaz, ainda parecendo perturbado, e deu uma olhada para trás, como se examinasse a veracidade de sua própria afirmação. Pela porta aberta vislumbrei um cômodo confortável, mobiliado como uma sala de estar, com um banco de madeira de espaldar alto em frente à lareira. Comparado à austeridade da maioria dos alojamentos dos acadêmicos, o aposento proporcionava uma nítida sensação de luxo. De um lado, as janelas se abriam para a travessa e do outro, para o quadrilátero, e enchiam a sala de luz, mesmo nesse dia sombrio. Embaixo da janela que dava para a parte externa havia um baú pesado, cingido por aduelas de ferro e trancado por um cadeado sólido.
- Ele está nas palestras públicas, suponho. Eu só estava limpando seus sapatos - disse Thomas, com ar defensivo.
- Você não frequenta as palestras públicas?
- Não quando há trabalho a fazer - retrucou ele, com rispidez. Fiquei surpreso com seus modos, mas, sabendo quão sensível era a respeito de seu papel subalterno, imaginei que não gostasse de ser visto executando suas tarefas servis.
- Quer dizer que hoje os sapatos dele precisavam de uma limpeza urgente? - indaguei, ao me ocorrer uma ideia. Thomas deve ter captado alguma coisa no meu tom, porque franziu o cenho e seus ombros pareceram ficar tensos.
- Eu limpo os sapatos dele todos os dias - disse ele, com um toque de cautela na voz. - Por que o senhor queria ver Gabriel?
- Queria perguntar quando ele levou o arco e as flechas para o cofre-forte.

Thomas pareceu levemente surpreso ao ouvir a pergunta, mas deu de ombros com displicência e limpou as mãos no peito da camisa.

– Fui eu que os levei, no sábado de manhã. Gabriel estava furioso. Disse que o diretor o mandara se desfazer do arco, ainda por cima depois de ele ter lhe prestado um serviço, ao acertar aquele cão raivoso.

– Quer dizer que você mesmo o levou lá?

Thomas piscou os olhos ao ouvir meu tom, depois balançou a cabeça.

– Ia levá-lo, mas, quando estava atravessando o pátio, vi o Dr. Coverdale e o Dr. Bernard parados junto à escada da capela. Eles me detiveram e perguntaram o que eu estava fazendo com aquela arma no colégio. Quando expliquei, o Dr. Coverdale me disse que eu podia deixá-la do lado de fora da sua porta, no patamar, que ele mesmo a guardaria em segurança.

– O Dr. Bernard ouviu essa conversa?

– Ele estava parado bem ao lado do Dr. Coverdale, logo, presumo que sim - disse Thomas, com ar intrigado.

– Alguém mais poderia ter ouvido?

– Não sei. Havia umas pessoas indo e vindo no pátio, mas não me lembro de ninguém que tenha parado perto de nós. Qual é o problema, Dr. Bruno, se me permite a pergunta? - indagou ele, torcendo o pano sujo entre as mãos e examinando o meu rosto atentamente.

– Ah, não é problema nenhum - respondi, descontraído, e nós nos fitamos num silêncio constrangido por um momento.

– Dr. Bruno - disse Thomas, chegando mais perto e baixando a voz -, espero que isto não lhe pareça um atrevimento, mas há uma coisa que eu gostaria de lhe falar com urgência. É um assunto de certa importância e não sei em quem mais posso confiar aqui.

Senti um arrepio na nuca. Seria possível que Thomas soubesse alguma coisa do assassinato?

- Por favor, fale à vontade.
- Eu quis dizer... num lugar particular.
- Não estamos sozinhos aqui? - indaguei, correndo os olhos pela sala vazia.

Ele balançou a cabeça e comprimiu os lábios numa linha fina, retorcendo o  
o  
pano entre as mãos.

- Longe do colégio, senhor. Não quero que nos ouçam.

Hesitei. Eu realmente não tinha tempo a perder - minha prioridade era encontrar o rapaz que tirara Coverdale do debate -, mas a expressão sofrida de urgência no rosto de Thomas me convenceu de que o que ele precisava desabafar devia ser sério.

- Pois muito bem. Você já fez seu desjejum hoje? Talvez possamos achar uma taberna em que nos seja possível comer e conversar mais à vontade - sugeri, ao perceber que, com toda a consternação do assassinato de Coverdale, eu não tinha comido, e meu estômago roncava furiosamente.

A expressão dele relaxou.

- Senhor, receio que eu não tenha recursos para frequentar tabernas.
- Mas eu tenho, e certamente você poderá fazer uma refeição comigo, se eu o convidar, não é?
- Creio que ser visto comigo não faria nenhum bem à sua reputação em Oxford, senhor - disse ele, com ar pesaroso.
- Para ser franco, Sr. Allen, no momento a minha reputação em Oxford vale menos do que excremento de cavalo. Mas eles que vão para o inferno! Vamos desfrutar de um bom desjejum, se eu conseguir achá-lo, e depois arcar com as consequências, e você poderá me dizer o que se passa em sua cabeça.
- É muita gentileza sua, senhor - disse ele, cruzando a porta atrás de mim e parando para trancá-la.

Ao nos aproximarmos da arcada da torre, espichei o pescoço a fim de olhar para a janela deserta de James Coverdale, embora ela fosse alta demais para se ver alguma coisa. A chuva diminuía um pouco e uns lampejos de luz surgiam por trás das nuvens.

– Tudo bem com o senhor, Dr. Bruno? - perguntou Thomas, acompanhando meu olhar, com o rosto anguloso cortesmente solícito. - Hoje o senhor está parecendo inquieto. Aconteceu alguma coisa?

Olhei para ele enquanto ordenava minhas ideias dispersas. Thomas ainda não tivera notícia do assassinato de Coverdale, mas, quando voltássemos, o colégio estaria em polvorosa com os boatos e as especulações. Se ele tivesse alguma informação valiosa, eu precisaria aproveitar esses poucos momentos desavisados.

– Sim, sim, está tudo bem. Vamos.

Caminhamos em silêncio pela travessa St. Mildred em direção à High Street. Embora Thomas fosse cerca de meio palmo mais alto que eu, andava com a postura tão encurvada, como que na esperança de não se fazer notar, que parecíamos quase da mesma altura. Seu ar abatido de derrota tornava impossível não sentir compaixão por ele. Como se adivinhasse meus pensamentos, o rapaz virou o rosto para mim por um instante, com as mãos inteiramente enfiadas nas mangas da beca puída.

– É gentileza sua reservar um tempo para me ouvir, senhor. Quer dizer, visto que estamos em posições diferentes.

– Se vamos falar de posições, Thomas, não nos esqueçamos de que você é filho de um professor de Oxford e eu sou filho de um soldado. Mas pouco me interessam essas distinções... Ainda me atrevo a esperar pelo dia em que as pessoas serão julgadas por seu caráter e suas realizações, não por seu sobrenome paterno.

– É uma esperança ousada - concordou ele. - Mas, para a maioria dos habitantes desta cidade, senhor, serei sempre o filho de um herege exilado.

– Bem, *eu sou* um herege exilado, portanto, saio ganhando.

Nesse momento ele me fitou e sorriu de verdade, pela primeira vez desde que eu o conhecera, antes de seu rosto ficar sombrio novamente.

– Mesmo assim, o senhor é amigo de reis e nobres da corte - lembrou.

– Bem, de certo modo, Thomas. Se você se refere ao rei Henrique da França, ele gostava de se cercar de filósofos, o que lisonjeava sua vaidade intelectual. Os reis não têm amigos do mesmo modo que você ou eu temos.

– Não tenho amigo nenhum, senhor - retrucou em tom modesto. Houve uma longa pausa em que tanto eu quanto ele procuramos algo para dizer. - De qualquer modo, o senhor é amigo de Sir Philip Sidney e isso já é alguma coisa.

– Sim, tenho a sorte de contar com Sidney como amigo. Era por isso que você queria conversar comigo, para que eu fizesse um pedido a ele a favor do seu pai?

Thomas se calou por um momento, depois parou de andar e me fitou com expressão séria.

– Não é pelo meu pai, senhor. É por mim. Há uma coisa que preciso lhe contar, se o senhor me prometer sua discrição.

Assenti, intrigado. No ponto em que a travessa St. Mildred cruza com a High Street, paramos para olhar, à esquerda e à direita, para as fileiras de casas desalinhadas, com suas estruturas de madeira, e para as fachadas de pedra clara dos prédios da universidade. Naquele horário, a rua estava quase deserta e a chuva ainda espetava de leve a superfície da água empoçada nos sulcos deixados pelas carroças.

– A Flor de Luce fica logo adiante, nessa rua - disse Thomas, com um gesto para a esquerda -, mas é cara, senhor - completou, puxando nervosamente a bainha da beca.

– Bem, não tem importância - retruquei, animado, levando a mão ao cinto para sentir o peso tranquilizador da bolsa de Walsingham na palma da mão, enquanto começávamos a andar na direção indicada

por ele. - Mas não conheço as tabernas de Oxford. Me diga, você sabe alguma coisa sobre uma hospedaria chamada Roda da Catherine?

Lancei um olhar inocente a Thomas ao dizer isso. O medo que cintilou em seu rosto foi inconfundível, mas ele assumiu prontamente uma expressão neutra.

– Creio que é um tipo de lugar ruim, senhor. De qualquer modo, nós, estudantes, não temos permissão para sair dos muros da cidade. Receberíamos uma punição severa se fôssemos apanhados.

– É mesmo? Ora, que estranho... Ontem eu dei um passeio e tive a certeza de ver um rapaz de beca universitária passar por um dos portões.

Thomas encolheu os ombros.

– Então, é provável que tenha sido um dos alunos plebeus ricos - disse, num tom que não foi ressentido, apenas resignado, como se ele houvesse aceitado, fazia muito tempo, o fato de que os ricos viviam segundo leis diferentes e de que era inútil esperar mudanças.

– Como o seu patrão, Gabriel Norris? - perguntei.

– Eu gostaria que o senhor não o chamasse de meu patrão. Quer dizer, é isso que ele é, suponho, mas é humilhante ser lembrado disso.

Thomas havia parado à porta de uma construção de dois andares e paredes caiadas, de frente para a High Street e de exterior obviamente bem cuidado e limpo. Dentro, a taberna era igualmente impecável e alegre - tudo o que a Roda da Catherine não era -, e um aroma saboroso e penetrante de carne assada invadiu nossas narinas no instante em que fechamos a porta ao entrar. Um taberneiro risonho, com avental esticado sobre uma barriga tão vasta que ele parecia prestes a dar à luz, correu ao nosso encontro e nos conduziu a uma mesa, enquanto ia recitando uma lista tão variada de pratos que eu já havia esquecido o primeiro quando



ele terminou. Acabamos pedindo queijo e pão de cevada, acompanhados de um caneco de cerveja para cada um. Thomas olhou ao redor com a mesma incredulidade e o prazer que sentiria se de repente lhe dessem as chaves da cidade.

– Bem, então, Thomas - indaguei com delicadeza -, o que você quer me confidenciar?

Ele enfim levantou a cabeça e me olhou com uma expressão cansada.

– Três noites atrás, no dia em que o abordei tão vergonhosamente no pátio, na sua chegada, fiquei sabendo de uma coisa sobre meu pai.

Parou de falar, com um suspiro carregado, no momento em que um jovem que servia as mesas apareceu com os canecos de cerveja e o pão. Pensei em Humphrey Pritchard e seus fragmentos de latim e decidi que também precisava descobrir um modo de voltar a falar com ele. Thomas afundara o rosto no caneco de cerveja, como se não tomasse uma bebida havia alguns dias. Esperei que o colocasse sobre a mesa antes de continuar com minhas perguntas, da maneira mais relaxada possível.

– Então você mantém contato com seu pai?

– Nós nos escrevemos, embora o senhor possa imaginar, é claro, que todas as nossas cartas são verificadas, a pedido do conde. Meu pai reside no Colégio Inglês de Reims, onde todos os padres seminaristas são formados para a missão inglesa, por isso qualquer correspondência que saia daquele lugar é considerada de grande interesse. E, como existe a suposição de que compartilho as opiniões do meu pai, eles esperam que eu me traia numa de minhas cartas a ele. Eles vigiam cada passo meu, observam todas as pessoas com quem me encontro ou converso. É provável que me interroguem sobre isto - disse, apontando para a mesa entre nós - quando descobrirem.

– Quem são "eles"? - instiguei-o, com uma pausa para tomar um gole do meu caneco. - Quem intercepta as suas cartas?

– O diretor. E o Dr. Coverdale. Ele queria que eu sáísse do colégio depois de exilarem meu pai. Argumentou com veemência que

permitir que eu ficasse aqui significaria que o colégio tolerava papistas.

Seu tom era ressentido, mas observei seu rosto atentamente e não detectei nenhum sinal de que ele soubesse que o homem de quem estava falando acabara de ser morto.

– Mas você não é papista? - indaguei.

– Sou filho de um papista, por isso eles presumem que minha lealdade à Inglaterra esteja comprometida. O diretor acabou decidindo que eu poderia conservar minha vaga, mas Coverdale argumentou que eu não deveria continuar a ser mantido pelo colégio e, assim, perdi minha bolsa de estudos. Não me iludo com a ideia de que o diretor tenha sentido pena de mim. Suponho que ele deve ter achado que minha correspondência com meu pai seria útil - disse ele e deu um risinho amargo. - Deve ser uma decepção terrível para eles: meu pai só me escreve sobre o tempo e a saúde dele, e eu conto sobre meus estudos. Não ousamos dizer nada, além disso. Ademais, corre o boato de que o conde de Leicester já pôs um espião no colégio, tamanho é o medo que eles têm da influência secreta dos papistas.

– Um espião? Será que isso é verdade? - perguntei, me inclinando para ouvi-lo com mais atenção.

– Não sei, senhor. Mas, enfim, se ele tivesse alguma qualidade como espião, eu não o reconheceria, não é?

– Quer dizer que você não compartilha o credo do seu pai?

Thomas enfrentou meu olhar com expressão serena, como se me desafiasse a contradizê-lo.

– Não, senhor, não compartilho. Eu cuspo no papa e na Igreja de Roma. Já jurei isso até ficar rouco, mas, mesmo assim, continuo a ser suspeito, portanto, de que adianta?

Esperei um momento até ele terminar de mastigar, observando-o com os cotovelos apoiados na mesa e o queixo descansando sobre as mãos

cruzadas.

– O que você soube a respeito do seu pai há três dias? Ele está doente?  
Thomas balançou a cabeça, de boca cheia.

- É pior do que isso - respondeu, num tom ressentido, quando pôde voltar a falar. - Ele está... - Então se interrompeu, com um pedaço de pão a meio caminho da boca, e me olhou como se só nesse momento se desse conta de quem eu era. Seus olhos ansiosos percorreram meu rosto, atentos, enquanto ele calculava se eu era ou não digno de confiança. - O senhor jura que não repetirá isso para ninguém?
- Juro - respondi, balançando a cabeça com sinceridade e sustentando seu olhar da maneira mais firme que pude.

Thomas pensou por um instante, ainda examinando meus olhos, depois fez um leve aceno com a cabeça.

- Meu pai não voltará para a Inglaterra, nem agora nem nunca, nem mesmo se a rainha em pessoa lhe escrevesse, garantindo seu perdão.
- Mas por quê?
- Porque ele está *feliz* - disse Thomas, pronunciando esta última palavra com indisfarçada raiva. - Está feliz, Dr. Bruno, porque descobriu sua vocação. Às vezes acho que ele optou por ser desmascarado no Lincoln para poder enfim confessar sua fé abertamente. Agora, quando me escreve, ele tem que ditar as cartas a um escriba. Sabe por quê?

Balancei de leve a cabeça e ele prosseguiu, sem esperar minha resposta:

- Porque foi interrogado pelo Conselho Real. Mandaram pendurá-lo pelas mãos, presas em luvas de metal, sem deixar que os pés dele encostassem no chão, durante oito horas de cada vez, até ele desmaiar. E mesmo assim meu pai não lhes disse nada. Sua mão direita foi afetada. Mas acho que teria morrido alegremente, nessa ocasião, acreditando ser um mártir. Há três dias, soube que ele vai fazer os votos como padre jesuíta - informou, num tom que quase

pareceu de ironia divertida. - A Igreja vai dominá-lo por completo e ele se esquecerá de que um dia teve mulher e filho.

- Tenho certeza de que nenhum pai poderia fazer isso.

- O senhor não o conhece - discordou Thomas, contraindo a boca numa linha severa. - Eu venho de uma antiga família católica. Mas eu lhe pergunto: como pode uma religião que fala de amor exortar os homens, ao mesmo tempo, a deixar tão cruelmente de lado os laços naturais de amor e amizade? A se martirizar pela promessa de um mundo invisível e deixar suas famílias sofrendo! Não quero ter nada a ver com nenhum Deus que exija esses sacrifícios.

Enquanto falava, Thomas havia picado o que restava de seu pão em pedaços minúsculos, com os dedos agitados. Estendeu a mão para cortar outro naco do pão e, ao fazer isso, a manga puída da beca escorregou para o cotovelo e revelou um curativo improvisado e sujo em volta do punho e da parte inferior da mão direita, salpicado de manchas meio marrons sobre as quais alguns pontos vermelhos mais novos tinham desabrochado, mais recentemente.

- O que aconteceu com a sua mão? - perguntei.

Thomas puxou imediatamente a manga para baixo, cobrindo o curativo, e esfregou o pulso, constrangido:

- Não foi nada.

- Não parece não ter sido nada. Suponho que tenha sangrado muito. Eu posso dar uma olhada, se você quiser.

- O senhor é doutor em medicina também? - retrucou ele com rispidez, puxando o braço às pressas, como que receando que eu arrancasse o curativo sem sua permissão.

- Apenas em teologia - admiti -, mas aprendi um pouco da arte de preparar unguentos quando era monge. Não teria dificuldade em examiná-lo.

- Obrigado, mas não há necessidade. Foi só um acidente bobo. Eu estava afiando a navalha de Gabriel para ele e minha mão escorregou.

Thomas baixou os olhos e concentrou toda a atenção no pão, como se o assunto estivesse encerrado. Senti que eu estava tenso, mas procurei não dar sinal de ter achado suas palavras significativas.

– Quer dizer que o seu amigo Sr. Norris não usa o barbeiro do colégio? - indaguei em tom neutro.

O rapaz arriscou um sorriso.

– Ele o chama de "o bárbaro do colégio". Não, o Norris prefere cuidar dessa tarefa sozinho.

– Quando foi que ele lhe pediu para afiar a navalha?

Thomas pensou um instante.

– Deve ter sido no sábado, porque ele queria se barbear antes do debate.

– E ela esteve no lugar de costume, desde então?

– Eu... eu não sei, senhor. Não procurei. Por que não estaria?

Ele me olhou, o cenho franzido de curiosidade, e julguei melhor não continuar a despertar suas suspeitas.

– Eu estava apenas pensando se o Sr. Norris costuma emprestar a navalha aos amigos.

– Não, senhor, nunca. Ele é cuidadoso com seus pertences. Muitos são valiosos, ou então vêm do pai dele.

Thomas não fez outras perguntas, mas continuou a me olhar com curiosidade. Depois de passarmos alguns minutos em silêncio, pus de lado meu pão e limpei os dedos.

– Mas essa notícia sobre o seu pai, você não a recebeu diretamente dele, se as cartas que ele envia são interceptadas. Com certeza ele não escreveria sobre seus planos de fazer os votos sagrados.

– Não, ele tinha outro correspondente - disse Thomas, com a boca cheia.

– Tinha?

Ele parou e seus olhos piscaram com ar culpado ao fitarem os meus, quando percebeu seu lapso.

– Você se refere ao Dr. Mercer? - insisti. Se ele soubera da notícia três dias antes, só poderia haver uma pessoa à qual se referir no passado.

Thomas fez que sim.

– Eles continuaram a escrever um para o outro. Meu pai sempre confiou em Roger Mercer, eles eram amigos muito chegados.

– Mas Mercer o denunciou.

– Acho que não. Meu pai nunca soube de fato quem o denunciou, mas tinha certeza de que não fora Mercer. Ele apenas depôs contra meu pai no julgamento.

– O que com certeza bastaria para pôr fim a uma amizade. Seu pai deve ter uma capacidade excepcional de perdoar.

Thomas baixou a faca e me fitou com impaciência:

– O senhor não compreende, não é? Isso é exatamente o que eu estava dizendo sobre a religião: a *causa* é sempre mais importante. As leis naturais da amizade têm de ser sacrificadas. Meu pai não esperaria que Roger Mercer agisse de outra maneira e também testemunharia contra Roger se estivesse no lugar dele. Ambos tinham uma lealdade maior. Se o depoimento de Roger tivesse sido em defesa dele, provavelmente os dois seriam presos ou exilados e, nesse caso, quem restaria para dar continuidade à luta?

Eu o encarei.

– Você quer dizer que Roger Mercer também era católico? - sussurrei.

Thomas se curvou ainda mais sobre a mesa.

– Imagino que lhe contar agora não fará mal a ele, mas, por favor, não repita isso para ninguém, eu imploro. Só prejudicaria a família dele.

– Não, é claro que não. Mas, se Roger era católico - ponderei, inclinando a cabeça para acompanhar as informações - e se o seu pai lhe escrevia de Reims, será que ele teria confiado detalhes sobre a

missão inglesa? Será que Roger até mesmo teria desempenhado algum papel?

– Não conheço o conteúdo das cartas deles, senhor - disse Thomas, remexendo-se no assento incômodo. - O Dr. Mercer só me dava as notícias que julgava poderem me afetar diretamente.

– Mas a correspondência deles também não era interceptada pelas autoridades do colégio? Elas não achavam suspeito Mercer continuar a escrever para o homem que ajudara a condenar?

– O Dr. Mercer não mandava as cartas pelo correio do colégio, senhor - respondeu Thomas, já com a voz quase inaudível. - Ele pagava para remetê-las particularmente, por intermédio de uma pessoa da cidade que tinha meios de transportar cartas para o exterior.

– Ah! Um livreiro, talvez?

– Talvez. Não perguntei... isso era assunto dele - disse Thomas, sem se alterar, mas com o olhar evasivo. Em seguida, de repente se inclinou tanto que ficou quase deitado sobre a mesa e segurou minha manga: - Não sou responsável pelo meu pai, senhor, nem por nenhuma comunicação que ele possa ou não ter enviado, como venho tentando dizer a todos no último ano. Só quero viver em paz, sair de Oxford e estudar direito nas escolas da Corte de Justiça, em Londres, mas temo que nunca me permitam fazer carreira como advogado nem desposar uma moça de boa família enquanto eu for visto como filho de Edmund Allen. Ainda mais depois que ele entrar para a ordem dos jesuítas - acrescentou, com uma dose extra de autocomiseração. - É que o Conselho Real tem espiões até nos seminários e não tardará a tomar conhecimento disso. A menos que alguma pessoa influente se manifeste a meu favor.

Thomas me fitou com um olhar suplicante, que retribuí sem ver, pois minha cabeça estava ocupada em outro lugar. Se Edmund ia receber as ordens sagradas em Reims, devia estar ligado de algum modo à missão na Inglaterra. Isso certamente explicaria o fato de os aposentos de Mercer

terem sido revirados. Se as cartas de Allen para ele continham algum assunto dessa natureza, poderiam constituir uma prova suficiente para condenar qualquer pessoa associada a elas. Mas isso ainda não explicava por que Roger tinha sido assassinado. Teria ele ameaçado trair a causa? Teria aborrecido alguém? Será que as cartas entre Roger Mercer e Edmund Allen mencionavam nomes de outras pessoas, dispostas a se proteger a qualquer preço? O "J" do seu calendário, no dia em que foi assassinado, poderia muito bem significar Jenkes, refleti. Qualquer um capaz de decepar as próprias orelhas sem hesitação com certeza não relutaria em eliminar um homem que ameaçasse seus negócios - a não ser que eu estivesse me deixando levar pelas lendas de Cobbett. Havia muitas perguntas, ao passo que todas as respostas possíveis me deixavam frustrado de tão obscuras. Arriei a cabeça sobre as mãos e fitei a mesa.

– O senhor está bem, Dr. Bruno?

– Eu me perguntava se Mercer foi morto por um católico - murmurei, quase sem me dar conta de que havia pensado em voz alta, e só quando já era tarde levantei os olhos e deparei com Thomas a me fitar com uma expressão estranha.

– O Dr. Mercer foi morto por um *cachorro* - lembrou-me ele.

– Ora, vamos, Thomas, você acredita nisso? Quantas vezes viu cães ferozes atacarem homens nas ruas de Oxford, muito menos num jardim trancado?

– Não sei, senhor - disse ele, evitando meu olhar. - Só sei o que o diretor nos disse. Alguém deixou a porta aberta e o cachorro entrou.

Thomas olhou ostensivamente para o caneco vazio, como que na esperança de fazer surgir mais cerveja, se o contemplasse com suficiente intensidade.

– Quer mais bebida, Thomas?

Ele avidamente fez que sim com a cabeça e chamei a moça que nos servia, para que nos trouxesse mais dois canecos. Depois que ela se foi, me inclinei sobre a mesa e esperei que ele me olhasse.



– Era isso que você queria me confidenciar e não podia dizer a mais ninguém, essa notícia sobre seu pai?

Thomas recomeçou a arranhar as tábuas da mesa.

– Naquele primeiro dia, quando pensei que o senhor fosse Sir Philip - respondeu ele, em voz baixa -, o senhor foi gentil, na hora em que o diretor Underhill tentou me envergonhar. Pensei... talvez tenha sido bobagem, mas achei que, se o senhor podia contar com a atenção de homens como Sir Philip, talvez intercedesse por mim.

– O que você quer que eu diga?

Ele respirou fundo e soltou o ar devagar, olhando fixo para as mãos.

– Eu quero sair de Oxford, senhor. Tenho medo. Quando meu pai foi demitido do cargo, fui interrogado duas vezes pelo Tribunal da Reitoria. Não queriam acreditar que eu não tinha nenhum conhecimento da vida secreta dele e o interrogatório foi duro. Não aceitaram uma palavra do que eu disse, continuaram a me pressionar e a insistir nos mesmos pontos, até eu perceber que estava caindo em contradição.

Notei que suas mãos tremiam e a respiração havia acelerado. Obviamente, eram lembranças difíceis para o rapaz.

– Eles recorreram à força?

– Não, senhor. Mas argumentaram como advogados e distorceram todas as respostas que eu dei, até elas parecerem ter o sentido inverso. Fiquei tão confuso e amedrontado que me peguei concordando com afirmações que sabia não serem verdadeiras. É estranho como a pessoa disposta a julgar alguém culpado

é capaz de fazê-lo acreditar na própria culpa, mesmo quando ele sabe que é inocente. Tive medo de condenar a mim mesmo por engano, senhor. Foi uma experiência horrível.

– Posso imaginar - comentei, comovido, recordando o medo que me tomara as entranhas na ocasião em que o abade me dissera que eu

seria interrogado pela Inquisição, muitos anos antes. - E você teme voltar a ser interrogado, se vier a público que seu pai vai se tornar padre jesuíta?

Ele balançou a cabeça e depois me encarou.

- Se antes eles se recusaram a acreditar em mim, não será muito pior quando souberem que meu pai faz parte da missão jesuíta? E se me levarem a Londres para ser interrogado? Ouvi histórias do que fazem por lá para obterem as informações que querem. São capazes de levar a pessoa a dizer qualquer coisa.

Eu me lembrei da conversa com Walsingham no jardim da residência dele e, sem querer, estremeci. O rosto estreito e pontudo de Thomas estava tenso de medo, e a tez, tão pálida que um rendilhado de veias azuis saltava em suas têmporas, como um delta de rio pintado num mapa. Não havia dúvida de que esse era um medo real e vívido.

- As autoridades achariam que você sabe o bastante para que valesse a pena interrogá-lo? - indaguei.

- Eu não sei nada, meu senhor! - protestou ele, com as bochechas novamente inflamadas de emoção. - Mas não sou corajoso... não sei o que seria capaz de dizer, se eles me machucassem!

- Me diga a verdade, Thomas - retruquei em tom firme. - Não posso ajudá-lo se não disser. Você tem medo de trair os segredos do seu pai, e os segredos dos aliados dele, se for ameaçado de tortura?

- Eu jamais quis ter esse conhecimento, senhor - murmurou ele, com a voz embargada, piscando os olhos para prender o choro. - Eu disse isso ao meu pai, mas ele queria que eu o compartilhasse. Estava decidido a me levar para a Igreja Romana, queria que eu fosse com ele para a França, para não ter de escolher entre o filho e a religião. Acho que pensou que, se me fizesse confidências sobre suas reuniões, eu sentiria certa cumplicidade, certa lealdade para com seus amigos. Em vez disso, estou aprisionado por todos esses segredos que nunca pedi que me fossem revelados. Estou sofrendo

por causa de uma religião que nem é a minha! - exclamou, batendo com o punho na mesa.

- Nunca pensou em revelar esses segredos voluntariamente? - arrisquei. - Você deve saber que o conde de Leicester certamente recompensaria qualquer pessoa que pudesse lhe dar informações como as que você tem sobre a resistência católica em Oxford.

Thomas me encarou como se demorasse um pouco para decifrar o significado de minhas palavras.

- É claro que pensei nisso. O senhor já viu a execução de um católico na Inglaterra, Dr. Bruno?

Admiti que não.

- Eu vi. Meu pai me levou a Londres para assistir à morte de Edmund Campion e seus companheiros jesuítas, em dezembro de 1581. Acho que ele queria que eu compreendesse o que estava em jogo. - Thomas passou a mão pela testa e fechou os olhos com força, como se isso pudesse apagar as cenas que havia testemunhado. - Eles foram retalhados feito porcos no matadouro, e seus intestinos foram arrancados dos corpos ainda vivos, enrolados num eixo para serem puxados bem devagar. Ainda era possível ouvi-los clamando por Deus enquanto suas entranhas eram erguidas no alto, para agradar a multidão, e seus corações eram atirados no braseiro. Não suportei ver aquilo, Dr. Bruno, mas olhei para o rosto do meu pai e ele estava em êxtase, como se aquele fosse o espetáculo mais glorioso a que já assistira. Eu, no entanto, não conseguiria entregar ninguém àquele destino. Não quero o sangue de mais ninguém nas minhas mãos, senhor, só quero que me deixem em paz! - exclamou, elevando a voz num agudo frenético e apertando o pulso enfaixado.

- Thomas - comecei, mas me interrompi quando a moça da taberna chegou com novos canecos de cerveja. Depois que ela os deixou na mesa, me inclinei na direção dele e baixei a voz cuidadosamente: - Há outros católicos aqui em Oxford que sabem que seu pai lhe falou

deles? Quero dizer, pessoas que sabem que você não compartilha sua religião e que teriam medo de que as traísse, se fosse interrogado?

Ele desviou imediatamente os olhos.

– Você também tem medo de que essas pessoas tentem silenciá-lo antes que você possa prejudicá-las, como fizeram com Roger Mercer?

– Não posso dizer mais nada, Dr. Bruno - respondeu ele, com a voz trêmula. - Juro que também não lhe convém ter esse conhecimento. Eu só queria perguntar se o senhor encontraria tempo para falar com Sir Philip a meu favor, a fim de pedir a proteção dele e garantir que sou um verdadeiro inglês, fiel à rainha e à Igreja Anglicana.

– Pensei que você tivesse deixado de acreditar em Deus - comentei, com um sorriso.

– O que tem a Igreja a ver com Deus? - rebateu ele, quase retribuindo o sorriso. Em algum lugar além das janelas, um sino distante começou a badalar. Thomas deu um salto, como se o tivessem espetado. - Dr. Bruno, espero que eu não pareça ingrato, mas preciso voltar ao colégio. Gabriel logo retornará das palestras e ainda tenho trabalho a fazer.

Ele me pareceu subitamente ansioso por encerrar a conversa. Talvez não tivesse previsto tantas perguntas em troca do favor que queria. Bebi o resto da minha cerveja e paguei ao taberneiro, com uma pontada de culpa ao ver a inveja indisfarçada com que Thomas me observou tirar moedas da gorda bolsa de Walsingham. Se ele soubesse que eu recebera aquele dinheiro justamente das pessoas cuja atenção temia, e exatamente com o propósito de desencavar segredos como os guardados por seu pai, o respeito que ele tinha por mim desapareceria como as brumas do passado. Fora do denso calor da taberna, a chuva havia recomeçado e um vento frio a fazia bater de lado em nossos rostos. Ao caminharmos em silêncio pela High Street, à sombra dos beirais gotejantes, Thomas apertou mais a beca em volta do corpo, profundamente imerso em seus pensamentos,

enquanto eu tentava estabelecer uma ligação entre o que acabara de saber e as mortes de Mercer e Coverdale. Quase havíamos chegado à esquina da travessa St. Mildred quando me lembrei de outra coisa que queria perguntar a ele:

– Você disse que não tem amigos aqui, Thomas. Nem mesmo a Srta. Sophia Underhill? - indaguei, diminuindo o passo para não chegarmos ao portão do colégio antes de ele ter oportunidade de responder.

O rapaz me olhou com certa surpresa.

– Houve uma época, acho, em que eu a considerava minha amiga. Mas creio que ela pensa que sou como suas bonecas: algo que a divertiu na infância, mas que ela deixou para trás.

– Por causa da desonra do seu pai?

– Não - respondeu Thomas, desviando-se de uma poça que se formara na rua sulcada pelas rodas, com a sola de um dos sapatos se abrindo a cada passo que dava. - Ela perdeu o interesse por mim muito antes disso. Quando minha mãe morreu e meu pai decidiu voltar para Oxford, a pedido do conde, fui alojado com uma família na cidade. O senhor sabe que só o diretor pode morar com mulher e filhos no colégio, pois se espera que os outros professores sejam solteiros. Mas a família do diretor teve pena de mim, e era comum meu pai e eu sermos convidados para jantar à sua mesa. O objetivo era que eu fizesse companhia ao jovem John, o filho que morreu, mas é claro que reparei em Sophia.

Ele deu um suspiro e pareceu se curvar ainda mais, como se a lembrança daqueles tempos fosse um peso sobre seus ombros.

– Depois, John morreu e o pai de Sophia resolveu encurtar a rédea dela. Queria que a filha tivesse um grande casamento, e a mãe deveria prepará-la para isso, apresentando-a à sociedade. Só que a Sra. Underhill adoeceu dos nervos depois da morte de John e Sophia ficou por conta própria, sem outra companhia senão os homens do colégio. Houve algumas governantas, mas elas nunca ficavam muito tempo -

acrescentou, com um riso tristonho. - Não as culpo. Eu não gostaria de tentar ensinar alguma coisa a Sophia contra a vontade dela.

Fiz que sim, lembrando a maneira como a jovem tinha lidado com Adam, o criado cheio de censuras.

- Não mesmo. Mas creio que você ainda se importa com ela, não?

O rapaz me olhou de relance, com a expressão subitamente reservada.

- Que importância tem isso? Agora ela não me quer.

- Ela tem outra pessoa?

O rosto de Thomas assumiu um ar severo e algo semelhante à raiva f piscou em seus olhos.

- O que quer que o senhor tenha ouvido é mentira! Ela é amável por natureza, mas é fácil de enganar... - Parou de repente, a voz carregada de emoção, e por um momento pensei que fosse chorar, mas ele respirou fundo e se recompôs. - Mas, se o senhor quer saber, sim: sempre vou me importar com ela e faria qualquer coisa para protegê-la. *Qualquer coisa.*

Percebendo a ferocidade dessas últimas palavras, parei de repente e virei de frente para ele.

- Protegê-la de quê? Ela está em perigo?

Thomas deu um passo atrás, visivelmente desconcertado com a intensidade da minha expressão.

- Eu não quis dizer... isto é, só quis dizer que, se Sophia precisasse de alguma coisa, ela sabe que sempre poderia contar comigo.

Eu o segurei pelo pulso e ele deu um grito. Eu havia me esquecido de seu machucado. Então o soltei e agarrei sua beca, me aproximando até ficar com o rosto a menos de um palmo do dele.

- Thomas, se você está ciente de qualquer perigo que Sophia possa correr, precisa me contar!

Seus olhos se estreitaram e vi seu queixo ficar tenso. Tornou a dar um passo atrás, dessa vez com mais compostura, e sua voz assumiu um novo distanciamento.

– *Preciso*, Dr. Bruno? O que o senhor lhe ofereceria: sua própria proteção? Ou alguma outra coisa? E, quando o senhor voltar com seu grupo para Londres, daqui a uns dois dias, o que será dela?

– Só quis dizer que você tem o dever de comunicar qualquer perigo às pessoas que possam ajudá-la - respondi, tentando soar indiferente e soltando sua beca, mas sabia que era tarde demais. Eu deixara transparecer minha afeição por Sophia e assumira a condição de rival.

Thomas endireitou a beca, se virou e recomeçou a percorrer a travessa St. Mildred, em direção ao portão fortificado do Colégio Lincoln, com os braços cruzados sobre o tronco magro.

– O senhor não faz ideia do que está falando - acabou dizendo, os olhos voltados para a frente, como se não se dirigisse a mim e apenas pensasse em voz alta. Depois, baixou os olhos, com ar pesaroso, e apertou minha mão entre as suas. - Obrigado por me ouvir, Dr. Bruno. E lamento se falei algo inadequado em certos momentos. Ainda tenho medo de dizer as coisas erradas. O senhor se lembrará do meu pedido, se não for muito incômodo?

– Eu me lembrarei, Thomas. Estou contente por termos conversado.

– Preciso sair de Oxford - disse ele, apertando minha mão com urgência. - Se eu pudesse ir para Londres e começar minha vida por lá... o senhor pode dizer isso a Sir Philip? Uma recomendação dele facilitaria meu caminho, e eu juraria lealdade a ele e ao conde pelo resto da vida.

– Farei o melhor que puder por você - prometi com sinceridade, mesmo continuando a acreditar que ele não me contara tudo o que sabia. - E cuide desse ferimento no seu pulso.

Thomas fez uma ligeira mesura e cruzou às pressas o portão, para cumprir seus deveres.

A chuva continuou a jorrar pelo pátio em intermináveis diagonais, agora com um céu mais escuro do que quando eu me aventurara a sair pela primeira vez. Olhei de relance para a janelinha no alto da torre e tive um calafrio ao pensar no corpo de Coverdale, empapado de sangue e ainda pendurado no castiçal preso à parede, com as flechas se projetando ironicamente do peito e do ventre. Certa vez, visitei a basílica de San Sebastiano Fuori le Mura, em Roma, em cujas catacumbas estão sepultados os restos mortais do santo. Na ocasião, o grande ícone do lugar - com sua expressão de agonia devota e as flechas se projetando do corpo, feito espinhos num porco-espinho - me parecera exagerado e irreal em seu tormento, como a pintura vulgar de uma cena teatral, e me dei conta de ter tido a mesma reação ao ver o cadáver de James Coverdale. O quadro macabro quase me parecera uma brincadeira de mau gosto. Eu mal havia conseguido acreditar que o homem estivesse morto, até ver o grande ferimento em sua garganta. Quando tornei a levantar a sobreveste para cobrir o rosto e atravessar o pátio sob a chuva, de repente me lembrei de uma frase da citação de Foxe feita pelo diretor: "*Seus próprios soldados o alvejaram.*" Sebastião, capitão da guarda pretoriana, tinha sido executado por seus próprios homens, por ordem do imperador Diocleciano. Teria o assassino guardado na mente esse detalhe? Será que Coverdale também fora morto por alguém que supostamente estaria do seu lado? E qual lado seria, nesse lugar de lealdades confusas?

Eu mal tinha pisado no pátio, depois de passar pelo portão, quando vi o diretor emergir da arcada em frente, seguido de perto por Slythurst. Os dois tinham o capuz da toga levantado e puxado em volta do rosto e caminhavam apressados na minha direção. Ao me avistar, Underhill fez sinal para que eu fosse ao seu encontro com urgência. Sob a proteção do portão fortificado, ele chegou mais perto, fora do alcance dos ouvidos de um grupinho de estudantes que se refugiava da chuva.



– Você viu minha filha hoje de manhã, não viu, Bruno, na guarita do porteiro? - perguntou o diretor.

– Vi, ela estava esperando a mãe para sair - respondi, notando seu tom urgente.

– Você a viu sair?

– Não. Mestre Slythurst chegou com aquela notícia terrível e saí para buscar o senhor.

– Nesse caso, ela deve... - Underhill balançou a cabeça, com uma expressão de vaga confusão. - Não faz mal. Sophia sempre foi rebelde. Ela vai voltar.

– O que aconteceu? - perguntei.

– Quando minha mulher chegou ao portão, Sophia já não estava lá - respondeu, correndo os olhos pelo pátio, como que na esperança de vê-la aparecer a qualquer momento. - Margaret achou que ela devia ter ido na frente para a casa de sua conhecida e, assim, ela se dirigiu para lá, mas, ao chegar, ninguém vira sinal de minha filha. Margaret está preocupada, como costuma ficar, mas tendo a crer que Sophia tenha resolvido sair para dar um passeio, sem dizer nada a ninguém... Ela se queixa com frequência de ficar confinada aqui. Acha que devia ter a liberdade de sair perambulando pelas estradas e campos fora da cidade durante a maior parte do dia, como costumava fazer com o irmão. Bem, naquela época era diferente. Ela vai aprender a se portar da maneira apropriada para uma jovem dama, mesmo que contra a sua vontade.

Seu rosto ganhou uma expressão triste por um momento. Em seguida, ele tornou a olhar em volta, aflito, como se esperasse que os eventos do dia pudessem desaparecer por conta própria.

– Ela certamente não escolheria um dia como este para dar um passeio, não acha? - observei, apontando para o céu inclemente e procurando manter a voz calma.

Na noite anterior, a própria Sophia me dissera acreditar que corria perigo, e Thomas Allen tinha acabado de deixar implícito algo

semelhante. E agora ela havia desaparecido. Torci intensamente para que o diretor tivesse razão, mas intuí que ele contara essa história apenas para convencer a si mesmo, porque não podia lidar com mais nenhuma preocupação além do assassinato de Coverdale e de tudo o que isso representava para o colégio.

– Sim, sim, tenho certeza de que ela voltará para o almoço, quando menos esperarmos - disse Underhill, agitando uma das mãos. - Agora, Mestre Slythurst levará minha carta ao oficial de inquirição e preciso preparar o que vou dizer à comunidade no refeitório. Está quase na hora.

Olhou para mim e deu um suspiro. Parecia ter envelhecido 10 anos em uma hora.

– Estarei no meu gabinete, Dr. Bruno. Conversaremos mais tarde. Peço que o senhor esteja presente no refeitório ao meio-dia, para o almoço, quando anunciarei a tragédia ao colégio. Seria prudente o senhor saber exatamente o que vou falar à comunidade acadêmica, para não dizer nada além disso. Eu gostaria de limitar os boatos tanto quanto possível.

Fiz uma reverência, registrando sua observação.

– Também seria prudente, senhor diretor, não deixar ninguém mais saber que o senhor pediu que eu investigasse esse incidente - disse eu, em voz baixa. - Talvez haja pessoas que prefeririam ocultar informações, se achassem que eu as estou investigando em seu benefício.

– Entendo. Vá aonde quiser, Dr. Bruno, pois não mencionarei seu envolvimento. Mas descubra quem fez isso... essas coisas - corrigiu-se -, e qualquer recompensa que o colégio possa lhe oferecer será sua, é só pedir. Desde que eu ainda esteja no cargo para concedê-la - acrescentou, desanimado, antes de me dar as costas e voltar para seus aposentos.

## Capítulo 13

O sino que convocava o colégio para o almoço ao meio-dia continuou a badalar muito depois de professores e alunos terem entrado no grande refeitório, marcando o tempo por sobre o burburinho de conversas urgentes e sussurradas que deixavam transparecer a tensão no ar, crepitante e elétrica como a que antecede a tempestade. Do lado de fora, a chuva martelava as vidraças com tal força que tínhamos de elevar a voz para "sermos ouvidos até pelos vizinhos mais próximos.

Fiquei desconcertado ao constatar que haviam reservado um lugar para mim na mesa dos principais docentes. Sentado entre Godwyn e Slythurst, que não fez o menor esforço para disfarçar seu desagrado com minha presença entre seus colegas, não pude evitar me lembrar de que o lugar ocupado por mim certamente devia ter pertencido a um dos dois homens mortos.

A mesa dos professores ficava sobre um tablado baixo que me dava uma visão privilegiada do restante do refeitório. Era um belo aposento, de paredes caiadas cobertas por tapeçarias no estilo francês do século XV, peças certamente caras, se bem que já um pouco desbotadas pelo tempo. O salão era dominado pela lareira aberta que havia no centro do piso, sob uma chaminé octogonal em forma de lanternim, instalada no alto telhado de madeira e vigas enegrecidas pela fuligem, para deixar escapar a fumaça. Em torno da lareira havia uma tábua de madeira larga o bastante para diversas pessoas se sentarem e se aquecerem. De cada lado dessa estrutura ficava uma longa mesa abaixo das janelas, onde os alunos da graduação e os docentes mais jovens lotavam os bancos, lançando olhares frequentes para o tablado e trocando cochichos sobre o rosto tenso do diretor e o segundo lugar vazio na mesa dos professores.

Um rapazinho magrelo, de cabelo ruivo em desalinho e vestindo uma beca vários números maior do que o dele, se postou no púlpito situado ao

lado da mesa dos professores e, com voz surpreendentemente sonora para sua estrutura franzina, se preparou para fazer a oração de graças. Eu o reconheci como o garoto que vi na véspera limpando os materiais necessários às matinas na capela. O dobre solene do sino se calou no exato momento em que ele abriu a boca.

- *Benignissime Pater, qui providentia tua regis* - começou ele, enquanto o diretor curvava respeitosamente a cabeça, acompanhado pelos docentes mais antigos. Por sob as pálpebras abaixadas, notei que a maioria dos alunos da graduação continuava a observar a mesa dos professores com uma mescla de curiosidade e apreensão. - *Liberalitate pascis et benedictione conservas omnia quae creaveris* - entoou o rapaz, e, um pouco mais aliviado, notei que Gabriel Norris estava sentado à cabeceira de uma das mesas compridas, junto a um grupo de rapazes em trajes cujo corte e qualidade os distinguiam dos outros estudantes. Eu não tinha levado a sério a sugestão de Slythurst de que os instrumentos do assassinato apontavam Norris como o criminoso - ao contrário, me parecia que o uso de seu arco indicava sua inocência -, porém, agora, pelo menos, eu teria a chance de falar com ele depois do almoço. Norris continuou a olhar fixo para a frente, como se a atitude respeitosa de curvar a cabeça em oração ficasse abaixo de sua dignidade, e então me ocorreu que havia algo estranho em sua aparência, embora eu não conseguisse precisar o quê. No lado oposto dessa mesa avistei Thomas Allen, com a cabeça tão curvada que o nariz quase encostava na mesa, e as mãos cruzadas com tanta força à frente do rosto que os nós de seus dedos estavam completamente brancos.

- *Per Christum Dominum nostrum, Amen* - concluiu o garoto ruivo, e um murmúrio de "amém" se elevou das mesas em resposta. O diretor se levantou pesadamente e um silêncio desconfiado desceu sobre o refeitório.

- Senhores - começou Underhill, a voz sem a grandiloquência que ele costumava empregar. - Na vida de todo cristão, há momentos em que Deus, em Sua divina e infinita sabedoria, julga por bem testar

nossa pobre fé com situações difíceis e tristezas. O mesmo acontece com a vida da nossa pequena comunidade cristã. Nesses últimos dias, Ele escolheu nos mandar provações dolorosas a fim de melhor ancorarmos nossa fé em Sua Providência. - Respirou fundo e cruzou as mãos à frente, numa postura de humildade. - É com tristeza que lhes informo, senhores, tão pouco tempo depois do terrível acidente que tirou a vida de nosso querido subdiretor, o Dr. Mercer, que uma segunda tragédia ocorreu em nossa pobre sociedade. O Dr. James Coverdale foi mortalmente ferido, ao que parece defendendo o cofre-forte do colégio de ladrões violentos.

Underhill baixou a cabeça. Houve uma breve pausa antes que um rufar de especulações murmuradas irrompesse no silêncio. Em vez de tentar calá-lo, o diretor esperou que passasse a primeira onda de choque e incredulidade e então ergueu uma das mãos, que manteve levantada até o murmúrio cessar.

– Alguma aposta sobre quem terá coragem de ser o próximo subdiretor? - cochichou Norris para um amigo, alto o bastante para que sua voz fosse transportada pelo ar e uma onda de risadas tensas se espalhasse pelas mesas dos estudantes. O diretor pigarreou com ar severo.

– Se alguém viu alguma coisa no fim de semana que possa ter relação com esse ato horrendo, ou que possa levar à prisão desses criminosos perversos, pode ir à minha residência me informar - anunciou.

Norris se virou para o diretor e levantou a mão:

– Diretor Underhill, podemos saber quanto foi levado do cofre-forte? Os jovens bem-vestidos com quem ele se sentava fizeram acenos urgentes com a cabeça, e eu me perguntei se os ricos plebeus pagantes também guardariam ali seus valores privados, trancados a sete chaves. O diretor hesitou por um momento.

- Hum... bem... Pelo que sabemos, parece que nada foi realmente levado. É possível que a briga com o Dr. Coverdale tenha assustado os ladrões e eles tenham fugido.
- Então, foi um tipo estranho de roubo - observou Norris, pesando cuidadosamente as palavras. - Tirar a vida de um homem por nada.
- É verdade, é verdade - concordou o diretor, em tom solene. - Uma perda terrível.

A refeição transcorreu praticamente em silêncio entre os que sentávamos à mesa dos docentes, embora não faltassem hipóteses febris transmitidas entre os homens mais jovens sentados abaixo de nós. À minha direita, o professor Godwyn manteve os olhos fixos no prato e quase não disse nada, mas notei que, quando ergueu o caneco para beber, sua mão tremia como a de quem sofre de paralisia. A minha esquerda, Slythurst baixava a faca entre uma garfada e outra para tecer comentários sobre a segurança precária que, a seu ver, tinha levado à morte de seus colegas, como se não soubesse muito bem que, em ambos os casos, o assassino tivera acesso aos locais com uma chave.

- O colégio deveria ter um vigia adequado no portão - disse em voz alta, enquanto mastigava um pedaço de pão. - Cobbett está muito velho e bebe demais para ter qualquer serventia... Ora, uma companhia inteira de milicianos armados poderia passar por sua janela sem que ele notasse. Precisamos de um cão de guarda apropriado, treinado para deter intrusos, não daquela vira-lata velha dele. E o portão principal deveria ficar permanentemente trancado, de modo que só entrassem os que tivessem chave.
- Walter, acredito que um cão feroz provavelmente não é o que o colégio necessita neste momento - disse Godwyn, com ar cansado, levantando a cabeça por um instante. - E somos uma comunidade de estudiosos, não um presídio. Não podemos trancar o mundo do lado de fora nem nossos jovens aqui dentro. Além disso, pense na despesa de fornecer chaves do portão principal a todos os estudantes -

completou. Então balançou a cabeça e pareceu se recolher de novo a seus pensamentos.

– Mestre Slythurst, como tesoureiro, o senhor deve ser frequentemente encarregado de mandar fazer novas chaves para as diversas fechaduras do colégio - comentei em tom afável, tentando cortar uma fatia de carne de cordeiro cozida.

Slythurst me lançou um olhar de esguelha furioso, como que para me informar que estava ciente do que eu queria insinuar. No entanto, aos ouvidos dos outros docentes, disse apenas:

– É verdade. É uma despesa considerável, pois as pessoas vivem perdendo ou quebrando as chaves.

– E esse dever oneroso cabe sempre ao senhor, ou às vezes encarrega outros da tarefa de visitar o serralheiro? - prossegui, no mesmo tom inocente.

– É um dever que eu mesmo cumpro - respondeu ele, já com a voz mais tensa. - No que diz respeito à segurança do colégio, o cuidado nunca é demais.

– E às vezes, quem sabe, deve ser necessário fazer cópias extras das chaves de algumas portas, para tê-las à mão em caso de perdas futuras - sugeri, estendendo a mão para o jarro de cerveja.

Slythurst empurrou a cadeira para trás e se levantou abruptamente.

– Se há algo que o senhor pretende me perguntar, Dr. Bruno - disse entre dentes -, tenha a bondade de falar com franqueza. Porém ao menos demonstre o mínimo de discrição, ou será que acredita que agora se tornou nosso inquisidor?

O homem se virou para a esquerda, abarcando o diretor com seu olhar furioso, depois passou raspando pelas costas da minha cadeira e, sem olhar para trás, se retirou do refeitório com ar majestosamente ofendido, a toga esvoaçando em sua esteira. O burburinho nas mesas inferiores cessou enquanto olhares intrigados acompanhavam o progresso de

Slythurst até a porta, até uma nova onda de conversas em voz baixa se deslocar por entre elas.

- Que bicho o mordeu? - perguntou Richard Godwyn, levantando os olhos do prato à partida brusca de Slythurst.
- Talvez ele esteja angustiado com a notícia trágica - sugeri.

Godwyn piscou os olhos.

- Quem sabe? Os homens são mais difíceis de interpretar do que os livros. Talvez Walter esteja atormentado pelo remorso.
- Remorso? - repeti, mantendo a concentração em meu prato, para não deixar transparecer meu interesse.
- Ele e James se detestavam - confidenciou Godwyn em voz baixa. - Portanto, agora que James teve uma morte tão terrível, talvez Walter se arrependa do que disse e que nunca poderá remediar.
- Por que eles se odiavam?

Godwyn deu um suspiro e balançou a cabeça, tristonho.

- Eu nunca soube. Tenho a impressão de que cada um sabia de algo prejudicial sobre o outro e que, de algum modo, os dois estavam ligados em segredo, a contragosto. Mas, é claro, é sempre perigoso fazer esse tipo de pacto com o inimigo.
- Poderia ser alguma coisa ligada aos arrendamentos de terras? - perguntei, recordando de repente a conversa interrompida no jantar do diretor, na minha primeira noite, quando Coverdale havia insinuado que o tesoureiro estava envolvido nas negociações de Underhill com Leicester para abrir mão de receitas valiosas. - Será que o Dr. Coverdale sabia de algum esquema corrupto dessa natureza?

Godwyn apenas dirigiu a mim, lentamente, seus olhos grandes e tristes.

- Imagino que seja possível. Sei que James julgava ter motivos para desconfiar de Walter... o bastante para tentar convencer o diretor de



que ele não deveria continuar no cargo.

– Coverdale tentou se livrar de Slythurst? - sussurrei, me inclinando para o mais longe possível do diretor.

– Ele disse ao diretor que não achava Walter digno de confiança. Só sei disso porque Underhill veio perguntar minha opinião sobre ele. Eu disse nunca haver encontrado o menor calor humano no homem, mas que não tinha razão para crer que ele estivesse faltando com seus deveres.

– E era essa a suspeita de Coverdale, que o capital do colégio não deveria ser confiado a Slythurst?

– Presumo que sim - respondeu Godwyn, com ar inocente. - Não consigo imaginar o que mais poderia ser.

– Algo a ver com a religião dele, talvez?

Nesse momento, Godwyn pôs a mão no meu braço em sinal de advertência.

– Há certas perguntas que é melhor calar, Dr. Bruno. Não tenho razão para crer que Walter Slythurst seja outra coisa senão leal à Igreja Anglicana. Mas, de qualquer modo, agora ele está a salvo... os mortos levam consigo os seus segredos - ponderou. Levantou a cabeça para a janela por um momento, depois se virou para mim, pousou a faca e baixou ainda mais a voz: - Mas essa história de ladrões no cofre-forte... me deixa bastante inquieto.

– O senhor não acredita?

– Com qualquer outra pessoa, seria possível acreditar, mas com James, sabe... Não quero falar mal de um colega falecido, mas qualquer um que o tenha conhecido diria que ele era o mais terrível dos covardes. Seria o último homem na face da Terra a tomar para si a tarefa de enfrentar sozinho ladrões armados. É por isso que a coisa parece muito... estranha.

– Qual é sua explicação? - indaguei, inclinando mais a cabeça na direção dele.

– Não sei - respondeu Godwyn, cauteloso. - Mas são dois mortos entre nós, em apenas dois dias. É o bastante para provocar medo.

Eu já ia indagar a quem ele se referia como "nós" quando William Bernard se inclinou pela direita de Godwyn e cravou em mim seus olhos lacrimosos.

– O senhor faz muitas perguntas, Dr. Bruno.

– Duas tragédias em dois dias, Dr. Bernard. Essas coincidências provocam muitas perguntas, o senhor não concorda?

– E óbvio. Deus está castigando o colégio por sua deslealdade quanto à religião. Ele não aceita ser alvo de zombaria - respondeu Bernard, num tom que não admitia argumentação.

– O senhor quer dizer que o Dr. Coverdale precisava ser punido?

Os olhos de Bernard se iluminaram de raiva.

– Não estou afirmando nada disso, feiticeiro. Apenas que todos estamos sofrendo a ira divina por nossa desobediência. Deus está derramando Seu julgamento sobre nós, e quem sabe onde Sua justiça irá recair da próxima vez?

– Onde o *senhor* prevê que ela recaia, Dr. Bernard? - indaguei, me aproximando dele.

– Chega de perguntas! - exclamou Bernard, batendo o punho ossudo na mesa com tanta força que a cerveja entornou pela borda de seu copo.

– William - disse Godwyn, em tom apaziguador, pondo a mão sobre a de Bernard, que empurrou a mão dele com raiva e se recolheu a um silêncio fervilhante de ódio.

Underhill se inclinou para a frente, à minha esquerda, a testa franzida.

– A discrição é tudo, Bruno - disse ele. Seu olhar ansioso se fixou na conversa animada dos mais jovens nas mesas inferiores. - Fale com eles longe dos estudantes. Não vamos oferecer aos alunos mais motivos para intrigas. O pior disso tudo precisa ser contido pelo maior prazo possível.

Fez então um aceno com a mão para a direita e, mais uma vez, o menino ruivo subiu ao púlpito para ler uma passagem do grande exemplar da Bíblia dos Bispos preso à estante por uma corrente de metal. A lição era de Ezequiel, porém a declamação do garoto pouco fez para diminuir a conversa entre os estudantes. Embora eu não pudesse discernir as discussões individuais, pelo tom de voz e o brilho nos olhos deles, ficou claro que uma segunda morte violenta provocara mais agitação do que medo.

Terminada a refeição, enquanto os alunos começavam a sair enfileirados, quebrei todas as regras de etiqueta, me levantei de um salto e fui forçando a passagem para alcançar Gabriel Norris, que estava dizendo a Thomas Allen para esperá-lo do lado de fora. Norris havia acabado de cruzar a porta do refeitório quando estiquei o braço e lhe dei um tapa entre as omoplatas. Ele soltou um grito agudo de dor - muito exagerado,

pensei, já que eu só o havia atingido com a palma da mão - e, quando se virou, percebi que trincava os dentes com força, como que para reprimir outra exclamação. Pus a mão em seu braço.

– Gabriel, me desculpe, não tive intenção de assustá-lo.

– Dr. Bruno! - disse ele, soltando o ar com uma calma forçada, antes de desvencilhar o braço e alisar meticulosamente a seda de sua manga, para o caso de eu ter deixado nela alguma marca. - Imagino o que o senhor deve estar pensando do nosso colégio... Ele está virando uma verdadeira capela mortuária, não é? Pelo menos o senhor e eu não podemos nos responsabilizar por não ter salvado essa vida, certo? Tiraram o meu arco, então eu não poderia tornar a bancar o herói. E que tempo! - acrescentou, com a mesma entonação, como se a chuva e o assassinato de Coverdale fossem exemplos similares de incômodos cotidianos. Foi então que me dei conta do que lhe atribuía um ar diferente: parecia estar deixando a barba crescer. Pelo menos, seu belo rosto exibia os fios espetados de uns dois dias. Embora ele fosse louro, a barba era mais escura e logo estaria espessa e cheia.

– Está deixando a barba crescer, Sr. Norris? - observei.

– Bem, não é de propósito - retrucou ele, irritado, passando a mão nos pelos que cresciam no queixo -, mas faz dois dias que não consigo encontrar minha navalha e me recuso a confiar novamente meu queixo ao barbeiro do colégio. Ele tem a delicadeza de quem decepa membros no campo de batalha, onde, aliás, creio que aprendeu seu ofício. Mas eu deixei que ele me barbeasse uma vez e por pouco não saí sem o nariz. O que me diz, Dr. Bruno: acha que a barba me cairá bem? Ela fica muito bem no senhor, mas a sua tez é morena...

– Que azar o seu ter perdido a navalha, Sr. Norris, logo depois de mandar Thomas afiá-la - disse eu em tom sereno, interrompendo sua conversa fiada. Imediatamente, senti que ele ficou tenso a meu lado.

Quando falou, a voz saiu mais ríspida, como se houvesse abandonado seu ar afetado.

– *Como é?* Agora isso é crime? E o que o senhor tem a ver com isso?

Deu um passo na minha direção, ficando com o rosto quase colado ao meu, e havia uma ameaça contida em sua voz.

– Calma, Sr. Norris. Só estou indagando, a pedido do diretor, quem teria armas no colégio.

– Navalha não é arma - rebateu ele com desdém, depois ficou me olhando, até surgir em seu rosto um súbito lampejo de compreensão. Ele soltou minha roupa, ainda me encarando, mas agora como se olhasse para além de mim, como se uma explicação que só ele era capaz de ver estivesse escrita na parede acima do meu ombro. - O senhor quer dizer que Coverdale foi morto com uma arma desse tipo?

Como não respondi, ele acenou com a cabeça, o rosto subitamente severo.

– Entendo. E o senhor andou fazendo perguntas ao Thomas sobre a minha navalha - disse ele, estreitando os olhos. - Bem, nesse caso, preciso falar com ele. Você poderá me encontrar no meu quarto mais tarde, Bruno. Agora não tenho tempo a perder.

O rapaz me dispensou com um aceno breve da cabeça, antes de baixá-la para cruzar o pátio sob a chuva. Eu já ia segui-lo quando senti alguém segurando minha manga, então me virei, impaciente, e deparei com Lawrence Weston atrás de mim, com um brilho ansioso no olhar. A seu lado estava o garoto ruivo que tinha lido o sermão no almoço.

– Eu disse que o encontraria para o senhor, Dr. Bruno, e encontrei - disse Weston, em tom triunfante. - Foi o Ned, o leitor da Bíblia - acrescentou, cutucando o garoto magrelo com o cotovelo para ele dar um passo à frente. Olhei para os dois sem entender.

– Foi ele o quê?

– O Ned - repetiu Weston, impaciente. - Foi ele que levou a mensagem ao Dr. Coverdale durante o debate. O senhor me prometeu um xelim - acrescentou, em tom de acusação, como se eu estivesse tentando tapeá-lo.

– Prometi - retruquei, procurando a bolsa em meu cinto. O rosto sardento de Ned ficou tenso de indignação.

– Por que deveria ganhar um xelim, Weston - protestou o garoto ruivo -, se você não sabe nada da história?

– Você também receberá um xelim - disse eu, para acalmá-lo, desejando ter aprendido mais sobre o valor dessas moedas inglesas antes de começar a distribuí-las com tanta liberdade. Fiquei com a sensação de haver estipulado um valor alto demais. - Bem, e então? Quem lhe pediu que levasse o recado ao Dr. Coverdale, na tarde de sábado, para tirá-lo mais cedo do debate?

Percebi que, na minha expectativa, eu havia agarrado o garoto pelos ombros e estava quase sacudindo-o. Ele me fitou com uma expressão intrigada.

– Bem, foi *ele*, meu senhor. Quero dizer, o Dr. Coverdale.

– Como assim? Isso não faz sentido.

Ned deu de ombros.

- E só o que eu sei, senhor. Antes de sairmos do colégio, no anoitecer de sábado, ele me imprensou num canto e me deu uma moedinha de quatro *pennies* para que eu o chamasse na metade do debate, a pretexto de lhe levar um recado urgente. Ele não é tão generoso quanto o senhor, quero dizer, não *era*.
- Ele disse por quê?

Ned fez que não com a cabeça.

- Só disse que tinha de voltar cedo para o colégio, mas precisava de uma desculpa para sair.
- Ele não comentou se ia se encontrar com alguém?

O garoto se debateu com impaciência entre minhas mãos.

- Não, senhor, ele não disse mais nada. Peguei minha moeda e fiz o que ele me pediu, e era só isso que eu sabia até agora há pouco.

De repente, seus olhos se arregalaram com a dramaticidade do acontecimento.

- O senhor acha que foi naquela hora que o pegaram, quando ele voltou cedo para o colégio?
- Não viu se ele se encontrou com alguém fora da Escola de Teologia, depois de você lhe dar o recado? Um homem sem orelhas, talvez?
- Não, senhor, mas sei quem é o homem de quem está falando - respondeu Ned, o rosto sardento se iluminando como se ele tivesse respondido a uma pergunta difícil numa prova. - Quem se encontrou com ele do lado de fora da Escola de Teologia foi Mestre Godwyn, não o Dr. Coverdale.
- Godwyn? - repeti, sem compreender.
- Sim, eu o vi se encontrar com o homem a que o senhor se refere, o livreiro Jenkes, do lado de fora da Escola de Teologia, enquanto esperava para dar o falso recado ao Dr. Coverdale. Mas depois eu segui o Dr. Coverdale por todo o caminho de volta para o colégio.

Pensei em aproveitar a oportunidade para também sair mais cedo... sem querer ofendê-lo, senhor - acrescentou, com um ar repentino de culpa. Balancei rapidamente a cabeça.

– Não perdeu nada, eu lhe asseguro. Mas você viu Coverdale ir direto para o quarto?

– Sim, senhor. Quer dizer, eu o vi entrar na escada.

– E não viu mais nada de incomum? Ninguém de fora no colégio?

– Não, senhor. Só...

– O quê? - perguntei, elevando mais a voz, enquanto o sacudia com urgência.

– Bem... meu quarto fica acima da biblioteca, já que eu tenho deveres a cumprir lá e na capela. E assim que pago meus estudos, senhor - explicou, meio sem jeito. - Bem, quando ia subindo a escada para o meu quarto, ouvi vozes atrás da porta.

– Da biblioteca? Vozes de quem?

– Não sei, mas ouvi um homem falando alto, como se estivesse aborrecido.

Só que não consegui discernir as palavras. Passei de mansinho pelo patamar, subindo para o sótão no maior silêncio possível, mas eles devem ter ouvido meus passos na escada, porque se calaram por um instante. Então, quando ouvi a porta da biblioteca se fechar, alguns minutos depois, tentei olhar da minha janela para o quadrilátero, para ver quem era e poder dar a informação ao mestre Godwyn.

– Poderia ter sido o próprio mestre Godwyn, voltando mais cedo? - perguntei.

– Não sei. Os dois estavam de capa e com o capuz levantado, por isso não deu para eu saber.

Ned encolheu os ombros, como se aquilo não tivesse grande interesse.

– Obrigado, Ned.

Decepcionado, soltei seus ombros e tornei a vasculhar a bolsa à procura de outro xelim. Da próxima vez que precisasse de informações, pensei, eu



me lembraria de oferecer uma moeda de quatro *pennies*. Ned agarrou o xelim, satisfeito, e sorriu. Enquanto fechava o punho em volta da moeda, vislumbrei Slythurst do outro lado do pátio, saindo da escada que levava à biblioteca e à capela. Ele me lançou um olhar de puro ódio e se apressou a atravessar o temporal em direção à residência do diretor. Então, Godwyn também saíra cedo do debate, para se encontrar com Jenkes. Seria possível que tivessem voltado juntos para o colégio, à procura de Coverdale? Ou será que tinham outros assuntos na biblioteca, talvez envolvendo os livros ilegais?

As pessoas continuaram a se comprimir e se acotovelar à nossa volta, espiando o pátio e tentando decidir se deviam ou não esperar que a chuva diminuísse. Eu me preparei e disparei pelo quadrilátero sob o aguaceiro, contornando a aglomeração de alunos que se dispersava. Embaixo da arcada da torre, um grupinho se reunira para observar com interesse a chegada de três homens de capa comprida e chapéu de três pontas, que sacudiam a água dos ombros. Um deles segurava um bastão de aparência oficial e punho de metal entalhado, e presumi que aqueles deviam ser os oficiais da guarda e o oficial de inquirição, que haviam chegado para buscar o corpo. O diretor Underhill se postava ao lado deles, torcendo as mãos, agitado, enquanto Slythurst procurava manter os estudantes a distância. Perguntei a mim mesmo se o diretor falaria com o oficial de inquirição sobre o martírio de São Sebastião ou se o deixaria tirar suas conclusões sozinho.

– *Dio buono, amico mio*, que dia! - exclamou uma voz atrás de mim. Eu me virei e vi John Florio, apertando a capa em volta dos ombros, como quem se preparasse para enfrentar o mau tempo. - Aposto que o senhor nunca viu chuva assim em Nápoles, não é?

– Nem Noé viu uma chuva igual a esta - retruquei em tom sóbrio, olhando de relance para o céu.

– O senhor vai sair? - perguntou ele, segurando meu braço e me fitando com um olhar de curiosa expectativa, quando o segui pelo portão e entrei na travessa St. Mildred. - Talvez possamos caminhar

juntos - continuou Florio, ansioso, sem esperar resposta. - Estou indo à rua Catte, para indagar sobre uns livros franceses que encomendei de um livreiro de lá. Ficarei feliz por me afastar do colégio, nem que seja por uma hora, apesar do mau tempo. Esse crime pavoroso deixou todos nós muito abalados. Por que não vem comigo? Creio que a loja dele interessaria ao senhor... O verdadeiro negócio desse homem é a encadernação de livros, mas ele tem bons contatos com tipógrafos da França e dos Países Baixos, e é sempre possível encontrar livros importados interessantes, textos obscuros que não se encontrariam em outros lugares, se a pessoa conseguir tolerar o sujeito propriamente dito.

Saímos andando no mesmo ritmo pelas ruas imundas, Florio fazendo especulações desvairadas em italiano sobre o ataque a Coverdale, gesticulando muito ao falar, e eu assentindo com a cabeça e murmurando minha concordância, nas poucas pausas que ele fazia para respirar. Na esquina da rua St. John com a Catte, de repente ouvi gritos e uma sucessão de gargalhadas grosseiras que vinham do outro lado da rua. Nós dois nos viramos e vimos um bando de garotos aprendizes junto ao portão conhecido como Smythgate, trocando empurrões e apontando em nossa direção, radiantes e gritando insultos. Florio me puxou pelo cotovelo para longe deles, enquanto os moleques gritavam:

- Saiam da Inglaterra, seus papistas filhos da puta!
- Ignore-os - murmurou Florio, apertando o passo quando um dos meninos se abaixou para pegar e atirar uma pedra, enquanto outro cuspiu na nossa direção. Os garotos nos seguiram por alguns passos, porém não tiveram coragem de fazer mais do que gritar e acabaram se cansando de suas provocações.
- Eles não têm grande amor pelos estrangeiros aqui - comentei, ao nos protegermos, agradecidos, sob o abrigo precário das sacadas do segundo andar das casas da rua Catte. Florio me lançou um olhar pesaroso e disse:
  - É um pretexto para criar confusão. Para os ignorantes, todos os estrangeiros são católicos que querem trucidá-los em suas camas. Convivo com isso o tempo todo, e eu nasci aqui. Esqueça, *amico mio*. Olhe, estamos quase chegando.
  - Como é o nome desse livreiro? - perguntei, embora já adivinhasse.
  - Rowland Jenkes - disse Florio, com uma espiada para trás, já que não havia espaço para andarmos lado a lado e continuarmos a contar com a escassa trégua da chuva oferecida pelos beirais. - O senhor não demorará a ouvir falar dele, tenho certeza. Ele é bastante insultado na cidade. É chamado de feiticeiro, mas o senhor sabe como as pessoas são fofoqueiras. A questão é que Jenkes encontra livros que o indivíduo não conseguiria obter sem viajar à França, e isso tem um valor especial para mim. Há quem se recuse a pôr os pés na loja dele e espalhe boatos maldosos sobre qualquer docente universitário que faça isso, mas procuro tapar os ouvidos para essas coisas. Já tenho problemas suficientes por aqui, como o senhor viu, na condição de *inglese italianato*. Aqui estamos - concluiu, apontando para a loja baixa em que eu vira William Bernard e Jenkes entrarem na véspera. Dessa vez as persianas estavam abertas, mas as janelas não pareciam menos obscuras e ameaçadoras.

Florio hesitou e, em seguida, pôs uma das mãos no meu braço.

– Por favor, me perdoe, mas, antes de entrarmos, preciso lhe perguntar, Dr. Bruno, se o senhor leu meu bilhete - sussurrou, com os olhos brilhando de urgência e apreensão.

Eu o encarei, perplexo.

– Seu bilhete?

– Sim. Eu lhe deixei um bilhete. Não o recebeu?

– Bem... sim, mas não havia me dado conta de que tinha vindo do senhor - respondi, ainda o fitando com incredulidade.

Afinal, se a carta misteriosa tinha vindo de Florio, isso só podia significar que ele dispunha de informações essenciais sobre os assassinatos. Então, por que não disse o que sabia a alguma autoridade? Nesse momento, me lembrei do que Thomas Allen dissera sobre os rumores a respeito de um espião do governo no colégio. Florio, com seu conhecimento de línguas estrangeiras e seus contatos de ascendência ilustre, seria exatamente o tipo de homem que Walsingham poderia utilizar. Talvez, portanto, ele temesse revelar seu disfarce e houvesse esperado até poder estabelecer contato com Sidney e comigo. Continuei a encará-lo, à espera de mais algum esclarecimento. Ele pareceu ligeiramente perplexo.

– Ah. Pensei que estaria claro, por razões óbvias. Sinto muito por qualquer confusão.

– Mas, Florio - disse eu, segurando-o pelo braço e puxando-o para mais perto. A água das vigas de madeira acima de nós descia em cascatas sobre o chão encharcado, e precisei elevar a voz para me fazer ouvir -, por que você não foi falar sobre isso comigo pessoalmente?

Ele baixou os olhos, como que envergonhado.

– E um assunto delicado, Dr. Bruno. Achei melhor abordá-lo de maneira mais formal. Nessas coisas, é preciso respeitar a etiqueta.

– Dane-se a etiqueta, Florio! Dois homens morreram, e pode ser que haja outras mortes!

De início ele pareceu assustado, mas sua expressão logo se transformou em pavor.

– Mas, Bruno... você acha que haverá mais mortes? O que o leva a dizer isso?

– Não há meio de sabermos, até descobirmos o que liga essas duas vítimas e o que motiva o assassino, não concorda? E, nesse ponto, creio que você tem algo a dizer que poderia esclarecer o caso, certo?

Florio me olhou com um ar de profunda incompreensão, mas, antes que pudesse responder, a porta a nosso lado se abriu e Rowland Jenkes parou no portal de sua loja, nos examinando com sua habitual expressão descontraída de quem está se divertindo.

– *Buongiorno, signori* - disse ele, com o sotaque irônico e culto que tanto destoava de seu rosto devastado, e ao mesmo tempo fez uma breve mesura que me pareceu sarcástica. - Isto não é tempo para se ficar parado do lado de fora, Mestre Florio. Entre, por favor, e traga seu amigo.

Recuou e fez um gesto majestoso para nos conduzir loja adentro. Florio me olhou por mais um instante, depois desceu o capuz da capa encharcada e entrou.

## Capítulo 14

O RECINTO EM QUE ENTRAMOS FORA construído abaixo do nível da rua, de modo que precisamos descer três degraus de pedra até o piso de lajes coberto por esteiras de junco que absorveram prontamente a água da chuva que escorria de nossa roupa. O teto baixo, com sua armação de vigas de madeira escura, fazia a loja parecer reservada e íntima. Florio e eu, ambos de baixa estatura, podíamos ficar eretos, mas Jenkes tinha que curvar os ombros para não bater com a cabeça, e essa postura lhe dava um ar ligeiramente obsequioso, como se ele fizesse uma permanente meia reverência. Havia pouca iluminação no aposento, pois as janelas imundas, com suas vidraças em forma de losangos de ambos os lados da porta, mal deixavam entrar a luz do dia com o tempo nublado, embora um par de velas ardesse num castiçal de parede atrás da bancada de mercadorias em frente à porta. E eram de cera de boa qualidade, pois não exalavam o cheiro fétido das velas de sebo de tipo barato que iluminavam meu quarto no Lincoln. Na verdade, a loja estreita tinha mais cheiro de lar que qualquer outro lugar em que eu houvesse estado desde minha chegada a Oxford, pois recendia a livros: um caloroso aroma de couro novo e papel, com o toque mais bolorento do velino e da tinta, uma mistura estonteante que me trouxe uma repentina pontada de saudade do *scriptorium* do mosteiro de San Domênico Maggiore, onde eu havia passado muitas horas da minha juventude.

Estantes de madeira entalhada ocupavam os dois lados da loja, exibindo a arte do encadernador: do piso ao teto, ambas estavam repletas de volumes encadernados em couro colorido e organizados por tamanho, expostos com a borda frontal para fora, de modo que os fechos de metal reluziam sob as chamas das velas. Ao longo da bancada junto à qual estava Jenkes, esfregando as mãos e olhando para mim e para Florio com uma expressão de expectativa voraz, havia exemplos de

diferentes tipos e formatos de encadernação, desde as antiquadas placas de madeira revestidas de couro de bezerro, que impediam os manuscritos de pergaminho de se enrugarem, até as encadernações parisienses mais novas, de folha dupla de papelão para livros mais leves de papel, que não precisavam de grampos de metal e eram costurados com fios ou fitas de couro. Tal como os livros da biblioteca do Lincoln, todos ficavam presos a uma corrente de metal ligada a um eixo que corria por baixo da bancada. Atrás desta, de frente para a porta da rua, ficava uma outra porta que dava para uma sala interna maior, cuja iluminação não era melhor do que a primeira, e que, pelo pouco que eu podia ver de seu interior, parecia ser a oficina. Pensei ter vislumbrado a sombra de alguém se mexendo, saindo do nosso campo visual, e presumi que Jenkes devia ter aprendizes trabalhando.

– E esse é o *signor* Filippo Nolano, correto? - me cumprimentou Jenkes, com um sorriso felino, estendendo a mão surpreendentemente delicada, que apertei com certa relutância, sentindo o olhar curioso de Florio na lateral do meu rosto. - Eu me perguntava quando o veríamos aqui, depois que o senhor me seguiu desde a Roda da Catherine, no outro dia.

– Eu... isto é... - Fiquei sem saber ao certo como enfrentar essa acusação, ainda mais com o olhar espantado de Florio sobre mim.

Jenkes fez um aceno com a mão, como que para descartar minha ofensa.

– Não importa. Mas, *signor* Nolano, não posso deixar de notar que nosso amigo aqui, o *signor* Florio, parece surpreso por eu me dirigir ao senhor dessa maneira. Talvez ele o conheça por um nome diferente.

Levantou teatralmente uma das sobrancelhas e juntou as pontas dos dedos. Ele tinha o hábito de falar quase sem mover os lábios, dando a cada frase o tom de uma confidência que não podia propriamente ser feita em voz alta.

Eu o encarei, me sentindo em desvantagem. Não apenas me encontrava em sua loja encharcado até os ossos, como podia ver que ele havia tratado

de obter informações a meu respeito, justamente quando eu supunha seguir seus passos.

– Durante muitos anos, viajei por lugares em que não era seguro fornecer meu próprio nome - expliquei, aprumando os ombros e tentando me portar com dignidade. - Isso se tornou um hábito quando me encontro entre estranhos, nada mais.

Jenkes sorriu.

– Um homem seria capaz de ir a qualquer extremo para evitar a Inquisição, disso eu tenho certeza, Dr. Bruno.

Fiz um aceno cuidadoso com a cabeça, tentando não deixar transparecer minha surpresa. Florio continuou a franzir o cenho, intrigado.

– Espero que o senhor já não pense em nós como estranhos. Mas há locais, mesmo no nosso glorioso reino de liberdade, em que um homem faz bem em atentar para o que diz. O que o atraiu para a Roda da Catherine, posso saber?

Dei de ombros:

– Eu estava com fome. Vi a tabuleta e entrei, em busca de comida quente.

Diante disso, Jenkes jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada, revelando os dentes tortos.



– Não tardou a aprender sua lição por lá, eu presumo. Mas foi maldade sua dizer ao jovem Humphrey que não daria aquela comida nem mesmo a seu cachorro - disse ele. E parou de rir da mesma forma abrupta que havia começado, deixando um silêncio repentino pairando no ar.

– O senhor fala italiano?

– Falo sete línguas, Dr. Bruno, embora ninguém imagine isso ao olhar para mim, não é? Não tenho o rosto de um erudito, sei disso. Mas, afinal, o senhor sabe que não se pode julgar um homem pela aparência. Suponho que o senhor seja mais um que é mais do que parece. Sabe o que dizem de mim em Oxford?

– Não - respondi, sem rodeios. Era visível que ele se orgulhava de sua fama, e eu não tinha o menor desejo de lisonjear ainda mais sua vaidade. Fiquei satisfeito ao perceber que ele pareceu meio decepcionado.

– Eles me chamam de discípulo do Diabo, Bruno - informou-me, com um meio, sorriso bailando nos lábios finos. - Compõem canções folclóricas a meu respeito para assustar as criancinhas. Dizem que matei 300 homens com uma só maldição. O que me diz disso?

– Digo que a febre dos presídios se espalha rapidamente em certas condições - respondi, sem me alterar.

– Tem razão, é claro. Mas, nesse caso, por que não fui afetado?

– E evidente que o senhor tem a constituição de um touro - declarei, olhando de relance para as espirais e os nós de pele cicatricial em que um dia tinham estado suas orelhas. - O senhor tem tão pouco de feiticeiro quanto eu, ou quanto o Florio aqui.

– Tão pouco de feiticeiro quanto o senhor? - repetiu Jenkes, me observando por um momento e depois explodindo em outra de suas gargalhadas repentinas.

– Gosto do seu amigo, *signor* Florio, ele é um comediante e tanto - disse, com ar indulgente. O pobre Florio parecia muito constrangido com a corrente velada de antagonismo entre mim e Jenkes e continuou, nervoso, a olhar alternadamente para nós.

– O senhor está com o meu Montaigne, Sr. Jenkes? - perguntou ele, em tom manso. - Espero que sim, pois saí neste tempo traiçoeiro por causa dele.

– Traiçoeiro, de fato - concordou Jenkes, dando-me um brevíssimo lampejo de seu enigmático sorriso. - Vieram dois volumes em uma carga no fim da semana passada, meu caro Florio, e, apesar deste mau tempo apocalíptico, a carroça conseguiu chegar de Plymouth no sábado. Nunca decepiono aqueles que depositam sua confiança nas minhas habilidades. Se o senhor tiver um pouquinho de paciência, irei buscá-los - disse. Fez outra breve reverência e, mantendo a cabeça baixa, passou pela porta e entrou na oficina atrás dele.

Florio se virou para mim.

– Preciso lhe pedir que jure manter sigilo, Bruno - sussurrou, pondo uma das mãos em meu braço, com os olhos arregalados e sério. Balancei a cabeça, arfante, achando que ele ainda se referia ao assunto de seu bilhete, em meio ao qual fôramos interrompidos. - Decidi me encarregar de uma tarefa grandiosa e solene, que levará meu nome à posteridade, junto com o do grande gênio humanista a que sirvo... uma obra muito maior, posso dizer, do que jamais seriam as minhas tolas coletâneas de provérbios - declarou e agarrou minha manga com mais força, os olhos brilhando: - Vou trazer os ensaios de Michel de Montaigne para os leitores ingleses!

– Ele sabe disso?

Florio baixou os olhos, meio desanimado.

– Escrevi ao grande homem, propondo a ele meus humildes serviços de tradutor, mas ainda não recebi sua autorização, é verdade. Pedi ao Sr. Jenkes que me encomendasse as edições francesas, a fim de enviar uma amostra a Monsieur Montaigne, na esperança de conquistar sua aprovação. Mas, como você com certeza pode

imaginar, esse é um trabalho de amor que, até estar concluído, consumirá tempo e custará caro, e portanto agora você compreende por que tive de lhe escrever como escrevi...

– Qualquer livro que desejar, vindo de qualquer país, basta pedir a Rowland Jenkes e, se ele não conseguir encontrá-lo, é porque a obra não existe - anunciou o encadernador, surgindo das sombras como um artista no palco e segurando em cada mão um livro fino, ambos encadernados em couro de bezerro castanho-acinzentado e amarrados com cordões de couro. Ele fixou em mim um olhar conspiratório: - *Qualquer* livro, Dr. Bruno, pelo preço justo - e seus olhos correram com expressão significativa para meu cinto, onde a bolsa de Walsingham estava escondida embaixo da sobreveste. Não dei nenhuma indicação de haver percebido esse olhar, mas de repente me senti vulnerável. Ele já parecia saber mais a meu respeito do que eu teria suposto, e me perguntei se sua fonte seria Bernard.

Jenkes entregou os dois volumes a Florio, que aninhou cada um na dobra de um braço e os contemplou com amor, como se fossem gêmeos recém-nascidos.

– Então o senhor traz um bom número de livros dos Países Baixos? - indaguei, com o ar mais casual que pude.

– Da França, dos Países Baixos... da Espanha e da Itália, às vezes, quando há demanda. Há muitas pessoas em Oxford que anseiam por certos materiais que só podem ser obtidos no exterior. E, ocasionalmente, surge também a oportunidade de fazer o comércio no sentido inverso - disse, sempre me fitando com o mesmo olhar meio significativo, meio zombeteiro, como se me avaliasse para um emprego. - Mas presumo que você já tenha ouvido falar disso, Bruno. Talvez isso explique por que me seguiu, não?

Não respondi. Florio havia começado a saltitar de um pé para outro, agitado, com o rosto tenso de quem estivesse prestes a irromper em

pranto a qualquer momento.

– O que está havendo, meu caro Florio? - perguntou Jenkes.

– Eu... é só que eu não esperava dois volumes de uma só vez, Sr. Jenkes, e receio não poder... isto é, talvez eu precise deixar um deles sob os seus cuidados por um ou dois meses. Eu peço que não o venda, pois terei o dinheiro mais adiante, porém...

Jenkes descartou o pedido de desculpas.

– Não tenho espaço para livros que as pessoas não vêm buscar, Florio. É melhor você levar os dois agora e me pagar quando puder.

O rosto de Florio se iluminou com a surpresa, como o de uma criança ao ganhar um doce.

– Obrigado, Sr. Jenkes. Garanto que não terá de esperar muito por seu pagamento, em especial se certos assuntos tiverem o desdobramento que espero.

Florio então me lançou um olhar esperançoso, como que deixando implícito que eu compreendia o que queria dizer. Mas estava enganado, pois continuei no escuro. Se isso era uma referência à seu bilhete enigmático, porventura ele queria dizer que esperava tirar proveito das mortes no Lincoln? Só me restou lhe fitar com um olhar inexpressivo como resposta, enquanto ele remexia no cinto em busca das moedas que tinha levado.

– Bem, nesse caso, Bruno, nosso assunto está encerrado - declarou, depois de fazer o pagamento e ter suas novas aquisições cuidadosamente embrulhadas num oleado, para protegê-las do mau tempo. - Vamos enfrentar a inundação mais uma vez?

– Um momento, por favor - interveio Jenkes, quando me virei para olhar as torrentes que continuavam a rolar pelas vidraças como um dique rompido. O céu parecia ter ficado ainda mais escuro. - Eu não gostaria de retê-lo aqui por muito tempo, Mestre Florio, mas há algumas questões de negócios que quero discutir com o Dr. Bruno, se ele puder me dedicar alguns minutos.

Jenkes tornou a levantar uma das sobrancelhas, para transmitir a idéia de que pretendia algo mais do que se dispunha a dizer na presença de Florio, que hesitou por um breve instante, depois pareceu se lembrar do generoso crédito que o livreiro acabara de lhe conceder e resolveu entender a insinuação.

– É claro... Preciso retornar ao colégio, de qualquer modo. Dr. Bruno, se não nos afogarmos no trajeto de volta, vamos conversar logo mais à noite?

Assenti com a cabeça. Florio segurou seu embrulho bem junto ao peito, levantou o capuz da capa e, com uma última olhada expressiva para mim, partiu para o temporal.

Deixado a sós na pequena loja com Jenkes, estremei involuntariamente quando a porta se fechou após Florio sair. O ar frio me deixara enregelado na roupa molhada, mas não tanto quanto o olhar intenso que o encadernador me dirigiu nesse momento, à sombra bruxuleante das velas:

– Venha. O senhor pegará uma febre se ficar parado aí, e o mundo dirá que eu o amaldiçoei - comentou, com um sorriso seco, fazendo um gesto para que eu atravessasse a porta atrás da bancada de livros. - Ali poderemos conversar à vontade, Dr. Bruno, e o senhor poderá se aquecer. Vou esquentar um pouco de vinho - acrescentou. Foi até a porta da rua, tirou do cinto um molho de chaves e a trancou. Ao me ver hesitar, se virou novamente, com uma das mãos no batente da porta. - O senhor poderá me ver tomá-lo primeiro, se preferir. Mas achei que não acreditava nos meus poderes diabólicos.

O brilho vigilante de seus olhos foi momentaneamente substituído pela ironia consigo mesmo. Apesar disso, retribuí seu sorriso e o segui quando ele se abaixou para atravessar a porta que levava ao cômodo dos fundos. Talvez eu devesse ter ficado mais apreensivo, porém, embora não acreditasse nos boatos supersticiosos sobre a Sessão Negra, eu via algo de fascinante em Rowland Jenkes, tanto assim que me dispunha a ficar trancado numa sala com ele, a sós, na esperança de descobrir mais a seu respeito. Mas não estávamos sozinhos. Quando cruzei o umbral, captei

pelo canto do olho o movimento de uma sombra. Ali, junto ao fogo que ardia numa lareira na parede da esquerda, estava o Dr. William Bernard, com os braços finos cruzados no peito.

– Esta é minha oficina. E o senhor já conhece o Dr. Bernard, é claro - disse Jenkes, abarcando o cômodo com um gesto largo e dando ao professor a mesma atenção que dava a uma peça do mobiliário. Ao longo de três paredes havia bancadas compridas, cobertas com cadernos de 24 folhas e manuscritos em diferentes estados de conservação. Havia pedaços de couro, pele de cordeiro e tecido estendidos, junto com moldes já marcados para recortá-los. Alguns livros estavam sendo ajustados a caixas de linho - capas externas feitas para manter limpas as encadernações de couro de cordeiro -, enquanto outros se achavam a meio caminho de receber novos acabamentos e cantos de metal adaptados para cobrir bordas esgarçadas ou danificadas. Alguns dos manuscritos que me despertaram a atenção pareciam extremamente antigos, sendo agora preservados e reformados pela habilidade do encadernador, preparados para continuar sua jornada pelo mundo para as gerações vindouras. No canto oposto à lareira, dois grandes baús envoltos em tiras de ferro se erguiam em ângulo, ambos com cadeados maciços.

– Estou vendo que o senhor faz negócios com vários docentes do Colégio Lincoln - comentei, cumprimentando Bernard com um aceno da cabeça.

– Sou encadernador e papelheiro, Dr. Bruno. É claro que negocio com os doutores da universidade. De que outro modo ganharia a vida?

– Mestre Godwyn, o bibliotecário do Lincoln, também é cliente seu?

– É claro - respondeu Jenkes em tom sereno, sem que seus estranhos olhos translúcidos jamais deixassem de fitar os meus. - Muitas vezes sou encarregado de reparar os livros da coleção dele, quando é necessário.

– E James Coverdale?

Jenkes e Bernard se entreolharam.

– Ah, sim. Pobre Dr. Coverdale. Agora há pouco o William estava me contando que ele foi vítima de uma agressão violenta. Imagine essas coisas acontecerem em Oxford - disse, levando uma das mãos ao peito e balançando a cabeça com tristeza.

No entanto, algo em seus modos sugeria que ele estava zombando de mim. Tive vontade de fazer mais perguntas sobre sua ligação com Godwyn e Coverdale, mas o olhar de gavião de Bernard me fez hesitar.

– Eis uma visão para deixá-lo com o coração sangrando, Dr. Bruno - disse Jenkes, virando-se de lado e apanhando numa das bancadas um livrinho que pôs em minhas mãos. Era um pequeno Livro de Horas no estilo francês, do começo do século, e claramente fora uma obra cara em certa época. Com muito cuidado, folheei algumas páginas, que revelaram iluminuras ricamente coloridas em tons de cobalto, carmesim e dourado, as bordas de cada página de texto decoradas com intrincados desenhos de folhas, flores e borboletas contra um fundo amarelo-claro.

– Veja - disse Jenkes, tirando o livro da minha mão e abrindo-o numa página em que o texto e o desenho ao lado tinham sido atacados por um instrumento cortante, talvez uma faca ou uma pedra, na tentativa de apagá-los do velino. A iluminura se conservara quase intacta, exibindo uma imagem de São Thomas Becket de joelhos, sendo esfaqueado no altar, apenas com o rosto apagado. A oração que a acompanhava fora riscada a ponto de se transformar num vestígio fantasmagórico. - É um crime, não lhe parece? - perguntou Jenkes. - Foi o édito do rei Henrique, já se vão quase 50 anos, mas é muito comum chegarem coisas assim às minhas mãos, com todos os santos e indulgências obedientemente cortados ou rabiscados. Se eu conseguir restaurá-lo, este livro alcançará um belo preço na França. E um bom trabalho artesanal francês, está vendo? Por Deus, odeio ver um livro violado dessa maneira, por capricho de um príncipe herege! Pai de outra bastarda herege.

Seus lábios se contraíram ao dizer isso, revelando os dentes encardidos, mas seus dedos longos e brancos afagaram a página como se a consolassem. Essa demonstração de afeto pelos livros não contribuiu em nada para tornar Jenkes mais atraente.

- E agora, o senhor vai me denunciar por estas palavras sediciosas, Dr. Bruno? - perguntou ele com seu sorriso discreto, sem que os olhos parassem de fitar os meus. - Já não tenho orelhas para perder, como o senhor está vendo.
- Não denuncio homem algum por suas palavras - retruquei, impassível, enfrentando seu olhar para lhe mostrar que não tinha medo. - Vim a seu país para pensar, falar e escrever com liberdade, e presumo que todos os cidadãos daqui desejem o mesmo.
- Mas escrever com liberdade sobre o quê? - indagou Bernard, desgrudando-se da parede junto ao fogo, descruzando os braços e me espiando com seus olhos sem cor.
- Sobre o que eu escolher - respondi, me virando para ele. - É isso que significa liberdade, não é?

Jenkes estava repondo cuidadosamente o pequeno Livro de Horas na bancada, ao lado das faquinhas e dos utensílios de que precisaria para restaurá-lo. Então, ao observar a maneira ordeira, quase obsessiva, com que ele dispunha suas ferramentas, me ocorreu que uma faca de encadernador certamente seria afiada o bastante para cortar a garganta de um homem.

- O senhor manda muitos livros para vender na Europa continental? - indaguei, apontando o Livro de Horas e tentando manter a voz descontraída. Nada escapava a Jenkes. Ele ergueu os olhos depressa e trocou um olhar com Bernard.
- Às vezes acontece de cair em minhas mãos livros que poderiam levar um homem à prisão, ou coisa pior, neste país - disse, correndo a ponta do polegar pelo lábio inferior. - Depois, encontro um mercado pronto no além-mar. Na verdade, porém, não faltam



clientes em Oxfordshire e Londres. Homens como o senhor, que não aceitam a proibição de livros, que acreditam que Deus nos dotou de razão e bom senso para ponderarmos sobre aquilo que lemos, e que se dispõem a correr o risco, em nome do saber. - Jenkes riu baixinho e tornou a levantar a cabeça e olhar para Bernard. - Você tinha razão, William. O Dr. Bernard me disse que o senhor tinha um interesse especial em livros raros, sobretudo nos que se supõe estarem perdidos.

Bernard retomara sua postura junto ao fogo e permaneceu imóvel, oferecendo meramente brevíssimos sorrisos com os lábios contraídos. Ele, é claro, tinha sido o bibliotecário do Colégio Lincoln durante o grande expurgo das bibliotecas de Oxford, quando as autoridades haviam tentado banir todos os textos hereges do alcance de jovens impressionáveis, tal como fizera meu abade no San Domênico.

- Sinto que há algo que o senhor gostaria de perguntar, não é, Dr. Bruno? - indagou Jenkes, inclinando a cabeça.
- Os livros banidos das bibliotecas do colégio passaram por suas mãos?
- Muitos deles, sim - respondeu, com uma olhada rápida para Bernard, e tornou a se encostar em sua bancada de trabalho, cruzando as mãos. - Alguns bibliotecários mais zelosos queimaram o material ofensivo, para agradar os inspetores, mas os que tinham maior apreço pelo valor dos livros os trouxeram para mim, para que eu os redistribuísse.

Olhei para Bernard, que continuava imóvel.

- E os livros retirados do Lincoln no grande expurgo... aqueles volumes vieram para o senhor?
- Eu me lembro de todos os livros que passam pelas minhas mãos, Dr. Bruno. O senhor parece cético, mas eu lhe garanto que não me entrego à vanglória barata. Quando o senhor me ouviu dizer ao

signor Florio que eu seria capaz de conseguir qualquer livro, pelo preço justo, isso também era verdade.

Seus olhos vorazes tornaram a correr para a bolsa presa ao meu cinto e, dessa vez, minha mão se moveu instintivamente para cobri-la, como se eu estivesse nu e tampasse minhas partes pudendas.

– Então, me diga: há algum livro em particular que o senhor tenha em mente? - perguntou ele.

Jenkes estava brincando comigo, e suas alusões repetidas ao dinheiro que eu levava me fizeram sentir um incômodo repentino. Eu maldisse a mim mesmo por não ter sido mais discreto com a bolsa de Walsingham no colégio. Bem, eu já deixara que ele me trancasse em sua loja, de modo que, se sua intenção fosse me roubar, havia pouco que eu pudesse fazer, exceto aguentar firme e lutar. Verifiquei a bancada a meu lado, para ver com que rapidez eu conseguiria pegar uma das facas, se precisasse. Como se adivinhasse meus pensamentos, ele estendeu a mão, pegou com displicência uma pequena lâmina de cabo de prata e com a ponta começou a limpar as unhas.

– Aqui você não precisa ter medo de falar, Bruno - disse ele. - Seja qual for o título, por mais perigoso que ele seja considerado pelas autoridades civis ou pela Igreja, qualquer Igreja, você não pode me chocar.

– Então, você não é partidário da ideia de heresia? - perguntei, de olho na faca em sua mão.

– Ah, você está me entendendo mal - disse ele, dando um passo tão súbito na minha direção que recuei involuntariamente, alarmado com o lampejo de ameaça naqueles estranhos olhos luminosos. - Sou partidário dela sem questionamento. Existe a verdade absoluta, e tudo o mais é heresia. Existe a Igreja verdadeira, alicerçada pelo Filho de Deus sobre o apóstolo Pedro, e existe a abominação blasfema, fundada por um fornicador gordo e aleijado que não conseguia manter o pau dentro dos calções, e que agora é governada por sua bastarda herege. Não creio que nenhum livro deva ser

negado ao homem que possui a sabedoria para compreendê-lo, Bruno, mas isso não significa que eu esteja confuso a respeito de onde a verdade se encontra. A questão é: você está?

– Não compreendo o que o senhor quer dizer - respondi, mas meus ombros ficaram tensos.

– Acho que compreende - retrucou ele, com a voz leve e afável, mas os olhos continuavam frios como o aço e ele se deslocou lentamente, posicionando-se entre mim e a porta da loja. O suor pinicou em minhas axilas, apesar da friagem das roupas molhadas. Olhei de relance para Bernard, que continuava impenetrável junto ao fogo, como se não fizesse parte da cena que se desenrolava diante dos seus olhos. Envolto em sua longa toga preta, com o pescoço fino e a pele flácida, ele parecia uma grande ave de rapina aguardando para ver o que poderia recolher quando a poeira baixasse.

– Eu só quero saber de que lado você está, Bruno - prosseguiu Jenkes.

– Eu não estava ciente de que precisava escolher um lado - respondi, virando de frente para ele. - Talvez essa idéia me pareça simplista demais.

Mais uma vez, ele soltou sua gargalhada repentina como um latido e o som reverberou nas paredes.

– E isso que você dirá ao anjo que anota todas as nossas ações, no Dia do Juízo Final? Quando o Filho do Homem regressar, para separar o joio do trigo, você irá declarar que não se importou em ser uma coisa nem outra, que julgou essa escolha *simplista demais*?

Num gesto abrupto, Jenkes atirou a faca longe e ela caiu com estrépito entre a parafernália disposta na bancada. Ele chegou mais perto, pondo delicadamente uma das mãos em meu ombro. Eu me preparei, mas não me mexi.

– Você é um enigma, Dr. Bruno, sabia disso? - Seus olhos límpidos percorreram meu rosto repetidas vezes, como se com isso ele pudesse decifrar o quebra-cabeça. - Foi excomungado, mas tem a proteção de

um monarca católico. Rejeita a autoridade suprema do papa e prega as teorias hereges do polonês Copérnico, mas me dizem que, em público, se declara católico. Qual é a sua religião, Bruno?

Eu o encarei:

– Sou filho da Igreja Romana, Sr. Jenkes. O senhor deve ser o único homem de Oxford que duvida da minha religião. Os seus concidadãos atravessam a rua para terem a oportunidade de cuspir em mim.

– Você frequenta a missa e se confessa?

– Estou sendo julgado aqui? Você é meu inquisidor?

Ele meramente sustentou o olhar pétreo, embora sua boca se contorcesse ligeiramente de desprezo. Dei um suspiro.

– Sim, eu vou à missa.

– Mas viaja na companhia de Sir Philip Sidney, cãozinho de estimação da bastarda Elizabeth e agitador contrário à causa católica.

– O mesmo faz o palatino Laski. Você também questiona a religião dele?

– Laski é príncipe - disse Jenkes, com impaciência. - Você é um monge fugido, um filósofo de aluguel... embora, evidentemente, um filósofo bem-sucedido, dado o volume de dinheiro que me dizem que anda exibindo pela cidade - acrescentou, novamente correndo os olhos para minha bolsa. - Como veio a cair na companhia de homens como Sidney? Ele ou os amigos dele o procuraram?

– Eu o conheci em Pádua. Ele é escritor, como eu. Do que é que você me acusa, Jenkes?

Eu estava ficando cansado dessa brincadeira. Somente a possibilidade de que ele soubesse alguma coisa sobre os livros do decano Flemmyng e tivesse visto o tratado perdido do manuscrito hermético grego, o livro que Ficino se recusara a traduzir, me impedia de sair dali.

– Não o acuso de nada - retrucou ele, com um tapinha tranqüilizadora no meu ombro, mudando imediatamente os seus modos. - Mas achei que você, mais do que qualquer outra pessoa, entenderia que um homem precisa saber com quem está falando, antes de falar com demasiada liberdade. Meus amigos e eu não estamos acostumados a ver estranhos na Roda da Catherine, particularmente não os que viajam com uma comitiva real de inspeção e dão nomes falsos. Naturalmente, isso nos deixa curiosos. Portanto, vou lhe perguntar mais uma vez: o que o levou lá?

Hesitei. Se eu conseguisse convencer Jenkes da minha sinceridade, era possível que ele me abrisse o mundo secreto dos católicos de Oxford, cujos contatos com os seminários da Europa e cujo conhecimento da missão inglesa valeriam mais do que ouro para Walsingham. Mas eu intuía que, se em algum momento Jenkes suspeitasse de que eu o havia enganado, ele me despacharia com muito menos criatividade artística do que a demonstrada pelo assassino do Colégio Lincoln.

– Me disseram que era um lugar a que se poderia ir para conhecer... pessoas de mentalidade semelhante - respondi em voz baixa.

Jenkes balançou a cabeça, com ar encorajador.

– Quem disse isso?

– Um contato.

– Em Londres ou em Oxford? Ou no exterior?

– Em Oxford - respondi, sem qualquer pausa.

– Qual o nome dele? Ou dela? - acrescentou, pensando melhor.

– Prefiro não dizer.

– Nesse caso, como saberei que não está mentindo para mim, Bruno? - indagou ele, com o rosto a tão poucas polegadas do meu que todas as suas cicatrizes de varíola pareceram ampliadas.

– Ele fez intimidade rapidamente com o jovem Allen, como eu lhe disse. Os dois foram vistos juntos hoje de manhã na Flor de Luce - intrometeu-se Bernard, do outro lado da sala. Jenkes estreitou os

olhos. Quase pude ver as ponderações que ele fazia, enquanto pensava sobre essa notícia.

– Quer dizer que Thomas Allen andou lhe fazendo confidências, é? Receio que ele possa lhe dar uma impressão ruim do nosso grupinho, Bruno. Foi ele que o mandou para nós?

Ao me dar conta de que Thomas poderia correr perigo, se Jenkes acreditasse que ele andara me contando os segredos de Edmund Allen, percebi que tinha de negar seu envolvimento, mesmo sem fazer ideia do efeito que minhas palavras seguintes teriam nos dois homens que me observavam.

– Não foi Thomas quem sugeriu que eu visitasse a Roda da Catherine. Foi Roger Mercer.

Jenkes franziu o cenho e soltou meu ombro. Pareceu genuinamente apanhado desprevenido.

– Mercer?

– Eu realmente o vi numa conversa animada com Roger no pátio, na noite anterior à morte dele - confirmou Bernard. - Eu estava olhando pela minha janela.

– Como foi que a Roda da Catherine foi mencionada na conversa de vocês? - perguntou Jenkes, apontando um dedo comprido para o meu rosto.

Levantei uma das mãos e em seguida afastei delicadamente o seu dedo, antes de responder:

– Perguntei se ele conhecia algum lugar em Oxford em que eu pudesse assistir à missa.

– Apenas perguntou? E ele o mandou para a Roda da Catherine, assim, simplesmente?

Jenkes pareceu não saber se ficava incrédulo ou furioso. Torceu as mãos até estalar os nós dos dedos.

- Ele sugeriu que eu encontraria amigos lá, mas que deveria ser discreto.
- Discreto! Como se ele soubesse o significado dessa palavra! Ele sempre foi um idiota abominável. Sua língua solta acabaria levando todos nós à morte. Imagine dizer isso a um estranho, William, e um estranho em viagem com uma comitiva real! Você consegue acreditar numa coisa dessas?

Jenkes enxugou a testa com o dorso da mão e disse ainda:

- Embora eu tenha lamentado saber da morte cruel dele, é claro.
- Agora já não tem importância - comentou Bernard e acrescentou em tom piedoso: - Que Deus tenha misericórdia da sua alma.

Jenkes me lançou outro olhar severo e demorado, depois pareceu concluir a meu favor.

- Pois muito bem, Dr. Bruno, esperamos provar que o pobre Mercer tinha razão. O senhor se descobriu entre amigos. Venha hoje, à meia-noite e meia. Use a porta dos fundos, atravessando o quintal da hospedaria, em vez da porta da rua. Humphrey estará lá. Diga a senha e ele o deixará entrar. Use uma capa com capuz, mantenha o rosto coberto por ele e tome cuidado para não ser seguido.
- Não haverá vigias no portão norte? A uma hora dessas, eles certamente vão querer saber qual é o meu destino.
- Dê um trocado a eles e não darão a mínima para onde você vai - retrucou Jenkes, tornando a baixar os olhos para o meu cinto. - Mas tome cuidado com sua bolsa ao andar tão tarde pela rua. Você tem alguma arma?

Respondi que não andava armado. Ele apanhou a faquinha de cabo de prata na bancada e a entregou a mim.

- Leve isso consigo hoje à noite. É pequena, mas corta o couro muito bem. Tenho certeza de que poderia causar alguns estragos, se você

fosse atacado. Pelo menos é melhor do que uma bainha vazia.

– Obrigado, mas, seja como for, não precisarei da minha bolsa nessa reunião, não é?

– Ah, mas o senhor deve levar a sua bolsa logo mais - disse Jenkes, com expressão subitamente apreensiva. Ao ver meu olhar desconfiado, se aproximou com um sorriso matreiro: - E que não dou meus livros a troco de nada, Mestre Bruno, nem mesmo a meus irmãos católicos.

Meu coração se acelerou:

– Livros?

– Você está interessado num livro, não está? Um livro grego, trazido de Florença pelo decano Flemyng, há 100 anos, doado à biblioteca do Colégio Lincoln e retirado por nosso amigo Dr. Bernard, aqui, durante o expurgo da Comissão Real de 1569. Não estou certo?

– Você tem esse livro? - sussurrei, mal me atrevendo a respirar.

Ele respondeu com o mesmo sorriso lento e irritante.

– Não o tenho aqui. Mas já o tive nas mãos e posso levá-lo até ele. Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo conveniente para ambos, Dr. Bruno. Certifique-se de levar a sua bolsa.

– O senhor disse que o livro não existia - comentei, me virando para Bernard com um toque de triunfo na voz.

– Eu disse isso por causa daqueles tolos reunidos à mesa do diretor naquela noite - retrucou ele, com ar indiferente. - Isso teria suscitado um excesso de perguntas. Underhill é um fantoche do reitor e do Conselho Real. Ele não saberia o valor de um livro como esse, mas eu não quis despertar suas velhas angústias. Se dependesse da sua vontade, ele expurgaria a biblioteca até não restar nada nos púlpitos além da Bíblia dos Bispos e dos livros do Mestre Foxe - concluiu.



Por um momento, pensei que fosse cuspir no chão, tal a intensidade do desprezo em sua voz ao pronunciar esse nome, porém ele se conteve. Eu me perguntei o que Jenkes teria querido dizer ao afirmar que a língua solta de Mercer faria com que todos eles fossem mortos.

– Não devemos detê-lo por mais tempo, Dr. Bruno - disse Jenkes, voltando para a loja e apanhando as chaves no cinto. - O senhor deve querer se informar com seu amigo Florio. A propósito, é desnecessário dizer que o senhor não mencionará uma palavra desta nossa conversa a ninguém. Sou a única pessoa capaz de lhe dizer em quem confiar nesta cidade, no que concerne a questões de religião. Tenho certeza de que o senhor compreende os perigos.

Fiz que sim com a cabeça enquanto ele destrancava a porta da rua, e vi com certo alívio que a chuva finalmente começara a amainar.

Eu me virei para ele, parado no vão da porta com os braços cruzados e um ar de satisfação.

– E o livro?

– Eu lhe falarei do livro na próxima vez que nos encontrarmos.

– O senhor se esqueceu de uma coisa - disse eu em voz baixa. - A senha.

O rosto esburacado de Jenkes se contraiu num sorriso torto.

– Ora, o senhor já a ouviu, Dr. Bruno - murmurou, antes de enunciar as palavras, apenas movimentando a boca: - *Ora pro nobis*.

## Capítulo 15

UM VENTO FRIO PERSEGUIU AS NUVENS escuras de chuva pelo céu, fazendo-as vagar e revelando uma camada superior de tom cinza-pérola, à medida que o aguaceiro foi diminuindo e enfim cessou por completo. Percorri as ruelas enlameadas, na volta ao Lincoln, já quase sem me dar conta da roupa molhada que me irritava a pele, com a cabeça apanhada num remoinho de ideias. Ao passar pelo arco da torre, ouvi o sino dobrar seu chamado melancólico para as Vésperas, mas não estava preparado para a visão que me recebeu quando emergi no quadrilátero. Grupos de alunos e professores se acotovelavam em volta da entrada da escada que levava à biblioteca e à capela, olhando fixo para as janelas, todos aparentemente petrificados por alguma coisa. Um silêncio soturno pairava sobre o pátio quadrangular, onde os homens reunidos apenas trocavam sussurros e olhares fixos. A tensão provocada pelo medo velado podia ser sentida no ar. Diminuí o passo e ia me aproximando do primeiro grupo de estudantes, para descobrir a razão daquela congregação sombria, quando Richard Godwyn abriu caminho para me saudar, sem sorrir, com o alívio estampado no rosto.

– Dr. Bruno, o diretor tem perguntado pelo senhor - disse, em voz baixa. - Venha.

Segurando-me pelo cotovelo, ele me guiou pela aglomeração de olhar vidrado até a entrada que conduzia à biblioteca e à capela. Ao pé da escada se encontrava o corpulento empregado da cozinha que mais cedo havia montado guarda na escada do quarto de Coverdale. Ele nos olhou de relance e fez um aceno brusco com a cabeça. Godwyn subiu à frente para a capela e bateu de leve na porta com os nós dos dedos. Slythurst a abriu e me fechou a carranca, mas se afastou de lado, para me deixar passar. Reconheci no mesmo instante o cheiro de sangue. O diretor Underhill se levantou de um dos bancos mais próximos da porta e

segurou meus pulsos com as duas mãos, me fitando com desespero, seus olhos vermelhos acima das faces encovadas.

– Deus está nos castigando, Bruno - murmurou, com a voz embargada. - Está empilhando carvões em brasa sobre a minha cabeça por meus pecados de omissão. Até mesmo aqui, na nossa capela consagrada.

O diretor se colocou de lado, ainda segurando um de meus pulsos com força, e vi a causa de sua aflição mais recente. Aos pés do pequeno altar havia um corpo caído. Eu me aproximei lentamente. Havia sangue respingado nas esteiras de junco do piso e no tecido branco do altar e, mesmo do outro lado da capela, pude ver que o corpo tinha uma cabeleira ruiva.

– Nada foi tocado - disse o diretor, com a voz rouca. - Eu queria que você visse. Cheguei à capela pouco antes das cinco, para preparar as Vésperas, e encontrei... e sua voz tremeu e ele desabou pesadamente num banco próximo.

Eu me ajoelhei junto ao corpo, trincando os dentes com força. Ned, o jovem leitor da Bíblia, estava caído de costas, de camisa e calções, os olhos protuberantes arregalados de uma forma antinatural, projetados para o teto numa expressão fixa de pavor. Levei um momento para perceber por que seu olhar era tão pavoroso: suas pálpebras tinham sido cortadas. Eu me inclinei mais, prendendo a respiração, incrédulo. Essa não era a única mutilação no rosto do menino: um corte profundo e largo fora feito nas duas faces, tão fundo que a lâmina parecia haver atravessado o rosto, e sua boca estava inchada e ensanguentada, com densos filetes de sangue recobrando a penugem do queixo. O rapazola mal chegara a ter idade bastante para se barbear.

– O altar - murmurou Underhill, apontando com a cabeça.

Levantei os olhos e recuei no mesmo instante. Havia um naco carnudo e vermelho-escuro no centro do altar, de onde o sangue gotejava, formando uma mancha horrenda no tecido branco.

– Ah, meu Deus - murmurei, por saber do que se tratava. Com cuidado, abaixei a mandíbula de Ned, abrindo sua boca e revelando o coto de língua. O movimento fez brotar um novo jato de sangue, que escorreu por seu queixo, e dei um pulo instintivo para trás, mesmo sabendo que ele não poderia estar vivo.

– Isso aconteceu há bem pouco tempo - observei, virando para o diretor. Ele confirmou com um aceno da cabeça, passando as mãos pelo rosto.

– Ned chegava todos os dias por volta das quatro horas, para preparar a capela para as Vésperas, às cinco - explicou-me Underhill, com a voz quase inaudível. - Essa é a principal obrigação do leitor da Bíblia. Qualquer um saberia que podia encontrá-lo aqui. A porta da capela não fica trancada. Devem ter se escondido e esperado por ele. Pobre menino - lamentou-se, balançando a cabeça. - Mas você viu o que fizeram com ele, Bruno? - e levantou os olhos para mim, com ar cheio de expectativa.

– Foxe outra vez?

Ele fez um breve aceno afirmativo:

– Creio que a intenção é que seja Romanus. Seu martírio aparece no Livro Um de Foxe, logo depois da história de Santo Albano, que contei ontem na capela. Os torturadores de Romanus o mutilaram para que ele parasse de entoar hinos, mas, quando retalharam seu rosto, ele agradeceu por lhe haverem aberto muito mais bocas com que louvar a Deus.

– Eles sempre tinham uma resposta pronta, esses santos - comentei, desanimado.

– E então deceparam sua língua. E depois o estrangularam.

Underhill fez um barulho estranho, parecido com um soluço, e cobriu a boca com a mão.

Afrouxei o tecido da camisa de Ned, amontoado em volta do pescoço. Sua pele alva realmente tinha a marca de manchas escuras, nos pontos em

que os dedos o haviam estrangulado.

– Cortaram a língua dele para impedi-lo de falar - ponderei, em parte falando sozinho. Poucas horas antes, Ned me dissera o que tinha visto na tarde de sábado. Teria morrido por isso? Procurei relembrar nosso encontro depois do almoço, à saída do grande refeitório. Quem poderia ter entreouvido nossa conversa? Lawrence Weston? Mas o corredor estivera lotado de estudantes e professores que se abrigavam da chuva. Qualquer um poderia ter me visto entregar ao Ned o xelim que ele nem sequer chegara a gastar. A ideia de que, sem querer, eu pudesse ter atraído essa vingança contra o pobre menino me encheu de horror por um momento, mas minhas considerações foram interrompidas por uma tosse impaciente.

– Agora que o Dr. Bruno teve a bondade de nos dar seu veredicto especializado - disse Slythurst, a voz gelada de desdém talvez eu deva avisar o oficial de inquirição, não é, senhor diretor? Quem fez isso não pode ter ido muito longe em tão pouco tempo. Se eles derem o alerta agora e iniciarem a perseguição...

– É muito provável que o assassino ainda esteja aqui no colégio - disse eu, me voltando para o diretor. - Se estiver, mal terá tido tempo de lavar o sangue das mãos... O senhor precisa reunir toda a comunidade no refeitório agora mesmo. Alguém deve ter visto alguma coisa.

O diretor assentiu com a cabeça e se virou para Slythurst:

– Walter, desça e reúna todos os alunos e professores, como sugeriu o Dr. Bruno. Certifique-se de que todos estejam presentes e compareçam como estiverem: bata em todas as portas e arraste os homens de seus quartos, se tiver que fazê-lo.

Slythurst me dirigiu um de seus olhares furiosos, mas se virou e saiu da capela.

- O que o senhor fez depois de encontrar o corpo? - perguntei.
- Eu... eu gritei, pedindo socorro... não conseguia pensar com clareza - gaguejou. - Richard estava na biblioteca e veio correndo. Depois, fiquei com o corpo e ele foi procurar Walter.
- O senhor ficou o tempo todo na biblioteca? - perguntei, me virando para Godwyn, que continuava parado junto à porta, um tanto agitado.
- Bem, sim - disse ele, com ar meio defensivo. - Trabalhei lá a tarde toda.

Eu o encarei, sem acreditar:

- E não ouviu nada? Enquanto um menino era assassinado do outro lado do corredor?
- Tanto a porta da biblioteca como a da capela são de carvalho maciço, Dr. Bruno - disse Godwyn, elevando a voz em protesto. - Ouvi passos na escada, mais cedo, porém isso não me pareceu anormal. Mas só ouvi uma voz quando o diretor Underhill abriu a porta da capela e gritou.

Tornei a olhar para o corpo.

- Suponho que, se alguém esperasse aqui para surpreendê-lo, poderia estrangulá-lo antes que ele tivesse muita chance de lutar ou gritar.

Essa idéia me trouxe certo consolo, mas continuei a encarar Godwyn com desconfiança. Será que ele sabia que Ned o vira se encontrar com Jenkes do lado de fora da Escola de Teologia?

- Então, ele estava morto antes que tudo isso...? - indagou o diretor, com um gesto para o rosto mutilado do menino.
- Esperemos que sim - resmunguei, ficando de pé.
- Mas Ned - disse Godwyn, contemplando o cadáver maltratado e franzindo o cenho, como se, de algum modo, a cena não fizesse sentido -, por que ele? - repetiu. Balançou a cabeça, como se isso

pudesse livrá-lo da confusão. De repente, me lembrei de algo que o menino me dissera em nossa fatídica conversa.

– Ned também tinha responsabilidades na biblioteca, além da capela? - indaguei.

Godwyn se virou e me lançou um olhar severo.

– Às vezes ele me ajudava em pequenas tarefas - disse, com um olhar prevenido. - Coisas de arrumação e manutenção, em geral. Ele não lidava com os livros. Por que pergunta?

– Mestre Godwyn, alguém esteve na biblioteca na tarde de sábado, enquanto a maior parte do colégio assistia ao debate, na tarde em que James Coverdale foi assassinado. Ned ouviu essas pessoas, mas não soube dizer quem eram.

Godwyn mordeu a articulação do polegar e me olhou com expressão ansiosa.

– Bem, como eu lhe disse, todos os professores têm suas próprias chaves. Imagino que seja possível alguém ter voltado mais cedo, porém não faço ideia. Ou então...

Lançou um olhar furtivo para o diretor e deixou a frase morrer no ar. Lembrei o que ele me dissera sobre Sophia usar a chave do pai para ter acesso à biblioteca. Ned me contara ter ouvido uma voz masculina se elevar com raiva, mas com quem esse homem teria falado? A compostura de Godwyn ficou claramente afetada. Não pude deixar de me perguntar se, no cumprimento de seus deveres na biblioteca, Ned teria tropeçado no reservatório de livros católicos ilegais de Godwyn.

– E o senhor? - perguntei, encarando-o. - Não viu ninguém, quando voltou mais cedo?

– Eu? - indagou Godwyn, desviando a cabeça e exibindo uma expressão de mágoa nos olhos grandes e abatidos. - Eu estava no debate, Dr. Bruno - disse. Incomodado, mudou de posição e cruzou os braços.

– Mas o senhor saiu mais cedo para se encontrar com alguém, pelo que sei.

O diretor ergueu os olhos, uma leve surpresa substituindo por um momento em seu rosto a expressão de desespero e cansaço. Godwyn enrubesceu e não tentou insistir na mentira:

– E verdade. Saí disfarçadamente no começo, por causa de um assunto pessoal - explicou, com a voz tensa. - Não teve nada a ver com o colégio. Mas só regresssei pouco antes das seis, quando encontrei a biblioteca trancada e vazia, tal como eu a deixara. Essa é a verdade, juro por Deus.

Olhei para as mãos de Godwyn, que ele retorcia, abrindo e fechando os dedos. Mãos grandes, manchadas de tinta na ponta dos dedos, mas não sujas de sangue, ao que eu pudesse ver. O diretor nos olhou, como se já não soubesse em que acreditar.

– Esperem, o que é aquilo? - indaguei. Um montinho escuro me chamara a atenção ao pé do altar. Eu me curvei para examiná-lo e vi, mais de perto, que parecia ser uma pilha de tecido preto dobrado. Ao levantá-la com cuidado por uma ponta, entre o polegar e o indicador, vi que era uma beca de estudante, esgarçada nas mangas e pegajosa de sangue fresco.

– De novo esse truque - comentei, levantando a beca para que o diretor a visse. - Deve ser a beca do Ned. O assassino veste a roupa das vítimas por cima da sua, para que não tenha nenhum vestígio de sangue quando sair.



A porta se entreabriu com um rangido e nós três nos sobressaltamos, nervosos com a proximidade do assassinato. A cara de roedor de Slythurst apareceu na fresta.

– O colégio está reunido no refeitório, diretor, para quando o senhor estiver pronto, mas creio que nem todos estão presentes - disse e olhou para mim. - Não consigo encontrar William Bernard. Gabriel Norris e Thomas Allen também não parecem estar em seu quarto. E John Florio não foi visto desde hoje à tarde.

O diretor balançou a cabeça e se levantou, pesadamente.

– Vá indo na frente, Walter, e você também, Richard. Nos encontramos em alguns minutos. Depois de falar, vou impor um toque de recolher. Todos deverão permanecer em seus quartos esta noite, até termos tido a oportunidade de fazer uma busca no colégio.

– Inclusive os hóspedes, presumo? - perguntou Slythurst.

– Todos - respondeu com firmeza o diretor. - Agora, eu gostaria de ter uma palavra a sós com o Dr. Bruno.

Relutante, Slythurst acompanhou Godwyn porta afora. Underhill se virou para mim, devagar, como se esse esforço lhe custasse muito, e vi a completa desolação gravada nas linhas de seu rosto.

– Minha filha ainda não voltou para casa, Bruno.

Havia um ar tão definitivo em seu tom que, por um momento, também tive a sensação de que desabaria sob o desespero dele, mas sacudi a cabeça.

– Ela talvez tenha ido à casa de uma amiga. Não há ninguém em quem o senhor consiga pensar?

Ele passou as duas mãos pelo rosto, muito devagar, e ergueu os olhos na direção dos meus.

– Sophia não tinha amigas, no sentido usual. Rejeitava a companhia de outras jovens da sua idade. Se você me perguntasse há alguns dias pelos amigos dela, eu diria que minha filha não tem nenhum. Mas agora...

O diretor se interrompeu e tornou a se virar para a janela, como se algo o atraísse pela vidraça.

- Agora o quê? O senhor descobriu alguma coisa?
- Estive cego, Bruno. Falhei com meus dois filhos, assim como falhei com o colégio.

Embora eu não pudesse deixar de sentir que isso provavelmente fosse verdade, a visão da aflição do homem me fez atravessar a capela e pôr a mão em seu ombro:

- O senhor não pode se culpar por essas mortes. E Sophia será encontrada sã e salva, o senhor vai ver... nem que eu mesmo tenha de cavalgar a noite inteira para achá-la.

Eu não havia pretendido falar com tanta paixão. Underhill me olhou com leve curiosidade, antes que a expressão de sofrimento voltasse a seu rosto.

- É bondade sua dizer isso - comentou, com um tapinha na mão que eu pusera em seu ombro, como se estivesse me agradecendo pelo gesto. - Mas você está enganado. Quando vi que ela não voltou hoje à tarde, fiz uma busca em seu quarto. E encontrei isto, costurado no colchão.

Enfiou a mão na sobreveste e retirou um livrinho com a capa de couro meio gasta, que me entregou. Folheei algumas páginas e vi de imediato que era um pequeno Livro de Horas, parecido com o que eu vira na oficina de Jenkes, de idade e trabalho artesanal semelhantes, embora menor e mais simples. As páginas se encontravam em bom estado e não vi sinal de que nenhuma das imagens de santos ou das indulgências tivesse sido desfigurada. Senti um peso no coração. O fato de Sophia estar de posse de um livro tão obviamente católico, sigilosamente escondido dos pais, só podia ter um significado.

- Veja a folha de guarda - disse Underhill, fazendo sinal para o livro com a cabeça.

Abri a capa. Na guarda havia uma dedicatória manuscrita, com um verso da Bíblia: "Pois a sabedoria é mais preciosa que os rubis, e a ela não se

compara nada que possais desejar." Abaixo disso, a inscrição dizia, numa letra caprichada e cheia de floreios: "*Orapro nobis*. Do seu em Cristo, J." Underhill me olhou, cheio de expectativa.

– É um versículo dos Provérbios, não? - perguntei.

– Você não está vendo? - explodiu ele, impaciente. - Qual é a palavra grega que significa sabedoria? *Sophia!* Um livro de orações papista, com uma dedicatória escrita para ela. Eles a converteram, bem embaixo do meu nariz, enquanto eu me afundava no Foxe e lutava para manter a paz aqui, para o Leicester! - e tornou a balançar a cabeça, olhando para o chão.

– Diretor Underhill, *quem* a converteu? - perguntei com rispidez. - Quem é esse J, o senhor sabe? Quem o senhor está protegendo?

– Ninguém senão eu mesmo - disse ele, em tom desgostoso e quase inaudível. - E minha família... ou assim pensei. Eu não poderia acreditar que chegasse a isso.

O pensamento terrível que me veio à mente foi Jenkes. Somente ele poderia ter posto as mãos num Livro de Horas francês tão bonito, e praticamente revelara sua identidade por meio da inicial. Senti minhas mãos apertarem o livro, ao reler a dedicatória. O versículo bíblico era bastante inocente, mas havia algo incomodamente lascivo no que ele insinuava, se a palavra "sabedoria" fosse substituída pelo nome de Sophia. A ideia de Jenkes, com seu rosto esburacado, cheio de cicatrizes, e aquela cabeça sem orelhas, dando a ela um presente tão pessoal e tão íntimo, que de fato deixava implícita certa simpatia dela pela religião do homem, fez meus dentes rangerem. Depois me ocorreu um outro pensamento, que me congelou momentaneamente o coração: e se fosse Jenkes o perigo de que ela havia falado? E se Sophia houvesse se envolvido com ele de algum modo, e o homem tivesse acabado por ameaçá-la? E será que alguma dessas coisas tinha ligação com o cadáver mutilado que jazia aos pés do altar? Minha mão deslizou para o cinto, onde eu havia guardado a faquinha de cabo de prata que Jenkes me dera. Nessa noite, decidi, eu arrancaria a verdade dele, nem que isso significasse ele ter que enfrentar

a própria arma. Underhill me fitava com um olhar triste e cheio de expectativa, como se aguardasse minhas instruções sobre como agir.

– James Coverdale era católico? - perguntei, abruptamente.

Underhill apertou uma das mãos com a outra e fez que sim com a cabeça.

– E o senhor sabia? Foi por isso que não pôde deixar lá o símbolo da Roda da Catherine, à vista do oficial de inquirição?

O diretor tentou conter um suspiro tão grande que quase arrebentou suas costelas, e em seguida me olhou com uma espécie de resignação:

– Sempre acreditei que, se um homem é capaz de sustentar sua fé em particular, sem que ela afete sua política ou seu trabalho, isso é um assunto entre ele e Deus. Creio que essa não é uma visão adotada por muitos integrantes do Conselho Real, mas me orgulho de considerá-la mais próxima dos sentimentos de Sua Majestade. - Ele se inclinou na minha direção e baixou a voz. - Mas as regras estão mudando. A cada dia lorde Burghley introduz uma nova legislação a respeito dos católicos, de modo que agora é crime reter informações sobre papistas conhecidos. Um homem pode perder seus bens ou acabar na cadeia, simplesmente por deixar de informar às autoridades o que sabe sobre seus vizinhos ou colegas, e todos vivem com medo dos amigos - completou, estremecendo e cruzando as mãos.

– Então - fui dizendo devagar, enquanto tentava juntar as peças do seu raciocínio -, o senhor não quer que se divulgue a verdade sobre esses assassinatos por temer que alguém esteja tomando por alvo os católicos conhecidos do Colégio Lincoln e, se isso for descoberto, que Leicester venha a lhe perguntar como é possível que tantos tenham permanecido aqui, sem serem incomodados, sob a sua direção, não é? - indaguei, sentindo se esvaír rapidamente minha simpatia por ele. - O senhor preferiu fazer o oficial da corte de justiça e o oficial de inquirição irem atrás de histórias de ladrões e cães vadios, deixando o verdadeiro assassino livre para atacar de novo - sugeri, apontando para o corpo de Ned. - Quem sabe não tem

a secreta esperança de que ele termine o trabalho e livre o Lincoln dos católicos obstinados, sem que o senhor perca sua credibilidade?

– Santo Deus, não, Bruno! Como você pode pensar uma coisa dessas? - exclamou ele, parecendo sinceramente horrorizado. - Você não pode supor que eu desejaria a morte de um homem! Por que pensa que não denunciei esses católicos do colégio antes? É claro que sei quem eles são - disse com um sibilo, baixando a voz -, e, em sua maioria, são homens decentes, que fazem um bom trabalho aqui, que não estão, ao que eu saiba, tramando derrubar Sua Majestade nem o governo dela, e eu sabia a que os estaria entregando. Só que, por não fazê-lo, corri o risco de perder tudo.

– E agora alguém os está liquidando, um por um, de acordo com os martírios dos primórdios da Igreja descritos por Foxe - disse eu, como que falando sozinho, enquanto atravessava o cômodo em direção à lareira. - Mas quem? Alguém que se opõe a eles ou um deles? E por que de maneira tão elaborada, senão para atrair todos os olhares para o Colégio Lincoln e para o castigo de seus católicos impenitentes? Se ao menos pudéssemos compreender os motivos dele, tudo ficaria claro.

– Eu não quis dar crédito a sua teoria sobre Foxe, a princípio - disse Underhill, baixinho, levantando a cabeça. - Não conseguia acreditar que alguém pudesse contemplar algo tão bárbaro e blasfemo, e também não queria reconhecer que meus sermões sobre Foxe pudessem ter inspirado de algum modo esses atos diabólicos. Mas você tem razão: não se pode mais ignorar isso.

– E esse pobre menino? - indaguei, tornando a olhar para o rosto desfigurado de Ned. - Também era um deles?

– Não que eu soubesse - gemeu Underhill, permitindo-se o mais fugaz relance de olhos para o cadáver no chão. - Ele não vinha de família ilustre, mas era um aluno extremamente dedicado. Não consigo imaginar quem iria querer feri-lo... é realmente uma maldade - disse, e seus ombros se agitaram.

– Creio que Ned viu ou ouviu algo que não deveria - disse eu,

desolado. - O senhor informou aos guardas ou ao vigia que Sophia desapareceu?

- Não - respondeu Underhill e tornou a baixar a cabeça. - Ainda não escureceu... acho que eu tinha esperança de que ela voltasse antes do jantar, ou, pelo menos, antes de escurecer. Minha mulher está de cama... convencida, é claro, de que Sophia morreu ou está morrendo em algum lugar. Ela ainda não soube do Ned. Estou tentando adotar uma visão mais racional, porém não é fácil.

O diretor respirou fundo e com firmeza, como que para demonstrar a luta pelo domínio de seus sentimentos mais fracos.

- Se ela não voltar até amanhã de manhã, farei tudo o que estiver a meu alcance para ajudá-lo a encontrá-la, prometo - disse eu, em tom solene.

O diretor pareceu prestes a responder, mas de repente ergui a mão, pedindo silêncio. Do lado de fora, no corredor, eu havia captado um ruído tão leve que talvez fosse apenas o estalar de um caibro, mas, para meus nervos tensos, soou como um passo numa tábua do assoalho. Esperamos vários segundos, com a respiração presa na garganta, mas ouvimos apenas o zumbir abafado de um inseto batendo na vidraça.

- Preciso ir ao refeitório comunicar esta última tragédia à comunidade - disse Underhill, tirando de minhas mãos o Livro de Horas e tornando a guardá-lo em sua sobreveste. Ele me conduziu através da porta e se curvou para trancá-la, ao sairmos. - Creio que agora não podemos deixar de chamar os homens da guarda, já que o assassino realmente parece se encontrar entre nós. Mas, se o senhor for interrogado, Dr. Bruno, talvez seja prudente guardarmos a teoria sobre Foxe para nós - acrescentou, num sussurro.

Balancei a cabeça e o observei descendo a escada, os ombros recurvados sob um fardo do qual, eu desconfiava, ele jamais se livraria.

Cobbett deixara aberta a porta de sua guarita e estava de costas para ela, arrumando suas chaves no pequeno armário da parede. O cômodo ainda

tinha um cheiro forte de vômito. O porteiro me olhou de relance por cima do ombro quando entrei.

– Mais uma morte, estão dizendo - grunhiu. - E na própria capela, dessa vez. Agora fui instruído a manter os portões trancados. Era um bom menino aquele Ned, trabalhador que só ele. Quem faria uma coisa dessas? Começo a pensar se isso não é obra do Diabo, afinal, Dr. Bruno.

– Sophia Underhill - disse eu, fechando a porta atrás de mim você a viu sair do colégio hoje de manhã, Cobbett?

– Sim - disse ele, em tom neutro, tornando a se virar para seu armário de chaves. - Saiu de fininho no meio de toda a comoção, assim que Mestre Slythurst voltou para a torre. Quando a mãe dela desceu, uns minutos depois, eu lhe disse que a Srta. Sophia pareceu ter ido andando na frente.

– E você não a viu voltar em momento algum?

– Não. Ela não voltou?

– Não foi vista o dia inteiro. Ela lhe disse aonde ia?

– Não. Mas não deve ter ido longe.

– Não neste tempo - concordei.

– Não no estado dela.

Arrastando penosamente os pés, Cobbett voltou para trás de sua mesa e me olhou com ar de expectativa. Eu o encarei, incrédulo, com a sensação de que o próprio tempo quase havia paralisado.

– Que estado? Você quer dizer que ela está doente?

O homem levantou uma das sobrancelhas para indicar o que achava da minha ingenuidade.

– Ora, vamos, Dr. Bruno, o senhor não passou tanto tempo assim no claustro.

– Você quer dizer que ela...? Não - falei, balançando a cabeça. Esse, com certeza, era um boato maldoso que o velho porteiro tinha ouvido dos criados.

– Como pode ter certeza?

– Minha mulher teve 10, senhor, que Deus a tenha. Acha que não sei reconhecer os sinais? Está com uns bons três meses, eu diria, pobre moça.

Minha cabeça girou ante a magnitude dessa revelação. Se de fato Sophia esperava um filho, o medo que me confidenciara parecia ainda mais urgente. Mas, afinal, de quem ela sentia medo: do próprio pai ou do pai da criança? Seria esse o perigo que havia mencionado?

– Mas, quem...? Ela lhe confidenciou de quem era esse filho? - indaguei, ouvindo o toque de pânico se elevar em minha voz.

– Ela não me confidenciou nada, Dr. Bruno. Eu só uso os olhos que Deus me deu, ao contrário da maioria por aqui. Vi que ela se encontrou com alguém na biblioteca na tarde de sábado, quando o colégio inteiro estava no debate. Pelo menos eu a vi subir lá, e um sujeito a seguiu, não muito atrás.

– Mas quem?! - exclamei, exasperado.

Cobbett deu de ombros, com uma expressão pensativa.

– Ele estava de capa e com o capuz levantado. Podia ser qualquer um. Sei que não o vi entrar pelo portão, logo, fosse quem fosse, já devia estar no colégio.

Fiz uma pausa, prendendo o dorso do nariz entre o polegar e o indicador, enquanto lutava para fazer essas últimas informações se encaixarem. Então, Sophia tinha sido uma das pessoas entreouvidas por Ned na biblioteca. Mas com quem ela se encontrara lá, quando o colégio estava quase vazio?



- O pai dela sabe? - perguntei a Cobbett.
- O senhor está brincando, não é? O pai dela mal notaria se ela desse à luz bem diante do nariz dele, e a Sra. Underhill não fica atrás. Se o senhor quer saber, a culpa é só deles, os dois agindo como se o mundo tivesse acabado quando o jovem John morreu, como se Sophia não lhes importasse. Na verdade
- prosseguiu, inclinando-se para mais perto -, eu estava me perguntando de que jeito a moça ia esconder isso do resto do mundo, quando não conseguisse mais amarrar o espartilho, e esse dia não está muito longe. Talvez seja por isso que ela resolveu fugir agora.
- Eu não sabia que você tinha 10 filhos, Cobbett - comentei, parando na porta e olhando para o velho com um respeito renovado.
- Bem, agora já não tenho - disse ele, com ar filosófico. - O bom Deus quis levar a maioria de volta. Sobraram duas filhas, uma casada com um agricultor, lá para os lados de Abingdon, e outra que é lavadeira.
- Sinto muito - retruquei, sem a menor necessidade.
- Não há o que lamentar, a vida é assim mesmo. Mas, enfim, veja só, com toda esta tagarelice, quase esqueci que tenho uma carta para o senhor.

Cobbett abriu uma gaveta da mesa e remexeu nela até tirar um pedaço de papel dobrado, que me entregou.

Intrigado, virei o papel. Meu nome estava escrito numa letra elegante e desconhecida, e abri prontamente a carta, redigida num italiano impecável.

- Ele a deixou comigo hoje de manhã - disse Cobbett -, mas, com todo aquele tumulto por causa do pobre Dr. Coverdale, e agora com este último, esqueci por completo de entregá-la. Peça desculpas.

Senti um aperto no peito ao correr os olhos pela carta. Num estilo muito rebuscado, ela pedia minha ajuda para recomendar seu autor ao embaixador francês, a fim de que ele lhe prestasse serviços como

professor de línguas particular de seus filhos, pois desejava se casar dentro em breve e seu mísero cargo na universidade não lhe permitiria sustentar uma esposa.

– Isso veio de Mestre Florio? - perguntei com um suspiro, dando uma espiada no pé da página, onde a carta fora assinada com uma única inicial, tão enfeitada e cheia de arabescos que poderia ser qualquer coisa.

– É claro. Não diz aí?

Então, era essa a carta que ele havia mencionado de maneira tão furtiva. Florio não era, portanto, o correspondente misterioso que me pusera originalmente na pista da Roda da Catherine. Aquilo era mais um beco sem saída, e eu não chegara nem perto de encontrar a única pessoa do colégio que tinha sabido da ligação com Foxe antes de qualquer um de nós.

– Maldito seja - resmunguei, amassando a carta, mas sem saber ao certo se estava maldizendo Florio, por sua inocência, ou amaldiçoando o autor anônimo, por ter sido tão enigmático. - Cobbett, posso lhe pedir um favor?

– Farei o que puder para atendê-lo, senhor.

– Preciso sair tarde do colégio, hoje à noite. Tenho um... há uma coisa que preciso fazer. Você deixaria o portão aberto para mim, digamos, quando faltar meia hora para a meia-noite?

O velho porteiro franziu o cenho, consternado.

– Eu gostaria de ajudá-lo, senhor, mas o diretor deu instruções rigorosas de que agora o portão permaneça trancado, após as últimas mortes, e ninguém pode entrar nem sair depois de escurecer. Não me atrevo a contrariar a ordem dele: se houver outro ataque, vão me mandar embora, por não ter cumprido o meu dever.

– Entendo - apressei-me a dizer. - Nesse caso, talvez eu possa bater para chamá-lo, e você me deixaria sair e tornaria a trancar o portão

depois disso, quem sabe?

Cobbett pareceu em dúvida.

– Bem, isso eu poderia fazer, sim, senhor. Mas teria de ficar acordado até a sua volta?

– Não sei quanto tempo vou demorar, mas eu poderia bater na janela para você me deixar entrar de novo.

– Isso o senhor pode tentar, se quiser - disse ele, ainda sem parecer convencido. - Mas tem que jurar que ninguém no Lincoln ficará sabendo, senão eu estou no olho da rua.

– Eu juro. Vou sumir como um ladrão na madrugada - prometi. Agradei a ele e entrei no quadrilátero molhado, ainda à sombra de um céu cinza-chumbo, com a cabeça doendo em função das novas revelações.

## Capítulo 16

Uma friagem úmida pairava sobre o pátio quando o espiei da saída da minha escada, faltando 20 para a meia-noite, embora as nuvens pesadas que haviam trazido a chuva que nos castigara durante o dia tivessem enfim se rompido, permitindo um mero vislumbre da lua que iluminava as pedras escorregadias. Eu me senti grato por essa luz pálida, já que ela me permitira enxergar da janela o relógio da ala norte - eu estivera andando no quarto de um lado para outro, num estado de expectativa contida, desde o fim do jantar mas agora também ansiava por não ser notado, ao tentar sair do colégio sem que me observassem. Mantendo-me bem junto às sombras, me esgueirei por toda a extensão da parede da ala sul, depois da oeste, em direção à torre, rezando para que Cobbett estivesse acordado. Por duas vezes me assustei com um barulho, pensando ter ouvido alguma coisa se mexer na esquina oposta e me encostando bem na pedra úmida, mas acabei me convencendo de não ter ouvido nada, exceto as travessuras noturnas de uma raposa ou uma coruja do lado de fora dos muros, um barulho agora abafado pelo bater surdo do sangue em meus ouvidos. Todas as janelas que davam para o pátio estavam às escuras, a não ser por uma luz bruxuleante no andar superior da casa do diretor. Se Sophia ainda não voltara para casa, pensei, não era de admirar que o pobre homem não conseguisse dormir. Ao passar pela ala oeste, imaginei se Gabriel Norris e Thomas Allen teriam voltado. Nenhum dos dois estivera presente no jantar e parecia estranho ambos haverem desaparecido após a descoberta do corpo de Ned. William Bernard também tinha sumido - uma ausência ainda mais marcante pelo fato de nenhum de seus colegas a haver mencionado à mesa dos professores, apesar dos olhares frequentes para seu lugar vazio. Sob a arcada da torre, bati de leve na janelinha arqueada de Cobbett. Fiquei satisfeito ao ver luz de vela ardendo no interior e, para minha

surpresa, a porta se abriu quase de imediato. Pondo um dos dedos encardidos nos lábios, o velho porteiro se arrastou com doloroso vagar até o portão, carregando um pequeno lampião na mão direita e lançando olhares temerosos para a penumbra do pátio enquanto caminhava. Ele me entregou o lampião e vi seus dedos artríticos fazerem uma hábil triagem no enorme molho de chaves pendurado em seu cinto, escolhendo uma delas praticamente sem emitir som. O portão rangeu ao se abrir, produzindo um ruído que não poderia ser mais parecido com o do tronco de uma árvore antiga se vergando sob a tempestade, e ambos passamos um momento imóveis, até nos convencermos de que não havia movimento nos prédios às nossas costas.

Cobbett fez sinal para que eu levasse o lampião comigo.

- Bata na janela da rua quando voltar - lembrou-me ele, num murmúrio rouco. - Não tenha medo, eu escuto. E tome cuidado lá fora nas ruas, senhor. Mantenha a cabeça fria.

À luz da vela, seu rosto estava incomumente sério, por isso lhe fiz um aceno com igual solenidade, ao cruzar o portão e entrar no lamaçal da travessa St. Mildred. As dobradiças tornaram a ranger alto quando Cobbett fechou o portão atrás de mim e, no instante seguinte, ouvi sua chave girar na fechadura com um ameaçador caráter final.

Eu mal havia passado pelos muros do Colégio de Jesus e estava quase no ponto em que as travessas St. Mildred e Sommer se cruzam quando me virei abruptamente, com a mão na faca, já então convencido de ter ouvido o som inconfundível de um pé pisando numa poça, em algum ponto atrás de mim. Levantei o lampião, examinando freneticamente as trevas da rua que acabara de percorrer, mas o círculo de luz mal passava do comprimento do meu braço e só fazia a escuridão parecer mais impenetrável. Quase gritei para que quem quer que estivesse ali se mostrasse, mas me contive no último instante, considerando que era melhor não chamar mais atenção.

Prossigui com dificuldade pela rua lamacenta, me mantendo junto ao sólido negrume do muro da cidade à minha direita, acompanhando sua linha pela travessa Sommer em direção ao portão norte. Veio de novo o

chapinhar abafado de passos atrás de mim, como os sons que minhas próprias botas faziam nos sulcos transbordantes que a chuva do dia deixara na rua. De novo girei o corpo de repente, dessa vez sacando a faca, e sibilei um "quem está aí" em voz tão baixa que foi quase inaudível. Dessa vez, tive certeza de haver detectado algo nas sombras profundas, não propriamente um movimento, mas um deslocamento de ar - a bruma fria se rearranjando no espaço em que estivera um homem segundos antes. Eu já não tinha dúvida de que havia alguém me seguindo, mas a poucas jardas dali vi a massa tranquilizadora da Igreja de São Miguel, encostada no muro da cidade, e ao lado dela as luzes da torre de vigia acima do portão. Respirei fundo e, repondo a faca no cinto, meti a mão no bolso dos calções para pegar as moedas que já havia separado para subornar os vigias, tendo achado melhor não deixá-los verem a bolsa recheada que eu carregava.

Dois rapazes munidos de lanças e com um forte cheiro de cerveja deram um passo à frente, com certo desânimo, quando me aproximei do portão.

- Informe suas intenções - disse o mais alto, como se não desse a mínima importância à resposta. Mordeu ostensivamente a moeda que lhe dei, bem na minha frente, enquanto eu lançava olhadelas ansiosas por cima do ombro, em busca de algum sinal do meu perseguidor, mas sem conseguir enxergar nada além das esferas de luz dos lampiões. Quando meu suborno foi julgado autêntico, fui conduzido pelo portão e me descobri sozinho fora dos muros da cidade.

O quintal da hospedaria estava envolto em sombras e nele pairava um silêncio abafado, que parecia tenso de expectativa. Não vi luz em nenhuma das janelas e a única iluminação provinha do pequeno lampião que eu carregava. De algum lugar no denso negrume, à minha direita, veio o relincho suave de um cavalo que deslocava o peso do corpo, cochilando ali perto. Levantei a luz para ver para onde devia ir.

- Apague isso, seu tonto. Quer atrair os vigias para nós? - sibilou uma voz masculina em meu ouvido, o hálito quente no meu rosto. Meu coração deu um salto e, no susto, quase deixei cair o lampião, mas consegui enfiar a mão por dentro do vidro e apagar a vela. A figura que havia falado

passou por mim e atravessou o quintal sem hesitação, a capa farfalhando nas pernas com o andar. Uma réstia de luar atravessou as nuvens e, sob seu brilho tênue, vi outras sombras se materializarem, mais figuras que deslizavam em silêncio pelo ar parado em direção aos fundos do prédio da hospedaria, todas envoltas em capas e com os capuzes levantados. Por um momento, aquela visão me fez lembrar de quando eu me levantava de madrugada para as matinas no mosteiro de San Domênico, pois as figuras encapuzadas não poderiam ser mais parecidas com os monges entre os quais eu tinha passado a juventude. Segui as formas que mal conseguia discernir e cheguei a uma portinha, que se fechou no instante em que a alcancei. A custo discerni a forma de uma grade na altura da cabeça e, assim, me inclinei na direção dela e sussurrei "*Ora pro nobis*". Por um instante, houve apenas silêncio, mas em seguida se abriu uma fresta e das sombras surgiu uma mão pálida que fez sinal para eu entrar. Eu me esgueirei pela abertura para uma passagem estreita, que, a julgar pelo cheiro de comida rançosa, parecia correr em paralelo à cozinha da taberna. Por seu tamanho, calculei que a pessoa que havia me deixado entrar era Humphrey Pritchard, o ajudante que servia as mesas. Se ele me reconheceu ou não, eu não saberia dizer. O rapaz me conduziu pela passagem, que terminava numa escada de aparência bamba que subia em curva para o andar seguinte. Uma vela de sebo ardia baixo num castiçal de parede, a meio caminho da subida, enchendo a escada estreita com sua fumaça acre. Passos rangeram nos degraus atrás de mim e então apressei a subida, emergindo num patamar de pé-direito baixo, vigas no teto e piso desnivelado. Notei que as janelinhas tinham sido cobertas por panos pretos, para impedir que a luz das velas fosse visível do lado de fora. Ainda sem saber ao certo aonde ir, segui o corredor até o fim, onde havia uma porta baixa entreaberta. Ao empurrá-la com hesitação, me vi numa salinha repleta de figuras encapuzadas que esperavam de pé, com a cabeça baixa, todas voltadas para um altar improvisado numa das extremidades, onde três velas de cera ardiam em altos castiçais de prata, diante de um crucifixo de madeira escura com uma figura prateada do Cristo crucificado.

Das profundezas anônimas de nossos capuzes, os outros congregantes e eu nos olhávamos furtivamente, embora, à luz tênue das velas, todos os rostos que vislumbrei exibissem os mesmos efeitos de máscara das chamas dançantes, com as feições alongadas e os olhos submersos em poças de sombra. E então, subitamente, uma figura alta do outro lado da sala se virou para mim. A luz caiu por um momento em seu rosto, seus olhos encontraram os meus e, num sobressalto, reconheci Mestre Richard Godwyn, o bibliotecário do Colégio Lincoln. Pude notar a surpresa e o medo em seu rosto, um instante antes de ele baixar os olhos para o chão e cruzar as mãos à frente do corpo, em posição de prece. Em seguida comecei a pensar em quantos dos outros, se eu pudesse vê-los com clareza, se revelariam homens que eu já conhecia, se esgueirando pela cidade adormecida sob a proteção das trevas para viver sua vida secreta e proibida. Não pude deixar de admirar a coragem deles, embora já não compartilhasse sua fé. Afinal, eu também não havia arriscado a vida, um dia, desafiando as convicções que as autoridades me recomendaram? Em certo sentido, não continuava a fazer isso? Naquele momento, relanceando os olhos pela pequena congregação de 14 almas, me dei conta da assombrosa gravidade da minha tarefa ali. Eu era o lobo em pele de cordeiro, aquele que usava o mesmo uniforme e proferiria as mesmas respostas, mas sob o braço direito sentia o peso da bolsa de Sir Francis Walsingham - um dinheiro que eu carregava para trair aqueles devotos destemidos e levá-los à prisão, ou talvez à morte. Muito bem que Walsingham falasse em termos abstratos sobre a ameaça ao reino, mas será que aquela pequena missa poderia realmente ser considerada traição? Achei difícil acreditar que alguma das pessoas comuns ali reunidas durante a noite, para celebrar um rito que lhes era negado sob pena de morte, estivesse tramando em segredo assassinar a rainha ou passar informações às forças francesas. Seria sua simples fé razão suficiente para entregá-las à versão de justiça do Conselho Real, pensei, e porventura eu conseguiria justificar isso perante minha consciência? Eu me lembrei do medo palpável que Thomas Allen manifestara dos métodos de interrogatório dos ministros da rainha, usados contra os



acusados de traição. De repente, me senti terrivelmente exposto, como se minha intenção traiçoeira pudesse ser visível às pessoas à minha volta. Nesse momento, a mão de alguém se fechou com força em meu pulso, então ergui o olhar e me descobri fitando os luminosos olhos azuis de Rowland Jenkes. Ele me lançou um olhar penetrante, depois acenou uma vez com a cabeça, no que me pareceu ser uma afirmação, um quase sorriso bailou em seus lábios e ele soltou meu braço, se virando com ar cheio de expectativa para a porta pela qual havíamos entrado.

Desceu sobre nós uma quietude, um respirar audível quando a porta começou a se abrir, e senti naquela salinha, como não me acontecera em muitos anos, um leve arrepio na espinha, diante da antiga magia da missa. As pessoas entre as quais eu me encontrava, disfarçado, acreditavam sinceramente estar na presença de um mistério sagrado. Sua crença nisso era uma fé pura que eu esquecera fazia muito tempo, e era isso, pensei, que um homem como Walsingham não tinha condições de compreender. Era a fé nesse milagre que as chamaria de volta, vez após outra, a despeito das ameaças de morte e de castigo, para manterem desafiadoramente viva aquela chama, e a sinceridade de sua fé foi quase humilhante.

O padre que havia entrado usava um traje branco semelhante a uma alva, que descia até os pés, só que com um capuz que estava levantado, encobrendo seu rosto. Em torno do pescoço ele portava uma estola verde. De olhos baixos, percorreu com solene dignidade os poucos passos que o separavam do altar, o porte ereto, erguendo à sua frente o cálice coberto por um véu. Ao chegar ao altar, se curvou profundamente e, pela maneira como fez isso, vi que não se tratava de um homem jovem e que aquele gesto era difícil de ser executado do ponto de vista físico. No entanto, não pude me impedir um arquejo quando ele se empertigou e baixou o capuz: o padre celebrante era o Dr. William Bernard.

Ele depôs o cálice com um gesto reverente do lado esquerdo do altar, tirou de cima uma bolsinha de veludo verde e, entre o polegar e o indicador, retirou dela o corporal delicado, desdobrando e depositando esse quadrado de linho branco no centro do altar. Em seguida, pousou

cuidadosamente sobre ele o cálice coberto. O sacristão que o acompanhava remexeu os pés, nervoso. Não podia ter mais de 19 anos - um estudante, imaginei - e não conseguia deixar de lançar rápidos olhares nervosos à sua volta, parado com a cabeça descoberta ao lado de Bernard, tão à mostra em meio a todo aquele grupo encapuzado como se estivesse nu.

De frente para o altar, Bernard fez o sinal da cruz, levando a mão direita à testa, ao peito e aos ombros, primeiro o esquerdo, depois o direito.

– *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amem.*

O ar na salinha pareceu carregado, todos nós postados ali como que no fio de uma navalha, os nervos tensos pelo perigo envolvido no rito realizado diante de nós e do qual todos participávamos - até eu, que só observava, mas que também estava envolvido. Cada ruído súbito e desconhecido - o pio de uma coruja, o ranger das tábuas antigas da hospedaria - provocava tensão na congregação, uma onda invisível de medo que nos capturava e nos detinha por um momento, antes do silêncio suave da respiração que se soltava com cuidado.

– *Introibo ad altare Dei* - enunciou Bernard, com serena autoridade na voz.

Veio uma súbita lufada de vento pelas persianas de madeira, inflando os panos pretos das janelas e fazendo as velas bruxulearem loucamente. O jovem sacristão girou a cabeça, em pânico, como se alguém pudesse ter entrado, mas Bernard, solene e imperturbável, prosseguiu com a cerimônia que celebrava, como se cada palavra e cada gesto estivessem entranhados em sua própria natureza.

Não havia música e as respostas da congregação eram abafadas, mal sussurradas, como se pudesse haver alguém escutando à porta. Todos nos ajoelhamos ao mesmo tempo, à medida que a missa avançava, conforme seu ritmo prescrito, e tornei a me lembrar, com uma pontada de saudade, de como aqueles gestos e palavras haviam estruturado minha própria vida durante tantos anos. Agora, quando eu repetia as frases, era como se elas já não tivessem vida. Bernard tirou a hóstia de uma pequena píxide de

latão e, depois de elevá-la e beber do cálice, se virou de frente para a congregação.

– *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi* - entoou, e, quando levantei a cabeça, deparei com seus olhos lacrimosos diretamente cravados em mim. Fiquei com a respiração presa na garganta. Naquele momento, ele me pareceu ter desmascarado meu disfarce e enxergado diretamente os próprios segredos da minha alma. Para o caso de eu haver interpretado mal aquele olhar, Jenkes, a meu lado, pôs a mão no meu braço em sinal de advertência. Compreendi o que ele queria dizer: apesar de eu ter sido aceito entre os fiéis nessa noite, Jenkes e Bernard não haviam se esquecido de que eu fora excomungado. Não deveria nem pensar em receber a hóstia com os demais. Porém eles não precisavam temer: eu não comungava desde que deixara o mosteiro, por algum vestígio de respeito ou superstição, ou ambos. Mas, enquanto a pequena congregação se apressava a avançar, prostrando-se de joelhos, com a boca avidamente escancarada, feito filhotes de pássaros, me encolhi junto à parede, com medo de que minha não participação me destacasse claramente como um espião. Afinal, essa era a essência do rito, e a abstinência despertaria suspeitas de imediato. Mas talvez Jenkes os tivesse alertado de antemão, porque, embora meu retraimento atraísse alguns olhares curiosos, eles foram fugazes, e logo tornei a me misturar ao grupo, murmurando "*Deo gratias*" ante o "*Benedicamus Domino*" de Bernard.

Encerrada a missa, o clima de expectativa carregada pareceu se dissolver e a congregação se mostrou irrequieta e ansiosa por se retirar. Permaneci junto à porta enquanto eles começavam a sair, enfileirados, e olhei o mais de perto que pude para os rostos encapuzados que passavam por mim, baixando os olhos quando alguém retribuía meu olhar. Os dedos longos de Jenkes se fecharam em torno do meu pulso, fazendo sinal para que eu ficasse enquanto os outros saíam. Um dos últimos a sair, uma figura baixa, com as mãos enfiadas sob a capa numa postura de monge, parou e me fitou. Nesse momento, as velas tornaram a bruxulear e deixei escapar um

arquejo quando a onda repentina de luz me mostrou o seu rosto: Adam, o criado do diretor, me encarou, refletindo minha própria expressão de incredulidade. Hesitou por um instante, como se não soubesse ao certo se devia falar, mas Jenkes lhe lançou um olhar severo e ele se apressou a sair pela porta com os demais.

Por fim, fiquei a sós com Jenkes, que retirou o capuz, e com a figura alta e sólida de Humphrey Pritchard, que começou a se ocupar arrumando a sala e guardando os ornamentos da cerimônia. Deixou as velas do altar, que agora ardiam mais baixas e com uma luz tênue. Jenkes me olhou com ar avaliador.

– Então, aos negócios - disse, baixinho. - Por favor, tire a sua capa. Agora o senhor está entre amigos. Trouxe sua bolsa, Dr. Bruno?

Baixei o capuz e sustentei seu olhar com firmeza.

– Trouxe o livro, Sr. Jenkes?

Seu rosto marcado se abriu lentamente num sorriso.

– O livro. Primeiro me diga quanto está disposto a pagar por esse manuscrito.

– Primeiro eu precisaria vê-lo - respondi, impassível. - Quanto quer por ele?

– Essa é uma pergunta difícil, Bruno. É que o valor de um objeto, qualquer que seja, depende inteiramente do desejo que o outro tem dele, não é? Esse livro, por exemplo. Só conheci um outro homem que o queria tanto quanto você parece desejá-lo, e estava disposto a me pagar muito. Mais, talvez, do que você carrega na sua bolsa polpuda - e olhou para minha sobreveste com um brilho voraz nos olhos.

– Quem? - perguntei, sentindo um medo gélido tomar meu estômago. - Você não o vendeu, não é?

Nesse momento, a porta se abriu. Eu me assustei, mas era apenas William Bernard, já sem seus paramentos, novamente vestindo sua toga acadêmica surrada e uma capa fina, com as mãos cruzadas nas costas.

- Eu estava acabando de falar com o Dr. Bruno sobre o homem que queria comprar o manuscrito grego da coleção do decano Flemmyng... aquele que você salvou do expurgo de 1569 - informou Jenkes. Bernard balançou lentamente a cabeça.
- Descobri o manuscrito enfurnado num velho baú quando me tornei bibliotecário do Lincoln - explicou Bernard. - Meu predecessor não fora capaz de lê-lo ou não soubera do que se tratava, mas eu o reconheci imediatamente e compreendi que, nas mãos certas, poderia ser de extremo valor... e bastante perigoso.
- E por isso o furtou? - indaguei.

Bernard franziu o cenho.

– Não fiz nada disso. O colégio fazia um inventário anual da coleção da biblioteca, então qualquer desaparecimento seria notado. Mas o Senhor provê para aqueles que conservam a fé. Em 1569, os inspetores do rei fizeram um expurgo das bibliotecas dos colégios, como o senhor sabe, e, em razão de sua pressa de retirar os itens ofensivos, foi fácil surrupiar alguns manuscritos indesejados. Eu já dissera a Rowland que havia encontrado os escritos perdidos de Hermes Trimegisto, o livro que Ficino se recusara a traduzir, por não querer ser responsável pelas consequências disso para a cristandade. Mas não sei ao certo se ele acreditou em mim, até que pude colocar o livro em suas mãos.

Jenkes ergueu uma das mãos, como que para se eximir de culpa.

– Assim que li o livro, não tive dúvida de que era autêntico. Tratava-se do livro que Cosimo de Médici pagara uma fortuna para mandar tirar das ruínas de Bizâncio, mas que nunca chegou a ler. Eu sabia da existência de um homem que me pagaria o que eu pedisse para ter esse livro em sua biblioteca.

– Talvez você o conheça - interpôs Bernard, com ar malicioso -, porque ele foi preceptor do seu grande amigo Philip Sidney. Eu me refiro ao feiticeiro John Dee, astrólogo de Elizabeth, a bastarda herege.

– Nesse caso - olhei de um para o outro, sentindo minhas esperanças desmoronarem enquanto falava o livro está com John Dee? Você o vendeu a ele?

– Não e sim - respondeu Jenkes, dando um passo à frente com as palmas das mãos estendidas para cima, a fim de demonstrar seu desamparo nesse assunto. - Eu vendi o livro a ele por uma soma enorme. Havíamos trocado cartas e Dee viajou até Oxford para efetuar a transação pessoalmente. Mas houve uma intervenção infausta... da Providência ou de algum outro poder.

– Como assim? - perguntei, já impaciente e cansado desse jogo de gato e rato.

Pelo canto do olho vi Humphrey Pritchard encostado na parede, junto à janela coberta de preto, catando nos dentes pedacinhos da hóstia da comunhão. Com um sentimento de apreensão, me perguntei por que ele ainda estava ali, nos observando com uma curiosidade neutra, e por que Jenkes e Bernard não se opunham à sua presença.

– Na estrada, quando regressava a Londres, Dee foi atacado por salteadores e brutalmente agredido. Teve sorte de escapar com vida, mas todos os seus bens foram roubados, inclusive o manuscrito que levava.

Jenkes fez esse relato com perfeita despreocupação. Ao mesmo tempo, fez um sinal quase imperceptível com os dedos e Humphrey se afastou da janela, aproximando-se de nós.

– E isso foi obra sua? - perguntei, me virando a fim de manter Humphrey no meu campo visual. - Você mandou recuperar o manuscrito?

– *Eu?* - indagou Jenkes, fingindo-se ofendido. - Você me acha capaz de transações tão suspeitas, Bruno? Eu lhe asseguro, não sou outra coisa senão honesto em minhas transações comerciais, e também não sou tolo a ponto de transformar em inimigo alguém tão próximo dos favoritos da rainha.

Ele me fitou de modo estranho ao dizer isso e trocou olhares com Bernard, prosseguindo:

– Não. Parece que o Dr. Dee não era a única pessoa interessada no assunto e disposta a obter o manuscrito a qualquer preço.

– Então, onde ele está agora? - perguntei, me virando de repente para Jenkes. - Se você não o tem, por que essa farsa de pedir que eu trouxesse minha bolsa?

Já ao falar, porém, a compreensão do que estava para acontecer se espalhou por minhas veias como água gelada. Girei o corpo para Humphrey, mas não fui rápido o bastante e ele prendeu meus dois braços às minhas costas, antes que eu pudesse me esquivar. No mesmo instante, ao que parece, Jenkes investiu contra mim e arrancou do meu cinto a faca de cabo de prata. Pressionando a ponta dela na base da minha garganta, meteu a mão por dentro da minha sobreveste, primeiro de um lado, depois do outro, até achar a bolsa de Walsingham. Trazendo-a à luz, ele a jogou com displicência para o alto e tornou a pegá-la com a mão livre, calculando seu conteúdo. Bernard simplesmente permaneceu imóvel, observando, com os braços ainda escondidos nas costas e o rosto impassível.

– Se gritar, eu retalho seu bucho feito um porco, antes que o som acabe de sair da sua garganta - escarneceu Jenkes, comprimindo mais a faca.

– Então, era tudo mentira? - perguntei, com os dentes cerrados, enquanto me debatia em vão contra o férreo abraço de Humphrey Pritchard. - Aquela história sobre o livro?

– Ah, não - respondeu Jenkes, com ar quase magoado. - A história é verdadeira em todos os detalhes, Bruno. O livro foi roubado de John Dee por alguém que devia saber que ele o estaria carregando, mas quem o atacou não estava a meu serviço, e creio que Dee nunca descobriu para onde o volume foi levado nem por quê. Isso já não é preocupação minha. Não, não menti para você, Dr. Bruno. Mas creio que você não pode dizer o mesmo.

– Não sei aonde você quer chegar - retruquei, com o pânico crescendo em minha voz, à medida que a ponta da faca espetava minha pele. - No que você acha que eu menti?

– Onde você arranjou esse dinheiro? - sibilou Jenkes, levantando e sacudindo a bolsa, sem mais nenhum vestígio de sua polidez bajuladora. - Como é que um escritor exilado e itinerante chega a Oxford com uma bolsa cheia dessa maneira, isso é o que eu me pergunto. Quem está lhe pagando?

– Recebo um ordenado do rei Henrique da França - retruquei, ainda tentando soltar os braços. Humphrey apenas os puxou com mais força para trás e percebi que, se lutasse, tudo o que conseguiria seria deslocar meus ombros. Parei de me mexer e tombei para a frente, ainda enfrentando o olhar de Jenkes. - Eu viajo sob o amparo dele, qualquer um lhe dirá isso.

– Você está viajando com Sir Philip Sidney, que tem a proteção do tio, Robert Dudley, conde de Leicester, amante da prostituta Elizabeth. E o único interesse de Dudley, assim como de todo o Conselho Real, é livrar Oxford dos que continuam leais ao papa, os quais você foi encarregado de desencavar para ele feito um porco caçando trufas. Não é verdade? - perguntou, se aproximando ainda



mais de mim e levantando um dos cotovelos, o que me obrigou a forçar a cabeça para trás o máximo que pude, para impedir que a faca me furasse a garganta.

– Não sei de nada sobre os interesses do conde, nunca pus os olhos nele! - retruquei em voz rouca, sentindo uma dor aguda descer pelo lado do pescoço por causa do esforço.

– Você disfarça bem, Bruno. Eu já esperava por isso. Um homem que consegue fugir da Inquisição por sete anos só pode ser excepcional. Mas a mim você não engana. Você é cismático e herege e almeja prosperar e se vingar da Igreja Católica, traindo aqueles que conservam a religião que você desdenhou.

– Você não tem razão para pensar assim - protestei, já então sinceramente alarmado com a luz feroz nos olhos de Jenkes. - Com base em que está me acusando?

– Com base em quê? - repetiu ele. Em seguida, deu uma risada curta e seca e recuou um passo, relaxando o braço, mas sem baixar a faca do meu pescoço. - Como assim? Afora sua intimidade com Sidney e o dinheiro que você usa para subornar seus informantes? Pois então me explique seu interesse nas mortes do Colégio Lincoln. Em benefício de quem você se interessa com tanta diligência em descobrir o assassino?

– Que informantes? - questionei. Tornei a pender para a frente, sem querer, e senti um puxão doloroso no ombro, quando Humphrey torceu meus braços para trás com mais força ainda. - A explicação da morte do Dr. Mercer não me convenceu, só isso. Achei que outras pessoas poderiam correr perigo, se o assassino não fosse encontrado. O que se confirmou, aliás - acrescentei, enfático.

– Que caridade comovente! - disse Jenkes, quase sem abrir a boca. - Bem, nesse caso, vamos experimentar outra pergunta: por que você convidou Thomas Allen para uma refeição?

Meu rosto deve ter deixado transparecer minha surpresa, porque ele deu um leve sorriso e inclinou a cabeça:

– Você nunca reparou, Bruno, como os cegos são capazes de desenvolver uma audição canina, para compensar a perda da visão? Pois, do mesmo modo, eu, que não tenho orelhas, compenso minha perda tendo muitos olhos, que enxergam em todos os cantos - disse e deu uma risada seca ao fazê-lo, como se houvesse ensaiado sua fala antes e a achasse agradável. Quando não demonstrei minha apreciação, ele tornou a investir contra mim, forçando mais a ponta da faca. - O que você perguntou a Allen? O que ele lhe disse?

– Ele não me disse nada importante - respondi, ofegante, tentando torcer o pescoço para longe da ponta da lâmina. - Falou dos estudos, de suas preocupações com as garotas... apenas as banalidades que se passam na cabeça de um rapaz.

– Não torne a mentir para mim, Bruno - disse Jenkes entre dentes, com voz calma e fria. - Você procurou, de propósito, justamente o homem de Oxford que quer ver a destruição de todos nós - acrescentou. Em seguida, deslocou depressa a faca para um lado e houve uma pausa antes que uma dor violenta me subisse pelo pescoço e ele segurasse a faca no nível dos meus olhos, com a lâmina manchada de vermelho. - Olhe só como você treme ao ver seu próprio sangue. É só um arranhãozinho - falou, com indiferença. - Você já fez pior do que isso ao se barbear. Mas olhe como sangra, até por um corte tão pequeno. Imagine como seu sangue vai manchar o chão quando eu cortar seu pescoço de um lado a outro.

Fechei os olhos, a cabeça em rodopios frenéticos, enquanto procurava pensar em formas de tentar fugir. Nenhuma me veio à mente de maneira óbvia.

– Se Thomas Allen quer destruir o seu grupo, por que não haveria de denunciar o que sabe?

– Ah! - exclamou Jenkes, me examinando por um momento. - Vejo que há muita coisa que você ainda não sabe, Bruno. Não é tão simples assim. Ele não pode fazer isso pessoalmente. Mas não posso permitir que você passe adiante o que ele lhe disse sobre nós.

– Então, se pretende me matar - retruquei, mantendo a voz tão firme quanto pude ao menos me diga por que matou aqueles homens no Lincoln. Satisfaça essa minha curiosidade.

Seu rosto assumiu uma expressão sombria e ele olhou para Bernard, como que em busca de aprovação.

– Que estranho último pedido, Bruno! É um pedido que não posso atender, porque não matei Mercer nem Coverdale, tampouco o menino, e não sei ao certo quem fez isso. Estou tão curioso para descobrir a resposta quanto você.

– Então, por que quer impedir que alguém a descubra? Eles vinham à missa aqui, não vinham? Coverdale e Mercer faziam parte do seu grupo. Não se importa com o fato de terem sido assassinados de maneira violenta, nem de todos vocês estarem correndo perigo? - indaguei, correndo os olhos de um para o outro, confuso, agora com o corte no pescoço ardendo violentamente.

– A morte deles levantou muitas perguntas - disse Bernard, no mesmo tom claro e solene com que havia celebrado a missa. - Os homens de Oxford saberiam que convém deixar essas perguntas sem resposta, mas você não é um homem de Oxford, e sua insistência em desencavar a verdade acabaria por nos expor a todos. Lamento dizer que a curiosidade foi sua ruína.

Ele pareceu sinceramente pesaroso ao dizer isso. Por um instante, senti a sala rodar. Meu coração parecia ter parado de bater e perdi toda a sensação nos braços e nas pernas ao perceber, sem sombra de dúvida, que eles pretendiam mesmo me matar e que era bem possível eu não

conseguir me livrar por meio de conversa. Ao mesmo tempo, senti um espasmo intestinal, mas enrijei todos os músculos e consegui controlá-lo. Pelo menos não passaria por essa vergonha.

– Mas, então - arquejei, lutando para recobrar a respiração entrecortada esse assassino é inimigo *de vocês!* É ele que está trazendo essas perguntas à tona! Ele rabiscou o símbolo da Roda da Catherine na parede, com o sangue de Coverdale... é como se quisesse apontar o dedo para você e o seu grupo, e é a sua gente que ele está matando! Logo, se eu tentar achá-lo, com certeza isso só trará benefícios a vocês, não é?

Os dois trocaram um olhar penetrante à menção do símbolo. O rosto de Bernard endureceu numa raiva eloquente e Jenkes pareceu desconcertado pela primeira vez desde que se voltara contra mim.

– Repita isso - sibilou, forçando a faca na carne viva do corte que tinha feito, de tal modo que gani de dor e mordi o lábio inferior para me impedir de gritar. Bernard deu um passo à frente e balançou a cabeça de modo quase imperceptível e Jenkes afastou um pouquinho a faca. - Na parede, você disse? Quantas pessoas viram isso?

– Além de mim, só o diretor Underhill e o tesoureiro, Slythurst - respondi, quase num sussurro. - O diretor mandou retirá-la antes que o oficial de inquirição chegasse.

– Ótimo - comentou Bernard, meneando a cabeça quase que para si mesmo. - Bem, então, Rowland, vamos terminar logo com isso e ir embora, senão correremos o risco de sermos vistos.

– Não, esperem! - gritei o mais baixo que pude. - Posso ajudar vocês a encontrá-lo, se me deixarem voltar para o colégio e continuar minha busca. Ora, vamos, estamos do mesmo lado.

Jenkes deu uma risada abrupta e retrucou:

– Não estamos do mesmo lado, Bruno. Não percebe? Você acha que está caçando esse assassino, mas ele o está usando o tempo todo para nos trair. Quer conduzi-lo a nós, fazê-lo ligar essas mortes a nós e

investigar os segredos da nossa rede, para que você possa levar esse conhecimento para Sidney e seus amigos de Londres, achando que a conclusão foi sua.

– Você fala como se soubesse quem ele é - disse eu, intuindo que, se conseguisse mantê-lo falando, talvez isso o fizesse mudar de idéia. Mas Jenkes parecia estar cansado de falar. Fez um sinal para Bernard, que finalmente tirou as mãos das costas e revelou um pedaço de corda fina.

– Você viu e ouviu muitas coisas, Bruno - disse Jenkes sem rodeios, a faca ainda vibrando na minha garganta, enquanto Bernard desaparecia às minhas costas e meus pulsos eram bruscamente unidos e atados. - Mas vou descobrir o que Thomas Allen lhe disse e se você passou isso adiante, antes de despachá-lo para o Diabo. Você pode me contar por bem ou por mal, fica à seu critério.

– Por que não pergunta a Thomas Allen?

– Porque ele não está aqui. Mas não se preocupe, também acho improvável que ele veja o sol nascer amanhã.

– Você também vai matá-lo?

– Eu não, Bruno - respondeu Jenkes e balançou a cabeça com um sorriso enigmático. - Eu não. Não toquei no rapaz por causa do pai dele, que se manteve fiel a nós, mesmo sob torturas terríveis. Mas Thomas não devia ter conversado com você. Outras pessoas, no entanto, talvez não sejam tão escrupulosas.

– Sou convidado da comitiva real - falei com veemência, já então me agarrando a qualquer fio de esperança. - O meu assassinato seria um escândalo e traria o corregedor direto para cá.

Jenkes balançou a cabeça devagar.

– Você subestima muito a minha inteligência, Bruno. Chega a ser quase um insulto. Até um integrante de uma comitiva real pode ter vontade de visitar um bordel na calada da noite. Afinal, não é mais do que qualquer um esperaria de um estrangeiro papista. E, sem conhecer as ruas duvidosas dessa parte da cidade, ele pode facilmente

se tornar vítima de ladrões violentos, ainda mais se sair carregando uma bolsa tão recheada assim. Será um constrangimento para a comitiva real, sem dúvida, mas eles irão se dissociar prontamente de você. O que acha, William? - perguntou, levantando a cabeça para Bernard, que amarrava meus braços enquanto Humphrey os segurava. - Devemos deixar o corpo dele ser encontrado em frente a um dos prostíbulos dos rapazinhos ou isso seria muita humilhação?

Bernard não respondeu, então Jenkes apenas deu de ombros e continuou:

- Estarei de volta antes dos primeiros raios de sol, quando tiver tomado as providências. Vou deixá-lo aos cuidados de Humphrey enquanto você considera o que vai me dizer da sua conversa com Thomas Allen.

- Vocês me matariam para se proteger? - perguntei, tentando agitar os braços, enquanto Humphrey me baixava com surpreendente delicadeza no chão e Bernard dava a volta para amarrar meus tornozelos com outro pedaço de corda. Jenkes me examinou com ar severo.

- Para proteger a religião, Bruno - acabou respondendo, cheio de censura na voz. - Tudo o que faço é proteger e preservar nossa religião perseguida, portanto, aos olhos de Deus, isso não é pecado.

- E o sexto mandamento? - insisti, com a voz engasgada e incomumente aguda. - Não matarás?

- Eu começo pelos dois primeiros mandamentos. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagens esculpidas - foi a resposta. Jenkes estreitou os olhos e pôs o rosto tão perto do meu que quase pude contar os poros enegrecidos do seu nariz. - Este país, o meu país, Bruno, pois nasci e continuo a ser inglês, o meu país idólatra violou esses mandamentos. A bastarda herege, nascida da prostituta Ana Bolena, se instalou como rival do próprio Santo Padre, e as almas de seu povo correm um perigo mortal. Combater essa heresia é uma guerra santa, não assassinato. Mas, para lhe mostrar que não sou nenhum bárbaro, Bruno, o padre William

ouvirá sua confissão antes de você morrer, se você optar por se reconciliar com a Santa Madre Igreja.

– Não me confessarei a vocês - retruquei entre dentes.

Jenkes não pareceu se ofender.

– Não importa, isso é entre a sua consciência e o seu Deus - disse, dando de ombros, e desenrolou do pescoço um cachecol de linho sujo. Segurando meu nariz com força, apertou-o entre os dedos até eu ser obrigado a abrir a boca para respirar. Mal o fiz, ele enfiou o cachecol na minha boca até eu ficar com a mandíbula dolorosamente escancarada e sentindo o tecido me asfixiar, sem conseguir emitir um único som. Por um horrível momento de pânico, pensei que ele pretendia me sufocar e comecei a me debater violentamente, porém ele soltou meu nariz e me deu um olhar demorado de antipatia.

– É melhor você revistar o quarto dele no colégio - disse bruscamente a Bernard, que assentiu com a cabeça.

Mais uma vez, Jenkes vasculhou a parte interna da minha sobrecasaca e encontrou a chave presa no meu cinto. Ele a arrancou prontamente e a jogou para Bernard. Nessa hora, de pouco consolo isso me serviu, porém pelo menos eu estava com a cópia do código do almanaque do Mercer enfiada por dentro da camisa, e não havia nada no quarto do Lincoln que pudesse me ligar a Walsingham. Eu maldisse minha estupidez de não ter mandado um aviso para Sidney sobre meus planos. Apenas Cobbett sabia que eu tinha saído, mas não faria ideia de onde procurar por mim, nem sequer de que eu estava em perigo, até meu corpo ser encontrado na manhã seguinte, caído num beco em frente a um bordel. Estremeci e a dor no meu queixo foi piorando, à medida que eu lutava para engolir minha própria saliva sem me asfixiar com o cachecol.

Jenkes me lançou um último olhar analítico, se curvou para verificar se os laços que me atavam estavam bem apertados e fez sinal para Bernard.

– Eu o verei dentro em pouco, Bruno. Pense com cuidado no que quer me dizer. Esta minha cara lhe parecerá um rosto de anjo comparada à sua aparência, se eu tiver que forçá-lo a falar. Espero que isso não seja necessário.

Bernard baixou os olhos para mim, com o rosto enrugado frio como aço, mas toldado pelo pesar. Em seguida, levantou o capuz por cima das orelhas e se retirou da sala, me deixando sozinho com Humphrey Pritchard.



## Capítulo 17

UMA QUIETUDE TENSA DESCEU sobre a sala. De algum lugar no térreo veio o som de uma porta fechando. As velas do altar tinham queimado quase inteiramente, plumas altas de fumaça negra subiam de seus cotos e as chamas se alongavam e bruxuleavam, fazendo a sombra de Humphrey pairar imensa sobre a parede atrás dele. O rapaz não fez nenhum gesto no sentido de substituir as velas. Na verdade, parecia constrangido com sua nova responsabilidade e arriou pesadamente o corpo, sentando-se no chão abaixo da janela, encostado na parede. Nesse local, ficou aguardando, de forma desconfortável, me vigiando com uma expressão carrancuda numa mescla de apreensão e pedido de desculpas. O único som audível era a minha respiração acelerada e curta pelo nariz, em minha luta para mantê-la regular e não entrar em pânico com a massa de tecido que entupia minha boca. Vi que Humphrey tinha uma faca na cintura, para a qual seus dedos corriam a intervalos curtos, embora eu tivesse certeza de que, apesar de todo o seu tamanho, o rapaz era de boa índole e só com relutância havia assumido seu papel de braço armado de Jenkes. Eu me perguntei se ele teria coragem de usar a faca contra mim caso eu tentasse fugir e concluí que, provavelmente, teria. O medo que sentia de Jenkes superaria sua compaixão natural.

Um vento forte chacoalhou as persianas. Humphrey se assustou, virou a cabeça de repente e depois, sem jeito, riu de seu próprio nervosismo. Eu lhe fazia súplicas com os olhos, tentando apelar para seu melhor lado antes de Jenkes voltar, embora com pouca esperança de que ele se apiedasse. Humphrey tinha mais razão do que ninguém para saber o que Jenkes fazia com os que punham a causa em perigo.

Meus ombros começavam a doer, dada a posição nada natural em que meus braços estavam. Tentei mexer os pulsos, mas as cordas estavam apertadas demais para que eu tentasse me soltar e me causariam cortes

profundos se eu fizesse isso. Tornei a pensar nos rostos que eu havia reconhecido na missa. Havia Richard Godwyn, que distribuía os livros clandestinos de Jenkes, e o velho criado de olhar arguto do diretor Underhill, Adam, ambos associados à Roda da Catherine e ao Colégio Lincoln. Qualquer um dos dois teria razões para silenciar os docentes que haviam morrido, nem que fosse para se proteger. A Adam, em particular, como eu havia pensado antes, não faltariam oportunidades de surrupiar chaves da casa do diretor - mas, se eles frequentavam fielmente a missa ali, eu não via razão para que pudessem querer chamar atenção para o grupo da Roda da Catherine. Fechei os olhos e inclinei a cabeça para trás, encostando-a na parede. Eu tinha que me concentrar em descobrir um modo de fugir. Todas aquelas especulações de nada serviriam se minha garganta fosse cortada numa viela antes do amanhecer. Essa ideia me trouxe uma nova convulsão de medo, à medida que começava a compreender plenamente a realidade da minha situação. Eu já temera pela vida em ocasiões anteriores, mas nunca me sentira tão impotente para lutar por ela.

Estiquei o pescoço, na tentativa de diminuir a dor na mandíbula, e com isso fiz o corte na base dele se abrir e arder terrivelmente. A dor me fez prender a respiração no mesmo instante e sugar um pedaço do tecido, que se alojou na minha garganta. Semi-asfocado, joguei a cabeça de um lado para outro, tentando desalojá-lo, e fui emitindo pequenos ruídos estrangulados, enquanto sentia meus olhos saltarem de forma alarmante. Foi só quando tombei de lado com um baque surdo e comecei a me contorcer no chão que Humphrey, percebendo o que acontecia, pulou para o meu lado e começou a puxar a mordaca da minha boca. Quando enfim a tirou por completo, desabei em seu ombro, com o corpo mole, arquejante e com os olhos lacrimejantes.

– Vou deixar desse jeito agora, Dr. Bruno, mas é melhor o senhor não gritar por socorro, senão vou ser obrigado a lhe bater - sussurrou Humphrey, com ar compungido, ajeitando-me encostado

na parede como se eu fosse um boneco e me observando com apreensão.

– Ele pretende mesmo me matar? - perguntei, com a voz rouca, quando enfim consegui falar.

Humphrey me olhou com ar de dúvida e uma expressão sofrida no rosto grande e bonachão, como se estivesse preso entre a compaixão e o dever.

– Ele diz que o senhor vai fazer o conde de Leicester e todos os soldados da rainha virem atrás da gente - murmurou, arregalando os olhos -, e todos seremos levados para a Torre e torturados, até as mulheres. Até a viúva Kenney, e isso eu não vou deixar o senhor fazer - acrescentou, subitamente decidido.

– Quer dizer que você gosta da viúva Kenney? - perguntei, baixinho.

Humphrey balançou a cabeça enfaticamente:

– Ela me botou dentro de casa quando eu vim pra Oxford - explicou, compenetrado, com sua voz cantarolante. - Foi há seis anos. Eu não tinha um tostão. Agora tenho casa e um bom emprego, e é como se tivesse uma família.

– Com certeza, você é de grande valor para ela. Sua família era católica? - perguntei, em meio a uma tosse dolorosa.

Ele balançou a cabeça, de novo com o mesmo movimento exagerado que faria uma criança, com a boca firmemente fechada, e então disse:

– A viúva Kenney e o Sr. Jenkes me ensinaram tudo o que eu sei da religião verdadeira. É por isso que eu sei que a gente tem que lutar pra ela ser salva dos hereges.

– Você disse "as mulheres" - comentei, depois de algum tempo. - São muitas as mulheres que vêm a essas reuniões?

Humphrey me olhou, hesitante.

– Ora, vamos. Estarei morto daqui a poucas horas, Humphrey. Que mal pode haver em você passar o tempo conversando um pouco

comigo? Estará me fazendo uma gentileza.

Isso pareceu convencê-lo, porque ele chegou para mais perto e adotou um tom conspiratório.

– Algumas mulheres são da cidade. Mas não são aristocratas, não. Essas vão assistir à missa num daqueles solares do interior, junto com as pessoas do seu tipo, principalmente. Menos uma.

Uma espécie de ternura se espalhou por seu rosto e intuí que estava perto do meu alvo.

– Sophia?

Ele piscou os olhos, surpreso:

– O senhor conhece a Sophia?

Quando fiz que sim, ele ficou radiante.

– Agora ela não vem tantas vezes, mas sempre sei quando é ela, mesmo embaixo do capuz. Ela anda feito uma espécie de... que nem uma árvore na brisa, sabe o que eu quero dizer? Feito os salgueiros na beira do rio.

– Eu sei. E me diga, a Sophia tem amigos nesse grupo daqui? Eu digo, amigos a quem ela pudesse recorrer, se estivesse em dificuldade?

– Por que ela estaria em dificuldade, senhor? - perguntou ele, com ar inocente, e achei quase tocante que ainda me chamasse de "senhor", apesar de eu estar com as mãos e os pés atados e de ele estar me vigiando com uma faca. Quando não respondi, Humphrey apenas franziu o cenho e balançou a cabeça. - Não conheço os amigos dela. O único a quem ela era chegada era o padre Jerome, mas, afinal, todo mundo adora o padre Jerome. Foi ele que trouxe a Sophia aqui da primeira vez.

– Quem é o padre Jerome? - perguntei, empertigando o corpo, com o interesse aguçado. - Pensei que o padre William Bernard fosse o sacerdote aqui, não é?

– Ah, não - disse Humphrey, orgulhoso do seu conhecimento superior. - O padre William quase nunca reza a missa desde que o

padre Jerome chegou, só quando o padre Jerome tem que ficar fora da cidade. Ele vai muito ao Castelo Hazeley, o senhor sabe, lá em Great Hazeley, na estrada para Londres, onde as famílias católicas da nobreza vão à missa. Acho que ele foi lá hoje.

Minha cabeça trabalhava incessantemente, mas procurei manter o rosto e a voz serenos, para não deixar transparecer meus pensamentos.

– Esse padre Jerome é de Oxford?

De novo, o balançar exagerado da cabeça.

– Ele veio do colégio da França - disse o rapaz e pareceu abalado. - Mas isso é um grande segredo que eu não devia ter contado. Eu lhe peço, não diga pro Sr. Jenkes que eu falei, sim?

– É claro que não. E como é ele, o padre Jerome?

O rosto de Humphrey ganhou um ar sonhador.

– É como... é como eu imagino que seria Nosso Senhor Jesus Cristo, se a gente o conhecesse. Ele faz a pessoa se sentir, não sei explicar... como se ele achasse que ela é a pessoa mais especial que ele já viu, sabe o que eu quero dizer? Apesar de eu não entender uma porção de coisas da missa... nunca estudei nos livros, sabe?... adoro ouvir quando é ele que reza. Gosto mais do que quando vem o padre William - acrescentou, franzindo o rosto num muxoxo. - Quando o padre Jerome fala, parece música - e deu um suspiro feliz enquanto uma das mãos brincava com a faca em sua cinta.

– Ele é jovem? - indaguei, inclinando o corpo para a frente e ficando de joelhos, para aliviar a rigidez das pernas. O movimento tirou Humphrey de seu devaneio num sobressalto. Ele espichou o tronco depressa, mas, ao ter certeza de que eu não estava tentando fazer nada, tornou a relaxar, encostado na parede.

– O padre Jerome tem cara de anjo - disse, com ar reverente. - Já vi uma imagem de anjo - acrescentou, supostamente para eu não achar que a comparação era infundada.

– Cara de anjo - repeti devagar, tentando ficar o mais imóvel que podia. Tinha descoberto que a corda que me atava os tornozelos não estava tão apertada quanto a dos pulsos. Sentado nos calcanhares, consegui introduzir um dedo lentamente no nó que a prendia. Se conseguisse fazer Humphrey continuar falando, talvez ele não notasse meus movimentos furtivos. - Então, me fale do Castelo Hazeley - pedi, em tom descontraído. - Parece um lugar majestoso.

– Ah, eu nunca o vi, mas acho que deve ser muito bonito. O dono, Sir Francis Tolling, está na Prisão Bridewell, em Londres, por frequentar missas particulares, e a mulher dele usa a casa para abrigar os necessitados, é só isso que eu sei.

– Você se refere a padres missionários?

– Qualquer um que trabalhe nas vinhas do Senhor na Inglaterra e que precise de um lugar seguro, longe dos olhos de todos - disse ele e remexeu nervosamente o corpo. - Um membro da nossa congregação, o Sr. Nicholas Owen, é mestre carpinteiro. Hoje ele

veio aqui, na verdade, mas o senhor não o reconheceria, pois ele estava de capuz. Mas ele é empregado por todas as grandes mansões dos fiéis, dizem, para construir cômodos secretos - explicou. Chegou mais perto, olhando com cuidado de um lado para outro, e baixou ainda mais a voz. - Nos sótãos, nas chaminés, nos esgotos, nas escadarias, até dentro das paredes, para os obreiros de Deus poderem se esconder dos inspetores - disse, esfregando as mãos, com um sorriso radiante. - Mas eu também não devia ter dito isso... o senhor não vai contar pro Jenkes, vai? O senhor está passando bem?

- O quê? Ah, sim, não é nada. Meu ombro está doendo um pouco, só isso.

Percebi que eu vinha crispando o rosto e trincando os dentes, concentrado em tentar soltar uma ponta do nó com um único dedo. Ele estava tão perto de se soltar que não convinha Humphrey desconfiar de mim nesse momento. O rapaz balançou a cabeça, com ar solidário, e deu uma olhadela furtiva para a porta.

- Fico pensando se eu podia afrouxar um pouco as suas cordas - disse, correndo de novo os olhos para a porta, como se Jenkes pudesse irromper por ela a qualquer momento. - Não tudo, quer dizer, só pro senhor não sentir dor. Afinal, o senhor não ia mesmo conseguir chegar muito longe, pequeno do jeito que é, e eu com a faca e tudo, não é?

Humphrey riu, embora eu detectasse nele um toque de nervosismo, e acompanhei animadamente a sua risada, ante a hipótese absurda de que eu pudesse dominá-lo. Na verdade, eu não fazia ideia de como poderia agir, mesmo que conseguisse soltar as pernas. Sem usar os braços, não poderia fazer nada, e, mesmo com eles, não apostava muito em minhas chances numa luta com Humphrey, com ou sem faca. Enquanto ele deliberava se devia ou não afrouxar minhas cordas e eu prosseguia em minha tentativa pelas costas, da melhor maneira possível, ouviu-se o rangido inconfundível de um passo no corredor do lado de fora e ambos ficamos gelados. Minha garganta se contraiu. Eu não esperava que Jenkes

voltasse tão depressa, e meu plano de fuga se desfez antes mesmo de chegar a se formar por completo. Respirei fundo, tanto quanto me foi possível, com o coração na boca. Então se acabou, pensei. Na Itália, no San Domênico Maggiore, eu havia provocado uma sentença de morte por causa de um livro. Agora, depois de fugir dela por todos esses anos, eu voltava a enfrentar a morte, tudo por causa da minha tola avidez por outro livro. Bem, pensei, eu tentaria lutar por todos os meios que pudesse e, se tivesse que morrer, ao menos não morreria como um covarde diante do olhar zombeteiro de Rowland Jenkes.

Humphrey recuperou o controle enquanto os passos se aproximavam, pegou o cachecol de linho de Jenkes e tornou a enfiá-lo na minha boca, embora mais frouxo do que antes, no momento em que senti a ponta da corda se soltar e o nó nos meus tornozelos se afrouxar sutilmente, sob o remexer dos meus dedos. Os passos se detiveram do lado de fora da porta e houve uma batida hesitante, seguida por uma voz de mulher:

– Humphrey, é você?

O rapaz relaxou, visivelmente aliviado, e se levantou num atropelo para abrir a porta. A viúva Kenney se encontrava do lado de fora, de camisola, segurando uma vela e com um xale de lã nos ombros. Olhou primeiro para Humphrey, depois para mim, em meu estado lastimável, jogado num canto do piso feito uma trouxa, e soltou um suspiro exasperado.

– Esse Jenkes - disse, ainda me olhando com um pequeno muxoxo de reprovação, como se o homem fosse um gato travesso e eu, um rato morto que ele tivesse largado no seu assoalho limpo. - O que foi que ele o mandou fazer desta vez, Humphrey?

O rapaz baixou a cabeça e a viúva Kenney fez sinal para que ele cruzasse a porta.

– Deixe eu conversar com você um minuto - disse ela. A mulher me observou brevemente, como se avaliasse o perigo de me deixar sem vigilância, e pareceu concluir que eu era inofensivo. - Eu disse a ele que não quero sangue derramado na minha hospedaria - dirigiu-se ao rapaz, irritada, enquanto o conduzia para o corredor e você devia saber disso, Humphrey Pritchard.



Não captei o protesto dele, mas o murmúrio do diálogo urgente entre os dois era audível atrás da porta fechada.

Eu tinha que agir depressa. Sem precisar esconder meus movimentos de Humphrey, puxei a ponta solta do nó que atava meus tornozelos e ele se desfez na minha mão. Sacudi as pernas para me livrar da corda o mais rápido que pude, fiz um esforço doloroso para ficar de pé e manquei pela sala até o altar improvisado, onde as velas tinham queimado quase até o pavio. De costas para o altar, procurei posicionar o nó que prendia a corda em meus pulsos em cima da chama, torcendo para que ela o queimasse até ele arrebentar, mas a corda era mais forte do que parecia e a chama era fraca. Mesmo sentindo o cheiro de queimado quando ela começou a chamuscar, duvidei de que o nó se rompesse antes que Humphrey voltasse e me apanhasse. Lá fora, no corredor, as vozes se elevaram numa discussão acalorada. Como não podia ver o que estava fazendo, fui queimando as mãos na chama e, dessa vez, dei graças pelo pano em minha boca, que abafou meus gritos. Meu maior medo era derrubar a vela e pôr fogo na roupa. Escapar da fogueira da Inquisição e me queimar acidentalmente seria o cúmulo da ironia, pensei, e fui torcendo a corda para um lado e para outro, acima da chama, tentando arquear os braços para o mais longe possível do corpo. De repente, a corda estalou e senti uma violenta onda de calor na mão direita. O nó tinha pegado fogo e dei um grito no pedaço de pano enquanto a chama torrava minha mão e a manga da sobreveste. Mas o nó se afrouxara o bastante para eu soltar as mãos. As voltas incandescentes da corda caíram no chão e eu pisei nelas furiosamente, apertando a mão queimada junto ao peito e sentindo o cheiro de carne chamuscada. As vozes fora da porta silenciaram de repente e compreendi que eu só teria uma chance de passar pelos dois. Ignorando a dor da pele esticada e cheia de bolhas, agarrei um pesado castiçal de prata do altar, apaguei a vela e o levantei bem alto, no exato momento em que Humphrey escancarou a porta e parou por um instante brevíssimo, boquiaberto diante da visão que teve. Sua hesitação durou o tempo exato: antes que ele pudesse levantar os braços, bati com a base compacta do castiçal na sua têmpora. Minha mira

foi boa. Houve um estalo nauseante e ele tombou para trás, com o sangue esguichando do corte e manchando o cabelo louro. O corpanzil se contorceu no chão e Humphrey pareceu completamente apagado. Apavorada, a viúva levantou as mãos e sacudiu violentamente a cabeça, a boca se mexendo num protesto silencioso e aterrorizado. Tornei a levantar o castiçal, o que a fez se encolher num canto, arranquei a faca da cinta do rapaz, joguei o castiçal aos pés da viúva, com um último olhar de advertência, e disparei porta afora para o corredor. Enquanto descia a escada torta e atravessava o quintal da hospedaria, na expectativa de avistar Jenkes a qualquer momento, mantive a faca apontada à minha frente, para o caso de ele aparecer. Ao mesmo tempo, dava espiadas para trás, para ver se Humphrey teria voltado a si e saído no meu encalço. Mas a sorte finalmente pareceu ficar do meu lado, pois cruzei os portões do quintal da hospedaria para a rua sem ver viva alma. O céu continuava escuro, riscado por nêgas de luar entre as nuvens; descansei por um instante, encostando no muro de uma casa para recobrar o fôlego e só então percebendo que, na correria frenética, não havia tirado o pano que me amordaçava. Eu o puxei da boca e, prendendo uma ponta entre os dentes, o enrolei com cuidado na mão queimada. A dor me deixou zozzo por um momento, e tive medo de que minhas pernas vergassem sob meu peso. Depois que a euforia temporária por minha fuga passou, me dei conta, com uma sensação deprimente, de que minha bolsa fora roubada e eu não tinha como passar pelos vigias do portão norte. Pior ainda, pensei: e se eles conhecessem bem Jenkes e tivessem sido instruídos por ele a ficar de olho em mim? Nessa cidade, era impossível saber quem era amigo.

A torre quadrada da Igreja de São Miguel, no portão norte, se ergueu sobre as ameias dos muros da cidade, sua silhueta bem marcada. Fui me esgueirando sob os beirais das casas até ser obrigado a abandonar minha proteção e atravessar correndo a rua larga que corria paralela ao muro. Olhei desesperado para um lado e outro enquanto disparava, imaginando ver Jenkes a qualquer momento, porém a rua estava calma e deserta. Parei no portão, mas não consegui pensar em nenhum outro meio de

reentrar na cidade. O muro era alto e íngreme demais para ser escalado e, nesse horário, todos os portões também teriam vigias. Minha única alternativa era esperar as primeiras luzes do alvorecer, quando os portões seriam abertos para os comerciantes - mas era provável que Jenkes ou Humphrey já tivessem me alcançado a essa hora ou tentar persuadir os guardas de que eu já lhes pagara, para que me deixassem entrar. Bati com a palma da mão boa na portinha recortada nos grandes portões de carvalho, mas não obtive resposta. Bati com mais força e chamei e, por fim, um rosto sonolento apareceu atrás da pequena grade de ferro. Finalmente ouvi o arrastar de um trinco e a portinha se abriu.

Murmurei um agradecimento, tornando a olhar em volta à procura de sinais de movimento nas ruas escuras, e, tão logo fiquei fora da visão do guarda, apertei o passo e corri o pequeno trecho até a travessa St. Mildred, segurando firme o cabo da faca de Humphrey. Nunca tinha ficado tão contente por ver a torre do Colégio Lincoln surgir diante de mim. Bati de leve na janela estreita do aposento de Cobbett. Após uma pausa, bati de novo.

– Cobbett! - sibilei, o mais alto que me atrevi. - Sou eu, Bruno. Abra o portão!

Apenas o silêncio me recebeu. Suspendi o corpo no parapeito, dei uma espiada para dentro e vi o velho porteiro refestelado em sua cadeira, o queixo encostado no peito e a boca aberta, com um filete de baba pendurado no lábio inferior.

– Cobbett! - tornei a chamar, batendo com mais força na janela, mas ele não se mexeu. Praguejando baixo, dei um passo atrás e examinei as paredes do colégio. Todas as janelas estavam às escuras e me perguntei se eu ousaria acordar mais alguém, se falasse mais alto. Eu não queria ficar na rua, do lado de fora do colégio, pois esse seria um dos primeiros lugares em que Jenkes iria me procurar. Então, quando as nuvens se moveram e um fino raio perolado de luar apareceu, me lembrei de outra possibilidade e torci para meu palpite estar certo. A janela mais distante da ala oeste era a do quarto de Norris. Embora parecesse fechada, consegui enfiar os dedos da mão boa no caixilho e

descobri que ela de fato fora deixada destrancada. Tanto quanto eu podia enxergar na escuridão, a travessa parecia deserta em ambas as direções. Quando suspendi o corpo e me impeli de lado pela abertura estreita, me encolhendo de dor ao arranhar a mão queimada no caixilho, rezei para que nenhum dos ocupantes do quarto tivesse voltado durante a noite.

Entreí aos trancos pela janela e caí de qualquer jeito na grande arca de madeira abaixo dela. Passei um instante imóvel, procurando ouvir sons de respiração ou outro movimento vindos do quarto contíguo, porém o silêncio era o de um cômodo vazio. O vago luar que entrava pela janela do lado do quadrilátero delineou os contornos dos móveis. O assoalho parecia coberto de destroços e, depois de alguns tropeços e tateios pelas superfícies de cômodas e mesas, consegui localizar um estojo de isca e pederneira que fora deixado numa mesa ornamental sob a janela. Eu o risquei, acendi um coto de vela na escrivaninha, olhei em volta e vi um aposento caótico, tal como estivera o quarto de Roger Mercer na manhã de seu assassinato. Roupas tinham sido atiradas do armário, havia livros e papéis espalhados e todas as gavetas da bela escrivaninha de Norris tinham sido abertas e esvaziadas. Arriei no banco de espaldar alto diante da lareira fria, cujas almofadas estavam todas espalhadas à sua frente, e tentei respirar com calma, pela primeira vez no que pareciam ser horas, enquanto ordenava minhas ideias. Eu sentia uma dor insistente nos ombros, minha mão queimada latejava e o corte do pescoço ardia, apesar de não ser profundo, mas, agora que estava fora do perigo imediato, percebi que conseguia pensar com mais nitidez e clareza. Não que o perigo houvesse passado, é claro. Jenkes já tinha decidido que eu sabia coisas demais para ser deixado em paz e, assim que descobrisse minha fuga, era quase certo que tentaria me encontrar antes que eu pudesse falar com alguém. Para o caso de ele conseguir isso, eu precisava contar a Sidney tudo o que sabia quanto antes. Pela minha conversa com Humphrey, uma teoria sobre os assassinatos começara a ganhar forma num canto da minha mente, ainda imprecisa, como figuras vistas na neblina. Se meu palpite estivesse certo, eu achava que sabia onde poderia

encontrar as respostas. E, se eu fosse acreditar no que Jenkes dissera, eu teria de chegar lá antes do alvorecer, antes que Thomas Allen fosse silenciado para sempre.

Mas primeiro eu precisava mandar um recado a Sidney, para que ao menos ele soubesse onde eu tinha ido e quais eram as suspeitas que haviam me levado lá. Minha esperança era de que ele pudesse ir atrás de mim, caso eu não regressasse - embora eu soubesse que, a essa altura, talvez fosse tarde demais.

Sem perder mais tempo, comecei a vasculhar a confusão de papéis e livros na escrivaninha de Norris, à procura de uma pena com que registrar minhas ideias para Sidney, o mais rápido que pudesse, antes de partir na minha busca, mas não consegui encontrar tinta. Dentro da primeira gaveta aberta descobri uma barra de lacre de cera vermelho e várias folhas de papel de excelente qualidade. A vela que eu tinha acendido já tinha queimado quase toda e, numa rápida olhada pelo cômodo para ver se havia outra à mão, meu olhar pousou na arca abaixo da janela. O sólido cadeado que a havia trancado estava aberto, indicando que a peça fora claramente forçada. Segurando a vela quase extinta, levantei a tampa pesada, mas o baú parecia conter apenas camisetas de linho. Sem desanimar, vasculhei as camadas de roupa até meus dedos arranharem a base de madeira da arca e investigarem seus quatro cantos, sem encontrar nada. Praguejei em voz baixa. Tudo o que houvesse ali de valor parecia já ter sido levado. Aproximei a vela e tirei todo o conteúdo, espalhando-o pelo chão, até poder levar a vela às profundezas do baú e confirmar que ele estava realmente vazio.

- Merda! - exclamei. Já ia fechando a tampa quando notei um cantinho de madeira recortado na base do baú, que mal tinha largura suficiente para nele se introduzir uma unha. Abaixei a vela, tirei da cinta a faca de Humphrey, me debrucei no baú e consegui inserir a ponta da lâmina na abertura e puxar para cima, com o coração aos saltos. Houve um clique suave e senti a madeira se soltar. Fiz pressão para baixo e o fundo falso se elevou facilmente. Enfiei a mão no compartimento oculto sob ele e meus dedos roçaram num maço de papéis, antes de se fecharem num objeto

duro que espetou minha pele, me fazendo tirar a mão depressa, por medo de que fosse uma armadilha. Tornando a introduzida, dessa vez com mais cuidado, puxei o objeto contundente para a luz tênue e assobiei baixinho ao ver o que estava segurando.

Era um chicote de cabo curto, talvez com uns 40 ou 50 cordões presos na ponta, cada um com cerca de meia jarda de comprimento e cheio de nós apertados. Por cada um desses muitos nós passava um pedaço curto de arame, entortado sob a forma de um gancho, e muitos desses ganchos tinham vestígios de sangue pisado e carne dilacerada. Estremeci ante a crueldade do instrumento, ao mesmo tempo que tive a impressão de que a venda caía de meus olhos e as suspeitas que antes haviam flutuado numa densa neblina emergissem, de repente, com clareza quase total.

Tornei a pôr a mão no compartimento secreto e puxei a pilha de papéis que havia tateado antes. Vi que era um maço de cartas cheias de orelhas, sujas e presas com uma fita esgarçada. O papel no alto da pilha trazia a marca inconfundível de um polegar ensanguentado. Uma olhada para a tinta desbotada da carta de cima confirmou que aquilo fora escrito numa combinação de símbolos e números, mas não precisei decifrá-los para saber que se tratava das cartas em razão das quais o quarto de Roger Mercer e de James Coverdale tinha sido revistado. Amarrado com o maço de cartas havia outro documento, este num velino mais antigo e lacrado com cera. O lacre ainda estava intacto e, à luz pálida, seu timbre era indistinto. Tive apenas um momento de hesitação antes de rompê-lo e desenrolar o documento, segurando-o perto do coto de vela. A chama estava tão fraca que mal iluminava a letra rebuscada e cheia de arabescos, mas a primeira linha bastou para me deixar com a respiração presa na garganta.

*"Pio Bispo, servo dos servos de Deus. Para perpétua memória. Aquele que reina nas alturas..."*, começava, e quase deixei cair o documento, de tanto que minhas mãos tremiam. Compreendi de imediato o que estava segurando. Aquele talvez fosse o texto mais condenatório que um inglês podia possuir: uma cópia da bula papal *Regnans in Excelsis*, expedida pelo papa Pio V cerca de 13 anos antes, declarando herege a rainha

Elizabeth da Inglaterra e contendo sua sentença de excomunhão da Igreja Católica. O texto terminava proibindo os súditos da rainha de a reconhecerem ou lhe prestarem obediência como monarca. Com essas palavras, Pio V havia praticamente conclamado a que ela fosse derrubada do trono. Essa era a bula papal que alguns católicos mais extremados dos seminários europeus viam como uma licença para assassinar a rainha, em nome de Deus. A simples entrada de uma cópia desse documento no país constituía alta traição e resultaria na condenação à morte daquele que o portasse. Soltei a respiração devagar, depois fiquei gelado, quando pensei ouvir o som de pés se arrastando do lado de fora da janela. Será que eu havia caído em outra armadilha? A pessoa que tinha vasculhado esses cômodos, sem sombra de dúvida, estivera à procura desses papéis, assim como os havia procurado no quarto de Mercer, mas não descobrira o compartimento secreto do baú. Talvez ainda estivesse vigiando o quarto e houvesse visto minha vela. Prendi a respiração e captei outro movimento nítido do lado de fora. Logo depois, um grito agudo, sobrenatural, cortou o ar, seguido por mais outro, um som que não poderia ser mais parecido com o grito de um bebê cheio de dor, e tornei a desabar no chão, tremendo e rindo de meu próprio nervosismo: era apenas um par de raposas brigando na travessa.

Mas esse distúrbio me fez recobrar o bom senso e me lembrou de que não havia tempo a perder. Embrulhei o maço de cartas numa das camisas de linho do baú, onde também achei uma capa de viagem que prendi às pressas em volta dos ombros, já que a minha tinha ficado na Roda da Catherine. Depois de vasculhar o cômodo mais um pouco, localizei um tinteiro embaixo dos fragmentos espalhados na escrivaninha de Norris e rabisquei um bilhete apressado para Sidney, explicando onde tinham sido encontrados aqueles itens e aonde eu estava indo. Feito isso, enfiei a mão dentro da camisa, tirei a folha de papel com a cópia do código do almanaque de Mercer, dobrei-a dentro do bilhete para

Sidney e o lacrei da melhor forma que pude, com a cera encontrada na gaveta, embora não tivesse um anel com que imprimir minha marca. Depois, peguei o embrulho, apaguei a vela quase extinta, abri o trinco da

porta que dava para a escada e constatei que estava trancada a chave. Quem tinha revirado o quarto, na ausência de Norris e Allen, devia ter saído com a própria chave, a menos que também houvesse pulado a janela. Novamente praguejando, lutei para abrir a janela acima da escrivaninha, que dava para o pátio quadrangular do colégio. Subi com esforço no parapeito, agora atrapalhado pela mão enfaixada e pelo embrulho que procurava segurar firme embaixo do outro braço, e passei por ela com cuidado. Infelizmente, preendi a capa no trinco no último minuto e despenquei de lado, com um baque surdo e um grito abafado.

Fiquei deitado, quieto, por um momento, na esperança de que meus movimentos não tivessem sido ouvidos, e ergui os olhos para o céu marmóreo sobre os telhados, que já passava do veludo negro para o azul-escuro por trás das réstias de nuvens. Se o céu estava clareando, eu precisava resolver esse assunto e sair correndo da cidade antes do nascer do sol. Estava escuro demais para discernir os ponteiros do relógio. O quadrilátero continuava envolto na calma das horas mortas. Nada se movia. Em algum lugar ao longe, a raposa tornou a gritar, e eu já ia me levantando quando vi o lampião. Ele se aproximou em ritmo acelerado, vindo dos prédios em frente, segurado por uma figura encapuzada que parou, erguendo-se acima de mim, e baixou a luz até o nível do meu rosto.

- Ora, ora, Dr. Bruno. Servindo-se de novo? Isso está se tornando um hábito e tanto. Qual será a sua explicação desta vez, eu me pergunto? Mal posso esperar para descobrir.

Não pude ver o rosto de Walter Slythurst, mas seu risinho maléfico ficou evidente em cada palavra gelada.



## Capítulo 18

SLYTHURST TENTOU ME LEVANTAR bruscamente pelo braço, mas me esquivei com uma contorção e dobrei o corpo em cima do embrulho, para que ele não tentasse arrancá-lo de mim.

– Desta vez você vai se explicar, Bruno - disse o homem, substituindo pela raiva o frio sarcasmo habitual, enquanto eu me debatia em suas mãos e ele procurava apanhar o embrulho. Era muita coincidência ele estar acordado e vestido àquela hora da noite. Devia ter estado vigiando o quarto do Norris. - O que você tirou daquele quarto? Eu tenho que ver. Exijo que me entregue isso - ordenou. Havia uma urgência febril em sua voz e vi um sobressalto genuíno em seus olhos, ao fitarem o embrulho na minha mão. Seria possível que ele soubesse da importância do que eu carregava?

– Exija o que quiser - arquejei, desferindo um golpe com a mão enfaixada mas não posso lhe dar isto.

– Sou um membro sênior deste colégio - balbuciou Slythurst, tentando manter a dignidade - e você tem que reconhecer minha autoridade aqui. Se tirou alguma coisa de valor do quarto de um aluno, ela deve ser mostrada ao diretor.

O pânico tornava sua voz estridente. Ele tentou pegar o embrulho mais uma vez e de novo eu o tirei do seu alcance. Vi que ele estava determinado a pegá-lo, e eu sabia que o material não devia cair nas mãos do diretor. Slythurst e Underhill, pensei, seriam bem capazes de destruir qualquer prova que julgassem poder dificultar as coisas para o colégio, e minha descoberta no quarto de Norris seria o fim de Underhill, caso fosse divulgada. Slythurst me observou por um momento, a boca travada numa linha raivosa, pôs o lampião no chão e avançou para mim com as mãos livres. Era surpreendentemente forte para um homem magro e por pouco

não me derrubou ao se atirar sobre o pacote, mas dei um chute para trás, cobrindo o embrulho com os dois braços, e meu pé acertou a barriga dele com força. Sem fôlego, o homem se vergou e, antes que pudesse se preparar para o ataque seguinte, lhe desferi um soco com a mão direita enfaixada, acertando-o no queixo e fazendo uma fisgada de dor subir por meu braço. Slythurst tropeçou para trás, mas se recuperou de forma inesperada e se atirou nas minhas pernas, me derrubando no chão. Ouvi minhas costas estalarem quando bati nas pedras e tentei empurrar o pacote para baixo do corpo, mas Slythurst tinha a vantagem do peso e logo montou em cima de mim, me prendendo no chão. Ao tentar pegar os papéis, quase grudou o rosto no meu. Tive medo de que os rasgasse, na ânsia de arrancá-los de mim, e uma súbita onda de raiva redobrou meus esforços para protegê-los.

– Me entregue esses papéis, Bruno. Você está se intrometendo em assuntos que não compreende - sibilou ele entre dentes. Estava tão próximo que cheguei a sentir seu hálito acre em minhas narinas.

– Você nem sabe o que tenho aqui - contestei, quase cuspiendo, com os papéis grudados no peito.

– O que quer que você tenha retirado do quarto de um estudante é propriedade do colégio, na ausência do aluno - murmurou ele, ainda pomposo, enquanto arranhava minhas mãos.

– Por que você quer isso com tanta urgência? - retruquei. - E porque não conseguiu achar, quando você mesmo revirou o quarto de cima a baixo? Você sempre se serve das chaves quando Cobbett está dormindo?

– A questão, Bruno - disse ele, com as narinas se inflando -, é como *você* sabia o que procurar e onde encontrar. Só pode ser por fazer parte da conspiração papista. Mas quem esperaria outra coisa de um italiano? O diretor é um idiota crédulo, mas eu sempre soube qual era o seu jogo.

– É você que não entende nada - resmunguei de volta, curvando as costas para tentar desequilibrá-lo -, mas não sou papista e quem

importa sabe disso.

– Você vai me entregar esses papéis, Bruno - arfou Slythurst, deslocando o peso de tal modo que se curvou todo sobre mim, o nariz quase encostado no meu -, senão eu vou acordar o colégio inteiro. Com três de nossos membros mortos recentemente, você será trancafiado na prisão do castelo antes que tenha a chance de inventar sua próxima história implausível.

Então, Slythurst se *opunha* aos papistas, pensei enquanto seu joelho afundava em meu peito. Nesse caso, por que fazia tanta questão de encobrir as provas dos assassinatos? O que queria com esses papéis que eu lutava para manter fora do seu alcance, a ponto de ter vasculhado primeiro o quarto de Mercer e agora o de Norris, à procura deles? Qualquer que fosse seu objetivo, eu sabia que ninguém deveria receber aqueles papéis senão Walsingham, e que eu precisava entregá- -los a Sidney pessoalmente. Ao sentir o embrulho começando a escorregar da minha mão machucada, reuni todas as reservas de força que me restavam. Trinquei os dentes, ergui o corpo o máximo que pude, com o rosto tão perto do de Slythurst que parecia prestes a beijá-lo, depois recuei um pouco a cabeça e a impeli com toda a força para cima, de tal modo que minha testa o acertou em cheio no nariz, com um estalo violento. Ele soltou um uivo e agarrou o nariz com as duas mãos, então aproveitei a oportunidade para desequilibrá-lo e rolar para longe. Uma dor surda zumbiu em minha cabeça e minha visão ficou turva, mas ele parecia ter levado a pior: quando afastou a mão, vi que seu nariz sangrava bastante. Acima da minha cabeça, uma outra luz se aproximou, balançando, acompanhada por um lento arrastar de passos.

– Mas, pelo amor de Deus... - começou Cobbett, suspendendo o lampião e parando, com uma careta de assombro, ao ver Slythurst e eu nos atracando feito bêbados no meio do quadrilátero. Notei que na outra mão ele carregava um porrete pesado. - Dr. Bruno? Santo Deus, o senhor está com um aspecto horroroso. Como foi que entrou?

– É uma longa história, Cobbett - respondi, me levantando aos trambolhões. - Preciso da sua ajuda.

– Pegue-o, Cobbett! - gritou Slythurst, as palavras abafadas pelas mãos que ainda seguravam seu nariz quebrado. - Ele roubou propriedade alheia. Como membro deste colégio, ordeno que você o prenda!

Cobbett olhou de Slythurst para mim com certa preocupação. Eu o segurei pela manga e o puxei para longe, fora do alcance dos ouvidos do tesoureiro.

– Você tem que acreditar em mim, Cobbett, este é um assunto da mais extrema urgência. Acho que sei onde encontrar o assassino, e pode ser que outras pessoas morram esta noite, se eu não agir - declarei. Ao ver que ele continuava inseguro, acrescentei num sussurro: - Sophia está em perigo. Tenho que sair neste instante. Diga, onde posso encontrar meu cavalo? Pelo que sei, ele está na estrebaria do diretor.

– Cobbett, não abra o portão! Esse homem não deve sair do colégio com esse embrulho, está me entendendo? - gritou Slythurst, já então parecendo desesperado.

Ele se levantou, cambaleando, tornou a se lançar contra mim, meio sem equilíbrio, e, apesar de eu ainda estar tonto pelo impacto do último golpe, me precipitei contra ele, mostrando os dentes.

– *Ne vuoi di piu? Fatti sotto* - rosnei, sacando a faca de cozinha que havia tirado de Humphrey Pritchard e apontando-o para ele: - Pois então, venha, se você quer mais.

Slythurst podia não ter entendido as minhas palavras, mas não teve como confundir o significado da faca. Deu um passo atrás, me encarou com ar de desafio por um brevíssimo instante, levantou a cabeça e gritou "Assassino!" com toda a força de seus pulmões. Dos dois lados do quadrilátero, algumas janelas se abriram rangendo e figuras indistintas se debruçaram no parapeito, alarmadas com o tumulto.

– Tenho que ir neste instante - sussurrei para Cobbett, ainda segurando a faca apontada para Slythurst, que obviamente havia concluído que sua melhor alternativa era acordar o colégio inteiro e fazer outras pessoas me prenderem.

– Ele vai mandar os vigias irem atrás do senhor - murmurou Cobbett, enquanto Slythurst soltava seu grito de "Assassino!" outra vez. - O senhor terá de cavalgar depressa, se quiser ter a esperança de sair da cidade. A estrebaria do diretor fica quase aqui em frente, na travessa Cheney. Venha. - E o velho porteiro me conduziu ao portão principal, movendo-se tão rápido como eu nunca o vira fazer. - Preciso levar estes papéis para o Christ Church - cochichei, enquanto ele abria o portão. Slythurst nos observava, mas desta vez não fez nenhum movimento em direção a nós, parecendo ter resolvido esperar pelos reforços. - Qual é o melhor caminho?

Cobbett balançou a cabeça:

– Se o senhor for ao Christ Church agora, eles vão prendê-lo antes que consiga sair da cidade - murmurou, quase inaudível. - Me dê os papéis. Eu mando um mensageiro da minha confiança.

Olhei de relance para Slythurst, que agora chamava alguém debruçado numa janela do primeiro andar. Cobbett se posicionou de um modo que suas costas largas bloquearam a visão que Slythurst tinha de mim e fez sinal para que eu lhe entregasse os papéis.

– Eles precisam chegar às mãos de Sir Philip Sidney sem demora - sussurrei. - Ninguém mais pode vê-los. Homens já morreram por

esses papéis, Cobbett. Você jura que o seu mensageiro é de confiança?

– Juro pela minha vida - disse ele. - Agora, pelo amor de Deus, vá andando, Bruno, e que Deus o proteja. Traga Sophia de volta.

O som de outros passos ecoou nas pedras. Cobbett abriu só uma fresta da portinha e eu lhe passei depressa o pacote embrulhado na camisa de Norris, o qual desapareceu prontamente no interior de seu velho casacão.

– Mestre Godwyn voltou? - murmurei, enquanto me esgueirava pelo limiar. Cobbett franziu o cenho.

– Não vi ninguém sair do colégio esta noite, exceto o senhor. O portão ficou trancado o tempo todo.

– Então, ele deve ter saído por outro caminho, talvez pelo bosque.

Portanto, Godwyn podia ainda estar fora, e eu fazia uma boa ideia de onde seria possível encontrá-lo.

Cobbett meneou a cabeça, depois me empurrou com urgência para a travessa, e ouvi o trinco se fechar rapidamente às minhas costas.

Mal me atrevi a olhar para trás enquanto corria à máxima velocidade possível para a travessa Cheney, uma rua estreita que margeava o Colégio de Jesus, quase em frente. Por sorte, os prédios eram escassos e não foi difícil achar a estrebaria, mesmo no escuro, graças ao cheiro e aos ruídos suaves dos cavalos adormecidos. Bati com urgência no portão, temendo que a qualquer momento Slythurst e um bando de homens do Lincoln chegassem para me deter por furto, enquanto, vindo da outra direção, eu ainda esperava por Jenkes ou um dos homens mandados por ele, todos determinados a me matar. Passado um momento, um cavaleiro com o cabelo despenteado e uma vela na mão abriu uma fresta do portão, com os olhos sonolentos, mas assustados.

- Senhor? - murmurou, mas eu o empurrei com um gesto rude e entrei no pátio da estrebaria.
- Preciso do meu cavalo, filho, neste instante. Aquele que foi trazido na última sexta-feira, o cinzento. Sou o Dr. Bruno, da comitiva real.

Os olhos do garoto se arregalaram ainda mais e ele mordeu o lábio.

- Não posso deixar ninguém sair com os cavalos quando mestre Clayton não está, meu senhor. E o cavalo é muito bom.
- É, sim. Veio direto das cavaliças da própria rainha. Mas juro que não o estou roubando. Agora, vá buscá-lo, sim?
- Eu vou levar uma surra, senhor - disse o menino, com ar de pedinte.

Eu não podia culpá-lo por sua cautela. Sem falar no horário, eu não poderia estar menos parecido com um visitante de uma comitiva real, com o rosto machucado e o pescoço sangrando. Detestei ter que apelar para isso, porém, mais uma vez, tirei a faca do cinto e o deixei ter um breve vislumbre dela. O pobre garoto olhou em volta, como se pudesse surgir alguém em seu socorro.

- Por favor - acrescentei, em tom mais gentil, como se isso pudesse melhorar a situação.

Ele hesitou por um instante, depois pareceu decidir que a perspectiva da surra era sua melhor opção.

- Vou demorar uns minutos para selar o cavalo.
- Então, não o sele. Ponha só os arreios, mas depressa, por favor. Não tenho tempo a perder.

Tornei a girar o corpo para a porta, pensando ter ouvido passos, mas era apenas a movimentação dos cascos dos cavalos em suas baias. No entanto, o rapazinho pôde perceber meu medo. Ele meneou a cabeça, em silêncio, e se retirou depressa para pôr o cabresto no animal. Agitado, eu alternava o peso do corpo de uma perna para a outra e mordida o lábio, de olho no portão do pátio, sem me preocupar com as dores na mão, nos ombros, no

pescoço e, agora, nas costas e na cabeça, depois da briga com Slythurst. A única coisa que importava era eu não ser apanhado. Torci para ter feito a coisa certa ao confiar em Cobbett, mas eu sabia que ele tinha razão. Mesmo que eu fosse pessoalmente ao Christ Church, não conseguiria falar com Sidney àquela hora da noite e só poderia deixar meu precioso embrulho com o porteiro de lá, e além do mais Slythurst teria avisado ao chefe da guarda e aos vigias que um ladrão havia escapado do Lincoln, e assim eu jamais atravessaria os portões da cidade. Só me restava rezar para que Slythurst não interceptasse os papéis antes que o mensageiro de Cobbett conseguisse despachá-los.

O menino reapareceu, ansioso, puxando meu cavalo por seus rebuscados arreios de veludo, cujos adornos de metal tilintavam alto no ar parado. O cavalo parecia meio lerdo e não exatamente satisfeito por ter sido incomodado no escuro. Eu o levei até uma pedra de montar, no meio do pátio, e me esforcei para subir em seu dorso. Ele executou uma dancinha de surpresa e bufou em sinal de protesto, mas peguei com firmeza as rédeas e o animal obedeceu. O garoto segurou o portão aberto e eu bati com os calcanhares nos flancos do cavalo e o fiz girar, virando-o para a esquerda, na direção oposta à do Colégio Lincoln.

Em sua outra extremidade, a travessa Cheney dava para a rua Norte, e a vaga claridade que aos poucos ia manchando a linha do horizonte à minha esquerda me guiou para o leste. A essa altura, eu via o bastante apenas para discernir as barracas cobertas do Cornmarket, mais adiante, e instiguei o cavalo a seguir a trote, embora ele parecesse relutar em acelerar o passo, já que o chão lamacento estava escorregadio sob seus cascos. No cruzamento da Carfax, eu o virei para a esquerda na High Street e logo depois vi o portão leste, por onde entráramos na cidade em meio a grande pompa, fazia apenas cinco dias, com sua torre de proteção da estrada para Londres. A luz de um lampião piscou no talude da torre e compreendi que tudo dependeria de eu passar pelos vigias de lá sem ser detido. A essa hora, Slythurst já teria acordado os criados do colégio, e quem quer que tivesse sido mandado para me perseguir não podia estar muito atrás.



Quando parei o cavalo, um homem com uma libré municipal e uma lança em punho avançou, saindo do portão:

- Quem vem lá? - perguntou em tom brusco, me apontando a lança e dando um passo à frente. O cavalo relinchou, assustado.
- Mensageiro real - respondi, arfante. - Levo uma mensagem urgente de Sir Philip Sidney.
- Um xelim para passar antes do amanhecer.
- Não tenho um xelim. Tenho ordens para levar sem demora uma mensagem ao Conselho Real, em Londres - respondi, me empertigando no cavalo, na esperança de que uma postura de autoridade desviasse a atenção dele da minha aparência. - E, se essa mensagem não chegar, o conde de Leicester vai mandar pregar os seus testículos nesse portão, a título de advertência, eu posso jurar.

Olhei outra vez para trás, certo de ouvir um barulho que vinha de um ponto mais distante da High Street. O vigia relutou por um momento, depois começou a destrancar e abrir trabalhosamente o sólido portão de madeira, enquanto eu segurava com força as rédeas do cavalo, que sentia minha impaciência e tensão e começava a ficar inquieto.

Quando cruzei o limite da cidade, ouvi às minhas costas um grito nítido de "Ei! Parem aquele cavaleiro!"

Dei com os calcanhares nos flancos do cavalo e o pus a meio galope. Embora o chão ainda estivesse mole sob seus cascos, pelo menos a estrada era mais larga, já que consistia na principal via para Londres, e a escuridão começava a diminuir um pouco, enquanto as estrelas empalideciam com a luz do alvorecer que bordejava o horizonte leste, para onde eu cavalgava. O vento levantou a crina do cavalo quando ele disparou pelos sulcos das rodas de carroças e por cima dos buracos, assim como fez arderem meus olhos e meu nariz quando me curvei sobre o pescoço do animal, procurando me manter em seu dorso sem sela e olhando para trás de vez em quando, para ver se alguém me seguia. O cavalo era veloz e logo parecemos ter coberto uma distância suficiente para tornar extremamente difícil alguém nos alcançar. Agora que podia

respirar de novo, tive tempo para duvidar da sensatez do meu plano. Tinha parecido óbvio, em minha conversa com Humphrey, que eu encontraria no Castelo Hazeley as peças do quebra-cabeça que estavam faltando, mas agora que eu estava fora da cidade, sem uma ideia clara de como encontrar o local, perguntei a mim mesmo se eu havia apenas arriscado um palpite que não daria em nada enquanto o drama se desenrolava até o fim num rumo inteiramente diferente.

Cavalguei talvez por meia hora, com o céu cada vez mais claro e o canto dos pássaros mais insistente, enquanto uma névoa úmida se erguia das cercas vivas, obscurecendo os campos distantes. O cheiro de terra molhada invadiu minhas narinas. Não havia sinal de nenhum povoado e comecei a temer que houvesse cometido um erro terrível. Além de talvez não achar Thomas e Sophia antes de ser tarde demais, agora eu também não teria como retroceder. Se Jenkes ou Slythurst houvessem me seguido desde a cidade e me alcançassem nessa estrada deserta, não haveria ninguém para vir em meu auxílio.

Quando dobramos uma curva da estrada entre as sebes, com o ritmo já então reduzido a um trote regular, o cavalo quase tropeçou num rebanho de ovelhas que era conduzido em direção a Oxford por um velho com um cajado torto.

- Por favor, o senhor sabe me dizer onde posso encontrar o Castelo Hazeley? Estou no caminho certo? - gritei.

O pastor me olhou com desconfiança.

- O que disse?

Respirei fundo e repeti a pergunta, no inglês mais claro que pude pronunciar.

Ele apontou para trás, para a direção de onde tinha vindo.

– Mais ou menos a uns 800 metros. O senhor verá dois carvalhos grandes à esquerda e uma trilha para carroças entre eles. É só segui-la até a casa senhorial. O que o senhor vai fazer lá? - indagou o homem, me olhando com curiosidade.

– Assuntos oficiais - disse eu, já que essa resposta me fora útil antes.

– Lá são todos papistas, o senhor sabe - resmungou ele, enquanto meu cavalo abria caminho por entre as ovelhas. Eu lhe agradei o aviso e, tão logo nos livramos do rebanho, aticei o animal para fazê-lo acelerar o passo. Agora minhas costas e pernas doíam como nunca e as rédeas ralavam minha mão queimada, mas eu me animei ao saber que a casa ficava perto. Talvez lá eu encontrasse as respostas que buscava.

## Capítulo 19

A TRILHA DAS CARROÇAS DESCIA uma encosta suave e depois se alargava numa longa alameda para carruagens, que conduzia à entrada da enorme casa palaciana. Do alto da colina, por entre a bruma fina que pairava sobre as árvores mergulhadas nas sombras da luz cinzenta, vislumbrei chaminés altas de tijolos vermelhos, torreões, merlões e ameias. A casa era cercada por floresta de três lados e uma encosta íngreme e densamente arborizada se erguia atrás dela. Protegido pelas árvores, seria possível eu chegar muito perto do castelo em si, mas obter acesso a ele era outra história. É que, agora, eu só poderia ir para a frente. Contrariando a vontade do cavalo, aos poucos o tirei da trilha das carroças e o levei para a mata, onde apeei numa clareira e preendi os arreios num galho baixo, para que ao menos o animal pudesse baixar a cabeça até o capim no chão. Depois de lhe dar um tapinha sonoro e garantir que eu voltaria logo, me afastei de mansinho, no maior silêncio possível, descendo a encosta em direção às terras do Castelo Hazeley.

Na margem da floresta, onde ela se abria num gramado, me agachei à sombra das árvores e olhei para a construção em frente. Ali a névoa estava mais fina e tive uma visão clara da mansão senhorial à meia-luz. Era evidente que ela fora construída para resistir a ataques, embora suas fortificações parecessem constituir parte do seu estilo, mais elegantes do que ameaçadoras. Fora erigida numa formação quadrada em volta de um pátio central, tendo a entrada guardada por um magnífico portão fortificado, com duas torres octogonais de pelo menos 30 metros de altura - o dobro da altura dos muros - encimadas por ameias. Nem mesmo todas aquelas fortificações esplendidamente decorativas tinham salvado seu proprietário da prisão, pensei. Se a receita da Coroa andava escassa, confiscar as casas e as terras das famílias católicas que resistiam aos éditos religiosos devia ser uma fonte fácil de lucro. Caso padres

missionários fossem encontrados dentro daquelas paredes, toda essa propriedade seria tomada e sua bela mansão seria dada àquele entre os favoritos da rainha que se revelasse mais merecedor, no dia em questão - fortunas eram confiscadas e divididas entre outros cuja lealdade precisava ser comprada, a pretexto de defesa da religião. Senti um calafrio e apertei mais a capa em volta do corpo. Eu sabia que estava arriscando a vida ali, e quem se beneficiaria, se eu estivesse certo? Eu? Walsingham? Algum outro cortesão cuja ascensão dependia da queda das pessoas dentro daqueles belos muros? Mas eu já estava convencido de que Sophia se encontrava lá dentro e de que as pessoas em cujo auxílio ela confiava eram exatamente aquelas que mais lhe fariam mal.

Veio uma friagem com o alvorecer e percebi que minhas pernas ainda tremiam, depois da cavalgada em pelo. Eu me levantei com jeito, estiquei os membros doloridos e tornei a me agachar, junto ao tronco grosso de um velho carvalho. A fachada da mansão senhorial era adornada por balcões de entalhe rebuscado, embora todas as janelas dos lados que eu podia ver estivessem envoltas na escuridão. Eu não teria como passar por aquele portão fortificado. Um castelo desse tamanho contaria com vários criados, mesmo que seu dono estivesse na prisão, e sua fachada era muito visível. Minha melhor alternativa, concluí, seria ir bordejando a floresta e me encaminhar para os fundos, onde eu talvez encontrasse uma poterna ou uma entrada de criados que fosse mais fácil de invadir. Apalpei a velha faca de cozinha de Humphrey na cintura, considerando que o melhor meio de convencer os criados a responder a minhas perguntas seria usando a arma de maneira sensata.

Ainda muito recurvado, comecei a avançar pé ante pé pela orla das árvores, observando atentamente o castelo, em busca de qualquer sinal de movimento ou de luz nas janelas, e de repente ouvi um graveto se partir atrás de mim. Eu me virei, sacando a faca, mas não vi nenhum movimento nas profundezas da mata, cujos troncos e vegetação rasteira continuavam envoltos em uma bruma azulada. Minha respiração se acelerou, formando nuvenzinhas em volta do meu rosto à medida que eu ia andando de lado, tentando manter a cabeça virada na direção da qual

viera o barulho. A necessidade de me deslocar da maneira mais silenciosa possível me pareceu menos urgente que a de andar depressa. Eu me esforcei para ouvir outros sons além do estalar de gravetos e folhas sob meus pés, mas, apesar de não escutar nada, tive a nítida sensação de não estar sozinho na floresta.

Nesse momento, captei o ruído suave de cascos de cavalo comprimindo o cascalho e parei à sombra de um carvalho grosso para espiar. Abaixo de mim, uma carroça pequena e de laterais altas, puxada por um pônei encurvado, avançava pela alameda das carruagens na direção do portão fortificado, tendo à frente um homem debruçado sobre as rédeas. Eu vi quando ela contornou um dos lados da casa e, de repente, uma figura encapuzada se afastou da proteção das árvores e disparou pelo gramado em declive em direção à carroça, já então prestes a desaparecer nos fundos da casa. Corri o mais rápido que pude por entre as árvores, tentando ficar de olho nos dois, sem me preocupar se eu seria visto. Ao chegar à carroça, a figura de capa se atirou sobre o desavisado cocheiro, arrancou-o de seu banco e se atracou com ele, derrubando-o no chão. O pônei, que dava a impressão de que teria de se esforçar para chegar ao fim da alameda das carruagens, mal notou o que acontecia, deixando pender a cabeça. Disparei na direção deles, as pernas ainda bambas, e os alcancei no exato momento em que o homem da capa, cuja mão tapava a boca do outro e que se ajoelhara sobre um dos braços da vítima, sacava uma lâmina.

Eu me atirei sobre ele, derrubando-o de lado e agarrando a mão que segurava a faca. Com um grito enfurecido, a figura encapuzada se virou para mim e, com uma pontada de susto, vi que era Thomas Allen. Seu rosto também se congelou numa expressão de assombro.

– *O senhor?* - disse. - Mas...

O cocheiro caído tentou se soltar. Devia estar na casa dos 50, tinha o rosto bolachudo e se mostrava claramente apavorado, sacudindo a cabeça, choramingando e me implorando socorro com os olhos esbugalhados.

– Quem é esse? - perguntei a Thomas num tom urgente. - Por que você voou em cima dele com uma faca?

O rapaz me lançou um olhar carrancudo. Olhei de relance para sua mão, cujo pulso eu ainda apertava com força, e vi que não era uma faca que ele segurava, afinal, mas uma navalha aberta.

– Ele veio buscar Sophia - respondeu Thomas, trincando os dentes. - Foi encarregado de ajudá-la a fugir. Mas ela não deve ir com ele: é uma armadilha.

– Então, ela está aqui? - indaguei, olhando do rapaz para o cocheiro e sentindo uma grande onda de alívio mesclado com medo. Se eu havia acertado esse palpite, o perigo não tinha acabado.

O cocheiro acenou com a cabeça, olhando alternadamente para nós com uma expressão aterrorizada.

– Espere, eu conheço esse homem - disse Thomas, tornando a firmar a navalha e olhando mais de perto para o cocheiro apavorado. - Ele trabalha para a família Napper. Não podemos deixá-lo voltar, porque ele dará o alarme.

O homem gaguejou, confuso, e balançou a cabeça com mais violência. Saquei da cinta a velha faca de cozinha de Humphrey Pritchard e a segurei junto ao rosto dele.

– Seus serviços já não são necessários aqui, amigo. Vá para casa e diga que foi atacado por salteadores de estrada. Já! - ordenei, dando-lhe um empurrão, pois ele continuava caído no chão, paralisado de pavor. Foi o tranco de que o homem precisava para se recompor e se levantar, desorientado, correndo para as árvores e lançando olhadelas nervosas para trás enquanto fugia. Thomas se virou para mim, com os olhos faiscando.

– Você não devia ter feito isso, Bruno. Agora ele vai voltar para Oxford e vão mandar mais homens atrás de nós.

– Calma, Thomas. Ele levará pelo menos uma hora para voltar a pé para a cidade, e já há homens mais do que suficientes atrás de mim.

Por favor, me diga o que está acontecendo.

O rapaz respirou fundo, meneou a cabeça, se pôs de pé e levantou a cabeça do pônei manso:

– Vim salvar Sophia - disse ele, seu rosto ossudo tenso de determinação.

Vi um brilho estranho e febril em seus olhos, e suas mãos se moviam incessantemente numa agitação nervosa.

– De quem?

– Daqueles cuja segurança ela ameaça.

– Por causa do filho que está esperando?

Ele girou a cabeça subitamente e me encarou:

– Então o senhor sabia disso? Como veio parar aqui, Dr. Bruno?

– Um palpite - respondi, com ar resolutivo. - Creio que você também pode estar em perigo, Thomas.

Ele deu um risinho amargo.

– Eu já não lhe disse isso?

– Eu me refiro a um perigo imediato. Esta noite.

Ele abriu a boca para responder, mas, nesse momento, abriu-se uma porta nos fundos da casa e uma voz indagou, baixinho:

– Quem está aí?

– Levante o capuz e guarde a arma - sibilou Thomas, ele mesmo cobrindo a cabeça com a capa. - Não fale, se for possível, até estarmos lá dentro.

Não vi alternativa senão seguir suas ordens enquanto ele apanhava as rédeas do pônei e puxava a carroça para o que parecia ser uma entrada de serviço. A porta estava entreaberta e um homem alto e recurvado, de cabeleira rala, nos inspecionou pela fresta com olhar desconfiado.



- Vim buscar um passageiro que irá para o litoral, a pedido de Lady Eleanor - disse Thomas em voz baixa, mantendo o capuz levantado. Houve uma longa pausa, como se cada um esperasse o outro falar.
- Diga a senha - pediu o homem atrás da porta, com uma tosse sem jeito.
- Ah. *Orapro nobis* - disse Thomas e mordeu o lábio.
- Eu não sabia que eram dois - comentou o criado, ainda nos olhando com suspeita. - Bem, nesse caso... entrem.

Abriu a porta mais um pouco e nos deixou entrar num corredor estreito.

- Esperem aqui, vou dizer à Lady Eleanor que vocês chegaram.

O homem se virou abruptamente e se afastou pelo corredor, levando a vela consigo e nos deixando na penumbra. Olhei para Thomas, que mudava de posição o tempo todo e não olhava para mim. Eu me perguntei em que estaríamos nos metendo e apalpei a presença tranquilizadora da faca de Humphrey embaixo da capa.

Pouco depois, o criado alto voltou, ainda com a expressão reservada, como se não estivesse convencido do que Thomas lhe dissera.

- Venham por aqui - chamou ele em tom seco, apontando para o corredor à frente. - Eles querem ver vocês um instante, para examinar os planos de viagem.

Imaginei que a tal Lady Eleanor soubera que havia dois homens presentes e desconfiara. Dei uma olhada inquieta para Thomas. Uma vez naquele labirinto de corredores, estaríamos presos na armadilha. O criado, segurando a vela no alto, nos conduziu pela passagem de pedra e por um lance estreito de escada, até um corredor muito mais grandioso, revestido de painéis de madeira, onde o assoalho era coberto por esteiras perfumadas de junco e a luz do início da manhã se infiltrava pelas janelas baixas. Andamos tanto que presumi que o corredor devia percorrer toda a extensão da casa, e de fato ele acabou fazendo uma curva fechada para a direita e chegamos a um pequeno lance de escada, que terminava numa imponente porta de madeira. O homem bateu e, depois de um murmúrio baixo vindo de dentro, abriu a porta e fez sinal para entrarmos.

Eu me vi num aposento de pé-direito alto, que se estendia de uma à outra torre do portão fortificado. Junto a uma janela estava uma mulher de uns 40 anos, alta e elegante, num vestido de cetim vermelho-escuro de corpete rebordado e saia ampla, o cabelo preso num coque. Atrás dela havia uma porta fechada, na parede da torre octogonal da direita, enquanto a porta correspondente da torre esquerda revelava uma escada em espiral para cima. Com os sapatos estalando no piso sólido de tijolos, o criado atravessou o aposento e cochichou alguma coisa no ouvido da mulher, que fez um breve aceno e inclinou a cabeça junto dele, para nos fitar com uma expressão de calma impenetrável.

– Vocês vieram da parte de William Napper? - perguntou, baixinho. Thomas assentiu com ar confiante, embora eu estivesse parado suficientemente perto para sentir seu braço tremendo por baixo da capa.

– Onde está Simon? - indagou ela, desviando seu olhar penetrante de Thomas para mim.

– Ele ficou doente, senhora - respondeu Thomas, quase sem abrir a boca.

– Então, feche a porta atrás de vocês - disse ela, com um passo à frente. - Queremos garantir que vocês entendam bem as instruções. Barton, você fica - acrescentou, com um sinal para o criado recurvado, que tratou de se posicionar estrategicamente entre nós.

– Sim, milady - murmurou ele.

Olhei em volta, consciente de que Lady Eleanor nos observava atentamente.

– Eu ficaria grata, amigos, se os senhores baixassem os capuzes dentro de casa - disse, em voz baixa. - Sei que todos devemos ter cautela ao nos mostrarmos, mas nesta casa podemos confiar uns nos outros. Sophia! - chamou, virando-se um pouco para trás.

A portinha da torre oriental se abriu e Sophia Underhill entrou no recinto, no mesmo instante em que Thomas me olhou de relance e baixou seu capuz com um floreio. Sophia soltou um grito curto e olhou

do rapaz para mim, levando as mãos à boca. Relutante, baixei o capuz e o rosto dela se contraiu, assumindo uma estranha expressão de incredulidade.

– *Bruno?* - sussurrou ela, deixando transparecer nos olhos sua completa confusão. - Como é que *você* veio parar aqui? E Thomas? - acrescentou, apontando o rapaz com a cabeça. Notei que a dama alta dera um passo à frente, fazendo um sinal para que Barton se pusesse a seu lado, e mantinha o rosto sereno, mas claramente atento à tensão do momento.

Antes que eu pudesse responder a Sophia, a moça se voltou para Thomas, com uma expressão suplicante:

– Thomas, eu sei o que você pensa, mas está enganado. Se tem algum carinho por mim, você me deixará ir embora. *Por favor* - acrescentou, com a voz levemente embargada, ao ver a expressão implacável no rosto dele.

– Quem são essas pessoas, Sophia? - indagou a mulher mais velha, com um toque de rispidez. - Você as conhece? Estão aqui para prejudicá-la?

Thomas se virou para ela e, antes de falar, fez uma reverência breve e falsa.

– Lady Tolling, viemos apenas buscar Sophia e devolvê-la em segurança a seus familiares, que estão dolorosamente aflitos com a ausência dela. Se ela for conosco agora, calmamente, não diremos nada mais sobre este assunto.

– Os mesmos familiares que ameaçaram a vida dela, por causa da sua religião? - retrucou a mulher, sem se alterar, examinando Thomas com um olhar da cabeça aos pés. - Não somos tão fáceis de enganar, meu jovem.

– Mas receio que tenha sido enganada, Lady Tolling - disse ele com impecável finura e um brilho perigoso no olhar. - Receio que a Srta.

Underhill não lhe tenha dito toda a verdade a respeito de seu urgente desejo de deixar a Inglaterra.

– Não, Thomas! - exclamou Sophia, cambaleando em direção a ele com a mão estendida. - Você não sabe o que está fazendo! Não nos atrapalhe, isso não lhe fará bem algum. Você não conseguirá o que quer e tudo estará perdido.

O criado deu um passo em direção ao rapaz, que o olhou de relance por um momento, se virou novamente para Sophia e deu uma risada, com a cabeça jogada para trás, emitindo um som selvagem, desvairado, que ecoou pelas vigas de madeira do teto:

– Sophia, Sophia! - disse, repreendendo-a como se falasse com uma criança travessa. - Que mentiras você andou contando a essa boa gente? Será que convenceu Lady Tolling a ajudá-la a fugir para ingressar num convento francês porque sua família a perseguiria por causa da sua conversão?

A garota empalideceu. Seu rosto assumiu uma expressão rígida e vi um medo real em seus olhos. Ela lançou um olhar aflito para a mulher e vi suas pernas tremerem ligeiramente, fazendo-a tropeçar. Eu instintivamente me aproximei para ajudá-la, mas Barton logo se colocou entre nós, me fuzilando com os olhos, e percebi então que ele levava na cinta um instrumento que parecia um atizador.

– Venha conosco - disse Thomas, em tom mais brando. - Isso não vai acabar como você espera, Sophia, no fundo você sabe que não vai. Ele pretende matá-la.

Sophia balançou furiosamente a cabeça, cerrando os lábios.

– Você é cego e teimoso, Thomas, e sempre foi assim! - exclamou ela, dando um passo em direção ao rapaz. - Sempre agiu de maneira impetuosa, sempre convencido de estar com a razão! Mas desta vez você está terrivelmente enganado, como já tentei lhe dizer.

Lady Tolling cruzou os braços com impaciência e seu olhar correu de Sophia para Thomas, porém a voz se manteve firme.

- O que é isso? Quem são esses homens, Sophia? Quem pretende matá-la?
- Ele está delirando, milady, está com a mente perturbada, não sabe o que diz - apressou-se a dizer Sophia, com a garganta embargada de emoção.

Thomas se virou para a mulher com um olhar desafiador, visivelmente sem se intimidar com a posição social dela, abandonando por completo os modos acovardados que eu vira em Oxford.

- O seu padre visitante - disse, enunciando as palavras com exatidão -, Jerome Gilbert.

Se Lady Tolling ficou perturbada com a acusação de estar abrigando um padre, ou de que esse mesmo indivíduo estaria decidido a cometer um assassinato, não deu qualquer sinal disso, a não ser por um ligeiro tremor da boca.

- Bem, nesse caso, perguntemos a ele - retrucou, com a voz calma de sempre. Cruzou o aposento num farfalhar de cetim e entrou na pequena antecâmara à direita, de onde Sophia saíra. Depois de se ouvir um breve diálogo lá dentro, ela voltou imediatamente, seguida pelo rapaz que eu havia conhecido como Gabriel Norris.

Como de costume, ele usava uma sobreveste bem talhada e sombrios calções pretos, de tecido evidentemente caro, e botas de couro de boa qualidade e fivela de prata, o cabelo louro penteado para trás, deixando o rosto à mostra. Bonito e seguro, tinha a exata aparência do filho de um fidalgo rural. Ninguém que passasse por ele na cidade ou na universidade pensaria que ele era um missionário secreto. Ele olhou de Thomas para Sophia e para mim, com olhar firme e cuidadoso, e balançou lentamente a cabeça.

- Pois muito bem - disse, estendendo as mãos com as palmas voltadas para cima. - Digamos o que precisa ser dito. Lady Eleanor, com todo o respeito, eu lhe pediria que nos deixasse a sós. Há assuntos que precisam ser resolvidos entre velhos amigos, antes que qualquer um de nós possa ir adiante.

Lady Tolling não pareceu disposta a abrir mão do controle de nenhuma situação a se desenrolar sob o seu teto.

– A sua segurança me preocupa, padre - murmurou, lançando um olhar para mim e para Thomas. - Esses homens não foram revistados.

– Eu os conheço - disse Norris, com ar tranqüilizador. - Tudo correrá bem.

Quando a porta se fechou atrás dela e do criado, Norris - ou Jerome, como imaginei que deveria passar a chamá-lo - se virou e me fitou com seus olhos verdes e límpidos.

– Dr. Bruno - disse, com uma ruga intrigada vincando o espaço entre as sobrancelhas. - Eu havia pensado...

– Havia pensado que Rowland Jenkes tinha me matado esta noite? - perguntei.

– Bem, sim. Embora não fique inteiramente surpreso com o fato de o senhor ter se livrado dele... Eu tinha dito a Jenkes que não deveria subestimá-lo. Afinal, o senhor é o homem que escapou da Inquisição - observou, enquanto a boca se curvava na leve sugestão de um sorriso, mostrando os dentes alvos. - O senhor e Thomas formaram sua própria Liga Anti-católica?

Fez uma breve pausa para rir de sua própria piada. Tinha um ar curiosamente descontraído e desenvolto, dadas as circunstâncias, e, agora que não estava interpretando o papel de jovem pomposo e exibicionista, falava num tom mais maduro e comedido. Quando tornou a se virar, para me fitar diretamente nos olhos, me lembrei das palavras de Humphrey Pritchard: o padre Jerome fazia a pessoa sentir-se como se fosse a única que tinha importância no mundo.

- Bem, agora que o senhor conhece a verdade - prosseguiu, baixinho -, veio me prender?
- Vim por acreditar que Sophia estava em perigo - respondi, procurando retribuir seu olhar com firmeza, embora houvesse algo desconcertante na intensidade dele. Decidi que eu não seria o primeiro a desviar os olhos.
- Por minha causa? - indagou, como se a ideia fosse absurda. - Por que eu iria querer fazer mal a ela, que foi tão recentemente recebida por meu ministério, na única Igreja verdadeira e universal?
- Seu *ministério*? É assim que o chama? - explodiu Thomas.
- Porque ela está carregando o seu filho - disse eu, simplesmente.
- Isso é calúnia! - rebateu Jerome, com uma súbita centelha de ódio nos olhos e dando um passo na minha direção.
- Thomas lhe disse isso? - perguntou Sophia, o rosto em brasa. - Você sabia que tudo o que ele fala é mentira?
- Ninguém me disse nada - retruquei, dessa vez mentindo, eu mesmo, para poupar Cobbett. - Posso ter sido monge, mas cresci numa pequena aldeia e sei reconhecer essas coisas.

Sophia não disse nada e pressionou a boca com uma das mãos. Thomas deu um risinho irônico e Jerome sugou as bochechas e pareceu refletir.

- Creio que você há de compreender melhor do que ninguém, Bruno - disse Jerome com ar sério, finalmente -, até que ponto um homem pode sentir-se aprisionado pelas restrições de sua ordem. Sim, eu pequei, mas não cometeria um pecado maior para encobrir o primeiro. Sophia será levada em segurança para Rouen, onde cuidarão dela até o momento em que eu possa ir a seu encontro.

Por um instante, os olhos de Jerome se voltaram para Sophia enquanto ele falava. A jovem o fitou, agradecida, mas havia algo evasivo na expressão do padre, que me convenceu de que ele estava mentindo para agradá-la.

- Também sei por experiência, padre, que as ordens religiosas não liberam os seus com toda essa facilidade. Especialmente os jesuítas.

Jerome assentiu, como se ficasse relutantemente impressionado.

– Muito bem, Bruno, você fez todo o seu dever de casa. É verdade, me ordenei jesuíta em Roma e entrei para a missão inglesa por meio do seminário de Reims. O pai de Thomas me trouxe para Oxford. O papel dele era coordenar a chegada dos padres a Oxfordshire, encontrar esconderijos seguros para nós, cuidar de nossas provisões e disfarces. Foi o papel assumido por Roger Mercer depois que Edmund foi exilado. Mas você já sabe disso, presumo.

– Só recentemente comecei a compreender as ligações - admiti. - O seu disfarce foi muito bom.

– *Disfarce* - repetiu Thomas, cuspiendo a palavra com um olhar frio. - Não foi disfarce algum. Ele se portou como o que sempre foi: um filho de família rica que sempre esperou que os outros dançassem conforme sua música. Para ele, entrar para a ordem jesuíta foi apenas mais uma forma de aventura. O *disfarce*, como você o chamou, era uma parte tão natural que acabou sendo muito fácil ele se esquecer da sua missão.

Thomas lançou um olhar incisivo e furioso para Sophia. Jerome tivera ao menos a gentileza de parecer acanhado.

– E cair em tentação - emendei, com ar pensativo, olhando de Jerome para Sophia e me lembrando do Livro de Horas que o diretor Underhill encontrara costurado no colchão dela, com sua dedicatória sugestiva e íntima.

"J". Não fora Jenkes, então, mas Jerome. Portanto, também devia ter sido ele que Roger Mercer esperara encontrar no bosque na manhã de sábado, ao deparar, em vez disso, com sua morte violenta.

– Mas Roger Mercer descobriu o que você fez - declarei, enfrentando o olhar impassível do jesuíta, enquanto sentia um súbito aperto no peito, ao pensar que estava a poucos passos do assassino. - E eu que pensei que ele tinha sido morto por causa daqueles papéis.

Os olhos de Jerome se arregalaram no mesmo instante e ele se aproximou, todo o seu divertido ar de complacência tendo desaparecido.



- Como é que você sabe dos papéis? - indagou, parecendo genuinamente abalado pela primeira vez desde que chegáramos.
- Eu os vi - respondi, conseguindo soar mais calmo do que me sentia.
- Onde?
- No baú do seu quarto. Onde você os escondeu.
- Do *meu...* - começou. Girou o corpo e encarou Thomas, com ar incrédulo. - Mas você disse...
- Roger Mercer flagrou os dois no bosque, certa noite - interrompeu Thomas, com um toque de despeito na voz. Notei que sua mão direita estava enfiada dentro da capa. - Sophia costumava roubar a chave no gabinete do pai, à noite. Mercer ficou horrorizado, como você pode imaginar. Ele foi ao nosso quarto no dia seguinte, explodindo de ódio. Lembrou ao padre Jerome quantos católicos em Oxford estavam arriscando a vida por causa dele, e disse que não receberia mais o sacramento de um padre que estava vivendo em pecado mortal. Disse também que não poderia permitir que as outras pessoas do seu círculo, sem saber o que estava acontecendo, continuassem a receber. Avisou que não tinha alternativa senão denunciar Jerome ao superior dos jesuítas.
- Ouvi dizer que os jesuítas têm um modo implacável de lidar com quem atrapalha a sua missão - comentei, dando um passo atrás, mas Jerome voltara seus olhos verdes para Thomas. - Eles são tão dispostos a matar por sua fé quanto a morrer por ela... como você já demonstrou.
- Como *eu* demonstrei? - enfatizou Jerome, me olhando de novo por um instante e soltando uma gargalhada ríspida de incredulidade. - Entendo... você avaliou os indícios, Bruno, e concluiu que eu devo ser o assassino do Lincoln, pois sou quem mais tem o que proteger. Estou certo?
- Roger Mercer ameaçou denunciar a sua violação do voto de castidade - respondi, me agarrando a fatos que tinham parecido

absolutamente evidentes no minuto anterior, mas que já ameaçavam me escapar. - Você quis silenciá-lo.

– Não nego que quisesse isso. Mencionei a Jenkes que alguém tinha passado informações negativas a meu respeito a Roger e que as dúvidas dele ameaçavam minha segurança. Eu esperava que Jenkes tivesse uma conversa discreta com ele, à sua maneira. Mas cometi um erro - acrescentou, com uma pausa para afastar o cabelo liso do rosto. - Bruno, talvez você conheça a história do santo Thomas Becket, nosso maior arcebispo de Canterbury. Dizem que o rei Henrique II, num momento de frustração, exclamou na presença dos seus nobres: "Quem me livrará desse padre turbulento?" Sua intenção foi apenas fazer uma pergunta retórica, mas os nobres optaram por entendê-la como uma ordem... e, então, para horror do rei, Becket foi atravessado por uma espada quando fazia suas orações. Foi esse o meu erro. Resmunguei alguma coisa parecida a respeito do pobre Roger Mercer, e o meu fiel criado aqui - disse, lançando a Thomas um olhar tão carregado de desdém quanto sua voz - optou por interpretá-la à sua própria maneira.

– Não o ouvi fazer nenhuma objeção, *padre* - rebateu Thomas, baixinho. - Você ficou satisfeito por contar com a minha ajuda naquele momento.

Jerome deu de ombros, sem o menor pudor.

– Não nego que a ideia de me poupar, e também de poupar Sophia, da desonra com que Roger Mercer nos havia ameaçado, foi atraente - comentou e tornou a se virar para mim. - Mas, já que você parece ter se nomeado investigador e juiz neste caso, Bruno, convém examinar melhor as suas provas. Thomas é um candidato tão bom quanto eu... pelo menos, parece que já o enganou. Ele pode ter esse jeito precipitado e nervoso feito um coelho, mas é astuto como o próprio Diabo.

Thomas apenas retribuiu seu olhar, o rosto impenetrável.

– Ele propôs inventar uma solução para nosso problema - continuou Jerome. - Foram essas as suas palavras. Aceitei a oferta e disse que não queria saber de mais nada, até que tudo estivesse resolvido. Por isso, não fiz idéia de que ele havia convencido os Napper a ajudá-lo a roubar um cachorro. Eu estava voltando da missa naquela madrugada quando ouvi a comoção no bosque e fui correndo buscar meu arco. Só então fiquei sabendo do que Thomas havia feito - e Jerome torceu a boca com repugnância.

– Mas por quê? - perguntei, me virando para Thomas, enquanto tentava rever todas as conclusões às quais julgava ter chegado. - O que o fez matar um homem daquela maneira, quando você nem podia ter certeza do resultado?

– *Mártires* - cuspiu Thomas, como se a própria palavra o enojasse - Isso tinha virado a obsessão deles. Todos queriam ser mártires por sua religião, ou assim diziam, pelo menos. Era a glória suprema - acrescentou. Sua voz foi se elevando num tom maníaco e ele sacudiu furiosamente a cabeça: - Até o meu pai parece estar procurando uma coroa de mártir. Que espécie de religião é essa, Dr. Bruno, que faz os homens se apaixonarem mais pela morte do que pela vida? Onde é que fica o amor? Onde está a bondade humana?

Eu poderia ter assinalado que um homem disposto a soltar um cão de caça faminto sobre o amigo mais íntimo de seu pai talvez não estivesse na melhor posição para falar da bondade humana, mas fiquei em silêncio. Thomas apontou para a garota:

– Ter o amor de uma mulher como Sophia, a perspectiva de uma nova vida no ventre dela...

– Thomas! - exclamou Sophia, avançando um passo, mas Jerome estendeu a mão para detê-la.

– Mas essa... *criatura* - explodiu Thomas, apontando o dedo para Jerome - joga tudo fora, guarda todo o seu desejo para a lâmina do carrasco! - O dedo que ele apontava tremia de paixão reprimida. - Pois então, eles que experimentem o martírio, pensei, para ver se

gostam. O diretor tinha acabado de fazer um sermão sobre a morte de Santo Inácio. Os dentes das feras selvagens. Pareceu um modo tão bom quanto outro qualquer de mandar Roger ao encontro do seu Deus - disse, dando uma risada estranha e aguda que enregelou meu sangue. - Depois da dor que meu pai sofreu por causa dele, era o mínimo que ele merecia.

Essa explosão foi seguida por um silêncio desconcertante, enquanto o eco de suas palavras se extinguia. Sophia, Jerome e eu ficamos olhando para Thomas por um momento, num horror extasiado.

– E, com todos os integrantes do colégio sob observação cada vez mais rigorosa, tive medo de que meu disfarce viesse a correr riscos. E foi essa a sua intenção o tempo todo, não foi, meu amigo? - acrescentou Jerome baixinho, levantando a cabeça para fitar Thomas, que apenas continuou a retribuir seu olhar fixo, sem pestanejar. Observei os dois, ainda sentindo todos os meus nervos tensos como uma corda de arco. Não soube dizer se Thomas era mais perturbador quando pulsava com sua energia maníaca ou quando ficava nessa estranha nova imobilidade, como um felino aguardando o momento de atacar.

– Então, você foi ao quarto de Mercer pegar aqueles papéis antes que Thomas pusesse as mãos neles? - indaguei, voltando-me para Jerome, que fez um movimento curto e impaciente com a cabeça.

– Eu não fazia ideia de que Thomas soubesse deles. Depois que Mercer ameaçou me denunciar, compreendi que eu sempre ficaria vulnerável enquanto não recuperasse aquelas cartas, toda a correspondência de Edmund Allen com Reims sobre a minha missão, além da bula papal *Regnans in Excelsis*. Porém eu mal tivera tempo de revistar o quarto dele quando vi você pela janela, atravessando o pátio em direção à escada da torre. Tive de me esconder no telhado da torre antes de você entrar. Foi então que compreendi a sua verdadeira atividade no colégio - concluiu, com um aceno da cabeça e plantando as mãos nos quadris.

– Eu não tinha nenhuma *atividade* - retruquei, o coração disparado no peito - a não ser o interesse em descobrir como um homem podia ter tido uma morte tão pavorosa... um interesse que nenhum dos colegas dele parecia partilhar. Eu só queria encontrar uma pista sobre quem era a pessoa com quem ele planejara se encontrar e entender por que ele havia carregado uma bolsa cheia.

Jerome baixou os olhos, exibindo uma expressão de culpa pela primeira vez.

– Thomas só me pediu para atrair Mercer para o bosque naquela madrugada. Eu tinha dito ao professor que, dadas as circunstâncias, achava que eu devia retornar à França. Pedi a ele que me encontrasse para me devolver parte do dinheiro que estava guardando para mim, em nome da missão, para que eu pudesse viajar.

– Mas e Coverdale? - perguntei, olhando de Jerome para Thomas. - Ele também descobriu sobre Sophia?

– É melhor você perguntar a Thomas sobre Coverdale - respondeu Jerome, com ar resoluto.

– Aquela víbora - sussurrou Thomas. Após seu longo silêncio, sua voz baixa me causou um sobressalto. - Coverdale fez um requerimento ao diretor para que eu fosse afastado do colégio. Tinha medo de que eu soubesse demais e achou que eu os trairia, por vingança. O diretor, pelo menos, teve alguma compaixão e me deixou ficar, mas foi por culpa de Coverdale que perdi minha bolsa de estudos e tive que depender da caridade *dele* - disse, apontando a cabeça para Jerome. - Bem, James Coverdale aprendeu o que é vingança. Sempre foi um covarde: gritou feito uma garotinha quando lhe mostrei a navalha e se urinou todo.

– Quer dizer que você resolveu também fazer dele um mártir, por desprezar a religião do homem?

Thomas sorriu, me olhando pelo canto do olho como uma criança apanhada numa travessura.

– Quando Jerome me mandou levar o arco e as flechas para o cofre-forte, tive a idéia do São Sebastião. Achei que, se as mortes parecessem ter um padrão, isso os assustaria ainda mais. Perguntei ao Dr. Coverdale se poderia ter uma conversa particular com ele, e ele me disse que daria um jeito de sair mais cedo do debate. Ele estava com medo de que eu tivesse ido lá para barganhar, mas nunca imaginou o que aconteceria em seguida - disse, abraçando a si mesmo com força e balançando de leve o corpo, a boca arreganhada

numa risada silenciosa. - Eu também precisava daquelas cartas. Aquele quarto tinha sido do meu pai, se lembra? Eu sabia que, se conseguisse pôr as cartas nas mãos certas, *ele* estaria acabado - e tornou a apontar para Jerome, com um floreio.

- Mas não entendo. Se você queria denunciar Jerome, por que não foi simplesmente contar ao diretor o que sabia, muito antes disso? - perguntei. - Você poderia ter poupado duas vidas inocentes.

Thomas me lançou um olhar sarcástico:

- E perder a minha? Eu o considerava um homem inteligente, Dr. Bruno. Eu era dependente dele, não percebe? Não podia fazer nada enquanto não tivesse a certeza de conseguir um outro lugar, por algum meio. E talvez você não conheça as leis da nossa terra. Ajudar, acolher ou sustentar um jesuíta é crime passível de punição com a morte. Viver como criado desse aí, aceitar seu dinheiro, manter seu disfarce: o que seria isso, se não ajudá-lo? E, se a lei não me matasse, aquele filho de uma cadela do Jenkes me mataria primeiro, caso eu traísse Gabriel. *Gabriel*, veja só! Ele escolheu até um nome de arcanjo... não é arrogância?

- Um rosto de anjo - murmurei, fazendo eco às palavras de Humphrey Pritchard. - Mas, se uma *outra* pessoa o descobrisse, você não poderia ser acusado. Bastava apontá-los na direção certa, com as suas citações e os seus diagramas... - deixei as palavras pairando no ar. Thomas apenas me olhou, rangendo inconscientemente os dentes. - E o pobre Ned? Ele também traiu seu pai? - indaguei.

- *Ned?* - exclamou Sophia. Ela, que até então estivera ouvindo as confissões de Thomas com uma expressão de horror crescente, de repente estendeu a mão e agarrou o braço de Jerome. - O pequeno Ned Lacy, o ledor da Bíblia? Ele não está morto também, está?

Fiz um aceno sombrio com a cabeça, observando Thomas. Sophia levou as mãos ao rosto.

– Ele me viu com Sophia na biblioteca, quando todos estavam no debate, antes de eu ir ao quarto de Coverdale - contou Thomas, dando de ombros. - Eu estava tentando convencê-la a não fugir com Jerome - acrescentou. Franziu o cenho por um instante e esfregou os olhos. - Depois, vi você dar dinheiro a Ned e fiquei sem saber o que fazer. Se ele não tivesse voltado cedo naquele dia, não teria morrido. A culpa foi dele mesmo.

– E você não pôde resistir a também fazer parecer que ele havia sido martirizado, não foi? - perguntei, sentindo minha repugnância aumentar enquanto observava sua visível frieza. Thomas abriu um sorriso lentamente:

– Foi um jeito de punir o diretor. Você não disse sempre, Sophia, que seu pai gostava mais do livro do Foxe que da própria família? Eu jurei que o faria detestar aquele livro. Por você - acrescentou. - Foi tudo por você. Um dia você verá isso.

– Chega! - gritou Sophia, a voz carregada de emoção. - Chega de falar, vocês todos. Já é quase dia claro e, a esta altura, com certeza devem ter mandado os guardas me procurarem. Temos de ir embora, Jerome. O que passou, passou, e terá sido tudo em vão se não fugirmos enquanto é possível - disse ela e puxou com urgência a manga do padre.

Thomas voltou à vida de repente, como se houvessem acendido uma fogueira embaixo dele.



– Você não vai partir para a morte, Sophia - disse, arfando. Firmou os pés no chão e a fitou com um olhar enfurecido, a mão trêmula ainda apontando para Jerome. - Acha que ele vai levá-la para a França em segurança? Cinco anos de treinamento e a maior parte da herança que recebeu ele deu a essa missão. Você acredita mesmo que ele vai abrir mão de tudo por sua causa? Não, ele anseia pela glória do martírio, como todos os demais. Pretende fazê-la sofrer um acidente no mar.

– Sua mente está confusa, Thomas - começou Jerome, dando um passo na direção dele, com a mão estendida num gesto apaziguador. O rapaz se afastou num salto.

– Mas não vou deixar que isso aconteça! - gritou, num tom agudo e abafado. - E se você não escutar o meu aviso...

Não terminou de verbalizar a ameaça. Em vez disso, tirou a navalha de baixo da capa e, no mesmo movimento, se atirou sobre Jerome. Saquei da cinta a faca de Humphrey, mas o jesuíta fora muito bem treinado. Antes que eu conseguisse me mexer, ele empurrou Sophia para trás de si e desferiu um pontapé no braço estendido de Thomas. O rapaz perdeu momentaneamente o equilíbrio, embora não soltasse a navalha, mas seu escorregão deu a Jerome a oportunidade de se abaixar e tirar uma faca da lateral da bota. Os dois se deslocaram cautelosamente em círculos, olhos fixos um no outro, armas desembainhadas, enquanto Sophia abafava um grito e eu fiquei pairando, inútil, à margem desse duelo, pensando em como poderia intervir. Mas não tive chance. Nesse instante, a porta se abriu num rompante e Barton entrou correndo, segurando o atizador no alto. Thomas se virou com um olhar febril e, mais rápido que um raio, golpeou loucamente o braço do criado com a navalha, antes que ele pudesse atacar. Barton soltou um uivo e largou o atizador, segurando o braço ferido, e Thomas, aparentemente enlouquecido, saltou sobre ele e lhe golpeou repetidas vezes o pescoço com a navalha. Eu me atirei sobre Thomas, agarrando-o por trás e puxando seu braço, mas ele era surpreendentemente forte para um rapazinho tão magro e sua fúria

parecia ter lhe conferido uma força sobrenatural. Ele tentou me repelir, não consegui refreá-lo, e os últimos gemidos guturais de Barton foram abafados pelos gritos de Sophia. O sangue do homem jorrou da ferida aberta sobre o piso de tijolos e seu último suspiro se desfez no ar enquanto ele agarrava a capa de Thomas, desabando no chão em seguida. Soltei Thomas e me virei, esperando deparar com Sophia numa crise histérica diante da cena testemunhada, mas vi que, na confusão, Jerome a tinha segurado por trás e agora a prendia com um dos braços, enlaçando-a pelo tronco feito um gancho, e apontava sua faca para a carne macia e branca do pescoço dela:

– Largue a navalha, Thomas - disse, devagar e com clareza, novamente com a voz calma de um diretor de escola se dirigindo a uma sala cheia de meninos travessos. Thomas apenas o encarou, boquiaberto, com o rosto, os braços e as mãos salpicados do sangue de Barton. Depois deu um passo à frente e Jerome agitou a faca mais perto do pescoço de Sophia. Ela sufocou um grito e fechou bem os olhos, balançando a cabeça com movimentos minúsculos.

– Solte-a - ordenei, tentando me equiparar ao tom de serena autoridade do padre.

– Soltá-la? Senão você fará o que, Bruno? - retrucou ele, ainda com a faca inclinada para o pescoço de Sophia e me encarando como se eu fosse uma distração cansativa. - Você trouxe reforços?

– Ninguém sabe que estou aqui - respondi, sem saber se dizia a verdade. Se o mensageiro de Cobbett tivesse conseguido entregar o embrulho de papéis a Sidney, será que ele reuniria alguns homens e iria me procurar no Castelo Hazeley? Quanto tempo levaria para chegar, se viesse? Mas a probabilidade de que Slythurst tivesse deixado algum mensageiro sair do colégio sem ser detido era ínfima.

Como se adivinhasse meu pensamento, Jerome sacudiu a cabeça, impaciente:

– Bem, não faz mal. Eles chegarão tarde demais. De uma vez por todas, larguem as armas no chão, ou sua vinda aqui terá sido inútil -

disse, levantando o cotovelo do braço que segurava a arma, como que para cravá-la. Thomas me deu uma olhada rápida e deixou a navalha cair no chão à sua frente, onde ela chacoalhou no silêncio até parar. Eu me volvei para Sophia, que tinha aberto os olhos e me fitava com uma expressão mesclada de desespero, medo e incredulidade, e também deixei cair minha faca.

Jerome balançou a cabeça.

– Ótimo. Agora, vocês ficarão quietinhos aqui, antes que mais alguém se machuque.

Foi guiando Sophia em direção à porta que levava à escada da torre da direita, com a faca ainda encostada no pescoço dela. Ele a forçou rudemente a avançar e, ao passar pela porta, deu um chute para fechá-la. Quando ela já ia fechando, Thomas soltou um grito de ódio e disparou para lá.

– Você não vai conseguir! - gritou, com a respiração arfante, correndo para alcançá-los. Para minha surpresa, Jerome estava forçando Sophia a subir a escada, em vez de descê-la, e, quando Thomas se aproximou, lhe desferiu um pontapé e o acertou no queixo, fazendo-o cair em cima de mim, com a boca sangrando.

Sem desanimar, o rapaz se levantou e se atirou na escada estreita, procurando agarrar os pés de Jerome, que tentava revidar com chutes. Eu os segui logo atrás, parando apenas para apanhar minha faca no chão. Em algum ponto mais acima, em ecos vindos da espiral de pedra, de repente ouvimos Sophia gritar, como que em meio a uma dor aguda, e bati por baixo no tornozelo de Thomas.

– Ele ainda está com uma faca nas costas dela - sibilei. - Pelo amor de Deus, não faça nada precipitado.

A subida era implacável. Em dado momento, julguei ouvir Sophia exclamar "Eu não posso" e Jerome responder "Confie em mim", mas as vozes foram abafadas pelos ecos. Minhas pernas machucadas começaram a tremer ao subirmos cada vez mais, passando por janelinhas em forma de cruz que ofereciam vistas dos jardins do castelo e da floresta. Jerome continuou a forçar Sophia a subir e nós os seguimos, até que senti uma

lufada de ar frio no rosto e compreendi que ele nos conduzia às próprias ameias da torre. Senti um leve bolo no estômago ao tentar imaginar o que ele teria em mente e se nós quatro sairíamos dali vivos.

Saí por um vão baixo de porta, atrás de Thomas, numa plataforma de uns 3,5 metros de largura, cercada por oito paredes, recortadas por ameias que batiam na altura do peito de um homem. Para além delas pude ver a entrada para carruagens e a trilha de carroças pela qual eu me aproximara do castelo, os bosques que margeavam o caminho, espalhando-se lá embaixo por uma ampla extensão como um dossel verde e, mais adiante, a silhueta das longínquas montanhas azuladas, ainda envoltas nas brumas das primeiras luzes do alvorecer. Ali no alto, mais de 30 metros acima do chão, o vento assoviava em meus ouvidos e cortava o teto da torre. No lado oposto, mais uma vez Jerome segurava Sophia à ponta da faca, o cabelo liso açoitando o próprio rosto. Ele fez sinal para Thomas com os olhos.

- Pois então, venha, Thomas. Você quer salvá-la?

Thomas hesitou por um instante e vi seu corpo enrijecer enquanto ele ganhava coragem, talvez tentando avaliar a rapidez com que conseguiria se mexer, comparado a Jerome. Sophia gemeu baixinho, os olhos vagando desorientados entre Thomas, eu e o homem cujos braços a envolviam nesse momento, não pela primeira vez, mas com intenções muito diferentes. Pelo pavor e confusão de sua expressão, percebi que ela não sabia se Jerome estava agindo a sério ou fazendo uma encenação para levar Thomas a cair numa armadilha. Estendi a mão para conter o estudante, mas, nesse momento, ele se decidiu e tornou a se lançar contra o ex-patrão, curvando-se para jogar todo o peso do corpo contra a cintura de Jerome. Empurrando Sophia para o chão num gesto rude, o padre tentou acertar Thomas com sua faca, mas o rapaz se esquivou para o lado no momento crucial e agarrou o braço que Jerome levantara. Por um momento, os braços erguidos dos dois homens desenharam um arco, travados e tremendo com a intensidade dos esforços, a faca soltando centelhas prateadas ao ser revirada no ar. Então, num movimento súbito, Thomas acertou uma forte joelhada na virilha de Jerome. O padre soltou

um grito e dobrou o corpo, perdendo momentaneamente a tensão no braço. Nessa fração de segundo, Thomas lhe deu uma mordida com força no pulso, fazendo-o largar a faca. Antes que pudesse apanhá-la, entretanto, Jerome o agarrou pelo cabelo, empurrou sua cabeça para trás e lhe desferiu um soco no rosto. Thomas tentou revidar, o sangue escorrendo pelo nariz, mas o padre tornou a lhe acertar um murro forte, dessa vez no queixo, e Thomas cambaleou para trás, perigosamente próximo do parapeito.

Sophia se esquivara para a proteção da parede. Eu me agachei a seu lado e fiz sinal para a escada, mas ela fez que não com a cabeça, os olhos vidrados de medo e ainda cravados na luta de vida ou morte diante de nós. Devagar, para não chamar atenção, estendi a mão até alcançar a faca caída de Jerome, sempre com os olhos voltados para os homens em combate. Thomas, já então muito machucado e sangrando, reuniu um último assomo de energia e estendeu a mão para agarrar Jerome pelo pescoço. O padre, com o rosto crispado de ódio, soltou o cabelo do rapaz e pôs as duas mãos em seu pescoço. Os dois oscilaram nessa dança estranhamente íntima, acertando o passo e fazendo força para avançar, ora um, ora outro, ambos arfando e sufocando entre dentes cerrados, até parecer que os dois exalariam o último suspiro no mesmo instante, tão ferozes e decididos eram seus rostos vermelhos. Então, Jerome, que era mais pesado e mais forte, conseguiu forçar Thomas a recuar alguns passos até uma ameia entre os mourões. O rapaz sentiu a parede nas costas e pareceu apertar com mais força o pescoço do padre, que jogou para a frente todo o peso do corpo, empurrando Thomas até deixá-lo vergado para trás no vão da parede. Por um segundo achei que os dois despencariam juntos para a morte, mas eis que, subitamente, Sophia se ergueu de um salto, tirou a faca de Jerome da minha mão, antes que eu me desse conta do seu ato, e disparou na direção dos dois. Ela cravou a faca, uma só vez, na mão direita de Thomas, ainda firmemente cerrada em torno do pescoço de Jerome.

O rapaz deu um grito e afrouxou involuntariamente a mão. No mesmo instante, Jerome também soltou o pescoço dele e, escorando-se no

parapeito de tijolos, lhe deu um forte empurrão no peito. Com um grito angustiante, o rapaz agitou os braços por um momento, as mãos tentando furiosamente agarrar o vazio, tombou para trás e desapareceu de vista, enquanto seu terrível grito derradeiro ecoava cada vez mais fraco e ele despencava sete andares até o chão. O impacto foi tão surdo que mal o ouvimos do telhado. Tive vontade de me debruçar para ver, mas mantive distância do parapeito, por medo de dar as costas a Jerome. Sophia desabou nos braços dele, soluçando e tremendo violentamente. Com delicadeza, ele retirou a faca da mão da jovem e apoiou o queixo no alto da cabeça dela, respirando com força, em golfadas arfantes. Olhou para mim, com o rosto esvaziado de fúria e exibindo apenas um profundo cansaço. Esfregou o pescoço e o virou de um lado para outro, como que para diminuir a dor.

– Tinha que acontecer, mais cedo ou mais tarde - comentou, em voz rouca e quase inaudível. - Thomas acabaria sendo descoberto e me arrastaria junto com ele para o abismo.

– Nós o matamos - soluçou Sophia, levantando o rosto banhado em lágrimas do ombro de Jerome. - Ai, meu Deus, nós o matamos! Pobre Thomas... houve uma época em que ele foi meu único amigo. Será que algum dia Deus nos perdoará pelo sangue dele? - exclamou, erguendo os olhos para o céu, agora cortado por faixas azuis, enquanto as nuvens mais feias de chuva se afastavam para a linha do horizonte.

– Ele matou dois homens, Sophia - disse o padre, ainda com a voz rouca e esfregando o pescoço. - Queria me matar. Lembre que estamos travando uma guerra santa. Matar os que se opõem ao reino de Deus não é assassinato.

– É isso que ensinam a vocês em Reims? - perguntei, me recuperando e andando na direção da escada. Agora que Jerome voltara a pegar sua faca, percebi quão vulnerável eu estava. Eu não queria ter o mesmo destino que Thomas, mas estava claro que não

poderia contar com Sophia para agir contra Jerome, e não vislumbrei nenhuma probabilidade de ele me deixar sair livre dali.

– E quanto a Sophia? - acrescentei. - Seria assassinato mandar matá-la antes de ela chegar à França? Será que ela está atrapalhando o reino de Deus?

Jerome deu uma risada repentina, estremeando quando o esforço machucou sua garganta sensível.

– O senhor mesmo viu como a mente daquele rapaz estava perturbada, Dr. Bruno. Depois de sujar as mãos num homicídio, ele passou a acreditar que o restante do mundo também era movido por intenções assassinas. Ficou delirando até o fim.

O padre deu um passo em direção a mim, mas, antes que eu conseguisse chegar à escada, dei de cara com um corpo. Ao me virar, vi que a abertura da porta estava bloqueada por dois criados corpulentos, vestindo o uniforme da família. Um deles, um homem grande, um bom palmo mais alto que eu, agarrou meu braço e o torceu nas minhas costas, provocando ferroadas de dor lancinante em meu ombro. Dessa vez, não ofereci resistência. Vi que não poderia fugir dessa situação lutando. A menos que o jesuíta se dispusesse a demonstrar clemência, eu parecia ter pouquíssima esperança.

## Capítulo 20

VOU LHE PERGUNTAR DE NOVO, Bruno: quem mais sabe que você está aqui? Jerome andava em círculos à minha volta, com um olhar de paciência infinita.

- Ninguém - respondi, com os dentes cerrados.
- Onde estão os papéis que você tirou do meu quarto, os que Thomas deixou para você encontrar?

Balancei a cabeça.

- Eu os escondi no meu quarto. Ninguém mais sabe que estão lá.

O padre fez uma expressão carrancuda.

- Ele está mentindo - disse, depois de uma pausa, dirigindo-se aos criados. - Escutem, não temos muito tempo. Você - fez sinal para o segundo homem -, vá avisar Lady Eleanor que espere uma visita dos rastreadores em breve, e peça que ela mande um cavaleiro veloz a Rowland Jenkes, na rua Catte, em Oxford. Traga-o aqui o mais depressa possível. Preciso me assegurar de que Sophia partirá em segurança. O pai já deve ter colocado seus homens atrás dela neste momento. Em seguida, preciso retornar a Oxford. Esse homem - e me apontou com a cabeça - deve ser mantido vivo até Jenkes chegar. Ele está viajando com a comitiva real, e não deve haver nada na sua morte que possa ser relacionado a nós, nenhum de nós. Deve parecer um assalto praticado por salteadores de estrada, ou algo assim. Mas primeiro Jenkes precisa falar com ele. Ele ficará contente por reencontrá-lo, não é, Dr. Bruno?

- Sophia, ele pretende matá-la! - explodi, quando Jerome fez sinal para que os criados me levassem à força escada abaixo. - Você pode até acreditar que ele se importa - gritei, em desespero -, mas você escutou com seus próprios ouvidos: ele acredita ter a autorização do



próprio Deus para eliminar qualquer um que atrapalhe seus planos! Não vá com ele, você jamais verá a França. Volte para sua família. Eles compreenderão, tenho certeza!

O criado deu outro puxão no meu braço, como advertência, e foi me arrastando de volta na direção da escada.

– Não posso, Bruno! - disse Sophia, com a voz hesitante, enquanto o criado me empurrava pela porta da escada. - Agora, nunca mais poderei voltar. Afora a criança, eu me converti a Roma. Acabaria sendo torturada em alguma prisão imunda, para delatar meus amigos. O bebê provavelmente morreria e, se isso acontecesse, eu iria querer morrer.

– Isso não vai acontecer - gritei para o alto da escada, minha voz ecoando mais acima, enquanto o criado me empurrava pela nuca. - Eu a ajudaria, tenho amigos...

– Você, Bruno? - perguntou a voz zombeteira de Jerome pela escada. - Ah, sim, você tem amigos influentes, não duvido. Mas eles não estão aqui e você não conseguirá falar com eles, não importa o que já tenha dito.

Quando chegamos ao andar em que a escada se abria para o enorme salão do portão fortificado, o homem que me segurava me arrastou para fora e esperou o padre aparecer. Sophia vinha atrás, com o vestido amarfanhado e o rosto pálido e cheio de manchas. O breve olhar que me lançou era tenso de aflição.

– Ele tem que ser amarrado - disse Jerome num tom seco. Apontou a faca para mim e acrescentou: - Vá buscar corda e um pedaço de pano para amordaçá-lo. Pode deixá-lo aqui comigo. Se ele tentar fugir, não irá muito longe.

O criado resmungou e soltou meu braço, embora eu mal conseguisse desdobrá-lo, por causa da dor. Quando o homem desapareceu pela porta, Jerome se aproximou, segurando a faca.

- Venha, Bruno, quero lhe mostrar uma coisa - disse, quase sorrindo.
- Por favor, não torne a situação ainda mais difícil, tentando fugir agora. Eu teria de machucá-lo e não quero fazer isso.

Fez sinal para que eu me aproximasse da porta do outro lado, na torre leste, onde ele e Sophia tinham estado escondidos ao chegarmos.

Em vez de escada, essa porta levava a um aposento iluminado por janelas altas em cada uma das seis paredes externas. Além da porta que conduzia ao imenso salão, havia mais uma na outra parede interna, ainda mais estreita, que dava para um pequeno cômodo de pé-direito baixo, embutido no ponto em que a torre se ligava à ala direita do castelo. Imaginei que, em alguma época, aquilo deve ter sido um guarda-roupa ou um lavatório. Agora estava inteiramente vazio, com suas paredes de tijolos antigos iluminadas por duas velas em castiçais pendurados e o piso de azulejos. Na parede do fundo desse cômodo minúsculo havia um nicho, da altura aproximada de uma porta e de um tamanho que sugeria ter abrigado um pequeno altar, em outros tempos. Apoiando-se na parede interna do nicho, Jerome pisou com força o azulejo mais interno do piso, depois deu um passo atrás, enquanto um alçapão escondido sob os azulejos se elevou sem fazer barulho, com o peso perfeitamente apoiado num eixo de madeira. A tampa era feita de dois sólidos blocos de carvalho, pregados um no outro, talvez com pouco mais de 30 centímetros de espessura. Quando estava no lugar, sua cobertura de azulejos a tornava invisível e, batendo na superfície, nenhum rastreador ouviria qualquer som vindo de dentro.

- Bem-vindo ao meu lar longe de casa - disse Jerome, apontando com a faca.

- Pouquíssimos criados sabem da existência deste esconderijo. Ele foi escavado na própria estrutura do castelo e foi feito para não ser detectável por nenhum dos lados. Você verá que é surpreendentemente confortável.

- Obra de mestre Owen? - indaguei.

Jerome me olhou de soslaio:

- Muito bem. Vejo que você aprendeu muitas coisas, Bruno. A pergunta é: quanto terá passado adiante?
- Não entendo o que você quer dizer - retruquei.

Impaciente, Jerome deu um breve estalo com a língua, mas, antes que pudesse falar, ouvimos o eco de passos apressados na escada e o criado corpulento reapareceu com um pedaço de corda. Meu estômago deu um nó.

- Amarre as mãos dele para a frente - ordenou Jerome, encostando a faca em meu rosto. - Aperte firme. Este aqui é capaz de escapular por um buraco de camundongo. Tudo correrá melhor para você se não resistir, Bruno.

Não demonstrei resistência. Depois dos acontecimentos daquela noite, já não me restavam forças para resistir. Meu ombro esquerdo estava tão dilacerado pelos golpes anteriores do sujeito que mal parecia fazer parte de mim. Estiquei os braços e, quando meus pulsos foram amarrados pela segunda vez, a posição me pareceu quase familiar.

- Ande logo, me entregue a corda e saia. Vá ajudar a família a ocultar qualquer sinal da nossa presença e a se preparar para os caçadores de padres - disse Jerome ao criado, gesticulando para apressá-lo. - Eu cuido disso aqui. Sophia, vá falar com Lady Eleanor. Diga a ela que precisamos que nossos cavalos sejam aprontados. Vou com você até Abingdon. Tenho contatos lá que poderão acompanhá-la até o barco. Você - disse, virando-se para mim e me cutucando com força entre as omoplatas para a abertura no nicho vá ali para dentro.

Sophia hesitou, como se não quisesse me deixar à mercê dele:

- Jerome, não o machuque. Ele foi bondoso comigo.
- Tenho certeza disso - retrucou o padre, o rosto impassível.

Eu me sentei torto na borda da abertura no piso, sem conseguir me equilibrar por não poder usar as mãos, e fitei pela última vez o rosto de Sophia, branco feito um lençol, antes de tatear da melhor maneira que pude, com as mãos atadas, para me segurar nas ranhuras entalhadas no

lintel acima do porão. Desajeitado, deslizei o corpo para baixo do piso. Jerome me deu um empurrão que me fez cair pesadamente sobre o ombro machucado no piso de tijolos da câmara abaixo. Ele tirou uma das velas da parede e contorceu o corpo para entrar atrás de mim, ágil como um gato, protegendo a chama com a mão direita. Trazia uma corda enrolada no ombro e um pedaço de pano.

À luz trêmula da chama da vela, vi que tínhamos descido numa cavidade surpreendentemente espaçosa, que parecia embutida no ângulo em que a parede da ala leste do castelo se juntava com a torre oriental do portão fortificado. Tinha altura suficiente para um homem de pé, um banco de madeira instalado num canto no extremo oposto e, embaixo dele, um pequeno baú de carvalho envolto em tiras de ferro. Com certa dificuldade, apoiei as costas na parede e fiz força para ficar de pé. Jerome pôs a vela no chão e apontou para o banco. Manquei até lá para me sentar, dando graças pelo breve repouso, mas já sentindo minha angústia aumentar por ficar encerrado num espaço tão minúsculo. Minha respiração foi ficando mais acelerada e mais curta, e tive certeza de que, se o padre fechasse o alçapão e me deixasse ali sozinho, eu esqueceria por completo como respirar normalmente. Ele me fitou com uma expressão que torci para ser de piedade enquanto corria a corda entre as mãos, como que para decidir a forma de proceder.

- Você não gosta daqui - observou, notando minhas narinas se dilatarem e se contraírem enquanto eu tentava manter a calma. - Também não gosto de ser encerrado aqui, mas tive que dominar isso. Uma vez, quando houve uma busca na casa, passei quatro horas aqui - contou e estremeceu ao se lembrar.
- Imagino que, quando a alternativa é ser estripado, a pessoa aprenda a suportar.

Jerome confirmou a veracidade do que eu dizia com um sorriso amarelo, depois se agachou à minha frente, me encarando com ar sério.

- O que você fez com as cartas, Bruno? Preciso saber. Com quem mais falou sobre elas?
- Eu já lhe disse: as cartas estão no meu quarto. Quanto a você, só descobri a sua identidade ontem à noite, e não estive com ninguém desde então.
- E eu digo que você está mentindo - rebateu ele, se levantando, impaciente.
- Bem, não faz mal. Jenkes arrancará a verdade de você. Ele é tão competente quanto alguns homens da rainha nessa arte macabra da tortura. Você sabia que ele foi mercenário, na juventude? Não há muita coisa que ele não saiba sobre dor... sobre infligi-la e suportá-la - completou, com um olhar significativo para mim, e virou para o outro lado. - Algumas pessoas tiveram de morrer para que meu segredo ficasse protegido, Bruno. Se você pôs mais alguém no meu encalço, meus amigos e eu precisamos ao menos saber onde ficar de olho.
- Três homens foram mortos embaixo do meu nariz em Oxford - retruquei.
- Meu único interesse era descobrir o que havia acontecido. Não vim para cá à procura de padres vivendo na clandestinidade.
- Não? - disse ele, me lançando um olhar demorado. A vela iluminou por baixo as maçãs altas do seu rosto, tornando-o parecido com uma máscara entalhada, cujos contornos se alteravam à luz dançante da chama. - A Igreja Católica ameaçou a sua vida. Você não quer se vingar? Não terá vendido o seu ódio à causa protestante, para trabalhar contra a Igreja que o perseguiu?
- Não - respondi, simplesmente. - Não odeio ninguém. Só quero que me deixem em paz para compreender os mistérios do Universo à minha maneira.
- Deus já nos exibiu os mistérios do Universo, ou tantos quantos permite que o homem compreenda. Você acha que seu jeito é melhor?
- Melhor do que essas guerras de dogmas que têm levado as pessoas

a incendiar e retalhar umas às outras por toda a Europa, durante 50 anos? Sim, acho.

– Então, no que é que você acredita?

Olhei para ele.

– Acredito que, no fim, até os demônios serão perdoados.

– Ah. *Tolerância* - disse Jerome, pronunciando a palavra como se tivesse acabado de comer algo podre. - Conciliação. Sim, há muita gente nos seminários disposta a defender a mesma ideia, sem compreender que essa tolerância é o mesmo que dizer que não existe certo ou errado, nem verdade ou heresia. Felizmente, a minha ordem se opõe ferrenhamente a todo esse enfraquecimento da religião. Você sabia, Bruno, que quanto mais violenta é a perseguição infligida aos católicos e aos padres na Inglaterra, mais nosso rebanho prospera? A sua tolerância destruiria em 20 dias o que 20 anos de sofrimento só fizeram fortalecer.

– E assim prossegue o sagrado derramamento de sangue. Homens e mulheres se atirando de cabeça nos braços do carrasco. Isso é martírio ou suicídio?

Jerome apenas mostrou um sorriso gentil.

– Sabe como chamamos a Inglaterra na missão? - perguntou, com uma pausa para enfatizar o que queria dizer. - "Antecâmara da morte." Nunca tive a menor dúvida de como isso acabará para mim, mas primeiro há uma lavoura de almas a ser colhida. Talvez a sua entre elas, Bruno.

Ele meteu a mão na camisa e tirou uma corrente de prata com uma chave pequena, se ajoelhou a meus pés e estendeu as mãos por baixo do banco, a fim de puxar o baú de madeira. Abrindo o cadeado, retirou dois pequenos frascos com os santos óleos e se acorou, apoiado nos calcanhares, olhando atentamente para mim.

– Preciso deixar uma coisa clara - disse, levantando um dos frascos para que eu pudesse vê-lo. - Você vai morrer. Independentemente do

que tenha ou não dito, tudo o que você viu nesta última noite o transforma num perigo para a obra do Senhor aqui. Mas eu não o deixaria sem consolo nos seus momentos finais, Bruno - acrescentou e me estendeu a mão. - Confesse, arrependa-se da sua heresia, reconcilie-se com a Igreja na sua hora final, e eu, como jesuíta, poderei lhe dar o sacramento da absolvição.

Percebi a sinceridade em seu rosto e, a despeito de mim mesmo, ri.

– Você, padre Jerome, você me absolveria? Você, que gera um filho e se dispõe a matar a mãe dele e mais dois homens, para proteger a santidade da sua reputação, você tem a pretensão de absolver *a mim*? Minha heresia consistiu em ler meia dúzia de livros de astronomia e filosofia. Se você tiver razão, e se Deus pesar nossos pecados na balança no dia do Juízo Final, de quem você acha que serão os pecados com um peso maior?

Jerome baixou os olhos por um momento antes de tornar a enfrentar os meus com uma expressão de desafio:

– Quando Lúcifer tentou Cristo no deserto, porventura O tentou com mulheres, com os pecados da carne? Não. Tentou-O com o pecado do orgulho. Desafiou Cristo a provar que era igual a Deus. Eu pequei, mas os meus foram pecados da carne, que a carne expia com duras penitências. Já *você*, na arrogância do seu intelecto, tem a pretensão de refazer a estrutura do Universo, de arrancar a Terra do centro da criação divina, onde a Palavra de Deus e todos os ensinamentos dos Santos Padres a colocaram! É você o verdadeiro herdeiro dos anjos rebelados, Bruno.

– Prefiro essa linhagem à de Caim - retruquei. - Mesmo que eu quisesse me reconciliar com a Igreja, não receberia minha absolvição de um homem como você.

– Como quiser - disse ele, dando de ombros e guardando os santos óleos no baú. Depois de trancá-lo, tornou a pôr a chave dentro da camisa e se levantou para me olhar, com as mãos nos quadris. - É estranho que eu o admire, Bruno. Sinto uma curiosa afinidade por

você. Em outras épocas, eu teria gostado muito da oportunidade de travarmos um debate. Minha formação é voltada, acima de tudo, para a discussão erudita, e você seria um adversário digno.

Ele deu um sorriso tristonho e continuou:

– Creio que você e eu somos parecidos, embora estejamos em lados diferentes do grande divisor. Apesar de todo o seu discurso sobre a tolerância, você é tão pouco disposto a fazer concessões quanto eu. Assim como eu, suportou agruras terríveis por causa das suas convicções e caminha para a morte com uma atitude de desafio, tal como eu farei, quando chegar o momento. Não posso deixar de respeitá-lo por isso. Gostaria que você tivesse sido um dos nossos.

– Nesse caso, dentro do espírito de afinidade, vou lhe pedir uma coisa, padre, no lugar da minha absolvição - apressei-me a dizer. Ele me olhou com ar intrigado e eu prossegui: - Deixe Sophia voltar para casa. Não leve adiante o que você planejou. Salve ao menos uma vida inocente.

Jerome deu um suspiro, com um imenso tremor que pareceu sacudir todo o seu corpo.

– Você não compreendeu, não é, Bruno? Ela não tem casa. Agora não há nada para ela em Oxford. Sophia será desprezada pela família por ter se convertido à antiga religião e rejeitada pelos católicos como uma mulher decaída.

– Ela é católica e desonrada por *sua* causa - retruquei entre dentes, lutando para ficar de pé, embora houvesse pouco que pudesse fazer além de gesticular com as mãos atadas. - É correto ela morrer, para que você possa se livrar? Os pecados dela são os seus pecados, *padre*.

– Você acha que não sei disso?

De repente, ele segurou meus pulsos e pôs o rosto junto ao meu, e vi pela primeira vez o turbilhão de emoções por baixo da calma profissional.



- Você não parece sentir muito remorso - comentei.
- Remorso? - repetiu Jerome. Ele me olhou fixo e soltou minhas mãos, dando uma estranha risada de desespero. - Ah, eu posso lhe mostrar o remorso, Bruno - disse e começou a desamarrar a sobreveste. Tornei a me sentar no banco, vendo-o abrir a bela camisa de seda e revelar um cilício de pelo de animal, áspero e preto. Ele o desatou no pescoço e o baixou com cuidado pelos ombros, encolhendo-se, sem emitir um único som.
- Aqui está o meu remorso - disse e virou de costas para mim.

Olhei por um momento para suas costas largas e nuas, para a massa confusa de carne dilacerada e ensanguentada. Alguns ferimentos ainda estavam em carne viva e deles brotava líquido, nos pontos em que os ganchos de metal do chicote haviam arrancado grandes nacos de pele, enquanto outros iam cicatrizando sobre feridas mais antigas. Em minhas viagens pela Itália, eu vira penitentes muitas vezes, porém tornei a me assombrar com a ideia de que um ser vivo pudesse infligir tamanha crueldade contra o próprio corpo em nome da expiação dos pecados. Respirei fundo e desviei os olhos, mas ele fez meia-volta para me encarar mais uma vez. Algo se rompera em Jerome, cujos olhos brilhavam de fúria e de lágrimas.

- Basta isso de remorso para você? Acha que não a amei? Você sabe quão dilacerada ficou minha alma por eu ter de escolher entre os votos que fiz e o que senti por ela?
- Se você a ama, não a sacrifique - disse eu, baixinho.
- Pelo amor de Deus, Bruno, não vou sacrificá-la! - exclamou o padre, passando as mãos pelo cabelo. - Ela estará a salvo na França.
- Acho que você está mentindo.

Jerome respirou fundo, controlando as emoções turbulentas, depois fixou em mim um olhar severo.

- Nesse caso, estamos quites.

Tornou a vestir o cilício, trincando os dentes com força ao senti-lo em contato com a pele destroçada, depois abotoou a camisa e encolheu os ombros para vestir a sobrecasaca, sempre me observando. Por fim, se curvou para apanhar no chão o pedaço de corda com o qual amarrou meus tornozelos, não de forma dolorosa, mas com firmeza.

– Adeus, Bruno - disse, levantando-se e me olhando com ar tristonho, antes de apagar das faces com um gesto brusco qualquer vestígio das lágrimas. - Lamento sinceramente que termine assim. Rezo para que Deus entre em sua alma nestes momentos finais.

Pegou o pedaço de pano que trouxera e se aproximou para amarrá-lo sobre a minha boca.

– O alçapão não abre por dentro - avisou. - E as paredes são tão grossas que ninguém o ouvirá gritar, mas, pelo sim, pelo não...

– Jerome, espere - pedi, erguendo as mãos quando ele levantou o pano.

– Sim? - disse ele, de olhos arregalados, numa ânsia quase comovente, talvez na esperança de que eu tivesse mudado de ideia sobre mostrar meu arrependimento.

– Deixe a vela comigo - murmurei, ouvindo o tremor na minha voz.

Ele acenou com a cabeça uma vez, prendeu bem o pano em minha boca, virou as costas e voltou para a abertura que levava ao pequeno guarda-roupa. Vi suas belas botas de couro desaparecerem no quadrado de luz do dia, antes que a tampa se encaixasse no lugar com pouco mais de um clique, e fui deixado a sós, emparedado no muro do castelo, sem poder me mexer nem falar, com a sensação de ter sido enterrado vivo.

A última lembrança que tenho é de haver pensado que seria um alívio ver qualquer pessoa, até mesmo Jenkes, enquanto lutava contra a sensação de que meu peito estava inchando a ponto de explodir - com a respiração presa sob a caixa torácica assim como eu próprio estava preso naquele esconderijo de padres. A pouca visão que a vela me oferecia foi se embotando e oscilando, ao mesmo tempo que perdi toda a sensação nas mãos e nos pés, e um aturdimento estranho e bem-vindo, quase como

se eu estivesse embaixo d'água, me transportou pela luz bruxuleante para a escuridão.

## Capítulo 21

RECOBREI ABRUPTAMENTE OS SENTIDOS ao bater de lado com força no piso de tijolos. Fazia muito tempo que a vela se apagara, mas um vago quadrado de luz entrava pelo alçapão aberto. Pisquei os olhos com força, mas só consegui discernir sombras contra a escuridão. Um par de braços fortes me levantou de qualquer jeito até a abertura, onde outras mãos me seguraram pelas axilas e me suspenderam para o guarda-roupa. Zonzo e semiconsciente, apertei os olhos e tentei abri-los, esperando dar com o olhar triunfante de Rowland Jenkes, mas o homem que me puxara do esconderijo usava uma espécie de uniforme militar que não reconheci. Ele me empurrou de um jeito rude pela escada até o vasto salão, agora vivamente iluminado pelo sol a pino. Tropecei e caí de joelhos aos pés de um homem baixo, louro, com cara de raposa, barba pontuda, bem aparada, e bigode largo, que usava uma sobreveste verde. Ele coçou a barba, me olhou com satisfação por um instante e balançou a cabeça. Em seguida desembainhou a adaga e a encostou no meu rosto. Tentei afastar a cabeça, gritando em vão na mordaca de pano, mas o soldado enfiou habilmente a ponta da adaga por trás do tecido e o cortou, tirando os pedaços da minha boca.

– E ele, senhor - disse outra voz. Levantei os olhos e vi o guarda que me dera passagem no portão leste de Oxford, ainda vestindo seu uniforme de sentinela.

– Pois bem - disse o sujeito com cara de raposa -, onde está o seu cúmplice?

Olhei para ele sem entender.

– Responda, seu cão papista! - disse ele, me acertando um tremendo pontapé no estômago.

– Não compreendo - comentei ofegante, usando o pouco fôlego que tinha recuperado.

– O que foi que disse? - perguntou o homem com cara de raposa, dando um passo à frente subitamente interessado, se agachando e nivelando o rosto com o meu. - Fale de novo no inglês da rainha, seu merda asqueroso.

– Não tenho nenhum cúmplice - consegui murmurar.

– Que sotaque é esse?

– Sou italiano. Mas eu...

– Era o que eu pensava. Enviado pelos jesuítas de Roma, sem dúvida. Bem, agora nós descobrimos seu esconderijo, padre. Parece que nem todos os criados de Lady Tolling são tão leais quanto ela esperaria. Você sabe quem eu sou?

– Não, mas eu não sou jesuíta... - comecei, porém o homem ergueu a mão e me deu uma sonora bofetada no rosto.

– Silêncio! Você terá bastante tempo para fazer sua defesa depois, quando tiver dito onde podemos encontrar seu amigo. Sou mestre John Newell, o rastreador de Oxfordshire. Diga seu nome e não nos faça perder tempo com um dos seus codinomes. Nós lhe arrancaremos a verdade, mais cedo ou mais tarde.

Apesar de meu rosto estar ardendo, fui inundado por uma onda de alívio. O homem era execrável, mas, naquele momento, eu seria capaz de atirar os braços em volta dele e beijá-lo. Sua presença ali, com homens armados, só podia significar que minha mensagem tinha chegado a Sidney e que ele havia alertado as autoridades - embora, a julgar pelas palavras do rastreador, eles houvessem chegado tarde demais para impedir que Jerome e Sophia se fossem.

– Sou o Dr. Giordano Bruno, de Nola - declarei, tentando erguer o corpo e recuperar a dignidade. - Sou hóspede da Universidade de Oxford, em viagem com a comitiva real.

– Você está mentindo - disse o homem, friamente. - Você é um dos padres de Lady Tolling. Mas onde está o outro? O criado que nós convencemos a falar disse que havia um inglês alto e louro. Onde ele se escondeu?

– Ele foi, fugiu - respondi, na pressa, atropelando as palavras. - Ele está viajando com uma jovem, Sophia Underhill, a caminho do litoral. Os dois vão embarcar num navio para a França e ela será assassinada. Andem depressa, vocês precisam detê-los!

O caça-padres deu uma risada desagradável:

– Não é preciso muito para fazê-lo soltar o verbo, hein, jesuíta? - disse ele, zombando de mim. - Você vai ser brincadeira de criança para os meus homens. É essa a lealdade que os papistas têm uns com os outros, para vocês verem - acrescentou, levantando os olhos, e os homens parados em volta deram risadas bajuladoras.

– Não sou jesuíta - insisti. - Onde está Sidney? Ele lhe dirá quem eu sou... me deixe falar com Sidney.

– Quem é Sidney? - indagou o rastreador.

– Sir Philip Sidney, sobrinho do conde de Leicester - respondi, sentindo minha confiança vacilar. - Não foi ele que o mandou para cá, seguindo instruções minhas? Ele não está com vocês?

– Sir Philip Sidney? - repetiu o rastreador, parecendo achar a ideia imensamente divertida. - Ora, viva! E devemos esperar que Sua Majestade em pessoa chegue a qualquer momento, para intervir por você? Não, meu amigo romanista, não fui chamado por Sir Philip Sidney nem por ninguém tão majestoso, mas por Mestre Walter Slythurst, do Colégio Lincoln, que tinha razão para crer que um papista notório e assassino estava fugindo da cidade de Oxford em direção a Great Hazeley, muito provavelmente em busca de proteção.

– Ah, meu Deus, Slythurst! - resmunguei, afundando o rosto nas mãos ainda atadas. - Ele entendeu tudo errado, o senhor precisa acreditar em mim! Não sou assassino nem papista. Moro com o embaixador francês em Londres, pelo amor de Deus! Eu estava tentando salvar Sophia quando o verdadeiro padre me jogou naquele esconderijo.

– Ele *está* amarrado, senhor - assinalou, meio nervoso, o jovem soldado que me arrastara para fora do esconderijo.

– *Como é?* - rebateu Newell, irritado, se virando para ele.

– Ele estava com os pés e as mãos atados lá dentro, e amordaçado - respondeu o rapaz, já com a voz hesitante. - Só que... por que ele faria uma coisa dessas a si mesmo?

– Eles têm toda sorte de artifícios com que você jamais sonharia -

disse Newell, comprimindo os lábios. E se virou para mim novamente: - Você pode apresentar sua defesa na sessão do Tribunal, quando chegar o momento. Uma temporada na cadeia Castle deve clarear suas idéias. Enquanto isso, pode ir me dizendo o que sabe sobre Sophia Underhill. O pai dela alertou a guarda ontem, dizendo que ela fora sequestrada. Foram os papistas que fizeram isso?

- Eles estão a caminho da costa - arquejei, mas primeiro iam a Abingdon. Cada minuto que vocês perdem aqui dá mais vantagem a ele. O senhor precisa mandar seus homens atrás deles na estrada.

- Não venha me dizer como comandar meus homens, seu patife - berrou no meu rosto. Então fez sinal para o soldado: - Prenda este homem pelo assassinato de dois respeitados docentes e um estudante do Colégio Lincoln, e por suspeita de atirar um rapaz da torre do portão fortificado.

Quando abri a boca para protestar, ele acrescentou:



- E por suspeita de haver entrado neste país com a intenção traiçoeira de seduzir os súditos da rainha para a Igreja de Roma, e por se intrometer em assuntos de Estado.
- Não! Eu lhe imploro, mande chamar Sir Philip Sidney no Colégio Christ Church. Ele lhe dirá que sou inocente! - gritei, enquanto o jovem soldado desamarrava meus tornozelos, me segurava pelo cotovelo e me punha de pé.
- Ah, sim, e por furtar um cavalo - acrescentou Newell, com um prazer maldoso. - Encontramos um animal de alta qualidade, usando arreios com as cores da realeza, amarrado na floresta junto à trilha das carroças.
- O cavalo é meu, foi emprestado a mim pela estrebaria real de Windsor.
- É mesmo? - ironizou ele, torcendo os bigodes num divertimento cruel.
- Eu me pergunto se Sua Majestade também lhe terá emprestado sua melhor carruagem. Chega dessa tolice.

Ele se retirou pela enorme câmara acima do portão fortificado. Já na escada da torre oeste, parou e se virou:

- Sir Philip Sidney que vá pagar sua soltura da prisão Castle, se for realmente seu amigo - disse, como se isso pouco lhe importasse, e se dirigiu ao soldado:
- Leve este homem para o pátio. Ele será conduzido de volta a Oxford conosco. Mande que alguns de seus homens fiquem aqui para separar os criados entre os que estão e os que não estão dispostos a falar.

O soldado assentiu com a cabeça e me empurrou para a escada em espiral. Enquanto eu me esforçava para manter o equilíbrio na escada estreita, dessa vez descendo para o pátio, tentei observar minha situação pelo lado mais otimista. Ela parecia sombria, mas, com certeza, Sidney ou o diretor Underhill poderiam ser chamados para afiançar minha

honradez. Então me lembrei do embrulho com as cartas e da advertência de Bernard, quando cheguei a Oxford, sobre nenhum homem ser o que parecia. Eu havia confiado em Cobbett, mas e se ele fosse mais um simpatizante dos católicos? Se o porteiro tivesse destruído o maço de cartas trocadas entre Edmund Allen e Jerome Gilbert, não haveria provas concretas para condenar o padre, apenas minha palavra contra a dele. Aos olhos de muitos, minha nacionalidade e antiga religião bastariam para me condenar, como me haviam lembrado várias vezes desde minha chegada a Oxford. E porventura Underhill não acharia conveniente deixar que eu arcasse com a culpa, em vez de reconhecer a presença de um jesuíta bem embaixo do seu nariz, durante mais de um ano? Àquela altura, Sidney era minha única esperança, mas, se não tivesse recebido meu recado, não faria ideia de onde me encontrar, o que provavelmente só aconteceria muito depois de eu ser atirado numa cadeia fétida. Olhando pelo lado positivo, disse eu a mim mesmo, enquanto era empurrado feito uma trouxa pelo arco do portão fortificado para a luminosidade ofuscante do pátio, se Jenkes houvesse chegado a mim antes do rastreador, com certeza, a essa hora, eu estaria caído numa vala à beira da estrada, com a garganta cortada, de modo que ainda havia esperança.

O sol estava alto, eventualmente coberto por nuvens desgarradas. No pátio, pequenos grupos de criados se juntavam, nervosos, murmurando entre si e observando os acontecimentos, cada grupo vigiado por dois ou mais homens armados. Corri os olhos em volta, reconhecendo o homem corpulento que me fizera descer da torre, mas ele desviou o rosto depressa e eu me perguntei se teria sido ele que apontara o esconderijo ao rastreador, para começo de conversa. Se algum dos criados sabia que o caçador de padres estava com o homem errado, não se dispunha a falar. Era presumível que todos fossem leais a padre Jerome e ficassem satisfeitos por me ver preso no lugar dele.

Fui colocado diante de uma pedra de montar e me ajudaram a subir num cavalo pardo, ainda com as mãos atadas à frente do corpo. A falta de sono e alimento e os vários ferimentos sofridos durante a noite começavam a

me afetar duramente. Minha cabeça parecia carregada de chumbo e eu mal conseguia manter o corpo ereto. John Newell notou como eu me inclinava para a frente e me golpeou com o cabo da espada na barriga.

– Devo mandar fazer uma placa para pendurar no seu pescoço, seu filho de uma cadela italiana? - perguntou, estreitando os olhos para mim à luz do sol. - Com os dizeres "Jesuíta Sedicioso", como a usada por Edmund Campion no cortejo na sua volta a Londres? Trate de fazê-lo sentar direito! - exclamou para o soldado que segurava as rédeas do cavalo. - Senão ele vai cair antes de alcançarmos o fim da alameda das carruagens e jamais o faremos chegar a Oxford.

– Pode ser que ele precise beber alguma coisa para ficar acordado, senhor. Ele está parecendo meio sedento - arriscou-se a dizer o soldado, para quem acenei com a cabeça, agradecido. Estava claro que o rapaz tinha mais compaixão do que a maioria.

– *Beber alguma coisa?* - repetiu Newell, olhando para o homem como se ele tivesse acabado de sugerir que me oferecessem músicos e cortesãs. - Entendo... Será que devo mandar trazer o que houver de melhor nas adegas de Hazeley para nosso querido convidado? E o que mais? Devemos mandar assar um ganso para ele? Cuide das suas tarefas, soldado, e não venha me dizer o que fazer.

O soldado baixou os olhos, humilhado, atrevendo-se a me lançar um rápido olhar de desculpas. Movi os lábios ressecados num "obrigado" mudo, dirigido a ele, quando Newell virou de costas para montar seu cavalo. O rastreador tinha acabado de fazer o animal dar meia-volta, para conduzir o cortejo que aparentemente me levaria em desfile triunfal de volta a Oxford, quando o silêncio foi rompido por um tropel frenético de cascos. Ao erguer os olhos, vi ao longe, no alto da alameda das carruagens, dois cavaleiros que conduziam um grupo de uns 30 homens armados, com uniformes diferentes daqueles já reunidos no pátio. Confesso ter ficado atônito com o fato de eles julgarem precisar de tantos reforços para dominar dois padres, mas então vi o rastreador do condado

se virar para o comandante do seu grupo de homens com ar de consternação. Ficou claro que ele não esperava por isso.

Só quando o cavaleiro principal fez sua montaria galopar até Newell, puxando as rédeas de um modo que fez o animal relinchar e espalhar as pedras, foi que compreendi plenamente o que estava acontecendo, e meu coração deu um salto.

– O que foi, em nome de Cristo, que você fez com meu amigo, seu ignorante? - gritou Sidney, pulando do cavalo e correndo até mim com a espada desembainhada. - Juro por Deus que vou açoitar com minhas próprias mãos o homem que fez isso! Desamarre-o, soldado - berrou para o homem que segurava meu cavalo e que, no mesmo instante, tratou de obedecer. Achei que Newell fosse se opor, mas, ao olhá-lo de relance, vi que ele fitava o outro cavaleiro, o companheiro de Sidney, com uma mescla de ressentimento e respeito.

– Senhor xerife - resmungou Newell, tirando o chapéu -, capturei um jesuíta perigoso, proveniente da Itália, determinado a disseminar o cancro do papismo e a corromper os leais súditos de Sua Majestade.

– Receio que não tenha feito isso, Sr. Newell - contrapôs calmamente o homem que era a autoridade suprema do condado. Usava um chapéu largo com uma pluma e sua barba começava a ficar grisalha. Na sobreveste carmesim se destacava um brasão bordado. Ele tinha olhos bondosos e um porte que impunha respeito. - Esse homem é um filósofo renomado e amigo de Sir Philip Sidney. O senhor deixou o verdadeiro padre escapar.

– Senhor xerife... - disse Newell com a voz esganiçada, mas o outro fez um aceno com a mão.

– Não importa. Meus homens já foram atrás dele, graças a Sir Philip e ao nosso amigo italiano aqui. O verdadeiro padre não irá longe.

Sidney estendeu os braços e me ajudou a descer do cavalo. Esfreguei os pulsos um no outro, quase sem conseguir mexer as mãos. Ele pôs um de

meus braços sobre seu ombro e me levou até seu companheiro, sustentando meu peso com o braço em minha cintura.

– Sir Henry Livesey, xerife de Oxfordshire - anunciou, com um gesto para o homem a cavalo permita-me apresentar o Dr. Giordano Bruno, de Nola... infelizmente, não em suas melhores condições.

Tentei fazer uma reverência, ainda pendurado no pescoço de Sidney, e o homem montado sorriu.

– Eu... eu tinha motivos para crer que Lady Tolling estava abrigando um padre jesuíta - gaguejou Newell, às pressas, com um olhar ansioso para seus superiores. - Eu o encontrei num buraco de padres... e ele é italiano - acrescentou, com ar defensivo.

– O Santo Ofício odeia este homem quase tanto quanto odeia Sua Majestade

– informou Sidney, com um olhar fulminante para Newell. - Não é verdade, Bruno? - e me deu um tapa afetuoso no ombro machucado, o que me fez gritar de dor. - Desculpe! - disse ele, esfregando o local com o mesmo vigor, mas de um modo que supus ter a intenção de me consolar. - Por Cristo ressuscitado, Bruno, você está um caco! Precisamos mandar alguém examinar isso - concluiu, me conduzindo a seu cavalo, me suspendendo na sela e subindo ele mesmo à minha frente, para segurar as rédeas.

– Deixarei meus homens aqui para ajudá-lo, Newell - ordenou o xerife, descendo de sua montaria e fazendo sinal para que o comandante de sua tropa se aproximasse. - Quero que todos os criados sejam interrogados. Eu mesmo falarei com Lady Tolling. Tenha a bondade de me levar até ela. Sir Philip - acrescentou, virando-se para nós com uma breve reverência cinco de meus homens vão acompanhar o senhor e o Dr. Bruno no retorno a Oxford. Lamento muitíssimo - disse ainda, dirigindo-se a mim - que o senhor tenha sido tão maltratado nas mãos do rastreador do condado. Queira aceitar minhas desculpas e esteja certo de que ele será punido.

Newell empalideceu. Mal consegui erguer o corpo e oferecer mais que um aceno de cabeça, em agradecimento à Sir Henry. Sidney virou o cavalo e eu me segurei firme em suas costas, enquanto subíamos a alameda das carruagens, seguidos a uma distância discreta por cinco cavaleiros armados do xerife.

– Você se portou bem, Bruno - comentou Sidney em voz baixa, virando-se para mim. - Arriscou sua vida para identificar e encontrar um assassino e um padre, sem se revelar. O mérito pelas detenções caberá ao xerife, mas Walsingham será informado de que elas se deveram à sua tenacidade.

– Eu tinha perdido a esperança de revê-lo - resmunguei para suas costas, enquanto ele instigava o cavalo a um trote ligeiro e eu sentia uma onda repentina de exaustão me invadir. - Achei que meu recado não tinha chegado até você.

– Um ajudante de cozinha do Lincoln levou seu embrulho uma hora antes do alvorecer - retrucou ele - e parece ter esmurrado o portão do Christ Church como se fossem os portões do inferno. Ele disse ao porteiro que era urgente e lutou com unhas e dentes para falar comigo, segundo me informaram, mas o encarregado se recusou a acordar o decano antes do amanhecer, e o decano não permitiu que eu fosse acordado antes do ofício matutino. Aqueles dois idiotas! Foi por isso que demorei. O garoto, justiça seja feita, não se afastou de seu embrulho por um único momento, a não ser para colocá-lo nas minhas mãos, por mais que o decano tentasse persuadi-lo. Assim que vi o que havia dentro, compreendi que você corria sério perigo e fiz o decano acordar o xerife. Não tínhamos ideia de que os homens do rastreador chegariam antes de nós.

– Slythurst os mandou atrás de mim - expliquei, sem conseguir eliminar o ressentimento da voz. - Ele estava decidido a apanhar aquelas cartas.

– Eu diria que ele deve ser um informante inferior tentando provar o seu valor. Walsingham manda espalhá-los por toda a universidade,

embora não costume informar seus homens da existência uns dos outros. Acha que isso os mantém em estado de alerta.

– Onde estão as cartas agora? - perguntei, mantendo a voz baixa.

– Seguindo em segurança para Londres, nas mãos do mensageiro de maior confiança do decano. Lá elas serão decodificadas e usadas como provas no julgamento. Mas, pelo pouco que pude ler, serão suficientes para que Jerome Gilbert seja enforcado como traidor.

Sidney fez uma pausa, tirou o cavalo da trilha das carroças e voltou para a estrada que levava à cidade.

– É provável que o procurador geral use isso em nosso benefício, acrescentando quatro acusações de homicídio. Será um lembrete útil para o povo sobre a desumanidade dos jesuítas.

– Mas foi Thomas Allen quem matou os três homens do Lincoln - protestei. - Ele confessou.

– Bem, ele não pode confessar agora, não é? E essa versão teria muito menos impacto popular do que se a culpa fosse atribuída ao padre católico - disse Sidney. - Jerome Gilbert. Ele é o filho mais novo de uma rica família de Suffolk. Foi o irmão dele, George, quem financiou toda a missão de Edmund Campion. Ele fugiu para a França quando Campion foi executado e Jerome deve ter ido junto - acrescentou Sidney, balançando a cabeça com raiva. - Eles deviam ter sido vigiados mais de perto.

– Você acha que vão capturá-lo?

– O xerife já deu o alarme contra eles em todas as estradas que saem de Oxford. Eles não irão longe.

– E Sophia? - murmurei, ansioso.

– Será detida com ele - disse Sidney, sem a menor preocupação. - O resto dependerá dela. Se professar fidelidade ao padre, é provável que seja levada a interrogatório.

– Torturada? - indaguei, erguendo mais o corpo e me aproximando do ouvido do meu amigo. - Mas ela está esperando um filho.

Senti que ele não se importou, dando de ombros.

– Nesse caso, ela pode alegar a gravidez, se a família quiser comprar sua libertação da cadeia até a criança nascer. Isso lhe dará tempo para decidir se a lealdade a Gilbert sobrevive à execução dele. O padre será levado para Londres, para ser persuadido a contar o que mais souber. Onde você encontrou as cartas, afinal? - perguntou ele, inclinando-se com displicência para mim.

Hesitei, sabendo estar prestes a arriscar minha credibilidade no trabalho que realizava para Walsingham, caso Sophia insistisse em dizer a verdade. Mas a ideia de ela sofrer torturas como as que ele havia detalhado me fez sentir que eu não tinha escolha.

– Foi Sophia que me entregou - respondi, ouvindo o som oco de falsidade na minha voz. Eu me perguntei se Sidney também o teria notado, porque senti seus ombros enrijecerem sob minhas mãos.

– Sophia? É mesmo? Quer dizer que ela traiu o padre, voluntariamente?

– É. Descobriu que ele planejava fazê-la sofrer um acidente na travessia para a França. E pediu minha ajuda.

Por alguns segundos, o único som audível foi o chapinhar dos cascos dos cavalos no chão lamacento, acompanhado pelo tilintar dos cavaleiros armados às nossas costas. Sidney pareceu ponderar. Passado um momento, inclinou a cabeça na minha direção:

– É essa a verdade, Bruno?

– Com certeza.

– Então, com esse ato, ela bem pode ter salvado a própria pele. Mas a situação se mostrará muito constrangedora se a história dela diferir da sua. Isso é algo em que talvez lhe convenha pensar, antes de repeti-la para qualquer outra pessoa.

Sidney deixou a frase no ar, mas o toque de advertência não me passou despercebido.



- O que acontecerá com Lady Tolling? - perguntei, ansioso por mudar de assunto antes que ele pudesse me pressionar mais.
- As propriedades dela serão confiscadas. Ela e os católicos de sua casa serão detidos. Se estiver disposta a dar informações, talvez a vida dela seja poupada.

Pensei na mulher alta e elegante que nos recebera com tanta calma na grandiosa câmara de sua torre fortificada - um aposento que agora não mais pertenceria a seus herdeiros, por minha causa. Entre as seis pessoas que tinham estado presentes naquele cômodo, talvez eu fosse a única a sobreviver, depois de Lady Tolling, Jerome e Sophia serem presos e julgados. Só me restava a esperança de que Sophia tivesse o bom senso, após a prisão de Jerome, de não tentar provar sua devoção seguindo-o no martírio, porque, nesse caso, na tentativa de salvá-la, eu a teria levado a uma morte ainda pior, e Sidney e Walsingham ficariam sabendo que era muito fácil eu ser levado à compaixão, que minha fidelidade tendia a ser comprometida por meu coração.

- E quanto a nós? - perguntei, quando a estrada foi ficando mais firme e Sidney esporeou o cavalo para levá-lo a meio galope, o que me fez escorregar de banda e me agarrar aflitivamente aos ombros dele para recobrar o equilíbrio.

- Voltaremos a Londres pelo rio, depois que você tiver repousado. O palatino está cansado de Oxford, mas eu o convenci a ficar mais um dia, pelo luxo de regressar de barco. Depois que Gilbert for preso, não haverá necessidade de você depor no interrogatório sobre a morte de Roger Mercer, amanhã. É melhor você manter a discrição: quanto menos for publicamente associado às situações da descoberta e detenção de Gilbert, melhor para seu disfarce. Mas fique tranquilo, meu amigo, você será bem recompensado - acrescentou, como se essa devesse ser minha grande preocupação.

Bem recompensado, pensei, avistando as casas dos arredores de Oxford ao longe. Escapara com vida por um triz, mas outros não teriam a mesma sorte. Além disso, antes de chegar a Londres teria que resolver quanto

contaria a Walsingham do que eu sabia. Eu continuava a acreditar que Jerome Gilbert tinha a intenção de eliminar Sophia como um obstáculo à sua missão, apesar de suas negativas violentas e da confiança obstinada que a jovem depositava nele, mas achava difícil crer que ele representasse um perigo para o Estado inglês, assim como não acreditava que Lady Eleanor Tolling, com sua assistência assídua aos padres missionários, fosse uma traidora de seu país. E, embora eu não lamentasse ver Jenkes na cadeia, será que também entregaria Humphrey Pritchard aos torturadores, com sua natureza bonachona e seu raciocínio lento, ou o circunspecto Mestre Richard Godwyn? Walsingham tinha me avisado que esse tipo de escolha fazia parte do trabalho e eu precisava recompensar sua confiança em mim, se quisesse ter alguma esperança de obter a proteção da rainha. Jogar politicamente com a vida alheia era parte do caminho para a promoção social, mas essa, como eu estava começando a compreender, era a verdadeira heresia. Agora, a única recompensa que eu desejava era ver Sophia aproveitar a oportunidade de fuga que minha mentira lhe ofereceria, em vez de considerar o martírio um substituto do amor.

## Capítulo 22

No DIA SEGUINTE, fui acordado pelo barulho da porta do meu quarto se fechando, depois que Sidney, usando uma sobreveste de veludo cor de ameixa, calções curtos e meias de seda brancas, entrou sem bater, atravessou o cômodo com um sorriso largo e abriu as cortinas com um floreio, deixando entrar em plena força o sol primaveril do meio-dia. Após muito insistir, eu o acompanhei na volta ao Colégio Christ Church, onde agora estava alojado num quarto revestido de painéis de carvalho, adjacente ao dele, muito mais luxuoso do que o aposento com que eu me acostumara no Lincoln. Ali eu tinha uma cama macia, cobertores de lã, água fresca para minha higiene pessoal e um jarro de cerveja fraca junto à cama, embora mal tivesse aproveitado a oportunidade de apreciar esse relativo conforto, pois não fizera nada além de dormir desde nossa volta do Castelo Hazeley, na véspera.

– E como você está nesta bela tarde, meu amigo aventureiro? - perguntou Sidney, servindo-se de um copo de cerveja. Notei que agora usava abertamente uma espada ornamental na cinta, apesar da proibição absoluta de armas na universidade. Obviamente, decidira que as circunstâncias justificavam a quebra de protocolo.

Fiz força para me sentar na cama, sentindo uma pontada lancinante no ombro ao apoiar o peso do corpo no braço.

– Já é de tarde? Este ombro ainda dói, mas estou me sentindo descansado, eu acho.

– E deve mesmo, já que dormiu quase um dia inteiro. Você perdeu tudo o que aconteceu.

– O que houve? - indaguei, aflito, de novo sentindo a pontada ao tentar me erguer sobre o braço machucado.

– Jerome e Sophia foram capturados logo depois que o encontramos, ontem, numa casa em Abingdon - disse ele, tirando uma laranja do

bolso e começando a descascá-la com o polegar -, e Jenkes fugiu. Sua loja foi revistada ontem à noite, mas não se encontrou nada incriminador, se é que você consegue acreditar. O aprendiz dele foi levado para interrogatório, mas só diz que o patrão teve de viajar a negócios. Aquela víbora nos escapuliu por entre os dedos desta vez, mas pelo menos não voltará a perturbá-lo em Oxford.

Ele arrancou uma tira enroscada da casca da laranja e a deixou cair na mesinha ao lado da minha cama. O perfume trouxe de volta uma lembrança nítida daquela primeira manhã no quarto de Roger Mercer, da casca embaixo da escrivania e do vago aroma nas páginas do almanaque. Teria sido melhor se eu houvesse deixado aquele livro em paz, se nunca tivesse sentido o cheiro da fruta em sua capa?

– Sophia e Jerome... onde estão? - indaguei.

– O padre Jerome está a caminho de Londres para um interrogatório incômodo - respondeu Sidney, parecendo mais interessado em separar delicadamente um gomo de sua laranja e estendê-lo a mim. Sua indiferença me causou mal-estar. - Sophia - prosseguiu ele, pondo um pedaço da fruta na boca - está sob a supervisão do pai, no momento. Parece que a soltaram sob fiança - disse, me lançando um olhar demorado, com uma das sobrancelhas levantada, no que julguei ser uma cumplicidade reprovadora, antes de lambe deliberadamente os dedos e se virar para a janela. - Enfim, vim lhe dizer que há pouco chegou um mensageiro à guarita do porteiro, enviado pelo diretor Underhill, convidando-o a visitá-lo em sua residência antes de partir de Oxford.

– Irei imediatamente - disse eu, me levantando da cama com cuidado, ansioso por falar com Sophia, nem que fosse para ter certeza de que ela resolvera confirmar minha história sobre as cartas. O fato de ter sido entregue à custódia do pai me levava a crer que ela não havia insistido muito em sua lealdade a Jerome, mas era possível que tivesse simplesmente alegado sua gravidez. Ela com certeza me odiara com todas as suas forças, pensei, ao vê-lo levado

embora pelos rastreadores, algemado. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria uma oportunidade de lhe pedir perdão, de convencê-la de que eu tinha agido para seu próprio bem. Era muito provável que ela não acreditasse em mim, mas eu não queria sair de Oxford sem dizer essas coisas.

– Eu vou com você - declarou Sidney, enquanto eu enfiava os calções e vestia a camisa, com tanta pressa que abotoei errado e tive de recomeçar. - Jenkes pode não estar à solta, mas tem amigos que podem muito bem ter sido instruídos a se certificarem de que você não retorne a Londres para falar. Até irmos embora, amanhã, você não estará desacompanhado nem desarmado.

Parei a meio caminho de calçar uma das botas.

– Mas eu gostaria de conversar com o diretor sozinho.

– Não se preocupe, não vou interferir nas suas amáveis despedidas. Vou ficar jogando conversa fora com o porteiro enquanto espero.

– Cobbett! - exclamei, me lembrando de que, não fosse sua corajosa insubordinação para me ajudar, Sidney nunca teria recebido meu recado e, com certeza, eu estaria morto ou preso, dependendo de qual dos meus perseguidores me alcançasse primeiro. Eu me virei para Sidney, em tom de quem se desculpa: - Receio ter que lhe pedir que me adiante parte da recompensa prometida por Walsingham. Jenkes roubou minha bolsa e eu gostaria de agradecer a Cobbett. Foi ele que mandou o mensageiro e fez você me resgatar, o que de certa forma pode até ter prejudicado ele próprio.

– Bem, nesse caso, veremos o que a adega do colégio pode oferecer a um homem de coração tão valente - disse Sidney com um sorriso, abrindo a porta para mim. - Nunca pensei que diria isto, Bruno, mas desta vez não vou lamentar deixar estas torres para trás.

– Nem eu - concordei sinceramente, recordando, com uma terrível fisgada de melancolia, que um dia sonhara fazer meu nome em Oxford.

Ao chegarmos ao portão fortificado do Lincoln, carregando uma garrafa de vinho espanhol que Sidney havia comprado do adegueiro do Christ Church, não havia sinal do porteiro na pequena cabine sob a arcada. No lugar dele estava um homem de rosto fino e cabelo castanho escorrido, que nos olhou com suspeita, depois baixou os olhos, ao se dar conta da qualidade das roupas de Sidney.

– Onde está Cobbett? - perguntei, em tom mais brusco do que o necessário.

O homem deu de ombros, visivelmente insatisfeito com meu tom:

– Só sei que ele foi suspenso da função. Dizem que vão aposentá-lo. Quem o senhor veio ver?

– O diretor Underhill. Sou o Dr. Bruno. Ele está à minha espera.

Sidney me deu um tapinha no ombro, com gentileza incomum.

– Acho que vou tomar uma bebida na Hospedaria Mitra, na esquina da High Street. Quando tiver terminado, me encontre lá. E nem pense em ir mais longe sem mim - acrescentou, com um olhar de advertência.

O novo porteiro fechou a carranca para mim e fez sinal para que eu entrasse no pátio.

– O senhor o encontrará na residência dele - disse num resmungo, dando uma olhada para a garrafa de vinho.

Firmei a garrafa embaixo do braço e comecei a atravessar o pátio quadrangular. No meio dele me virei para olhar, com um arrepio, para a janela do aposento da torre e a porta do que tinha sido o quarto de Gabriel Norris e Thomas Allen.

Adam, o velho criado do diretor, abriu a porta à minha batida e quase caiu de costas ao me ver, substituindo a habitual carranca mal-humorada por uma expressão de franco pavor, os olhos arregalados. Fechou a porta às suas costas, para que sua voz não fosse ouvida, e saiu para a passagem.

– Eu posso lhe pagar, senhor - sussurrou, agarrando minha sobreveste. - Tenho dinheiro que economizei para a velhice. Não é nenhuma fortuna, mas poderá ser útil para o senhor. Sabe, foi puro azar o senhor me ver naquela noite, porque não vou quase nunca àquele lugar, fui só para agradar a um amigo. Mas, se o senhor tiver que fazer um relatório ou dar uma lista de nomes, eu lhe imploro que leve todo o dinheiro que eu tiver no cofre, para que o meu nome não apareça...

– Fique tranquilo, Adam - murmurei de volta, tirando suas mãos trêmulas da minha roupa e me sentindo estranhamente insultado. - Seu dinheiro não tem nenhuma serventia para mim e ninguém me pediu nomes. Mas, se você quer professar uma religião proibida, ao menos tenha a coragem de ser fiel a ela. Caso contrário, de que adianta?

Ele me deu um sorriso amarelo de gratidão e abriu a porta para mim:

– Meu patrão está lá dentro - murmurou, baixando a cabeça.

O diretor estava parado diante da janela que se abria para o bosque, com as mãos cruzadas nas costas, no amplo salão de recepção em que tínhamos jantado tão amigavelmente na minha primeira noite em Oxford. Corri os olhos pela mesa de jantar vazia, me lembrando de onde Roger Mercer e James Coverdale haviam se sentado naquela noite e recordando a risada grave e gutural do subdiretor. Talvez Underhill também estivesse rememorando, ao contemplar o jardim em que Mercer havia tido uma morte terrível, poucas horas depois. Adam fechou a porta atrás de mim com um clique e se retirou discretamente pela porta para a sala interna. O diretor não se afastou da janela. Ao falar, permaneceu de costas para mim, com a voz monocórdia e afetada:

– Minha filha quer falar com o senhor na sala ao lado, Dr. Bruno.

Esperei, porém ele não falou mais nada, e segui o caminho percorrido por Adam, cruzando a porta para a sala particular do diretor, onde Sophia e eu um dia conversáramos sobre magia, no que parecia ter sido outra época, muito tempo antes.

Agora ela se postava sozinha junto à lareira, com as mãos apoiadas no espaldar alto de uma das cadeiras de madeira. Seu cabelo comprido e preto estava recatadamente preso na nuca, embora algumas mechas encaracoladas tivessem escapado e caíssem em volta do rosto da moça. Ainda não havia nada em seu corpo esguio, num vestido cinza-escuro de corpete liso, que anunciasse seu estado, a não ser, talvez, o busto mais farto. O rosto, no entanto, parecia afinado, mais descarnado e ressequido, e os olhos estavam inchados de cansaço e lágrimas.

– O rastreador nos alcançou numa casa em Abingdon - disse, sem nenhum preâmbulo, e, embora seu rosto parecesse frágil, a voz foi límpida e forte como sempre. - Perguntaram a Jerome quem ele era. Ele respondeu que era um fidalgo e um cristão. Então, arrancaram sua camisa e viram o cilício. - Sophia hesitou por um momento, engoliu em seco, respirou fundo e continuou, sem olhar para mim, novamente com a voz firme: - Eles o prenderam como traidor, o acorrentaram e o levaram. Implorei que me levassem com ele, mas fui trazida de volta a Oxford.

– Eles algemaram você? - perguntei, horrorizado.

– Não. Foram de uma gentileza surpreendente. Mas, por outro lado, não lhes opus resistência. De lá, fui levada à prisão Castle - disse, finalmente levantando a cabeça e me olhando nos olhos, com ar quase desafiador. Depois, balançou a cabeça e pareceu desabar. - Você não pode imaginar o que é aquilo, Bruno, se não tiver visto. Ou cheirado. Ninguém manteria animais naquelas condições. Eles têm uma sala baixa para as pobres mulheres, com uma palha imunda no chão, que fede a urina e fezes, e paredes tão úmidas que nelas crescem fungos, e o frio penetra fundo nos ossos. Acho que vou sentir aquele frio pelo resto da vida.

– Eles a puseram nesse lugar? Mas você não avisou da...? - hesitei e apontei para minha barriga. Ela deu uma risadinha amarga.

– Sim, eu disse a eles, apesar do prejuízo que isso traria à minha honra. Jerome me aconselhou a não falar nada, se fosse presa, exceto



meu nome. Mas achei que desse modo eles poderiam me tratar com mais gentileza. Mas parece que foi tudo feito para me amedrontar. Fui deixada naquele buraco por duas horas, entre as loucas e as miseráveis, que se amontoaram ao meu redor, puxando minha roupa e meu cabelo, mulheres cobertas de piolhos e chagas, e com aquele fedor de carne podre e dejetos humanos à minha volta...

A voz dela finalmente ficou embargada e dei um passo em sua direção, instintivamente, querendo passar o braço por suas costas, mas ela se empertigou no mesmo instante e me fuzilou com os olhos. Então, com um sobressalto de culpa, compreendi que não havia consolo que eu pudesse lhe oferecer: eu era o inimigo.

– E depois, o que aconteceu? - perguntei, tentando disfarçar minha manifestação inoportuna de carinho.

– Meu pai chegou - disse ela, sacudindo o cabelo para trás. - Tinham mandado chamá-lo. Ao que parece, ele fora informado de que eu tinha sido detida na companhia de um jesuíta notório, mas também de que eu entregara em segredo às autoridades alguns documentos condenatórios, o que sugeria minha lealdade às forças da lei de Sua Majestade, afinal. Sendo assim, e dada a delicadeza do meu estado - nesse ponto, ela deu um tapinha na barriga, com um sorriso sarcástico -, ele estava autorizado a pagar a fiança para que eu fosse libertada.

– Então... você não os contradisse?

– Presumi que tivesse sido você quem contara a eles a história das cartas - disse Sophia, baixinho, mas seu tom não transparecia gratidão nem raiva.

– Você me deu uma oportunidade de escapar, mesmo no último minuto. E o xerife me fez uma gentileza, acho, ao insistir que primeiro eu fosse jogada na prisão. Se eu não tivesse visto aquilo, talvez houvesse teimado em insistir na verdade, por amor a Jerome. Mas duas horas naquela fossa... - Ela se interrompeu e estremeceu, levando distraidamente a mão à barriga, num gesto protetor. - Tive

medo, mesmo naquele breve período, de pegar a febre dos presídios... o ar era muito úmido, cheio de venenos. E temi pela criança - acrescentou, falando tão baixo que mal pude discernir as palavras. - Se o pai dela tem que morrer, pelo menos ela deve ter uma chance de viver.

- Fico contente - disse eu, em tom emocionado.

- Tenho certeza disso. Não seria bom seus patrões descobrirem que você mentiu para salvar uma prostituta católica, não é? Você desempenhou muito bem o seu papel, Bruno, nunca suspeitei de você. Mas, por outro lado, você nunca desconfiou de mim, não é? Portanto, talvez não seja tão inteligente quanto acredita.

- Não espero que você me agradeça - murmurei. - Você tem todos os motivos para me odiar. Mas só agi assim por me importar com você. Ele mandaria matá-la, Sophia, na travessia para a França, eu sei disso.

- Você só diz isso porque foi o que o Thomas enfiou na sua cabeça. Jerome nunca me machucaria. Ele me ama.

Um soluço obstruiu sua garganta e ela desviou o rosto para engoli-lo, decidida a não me deixar ver a fraqueza das lágrimas.

- Ele amava mais a sua missão - retruquei. - Bem, é uma sorte as nossas teorias contrárias nunca terem sido postas à prova e você ainda estar viva.

- Sorte? Ah, sim, eu realmente tenho muita sorte - disse ela, a voz tensa de ressentimento. - Serei banida da minha família, o homem que eu amo morrerá em meio a dores atrozes, sem que eu jamais torne a vê-lo, o filho que carrego no ventre será arrancado de mim antes que eu possa ao menos lhe dar um nome e, depois disso, serei interrogada pelas autoridades. Se elas acharem por bem não me encarcerar, serei mandada para morar com minha tia, talvez a tempo de me casar com um lavrador ou um taberneiro analfabeto, se for possível encontrar algum que feche os olhos para meus pecados. E quem é o autor de toda essa sorte? Ora, é você, Bruno.

Por um momento, pude ver a raiva arder em seus lindos olhos cor de âmbar, mas Sophia estava arrasada demais para sustentar esse sentimento e o brilho feroz logo se desfez.

– Talvez, ao segurar seu filho nos braços, nem que seja por um momento, você me odeie menos - disse eu, olhando-a fixo. Ela afastou do rosto uma mecha de cabelo que se soltara e enfrentou meu olhar.

– Não o odeio, Bruno - disse, cansada. - Odeio o mundo. Odeio Deus. Odeio a religião e sua maneira de fazer os homens acreditarem que só eles estão certos.

– Você está parecendo Thomas Allen - comentei, me arrependendo no mesmo instante, pois a frase soou leviana. Para minha surpresa, no entanto, ela deu um leve sorriso.

– E nós vimos aonde isso pode levar. Coitado, pobre Thomas. Não, a vida é curta demais para o ódio.

– Então, a sua religião não sobreviverá ao interrogatório?

Sophia quase soltou uma gargalhada, o rosto momentaneamente iluminado.

– A minha *religião*, como você a chama, nunca foi mais que uma forma de agradar a Jerome. Eu teria cultuado a lua e o sol e sacrificado um galo ao Diabo à meia-noite, se isso o fizesse ter mais amor por mim.

– Eu me lembro bem... você pediu minha orientação sobre isso, certa vez. Mas eu lhe recomendaria que não dissesse isso, ao ser interrogada.

– Não, Bruno - disse ela, balançando a cabeça. - Não tema por mim quanto a isso. Quando vi aquela prisão hoje, eu soube, sem sombra de dúvida, que nunca suportaria passar anos num lugar daqueles por amor ao papa. Por Jerome, sim, mas ele não estaria aqui para recebê-lo, não é? E a criança precisa sobreviver. E tudo o que importa agora.

Sophia se calou e, durante muito tempo, baixou os olhos para suas mãos cruzadas. Não ousei me mexer. Ela acabou enfiando uma das mãos num bolso costurado no vestido e dele tirou um pedaço de papel dobrado. Atravessando a sala em direção a mim, segurou minha mão direita enfaixada e nela pôs o papel, retendo minha mão entre as suas por um instante, enquanto fitava meus olhos atentamente. Apesar de tudo, meu coração deu um pulo ingênuo e fui tomado pelo desejo de envolvê-la em meus braços. A crueldade do destino que ela descrevera tornou a me lembrar Morgana, dolorosamente. Eu havia sentenciado uma jovem inteligente e bela a ser esmagada sob as rodas do decoro, e a injustiça disso me causou um aperto no coração. Eu ainda me agarrava à convicção de que salvara a vida de Sophia, mas viveria eternamente com uma pontinha de dúvida: e se Jerome Gilbert houvesse realmente pretendido mandá-la para um lugar seguro na França? Eu jamais teria plena certeza, nem ela. Essa dúvida nos unia e me trouxe um sentimento opressivo de responsabilidade por ela. Se houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudá-la agora, decidi que não a desapontaria de novo.

– Escreva para mim - cochichou ela, com uma espiada nervosa para a porta, com medo de que o pai a entreouvisse. - Por favor, me conte como ele morreu, o que disse na forca. É só isso que quero. Esse é o endereço da minha tia em Kent. Serei levada para lá amanhã e acho que nunca mais retornarei a Oxford.

– Seu pai certamente não a baniria para sempre, não é?

Sophia balançou a cabeça, comprimindo os lábios.

– Você não conhece meu pai. Se você puder fazer só isso...

Deixou a frase morrer e apertou de leve minha mão. Tentei não estremecer.

– Eu escreverei.

– Obrigada, Bruno - disse ela. Seus grandes olhos vasculharam os meus, como se buscassem alguma coisa. - Ah, se você tivesse vindo a Oxford há dois anos, como tudo poderia ter sido diferente! Talvez

nós... Mas não adianta falar do que poderia ter sido. Agora é tarde demais para mim.

Sophia se inclinou e me beijou de leve no rosto, com tanta suavidade que foi como se eu tivesse imaginado o roçar de seus lábios na minha pele. Apertou minha mão mais uma vez e a soltou.

Quando eu me virava para a porta, com o coração tão pesado que me sentia curvar sob o peso dele, Sophia murmurou: "Me escreva!" Olhei para trás e a vi imitar o gesto de escrever na palma da mão, o rosto esticado na brava tentativa de um sorriso. Fiz que sim com a cabeça e lhe dei as costas pela última vez.

Ao fechar a porta, na saída, encontrei o diretor parado no mesmo lugar, com a silhueta recortada contra a janela, mas ele se virara de frente para a sala e mantinha os braços cruzados e os olhos pequenos e brilhantes fixados em mim.

– Então, Dr. Bruno, tenho que lhe agradecer por livrar o colégio de um assassino brutal e um jesuíta sedicioso - disse ele.

Seu tom continuava estranhamente sem emoção, como se toda a capacidade de sentimento houvesse se esvaído dele. Eu não soube dizer se o homem estava ou não satisfeito, e a ambiguidade de suas palavras me fez refletir.

– O senhor sabia, senhor diretor, que os dois não eram a mesma pessoa?

– Sei que Gabriel Norris, em quem não posso pensar de outra maneira, será acusado dos assassinatos de Roger Mercer, James Coverdale, Ned Lacy e Thomas Allen, e de intenção traiçoeira contra a pessoa de Sua Majestade. Também soube que outras acusações serão feitas contra ele, talvez de menor interesse para o Conselho Real, mas, ainda assim, de considerável significado para minha família.

Então, ele inspirou profundamente, com um tremor imenso, que pareceu capaz de destroçar sua própria alma. Por um breve instante, seus olhos se

cruzaram com os meus e vi neles um fardo de tristeza que compreendi que iria oprimi-lo pelo resto de sua vida. Também compreendi, nesse momento, que Sophia dissera a verdade: havia em Underhill um grau de frieza que lhe permitiria apagá-la de sua vida para sempre, se isso fosse necessário. Em seu olhar vi a tristeza de um homem que havia perdido os dois filhos. Tive vontade de interceder junto a ele, de defender Sophia, mas resolvi calar. Minha interferência nos assuntos do colégio, e sobretudo nos dessa família, talvez já tivesse sido suficiente.

– Creio que não tornaremos a vê-lo em Oxford, Dr. Bruno - disse ele em tom rígido, estendendo a mão para que eu a apertasse enquanto se encaminhava para a porta principal, as tábuas rangendo sob seus pés no silêncio. - Diante dos acontecimentos recentes, lamento não ter confiado no senhor mais cedo, mas, aqui em Oxford, não estamos acostumados a ver os estrangeiros como... bem, o senhor entende minha posição.

Estendeu a mão com mais insistência e eu me aproximei para apertá-la. Ele a segurou entre as suas e me fitou com um olhar suplicante. Enquanto nos olhávamos, pensei que Sophia tivera sorte por ter herdado todos os traços da mãe. Ou talvez não fosse tão afortunada assim: se ela fosse menos bela, talvez estivesse numa situação muito diferente agora.

– Entre os meus muitos pesares, Dr. Bruno - disse Underhill, parecendo desabar um pouco enquanto apertava minha mão com força -, eu desejaria ter sido um anfitrião mais gentil e um amigo para o senhor. Se soubesse de suas ligações... Mas são muitos os motivos pelos quais tenho que me repreender, como o senhor pode imaginar. Se o senhor tiver a oportunidade, poderia dizer ao conde de Leicester que tudo o que fiz foi sempre na tentativa de servi-lo e de servir à universidade da melhor maneira possível? Isso não é pedir muito, não é mesmo? Espero receber uma comunicação dele a respeito desses acontecimentos, e não tenho nenhuma certeza de como ele receberá as notícias - acrescentou. Seus olhos se

arregalaram de medo enquanto ele sacudia meu braço com insistência, sem nem sequer se dar conta de que fazia isso.

– Eu o ajudaria, se pudesse, mas creio que o senhor se equivoca a respeito da minha intimidade com o conde: nunca na minha vida cheguei a conhecê-lo - declarei. Ao perceber sua decepção, me apressei a acrescentar: - Mas estou certo de que, se conversar sobre isso com Sir Philip, ele não desconhecerá sua lealdade.

O diretor fez um aceno solene com a cabeça e soltou minha mão.

– Obrigado. É mais do que eu mereço. O senhor foi um adversário digníssimo no salão de debates, Dr. Bruno. Eu gostaria apenas que pudéssemos ter outra oportunidade.

Você tem a memória curta, pensei, ao lhe dar um sorriso polido. Fui superior a você tanto no conteúdo como na conduta, mas você se contentou em me ridicularizar diante de toda a congregação da universidade. Essa humilhação, entretanto, me pareceu uma banalidade nesse momento.

– Em contrapartida, há um favor que devo lhe pedir - disse eu, ao nos aproximarmos da porta. Ele me fitou com leve surpresa. - Soube que Cobbett foi suspenso de suas funções.

– Exatamente - confirmou o diretor. - Mestre Slythurst fez uma queixa gravíssima de que ele desrespeitou propositalmente as ordens de entregar documentos confidenciais e deixou escapar do colégio um ladrão que, de outro modo, poderia ter sido detido.

Eu o encarei, incrédulo:

– Mas o senhor certamente sabe, diretor, que o ladrão que ele descreveu era eu, não sabe? E, se Cobbett não tivesse desobedecido a Slythurst, para levar uma mensagem urgente a Sir Philip, eu estaria morto agora, e sua filha também.

– Ainda assim - retrucou Underhill, na mesma voz monocórdia, fingindo se concentrar num fiapo de linha solto em sua toga -,

Mestre Slythurst é um docente sênior deste colégio e, como empregado, o dever de Cobbett era obedecer às ordens dele, não às de um visitante que fora apanhado retirando objetos do quarto de um aluno. Por essa negligência no cumprimento de seus deveres, ele foi punido.

– Aqueles papéis, nas mãos de Sir Philip, salvaram a vida de sua filha - disse eu, baixando a voz. - Nas mãos de Slythurst, talvez não conseguissem isso a tempo. Cobbett agiu de acordo com sua consciência e deveria ser premiado por isso.

Underhill parou de mexer no fiapo da toga e fixou um olhar direto em mim.

– Essa é a sua opinião - retrucou, enunciando cada palavra com cuidado e precisão.

Não pude acreditar no que ouvia.

– Os atos dele impediram que Sophia fosse assassinada - repeti mais devagar, para o caso de ele não haver compreendido da primeira vez. - E também o seu neto - acrescentei de propósito, já que minha frase não parecera despertar nenhuma reação. - Não lhe parece que isso merece ser recompensado?

Por um instante, Underhill não respondeu, continuando a me encarar como que com pena.

– Nunca lhe ocorreu que talvez eu preferisse recompensar o homem que poupasse minha família de tudo isso?

Levei uma fração de segundo para compreender o que ele estava dizendo. Quando entendi, mal pude acreditar.

– O senhor preferiria que eu não tivesse interferido? - indaguei, balançando a cabeça, incrédulo. - O senhor entende que ele pretendia matá-la? Jerome Gilbert, Gabriel Norris, como quer que o senhor queira chamá-lo? Sua intenção era fazer com que ela se afogasse na viagem para a França, para se poupar a humilhação de ser desmascarado. Passado algum tempo, o senhor e sua esposa receberiam uma carta informando que Sophia tinha fugido para



ingressar numa ordem religiosa, e não ficariam sabendo de mais nada.

– E não lhe parece que a mãe dela acharia isso mais fácil de suportar? - retrucou ele. Deu um passo na minha direção e vi que toda a sua pose estava prestes a desmoronar. Suas mãos tremiam violentamente e ele as apertou até os nós dos dedos ficarem brancos. - Ao menos poderíamos chegar à nossa velhice benignamente enganados. Em vez disso, minha filha foi presa na companhia de um missionário jesuíta e trazida de volta a Oxford escoltada pelos homens do xerife. Tive que ir pessoalmente à prisão Castle pagar pela libertação dela, e lá a encontrei na companhia de ladras e prostitutas. Depois, tive de trazê-la de volta ao colégio à vista de toda a cidade, e precisei suportar a zombaria e os cochichos ao passarmos, assim como minha mulher terá de suportá-los, se algum dia se arriscar a sair do quarto outra vez, o que eu duvido. Eu seria um tolo se não achasse que os boatos já estão correndo a pleno vapor. De agora em diante, serei conhecido como o pai de uma prostituta jesuíta, avô de um bastardo papista. Minha reputação na universidade está acabada, e acho que os nervos da mãe dela não vão aguentar esse novo golpe.

Eu o fitei com desprezo.

– Teria sido melhor que ela fosse assassinada, em silêncio, para que a sua reputação sobrevivesse imaculada? - perguntei entre dentes.

– Não há dúvida de que o senhor me considera um monstro por dizer isso - retrucou ele, sem sinal de se desculpar. - Mas o senhor não tem filhos, então não sabe como é a dor de perdê-los. De qualquer modo, minha filha morreu para mim, Bruno. Teria sido melhor que ela houvesse se perdido no mar e que sua mãe fosse poupada dessa vergonha. Sim, é o que eu penso. Melhor para Sophia também. Ela não terá vida que se preze depois disso.

– E o senhor preferiria continuar abrigando um jesuíta no colégio e levando uma boa vida com as anuidades dele, se isso significasse uma

vida fácil? Ou será que sempre soube da verdade sobre Norris?

– Não, isso é mentira! - exclamou Underhill, dando um salto à frente. - Eu não fazia a menor ideia quanto a Norris. Talvez isso, por si só, seja uma falha grave, mas eu jamais toleraria conscientemente a presença de um missionário ativo no colégio. Essa sugestão é absurda. Eu lhe imploro, não repita isso a seu amigo Sir Philip. Norris pagava para frequentar o colégio e não recebia maior nem menor liberdade do que os outros alunos pagantes.

– Norris foi recomendado para uma vaga aqui por Edmund Allen, um homem que o senhor já sabia ser católico, às escondidas. E Norris nunca foi aos ofícios religiosos... isso não lhe pareceu suspeito?

– Os filhos dos cavalheiros não estão habituados a acordar cedo. Um dos privilégios deles é que não se espera que façam isso.

– Qualquer dispensa pode ser comprada aqui - comentei, olhando-o com desdém. - Isso me lembra muito Roma. Porém o senhor também sabia dos outros, não é?

Underhill deu um suspiro.

– Eu sabia de William Bernard. Mas todos sabiam, em Oxford... Não era segredo que ele era fiel aos antigos costumes, apesar de ter prestado o Juramento de Supremacia. Mas ele era um velho irascível e foi considerado inofensivo. Ele fugiu, aliás, mas creio que não haverá uma grande caçada para encontrá-lo. Pôr um velho de cabelos brancos como aquele na cadeia, ou fazê-lo subir num cadafalso, não cai bem diante do povo, e o Conselho Real sabe disso. E quanto aos outros... De Roger Mercer eu sabia, mas ele era um bom homem. Coverdale foi uma surpresa. Existem outros... suponho que, quando me interrogarem sobre Norris, serei obrigado a revelar o nome deles.

– Acho que isso não será necessário - disse eu, ainda aturdido por suas palavras frias a respeito de Sophia. - Os nomes dos piores criminosos já são conhecidos.

Ele me observou quando estendi a mão para a maçaneta.

– O senhor tem compaixão de mais, Dr. Bruno, para se envolver nessa história. Sei que mentiu para poupar minha filha de um julgamento público. Assim como eu poderia ter denunciado os católicos daqui aos rastreadores, todo o bando deles, anos atrás, mas achei que poderíamos ir convivendo. Agora vejo que é preciso ser implacável, embora isso não faça parte do caráter de homens como nós. O senhor é igual a mim nesse aspecto - acrescentou, com um toque de presunção.

– Não, senhor - protestei, baixinho, enquanto ele segurava a porta aberta para eu passar. - Não sou nada parecido com o senhor. Se eu tivesse uma filha, creio que não desejaria a morte dela em lugar da minha desonra.

Underhill abriu a boca para protestar, mas eu o cortei.

– Ela não é prostituta. É uma mulher de coragem, que merece o seu cuidado e a sua proteção, não o seu desprezo.

Eu o deixei em pé no vão da porta, ainda de boca aberta e mudo feito um peixe, antes de atravessar com passos determinados o pátio quadrangular do Colégio Lincoln pela última vez. No portão fortificado, me virei para uma derradeira olhada e vi a silhueta de Sophia, na janela do primeiro andar da residência do diretor, com a figura distorcida pelo vidro bisotado, uma das mãos erguida num adeus.

## Epílogo

**Londres**

**Julho de 1583**

Sob um céu que os primeiros raios da manhã mal haviam tocado, em meio a uma garoa fina que formava brumas no meu cabelo e na crina do cavalo, cavalguei para o oeste pela rua Fleet, saindo da residência do

embaixador no Palácio de Salisbury e me afastando do centro comercial de Londres, enrolado numa capa para me proteger da umidade e com o peito apertado, como se argolas de ferro o envolvessem. Eu não faria essa viagem por escolha própria, mas recebera um recado de Walsingham avisando que ele contava com a minha presença e achei melhor não discutir. Vi que o vapor das narinas do cavalo subia em nuvens no ar matutino quando virei o animal para o norte no grandioso monumento de Charing Cross, seguindo para a estrada que ligava Londres ao campo aberto a noroeste. Ali a via ganhou mais movimento: pequenos grupos de pessoas a pé seguiam na mesma direção, conversando animadamente e dividindo a bebida levada em cantis de couro, enquanto vendedores de tortas se deslocavam depressa ao lado deles, oferecendo seus produtos à multidão, todos se preparando para o espetáculo. Mais perto do nosso destino, havia pessoas ladeando as ruas e crianças montadas no ombro dos pais, para assistir à passagem da procissão.

No local chamado Tyburn, uma plataforma de madeira fora erguida à altura da cabeça de um homem, para assegurar que toda a multidão tivesse uma visão clara. Sobre esse palanque havia sido montada a mesa do carrasco - um gigantesco talho de açougueiro, coberto por facas e instrumentos variados -, e a seu lado se acendera um fogo para aquecer a água de um grande caldeirão. Quem estava nas primeiras filas da multidão chegou mais perto, esticando as mãos para o calor das chamas. Apesar de ser julho, a umidade deixara uma friagem no ar matutino e, enquanto esperavam, os espectadores batiam os pés e esfregavam as mãos. Ao lado do palanque fora erguida uma forca de madeira, sob a qual se encontrava uma carroça vazia. Virei o cavalo e contornei a parte de trás da aglomeração. Do lado oposto, mais perto da forca, vi alguns nobres montados, mantendo distância da multidão acotovelada, e imaginei que encontraria Sidney entre eles. Enquanto eu guiava o cavalo para dar a volta, servidores municipais munidos de lanças passaram pelo aglomerado e abriram caminho em frente ao cadafalso.

Encontrei Sidney com um grupo de jovens cortesãos montados, perto da forca. Embora seus companheiros parecessem animados e conversassem

em voz alta, ele segurava o cavalo com rédea curta, fazendo-o bater com os cascos no mesmo lugar, impaciente, e inspecionava a multidão com a boca contraída numa linha severa. Ao me avistar, me cumprimentou com um aceno da cabeça, sem sorrir.

- Vamos chegar mais para o lado, Bruno - disse ele em voz baixa. - Não estou entre os que preferem tratar isso como se fosse uma feira.
- Eu preferiria nem estar aqui - admiti enquanto nos posicionávamos um pouco mais longe do grupo de rapazes.
- Walsingham fez questão de que você comparecesse. Ele acha importante que sua equipe compreenda plenamente todas as facetas do trabalho. Quem trava guerras não é poupado da visão do sangue, e tampouco nós, os que brincamos de soldados. Nossa luta é real e suas conseqüências são sangrentas. - Ele se virou para mim e me encarou com uma expressão grave. - Essa execução é uma vitória sua, Bruno. Walsingham está muito satisfeito com você.
- Vitória minha - repeti baixinho, quando um grande clamor se ergueu da multidão e todos ficaram na ponta dos pés para observar a chegada.

Já estava quase totalmente claro quando dois cavalos negros surgiram no intervalo entre o cadafalso e a primeira fila de espectadores, e um grupo de mulheres avançou para jogar em seu trajeto lírios e rosas, as flores do martírio, enquanto os servidores cutucavam com as lanças quem chegava muito perto e ameaçava impedir a aproximação dos animais. Como que por consenso, a multidão recuou solenemente, o burburinho das conversas cessou e foi possível ouvir os cascos dos cavalos batendo baixo na terra, enquanto a armação de madeira que eles puxavam ia cavando sulcos no chão úmido. Fiquei em pé sobre os estribos e me inclinei para a frente, sentindo um bolo no estômago diante daquela visão.

Jerome Gilbert estava atado à armação com os pés para cima, os braços cruzados sobre o peito e a cabeça quase no nível do chão, o que explicava os salpicos de lama em seu rosto e cabelo. Quando a armação chegou à forca, dois homens se adiantaram para desamarrá-lo e o corpo escorregou

para o chão como uma boneca de pano. Eles o seguraram pelas axilas e o ergueram para a carroça. Ele fora despido até a camisa de baixo e as meias. Nesse momento, ao ser levantado ante o murmúrio da multidão tomada pela expectativa, enfiou a mão na camisa e puxou um lenço para limpar do rosto a pior parte da lama. Estremeci ao ver que seu olho esquerdo estava tão machucado e inchado que o padre não conseguia abri-lo, mas ele examinou freneticamente a multidão com o olho bom e jogou o lenço para o alto, que foi apanhado com agilidade por um homem grisalho de rosto lúgubre, perto das primeiras filas.

– Fique de olho naquele sujeito - sussurrou Sidney. - É muito provável que seja outro jesuíta, ou um simpatizante que veio oferecer consolo na última hora. Jerome o escolheu para que ele pegasse o lenço.

– Devemos segui-lo? - perguntei, ansioso. Sidney fez que não com a cabeça.

– Walsingham deve ter homens na multidão para seguir todos os que tentarem pegar relíquias da roupa dele e fazer coisas similares.

Sidney parou de repente. Dois homens suspenderam Jerome enquanto o carrasco subia na carroça e amarrava o laço em seu pescoço, antes de prendê-lo na trave e confirmar que estava firme. Percebi que os homens permaneciam dos dois lados dele porque o padre não conseguia se manter de pé e cerrei os dentes. Ele parecia ter sido tão violentamente torturado no ecúleo que suas pernas já não sustentavam mais o peso do corpo.

– O que fizeram com as mãos dele? - murmurei para Sidney, indicando a massa de sangue coagulado quando o condenado levantou debilmente uma das mãos para tentar afastar do rosto o cabelo emaranhado.

– Arrancaram as unhas - disse Sidney, com a voz tensa, e não consegui decifrar nada sob sua compostura externa.

Um homem corpulento, vestido com as cores da Coroa, subiu no cadafalso e desenrolou um pergaminho.

– Jerome Gilbert, jesuíta - declamou, com uma voz límpida que se fez ouvir por toda a multidão silenciosa -, você foi condenado por quatro acusações de assassinato e pela sedução de pessoas para afastá-las da fidelidade à rainha, por tramar com outros em Reims e em Roma para assassinar a rainha e por participar de planos de uma invasão estrangeira. O que tem a dizer?

Com enorme esforço, o laço ainda frouxo no pescoço, Jerome reuniu o pouco de força que restava em seu corpo destroçado, ergueu a cabeça e respondeu, com voz surpreendentemente forte:

– Sou culpado apenas de tentar levar almas perdidas de volta ao seu Criador. Rezo a Deus para que perdoe todos os que contribuíram para minha morte. Deus salve a rainha.

Nesse momento, seu olho tornou a percorrer a massa e se fixou em mim. Por um instante, nos encaramos e ele acrescentou, a voz solene se estendendo sobre a clareira:

– Um dia vocês estarão onde eu estou.

– Silêncio! - gritou o agente da Coroa, interpretando aquilo como uma ameaça aos protestantes ingleses, mas fui tomado por um terrível calafrio. Não pude escapar da enregelante impressão de que Jerome havia falado diretamente comigo. Relembrei suas palavras no esconderijo do Castelo Hazeley: "Você e eu somos parecidos... você caminha para a morte com uma atitude de desafio, tal como eu farei, quando chegar o momento." Tivera razão ao menos sobre ele próprio, pensei. Embora seu belo rosto tivesse sido destruído pelos torturadores e ele não conseguisse se manter de pé sem ajuda, nesses instantes finais Jerome foi magnificamente, ferozmente desafiador.

O agente o fitou com antipatia enquanto a massa reunida prendia a respiração.

– Como traidor condenado, a sua sentença é clara. Você será enforcado e baixado da força ainda vivo. Suas partes pudendas serão

decepidas, pois voc e   imprestável para deixar qualquer descendência. Suas entranhas serão retiradas e queimadas   sua vista. Sua cabeça, que arquitetou a maldade, será decepada e seu corpo será dividido em quatro partes, a serem descartadas como Sua Majestade escolher. Que Deus tenha piedade da sua alma.

Jerome jogou a cabeça para tr s, de tal modo que a chuva de verão, que agora ca a sem parar, encheu seus olhos e sua boca, no momento em que ele gritou aos céus:

– In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum!

Então os cavalos foram  oitados e a carroça se afastou, e ele ficou se contorcendo.

Mal estava consciente quando lhe cortaram a corda e os dois homens truculentos o arrastaram pelos degraus do cadafalso. Ao menos isso pareceu misericordioso, pensei, até que o carrasco lhe atirou um balde de água fria no rosto, fazendo-o se engasgar e voltar à vida, balbuciando e se debatendo num delírio ao ser levantado para a mesa do carrasco, onde tiraram sua roupa. Como previra Sidney, algumas pessoas na multidão se lançaram à frente para tentar pegar um pedaço da roupa do mártir, e os homens com as lanças se aproximaram   força para empurrá-las para longe do cadafalso.

Como muitos outros homens na multidão, tive que desviar o rosto quando o carrasco ergueu sua faca para decepar os órgãos genitais de Jerome, mas o uivo que cortou o ar me trouxe lágrimas aos olhos, e o crepitar de sua carne cortada e lançada no caldeirão me revirou o estômago. Naquele momento, porém, diante do que talvez fosse o espetáculo mais aterrorizante a que eu já assistira na vida, pensei em Sophia. "Imprestável para deixar qualquer descendência..." No entanto, em algum lugar de Kent, um filho dele crescia para vir à luz, um filho que jamais saberia a verdade sobre o pai, mas levaria sua beleza para o futuro.

Tornei a me perguntar, pela milésima vez desde que regressara de Oxford, se eu havia acertado ao dar ouvidos às acusa es desvairadas de Thomas Allen. Teria Jerome realmente mandado matar Sophia ou será



que os dois poderiam estar vivos e em paz nesse momento, na França, se eu não houvesse interferido?

– Ele teria mandado matar você, Bruno, lembre-se disso - disse Sidney em meu ouvido, como se tivesse adivinhado meus pensamentos. - Mas era um excelente jogador de cartas - acrescentou, quase inaudível, e percebi que, por baixo do seu porte de soldado profissional, ele também fora profundamente afetado por essa morte. Fiz um aceno sombrio e, ao levantar a cabeça nesse momento, avistei Walsingham, montado num cavalo negro do outro lado da multidão, observando com expressão sombria a carnificina no cadafalso. Quando o carrasco cravou a faca no esterno de Jerome para lhe rasgar o peito e os gritos agonizantes do padre ecoaram no céu branco e indiferente, Walsingham se virou e captou meu olhar, por sobre as cabeças das pessoas imóveis, num silêncio terrível e ameaçador. Ele balançou a cabeça uma vez, como que em sinal de aprovação, depois tornou a voltar a atenção para o cadafalso, onde a cabeça de Jerome era levantada, sem outro som senão o murmúrio suave do vento nas folhas e o tamborilar persistente da chuva cálida.

– Tome outra bebida, Bruno, você parece estar precisando - disse Walsingham ao estender a mão para me servir uma taça de vinho, mas minha garganta se fechou quando a aproximei do rosto. Eu não conseguia parar de sentir o cheiro de sangue e carne queimada e, embora a mulher de Walsingham tivesse nos oferecido comida, percebi que seria incapaz de ingerir o que quer que fosse.

Estávamos reunidos em seu gabinete particular, na casa de campo que ele possuía em Barn Elms, alguns quilômetros a oeste de Londres. O céu continuava nublado e a sala, abafada e sombria, com seu revestimento de madeira escura e as janelas estreitas. Sidney estava de pé, contemplando o jardim, com as mãos cruzadas nas costas. Desde a execução ele se mantivera incomumente reservado. Havíamos cavalgado para Mortlake em silêncio quase absoluto, cada um imerso em seus pensamentos. Agora,

Walsingham sentava-se de frente para mim, com o queixo apoiado nas mãos, me observando atentamente.

– Você agiu bem, Bruno - disse, por fim, esticando as pernas à frente do corpo. - A rainha foi informada da sua ação para impedir o avanço de mais um pretense assassino. E possível que, em algum momento futuro, ela considere apropriado expressar a sua gratidão em pessoa.

– Seria uma honra para mim - disse eu, passando a língua pelos lábios secos.

– Há alguma coisa que o perturba - observou Walsingham, em tom gentil. Dei uma olhada para Sidney, mas ele continuava de costas. - Aqui você pode falar com franqueza, Bruno - encorajou-me Walsingham diante do meu silêncio.

– O senhor realmente acreditou que ele fosse culpado de tramar o assassinato da rainha? - perguntei.

Walsingham me olhou por um longo tempo, com um grande peso nos olhos, sem dizer palavra, e me lembrei de como havia falado, no nosso primeiro encontro, sobre o fardo de sua responsabilidade para com o reino.

– Não, não acreditei - acabou dizendo.

Vi Sidney virar a cabeça de repente e se acomodar no assento junto à janela, observando com interesse.

– A cópia da bula papal *Regnans in Excelsis* era antiga, não creio que Jerome Gilbert a houvesse trazido com ele. Além disso, os missionários não portam nada que possa comprometê-los, por ordem do superior da ordem jesuíta. Ele não teria sido tão descuidado. Talvez ela pertencesse a Edmund Allen, ou a um dos outros docentes. Agora isso já não vem ao caso.

– E o senhor sabe que ele não assassinou os dois professores católicos e o menino, no Colégio Lincoln?

– Também sei disso.

– Então - ergui os olhos para ele, buscando uma confirmação -, ele foi executado por crimes que não cometeu.

– O governo de Sua Majestade não persegue ninguém unicamente por sua religião - disse Walsingham, com um toque de impaciência.

- Essa é a orientação oficial, e é importante que o povo seja lembrado dela com frequência, senão só faremos produzir mais mártires. Se as pessoas acreditarem que esses jesuítas se dispõem a assassinar em nome da religião, isso ajudará imensamente nossa causa.

– Portanto, é tudo propaganda - comentei, cansado.

– Esta é, principalmente, uma guerra de lealdades. Devemos convencer as pessoas de que é melhor elas serem fiéis a nós, por qualquer meio que possamos imaginar. Você viu a reação delas hoje, não viu? Em geral, quando uma cabeça é decepada, ouve-se da multidão um grande grito de "Traidor! Traidor!", porque ela se deleita com isso. Mas, com Jerome Gilbert, as pessoas assistiram em completo silêncio, e isso deve ser um sério motivo de preocupação para o Conselho Real. Significa que a massa não aprovou o que foi feito hoje, considerou bárbaro demais. Se houver mais uma dessas, ela se voltará contra nós - acrescentou, balançando a cabeça. - Em inúmeras ocasiões sugeri que os condenados permanecessem na forca até morrerem, mas fui vencido aos gritos. Talvez agora o Conselho crie juízo.

– É uma forma brutal de morrer - concordei.

Walsingham me interpelou, o rosto agitado:

– Pior do que as fogueiras ou os massacres infligidos aos protestantes? De qualquer modo, você me contou que o viu matar o rapaz, Thomas Allen, a sangue-frio, e disse ter certeza de que ele também pretendia matar a moça, apesar de ela estar grávida. E Philip me disse que ele teria matado você. Portanto, ele não era um homem inocente, Bruno. Não tenha pena dele por isso.

– Não - admiti, baixando os olhos.

– Aquilo é uma coisa difícil de se ver - disse Walsingham, em tom mais brando, pondo a mão brevemente em meu braço. - Sem dúvida, você me considera um bárbaro por ter insistido em que você assistisse à execução. Mas eu lhe avisei que ficar a serviço de Sua Majestade não seria um caminho fácil de trilhar. Eu precisava que você visse isso por si só.

– Ele morreu bem - interpôs Sidney, abruptamente, como se houvesse passado esse tempo todo pensando no assunto. - Com dignidade.

– Também se portou com bravura na Torre - concordou Walsingham, com um toque de respeito na voz. - Em Reims eles o treinaram bem para suportar a dor. Não obtivemos dele um único nome, apesar das longas horas de trabalho.

Estremeci ao lembrar os dedos ensanguentados de Jerome e procurei não pensar em que outros "trabalhos" teriam sido feitos nele.

– O que acontecerá com Sophia? - indaguei, hesitante, bebendo um gole da minha taça.

– A filha de Underhill? Terminado o resguardo, quando ela houver recuperado as forças, será interrogada.

Ao ver minha expressão, ele acrescentou:

– Acredito que ela falará de bom grado, assim como fez ao entregar aquelas cartas. Mas talvez ela tenha outros nomes que possamos

acrescentar aos fornecidos por você e por Walter Slythurst.

Então, ele me fitou com um olhar intenso e baixei os olhos para o chão. Fiquei pensando se Sidney teria lhe falado de como eu protegera Sophia com as cartas, ou se ele sabia que eu havia omitido alguns nomes ao lhe apresentar o relatório após meu retorno de Oxford. Talvez ele obtivesse esses mesmos nomes - Richard Godwyn, Humphrey Pritchard, a viúva Kenney - de Slythurst ou de Underhill, quando os questionasse, mas eu tinha minhas dúvidas.

- Ora, por favor, aquele Slythurst é um inútil - disse Sidney, em tom mordaz, levantando-se de onde estivera sentado e atravessando a sala para servir-se de uma taça de vinho. - Ele não enxergou o padre que estava bem embaixo do seu nariz e ainda tentou entregar Bruno aos rastreadores. Não dê mais nenhum tostão a ele.

Walsingham suspirou.

- Ele não era o mais eficiente dos meus informantes em Oxford - reconheceu. - Ofereceu seus serviços há uns dois anos, para se livrar de dívidas. Denunciou Edmund Allen por meios muito grosseiros, mas isso só serviu para fazer os outros papistas do Colégio Lincoln se fecharem ainda mais. Ele desperta demasiada aversão na maioria dos colegas para algum dia conquistar a confiança deles, de modo que todas as suas informações eram, basicamente, palpites baseados em boatos das tabernas. Na verdade, pouco antes de você chegar, eu tinha avisado que ele não poderia continuar trabalhando para mim sem oferecer alguma notícia mais confiável. Talvez tenha sido por isso que ele estava fazendo tanta questão de provar sua importância, apontando o dedo para qualquer suspeito.

- Poderia ter sido útil se eu soubesse que ele era um dos seus - comentei, tentando não transmitir nenhuma censura em meu tom de voz. - A princípio, pensei que fosse ele o assassino.

- E melhor todos guardarmos os nossos segredos, Bruno. Ele poderia ter se revelado o assassino. Eu não gostaria que seu julgamento fosse distorcido pela solidariedade.

Walsingham sorriu, mas pensei ter notado um toque de advertência em seu tom.

- Isso não acontecerá, Excelência - murmurei, sem enfrentar propriamente o seu olhar.
- Acredito que não - repetiu ele, com ar animado. - Por ora, Bruno, preciso que volte à embaixada francesa. Recebi relatórios preocupantes de Paris, informando que a facção dos Guise ganhou novos reforços e vem tramando um plano contra nosso reino. Fique perto do embaixador e veja o que consegue descobrir.
- Farei isso, Excelência, da melhor forma que puder - garanti a ele.
- E agora - disse ele, levantando-se devagar -, Philip tem uma notícia que espero que você considere bem-vinda.

Olhou com ar de expectativa para Sidney, que passou um dos braços sobre meus ombros:

- Meu antigo preceptor, John Dee, manifestou grande interesse em conhecê-lo, Bruno, e em lhe mostrar os tesouros da sua biblioteca. A casa dele em Mortlake fica a pouco mais de 1 quilômetro daqui, e ele pediu que eu o levasse lá esta tarde, se você quiser.
- Se eu quiser? - repeti. Pela primeira vez, em dias, me senti voltar à vida. Embora Sidney houvesse chamado a execução de Jerome Gilbert de uma vitória minha, desde a volta de Oxford eu não experimentara o menor sentimento de realização. Na verdade, não sentira outra coisa senão uma melancolia intensa, ao pensar em tantas vidas desperdiçadas por tão pouco, e nem mesmo meus livros tinham conseguido levantar meu ânimo. Eu pensava muito em Sophia e no que estaria acontecendo em sua vida e tinha começado a temer que nunca mais conseguisse sentir prazer em nada. Agora, a perspectiva de conhecer a biblioteca do Dr. Dee e a remota possibilidade de que ele tivesse alguma pista de quem havia lhe roubado o livro perdido de Hermes Trimegisto, tantos anos antes, instigou mais uma vez a minha curiosidade.

Sidney pegou sua capa, enquanto Walsingham se aproximou de mim, segurando minha mão entre as suas, com aqueles olhos impenetráveis tentando desvendar os meus.

- Você provou sua coragem, Bruno - disse, com um toque de orgulho paterno na voz. - Philip me contou que você arriscou a própria vida para levar aquele padre à justiça, e o Conselho Real está agradecido. Espero que nossa colaboração seja longa e feliz.

Achei que era melhor não lhe dizer que, na verdade, eu arriscara a vida por um livro e uma moça. Visto que não regressara com nenhum dos dois, pensei, eu bem podia dizer que tinha sido tudo pelo Estado inglês, por isso aceitei seu elogio com um sóbrio aceno da cabeça, enquanto Sidney segurava a porta aberta para mim. Se alguma coisa boa tinha resultado daqueles acontecimentos sangrentos que eu testemunhara em Oxford, fora a constatação de que agora, mais do que nunca, a cristandade precisava desesperadamente de uma nova filosofia, um conjunto de princípios que nos unisse, ao passarmos das trevas das guerras religiosas para o esclarecimento da nossa humanidade e da nossa divindade. Caberia a mim, Giordano Bruno de Nola, escrever os livros que acenderiam essa fogueira na Europa, e, com a ajuda de Walsingham, eu planejava depositá-los nas mãos de um monarca cuja mente fosse capaz de compreendê-los. Quando escrevesse a Sophia para lhe contar sobre a coragem de Jerome, eu também procuraria enfatizar que não era tarde demais para esperar por um mundo melhor.

# Agradecimentos

SOU EXTREMAMENTE GRATA ao professor Paul Langford, atual diretor do Colégio Lincoln, em Oxford, por sua bondosa hospitalidade, e a seus demais docentes, que me autorizaram generosamente a bisbilhotar seus belos prédios e concederam seu tempo para responder a minhas perguntas.

Agradeço também a Gemma Tuxford e Giovanni Tepedino por toda a sua ajuda nas traduções do italiano. Quaisquer erros que tenham permanecido são meus.